

**COLÉGIO ESTADUAL ANTONIO XAVIER DA SILVEIRA
ENSINO FUNDAMENTAL, MÉDIO E NORMAL**

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO

**IRATI
2011**

SUMÁRIO

I APRESENTAÇÃO	5
II INTRODUÇÃO.....	6
2.1 HISTÓRICO DA INSTITUIÇÃO.....	8
2.1.1 Por que e para que foi criada a Escola Antônio Xavier Da Silveira – Ensino De 1º Grau	9
2.2 ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO FÍSICO.....	10
2.2.1 Organização do colégio	11
2.2.2 Horário de funcionamento.....	11
III OBJETIVOS GERAIS	13
IV MARCO SITUACIONAL	16
V MARCO CONCEITUAL	19
5.1 FILOSOFIA DO COLÉGIO.....	21
5.2 CONCEPÇÕES	23
5.3 LEMA DO COLÉGIO	42
5.4 MISSÃO DO COLÉGIO	42
5.5 AVALIAÇÃO	42
5.5.1 Avaliação Adotada Pelo Colégio Estadual Antonio Xavier Da Silveira - EFMN	45
5.6 CALENDÁRIO ESCOLAR.....	Erro! Indicador não definido.
5.7 CRITÉRIO DE ORGANIZAÇÃO DAS TURMAS.....	57
5.8 ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO E NÃO OBRIGATÓRIO	57
5.8.1 Locais de realização do Estágio não obrigatório:	58
5.8.2 Atribuições da instituição de ensino:	58
5.8.3 Atribuições do Professor Orientador de Estágio:.....	58
5.8.4 Atribuições do responsável pela supervisão Estágio na parte concedente:.....	59
5.8.5 Atribuições do estagiário:.....	59
5.8.6 Forma de acompanhamento do estágio:.....	59
5.8.7 Avaliação do estágio:.....	59
5.8.8 Normas para o estágio supervisionado de acadêmicos das IES na Instituição de Ensino:	60
VI MARCO OPERACIONAL	61
6.1 PLANO DE AÇÃO DO COLÉGIO	63
6.1.1 Objetivo geral:.....	63
6.1.2 Metas a serem atingidas	63
6.1.3 Projetos em desenvolvimento	65
6.2 PLANO DE AÇÃO DA DIREÇÃO.....	67
6.2.1 Objetivo	67
6.2.2 Área pedagógica.....	67

6.2.3 Formação continuada	68
6.2.4 Estrutura e ambiente escolar	68
6.2.5 Ações.....	68
6.2.6 Avaliação do plano de ação	68
6.3 PLANO DE AÇÃO DA EQUIPE PEDAGÓGICA.....	69
6.3.1 Diagnóstico	69
6.3.2 Objetivos.....	70
6.3.3 Metodologia	71
6.3.4 Avaliação	72
6.3.5 Referências Bibliográficas de Apoio.....	73
6.4 PLANO DE AÇÃO DA SECRETARIA	73
6.4.1 Avaliação	73
6.4.2 Plano de Ação	74
6.5 PLANO DE AÇÃO DA BIBLIOTECA	75
6.6 PLANO DE AÇÃO DO LABORATÓRIO DE INFORMÁTICA.....	77
6.7 PLANO DE AÇÃO DO LABORATÓRIO DE CIÊNCIAS	80
SEGURANÇA.....	80
6.8 FORMAÇÃO E FUNÇÃO DE PROFESSORES	84
6.9 FORMAÇÃO E FUNÇÃO DE FUNCIONÁRIOS	86
6.10 FORMAÇÃO CONTINUADA.....	87
6.11 CONSELHO ESCOLAR.....	89
6.12 CONSELHO DE CLASSE	90
6.13 CRITÉRIOS PARA REVISÃO DE RESULTADO FINAL DO DESEMPENHO DO ALUNO SOLICITADO PELO NRE EM CASO DE RECURSOS	91
6.14 NORMAS DE CONVIVÊNCIA.....	92
6.15 INFORMATIVO ESTUDANTIL.....	92
6.16 GRÊMIO ESTUDANTIL	97
6.17 APMF – ASSOCIAÇÃO DE PAIS, MESTRES E FUNCIONÁRIOS	98
6.18 AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL DO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO	101
VII REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	102
A N E X O S.....	105

PREÂMBULO

NOSSO PATRONO

A prosperidade de um país não depende apenas da abundância de suas rendas, nem da beleza de seus edifícios públicos, mas sobretudo de cidadãos educados, de homens cultos, e de caráter como o nosso Patrono Sr. Antônio Xavier da Silveira. Além de ser excelente farmacêutico, exerceu diversas atividades, todas elas em benefício da comunidade iratiense. Devido as suas várias atuações recebeu o título de “Cidadão Honorário de Irati”.

Antônio Xavier da Silveira nasceu na cidade da Lapa, em 08 de maio de 1893, faleceu a 03 de junho de 1973 na cidade de Curitiba sendo sepultado em solo iratiense.

Antônio Xavier da Silveira foi um dos primeiros moradores de Irati chegando no ano de 1913. Figura benemerita, estimada pela população local e homem respeitado pelas suas qualidades morais, foi ele quem trouxe para nossa cidade a 1ª bicicleta e a 1ª bola de futebol.

Entre suas atividades realizadas nesta cidade destacam-se a fundação da Farmácia Apolo em 1913; do Irati Esporte Clube em 21 abril de 1914; da União Democrática Nacional (UDN) sendo seu presidente até a sua extinção; gerente da primeira Olaria Moderna. Foi um dos fundadores da Associação de Pais Cristãos. Na política, foi Camarista, Vereador, Presidente da Câmara e membro do Conselho Consultivo Municipal.

Pelo brilhantismo com que desempenhou as funções que abraçou, quer como político, homem de esportes, como cidadão ou como chefe de família, tornou-se para as gerações que o sucederam, um modelo de virtudes a se enaltecer e a ser seguido.

A imortalidade do homem não se estabelece apenas pela grandeza de seus feitos, mas sobretudo pela dignidade com que os realiza e o Sr. Antônio Xavier da Silveira, pelo seu dinamismo, pela integridade do caráter e dignidade com que viveu até os últimos instantes, tem seu nome perpetuado na edificação de nossa escola que se sente honrada em tê-lo como patrono: COLÉGIO ESTADUAL ANTÔNIO XAVIER DA SILVEIRA – ENSINO FUNDAMENTAL, MÉDIO E NORMAL.

I APRESENTAÇÃO

O presente Projeto Político Pedagógico (PPP) tem a finalidade de conduzir a prática pedagógica que será desenvolvida no Colégio Estadual Antonio Xavier da Silveira – Ensino Fundamental, Médio e Normal a partir do ano letivo de 2011.

O Projeto Político Pedagógico é o instrumento que proporciona à escola constituir-se num espaço de exercício de liberdade e autonomia. É um processo de reflexão sobre a realidade da escola e da sociedade na qual está inserida, que necessita de uma construção coletiva, na qual é essencial a participação e o comprometimento de todos os envolvidos: equipe pedagógica, corpo docente, funcionários e instancias colegiadas (Conselho Escolar, APMF e Grêmio Estudantil), visando a melhoria da qualidade de ensino e da educação que o contexto desafiante da atual sociedade demanda.

É uma das formas de concretizar a educação de todos os alunos, como veículo que sintetiza as aspirações e princípios que refletem à ação escolar, oferecendo possibilidades de legitimar as diretrizes e linhas de ação pelos quais serão construídas propostas para aprendizagem e participação de todos os alunos.

Tarefa de tal magnitude, exige uma concentrada conjugação de esforços inovadores por parte dos educadores, pois é nesse contexto que a escola está inserida com uma linha filosófica e pedagógica que deverá responder às novas concepções, pois se faz necessário levantar possibilidades e alternativas viáveis, articulando e colocando em ação conhecimentos, habilidades e valores, democratizando o saber para se reconstruir uma nova visão de mundo que busque uma sociedade justa e fraterna, onde reine a solidariedade e paz.

Portanto, não se constrói de um momento para outro, pois é preciso que se estabeleçam parâmetros de atuação e prioridades que possam ser reformulados ao longo do ano letivo e que contemplem as concepções de: escola, educação, gestão, currículo, aluno, aprendizagem, ensino, conhecimento, tecnologia, cidadania e sociedade.

Assim o Projeto Político Pedagógico, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB n.º 9394/96), possibilita a consolidação de metas que resultem num ideal comum, promovendo a interdisciplinaridade e contextualidade dos princípios pedagógicos estruturados num currículo compatível com as exigências da sociedade atual.

II INTRODUÇÃO

De acordo com o princípio de autonomia previsto na LDB supracitada e conforme o artigo 12 que diz: Os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema de ensino, terão a incumbência de: I) elaborar e executar sua proposta pedagógica. Sendo assim, de forma coletiva elaborou-se o presente Projeto Político Pedagógico do Ensino Fundamental, Médio e Normal o qual é o instrumento que proporciona à escola constituir-se em um espaço de exercício da liberdade e autonomia na construção de relações para planejar, organizar e articular os fazeres e as práticas pedagógicas no cotidiano da escola pública. Ademais, o PPP é um processo que trará resultados a longo prazo, principalmente pelos pressupostos que contém, entre eles:

- a) desenha a competência principal esperada do educador e de sua atuação na escola;
- b) consolida a escola como um lugar central da educação básica, numa visão descentralizada do sistema;
- c) oferece garantia visível e sempre aperfeiçoável da qualidade esperada no processo educativo;
- d) sinaliza o processo educativo como construção coletiva dos educadores envolvidos;
- e) indica a função precípua da direção da Escola, que, além de administrar bem, deve cuidar da “política educativa” e liderá-la;
- f) contextualiza a era tecnológica e digital segundo a mídia;
- g) promove o trabalho coletivo.

O trabalho da escola assim sendo, privilegia o processo pedagógico para um real exercício da cidadania, autonomia e liberdade que se dá na interação aluno/professor/conhecimento e contexto social, tendo como mediador desta relação o professor. Essa relação favorece a ampliação da compreensão de mundo, do sujeito como sujeito da história imbricado nas relações sociais, confirmando que a escola tem como tarefa política e educativa a formação do cidadão como ser social histórico e sujeito de relações.

Essa consciência define os objetivos essenciais da ação pedagógica, bem como os centrais, a saber: promover a humanização (pela apropriação da cultura e saber das gerações precedentes) e, propiciar condições para a formação da personalidade, via construção do conhecimento de si e das circunstâncias em que vive.

O trabalho coletivo cria a possibilidade de mudança porque permite a união entre as pessoas. É uma forma de organizar a gestão da escola por meio da

participação e da co-responsabilidades, além de ampliar as possibilidades de soluções de problemas por meio do diálogo. Portanto, a equipe pedagógica é o órgão responsável pela coordenação, implantação e implementação das diretrizes pedagógicas, além de viabilizar a concretização do trabalho coletivo.

O compromisso da gestão colegiada com a construção de uma prática administrativa e pedagógica eficiente, a qual privilegia a organização do currículo, da aprendizagem e da avaliação, os quais serão coerentes com os princípios norteadores da LDB, promovendo a interdisciplinaridade e contextualização dos princípios pedagógicos estruturados e com as Diretrizes Estaduais do Estado do Paraná (2008) que enfatiza a importância de todas as disciplinas, numa concepção de conhecimento que considera suas dimensões científica, artística e filosófica e histórica.

Assim, torna-se fundamental que sejam repensados os valores que serão apresentados ao aluno no Ensino Fundamental, Médio e Profissional.

Deve-se, no entanto, reelaborar esses valores e princípios, conciliar o conhecimento humanístico com o conhecimento tecnológico, levando-se em conta a construção da identidade, diversidade cultural, social e autonomia, enfatizando o real significado a aprendizagem por meio da interdisciplinaridade e a contextualização, pois interdisciplinaridade e a contextualização propostas como princípios pedagógicos estruturadores do currículo pretendem vincular a educação a prática social e formar educandos que:

- compreendam os significados;
- sejam capazes de continuar aprendendo;
- estejam munidos de capacidades cognitivas para o mundo do trabalho;
- possuam autonomia e pensamento crítico;
- sejam flexíveis para adaptarem-se a novas condições de ocupação;
- sejam capazes de compreender os fundamentos científicos e tecnológicos e processos produtivos;
- e que relacionem a teoria com a prática.

Este Projeto Político Pedagógico está baseado em princípios éticos e pedagógicos de ensino que possibilitem atingir os objetivos propostos nas Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná (2008), desta forma os educandos relacionam o conhecimento com os dados da experiência cotidiana (conhecimento acumulado – o vivenciado), dando valor ao aprendido e construindo/compreendendo o significado do mundo, unindo teoria à prática.

Nesta perspectiva, o colégio pretende pautar sua prática em torno de uma ação pedagógica fundamentada em diferentes metodologias, valorizando concepções de ensino, de aprendizagem e de avaliação que permitam aos docentes

e educandos conscientizarem-se da necessidade de uma transformação emancipadora, que engloba numa só estrutura o sujeito histórico e o objeto cultural (SAVIANI, 1995), numa interação recíproca onde o conhecimento não é dado em nenhuma instância como algo acabado, mas sim como algo que se constitui pela interação do indivíduo com o meio físico e social (VYGOTSKI, 1991), entendendo que só nesse sentido a educação escolar promove e amplia a aprendizagem, na medida em que oportuniza o acesso ao conhecimento científico, valorizando o conhecimento sincrético dos educandos por meio de mediações realizadas entre os sujeitos do processo educativo com o conhecimento historicamente acumulado.

2.1 HISTÓRICO DA INSTITUIÇÃO

Aos três dias do mês de março de 1975, às 18 horas, a nossa Escola foi inaugurada com o título de “Unidade Nova”, situada à rua Nossa Senhora de Fátima nº 815, pertencente na época à Escola Integrada de 1º Grau Nossa Senhora das Graças. Estiveram presentes à solenidade de inauguração o Sr. Governador Emílio Gomes, Dr. Francisco Zacarias Selene, Secretário de Interior e Justiça, Dr. Cândido Martins de Oliveira, Secretário de Educação e Cultura, Sr. João Mansur, Deputado Estadual, Sr. Dr. Lourival Luiz Fornazari, Prefeito do Município e o Sr. Alston Xavier da Silveira, Inspetor Regional de Ensino, além de outras autoridades civis, militares e religiosas.

A cinco de outubro de 1975, com a resolução nº 339/75, o Sr. Secretário da Educação e Cultura, Francisco Borsari Netto, resolve que passa a chamar-se “Antônio Xavier da Silveira” a nova Unidade de 1º Grau.

Posteriormente, de acordo com o Decreto nº 1644, de 19 de fevereiro de 1976, foi criado e autorizado a funcionar nos termos da legislação em vigor o Complexo Escolar “Antônio Xavier da Silveira” – Ensino de 1º Grau, do qual passaram a fazer parte: o Grupo Escolar Francisco Stroparo, Grupo Escolar João XXIII, Grupo Escolar Padre Wenceslau, Grupo Escolar Tancredo Martins e a Unidade Escolar Antônio Xavier da Silveira, Ensino de 1º Grau.

As escolas integradas do Complexo Escolar Antônio Xavier da Silveira passaram então a denominar-se Escolas de Ensino de 1º Grau, mantendo seu nome de criação.

- 2.1.1 Por que e para que foi criada a Escola Antônio Xavier Da Silveira – Ensino De 1º Grau

A Escola Antônio Xavier da Silveira – Ensino de 1º Grau, único estabelecimento regular de ensino de 5ª a 8ª série, com prédio próprio na área urbana na sede do município, fora criada para atender alunos da periferia urbana, oriundos na grande maioria de famílias carentes e assalariadas de baixos recursos sócio-econômicos.

Sendo o mercado de trabalho dentro do município bastante deficiente na época de sua criação e existindo apenas trabalho em fábricas e no setor comercial, a escola procurou de acordo com esta realidade, preparar os alunos para o desempenho eficiente de suas atividades futuras e integrá-los à sociedade, contribuindo desta forma para o desenvolvimento econômico e social de nosso município.

Pelo DOE- Diário Oficial do Estado de 24/02/76 passou a funcionar como Escola Antônio Xavier da Silveira, pelo decreto 1644. Em 1992 passou a funcionar como Colégio Estadual Antônio Xavier da Silveira - Ensino de 1º e 2º Graus, com aulas regulares nos turnos: Manhã Tarde e Noite e em 1998, passou a funcionar como Colégio Estadual Antonio Xavier da Silveira – Ensino Fundamental e Médio.

AUTORIZAÇÃO DE FUNCIONAMENTO: DEC.: . 1644/76 – DOE 24/02/76

RECONHECIMENTO DO ESTABELECIMENTO: RES.:2628/81 – DOE 04/12/81

RECONHECIMENTO DO CURSO: RES.: 1.229/99 – DOE 12/04/99

APROVAÇÃO DO REGIMENTO ESCOLAR: ATO ADMINISTRATIVO 242/2003

ENSINO MÉDIO POR BLOCOS – RES. 4552/2008 – DOE 22/01/2009

FORM.DOC.ED.INF.ANOS IN.EN.FUN – RES.758/2009 – DOE 09/06/2009

FOR.DOC.ED.INF.A.I.E.F.N.M-APR – PAR 660/2009

No ano de 2009 o Colégio passou a ofertar o curso técnico de Formação de Docentes Dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental - Modalidade Normal e com Aproveitamento de Estudos.

Nesse mesmo ano se iniciou a oferta de Ensino Médio – modalidade por blocos com matriz curricular única, Bloco I – Biologia, Ed. Física, Filosofia, História, L.E.M e Língua Portuguesa, Bloco II – Arte, Física, Geografia, Matemática, Sociologia e Química, e em 2010 houve uma transferência do curso Pro funcionário do Colégio Estadual São Vicente de Paulo para o Colégio Estadual Antonio Xavier.

2.2 ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO FÍSICO

O Colégio Estadual Antonio Xavier da Silveira – Ensino Fundamental, Médio e Normal localizado à Rua Nossa Senhora de Fátima, 815, Centro, a 2km de distância do NRE de Irati é um conjunto arquitetônico moderno e sólido construído com 20 salas de aula, instalações internas adequadas para se ministrar todas as disciplinas eficazmente, área coberta ou pavilhão com 210m², instalações administrativas, diretoria e secretaria amplas, sala de pedagogas(os), sala de professores, biblioteca com 58m², laboratório de informática, laboratório de física, química e biologia, quadra esportiva com cobertura, campo de futebol, cozinha, refeitório, sala multi-uso, instalações sanitárias para professores e alunos e sala para material esportivo, todos tecnicamente construídos, visando o aspecto de funcionalidade, totalizando uma área construída de 4.400m², além de uma casa, também em alvenaria para alojar a família de um funcionário responsável pela guarda do prédio no período noturno.

As construções estão numa só área, de 19.100m², a qual é tranquila e segura e com livre acesso por todos os lados, privilegiada com um bosque natural, centenário, destacando-se a araucária brasileira, carinhosamente preservada e conservada por toda comunidade escolar que sabem valorizar o meio ambiente.

Atende a um corpo discente de classe média e baixa oriunda dos bairros e centro contando atualmente com 1.618 alunos, assim distribuídos:

No Ensino Fundamental 814 alunos, Ensino Médio por Blocos 735 alunos, Curso de Formação de Docentes da Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental 27 alunos, Curso de Formação de Docentes Educação Infantil Anos Iniciais e Ensino Fundamental Normal subsequente 38 alunos, sendo que: no período diurno (manhã) funcionam 17 turmas de Ensino Médio por Blocos com 595 alunos e 2 turmas de 8.^a série com 81 alunos. À tarde 18 turmas de 5.^a a 8.^a série com 620 alunos e 2 turmas de Formação de Docentes da Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental (Integrado) com 27 alunos. No período noturno 6 turmas do Ensino Médio por Blocos com 140 alunos, 4 turmas de 5.^a a 8.^a série com 113 alunos e 01 turma do Curso de Formação de Docentes Educação Infantil Anos Iniciais e Ensino Fundamental Normal subsequente com 38 alunos.

O Colégio conta com uma equipe pedagógica composta de 05 (cinco) Professoras Pedagógicas, Direção e Direção Auxiliar, 100 professores e 27 funcionários, Conselho Escolar, APMF e Grêmios Estudantis. Os professores todos de nível universitário e 90% com pós-graduação.

No período da manhã, oferece ainda sala de apoio a alunos de 6º ano, com dificuldades de aprendizagem e sala de recursos de 6.º ao 9.º ano, a alunos devidamente avaliados no contexto escolar.

- 2.2.1 Organização do colégio

O Colégio possui vinte salas e três blocos. Todas bem ventiladas e de boa iluminação, dentro dos padrões para comportar 40 carteiras adequadas a faixa etária dos alunos.

A secretaria, a direção e a equipe pedagógica têm suas instalações no bloco principal, sala dos professores e banheiros, ligados aos blocos de sala de aula, através de pavilhão coberto onde encontram-se as demais instalações sanitárias.

Próximo ao pavilhão, encontra-se o laboratório de informática e a biblioteca, ambos com instalações sanitárias próprias.

Para atender a demanda foi construído um terceiro bloco contendo um Refeitório, Cozinha, Banheiros, mais 06 salas de aula e um laboratório de Ciências e uma sala Multi Uso.

O colégio tem ainda amplo pátio, campo de futebol e quadra coberta para as aulas de Educação Física e recreação.

- 2.2.2 Horário de funcionamento

O horário de funcionamento do colégio é assim dividido:

Manhã: 07h30' às 11h55'

Tarde: 13h05' às 17h30'

Noite: 18h50' às 23h00'

O horário de funcionamento do colégio é dividido em três turnos: matutino, vespertino e noturno.

No período da manhã (das 07h30' às 11h55') o colégio dispõe de dezoito turmas do Ensino Médio por Blocos, seis de 1.^a série, seis de 2.^a e seis de 3.^a série.

Neste período também são atendidos os alunos do Ensino Fundamental que necessitam de sala de apoio (5.^a série, disciplina de Língua portuguesa e Matemática nas terças e quintas-feiras) e de Sala de Recursos (Cronograma individual, além das aulas de estágios supervisionados aos alunos da Formação de Docentes (terças-feiras).

Aos sábados, no período matutino, são desenvolvidas as aulas do Curso Pró funcionário, com uma turma de Técnico em Biblioteconomia, duas em Alimentação Escolar e duas em Técnico em Secretaria Escolar, com conclusão no mês de maio.

No período da tarde (das 13h05' às 17h30') são oferecidas dezoito turmas de Ensino Fundamental: quatro de 5.^a série, cinco de 6.^a série, cinco de 7.^a e quatro de

8.^a série, três de Formação de Docentes dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental Modalidade Normal.

No período da noite (das 18h50' às 23h00') são seis turmas de Ensino Médio por Blocos, duas de 1º Ano, dois de 2º Ano e dois de 3º Ano, duas turmas de Formação de Docentes dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental com Aproveitamento de estudos e quatro turmas de Ensino Fundamental, uma 5ª série, uma 6ª série, uma 7ª série e uma 8ª série.

Ainda no período da noite, a Instituição oferece duas turmas de CELEM de Língua Estrangeira Moderna – Inglês e uma de Língua Estrangeira Moderna – Espanhol.

O Colégio oferta o PACC (Programas de Atividades Complementares cursadas em contraturno) nas Disciplinas MC Cultura e Arte no período da manhã e MC Esporte e Lazer no período Intermediário Tarde.

III OBJETIVOS GERAIS

O Colégio Estadual Antonio Xavier da Silveira – Ensino Fundamental, Médio e Normal oferta aos educandos um ensino de qualidade com base nos princípios emanados da Constituição Federal, Estadual e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e no Projeto Político Pedagógico, buscando os seguintes objetivos:

- Proporcionar um ensino de qualidade, com um ambiente favorável para que o aluno se desenvolva plenamente respeitando as diferenças individuais, no que diz respeito a etnia, orientação sexual, credo, ideologia política, valorizando os limites e o desempenho de cada um, promovendo a inclusão social e educacional dos indivíduos com necessidades educativas especiais, conforme a Deliberação 002/03 da Educação Especial;
- Articular a Educação Básica em todas as suas etapas (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio);
- Propiciar as adequações necessárias de reorganização de tempo e espaço, bem como, das condições estruturais, de acessibilidade física, arquitetônica, procedimentais e atitudinais a todos os educandos;
- Ofertar matrícula de ingresso, por transferência, em aproveitamento de estudos, a classificação e a reclassificação, as adaptações, a revalidação e equivalência de estudos feitos no exterior e regularização de vida escolar no Ensino Fundamental, Médio e Normal, nas suas diferentes modalidades do Sistema Estadual do Paraná, conforme Deliberação 009/01 matrícula de ingresso, transferência, classificação, reclassificação, adaptações, revalidação e equivalência de estudos;
- Assegurar a elaboração do Projeto Político Pedagógico envolvendo todos os segmentos da comunidade, bem como sua plena execução, zelando pela aprendizagem dos alunos e adaptando o currículo à função social da escola, conforme a Deliberação 014/99 – Indicadores da Proposta Pedagógica;
- Garantir a unidade filosófica, política-pedagógica estrutural e funcional do estabelecimento, conforme Deliberação 016/99 – Regimento Escolar;
- Oferecer uma educação escolar, vinculada ao mundo do trabalho e a prática social, conforme a Lei de Diretrizes e Bases 9394 de 20 de dezembro de 1996;
- Assegurar a abordagem dos problemas de todos os educandos em desenvolvimento, em qualquer lugar onde se encontrem: no lar, na escola, no trabalho e na comunidade, conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei 8.069/90;

- Possibilitar que a avaliação seja diagnóstica, somativa, contínua, formativa do desempenho do aluno, com predominância dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e atribuir-lhes valor, conforme a deliberação 007/99 da Avaliação e aproveitamento escolar;
- Garantir estratégias de recuperação paralela de conteúdos, conforme a Lei de Diretrizes e Bases 9394/96;
- Assegurar o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena no currículo escolar conforme as Leis nº 10.639/03 e nº 11.645/08;
- Promover serviço de apoio especializado (Sala de Recursos) em horário de contraturno a fim de atender peculiaridades de alunos portadores de necessidades especiais, conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96;
- Garantir discussão de temáticas sócio educacionais articuladas ao conteúdos da matriz curricular, referentes aos conteúdos obrigatórios, a saber: história do Paraná (Lei nº 13381/01), história e cultura afro-brasileira, africana e indígena (Lei nº 11645/08), música (Lei nº 11645/08), prevenção ao uso indevido de drogas, sexualidade humana, educação ambiental, educação fiscal, enfrentamento à violência contra a criança e o adolescente. Direito das Crianças e Adolescentes L.F. nº 11525/07, Educação Tributária Dec. nº 1143/99, Portaria nº 413/02, Educação Ambiental L.F. nº 9795/99, Dec. nº 4201/02, conforme a Instrução Nº 009/2011.
- Proporcionar conhecimento sobre recursos naturais, da agricultura familiar, da reforma agrária e da educação do campo entendida como toda a produção humana que se constrói a partir das relações do ser humano com o outro e consigo, conforme as Diretrizes de Educação do Campo da SEED-PR/2005;
- Conscientizar o educando sobre a estrutura e o funcionamento da administração pública, bem como a aplicação dos recursos dos tributos despertando a mudança de comportamento em relação ao pagamento de taxas e impostos, através da educação fiscal;
- Oportunizar ao aluno através do estágio, conhecimentos e experiências relevantes à interação do processo educativo ao mundo do trabalho;
- Oferecer a oportunidade de Estágio Supervisionado aos acadêmicos da Unicentro e outras universidades, mediante convênio próprio;
- Garantir o uso do nome social do aluno e/ou aluna travesti ou transexual, maior de 18 anos, que requeira, por escrito, esta inserção, nos documentos escolares internos das escolas, tais como: espelho do Livro Registro de Classe, Edital de Notas e Boletim. (será emitido, automaticamente, do Sistema SERE/WEB,

apenas o nome social pelo qual o aluno e/ou aluna travesti ou transexual se identifica), conforme Instrução 002/2010;

- Assegurar ao aluno o combate à violência através da Rede de Enfrentamento à violência contra crianças e adolescentes;
- Implementar o Programa de Prontidão Escolar Preventiva (amenizar ou evitar tragédias tais como: enchentes, incêndios, vendavais e chuvas e granizo);
- Fortalecer os professores e demais profissionais da educação no exercício do papel de promotores da cultura, respeito na garantia dos direitos humanos, da equidade étnico-racial, de gênero e da valorização da diversidade, contribuindo para que a escola não seja instrumento de reprodução de preconceitos, mas seja espaço de promoção, valorização das diversidades que enriquecem a sociedade brasileira;
- Facilitar e garantir aos professores PDE a implementação de seus projetos, bem como acompanhamento técnico pedagógico;
- Apoiar e orientar o trabalho realizado no Programa Profuncionário;
- Garantir a formação continuada dos docentes e dos agentes educacionais I e II “in lócus”, quando de as semanas pedagógicas (fevereiro e julho) conforme orientações da SEED e do NRE, bem como, a participação em cursos, eventos, capacitações, reuniões técnicas e outros promovidos pela mantenedora;
- Assegurar o entendimento dos objetivos do Ensino Fundamental de nove anos, a todos os profissionais da escola, por meio da formação continuada;
- Cumprir a legislação educacional vigente.

IV MARCO SITUACIONAL

Violência? Internet? Corrupção? Exclusão social? Narcotráfico? Stress? Desigualdades sociais? Racismo? Efeito estufa? Milhões de mortos por meio das guerras? Fome? Tráfico de armas? Desemprego? Desestrutura familiar? Perda de valores? Indisciplina? Miséria? Degradação ambiental? AIDS? Globalização? Pais ausentes? Falta de limites? Transgênicos? Projeto Genoma? Gênero e Diversidade?

Atualmente a humanidade vive em extremos, de um lado o avanço tecnológico, e do outro, miserabilidade, doenças, violência, onde a sociedade brasileira está cada vez tomando consciência de que sem educação séria, o seu futuro interno e internacional está comprometido. É preciso buscar novas respostas promovendo a continuidade da vida em nosso planeta, formar um cidadão consciente, crítico e atuante numa sociedade capaz de compartilhar utopias, respeitar diferenças culturais, étnicas, econômicas, políticas e religiosas, com discernimento quanto às formas de dominação e preservação da fauna, flora e recursos naturais.

Vivemos um período de transição com problemas cada vez mais globais, os quais se refletem na Escola em forma de desmotivação de alunos e professores, falta de interesse, baixo rendimento, evasão, repetência, violência, preconceito e falta de acompanhamento da família no processo ensino-aprendizagem. Estas situações exigem de os educadores respostas educativas para as quais não foram preparados em suas formações iniciais.

O cenário delineado não é nada alentador, o que necessita de mudanças urgentes e necessárias. Não apenas mudanças de programas, estratégias, mas mudança de paradigmas da educação, capaz de respeitar as diferenças, culturais, étnicas, religiosas, políticas e, sobretudo, investir na formação continuada dos profissionais da educação.

A educação no estado do Paraná, nos últimos anos, vem sofrendo profundas alterações, principalmente, no que se refere as concepções teórico-metodológicas, as quais organizam o trabalho pedagógico. Por meio da construção coletiva, as Diretrizes Curriculares estaduais foram um marco significativo da participação coletiva de os educadores na função precípua da escola, que é ensinar, possibilitar o acesso ao conhecimento sistematizado construído ao longo da história da humanidade e propiciar o arcabouço cultural a todos os sujeitos que passam pela instituição de ensino.

Os educadores estão sendo desafiados a mudar e a inovar com o objetivo de atender às expectativas da atual sociedade, levantando possibilidades e alternativas viáveis, transformando a escola em um espaço privilegiado de análise, discussão,

reflexão da realidade, de democratização do saber, de construção do conhecimento, de valores, de comprometimento, de reconstrução de um mundo melhor.

Desta forma, é importante analisar o ambiente interno e externo, pois eles afetam direta e indiretamente a escola e permitem: prever, planejar, organizar, executar, avaliar. Muitos estudiosos apontam a interdisciplinaridade como um caminho, rumo à busca de soluções, pois ela convida os educadores, os psicólogos, enfim todos os profissionais da educação a navegarem no oceano de elementos teóricos e práticos uns dos outros.

A formação continuada do educador também é apontada como condição indispensável à implantação das mudanças numa escola que se redireciona em busca de saberes e práticas, oportunizando aos trabalhadores da educação a se integrar com as novas tecnologias através de pesquisas na Internet, Portal da Educação e Pesquisas de Campo.

Nesse aspecto a formação continuada dos profissionais da educação do Colégio Estadual Antonio Xavier da Silveira se realiza por meio de capacitações promovidas pela mantenedora SEED/NRE (cursos, encontros, semanas e reuniões pedagógicas, PDE, GTR e outros), bem como, por interesses particulares dos educadores em cursos de Pós-graduação (Especialização, Mestrado e Doutorado). Nas referidas reuniões são aproveitados os conhecimentos dos colegas para socializar junto aos seus pares os saberes incorporados nos referidos cursos.

Nesse contexto o Colégio Estadual Antonio Xavier da Silveira tem o corpo discente formado por alunos oriundos das mais variadas classes sociais, com valores e atitudes diferenciadas, onde as turmas numerosas e totalmente heterogêneas, apresentam alguns casos de conflitos, desinteresse pelos estudos, baixo rendimento, evasão, repetência, comportamento inadequado e faltas excessivas, principalmente no período noturno por motivo de trabalho e falta de perspectiva de futuro.

Atualmente, em nível educacional, vivenciamos uma mudança radical em termos de ampliação do tempo de permanência do educando no Ensino Fundamental de Nove Anos. A inclusão do aluno de seis anos no primeiro ano escolar traz profundas mudanças em termos de tempo, de espaço, de procedimento e de organização escolar. Nesse aspecto, o Colégio receberá alunos egressos dessa etapa escolar, daí a importância da coerência entre os conteúdos trabalhados nos anos iniciais e anos finais do Ensino Fundamental, bem como, sua articulação ao Ensino Médio.

São apontadas também algumas atitudes de preconceito entre alunos e entre professores e alunos, desmotivação de profissionais da Educação, falta de participação e acompanhamento do processo ensino-aprendizagem por parte da

família que muitas vezes está desestruturada, falta do cumprimento das regras estabelecidas no Regulamento Interno de alunos e professores, falta de comunicação interna, dificuldade de reunir o corpo docente para reunião pedagógica pelo fato dos professores lecionarem em outras escolas, dificuldades no trabalho e flexibilização do currículo para os casos de alunos com necessidades educativas especiais e alunos com impossibilidade temporária de frequência à escola por motivos de doença.

Podemos notar que nos últimos cinco anos o desempenho dos alunos do nosso Colégio em avaliações externas, vem melhorando gradativamente.

No Enem obtivemos o segundo melhor desempenho no município e o primeiro entre as escolas públicas. O número de alunos aprovados no vestibular da UEPG, seja no processo normal ou PSS e na UNICENTRO, no processo normal ou PAC ou outras instituições vem aumentando a cada ano. Isso se deve a um trabalho incansável da comunidade escolar preocupada com a melhoria da qualidade do ensino por parte dos professores e, conseqüentemente, da aprendizagem dos educandos.

No Ensino Médio o aluno regularmente matriculado tem oportunidade da realização do Estágio como prevê a LDB no seu artigo 82. Esse estágio não estabelece vínculo empregatício, podendo o estagiário receber bolsa de estágio, seguro contra acidentes e ter cobertura previdenciária prevista na legislação específica, assim como celebrar convênio com o CIEE (Centro de Integração Empresa/Escola). A realização deste Estágio dar-se-á mediante termo de compromisso entre o estagiário e a parte concedente com interveniência obrigatória da instituição de ensino e será realizado em empresas, órgãos públicos, universidades, no comércio em geral em projetos de interesse social e atividades de extensão.

O estágio é uma forma de intercâmbio de conhecimentos, vivência, experiências novas e autoconhecimento e a jornada de atividade em Estágio a ser cumprida pelo estudante, deverá compartilhar-se com o horário escolar.

Esse estabelecimento de Ensino oferece também oportunidade de Estágio Supervisionado nas diversas disciplinas do Ensino Fundamental e Médio à estagiários da Universidade. A escola espera que o estagiário propicie um trabalho que traga benefícios para alunos, professores e para o próprio acadêmico de acordo com as normas do regimento escolar e da filosofia educacional adotada.

No curso de Formação de Docentes em Nível Médio, modalidade Normal, o aluno deverá cumprir 800 horas de estágio supervisionado e na modalidade Aproveitamento de Estudos o estágio supervisionado obrigatório de 840 horas, ambos cumpridos em horário de contraturno.

V MARCO CONCEITUAL

A atual conjuntura histórica social demanda, progressivamente, uma educação de qualidade. Tarefa de tal magnitude exige uma concentrada conjugação de esforços inovadores, pois é neste contexto desafiante que está inserida a escola com sua linha filosófica e pedagógica que deverá responder às novas concepções, cumprindo sua função social, pois no contexto atual, é necessário levantar possibilidades e alternativas viáveis, articulando e colocando em ação conhecimentos, habilidades e valores, democratizando o saber para reconstruirmos uma nova visão de mundo.

Portanto, a escola, precisa rever suas crenças e contrapor a antiga visão sobre como se procede a aquisição do conhecimento com a atual visão baseada numa pedagogia histórico-crítica que consideram o conhecimento uma constante construção coletiva a partir das concepções prévias dos educadores, e dos educandos, seu cotidiano, suas dúvidas, seus problemas que se devidamente explorados permitem o desenvolvimento da criatividade, sensibilidade, intuição, senso crítico, capacidade de análise, de síntese, formulação e resolução de problemas.

Nesse sentido, essa questão nos leva a refletir sobre a função da prática docente, que nada mais é do que a possibilidade de ressignificar a visão de mundo e de conhecimento. Estamos certos de que por meio de atividades interdisciplinares que permeiam toda prática pedagógica os educandos poderão vivenciar enormes desafios e adquirir uma formação plena, que os tornará cidadãos críticos, analíticos, criativos, pensantes, flexíveis, adaptáveis e humanistas, pois a interdisciplinaridade promove um momento singular, aquele em que exige uma reflexão profunda e sincera sobre nossas crenças.

A escola tem um enorme desafio pela frente: formar e transformar crianças e jovens para viver no mundo de diversidade cultural. Durante todo o século XX e início do século XXI as lutas pela igualdade de gênero, étnico racial e também pelo respeito à diversidade tem sido constantes. Todavia, o predomínio de atitudes e convenções sociais discriminatórias, em todas as sociedades, ainda é uma realidade tão persistente quanto naturalizada. Tem-se conquistado importantes resultados na ampliação do acesso e no exercício dos direitos por parte dos seus cidadãos.

Há imensos desafios a vencer, na ampliação do acesso à educação básica, nível médio, como no respeito e a valorização da diversidade, pois as discriminações de gênero, étnico racial e por orientação sexual, como também a violência homofóbica, produzidas e reproduzidas em todos os espaços da vida social brasileira, se fazem presentes também na escola.

O enfrentamento dessas situações não se restringe, apenas, pelas via legal precisa-se de transformação de mentalidades e práticas, discussão, reflexão individual e coletiva que contribuem para a superação e eliminação de preconceitos.

O papel da escola, assim, segundo Pedro Demo é de ser o lugar próprio onde se inicia e se sedimenta a capacidade de manejar e produzir conhecimento, considerada a condição primordial, dar oportunidade de desenvolvimento, pois a qualidade do processo educativo remete-se à competência sempre renovada do professor de montar didáticas participativas e construtivas, através das quais os alunos são desafiados a serem sujeitos do processo e não apenas objetos. Implica dois horizontes: de um lado a capacidade de elaboração própria, de pesquisa, de teorização das práticas, de produção crítica e criativa. De outro a responsabilidade de orientar os alunos a serem críticos e criativos, avaliando-os pelo critério do saber pensar, e recriar conhecimento, não pela atitude receptiva e copiadora, afinal a atual prática pedagógica exige uma nova visão de avaliação na qual os resultados sejam aferidos periodicamente para que seja possível rever planos e corrigir possíveis desvios.

A escola moderna, para poder “puxar” a modernidade, sobretudo humanizá-la precisa estar à frente das mudanças, o que exige recorrente atualização e sobretudo capacidade produtiva crítica e criativa. Exige outro tipo de desempenho dos alunos, formação esmerada do professor, desafiado a construir elaboração própria, exercer produtividade e buscar atualização constante. A construção de um Projeto Político Pedagógico insinua o fazer e o refazer, motivando os trabalhadores da educação coletivamente, revisarem sempre suas formações e a realizarem a escola como obra comunitária de todos, onde a escola é valorizada como espaço social responsável pela apropriação do saber universal, da socialização do saber elaborado às camadas populares, entendendo à apropriação crítica e histórica do conhecimento enquanto instrumento de compreensão da realidade social e atuação crítica e democrática para a transformação da realidade.

Com esse propósito alguns princípios deverão nortear a organização do trabalho da escola, como a igualdade de condições para a permanência na escola, qualidade de ensino para todos, gestão democrática, liberdade de ação e expressão, associada a idéia de autonomia e valorização do magistério, evitando de todas as maneiras a evasão e a repetência, onde todos tenham uma definição clara da escola que se quer e do cidadão que se pretende formar, garantindo a meta qualitativa do desempenho escolar.

Para que de fato a escola cumpra o seu papel social é importante ter clareza de sua função, bem como, compreender de forma holística todo o processo da Educação Básica. Apesar de este estabelecimento de ensino atender o Ensino

Fundamental segunda etapa e Ensino Médio, faz se necessário enxergar esta população escolar como sujeito histórico e singular.

Para tanto, a articulação entre a Educação Infantil e Ensino Fundamental (primeira etapa) é condição “sine qua non” nos processos de aprendizagem e desenvolvimento nos anos escolares posteriores. Isso será possível, por meio, da mediação dos documentos que norteiam a proposta pedagógica da Educação Básica, a saber: Orientações para (Re) Elaboração, Implementação e Avaliação de Proposta Pedagógica na Educação Infantil; Ensino Fundamental de Nove Anos – Orientações Pedagógicas para os Anos Iniciais; Diretrizes Curriculares da Educação Básica (disciplinas); Diretrizes Curriculares da Educação Especial para a Construção de Currículos Inclusivos.

5.1 FILOSOFIA DO COLÉGIO

O conhecimento se afirma como atividade que dá significado às ações do homem no mundo. A todo momento, somos levados a enfrentar novos desafios, que nos exigem uma visão mais crítica e abrangente dos recursos que nos cercam, imprimindo uma nova ordem ao tempo e ao espaço em que vivemos. Relações se estabelecem entre o indivíduo e a construção da sua identidade, sendo significativo o papel das diversas linguagens na constituição dessas relações na vida que se transforma permanentemente. Saviani (1997) mostra que para a formulação de uma nova teoria, os conteúdos escolares devem ser tratados como uma necessidade pessoal e social de modo que depois de serem apreendidos possam ser instrumentos de mudanças sociais, devendo ser incorporados dentro de uma totalidade. A Filosofia é concebida como ação intelectual que nasce da prática e a redimensiona. Sua principal característica é a percepção do pensamento como totalidade, ela consiste na inter-relação dos objetos de estudos relacionados na estrutura social mediados pela interação dos sujeitos da ação educativa

A relação indivíduo/comunidade/sociedade, vai formando características típicas do Ser Humano, pois elas resultam da interação dialética do homem e seu meio sócio-cultural. Ao mesmo tempo em que a pessoa transforma o seu meio para atender suas necessidades básicas transforma-se a si mesmo. A relação do homem com o mundo, não é uma relação direta, pois é mediada por meios, que se constituem nas ferramentas auxiliares da atividade humana. A capacidade de criar essas ferramentas é exclusiva da espécie humana.

O pressuposto da mediação é fundamental na perspectiva sócio-histórica, justamente porque é através dos instrumentos e signos que os processos de

funcionamento psicológico são fornecidos pela cultura. É por isso que Vygotsky confere à linguagem um papel de destaque no processo de pensamentos, que podem ser explicados e descritos. Assim ao abordar a consciência humana como produto da história social, aponta na direção da necessidade do estudo das mudanças que ocorrem no desenvolvimento mental a partir do contexto - social.

A concepção interacionista, considera o desenvolvimento da complexidade da estrutura humana como um processo de apropriação pelo homem da experiência histórico e cultural, onde organismos e meio exercem influência recíproca. Nesta perspectiva, a verdade é que o homem constitui-se como tal através de suas interações sociais, visto como alguém que transforma e é transformado nas relações e no meio em que vive.

É necessário ressaltar que, nesta abordagem o que ocorre não é uma somatória entre fatores inatos e adquiridos e sim uma interação dialética do ser humano com o meio social, cultural, científico, tecnológico, valores éticos, políticos e religiosos, afinal adotamos valores próprios do ser humano, que devem nortear as escolhas da vida, sejam do ponto de vista moral ou utilitário para que as relações humanas não sejam prejudicadas.

A ética constitui a parte da filosofia que se ocupa com a reflexão sobre as noções e princípios que fundamentam a vida moral. Os valores vem dos povos, através dos tempos e vão se aperfeiçoando no convívio escolar e familiar. A ética é a base para todo o bom relacionamento: político, religioso, educacional ou social. Na escola se educa para a liberdade, para a verdadeira autonomia, fundamentada no sentimento de solidariedade e cooperação.

Da mesma forma a política, orientada para a liberdade democrática é uma das conquistas que nasce no seio das sociedades democráticas, defensoras da igualdade da lei dos Direitos Humanos.

A liberdade política se expressa no espaço público ocupado pelo cidadão como participante dos destinos da cidade ou comunidade. Há liberdade política quando o cidadão tem conhecimento do que acontece nas diversas instâncias do poder público. Além do conhecimento é garantida a liberdade de opinião, de voto, de associação, enfim, do livre exercício da cidadania, com suas múltiplas formas de expressão.

Os princípios religiosos vêm complementar a consciência do homem quando descobre que a veracidade é necessária nas relações de simpatia e respeito mútuo. A reciprocidade parece, neste caso, ser fator indispensável.

A autonomia só aparece com a reciprocidade quando o respeito mútuo é bastante forte, para que a pessoa experimente interiormente a necessidade de tratar os outros como gostaria de ser tratado.

Construir a liberdade, porém, não é um trabalho solitário, realizado por pessoas isoladas. É um trabalho coletivo, no qual envolve comprometimento com quem trabalha, ou seja, com o Ser Humano.

Os grupos da sociedade civil são importantes como formadores de consciência e investigadores à ação coletiva no sentido de garantir também a expressão dos diversos valores. Cabe ao olhar atento dos cidadãos denunciar as formas de prepotência, bem como a ação silenciosa da alienação e da ideologia.

5.2 CONCEPÇÕES

Infância e adolescência

Com a implantação de uma política de ampliação do Ensino Fundamental de nove anos no Brasil, precisamos refletir sobre a concepção de infância e adolescência, pois a mudança exige tratamento político, administrativo e pedagógico, sendo necessário portanto, entender a infância e a adolescência, de modo a compreender sua complexidade a fim de se construir uma proposta pedagógica coerente com as suas características, potencialidades e necessidades específicas, assegurando assim um ensino de qualidade. Nesse processo, as primeiras perguntas que nos inquietam e abrem possibilidade de discussão são: Quem são as crianças e jovens de hoje? Que educação pretendemos lhe oferecer? Tais perguntas são fundamentais para que compreendamos como estas fases da vida têm sido compreendidas dentro e fora do ambiente escolar.

Para considerar a infância e adolescência em toda sua dimensão, é preciso olhar não só para o cotidiano das instituições de ensino como também para os outros espaços sociais em que as crianças e os jovens estão inseridos. Desta forma, refletir sobre a infância e adolescência em sua pluralidade dentro da escola é, também pensar nos espaços que têm sido destinados para que a criança e o adolescente possam viver esse tempo de vida com todos os seus direitos e deveres assegurados, pois numa sociedade desigual, estes desempenham, nos diversos contextos, papéis diferentes. Organizar o trabalho pedagógico da escola e da sala de aula é tarefa individual e coletiva de professores, equipes pedagógica e diretores. Para tanto é fundamental que se sensibilizem com as especificidade, as potencialidades, os saberes, os limites, as possibilidades das crianças e adolescentes diante do desafio de uma formação voltada para a cidadania, a autonomia e a liberdade responsável de aprender e transformar a realidade de maneira positiva. A forma como a escola percebe e concebe as necessidades e potencialidades de seus estudantes reflete-se diretamente na organização do

trabalho escolar. Faz-se necessário portanto refletir sobre que conceito temos de infância.

A concepção de criança que temos na atualidade nem sempre perdurou por todo o período da existência da humanidade. Na verdade, os seres infantis já foram tidos como semelhantes aos adultos e portanto tratados como tais.

O historiador francês Philippe Ariès traz com clareza três grandes momentos da história da humanidade que demarcam as distintas concepções de infância. A análise feita por Ariès problematiza como o conceito de infância se deu nas construções sociais de três períodos históricos: na Antiguidade, no século XIII ao século XVIII e no século XVIII a atualidade. No primeiro período, segundo ele, a criança era considerada um adulto em miniatura por não haver distinção entre o mundo adulto e o mundo infantil, ou seja, a criança se “ingressava na sociedade dos adultos”. Ele chegou a essa conclusão através do estudo da iconografia da era medieval até a modernidade, com a qual observou as representações da infância na Europa Ocidental, especialmente na França. A pesquisa de Ariès mostra que as crianças recebiam tratamento diferenciado apenas nos primeiros anos de vida, enquanto ainda dependiam diretamente dos cuidados das mães ou das amas. Desta forma, essas crianças passavam de um desmame tardio (por volta de sete anos) para o mundo dos adultos, onde a transmissão do conhecimento acontecia por intermédio do convívio com os mais velhos e com outras crianças, não sendo restrito aos familiares. Lembrando Os pequenos aprendiam os ofícios observando, auxiliando, ou servindo, como aprendizes, em casas de outras famílias. O pesquisador fala, ainda, que a sociedade européia medieval, até por volta do século XII, não retratava as crianças em seus quadros e, quando o faziam, elas estavam representadas com trajes semelhantes aos dos adultos da classe social a que pertenciam. Essa falta de atenção em relação à infância pode se explicar pela baixa expectativa de vida que as crianças tinham na Idade Média, fazendo com que os mais velhos não se permitissem grandes apegos.

No segundo período, conforme evidencia o teórico, ocorreu uma mudança na perspectiva de criança. Agora, a sociedade passa a prezar pela inocência da mesma, portanto, a separa da vida dos adultos ao enclausurá-la na instituição escolar sob vigia dos preceptores (professores). Por fim, o terceiro período é caracterizado pela consolidação do conceito de infância. Ariès destaca que, neste período, a criança começa a ocupar o lugar central da família devido a ligação da mesma com a figura dos anjos que são tidos como seres puros e divinos.

A concepção de infância que conhecemos hoje vem evoluindo e se desenvolvendo desde o século XV; foi no fim desse século que começaram a acontecer as mudanças. Até então, no que denominamos de primeira infância (três

ou quatro anos), a criança era acompanhada pelos pais e tinha seus momentos de criança, isoladamente ou brincando e jogando com outras crianças. Logo depois, passam a jogar e brincar com os adultos e com jogos de adultos; até mesmo das festividades esses pequenos participavam até acabar. As famílias não desenvolviam afetividade pelas crianças e não havia a preocupação em cuidar deles com sentimentos fraternos.

Na Idade Média, a infância terminava para a criança ao ser esta desmamada, o que acontecia por volta dos seis a sete anos de idade. A partir dessa idade, ela passava a conviver definitivamente com os adultos. Acompanhava sempre o adulto do mesmo gênero e fazia o mesmo que eles: trabalhava, frequentava ambientes noturnos, bares etc. Ainda não havia o conceito de escolas. O que existia eram as salas de estudo livres, frequentadas por qualquer pessoa que necessitasse aprender a ler e escrever: crianças, adolescentes e adultos.; as classes podiam conter até 200 alunos. Estudavam pessoas de qualquer classe social; nessa época, não se fazia distinção entre eles. O convívio entre as classes sociais era normal em qualquer lugar da sociedade.

As meninas não iam para essas salas; elas eram educadas nas casas em que moravam e recebiam a educação que seus pais ou responsáveis lhe proporcionavam. Era costume mandar seus filhos para casa de amigos mesmo nobres, ou de um mestre em algum ofício, para aprenderem a ser adultos. Acreditavam que seus filhos precisavam aprender na prática suas funções; todos enviavam seus filhos para outra família cuidar. Alguns afazeres eram sempre feitos por aprendizes, crianças; nem mesmo os empregados da casa os desempenhavam, como, por exemplo, servir a mesa. Até os 18 anos, eles moravam em outras casas. As meninas também eram trocadas entre as famílias para aprenderem a serem donas de casa até que casassem, por volta dos 13 a 14 anos.

No final do século XV e começo do XVI, começa-se a cobrar da sociedade o cuidado com a criança e a necessidade de se desenvolver afetividade fraterna pelos filhos. Lentamente, esse processo passa a mudar e as crianças adquirem o direito de estar mais próximas de seus pais. Começam a aparecer mais escolas populares, onde todos do gênero masculino podem freqüentar, independente da classe social. Muitos meninos freqüentam essas escolas, onde já se faz um trabalho pedagógico diferenciado, nas quais havia classes separadas por idades.

No começo, eram internatos, ou os alunos moravam em pensionatos e freqüentavam as escolas. Mas as famílias sentem necessidade de estar mais próximas de seus filhos e começam a existir os externatos.

No entanto, essas escolas eram muito rígidas e não havia preocupação com a formação integral das crianças; o foco estava na educação para a moral e bons costumes, para que possam ser bons trabalhadores.

Na contemporaneidade, entretanto, está acontecendo um processo retrógrado: ao invés de mais resguardadas, as crianças estão emancipando-se. Dois fatores cruciais para que esse processo aconteça são a ausência dos pais e a onipresença dos meios de comunicação. Se antes, na Idade Média, eles serviram para fomentar o desenvolvimento da concepção moderna de infância, hoje a mídia promove a desinfantilização de crianças, provocando, entre outras conseqüências, a erotização precoce. A televisão, mais que um eletrodoméstico, transformou-se num fato social. É através desse eletrodoméstico que a infância recebe seus ensinamentos e informações sobre o mundo, o que antes, na década de 50, acontecia apenas por seus familiares e pela escola. Mas a TV se adianta: ela inicia o processo de socialização antes que a escola tenha a oportunidade de fazê-lo.

Ao longo do século XX, cresceu o esforço pelo conhecimento da criança, em vários campos do conhecimento. É a partir do princípio deste século que a escola começa a mudar sua postura perante a educação das crianças, percebendo a sua importância para o seu desenvolvimento como ser humano.

Podemos começar perguntando: Quem é a criança de hoje? Quando observamos nossas crianças, podemos dizer que, apesar da semelhança cronológica, existem diferentes infâncias: a da criança pertencente a uma família com nível sócio-econômico alto, que brinca e estuda, mas tem uma rotina preenchida com inúmeras atividades (esporte, estudo de línguas estrangeiras, artes etc.), a da criança que participa da formação de renda da família e por isso trabalha e nem sempre pode estudar, a da criança que, nas grandes cidades, acompanha os adultos ou até mesmo outras crianças, e fica pedindo esmolas ou cometendo pequenas infrações, a da criança que ajuda o pai ou a mãe nas tarefas diárias de casa ou do trabalho, aprendendo desde cedo uma profissão.

Todas são crianças, porém suas situações de socialização, condições de vida, seu tempo de escolarização, de brincadeiras e de trabalho são diferentes. É fundamental que tenhamos consciência dessas diferenças para que saibamos conhecer melhor as crianças com quem convivemos e por quem, como educadores, temos responsabilidades.

Levando em consideração as características das várias infâncias que nos deparamos na contemporaneidade, não podemos supor que haja uma forma só de olhar para ela, ou seja desde que as crianças se tornaram focos de estudos científicos foram feitas muitas pesquisas sobre elas. Cada pesquisa esteve inserida em numa perspectiva de análise, utilizando como referencial teórico alguma área de

conhecimento da ciência como a Biologia, a Sociologia, a Psicologia entre outros, isso significa que a mesma criança pode ser analisada de diferentes modos e cada um deles se utiliza predominantemente de um referencial. No referencial da história, por exemplo a criança é entendida como um ser histórico, estudando-se a história da infância, das instituições escolares, do sistema de ensino, das pedagogias sobre a infância, enfim dos discursos sobre a criança. No referencial da Psicologia ou Biologia a criança é entendida como um ser em desenvolvimento, estudando-se as fases de seu crescimento e suas funções psicológicas em cada uma dessas fases. No referencial da Sociologia é entendida como um ser social, estudando-se a relação da criança com as instituições como a família, escola, movimentos sociais. No referencial dos estudos culturais é entendida como um ser cultural estudando-se a relação da criança com os artefatos de sua cultura e como é que ela pode ser interpelada e representada pela propaganda, pela moda, pelos jogos infantis, pelos personagens do cinema e da TV e modos de educação não formais. No referencial político demográfico é definida como um ser de direitos, estudando-se a criança como parte de uma população específica e estudando-se também as políticas direcionadas à infância.

A etapa histórica em que estamos vivendo, marcada pelo avanço tecnológico-científico e por mudanças ético-sociais, apresenta os requisitos necessários para que, finalmente, a educação infantil dê um salto no sentido de compreender a criança como sujeito social e, portanto, um sujeito com direitos. Essa mudança só será possível se a família e a escola forem capazes de compreender, que a criança é capaz de construir e de ler a sua realidade, é a protagonista da sua própria história, é capaz de interagir com as pessoas com quem tem referência e com outras crianças, assim como influenciar ambos significativamente.

As reflexões desenvolvidas aqui se voltam para uma perspectiva da educação contemporânea, na educação infantil ou no ensino fundamental, na qual o outro é visto como um eu e na qual está em pauta a solidariedade, o respeito às diferenças e o combate à indiferença e à desigualdade, onde a criança e o jovem têm o direito de estar numa escola estruturada de acordo com as muitas possibilidades de organização curricular que favoreçam, a sua inserção crítica na cultura, sendo portanto, o maior desafio da escola é resgatar o diálogo e estabelecer uma educação baseada no reconhecimento do outro e suas diferenças de cultura, etnia, religião, gênero, social, idade e combater a desigualdade, viver uma ética e implementar uma formação cultural que assegure sua dimensão de experiência crítica. É preciso compreender os processos relativos aos modos de interação entre a criança e adultos em diferentes contextos sociais, culturais e institucionais. Sem conhecer as interações, não há como educar crianças e jovens numa perspectiva de

humanização necessária para subsidiar políticas públicas e práticas educativas solidárias.

Alfabetização e Letramento

O modo como organizamos o trabalho pedagógico está ligado ao sentido que atribuímos à escola e a sua função social, aos modos como entendemos a criança, aos sentidos que damos à infância e a adolescência e aos processos ensino-aprendizagem. Está ligado do mesmo modo a outras instâncias, relacionadas a comunidade da qual faz parte, ao espaço físico da própria escola e às atividades que aí ocorrem, às características individuais do professor e às peculiaridades de suas formações profissionais e históricas de vida. Enfim são muitos os fatores que condicionam a organização do trabalho pedagógico, principalmente a nossa concepção de educação. Assim a escola pode ser um lugar de afirmação do que as crianças e adolescentes já são e sabem, ao mesmo tempo que os leva a mudanças significativas, a novos conhecimentos, por meio da aprendizagem, em relação à compreensão do grupo a que pertencem na escola e à compreensão de novas possibilidades de vida, de modo geral.

A escola como instituição está marcada pela organização político – pedagógica e desta organização devem participar todos os que integram a comunidade escolar, todos podem agir para que o trabalho pedagógico aconteça, todos podem se beneficiar e se comprometer com ele, inclusive os educandos, que se participarem desde o início desta organização, terão a oportunidade de desenvolver o sentimento de pertencimento ao grupo e de responsabilidades pelas decisões tomadas. Esta organização então, além de critérios de organização de turmas, a organização do espaço, do mobiliário, o planejamento do tempo de estudos, de refeição, de atividades livres, a programação de atividades e o modo como elas são propostas, tudo influencia como o projeto político pedagógico se desenvolve. Portanto toda ação definida no processo ensino aprendizagem deve ser pensada em função do que as crianças sabem, dos seus universos de conhecimentos e conteúdos que consideramos importantes que elas aprendam. Desta forma, a partir da definição de objetivos a ser alcançados em cada série ou ano, estabelecem-se rotinas de atividades a serem realizadas, definem-se os materiais necessários e atitudes a serem desenvolvidas para o bom andamento do processo ensino aprendizagem. No caso das séries iniciais do Ensino Fundamental a aprendizagem da língua escrita, o desenvolvimento do raciocínio matemático e sua expressão em linguagem matemática, a ampliação de experiências com temáticas ligadas a muitas áreas do conhecimento, tudo deve ser trabalhado de forma

que as crianças possam ludicamente, ir construindo outros modos de entender a realidade, estabelecendo relações entre seu conhecimento prévio e o novo conhecimento, tornando a aprendizagem significativa.

Pensar na organização da escola em função das séries/anos iniciais do ensino fundamental, com ênfase nas crianças de seis anos envolve concebê-las no sentido da inserção no mundo letrado. Esse mundo é construído com base nos valores da escrita nas práticas e relações sociais.

A língua deve entrar na escola da mesma forma que existe vida fora, ou seja por meio de práticas sociais de leitura e escrita. A perspectiva é formar alunos que saibam produzir e interpretar textos de uso social, orais e escritos, que tenham trânsito livre nas várias situações comunicativas que permitam plena participação no mundo letrado. Este objetivo implica colocar o aluno em contato sistemático com o papel de leitor e escritor, compartilhando a multiplicidade de propósitos que a leitura e a escrita possuem: ler por prazer, para se divertir, buscar informações, partilhar emoções, para recomendá-la aos outros; escrever para expressar as idéias, organizar pensamentos, informar, expressar sentimentos, comunicar a distância, registrar como memória. É preciso que o aluno ocupe sistematicamente a posição de leitor e escritor para praticar, para construir o hábito, para sentir-se embalado pelo prazer da autoria, para poder ser arrebatado pelo conhecimento.

É certo que esse tipo de capacidade só se desenvolve com o tempo e progressivamente, mas é certo também que se a prática pedagógica não estiver orientada nesse sentido, pode não se desenvolver em momento algum. Criar um contexto de letramento na escola é uma tarefa das mais importantes quando o objetivo é formar leitores e escritores desde o início do processo de alfabetização, que tem lugar muito antes de os alunos serem formalmente alfabetizados. Esse contexto escolar de letramento representa uma abertura de possibilidades, um exercício do direito de aprender na escola, as práticas de leitura e escrita tal como acontecem na vida. É dessa forma que se pode favorecer a plena participação dos alunos no mundo da cultura escrita. No entanto estar imerso num ambiente letrado é condição para aprender sobre a linguagem que se usa para escrever, mas somente o contato com diferentes tipos de texto, não é suficiente para garantir a alfabetização. Para aprender a ler e escrever é necessário que o professor planeje situações didáticas específicas destinadas a essa finalidade, não basta inundá-los de letras escritas. Cabe portanto ao professor importar para a sala de aula as práticas sociais de uso da leitura e escrita, para que essas se constituam o contexto das atividades de alfabetização, ou seja, das situações didáticas cuja finalidade é a reflexão sobre a língua.

Segundo Soares (2010) letrar é mais que alfabetizar, é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto onde a escrita e a leitura tenham sentido e façam parte da vida do aluno. Explica que ao olharmos historicamente para as últimas décadas, poderemos observar que o termo alfabetização, sempre entendido de uma forma restrita como aprendizagem do sistema da escrita, foi ampliado. Já não basta aprender a ler e escrever, é necessário mais que isso para ir além da alfabetização funcional (denominação dada às pessoas que foram alfabetizadas, mas não sabem fazer uso da leitura e da escrita). O sentido ampliado da alfabetização, o letramento, de acordo com Magda, designa práticas de leitura e escrita. A entrada da pessoa no mundo da escrita se dá pela aprendizagem de toda a complexa tecnologia envolvida no aprendizado do ato de ler e escrever. Além disso, o aluno precisa saber fazer uso e envolver-se nas atividades de leitura e escrita. Ou seja, para entrar nesse universo do letramento, ele precisa apropriar-se do hábito de buscar um jornal para ler, de freqüentar revistarias, livrarias, e com esse convívio efetivo com a leitura, apropriar-se do sistema de escrita. Afinal, a professora defende que, para a adaptação adequada ao ato de ler e escrever, “é preciso compreender, inserir-se, avaliar, apreciar a escrita e a leitura”. O letramento compreende tanto a apropriação das técnicas para a alfabetização quanto esse aspecto de convívio e hábito de utilização da leitura e da escrita.

Na realidade alfabetização e letramento são processo que caminham juntos, ou seja o letramento precede alfabetização, permeia todo o processo de alfabetização e continua a existir quando a pessoa já está alfabetizada. Segundo Soares (2000) deve-se alfabetizar letrando:

Alfabetizar letrando significa orientar a criança para que aprenda a ler e escrever levando-a a conviver com práticas reais de leitura e de escrita: substituindo as tradicionais e artificiais cartilhas por livros, por revistas, por jornais, enfim pelos materiais de leitura que circula na escola e na sociedade e criando situações que se tornem necessárias e significativas práticas de produção de texto (SOARES, 2000, p. 47).

Mundo

O mundo em que vivemos é local, mas ao mesmo tempo é universal. As mudanças sofridas nas tecnologias da comunicação e de informação trouxeram influências radicais no modo de vida das pessoas.

A concepção de mundo que se pretende defender é a do trabalhador que se educa no conflito e na contradição e, por meio do conhecimento, possibilita ao trabalhador os saberes e os bens culturais construídos pela humanidade serve de aporte para a luta contra a hegemonia e dominação.

Homem

Ser racional, sócio-cultural, dotado de inteligência, capaz de entender as relações sociais, modificar o meio ambiente e o seu próprio comportamento. O homem constitui-se como tal através de suas interações sociais, portanto é visto como alguém que transforma e é transformado nas relações produzidas em uma determinada cultura. Ele não é só um produto do seu contexto social, mas também um agente ativo na criação deste contexto.

Sociedade

A sociedade é constituída por agrupamentos definidos de pessoas que seguem leis, tradições e costumes que influenciam de modo geral na educação das pessoas em comunidade.

Em nível educacional precisamos pensar a sociedade por meio de várias indagações, como por exemplo: Nossa sociedade é organizada de uma forma justa? O que pode ser mantido e o que deve ser alterado em nossa sociedade? Qual o papel de nosso aluno na sociedade? A sociedade em vivemos quais são seus vínculos históricos e quais os maiores desafios para o futuro ?

A sociedade atual é injusta, violenta, desigual, precoceitosa, excludente, consumista, alienada, desestruturada, desinformada, onde a maioria de seus cidadãos são privados das mínimas condições humanas previstas na Constituição Brasileira, a saber: segurança, saúde, educação e trabalho.

É papel da escola propiciar elementos aos alunos para transformar por meio das ações cotidianas uma sociedade mais justa, solidária, igualitária, que todos tenham as mesmas oportunidades, que resgate os valores humanos onde prevaleça o respeito, a diversidade. Que todos tenham acesso a uma escola de qualidade, saúde, segurança e um trabalho com o qual o “chefe de família” consiga se manter e dar um mínimo de qualidade de vida para os seus.

Escola

Estabelecimento de Ensino com leis que regulamentam as ações e a vida das pessoas que dela fazem parte. Desenvolve através de docentes um ensino assentado na passagem do conhecimento sincrético para o conhecimento criticamente elaborado (síntese). Isto implica em que o trabalho seja bem organizado, contribuindo para a democratização do saber.

A escola do momento deve surgir da crítica do que existe, ela deve colocar-se como instância socializadora do saber para todos os cidadãos, principalmente para as camadas populares.

A função social da escola é a mediação entre indivíduo e sociedade. A escola deve promover a elevação cultural dos educandos partindo do conhecimento que eles já possuem. O ponto de partida para a seleção dos conteúdos a serem ministrados é a cultura historicamente elaborada, a ciência, a técnica, a arte, ou seja o saber acumulado ao longo da história e apropriado pelas classes dominantes como instrumento de dominação. Para que se tenha consciência das condições de dominação e da apropriação da cultura é fundamental que a escola leve o educando a refletir sobre esses conhecimentos e os resultados que eles produziram na humanidade.

Educação

É o processo pelo qual as pessoas adquirem conhecimentos gerais, científicos, artísticos, técnicos ou especializados com o objetivo de desenvolver capacidades ou aptidões. A educação dota o homem de instrumentos culturais, capazes de impulsionar às transformações materiais e espirituais exigidas pela sociedade.

Na escola a ação educativa processa-se de acordo com a compreensão que se tem da realidade social que se está imerso.

No processo educativo distinguem-se, dois aspectos interdisciplinares: o gesto criador que resulta do fato de o homem “estar-no-mundo” e com ele relacionar-se, transformando-o e transformando-se. Nesse caso o gesto educativo não se distingue do gesto criador de cultura e o gesto comunicador que o homem executa, transmitindo à outros os resultados de suas experiências.

Neste sentido a educação é mediadora entre o gesto cultural propriamente dito e a sua continuidade. Assim, na medida em que se transforma, pelo desafio que aceita e que lhe vem do meio para o qual volta sua ação, o homem se educa. E, na medida em que comunica os resultados de sua experiência, ele ajuda os outros a se educarem, tornando-se solidário.

A educação interfere sobre a sociedade, podendo contribuir para sua própria transformação. Na escola a educação vai propiciar a aquisição dos instrumentos que possibilitem o acesso ao saber elaborado (ciência), bem como o próprio acesso aos rendimentos desse saber.

Em educação a busca do conhecimento científico deve encaminhar e dar conteúdo também, às lutas dos profissionais da educação, por condições dignas de trabalho e aprimoramento profissional contínuo. Lutar pelas condições fundamentais que lhes garantam autonomia intelectual é uma das instâncias da luta pela democratização do ensino.

Gestão

A gestão democrática é caracterizada pelo reconhecimento da importância da participação consciente e esclarecida das pessoas nas decisões sobre a orientação e manejo de seu trabalho. Está associada ao fortalecimento da idéia de democratização do processo pedagógico, entendida como participação de todos nas decisões e na sua efetivação.

A principal função do gestor escolar é realizar uma liderança política, cultural e pedagógica, sem perder de vista a competência técnica para administrar a instituição que dirige. Em cumprimento a legislação vigente e usando de criatividade deve colocar o processo administrativo a serviço do pedagógico e assim facilitar a elaboração de projetos educacionais que sejam resultantes de uma construção coletiva dos componentes da escola. Afinal a escola é o ponto de encontro dos vários profissionais envolvidos na ação educativa, integrando o saber sincrético com o saber científico, criando espaços coletivos e solidários, possibilitando a integração entre as pessoas e as diversas áreas de ensino.

O principal instrumento da administração participativa é o planejamento participativo, que pressupõe uma deliberada construção do futuro, do qual participam os diferentes segmentos de uma instituição, cada um com sua ótica, seus valores e seus anseios, que, com o poder de decisão, estabelecerão uma política, que deve estar em permanente debate, reflexão, problematização, estudo, aplicação, avaliação e reformulação, em função das próprias mudanças sociais e institucionais.

Assim o trabalho coletivo articula os diversos segmentos da comunidade escolar e é fundamental para sustentar a ação da escola em torno de uma proposta pedagógica, formando uma grande unidade Escolar – Comunidade dentro da proposta pedagógica, onde todos os segmentos envolvidos (Direção, Equipe Pedagógica, Funcionários, Professores, Pais e Alunos) dialogam sobre os problemas comuns, as angústias, e buscam as soluções mais adequadas para tentar solucioná-las. Essa construção conjunta requer uma nova visão no relacionamento humano: relação diretor - professor, professor - aluno, professor – pai e mãe, pai – filho, despertando para a cooperação, a solidariedade e a partilha dos saberes diferentes como as diversas experiências, tornando-os companheiros do mesmo ideal, a Educação.

A gestão compartilhada do nosso Colégio, visa a identificação dos problemas do estabelecimento e a busca de alternativas para intervir na realidade escolar, através da autogestão onde todos os participantes são também gestores de suas próprias atividades, inexistindo relações de subordinação.

Cidadania

É o direito que todos os cidadãos tem sobre os direitos civis e políticos de um estado e deveres para com este. A cidadania envolve consciência ecológica e social. O direito e exercício desse direito nas práticas sociais. Pressupõe um ordenamento das relações dos homens entre si, da estrutura das relações sociais e deles com a natureza. O que implica, ao mesmo tempo conhecimento e compromisso de todos. A cidadania é a possibilidade de partilhar com outros seres humanos, nos diferentes espaços (locais, nacionais, ou mundiais) de organização política, o poder de decidir com consciência, o destino da espécie que, em termos gerais, é a plena realização da condição humana.

E dessa consciência que depende tanto a realização da condição humana quanto a sobrevivência das outras espécies, bem como a própria natureza.

Conhecimento

O conhecimento pode ser conceituado de várias maneiras, dentre elas, como produto, como informação, ou pode ser entendido como processo, como construção. A maneira como a escola trabalha com o conhecimento revela a compreensão de homem, de sociedade, de cultura, bem como, o seu compromisso social. O conhecimento não deve ser trabalhado como simples informação a ser transmitida para o aluno, sem respeitar e considerar o saber que o educando traz consigo. Mas é necessário compreender que o educando já possui uma bagagem cultural e possui experiências e vivências de mundo. Compreender o conhecimento como processo de construção e transformação. “O importante é que o estudante compreenda o contexto, construa seu dizer e desenvolva seu raciocínio lógico e criativo para participar ativamente da vida social” (BRASIL, 2004, p. 41). Entendendo que o conhecimento básico na educação básica é muito mais do que informação, é “o conhecimento na prática pedagógica é vivo, é dinâmico e é vida. Ele é (re)produzido e (re)criado e cada estudante é sujeito dessa (re)criação do conhecimento” (BRASIL, 2004, p. 42).

Currículo

A seleção e a transmissão dos conhecimentos de uma cultura perpassa pela clareza que se tem de currículo. Este por sua vez não é neutro e sim gerado e produzido em uma sociedade de tensões, conflitos, impasses, compromissos culturais, políticos, ideológicos e econômicos que organizam e reorganizam um povo.

As questões a respeito de currículo preenchem, hoje, as discussões de professores, pais, educadores, estudantes, pesquisadores e governantes. Todos estão preocupados com a definição do processo de escolarização, que deverá forjar os cidadãos do Século XXI, frente às mudanças,

incertezas, invasão tecnológica e mundo globalizado. Nesse mundo, no qual a diversidade se expande e os problemas sociais, como o aumento da pobreza e do desemprego, degradação do meio ambiente, analfabetismo digital, descontrole de doenças se fazem muito fortes, é reservado à escola um papel fundamental na definição daquilo que é imprescindível discutir, como o futuro cidadão. (PAVÃO et al. 2003).

Desta forma, a re(definição) de currículo é urgente e necessária. Para além da seleção de conteúdos, estratégias e metodologias, enfim, um currículo que contemple as múltiplas necessidades humanas, a saber: o resgate dos valores humanos, os aspectos filosófico, epistemológico, sociopolítico, econômico, científico, tecnológico, artístico e cultural.

É de suma importância o espaço no calendário escolar para momentos de reflexão sobre a práxis cotidiana do profissional da educação. A re(construção) coletiva do projeto político pedagógico é um momento ímpar para análise e reflexão acerca dos fundamentos que norteiam a organização do trabalho escolar (docente, equipe pedagógica, direção e administração). Pois, “existe um saber do professor acumulado na sua experiência que precisa ser resgatado; a tarefa é de fazer a epistemologia da prática. (VASCONCELLOS, 2002, p. 123).

A atividade docente contribui significativamente no processo de construção do conhecimento, por isso a troca de experiências entre docentes possibilita a solidificação de saberes emergentes da prática educacional.

Nesta mesma linha Arco-Verde (2004) afirma que:

A instituição escolar tem cultura própria, produzida pelos profissionais e agentes da escola, que desenvolvem atividades práticas com inovações na área pedagógica, apropriando-se de recursos e linguagens construídos em diversos campos e vínculos entre o moderno trabalho capitalista e as necessidades emergentes no cotidiano da vida social.

A Arco-Verde (2004) salienta, ainda, que é preciso ter clareza de que a escola interpreta e não apenas responde ou aplica as diretrizes que recebe. A instituição analisa, interpreta e incorpora os paradigmas conforme suas necessidades e possibilidades.

Entende-se atualmente por currículo a participação total da escola, no processo de experiências discentes e docentes. Nosso currículo, com ênfase nas DCE’S (Diretrizes Curriculares Estaduais do Estado do Paraná), ressalta os meios para a aprendizagem, concebida esta como descoberta do educando a partir do significado do conhecimento que ele estabelece numa dimensão de experiência pessoal. O educador orientado pelas DCE’S, reconhece que os fins podem servir para originar o processo de aprendizagem, mas o que interessa é a experiência vivenciada pelo educando. O currículo organizado desta maneira, preocupa-se com

a atitude de descoberta que ocorre no educando, envolvendo percepções individuais e a reorganização interna de modo a reelaborar novos pensamentos e idéias.

A concepção filosófica interacionista, discute e afirma a impossibilidade de fragmentar processo e produto, caracterizando que o processo de aprendizagem é uma ligação estreita entre uma maneira de fazer coisas e uma coisa a ser feita. Vemos então que os meios e os fins não podem ser divididos sem que se deturpe a interpretação da totalidade humana. O consenso é o que se busca na ação educacional oferecida pelo nosso Colégio, onde produto e processo não podem ser tratados de forma dicotômica. A ênfase nas DCE'S para a reorganização da proposta pedagógica foi decisão de todos levando em conta à nossa realidade educacional, com necessidades e expectativas peculiares.

Desta forma nosso currículo é por disciplina com ênfase na interdisciplinaridade e na contextualização permeado pelas DCE'S e contemplará:

- O desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o planejamento o pleno domínio da leitura, escrita e do cálculo.
- A compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade.
- O desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores.
- O fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de respeito recíproco em que se assenta a vida social.

HORA-ATIVIDADE

Em relação a hora-atividade será seguido fielmente a **INSTRUÇÃO 02/2004 – SUED**, a saber:

1. A hora-atividade é o tempo reservado ao Professor em exercício de docência, para estudos, avaliação e planejamento.
2. A organização da hora-atividade deverá favorecer o trabalho coletivo dos professores, priorizando-se:
 - o coletivo de professores que atuam na mesma área do conhecimento e/ou módulos, tendo em vista a implementação do processo de elaboração das diretrizes curriculares para a rede pública estadual de Educação Básica;
 - o coletivo dos professores que atuam na(s) mesma(s) turma(s), série(s), etapa(s) do ciclo o ano(s) dos diferentes níveis e modalidades de ensino;
 - a formação de grupos de professores para o planejamento e para o desenvolvimento de ações necessárias ao enfrentamento de problemáticas específicas diagnosticadas no interior do estabelecimento;

- a correção de atividades discentes, estudos e reflexões a respeito de atividades que envolvam a elaboração e implementação de projetos e ações que visem a melhoria da qualidade de ensino, propostos por professores, direção, equipe pedagógica e/ou NRE/SEED, bem como o atendimento de alunos, pais e (outros assuntos de interesse da) comunidade escolar.

3. A organização da hora-atividade deverá garantir, também, carga horária que permita ao professor a realização de atividades pedagógicas individuais inerentes ao exercício da docência.

4. Cabe ao conjunto de professores, sob a orientação e coordenação da equipe pedagógica ou direção do estabelecimento, planejar, executar e avaliar as ações a serem desenvolvidas durante o cumprimento da hora-atividade.

5. Cabe à equipe pedagógica coordenar as atividades coletivas e acompanhar as atividades individuais a serem desenvolvidas, durante a hora-atividade.

6. Cabe à direção do estabelecimento sistematizar o quadro da distribuição da hora-atividade, que deverá constar em edital, permitindo o seu acompanhamento e informando à comunidade escolar da disponibilidade de horário de atendimento do professor aos alunos e pais.

7. É de responsabilidade do Diretor do estabelecimento de ensino a distribuição e a verificação do cumprimento da hora-atividade.

8. Será atribuído 20 % de hora-atividade sobre o total de horas-aula assumidas pelo professor em efetiva regência de classe.

9. Comprovada a impossibilidade de cumprimento da hora-atividade no turno em que o professor ministra aulas, o diretor deverá apresentar ao NRE a justificativa e encaminhamento que será adotado pelo estabelecimento de ensino, assegurando o efetivo acompanhamento da equipe pedagógica no horário estabelecido para o cumprimento da hora-atividade. O NRE, por sua vez, encaminhará justificativa com parecer para a SUEd.

FORMAÇÃO CONTINUADA

No que se refere à formação continuada dos docentes seguir-se-á as orientações da mantenedora, SEED – NRE.

Ademais, a escola deve fazer a mediação entre o conhecimento sincrético ao analítico, para tanto a educação escolar instrumentaliza o sujeito para o exercício consciente (direitos e deveres) da cidadania democratizando os saberes históricos (SAVIANI, 1997). Os conhecimentos não estão prontos e acabados, nem tão pouco são lineares mas, estão em movimentos e sofrem transformações, necessitando, portanto, uma constante (re)significação dos fazeres pedagógicos. Isso só será

possível por meio da reflexão crítica que a formação “in locus” permite, pois “pensar a prática é a melhor maneira de pensar certo” (FREIRE, 1997).

Urge no momento que na formação continuada dos professores contemple os objetivos do Ensino Fundamental de Nove Anos, bem como as especificidades dessa população escolar. Além disso, a compreensão de toda a educação básica é necessária, por exemplo: a articulação educação infantil, ensino fundamental e ensino médio.

Para tanto buscar-se-á por meio de instrumentos teórico-metodológicos ressignificar o tempo, o espaço, a singularidade, a subjetividade dessas etapas, bem como dos sujeitos que compõem essas etapas.

INCLUSÃO – TEMÁTICAS SÓCIO-EDUCACIONAIS

Os conteúdos obrigatórios (educação ambiental; educação fiscal; educação em/para direitos humanos; prevenção ao uso indevido de drogas; enfrentamento à violência na escola e acompanhamento do Programa Atitude da Secretária da Criança e da Juventude) exigem dos educadores uma formação sólida e consistente para enfrentar e propor ações educativas para essas demandas (SEED, 2009).

Além dessas temáticas, há urgência em se efetivar uma educação de qualidade para todos. Uma escola inclusiva pressupõe o conhecimento de cada aluno, respeita as diferenças individuais em suas possibilidades e limites e, a elas responde com intervenção pedagógica de qualidade (BRASIL, 2004).

Neste sentido, faz-se necessário conhecer todos os obstáculos que possam prejudicar o bom desempenho dos sujeitos da escola, tanto em âmbito de atuação docente quanto de aprendizado discente, só assim poder-se-á intervir de modo a atender a diversidade (BRASIL, 2004).

Para que de fato ocorra a inserção de todos na escola, assim como, o desenvolvimento e aprendizagem desses escolares, verifica-se a necessidade de uma formação teórica e prática dos docentes da Educação Básica numa perspectiva que envolva a pesquisa-ação, a qual garanta-lhes amplitude e profundidade do olhar inclusivo (IMBERNÓN, 2000), pois

Trabalhar com as diversidades culturais explorando as diferenças etno-raciais que estão postas, tanto na sala de aula como na sociedade, é possibilitar a reflexão crítica, o pensar do aluno a partir de seu lugar, de suas experiências de vida, de suas lutas diárias. Propor ações afirmativas e trazer à tona a diversidade não são, de imediato atitudes de pacifismo pedagógico ou de resoluções de contradição posta na sociedade. Ao contrário, é inserir o conflito no seio da vida real, da escola, e enfrentá-lo, explicitando as diferenças, trabalhando com clareza as contradições (ARCO-VERDE, 2005, p.9).

A Tecnologia e suas Aplicações Educacionais

O emprego da tecnologia computacional e da TV pendrive promove a aquisição do conhecimento, o desenvolvimento de diferentes modos de representação e de compreensão do pensamento contido nas redes de comunicação e dos recursos multimídia e da Internet.

Os computadores possibilitam representar e testar idéias que levem a criação de um mundo abstrato e simbólico, ao mesmo tempo que introduz diferentes formas de atuação e interação entre as pessoas, ampliando a compreensão sob os aspectos sócio afetivos e tornando evidente fatores pedagógicos, psicológicos, sociológicos e epistemológicos.

É importante salientar que a “mudança” da função do computador como meio educacional acontece juntamente com um questionamento da função da escola e do papel do professor. A verdadeira função do aparato educacional não deve ser a de ensinar, mas sim a de criar condições de aprendizagens. Isso significa que o educador precisa deixar de ser o repassador de conhecimento, pois o computador pode fazer isso e faz muito mais eficientemente.

O educador deve ser o criador de ambientes de aprendizagem e o mediador do processo de desenvolvimento intelectual do aluno. Tal desenvolvimento ocorre em um contexto educacional em que se dá o jogo das inter-relações sociais entre os sujeitos históricos. O educador terá papéis diferentes a desempenhar, o que torna necessários novos modos de formação que possam prepará-lo para o uso pedagógico do computador, assim como refletir sobre a sua prática durante a sua prática acerca do desenvolvimento, da aprendizagem e de seu papel de agente transformador de si mesmo e de seus alunos.

Ensino-aprendizagem

A qualidade da formação básica é o fator modernizante mais eficaz da sociedade e da economia. E o maior desafio da escola, pois é no espaço escolar que se dá o processo de aprendizagem formal do indivíduo, aquele que promove a formação da consciência humana. A aprendizagem faz parte do ensino, pois o conhecimento é, antes de mais nada, uma construção histórica e social, na qual interferem fatores de ordem antropológica, cultural e psicológica entre outros.

No processo de interação do sujeito com o objeto a ser conhecido, o primeiro constrói representações, que funcionam como verdadeiras explicações e que se orientam por uma lógica interna que faz sentido para o sujeito. No entanto muitas vezes são incoerentes aos olhos de outros, os quais interpretam como erros. A escola trabalha com a idéia de que a ausência de erros na tarefa escolar é a

manifestação da aprendizagem. Hodierno, o erro construtivo é interpretado como algo inerente ao processo de aprendizagem e fator de ajuste da ação pedagógica.

Segundo Vygotski (1991), a qualidade do trabalho pedagógico está associada, nessa abordagem, à capacidade de promoção e avanços no desenvolvimento do aluno. O fundamento dessa posição está no conceito de zona de desenvolvimento proximal que descreve o “espaço” entre as conquistas já adquiridas pelo educando (aquilo que ele já sabe, que é capaz de desempenhar sozinho) e aquelas que, para se efetivar, dependem da participação de elementos mais capazes (aquilo que o educando tem a competência de saber ou de desempenhar somente com a colaboração de outros sujeitos).

Esse princípio desestabiliza algumas crenças bastante cristalizadas no âmbito pedagógico. Vygotsky afirma que o bom ensino é aquele que se adianta ao desenvolvimento, que se dirige às funções psicológicas que estão em vias de se completarem. Essa dimensão prospectiva do desenvolvimento psicológico é de grande importância para a educação, pois permite a compreensão de processos de desenvolvimento que, embora presentes no indivíduo, necessitam da intervenção, da colaboração de parceiros mais experientes da cultura para se consolidarem e ajuda a definir o campo e as possibilidades da atuação pedagógica.

A escola desempenhará bem seu papel, na medida em que, partindo daquilo que o educando já sabe (o conhecimento que ele traz de seu cotidiano, suas idéias a respeito dos objetos, fatos e fenômenos, suas “teorias” acerca do que observa no mundo), ela for capaz de ampliar e desafiar a construção de novos conhecimentos na linguagem Vygotskiana, incidir na zona de desenvolvimento potencial dos educandos. Desta forma poderá estimular processos internos que acabarão por se efetivar, construindo a base que possibilitará novas aprendizagens. Isto quer dizer que a escola não deve se restringir à transmissão de conteúdos, mas, principalmente ensinar o aluno a pensar, ensinar formas de acesso e apropriação do conhecimento elaborado e que possa praticá-las autonomamente ao longo de sua vida, além de sua permanência na escola.

O conhecimento, portanto, é resultado de um complexo e intrincado processo de construção, modificação e reorganização utilizados pelos educandos para assimilarem e interpretar os conteúdos escolares.

A ação pedagógica deve se ajustar ao que os educandos conseguem realizar em cada momento de sua aprendizagem, para se construir em verdadeira ação educativa. Conceber o processo de aprendizagem como propriedade do sujeito implica valorizar o papel determinante da interação com o meio social e, particularmente com a escola.

Para Vygotski (1991) a manipulação do ambiente com os instrumentos que cercam o educando, e em conjunto com outros educandos, é fundamental para o desenvolvimento dos movimentos, da percepção, do cérebro, das mãos, enfim do organismo humano, como um todo.

No espaço da educação básica prepondera o princípio educativo que não está em jogo, produzir ciência propriamente, mas produzir o saber entendido como consciência crítica, reconstruindo o conhecimento, evidenciando nisto autonomia crescente o hábito de questionar de modo crítico, para, assim melhor intervir na realidade.

Para o trabalho escolar é preciso em primeiro lugar, saber o que o nosso educando já sabe, sua cultura enquanto membro de uma classe social, pois é um dos caminhos para que o educando entenda que é um ser concreto e, é esta condição social e histórica que determina o seu modo de ser, de compreender e de aprender sem discriminar. O conhecimento dessa cultura não se faz de uma só vez, no início do ano, mas é um processo que precisa ir sendo cuidadosamente sistematizado. Como tal, constituir-se-á num constante balizamento para a adequação dos conteúdos aos educandos, condição primeira para a aprendizagem efetiva.

Assim, o objetivo maior de todo o sistema educacional, é proporcionar meios para a formação do Homem crítico, criativo, independente e competente, que domine uma gama de conhecimentos e que reflita a problematidade de contexto social e da ciência e que contribua para a libertação de seus semelhantes. Para isso, há que se superar o desafio da permanência dos estudantes na instituição de ensino. A prática pedagógica contribui ou não para o sucesso escolar do aluno, neste sentido, precisa-se refletir sobre: Sabemos os motivos pelos quais os alunos faltam na escola? Onde e como eles vivem? Quais são suas dificuldades? Quais motivos os levaram a evadirem ou abandonarem a escola? O que estão fazendo? Que estratégias utilizar para superar esse quadro?

Diante das inquietações supracitadas o Colégio por meio da FICA buscará acompanhar os escolares junto a equipe pedagógica para que todos tenham acesso, permanência e qualidade de ensino e de aprendizagem.

A educação emancipadora e de qualidade para todos tem como princípio a gestão democrática, participação coletiva, autonomia nas decisões assumidas junto aos seus pares por meio das instâncias colegiadas, preservação do ambiente físico, respeito à diversidade, ao diferente, educação humanista e consciente de seu papel político como instrumento para emancipação, combate às desigualdades sociais e desalienação dos trabalhadores.

Para que todos tenham não só o acesso, mas tenham a permanência com êxito a escola conta com Sala de Apoio à Aprendizagem e Sala de Recursos.

Sala de Apoio: detectar as causas das dificuldades de aprendizagem e o objetivo é preencher lacunas existentes na formação prévia da criança. Como estas lacunas diferem de criança para criança, é importante o professor saber trabalhar com cada caso.

Sala de Recursos: destinada a crianças com necessidades especiais de educação. Objetivo aqui é complementar as ações da sala de aula.

Sala de Apoio compete ser o local de intervenções que buscam superar dificuldades de aprendizagem, atende crianças que não possuem déficit cognitivo e nem sensorial e, ainda assim, possuem um desempenho insuficiente em matemática/língua portuguesa.

5.3 LEMA DO COLÉGIO

“A ação pedagógica sócio-interacionista construindo o respeito pela individualidade humana”.

5.4 MISSÃO DO COLÉGIO

Proporcionar à comunidade escolar a oportunidade de crescimento cultural, ético, científico e tecnológico, visando à construção do homem “auto-criador”.

5.5 AVALIAÇÃO

A avaliação só será eficiente e eficaz se ocorrer de forma interativa entre professor e aluno, ambos caminhando na mesma direção em busca dos mesmos objetivos. Precisa alicerçar-se em objetivos claros, simples, precisos, que conduzam, inclusive, à melhoria do currículo.

Quando falamos em avaliação não queremos falar do passado enquanto elemento que configura o futuro, mas a partir do passado, transformar o futuro. Portanto, pensamos o passado tendo em vista o futuro que desejamos.

A avaliação tem uma dimensão explicitamente prospectiva e não meramente retrospectiva e/ou classificatória de ações passadas. Uma das idéias-eixo do pensamento de avaliação proposta por Danilo Gandin, Luchesi e Jussara Hofmann é que a avaliação deve ser instrumento auxiliar do processo de aprendizagem

significativa e não instrumento de promoção. A promoção do aluno será decorrente da aprendizagem que produzir.

Já que avaliação é medição de aprendizagem, ela deverá ser obrigatoriamente, processual, contínua e diagnóstica, para alcançar seus fins. Não pode ser restrita apenas à aferição mensal ou bimestral de conhecimentos adquiridos.

Segundo Sarabbi (1971 apud SANT'ANNA, 1995, p. 28), avaliação é um processo complexo, que começa com a formulação de objetivos e requer a elaboração de meios para obter evidência de resultados, gera interpretação dos resultados para saber em que medida foram os objetivos alcançados e a formulação de um juízo de valor. É preciso, para realizar uma avaliação coerente com os objetivos educacionais, levar em consideração a necessidade de uma ação cooperativa entre os participantes do processo de uma ação coletiva consensual, uma consciência crítica e responsável de todos.

A avaliação deve ser compreendida como um conjunto de atuações que tem a função de alimentar, sustentar e orientar a intervenção pedagógica. Deve ser contínua por meio da interpretação qualitativa do conhecimento construído pelo aluno. Possibilita conhecer o quanto ele se aproxima ou não da expectativa da aprendizagem que o professor tem em dados momentos da escolaridade, em função da intervenção pedagógica realizada.

Ela subsidia o professor com elementos para uma reflexão contínua de sua prática, com a criação de novos instrumentos de trabalho e a retomada de aspectos que devem ser revistos, ajustados ou reconhecidos como adequados para o processo de aprendizagem individual ou de todo grupo.

Para o aluno, é o instrumento de tomada de consciência de seus conhecimentos, dificuldades e possibilidades para reorganizar o seu investimento na tarefa de aprender.

A prática avaliativa na educação consolida-se com foco principal no processo ensino-aprendizagem, é utilizada para verificar o desempenho escolar dos alunos em sala de aula assim como em programas de avaliação de rendimento escolar em âmbito nacional tais como: SAEB (Sistema de Avaliação da Educação Básica), que iniciou em 1993 e vem sendo aplicado em todo o país nos anos ímpares. É realizada por meio de um processo de amostragem e a metodologia utilizada permite a comparação dos resultados ao longo do tempo, produz informações sobre o rendimento escolar para serem utilizadas pelos responsáveis pelas macropolíticas da educação e seus dados apresentados a federação, regiões e estados. O ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) iniciou em 1998 com aplicação anual em todo o país, a inscrição é voluntária a todos os alunos que estão terminando o Ensino

Médio ou já concluíram. Oferece ao estudante a possibilidade de saber como está sua formação através de uma auto-avaliação dos conhecimentos e das habilidades desenvolvidas ao longo da Educação Básica. Os resultados são utilizados como referência nas escolhas futuras à continuidade dos estudos, no mercado de trabalho e nos vestibulares de instituições de Ensino Superior.

A avaliação evolui da mensuração, medida, observação e descrição da realidade para análise crítica com julgamento de valor ético-político-social pré-determinado entre os envolvidos.

A avaliação amplia seu campo, não se trata mais simplesmente de avaliar apenas alunos, mas também os professores, as escolas, os conteúdos, as metodologias e estratégias de ensino. Em outro momento, também é possível observar a evolução do processo de avaliação em si, que se inicia com o estudo, investigação ou pesquisa científica incorporando mais tarde o foco do empreendimento como uma decisão política e coletiva de uma instituição que se auto-avalia, como na avaliação institucional.

À medida que houve crescimento e interesse na área de avaliação esta ganha complexidade, especialmente porque os fenômenos mais significativos que ocorrem no interior do sistema educacional, não são passíveis de mensuração por isso necessita-se de uma avaliação capaz de dar conta de novos fenômenos. Passando a ser reconhecida como de interesse público, constituindo-se como prática política e pedagógica, tornando-se um importante e vasto campo de estudo.

A Rede Pública paranaense oportuniza aos estabelecimentos de ensino a Avaliação Institucional a qual é uma reflexão necessária para reorganizar e renovar as ações educacionais que concretizem procedimentos administrativos e pedagógicos que favoreçam as transformações desejadas para a qualidade do ensino público e da gestão educacional, pois avaliar de maneira sistemática a instituição favorece melhorias significativas para a organização do sistema e do próprio processo educativo.

Deve ser construída de forma coletiva a fim de identificar as qualidades e fragilidades da instituição e do sistema. Não está restrita ao âmbito escolar, abrangendo as demais instâncias que compõem o sistema educacional (SEED e Núcleos Regionais), objetivando mudanças de rumos e comprometimento de ações inovadoras que visem ao avanço da Educação através de políticas educacionais comprometidas com a transformação social.

A avaliação deve proporcionar dados que permitam ao Estabelecimento de Ensino promover a reformulação do currículo com a adequação dos conteúdos e métodos de ensino. No processo educativo a avaliação deve se fazer presente, tanto como meio de diagnóstico do processo de ensino-aprendizagem, quanto como

instrumento de investigação da prática pedagógica, assim a avaliação assume uma dimensão formadora, uma vez que, o fim desse processo é a aprendizagem, ou a verificação dela, mas também permitir que haja uma reflexão sobre a ação da prática pedagógica.

Acompanhar o desempenho no presente, orientar as possibilidades de desempenho futuro e mudar as práticas insuficientes, apontando novos caminhos para superar problemas e fazer emergir novas práticas educativas (LIMA, 2002).

A avaliação nessa perspectiva visa contribuir para a compreensão das dificuldades de aprendizagem dos alunos, com vistas às mudanças necessárias, para que essa aprendizagem se concretize e a escola se faça mais próxima da comunidade, da sociedade como um todo, no atual contexto histórico e no espaço onde os alunos estão inseridos.

- 5.5.1 Avaliação Adotada Pelo Colégio Estadual Antonio Xavier Da Silveira - EFMN

De acordo com o Regimento Escolar, neste estabelecimento as avaliações do desempenho escolar dos alunos serão diagnósticas, somativas e formativas. Como instrumentos e técnicas de avaliação deste estabelecimento serão utilizadas atividades avaliativas de aproveitamento orais e escritas, no mínimo duas avaliações por bimestre, sendo 70% de provas e 30% de trabalhos tais como: elaboração de relatórios, exposição oral, trabalhos de criação, observações espontâneas ou dirigidas, produção de texto, experimentação prática, pesquisas individuais ou em grupos, sínteses, debates, filmes, mesa redonda, seminários, análise de gráficos e tabelas.

Avaliação Diagnóstica: segundo Luchesi (2002): avaliação diagnóstica, contínua ou mediadora é um dos meios pelos quais podemos conhecer os alunos e é fundamental para eficácia do processo educativo. Ela permite acompanhar o progresso no dia-a-dia, busca causas, hipóteses, mostra os conhecimentos que a turma já acumulou e os quais ainda não domina, possibilita estabelecer intervenções e assim as possibilidades de conteúdos a serem desenvolvidos, uma diagnose que depende de diálogo e a avaliação. Na sua forma é fruto de negociações e cumplicidade dos seus autores (professor/aluno).

Avaliação Somativa: Esta avaliação se dá em etapas compartimentadas, com o tempo e datas definidas pelo professor. Segundo Luchesi (2002), a avaliação deve ser realizada vinculada ao processo educacional e não desvinculando do fato a

ser avaliado, fazendo parte do processo ensino-aprendizagem, visando construir e reconstruir o conhecimento. Esta avaliação se baseia no registro de notas e/ou conceitos, devido à cobrança do sistema de ensino, dos alunos, da família em relação ao desempenho discente, não reflete a realidade do aprendizado do aluno. Com a função classificatória, a avaliação constitui-se num instrumento estático e frenador do processo de conhecimento levando o aluno com dificuldade específica a não superar etapas propostas, não avançando para uma nova fase.

Avaliação Formativa: Faz parte do processo de ensino-aprendizagem e, quando bem realizada, ela assegura que os alunos em sua maioria atinjam os objetivos desejados. É formativa no sentido de que indica de como está ocorrendo as modificações dos alunos frente aos objetivos, desde que estes sejam claros, digam onde desejam chegar e o modo de como fazê-lo, impedindo os efeitos indesejáveis, que ocorrem através de julgamentos subjetivos.

A avaliação do aproveitamento deverá incidir sobre o desempenho do aluno em diferentes experiências de aprendizagem.

Assim a avaliação se traduzirá num trabalho cooperativo entre a Direção, Docentes, Equipe Pedagógica e todos os integrados na diagnose dos problemas que interferem no processo de ensino-aprendizagem para dar-lhes soluções adequadas.

Portanto, na avaliação do aproveitamento escolar deverão preponderar os aspectos qualitativos da aprendizagem sobre os quantitativos, sendo vedada avaliação em que os alunos são submetidos a uma só oportunidade de aferição.

Dar-se-á maior importância à atividade crítica, a capacidade de síntese e a elaboração pessoal social, sobre a memorização.

O resultado da avaliação será traduzido sob a forma de notas, numa escala de 0 (zero) a 10 (dez), sendo 70% da nota em avaliações formais e 30% em atividade diversas conforme a especificidade de cada disciplina, e a comunicação aos alunos e pais será feita através de boletins bimestrais.

Os critérios da avaliação serão registrados em documentos próprios (Regimento Escolar, Plano de Trabalho docente) e os resultados no Livro de Registro de Classe a fim de ser assegurada a regularidade de autenticidade da vida escolar do aluno.

A recuperação da aprendizagem será paralela durante o processo ensino-aprendizagem e entendida como um dos aspectos do seu desenvolvimento contínuo no qual o aluno, cujo aproveitamento não foi o esperado, disponha de condições próprias que lhe possibilitem a apreensão de conteúdos básicos necessários. Deverá constituir um conjunto integrado ao processo de ensino além de se adequar às dificuldades do aluno. Todas as disciplinas deverão realizar a recuperação

paralela de acordo com sua especificidade oportunizando 100% de aproveitamento, a todos os alunos. Sendo esta substitutiva prevalecendo a nota maior de acordo com o artigo 24, inciso 05 letra “e” da LDB. E de acordo com o artigo 119 do regimento escolar que diz: A recuperação de estudos é direito dos alunos independentemente do nível de apropriação dos conhecimentos básicos.

O aluno será considerado aprovado quando:

- Obter frequência igual ou superior a 75% do total de horas lecionadas;
- Avaliação final deverá considerar, para efeito de promoção ou retenção, todos os resultados obtidos durante o ano ou período letivo, considerando-se aprovado, com relação a apuração do aproveitamento: o aluno que obtiver média 6,0 (seis vírgula zero) ou superior, na soma dos dois bimestres no ensino médio modalidade por blocos e nos quatro bimestres no ensino fundamental e formação de docentes;
- Devido ao atendimento de alunos com necessidades educativas especiais avaliados por profissionais especializados e outros não avaliados, mas com acentuadas dificuldades de aprendizagem, é necessário que a escola propicie a oferta de condições diferenciadas através da flexibilização curricular e adaptação avaliativa. No caso específico do Ensino Fundamental a escola já conta com uma Sala de Recursos (5ª a 8ª) em horário de contraturno e conforme legislação vigente;
- Podemos definir as adaptações curriculares como modificações que são necessárias realizar em diversos elementos do currículo básico para adequar as diferentes situações, grupos e pessoas para as quais se aplica. As adaptações são intrínsecas ao novo conceito de currículo. De fato, um currículo inclusivo deve contar com adaptações para atender à diversidade das salas de aula, dos alunos (LANDÍVAR, 1995, p.53);
- Quando se fala de adaptações curriculares está se falando sobretudo e, em primeiro lugar, de uma estratégia de planejamento e de atuação docente e, nesse sentido de um processo para tratar de responder às necessidades de aprendizagem de cada aluno. Uma série de critérios para guiar a tomada de decisões com respeito ao que é, ao que o aluno(a) deve aprender como, quando e qual é a melhor forma de organizar o ensino para que todos saiam beneficiados. (BRASIL, 1992). As adaptações partem do currículo comum a todos os alunos, no qual a intervenção educativa deixa de estar centrada nas diferenças para se radicar na capacidade de aprendizagem do aluno integrado a partir de suas características individuais bem como a capacidade das instituições educativas para responder às necessidades dos alunos (GONZALES, 2001, p.162);

- As dificuldades de aprendizagem dos alunos que apresentam deficiências, ou outros transtornos, manifestam-se como um contínuo, incluindo desde situações leves e transitórias que podem ser passíveis de intervenção pedagógica, com estratégias metodológicas adotadas cotidianamente, até situações mais graves e permanentes que requerem recursos e serviços especializados para sua superação. As adaptações curriculares podem ser implementadas em várias áreas, momentos de atuação do professor, quando envolvem ações em que estejam contemplados todos os segmentos da comunidade escolar, além daqueles diretamente direcionados ao planejamento e execução dos componentes curriculares: conteúdos programáticos (o que ensinar); objetivos (para que ensinar); metodologia de ensino (como ensinar); avaliação do processo ensino-aprendizagem (o que) e como e quando avaliar o planejamento do professor (sala de aula) – acessibilidade;
- Visando garantir a continuidade do processo de escolarização, em consonância com o embasamento legal (Constituição Federal, Art. 205, LDB, Conselho Nacional de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente- Resolução 41/95, Diretrizes Nacionais para Educação Especial na Educação Básica- Resolução 02/01) a escola oferece atendimento educacional para crianças, jovens e adultos que se encontrem impossibilitados de freqüentar a escola, em virtude de situação de internamento hospitalar, tratamento de saúde ou licença maternidade, comprovados adequadamente. Este atendimento se dá através de adaptação de conteúdos, atividades e avaliação que favoreçam a continuidade do processo de escolarização e sua posterior reinserção no ambiente escolar.

Contribuirão ainda para o processo ensino-aprendizagem a avaliação dos vários aspectos tais como: formação continuada nas diversas áreas, acompanhamento pedagógico das atividades docentes desenvolvidas, oficinas, reuniões pedagógicas, iniciação à pesquisa, grupo de estudo por área e temas pedagógicos e realimentação do Projeto Político Pedagógico de acordo com as necessidades apresentadas pelo Colégio.

5.6 CALENDÁRIO ESCOLAR

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO																				
Anexo da Resolução N° 4901/2011- GS/SEED																				
CALENDÁRIO ESCOLAR – 2012 ENSINO FUNDAMENTAL - DIURNO																				
Considerados como dias letivos: semana pedagógica (06 dias); formação continuada (02 dias); replanejamento reunião pedagógica (01 dias) – Delib. 02/02-CEE																				
Janeiro				Fevereiro				Março												
D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S
1	2	3	4	5	6	7	5	6	7	8	9	10	11	1	2	3				
8	9	10	11	12	13	14	12	13	14	15	16	17	18	4	5	6	7	8	9	10
15	16	17	18	19	20	21	19	20	21	22	23	24	25	11	12	13	14	15	16	17
22	23	24	25	26	27	28	26	27	28	29	18	19	20	21	22	23	24			
29	30	31												25	26	27	28	29	30	31
1 Dia Mundial da Paz							20 a 22 Carnaval													
Abril				Mai				Junho												
D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S
1	2	3	4	5	6	7			1	2	3	4	5					1	2	
8	9	10	11	12	13	14	6	7	8	9	10	11	12	3	4	5	6	7	8	9
15	16	17	18	19	20	21	13	14	15	16	17	18	19	10	11	12	13	14	15	16
22	23	24	25	26	27	28	20	21	22	23	24	25	26	17	18	19	20	21	22	23
29	30						27	28	29	30	31	24	25	26	27	28	29	30		
6 Paixão							1 Dia do Trabalho							7 Corpus Christi						
21 Tiradentes																				
Julho				Agosto				Setembro												
D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S
1	2	3	4	5	6	7				1	2	3	4						1	
8	9	10	11	12	13	14	5	6	7	8	9	10	11	2	3	4	5	6	7	8
15	16	17	18	19	20	21	12	13	14	15	16	17	18	9	10	11	12	13	14	15
22	23	24	25	26	27	28	19	20	21	22	23	24	25	16	17	18	19	20	21	22
29	30	31	26	27	28	29	30	31	23	24	25	26	27	28	29					
2 dias							23 dias							19 dias						
9 dias							07 Dia do Funcionário de Escola							7 Independência						
2 dias																				
Outubro				Novembro				Dezembro												
D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S
	1	2	3	4	5	6				1	2	3						1		
7	8	9	10	11	12	13	4	5	6	7	8	9	10	2	3	4	5	6	7	8
14	15	16	17	18	19	20	11	12	13	14	15	16	17	9	10	11	12	13	14	15
21	22	23	24	25	26	27	18	19	20	21	22	23	24	16	17	18	19	20	21	22
28	29	30	31	25	26	27	28	29	30	23	24	25	26	27	28	29				
20 dias							18 dias							12 dias						
12 N. S. Aparecida							2 Finados							19 Emancipação Política do						
15 Dia do Professor							15 Proclamação da República							25 Natal						
							20 Dia Nacional da Consciência Ne													
Férias Discentes						Férias/Recesso/Docent														
Janeiro						31	janeiro/férias						30							
fevereiro						7	janeiro/julho/reces						15							
julho						18	dez/recesso						12							
dezembro						12	outros recessos						3							
Total						68	Total						60							
 Início/Término	 Planejamento	 Férias	 Recesso	 Semana Pedagógica	 Formação Continuada	 Semana de integração Escola/Comunidade	 Conselho de	 Reunião	 Replanejamento											

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
Anexo da Resolução N ° 4901/2011- GS/SEED
CALENDÁRIO ESCOLAR – 2012 ENSINO FUNDAMENTAL – NOTURNO

Considerados como dias letivos: semana pedagógica (06 dias); formação continuada (02 dias); replanejamento (01 dia); reunião pedagógica (01 dias) – Delib. 02/02-CEE

Janeiro

D	S	T	Q	Q	S	S
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

1 Dia Mundial da Paz

Fevereiro

D	S	T	Q	Q	S	S
			1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29			

20 a 22 Carnaval

Março

D	S	T	Q	Q	S	S
				1	2	3
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	31

17 dias

22 dias

Abril

D	S	T	Q	Q	S	S
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30					

6 Paixão
21 Tiradentes

19 dias

Mai

D	S	T	Q	Q	S	S
			1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30	31	

1 Dia do Trabalho

22 dias

Junho

D	S	T	Q	Q	S	S
					1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30

7 Corpus Christi

19 dias

Julho

D	S	T	Q	Q	S	S
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

07 Dia do Funcionário de Escola

3 dias

Agosto

D	S	T	Q	Q	S	S
			1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30	31	

07 Dia do Funcionário de Escola

23 dias

Setembro

D	S	T	Q	Q	S	S
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30						

7 Independência

19 dias

Outubro

D	S	T	Q	Q	S	S
	1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28	29	30	31			

12 N. S. Aparecida
15 Dia do Professor

21 dias

Novembro

D	S	T	Q	Q	S	S
				1	2	3
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	

2 Finados
15 Proclamação da República
20 Dia Nacional da Consciência Negr:

19 dias

Dezembro

D	S	T	Q	Q	S	S
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30	31					

19 Emancipação Política do PF
25 Natal

12 dias

Férias Discentes	
Janeiro	31
fevereiro	7
julho	18
dezembro	12
Total	68

Férias/Recesso/Docent	
janeiro/férias	30
janeiro/julho/reces	15
dez/recesso	12
outros recessos	3
Total	60

- Início/Término
- Planejamento
- Férias
- Recesso
- Semana Pedagógica
- Formação Continuada

- Semana de integração Escola/Comunidade
- Conselho de Classe
- Reunião
- Replanejamento
- Complementação de carga horária (14/04 8 h, 05/05 4 h)

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
Anexo da Resolução N ° 4901/2011- GS/SEED

CALENDÁRIO ESCOLAR – 2012 ENSINO MÉDIO BLOCOS - DIURNO

Considerados como dias letivos: semana pedagógica (06 dias); formação continuada (02 dias); replanejamento (01 dia);
 reunião pedagógica (01 dias) – Delib. 02/02-CEE

Janeiro

D	S	T	Q	Q	S	S
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

1 Dia Mundial da Paz

Fevereiro

D	S	T	Q	Q	S	S
			1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29			

17 dias

20 a 22 Carnaval

Março

D	S	T	Q	Q	S	S
				1	2	3
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	31

22 dias

Abril

D	S	T	Q	Q	S	S
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30					

6 Paixão
21 Tiradentes

19 dias

Mai

D	S	T	Q	Q	S	S
			1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30	31	

22 dias

1 Dia do Trabalho

Junho

D	S	T	Q	Q	S	S
					1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30

19 dias

7 Corpus Christi

Julho

D	S	T	Q	Q	S	S
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

9 dias

12 N. S. Aparecida
15 Dia do Professor

2 dias

Agosto

D	S	T	Q	Q	S	S
			1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30	31	

23 dias

07 Dia do Funcionário de Escola

Setembro

D	S	T	Q	Q	S	S
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30						

19 dias

7 Independência

Outubro

D	S	T	Q	Q	S	S
	1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28	29	30	31			

19 dias

12 N. S. Aparecida
15 Dia do Professor

Novembro

D	S	T	Q	Q	S	S
				1	2	3
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	

18 dias

2 Finados
15 Proclamação da República
20 Dia Nacional da Consciência Negra

Dezembro

D	S	T	Q	Q	S	S
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30	31					

12 dias

19 Emancipação Política do PF
25 Natal

Férias Discentes	
Janeiro	31
fevereiro	7
julho	18
dezembro	12
Total	68

Férias/Recesso/Docent	
janeiro/férias	30
janeiro/julho/reces	15
dez/recesso	12
outros recessos	3
Total	60

- Início/Término
- Planejamento
- Férias
- Recesso
- Semana Pedagógica
- Formação Continuada

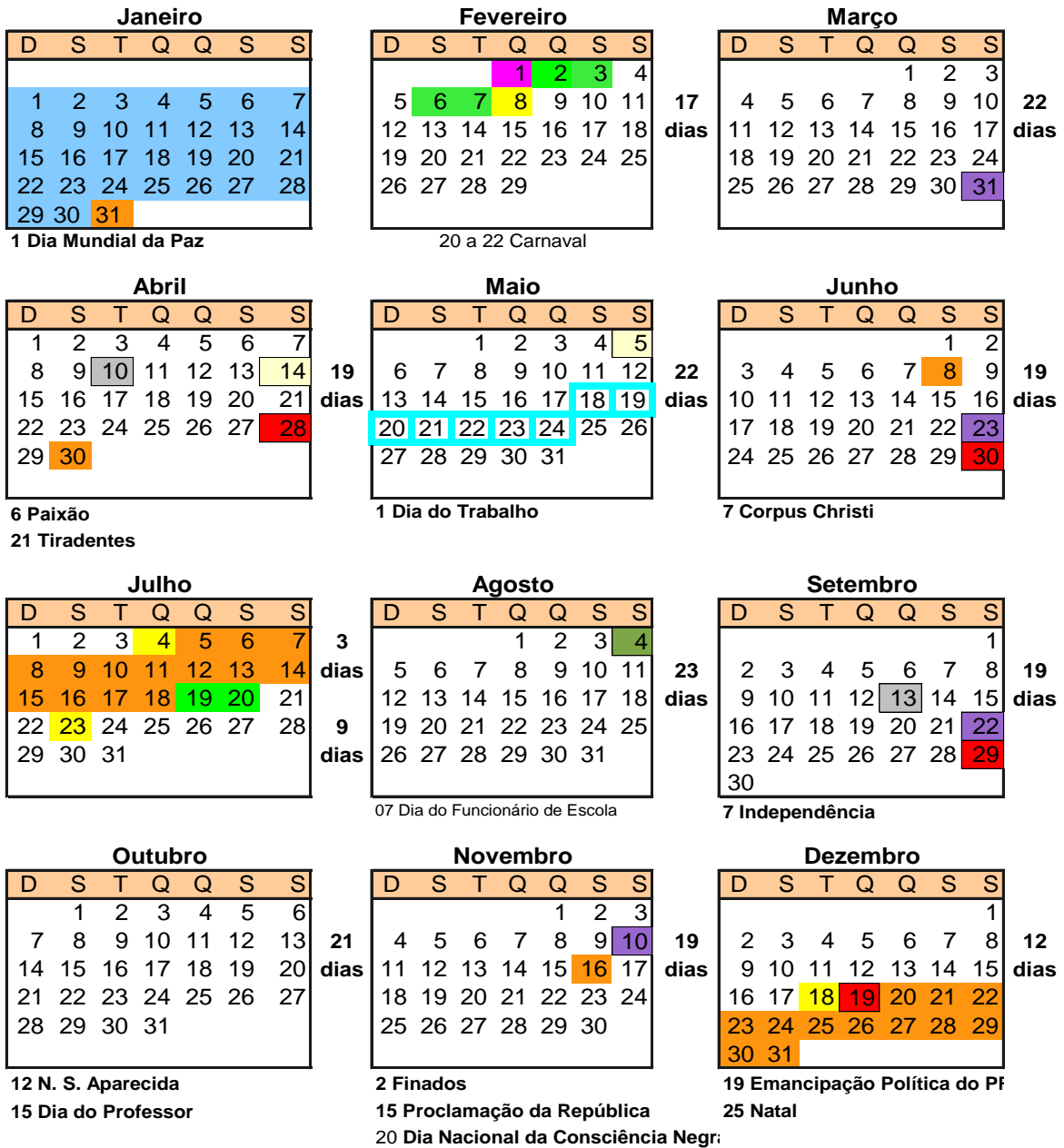
- Semana de integração Escola/Comunidade
- Conselho de Classe
- Reunião
- Replanejamento

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Anexo da Resolução N° 4901/2011- GS/SEED







CALENDÁRIO ESCOLAR – 2012 ENSINO MÉDIO BLOCOS – NOTURNO






Considerados como dias letivos: semana pedagógica (06 dias); formação continuada (02 dias); replanejamento (01 dia); reunião pedagógica (01 dia) – Delib. 02/02-CEE



Férias Discentes	
Janeiro	31
fevereiro	7
julho	18
dezembro	12
Total	68

Férias/Recesso/Docent	
janeiro/férias	30
janeiro/julho/reces	15
dez/recesso	12
outros recessos	3
Total	60

	Início/Término
	Planejamento
	Férias
	Recesso
	Semana Pedagógica
	Formação Continuada

	Semana de integração Escola/Comunidade
	Conselho de Classe
	Reunião
	Replanejamento
	Complementação de carga horária (14/04 8 h, 05/05 4 h)

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO																							
COLÉGIO ESTADUAL ANTONIO XAVIER DA SILVEIRA - EFMN																							
CALENDÁRIO ESCOLAR – 2011 Formação de Docentes - Integrado																							
Considerados como dias letivos: Formação Continuada (06 dias); Replanejamento (01 dia);																							
Reuniões Pedagógicas (03 dias) – Delib. 02/02-CEE																							
Janeiro				Fevereiro				Março															
D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S			
						1			1	2	3	4	5			1	2	3	4	5			
2	3	4	5	6	7	8	6	7	8	9	10	11	12	6	7	8	9	10	11	12			
9	10	11	12	13	14	15	13	14	15	16	17	18	19	13	14	15	16	17	18	19			
16	17	18	19	20	21	22	20	21	22	23	24	25	26	20	21	22	23	24	25	26			
23	24	25	26	27	28	29	27	28						27	28	29	30	31					
30	31																						
1 Dia Mundial da Paz							7 e 8 Carnaval																
Abril				Mai				Junho															
D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S			
					1	2									1	2	3	4					
3	4	5	6	7	8	9	1	2	3	4	5	6	7	5	6	7	8	9	10	11			
10	11	12	13	14	15	16	8	9	10	11	12	13	14	12	13	14	15	16	17	18			
17	18	19	20	21	22	23	15	16	17	18	19	20	21	19	20	21	22	23	24	25			
24	25	26	27	28	29	30	22	23	24	25	26	27	28	26	27	28	29	30					
							29	30	31														
21 Tiradentes							1 Dia do Trabalho							23 Corpus Christi									
22 Paixão																							
Julho				Agosto				Setembro															
D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S			
					1	2									1	2	3						
3	4	5	6	7	8	9	7	8	9	10	11	12	13	4	5	6	7	8	9	10			
10	11	12	13	14	15	16	14	15	16	17	18	19	20	11	12	13	14	15	16	17			
17	18	19	20	21	22	23	21	22	23	24	25	26	27	18	19	20	21	22	23	24			
24	25	26	27	28	29	30	28	29	30	31				25	26	27	28	29	30				
31																							
3 dias							23 dias							20 dias									
8 dias																							
31 dias																							
12 N. S. Aparecida							2 Finados							7 Independência									
15 Dia do Professor							15 Proclamação da República							8 Feriado Municipal									
Outubro				Novembro				Dezembro															
D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S			
						1				1	2	3	4	5				1	2	3			
2	3	4	5	6	7	8	6	7	8	9	10	11	12	4	5	6	7	8	9	10			
9	10	11	12	13	14	15	13	14	15	16	17	18	19	11	12	13	14	15	16	17			
16	17	18	19	20	21	22	20	21	22	23	24	25	26	18	19	20	21	22	23	24			
23	24	25	26	27	28	29	27	28	29	30				25	26	27	28	29	30	31			
30	31																						
20 dias							19 dias							11 dias									
12 N. S. Aparecida							2 Finados							19 Emancipação Política do									
15 Dia do Professor							15 Proclamação da República							25 Natal									
							20 Dia Nacional da Consciência Negra																
Feriado Municipal		1 dia		Conselho de Classe		4 dias		Dias letivos		202		Férias Discentes		janeiro		31		Férias/Recesso/Docent		janeiro/férias		30	
												fevereiro		7				jan/julho/recesso		14			
												julho		18				dez/recesso		13			
												dezembro		13				outros recessos		3			
												Total		69				Total		60			
Início/Término		Planejamento e Replanejamento		Conselho de Classe		Férias		Recesso		Formação Continuada		Reunião Pedagógica		Feriado Municipal									

Irati, 24 de novembro de 2010.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Anexo da Resolução N ° 4901/2011- GS/SEED

CALENDÁRIO ESCOLAR – 2012 FORM. DOCENTES APR. ESTUDOS - NOTURNO

Considerados como dias letivos: semana pedagógica (06 dias); formação continuada (02 dias); replanejamento (01 dia); reunião pedagógica (01 dias) – Delib. 02/02-CEE

D	S	T	Q	Q	S	S
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

1 Dia Mundial da Paz

D	S	T	Q	Q	S	S
			1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29			

20 a 22 Carnaval

D	S	T	Q	Q	S	S
				1	2	3
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	31

17 dias

22 dias

D	S	T	Q	Q	S	S
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30					

6 Paixão

21 Tiradentes

D	S	T	Q	Q	S	S
			1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30	31	

1 Dia do Trabalho

D	S	T	Q	Q	S	S
					1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30

7 Corpus Christi

D	S	T	Q	Q	S	S
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

3 dias

9 dias

D	S	T	Q	Q	S	S
				1	2	3
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	31

23 dias

07 Dia do Funcionário de Escola

D	S	T	Q	Q	S	S
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30						

19 dias

7 Independência

D	S	T	Q	Q	S	S
	1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28	29	30	31			

21 dias

12 N. S. Aparecida
15 Dia do Professor

D	S	T	Q	Q	S	S
				1	2	3
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	

19 dias

2 Finados
15 Proclamação da República
20 Dia Nacional da Consciência Negra







D	S	T	Q	Q	S	S
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30	31					






13 dias

19 Emancipação Política do PF
25 Natal

Férias Discentes	
Janeiro	31
fevereiro	7
julho	18
dezembro	12
Total	68

Férias/Recesso/Docent	
janeiro/férias	30
janeiro/julho/reces	15
dez/recesso	12
outros recessos	3
Total	60

	Início/Término
	Planejamento
	Férias
	Recesso
	Semana Pedagógica
	Formação Continuada

	Semana de integração Escola/Comunidade
	Conselho de Classe
	Reunião
	Replanejamento
	Complementação de carga horária (14/04 8 h, 05/05 4 h)

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Anexo da Resolução N ° 4901/2011- GS/SEED

CALENDÁRIO ESCOLAR – 2012 CELEM INGLÊS – NOTURNO

Considerados como dias letivos: semana pedagógica (06 dias); formação continuada (02 dias); replanejamento (01 dia); reunião pedagógica (01 dias) – Delib. 02/02-CEE

Janeiro

D	S	T	Q	Q	S	S
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

1 Dia Mundial da Paz

Fevereiro

D	S	T	Q	Q	S	S
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29			

17 dias

20 a 22 Carnaval

Março

D	S	T	Q	Q	S	S
					1	2
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	31

22 dias

Abril

D	S	T	Q	Q	S	S
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30					

6 Paixão
21 Tiradentes

19 dias

Mai

D	S	T	Q	Q	S	S
			1	2	3	4
6	7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19
20	21	22	23	24	25	26
27	28	29	30	31		

22 dias

1 Dia do Trabalho

Junho

D	S	T	Q	Q	S	S
					1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30

19 dias

7 Corpus Christi

Julho

D	S	T	Q	Q	S	S
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

6 Paixão
21 Tiradentes

3 dias

Agosto

D	S	T	Q	Q	S	S
				1	2	3
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30	31	

23 dias

07 Dia do Funcionário de Escola

Setembro

D	S	T	Q	Q	S	S
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30						

19 dias

7 Independência

Outubro

D	S	T	Q	Q	S	S
	1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28	29	30	31			

12 N. S. Aparecida
15 Dia do Professor

21 dias

Novembro

D	S	T	Q	Q	S	S
				1	2	3
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	

19 dias

2 Finados
15 Proclamação da República
20 Dia Nacional da Consciência Negr:

Dezembro

D	S	T	Q	Q	S	S
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30	31					

13 dias

19 Emancipação Política do PF
25 Natal

Férias Discentes	
Janeiro	31
fevereiro	7
julho	18
dezembro	12
Total	68

Férias/Recesso/Docent	
janeiro/férias	30
janeiro/julho/reces	15
dez/recesso	12
outros recessos	3
Total	60

- Início/Término
- Planejamento
- Férias
- Recesso
- Semana Pedagógica
- Formação Continuada

- Semana de integração Escola/Comunidade
- Conselho de Classe
- Reunião
- Replanejamento
- Celem Inglês

Observação: dias 04 e 23 de julho aula normal Celem

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
Anexo da Resolução N° 4901/2011- GS/SEED
CALENDÁRIO ESCOLAR – 2012 CELEM ESPANHOL - NOTURNO

Considerados como dias letivos: semana pedagógica (06 dias); formação continuada (02 dias); replanejamento (01 dia); reunião pedagógica (01 dias) – Delib. 02/02-CEE

Janeiro

D	S	T	Q	Q	S	S
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

1 Dia Mundial da Paz

Fevereiro

D	S	T	Q	Q	S	S
			1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29			

20 a 22 Carnaval

Março

D	S	T	Q	Q	S	S
				1	2	3
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	31

22 dias

Abril

D	S	T	Q	Q	S	S
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30					

6 Paixão
21 Tiradentes

Maió

D	S	T	Q	Q	S	S
			1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30	31	

1 Dia do Trabalho

Junho

D	S	T	Q	Q	S	S
					1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30

7 Corpus Christi

Julho

D	S	T	Q	Q	S	S
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

3 dias
9 dias

Agosto

D	S	T	Q	Q	S	S
				1	2	3
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	31

07 Dia do Funcionário de Escola

Setembro

D	S	T	Q	Q	S	S
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30						

7 Independência

Outubro

D	S	T	Q	Q	S	S
	1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28	29	30	31			

12 N. S. Aparecida
15 Dia do Professor

Novembro

D	S	T	Q	Q	S	S
				1	2	3
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	

2 Finados
15 Proclamação da República
20 Dia Nacional da Consciência Negr:

Dezembro

D	S	T	Q	Q	S	S
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30	31					

19 Emancipação Política do PF
25 Natal

Férias Discentes	
Janeiro	31
fevereiro	7
julho	18
dezembro	12
Total	68

Férias/Recesso/Docent	
janeiro/férias	30
janeiro/julho/reces	15
dez/recesso	12
outros recessos	3
Total	60

 Início/Término
 Planejamento
 Férias
 Recesso
 Semana Pedagógica
 Formação Continuada

 Semana de integração Escola/Comunidade
 Conselho de Classe
 Reunião
 Replanejamento
 Celem Espanhol

O calendário escolar é organizado de acordo com as orientações da SEED através do NRE sendo que a instituição registra suas reuniões pedagógicas, de pais, entrega de notas bimestrais com os respectivos registros de classe as reposições de aulas diversas disciplinas, planejamento, replanejamento, conselho de classe, reuniões do conselho escolar, APMF, grêmio estudantil.

5.7 CRITÉRIO DE ORGANIZAÇÃO DAS TURMAS

A Equipe Pedagógica e o corpo docente procuram organizar as turmas de forma que esta favoreça o processo ensino-aprendizagem e toda organização do cotidiano escolar.

Assim, procura-se dividir os alunos que já são do colégio: evitando a formação de grupos que tornem a turma muito indisciplinada; procurando atender a solicitação de pais e alunos quanto ao turno e turma por questões de trabalho ou estágio, remunerado, proximidade de residência para execução de pesquisas e tarefas em grupo, quando esta tiver justificativa plausível.

Também na questão da inclusão, procura-se estabelecer um menor número de alunos nas turmas que possuem alunos com necessidades educativas especiais, visando favorecer o trabalho pedagógico dos professores e o aproveitamento escolar do aluno, porém devido a transferências muitas vezes fica difícil manter esta redução.

5.8 ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO E NÃO OBRIGATÓRIO

O estágio, de acordo com a lei 11.788, de 25 de setembro de 2008 e Deliberação 02/08 do Conselho Estadual de Educação, é um ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, para alunos que estejam freqüentando o ensino regular em instituições de ensino superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do Ensino Fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos que visa ao aprendizado de competências próprias da atividade profissional e à contextualização curricular, objetivando o desenvolvimento do educando para a vida cidadã e para a preparação para o trabalho produtivo de educando.

O estágio poderá ser obrigatório, definido como tal no projeto de curso, cuja carga horária é requisito para aprovação e conclusão de curso, caso do Curso de

Formação de Docentes de Educação Infantil dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, Modalidade Normal e Médio com aproveitamento de estudos deste estabelecimento de ensino ou não obrigatório, aquele desenvolvido como atividade opcional conforme determinação das diretrizes curriculares.

O estágio supervisionado deverá acontecer mediante termo de compromisso com o educando com a parte concedente, de acordo com as determinações desta lei e em ambos os casos com carga registrada no histórico escolar do aluno.

Este estabelecimento de ensino oferta oportunidade de Estágio Supervisionado nas turmas das séries finais do Ensino Fundamental, no Ensino Médio e no Curso de Formação de Docentes aos acadêmicos da Unicentro e/ou outras universidades, mediante convênio próprio e acompanhamento de estágio não obrigatório e remunerado em empresas da comunidade aos alunos maiores de 16 anos, regularmente matriculado no Ensino Médio, mediante contrato próprio.

- 5.8.1 Locais de realização do Estágio não obrigatório:

Pelo CIEE (Centro de Integração Empresa-Escola) Prefeitura Municipal de Irati, Unicentro, Fórum, ACIAI, Ciretran, IEL, Copel, Indútrias, Empresas Comerciais de Irati, Secretaria de Saúde, Consultório médico e odontológico, Clínicas. Prestadora de Serviços.

- 5.8.2 Atribuições da instituição de ensino:

- Celebrar Termo de Compromisso com alunos e parte concedente, após firmado o Termo de Convênio;
- Indicar professor orientador do estágio: Pedagoga Silmara Passos;
- Zelar pelo cumprimento do Plano de Estágio;
- Comunicar à parte concedente do estágio no início do período letivo, as datas de realização de avaliações escolares.

- 5.8.3 Atribuições do Professor Orientador de Estágio:

Elaborar o plano de estágio e orientar sua execução;

Organizar formulários e registros para acompanhamento do estágio de cada aluno;

E explicitar a proposta pedagógica da Instituição de ensino e do plano do estágio não-obrigatório à parte concedente;

Orientar previamente o estagiário quando:

- Às exigências da empresa;
- Às normas de estágio;
- Aos relatórios que fará durante o estágio;
- Aos direitos e deveres do estagiário;

Obs: No caso de estudante com deficiência, que apresente dificuldades para elaborar o relatório; o professor orientador deverá auxiliar esse estagiário.

- 5.8.4 Atribuições do responsável pela supervisão Estágio na parte concedente:

Acompanhar o plano de atividade do estágio proposto pela parte concedente e a instituição de ensino:

- Tomar conhecimento do Termo de Compromisso;
- Orientar e avaliar as atividades do estagiário em consonância com o plano de estágio;
- Preencher os relatórios de estágio e encaminhar à instituição de ensino;
- Manter contato com o professor orientador da escola;
- Propiciar instalações e ambiente favoráveis à aprendizagem social, profissional e cultural dos alunos;
- Encaminhar relatório de atividades, com prévia e obrigatória vista do estagiário, à instituição de ensino, com periodicidade mínima de 6 meses.

- 5.8.5 Atribuições do estagiário:

- Ter assiduidade e pontualidade, tanto nas atividades desenvolvidas na parte concedente como na instituição de ensino;
- Celebrar Termo de Compromisso com a parte concedente e com a instituição de ensino;
- Respeitar as normas da parte concedente e da instituição de ensino;
- Associar a prática de estágio com as atividades previstas no plano de estágio;
- Realizar e relatar as atividades do plano de estágio e outras executadas, mas não previstas no plano de estágio;
- Entregar os relatórios de estágio no prazo previsto.

- 5.8.6 Forma de acompanhamento do estágio:

O estágio como ato educativo escolar supervisionado, deverá ter acompanhamento efetivo pelo professor orientador da instituição de ensino e por supervisor da parte concedente, comprovado por vistos nos relatórios referidos no inciso IV do caput do art 7 da Lei n 11.788, de 25 de setembro de 2008 e por menção de aprovação final.

- 5.8.7 Avaliação do estágio:

- Rendimento e aproveitamento escolar;
- Relatório elaborado pelo aluno;
- Relatório de desempenho das atividades encaminhado pela parte concedente.

- 5.8.8 Normas para o estágio supervisionado de acadêmicos das IES na Instituição de Ensino:
 1. Apresentação do estagiário à Direção e Equipe Pedagógica;
 2. Requerimento de Estágio mediante de solicitação de vaga;
 3. Vagas requisitadas no início do ano letivo;
 4. Estagiário somente realizará o estágio mediante crachá de identificação; planejamento do estágio com cronograma por disciplina;
 5. Três a cinco estagiários no máximo ou de acordo com a especificidade;
 6. Acompanhamento do estágio pelo professor supervisor;
 7. Conhecimento do planejamento do professor pelo estagiário;
 8. O estagiário poderá realizar oficinas pedagógicas nos sábados;
 9. Conhecimento do Projeto Político Pedagógico do Colégio, Regulamento do Professor e do Aluno, pelo estagiário;
 10. O estagiário deverá trazer todo o material necessário para atuar, como por exemplo: papel sulfite, cartolina, fotocópias e outros.

VI MARCO OPERACIONAL

Compreender as atuais mudanças no processo ensino-aprendizagem é uma tarefa que exige força extraordinária de todos os envolvidos na educação, pois na esfera educacional encontram-se muitas dificuldades, próprias de cada realidade escolar como: concepções diferenciadas, pessimismo, resistência a mudanças, insegurança frente ao novo e até a falta de confiança nos propósitos educacionais brasileiros já que a época atual apresenta transformações aceleradas, ditadas pela expansão irreversível dos meios de comunicação, na qual a globalização permite o intercâmbio entre os quatro cantos do mundo. Em face dessas mudanças e da nova concepção de educação, de educador e de escola, se faz necessário a reorganização do Projeto Político Pedagógico, que atualizado e desafiador permita uma releitura do mundo e um aprendizado significativo no qual o educando se torne ativo, criativo e construtor do seu próprio conhecimento.

Por isso revisar, repensar, questionar, investigar, intervir no processo de aprendizagem, aceitar e promover mudanças se faz necessário, pois a construção de um Projeto Político Pedagógico na escola é imprescindível, afinal é ele que dará a oportunidade de organizar o trabalho pedagógico na sua globalidade, proporcionando momentos de reflexão e discussão dos problemas da escola, numa vivência democrática com a participação de todos os seus membros, propiciando situações que lhes permitam aprender a pensar e a realizar o fazer pedagógico de forma coerente.

Diante desta perspectiva a formação do educando deve estar voltada para uma proposta pedagógica que ofereça aos professores a possibilidade de intervir, instigar, provocar o interesse pelo aprendizado bem como desenvolver a auto-estima, auto-conhecimento, a criatividade, curiosidade, sensibilidade, percepção do outro, capacidade de formular hipóteses, analisar, comparar, dialogar, etc. que possibilite à direção uma gestão democrática e a equipe pedagógica um trabalho compartilhado, viabilizando a integração da comunidade escolar e o comprometimento com os objetivos e metas da escola. Que favoreça uma organização eficiente e eficaz que permita a competência nos campos de atuação administrativos, organizacionais e pedagógicos, pois a escola tem pessoas que desempenham diferentes funções, todas de suma importância para o desenvolvimento pedagógico, onde não há superiores e inferiores, mas trabalhadores da educação construindo uma escola pública cada dia mais humana, democrática e de qualidade.

Desta forma a demanda da gestão da escola requer uma organização de funcionamento para que alcance seus objetivos e cumpra sua tarefa sócio-educativa como organização de natureza social que é.

Portanto, na organização escolar, que é democrática, em que a participação é elemento inerente à consecução dos fins, busca-se práticas coletivas e individuais baseadas na equipe diretiva, que é parte desse coletivo, pois assim com liderança e vontade firme para coordenar, dirigir e comandar o processo decisório como tal e seus desdobramentos de execução, assegurando-se que as decisões tomadas de forma participativa e respaldada técnica, pedagógica e teoricamente sejam efetivamente cumpridas por todos, e garante-se o alcance dos objetivos educacionais do estabelecimento de ensino, definidos no Projeto Político Pedagógico.

É no trabalho coletivo permanente, que exige participação, construção, superação e diálogo que se tem uma educação emancipadora. Nesse contexto cabe ao pedagogo fomentar a organização de espaços na escola para debater a organização do trabalho pedagógico, constituindo-se num intelectual transformador que contribui para o processo de organização coletiva do trabalho escolar na perspectiva da formação humana.

Na organização do trabalho pedagógico da escola, inclui-se a participação e contribuição relevante do segmento dos funcionários, que ao lado da direção e equipe pedagógica vem ganhando força e visibilidade, superando a dicotomia entre o técnico e o pedagógico, entre manual e intelectual, entre o saber e fazer. Educadores do cotidiano são trabalhadores indispensáveis na escola. Estão presentes na secretaria documentando, arquivando, atualizando dados. Na biblioteca catalogando, conservando o acervo e estimulando a leitura. Nos serviços gerais executando manutenção, mantendo a ordem e a disciplina, zelando pela limpeza, bem estar e segurança, além da alimentação de todos.

Acredita-se que é esse concentrado esforço dos profissionais da Educação e o estabelecimento de uma parceria efetiva entre a escola e a comunidade que possibilitará ações que venham contribuir para diminuir os conflitos existentes na escola, ações que aproximem a família do cotidiano da escola, pois muitas não acompanham o desenvolvimento do trabalho realizado na escola por descompromisso ou falta de tempo, causada pelos horários de trabalho dos pais.

Neste estabelecimento os casos de faltas excessivas, baixo rendimento ou indisciplina serão tratados através da união entre professores, equipe pedagógica, pais e se necessário com a colaboração do Conselho Escolar.

Algumas alternativas serão adotadas para melhorar a comunicação entre os diversos setores escolares e a escola continuará tentando reunir o corpo docente e

equipe pedagógica fora do horário de aulas e durante hora atividade para melhor entrosamento e decisões democráticas e coletivas.

6.1 PLANO DE AÇÃO DO COLÉGIO

Todo o processo de construção coletiva apresenta entraves e possibilidades e nesse contexto precisamos de políticas públicas educacionais efetivas que garantam para a escola pública a oferta de um ensino de qualidade, além da construção de um currículo que contemple a interdisciplinaridade e a contextualização, onde os conteúdos sejam integrados e aplicados teórica e praticamente no dia-a-dia do aluno, em função das necessidades sociais a que deve responder.

É nessa perspectiva que o Colégio Estadual Antonio Xavier da Silveira com todos os envolvidos no processo ensino-aprendizagem procuram delinear objetivos, metas e definem ações que leve o educando a apropriar-se do conhecimento científico, cultural, ético, político, compatível com as exigências da sociedade atual. O Colégio parte da realidade do aluno, pois considera o cotidiano que é ponto de partida e de chegada, um ir e vir constante, pois a sua realidade não contém apenas particularidades de sua experiência, mas completa-se quando na sua totalidade, é um processo de construção do conhecimento.

- 6.1.1 Objetivo geral:

- Oferecer a comunidade escolar um ensino de qualidade respeitando as diferenças individuais.

- 6.1.2 Metas a serem atingidas

- Promover integração e a interação da comunidade escolar na concretização da qualidade de ensino;
- Buscar a qualidade do ensino focada para a construção de um cidadão mais comprometido com seu tempo, sua gente, e das novas tecnologias.
- Buscar no corpo docente e discente a tentativa de superação de uma visão fragmentada para uma visão holística;

- Oportunizar novas práticas pedagógicas utilizando tecnologias tais como o uso de software de autorias educacionais e internet dentro da proposta sócio-interacionista no desenvolvimento efetivo do processo educacional;
- Propiciar ao educando o seu desenvolvimento integral (efetivo, cognitivo, social, político, moral, ético);
- Elaborar atividades para atuação ativa e democrática do educando para a transformação social;
- Criar oportunidades de utilização do acervo bibliográfico a toda comunidade escolar proporcionando atividades colaborativas;
- Promover a participação dos pais na escola para um efetivo desenvolvimento do ensino aprendizagem;
- Conscientizar a comunidade da sua importância na elaboração e participação de metas a serem atingidas pela escola;
- Reavaliar as práticas propostas no Projeto Político Pedagógico.

Todos deste estabelecimento de ensino se propuseram a tornar o ensino de qualidade, definido para a convergência das seguintes práticas:

- Foco no aluno;
- Eliminação de desperdícios;
- Melhoria contínua, e valorização das pessoas;
- Respeito em sua individualidade;
- Percepção de atividades como processo;
- Visão holística;
- Controle estatístico do processo;
- Método de análise de problemas;
- Aprendizagem permanente;
- Investimento na melhoria das instalações;
- Novas tecnologias;
- Qualidade de material audiovisual;
- Realização de projetos nas diversas áreas do conhecimento;
- Biblioteca;
- Laboratório de Informática/ Internet;
- Comunicação;
- Criação de um clima de confiança na Escola;
- Capacitação docente nas várias áreas;
- Acompanhamento pedagógico das atividades docentes desenvolvidas;
- Desenvolvimento de oficinas;
- Iniciação à pesquisa;

- Grupos de estudos por áreas a uma visão global de como se encontra o Processo Ensino-Aprendizagem;
- Reuniões pedagógicas quinzenalmente;
- Implementação das DCE’S para todos os professores;
- Avaliação diagnóstica;
- Controle da evasão escolar e repetência;
- Conscientização para os alunos da filosofia da escola e seus direitos e deveres.
- Atuação do Grêmio Estudantil;
- Atividades artísticas, cívicas e culturais;
- Utilização do laboratório de ciências;
- APMF e Conselho Escolar trabalhando integrados à comunidade escolar;
- Aproveitamento dos programas da TV Escola, gravados diariamente para o uso dos professores em sala de aula;
- Formação contínua para docentes e demais funcionários;
- Gestão de recursos com a comunidade e o Conselho Escolar;
- Implementação do Programa Prontidão Escolar Preventiva;
- Profucionário;
- Formação de Docentes;
- A Rede Municipal de Enfrentamento à violência contra Crianças e Adolescentes de Irati vem pouco a pouco sendo consolidada. Com a criação de uma Comissão Municipal em 2007, e com as reuniões mensais, foi possível oficializar o Protocolo de Atendimento nos casos de abusos sexuais de crianças e adolescentes.

A notificação da violência proporcionará visibilidade à problemática, possibilitando a realização de diagnóstico preciso da realidade, podendo contribuir para a formulação de políticas públicas de atendimento. Além disso, os casos inseridos na Rede de Proteção passam a ter atendimento e acompanhamento constantes, favorecendo a redução das conseqüências da violência e prevenindo novos episódios.

- 6.1.3 Projetos em desenvolvimento

Ensino Fundamental

- Língua Portuguesa – Ler, contar e encantar
- Língua Portuguesa – Haicai
- Língua Portuguesa – Vamos ler (do jornal da Folha da Manhã)

- Fazendo Novos Amigos – Língua portuguesa
- Projeto para diminuir evasão e repetência escolar
- Implementação dos projetos PDE
- Equipe Multidisciplinar para tratar da Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afrobrasileira, Africana e Indígena

Ensino Médio- período da manhã

- Círculo de diálogo com a Juventude (parceria com UNICENTRO e outras entidades dando ênfase ao 1º Concurso Literário “Diga não à Violência”).
- Educação Física – Jogos Primavera/ Abertos).
- Geografia – Preservação Ambiental/Conhecimentos Históricos.
- Língua Portuguesa – Preservação da água/ Concurso de Paródias .
- Matemática – Desenvolvendo o exercício da cidadania através da utilização da modelagem matemática “Consumo de água em sua residência”.
- Química – Composição básica do creme dental – Interdisciplinaridade- Matemática – Gráfico de preços; Biologia- Saúde Bucal; Química - composição química.
- Implementação dos projetos PDE.
- Projeto de orientação vocacional com estagiárias do curso de Psicologia da UNICENTRO.
- Equipe Multidisciplinar para tratar da Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afrobrasileira, Africana e Indígena.
- Trânsito (parceria com a Comissão Trânsito Jovem, Prefeitura do Município de Irati e Secretaria Municipal de Educação, Obras e Planejamento e DETRAN).

Ensino Médio – período da noite

- Matemática – Lúdico na matemática (Jogos) 2º e 3º ano.
- Implementação dos projetos PDE.

- Palestras de orientação vocacional desenvolvidas pelas estagiárias do curso de Pedagogia da UNICENTRO.
- Equipe Multidisciplinar para tratar da Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afrobrasileira, Africana e Indígena.
- Diálogo da Juventude – Palestras (uso de drogas).

FORMAÇÃO DE DOCENTES (INTEGRADO E APROVEITAMENTO DE ESTUDO) – Período tarde/Noite

- Contação de histórias nos CMEIs (Centro de Educação Infantil Municipal).

6.2 PLANO DE AÇÃO DA DIREÇÃO

• 6.2.1 Objetivo

- Aprimoramento cultural e científico, valorizando idéias, respeitando sempre a individualidade humana, proporcionando condições para que cada indivíduo possa tornar-se um ser humano completo em todos os aspectos sociais, afetivos e intelectuais.

• 6.2.2 Área pedagógica

- Incentivo ao aperfeiçoamento de professores, funcionários, alunos e comunidade, buscando entre os diversos setores, debates para crescimento nas decisões tomadas em relação à escola, visando à qualidade no ensino público. A busca pela igualdade social, está na oportunidade que a Escola democrática oferece a todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. A construção do projeto político pedagógico da Escola, deve ser parâmetro de crescimento, pois está sendo construído por todos os segmentos, contemplando a vontade e pensamentos do coletivo, definindo assim os rumos do Colégio;
- Traçar ações, juntamente com o coletivo do Colégio para diminuir a evasão e repetência.

- 6.2.3 Formação continuada

- As dificuldades encontradas no dia-a-dia, levam-nos a estudos e interpretações do comportamento humano. Tendo consciência de que somente a pesquisa e debates nos levarão ao crescimento cultural, devemos incentivar o estudo nas diversas áreas do conhecimento, proporcionando soluções para os problemas apresentados. Neste sentido a participação de pais, professores, alunos e funcionários, em reuniões pedagógicas, interpretações de filmes, textos de educadores é de fundamental importância para o direcionamento do Colégio.

- 6.2.4 Estrutura e ambiente escolar

- Estamos vivendo o momento da digitalização, não podemos ignorar o avanço tecnológico que está sendo colocado na Escola. A utilização de todos os equipamentos e espaços oferecidos pela Escola deve ser encarada como meios de crescimento cultural e não como obstáculos para o processo de aprendizagem.

- 6.2.5 Ações

- Incentivo à participação de professores, funcionários, alunos e pais em reuniões pedagógicas; Organizar a participação de alunos em grupos de teatro, dança, jogos escolares, festivais, concursos, trabalhos artísticos;
- Buscar a participação da comunidade escolar na elaboração do Projeto Político Pedagógico;
- Dar apoio a organização de Clube de Mães, Grêmios Estudantil, participação de alunos em grupos de protagonismo juvenil e atividades que venham a fortalecer a cidadania;
- Viabilizar e organizar a utilização dos espaços da escola; (quadra de esportes, laboratório de ciências, laboratório de informática, biblioteca);
- Criar grupos de estudos, junto aos alunos e professores;
- Incentivo à participação de alunos em projetos educacionais com vistas à promoção do processo ensino-aprendizagem.

- 6.2.6 Avaliação do plano de ação

- Este plano de ação terá avaliação periódica, podendo ser realimentado de acordo com as normas da SEED, seguindo datas previstas pelo calendário escolar.

6.3 PLANO DE AÇÃO DA EQUIPE PEDAGÓGICA

É no contexto desafiante da atual sociedade brasileira que a escola pública está inserida, com o compromisso de oferecer um ensino de qualidade e intervir efetivamente para promover o desenvolvimento global e a socialização do educando, tomando para si objetivo de formar cidadãos capazes de atuar em sua sociedade com competência e responsabilidade.

Esse compromisso requer que a escola se torne um espaço privilegiado de análise, discussão e reflexão, onde num esforço coletivo os envolvidos na instituição escolar definam a linha filosófica e pedagógica que melhor corresponda às novas concepções, que faça da escola um local de formação e informação, que garanta o acesso a saberes socialmente elaborados, que oportunize a aprendizagem de conteúdos que estejam em consonância com as questões sociais. Enfim onde a escola, com seu caráter democratizador, transformador, mediador e globalizador leve o educando a apropriar-se do conhecimento científico, cultural e ético de maneira crítica e construtiva, estimulando o desenvolvimento da cidadania através de situações que oportunizem a aquisição de valores e exercícios de autonomia e convivência social saudável.

Neste sentido, faz-se necessário o comprometimento de todos no processo ensino-aprendizagem, pois somente a integração de todos é que pode levar a escola a uma organização capaz de detectar dificuldades, traçar objetivos e metas, visualizar alternativas viáveis e definir ações compatíveis com sua função social.

Para a efetivação desses propósitos, se faz necessário um trabalho incessante do professor pedagogo, que em harmonia com a direção e demais setores, realiza a articulação e organização do trabalho pedagógico, dando suporte ao corpo docente, buscando o envolvimento e participação da família, priorizando sempre em seu trabalho o aluno e o seu rendimento escolar, objetivando a melhoria da qualidade do ensino e educação.

- 6.3.1 Diagnóstico

O corpo discente deste estabelecimento de ensino é constituído em sua maioria de crianças, adolescentes e adultos oriundos de famílias de classe média - baixa, com características culturais e sócio-econômicas diferenciadas.

A heterogeneidade do corpo discente se revela nas concepções, valores e perspectivas de futuro, observadas no dia a dia da sala de aula, onde os reflexos dos atuais problemas sociais manifestam-se através de desinteresse pelos estudos,

comportamentos inadequados, agressividade e baixo rendimento escolar, decorrentes de problemas afetivos e falta de apoio e acompanhamento de famílias desestruturadas.

As professoras pedagogas, desenvolvem um trabalho coletivo com a direção, funcionários, APMF e pais e mesmo assim encontram dificuldades em administrar o tempo para o desenvolvimento de suas reais funções em virtude da substituição de professores faltantes (por motivos pessoais ou capacitação continuada) e de atendimento a solicitações mínimas e constantes de professores, as quais poderiam ser resolvidas em classe, sem a intervenção da equipe pedagógica. Assim disponibilizariam o tempo para um trabalho mais efetivo de atendimento contínuo e individual dos alunos com reais dificuldades e suas respectivas famílias, contato com os professores em sua hora atividade para o estabelecimento de estratégias que possibilitem a recuperação de alunos com baixo rendimento, evitando a evasão e repetência, a promoção de atividades e dinâmicas que favoreçam a integração e o desenvolvimento da auto-estima dos alunos, professores e funcionários, elaboração, reelaboração e avaliação do PPP, bem como auxílio à direção no acompanhamento dos trabalhos e promoções do Grêmio Estudantil, APMF e Conselho Escolar e cumprimento às solicitações do NRE.

• 6.3.2 Objetivos

- Buscar a união e reciprocidade entre todos no processo ensino-aprendizagem, cultivando o diálogo, a troca de experiências e valorização humana, levando à participação e comprometimento com o cotidiano escolar;
- Diagnosticar as necessidades, deficiências e dificuldades relativas ao desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem, efetuando as intervenções necessárias em consideração para com o aluno e sua condição natural de vida e superação da auto-estima;
- Orientar os professores para que pratiquem uma avaliação compatível com a concepção de homem, mundo e sociedade, definidos no Projeto Político Pedagógico do Colégio, segundo a deliberação 007/99;
- Buscar causas da indisciplina e do baixo rendimento a fim de buscar alternativas metodológicas para solucioná-las, viabilizando condições para que se compatibilize trabalho-estudo, evitando a evasão e repetência;
- Promover a Orientação Educacional em sessões coletivas e individuais;

- Manter o contato com pais através de reuniões, comunicados ou contatos telefônicos para informar o rendimento escolar e a participação de seus filhos, sempre que necessário;
- Organizar e criar mecanismos e estratégias para uma participação mais efetiva dos pais e da comunidade na escola;
- Assessorar os professores na busca de melhores condições de trabalho que evidencie o aperfeiçoamento pessoal e profissional;
- Utilizar o horário de Hora atividade para auxiliar o professor, desenvolver formação continuada e rever práticas pedagógicas;
- Auxiliar no bom andamento do ensino ministrado pelo professor, verificando se o conteúdo está condizente com o planejamento. Livro de registro de classe, projetos e outros;
- Participar dos eventos promovidos pelo Colégio;
- Desenvolver no aluno o hábito de estudo e o senso de responsabilidade, levando-o a ser pontual e assíduo às aulas e demais atividades escolares;
- Participar do planejamento curricular contextualizado que contemple a interdisciplinaridade;
- Articular com a direção a construção coletiva do PPP, sua avaliação e reestruturação;
- Organizar, juntamente com a direção, o Conselho de Classe a fim de avaliar o processo de ensino-aprendizagem, detectar dificuldades e elencar possíveis soluções;
- Coordenar o processo de encaminhamento de alunos com dificuldade de aprendizagem para atendimento de profissionais especializados, bem como para avaliação educacional no contexto;
- Acompanhar o trabalho desenvolvido na sala de apoio e de recursos.
- Orientar e acompanhar alunos com progressão parcial.

• 6.3.3 Metodologia

A construção do trabalho coletivo, sobretudo na gestão democrática da educação supõe comprometimento de todos os envolvidos e clareza na função de cada um.

A função do pedagogo na escola é acima de tudo articular o processo ensino-aprendizagem, efetuando as intervenções necessárias, promovendo ações que favoreçam a aprendizagem e diminuam o índice de evasão e repetência. Sendo um

elo entre a escola e a família, trabalha no sentido de ajudar a resolver os problemas do dia a dia escolar.

Para tanto se faz necessário resgatar a função do pedagogo estabelecendo limites de atuação para que o tempo disponível seja melhor distribuído num trabalho de acompanhamento do processo de aprendizagem, priorizando o atendimento aos que apresentam alguma dificuldade de aprendizagem ou socialização e apoio aos professores, criando vínculos e estabelecendo uma relação de confiança e não apenas limitando seu trabalho a acalmar situações de conflito, estabelecer regras de convivência e substituir colegas.

Neste sentido o Professor Pedagogo, dentro do seu campo de atuação utilizar-se-á das seguintes estratégias:

- Atendimento individual e coletivo a alunos e pais;
- Reuniões pedagógicas e com responsáveis;
- Organização de fichários para registro de acompanhamentos;
- Dinâmicas de socialização;
- Palestras, vídeos e textos educativos sobre motivação, saúde, sexualidade, cidadania, orientação vocacional, mercado de trabalho e desenvolvimento pessoal, social, profissional, *Bullyng* e indisciplina;
- Elaboração de relatórios para encaminhamento de alunos a especialistas, avaliações, etc.;
- Organização de conselhos de classe e reuniões pedagógicas.

• 6.3.4 Avaliação

A avaliação do trabalho dar-se-á ao longo do seu desenvolvimento, a cada ação estabelecida, relacionando-a a causa do problema, analisando seus pontos positivos e negativos no sentido de detectar falhas, apontar soluções viáveis, sua validade e aproveitamento no processo educacional.

Portanto, sempre que necessário este plano será revisto e adaptado às novas condições e necessidades para que a equipe pedagógica atue positivamente para o êxito do ensino aprendizagem e para que valores como o amor, respeito, amizade, fraternidade e fé não venham a se perder no cotidiano escolar, família e social.

Desta forma cabe à equipe pedagógica articular a organização do trabalho desenvolvido na escola e pautar objetivos comuns com professores, pais e funcionários para que a unidade educativa não se perca, pois só assim a ação educativa poderá responder às múltiplas expectativas que nela se depositam.

- 6.3.5 Referências Bibliográficas de Apoio.

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação

Revista Nova Escola

Estatuto da Criança e do Adolescente

Revista Mundo Jovem

Subsídios da CADEP

Revista Gestão em rede

6.4 PLANO DE AÇÃO DA SECRETARIA

- 6.4.1 Avaliação

A Equipe Técnico Administrativa da Secretaria do Colégio Estadual Antonio Xavier da Silveira - Ensino Fundamental, Médio e Normal priorizou:

1. Atendimento:

O atendimento está sendo feito a contento tanto do público como aos funcionários, professores, equipe pedagógica, alunos e estagiários.

1.1.Exemplos de atendimentos:

- Recados e solicitações feitas por terceiros para os alunos, equipe técnica e pedagógica, professores e funcionários;
- Auxílio aos alunos com referência às inscrições de vestibulares, PSS e Enem;
- Guarda e entrega de chaves da TV Pendrive;
- Guarda e entrega de pasta com os livros de Registro de Classe.

1.2. Critérios usados nos atendimentos:

- Rapidez;
- Agilidade;
- Resolução;
- Educação.

2. Comunicação Interna:

É feita sempre a fim de que haja uma melhor troca de informações entre a equipe e sirva para de apoio ao encaminhamento dos trabalhos realizados.

3. Atividades Desenvolvidas com relação a alunos, professores e funcionários:

3.1. Todas as atividades cabíveis ao colegiado deste estabelecimento de ensino como:

- 3.1.1. Alunos: matrículas, documentação (boletins, histórico, declaração de matrícula/transferência), movimentação (transferências, abandonos, comunicados aos pais);
- 3.1.2. Professores (digitação de médias, comunicação sobre movimentação de alunos, cadastros);
- 3.1.3. Funcionários (comunicados, entrega de documentação) são feitas dentro do prazo estabelecido;
- 3.1.4. Equipe Pedagógica (comunicados, auxílio à documentação pertinente à equipe, auxílio à documentação de alunos/professores);
- 3.1.5. Assessoramento ao Laboratório de Informática a professores, alunos e funcionários (fornecimento de senhas de acesso, entre outros).

- 6.4.2 Plano de Ação

- Atendimento ao público;
 - Dar continuidade ao atendimento ao público mantendo a agilidade, rapidez e eficiência;
 - Arquivamento de documentação dos professores, alunos, funcionários e equipe pedagógica;
 - Manter em ordem e atualizadas a referida documentação;
 - Responsabilidade dos recursos de multimídias e sala de informática;
 - Realizar ordenadamente o agendamento de acordo com a solicitação do professor;
 - Instalar os aparelhos quando solicitado;
 - Fornecer senhas de acesso ao laboratório de informática;
 - Assessoria Direta;
 - Manter a assessoria ao colegiado dentro da possibilidade de realização.

6.5 PLANO DE AÇÃO DA BIBLIOTECA

ATIVIDADES REALIZADAS NA BIBLIOTECA

Biblioteca (do grego *Bibliothéke* – do latim *Bibliotheca*)

Biblos – designa a parte da planta do parpiro com que se fazia o material para escrita – livro; *Théke* – é tudo o que serve para guardar. *Bibliothéke* – passou a indicar o lugar onde se guardam livros.

A biblioteca é um espaço destinado a professores, alunos, funcionários, bem como a comunidade em geral, para leitura, estudo e pesquisa. É um local de livre acesso que recebe todo tipo de usuário. Deve ter regulamentos para que o trabalho seja profissional e imparcial para todas as suas atividades e atitudes.

HORÁRIO DE ATENDIMENTO

- 07h30min às 11h 50min
- 13h às 17h30min
- 19h às 23h

ATIVIDADES REALIZADAS NA BIBLIOTECA

- Empréstimo de livros, devolução, para: professores, alunos, funcionários e comunidade;
- Empréstimo de dicionários, revistas, DVD, livros e atlas para sala de aula;
- Consertar e recolher livros didáticos dos alunos;
- Dar devido destino ao material não mais utilizado na biblioteca (livro didático antigo e livros fora de condição de uso, etc.);
- Registrar e encapar os livros, dicionários, etc.;
- Orientar alunos a localizar material para pesquisa;
- Manter as estantes limpas e organizadas;
- Ter acesso democrático e gratuito ao acervo de materiais informativos para fins de consulta local, além de realizar empréstimo, observadas as normas de preservação;
- Receber o acervo, as dependências em bom estado de conservação e asseio;
- Solicitar ajuda aos funcionários;
- Respeitar às normas de convivência em ambientes públicos e de uso dos serviços, assim como as normas de preservação do acervo e do patrimônio;
- Observar as orientações dos funcionários;
- Repôr o patrimônio que extraviar ou danificar;
- Manter-se em silêncio, não atrapalhando os demais usuários da biblioteca;
- Respeitar aos horários definidos para pesquisa e empréstimo;
- O acervo da biblioteca deve ser preservado para uso de todos;

- Não utilizar objetos que ameaçam o acervo, como tesouras, lâminas, estiletes, papel-carbono, colas, corretivos e similares;
- Nunca recortar, rasgar, riscar, arrancar páginas ou fazer dobras nos livros, nem expor à água, à sujeira, ou outras situações que possam danificar os produtos;
- O professor ao solicitar uma pesquisa ao aluno deve orientá-lo e antes verificar se há o material necessário sobre o assunto na biblioteca;
- Cabe ao professor ficar atento a conservação e o bom uso do material que é levado da biblioteca para a sala de aula (dicionários, Atlas e outros);
- Na estante, retirar o livro pelo meio da lombada e não pelo alto;
- Não fazer anotações, não usar o livro como apoio para escrever e não acompanhar a leitura com a ponta do lápis ou da caneta;
- Para identificar o acervo, solicite ajuda aos funcionários;
- Evitar desordens nas prateleiras sempre que retirar os livros da estante para pesquisar;
- Deixar o livro após a pesquisa, sobre a mesa para ser guardado pelos funcionários;
- Os alunos não devem ir à biblioteca em horário de aula para fazer pesquisas, trabalhos, a não ser por direcionamento da direção, pedagogos ou professores e por motivo justificado;
- Falar em voz baixa, não fumar, não usar chicletes;
- Não consumir alimentos de qualquer espécie;
- Só jogar lixo na lixeira;
- Não correr e evitar acidentes;
- Manter o celular desligado;
- Não fazer uso de joguinhos no mesmo;
- Não rir – a biblioteca é um local para estudos;
- Não frequentar sem objetivo justificado;
- Não levar material sem a devida anotação por parte dos funcionários;
- Possuir a carteirinha para o empréstimo;
- Deixar mochilas, bolsas, fichários, sacolas na mesa de entrada.

NÃO É PASSÍVEL DE EMPRÉSTIMO

- Coleções de obras de referência (dicionários, enciclopédias, geoatlas, material didático com um único volume).

NORMAS

- Empréstimo de literatura por 15 dias;

- Empréstimo de material didático por 2 dias;
- Professores material didático, máximo 30 dias, exceto livro do professor;
- Horário de empréstimo de livros de literatura nas aulas de português, segundo o horário e dia estipulado pela biblioteca (de 5ª a 8ª série);
- Horário para pesquisa:
 - alunos da tarde – 07h30min às 09h45min;
 - alunos da manhã – 13h às 15h15min (Durante esses horários, os professores não devem levar a turma para aula na biblioteca);
 - alunos da noite – manhã e tarde dentro dos horários estipulados.

6.6 PLANO DE AÇÃO DO LABORATÓRIO DE INFORMÁTICA

ATIVIDADES REALIZADAS NO LABORATÓRIO DE INFORMÁTICA

O laboratório de informática é de natureza pedagógica, destinando-se , prioritariamente, ao desenvolvimento de atividades escolares e como forma de democratizar e universalizar o acesso às tecnologias de informação e comunicação por meio da incorporação, pelos sujeitos da educação e por toda a comunidade escolar, da cultura do uso consciente e responsável desses recursos.

O Laboratório de Informática disponível no colégio é originário do Programa Nacional de Tecnologia Educacional – PROINFO.

DA UTILIZAÇÃO DO LABORATÓRIO

A utilização do Laboratório de Informática é prioritária aos professores durante a hora-atividade ou contraturno, para pesquisas e produção de material didático. A CRTE poderá fazer uso das tecnologias por meio de acessórias para realização de cursos e oficinas.

Os alunos poderão fazer uso do Laboratório de Informática somente como instrumento de aprendizagem, como: pesquisa escolar, produção de atividades e trabalhos escolares e, desde que acompanhada de professor ou do profissionais responsáveis designados pela direção do Estabelecimento de Ensino.

O encaminhamento das atividades pedagógicas com alunos no Laboratório de Informática é de responsabilidade do professor proponente da atividade, mediante a apresentação de um projeto específico para o Laboratório e agendamento com no mínimo 24 horas de antecedência.

DO HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO

Corresponderá ao horário de funcionamento do Estabelecimento de Ensino.
das 07h30min às 12h – Manhã
das 13h às 17h30min – vespertino
das 19h às 23h – noite

O Laboratório de Informática poderá funcionar aos sábados, para atendimento a programas, desde que reservado antecipadamente e com o acompanhamento do profissional designado pela Direção do Estabelecimento de Ensino.

ATIVIDADES REALIZADAS NO LABORATÓRIO DE INFORMÁTICA

- Pesquisa de alunos orientada pelos responsáveis pelo laboratório;
- Pesquisa com fins pedagógicos;
- Consulta em sites especializados;
- Estudo dirigido;
- Elaboração de aulas;
- Cursos para professores e alunos;
- Aula direcionada a pesquisa;
- Reuniões diversas;
- Aulas expositivas com uso de datashow.

DIREITOS DOS USUÁRIOS

Para a utilização dos computadores do Laboratório de Informática, os usuários deverão ser cadastrados no sistema pelo ADM Local, o qual fornecerá login e senha individual.

- Ter acesso democrático e gratuito;
- Solicitar ajuda aos responsáveis designados pela direção;

RESPONSABILIDADES

- Respeitar as normas de convivência em ambientes públicos e de uso dos serviços, assim como as normas de preservação do patrimônio.
- Observar as orientações dos funcionários.
- Repôr o patrimônio que extraviar ou danificar.
- Respeitar aos horários definidos para o uso do laboratório de informática..

COMPORTAMENTO

- Os computadores devem ser preservados para o bom uso de todos.
- Nunca expor à água, à sujeira, ou outras situações que possam danificá-los.
- Ao professor cabe orientar os alunos sobre o comportamento a seguir nas dependências do laboratório.
- O professor, ao solicitar uma pesquisa ao aluno, deve orientá-lo.
- Cabe ao usuário manter a conservação e o bom uso dos equipamentos que estão no Laboratório de Informática.
- Para sanar dúvidas quanto ao uso dos equipamentos, consultar o funcionário responsável, designado pela Direção do Colégio e jamais tomar atitudes individuais que possam prejudicar os equipamentos.
- Zelar para o bom funcionamento dos computadores.
- Fica proibido aos alunos ir ao laboratório de informática em horário de aula, a não ser sob orientação da direção.
- É permitido aos alunos utilizarem o laboratório de informática nos horários contraturno ao horário de aula.

PARA GARANTIR A HARMONIA E O RESPEITO NO AMBIENTE

- Não fumar, não fazer uso de chicletes.
- Não consumir alimentos e bebida de qualquer espécie em frente ao computador.
- Manter o celular desligado.
- Não frequentar o laboratório de informática sem objetivo justificado.
- Observar as normas e respeitá-las.

NORMAS

Prioridades para o uso do Laboratório de Informática:

- Professores em hora-atividade ou professores no desenvolvimento de atividades com alunos;
- Alunos acompanhados pelos profissionais responsáveis, designados pela Direção do Estabelecimento de Ensino;
- Demais membros da comunidade escolar em horários em que o Laboratório de Informática não esteja atendendo às prioridades 1 e 2;

- É permitido utilizar o laboratório, fora do horário de aula, para realização de trabalhos ou estudos, mediante identificação do usuário pelo Adm Local do Estabelecimento de Ensino;
- Os horários de funcionamento do Laboratório de Informática devem ser pré-estabelecidos pela Direção da Escola com aprovação do Conselho Escolar e fixados em lugar visível;
- O agendamento do Laboratório de Informática deverá ser feito, 24h de antecedência, com os profissionais designados pela Direção da Escola.
- A impressão será disponibilizado para uso exclusivo da escola, conforme determinação da Direção, sendo determinantemente proibida a cobrança de taxas para uso desse serviço.
- Cabe à Direção e Conselho Escolar do Estabelecimento de Ensino definir as Normas de Impressão de Material de Uso Pedagógico pelos professores, equipe pedagógica, administrativa e alunos.
- Ficou determinado pela Direção da Escola que a princípio a cota de impressão para os professores será de 50(cinquenta) cópias mensais.

6.7 PLANO DE AÇÃO DO LABORATÓRIO DE CIÊNCIAS

LABORATÓRIO (do latim: *labor* = trabalho, *oratorium* = lugar de reflexão)

O laboratório é um recinto construído para a execução de experiências. Ele deve apresentar instalações de água, gás, eletricidade e deve ser bem ventilado e iluminado.

O laboratório de ciências tem por objetivos atender professores e alunos das disciplinas de ciências, biologia, física e química, proporcionando o desenvolvimento de atividades práticas e de observação.

• SEGURANÇA

- Não correr;
- Manter os acessos desimpedidos;
- Não comer, beber ou fumar;
- Manter o local sempre limpo e organizado;
- Fechar as gavetas e armários logo após o uso;
- Usar jaleco ou avental e sapatos fechados;
- Óculos quando necessário;
- Luvas de borracha para trabalhar com produtos corrosivos;
- Não pegar produtos químicos com as mãos;
- Utilizar uma espátula limpa para retirar produtos químicos sólidos dos frascos;
- Lavar a espátula e guarde imediatamente após o uso;

- Não provar o “sabor” de nenhum produto químico;
- Cuidado ao cheirar os gases;
- Limpar respingos imediatamente;
- Lavar as mãos após cada experiência;
- Não pegar com as mãos equipamentos que foram aquecidos e podem estar quentes;
- Não usar vidros quebrados ou rachados;
- Não misturar produtos químicos sem orientação;
- Não cheirar reagentes ao ser aberto;
- Em caso de acidentes, procure o responsável.

DESCRIÇÃO DA FUNÇÃO DE TÉCNICO DE LABORATÓRIO

- Auxiliar docentes nas atividades de ensino, preparando materiais e equipamentos necessários para aulas (práticas), fazendo acompanhamento nas aulas laboratoriais;
- Auxiliar docentes no treinamento de alunos e estagiários para operação de instrumentos e execução de técnicas laboratoriais e de experimentação;
- Preparar e utilizar soluções, amostras, solventes, empregando a aparelhagem e técnicas específicas, de acordo com a determinação dos professores;
- Regular, controlar e operar os equipamentos de acordo com os tipos de testes solicitados, adequando-os aos objetivos do trabalho;
- Executar o tratamento e descarte de resíduos e solventes, com base em normas de segurança;
- Executar ou promover, conforme o caso, atividades de manutenção preventiva e corretiva, necessárias à conservação de equipamentos, instrumentos e outros materiais;
- Participar na elaboração de relatórios das atividades desenvolvidas, abrangendo os métodos, materiais, equipamentos e resultados alcançados;
- Participar na elaboração de manuais de procedimentos para operação de instrumentos e execução de técnicas laboratoriais e de experimentos;
- Controlar o estoque dos materiais relativos ao laboratório, tomando as providências necessárias para sua reposição;
- Zelar pela guarda, limpeza e conservação dos equipamentos, instrumentos e materiais utilizados nos trabalhos;
- Agendar, com antecedência o uso do laboratório, com o nome do professor, turma, horário e prática a ser executada;
- Desempenhar outras atividades correlatas e afins.

ATIVIDADES REALIZADAS NO LABORATÓRIO DE INFORMÁTICA

O Laboratório de Informática é de natureza pedagógica, destinando-se , prioritariamente, ao desenvolvimento de atividades escolares e como forma de democratizar e universalizar o acesso às tecnologias de informação e comunicação por meio da incorporação, pelos sujeitos da educação e por toda a comunidade escolar, da cultura do uso consciente e responsável desses recursos.

O Laboratório de Informática disponível no Colégio é originário do Programa Nacional de Tecnologia Educacional – PROINFO.

DA UTILIZAÇÃO DO LABORATÓRIO

A utilização do Laboratório de Informática é prioritária aos professores durante a hora-atividade ou contraturno, para pesquisas e produção de material didático. A CRTE poderá fazer uso das tecnologias por meio de acessórias para realização de cursos e oficinas.

Os alunos poderão fazer uso do Laboratório de Informática somente como instrumento de aprendizagem, como: pesquisa escolar, produção de atividades e trabalhos escolares e, desde que acompanhada de professor ou do profissionais responsáveis designados pela direção do Estabelecimento de Ensino.

O encaminhamento das atividades pedagógicas com alunos no Laboratório de Informática é de responsabilidade do professor proponente da atividade, mediante a apresentação de um projeto.

DO HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO

O Laboratório de Informática poderá funcionar aos sábados, para atendimento a programas, desde que reservado antecipadamente e com o acompanhamento do profissional designado pela Direção do Estabelecimento de Ensino.

ATIVIDADES REALIZADAS NO LABORATÓRIO DE INFORMÁTICA

- Pesquisa de alunos orientada pelos responsáveis pelo laboratório;
- Pesquisa com fins pedagógicos;
- Consulta em sites especializados;
- Estudo dirigido;
- Elaboração de aulas;

- Cursos para professores e alunos;
- Aula direcionada a pesquisa;
- Reuniões diversas;
- Aulas expositivas com uso de datashow.

DIREITOS DOS USUÁRIOS

Para a utilização dos computadores do Laboratório de Informática, os usuários deverão ser cadastrados no sistema pelo ADM Local, o qual fornecerá login e senha individual.

- Ter acesso democrático e gratuito;
- Solicitar ajuda aos responsáveis designados pela direção.

COMPORTEAMENTO

- Os computadores devem ser preservados para o bom uso de todos.
- Nunca expor à água, à sujeira, ou outras situações que possam danificá-los.
- Ao professor cabe orientar os alunos sobre o comportamento a seguir nas dependências do laboratório.
- O professor, ao solicitar uma pesquisa ao aluno, deve orientá-lo.
- Cabe ao usuário manter a conservação e o bom uso dos equipamentos que estão no Laboratório de Informática.
- Para sanar dúvidas quanto ao uso dos equipamentos, consultar o funcionário responsável, designado pela Direção do colégio e jamais tomar atitudes individuais que possam prejudicar os equipamentos.
- Zelar para o bom funcionamento dos computadores.
- Fica proibido aos alunos ir ao laboratório de informática em horário de aula, a não ser por direcionamento da direção.
 - É permitido aos alunos utilizarem o Laboratório de Informática nos horários contra turno ao horário de aula.

PARA GARANTIR A HARMONIA E O RESPEITO NO AMBIENTE

- Não fumar, não usar chicletes.
- Não consumir alimentos de qualquer espécie em frente ao computador.
- Manter o celular desligado.
- Não frequentar o laboratório de informática sem objetivo justificado.
- Observar as normas e respeitá-las.

6.8 FORMAÇÃO E FUNÇÃO DE PROFESSORES

NOME	FUNÇÃO	FORMAÇÃO
1. Adilson Miguel Cararo	Prof. Ed. Física	Educação Física
2. Adriana Krieger Freitas	Prof. Sociologia	Direito / Pedagogia
3. Adriane Meyer Vassão	Prof. Profuncionário	Pedagogia
4. Aline Maria Dlugosz	Prof. Profuncionário	Informática
5. Ana Maria Ruva	Prof. LEM-Inglês	Letras / Inglês
6. Andreia Przybiovic	Prof. História	História
7. Andréia sikora	Prof. Biologia	Biologia
8. Angela Maria Corso	Prof. Profuncionário	Pedagogia
9. Aurea Marlene Ribeiro Tumas	Prática de Formação Prof. Conc. Nort. Ed. Esp.	Pedagogia
10. Carlos Correa Máximo	Prof. Geografia	Geografia
11. Carlos Daniel Gonçalves de Oliveira	Prof. Educação Física	Educação Física
12. Christian Bueno Cruz	Prof. Física	Matemática
13. Claudiney dos Santos Herthel	Prof. Educação Física	Educação Física
14. Cleide Munhoz	Prof. Fund. Hist. Educ. Prof. Fund. Fil. Educ.	Pedagogia / Ed. Especial
15. Cleisi Delong	Prof. Sala de Recursos	Pedagogia
16. Cleusa Traczynski Marconato	Prof. L. Portuguesa	Letras
17. Crislaine Vieira Monteiro	Prof. LEM-Espanhol (CELEM)	Letras Espanhol
18. Deusimara Kakol	Prof. Sociologia	Pedagogia
19. Diego Salvado Tartaroti	Prof. História	História
20. Ederson de Lima Pacheco	Prof. Química	Biologia / Química
21. Edineia da Silva Lucas	Prof. Matemática	Matemática
22. Elaine Cristina Sedoski	Prof. Matemática	Matemática
23. Elenita Chuproski Scharlau	Prof. Artes / L. Portuguesa	Letras / Português
24. Eliana Aparecida Pacheco	Prof. L. Portuguesa	Letras / Português
25. Eliana Boyko Roepke	Prof. História	História
26. Eliane Bernadete Lucavei	Prof. L. Portuguesa	Letras / Português – Inglês
27. Eliane Blem da Silva	Prof. Ed. Física	Letras
28. Elisane Chicalski	Prof. Geografia	Geografia
29. Elisangela Cristina Mendes	Prof. Fund. Psic. Educ. Prof. Prática de Formação Prof. Fund. Hist. Pol. Ed. Prof. Conc. Nort. Ed. Esp. Prof. Trab. Ped. Ed. Inf. Coord. Estágio Prof. Lit. Infantil	Pedagogia / História
30. Eliton Eduardo Candido	Prof. Ed. Física	Educação Física
31. Emanuelle Laars	Prof. Profuncionário	Pedagogia

32. Emerson Zaleski	Prof. Educação Física	Educação Física
33. Enisionete Krupek Sidoski	Prof. Matemática	Ciências
34. Enisionete Padilha Batista	Prof. LEM-Inglês	Letras / Inglês
35. Ernani Pedro de Ramos	Prof. Física	Física
36. Eumenia Serbai	Prof. LEM-Inglês	Letras
37. Flavia Ângela Zanin	Prof. Artes	Letras
38. Gerson dos Santos Freitas	Prof. Ed. Física	Educação Física
39. Glauco Aurelio Roloff	Prof. Química	Química
40. Guiomara Teresinha Menon	Prof. Geografia	Geografia
41. Hugo César Iantas	Prof. Filosofia	Filosofia
42. Ivo Marcelo Felchak	Prof. Geografia	Geografia
43. Izilda Maria Baran Babiuk	Prof. Matemática	Matemática
44. Janaina Stremel Przugoski	Prof. L. Portuguesa	Letras
45. José Jeronimo Bilinski	Prof. Geografia	Geografia
46. José Robyson Aggio Molinari	Prof. Matemática	Matemática
47. Joseli Aparecida Vieira Guimarães Pabis	Prof. Artes	História
48. Josiane Kosinski	Prof. Lei 15308/06	Letras / Inglês
49. Josiane Luisa Kieltyka	Prof. LEM-Espanhol	Letras
50. Josiane Rocha de Ponte	Prof. LEM-Espanhol	Letras / Inglês Espanhol
51. Josimari Zuchelli	Prof. LEM-Espanhol	Letras
52. Juirce Kosinski	Prof. L. Portuguesa	Letras / Português
53. Kamyla Silva Soares Manosso	Prof. Artes	Artes - Cursando
54. Karin Osinski Ferreira	Prof. Educação Física	Educação Física
55. Katlen Kozlik	Prof. Lei 15308/06	Letras / Português
56. Lais de Lara	Prof. L. Portuguesa	Letras
57. Loren Julia França Reck Zanetti	Prof. L. Portuguesa	Letras
58. Lorena Luitz Byczkowski	Prof. Física	Física
59. Lucas Hlatki	Prof. Matemática	Matemática / Ciências
60. Lucélia Lucavei	Prof. História	História
61. Luciana Schneider	Prof. L. Portuguesa	Letras
62. Luciane Domingues Danilenko	Prof. Química	Química
63. Luciane Passos	Prof. Matemática	Matemática
64. Lucilene Van Kragenburg	Prof. L. Portuguesa	Letras
65. Magleine Andrade Chepluki	Prof. Sociologia Prof. História	História
66. Marcelo Dal Santos	Prof. Química	Química
67. Margarida Costa Kieltyka	Prof. Org. Trab. Ped. Prof. Prática de Formação	Pedagogia
68. Mari Eliane Blem da Silva	Prof. Sociologia	
69. Maria Amelia Inglês	Prof. Lei 15308/06	Letras / Português
70. Maria Inês Danielvizi	Prof. Ciências	Biologia
71. Maria Zenilda Chmulek	Prof. Ciências	Matemática/Ciências
72. Mariângela Ceschim Iurk	Prof. Biologia Prof. Ciências	Biologia
73. Marilene Neineska	Prof. Matemática	Ciências
74. Marina Bartiechen	Prof. Artes	Geografia
75. Marinez Michelon	Prof. Filosofia	Filosofia

76. Marisa Eliane Conde Rodrigues	Prof. Artes	Artes – cursando
77. Marisa Remar	Prof. LEM-Inglês (CELEM)	Letras
78. Marli de Lima da Silva	Prof. Sociologia Prof. Profuncionário	Pedagogia
79. Marli Dwulatka	Prof. L. Portuguesa	Letras / Português
80. Marta Rita Gontarz Pires	Prof. Lei 15308/06	Letras / Inglês
81. Natalia Novak	Prof. Artes	Artes
82. Olivia Genozilda de Quadros	Prof. Matemática	Matemática
83. Patricia Cristina Sapla	Prof. Lei 15308/06	Biologia
84. Renate Neumann	Prof. Biologia	Biologia
85. Rosane Schaly Gembarowski	Prof. Ciências	Ciências
86. Rosane Terezinha Marochi	Coord. Curso For. Doc.	Pedagogia / Ed. Especial
87. Rosangela Klosowski	Prof. Matemática	Matemática
88. Sandra Beatriz Rodrigues França	Prof. LEM-Inglês	Letras
89. Silvana Slominski	Prof. História Prof. Ens. Religioso	História
90. Silvia Valeski	Prof. Física	Ciências
91. Simone Bernadete Paulino Bianco	Prof. Form. Docentes	Letras
92. Solange Gaioski	Prof. L. Portuguesa	Letras
93. Sonia Regina Leandro Jorge	Prof. LEM-Inglês	Letras
94. Stelamari Crovador	Prof. História	Histórias
95. Valdecir Aksenon	Prof. Matemática	Ciências
96. Vera Lucia Girardi	Prof. L. Portuguesa	Letras / Português
97. Vera Luz Menon	Prof. Filosofia	História
98. Veronica Cabral	Prof. Estágio	
99. Vivian Dallagnol de Campos	Prof. Geografia	Geografia
100. Viviane Cecilia Pereira	Prof. Biologia	Ciências
101. Yeda Carla Zanlorensi	Prof. História	História

6.9 FORMAÇÃO E FUNÇÃO DE FUNCIONÁRIOS

Nome	FUNÇÃO	FORMAÇÃO
1. Alfredo Kortelt	Tec. Administrativo	Ens. Médio
2. Ana Lúcia De Lara	Agente Educacional I	Ens. Médio
3. Aurora Aparecida Gaspar	Agente Educacional I	Ensino Médio
4. Célia Bernadet Vieira	Professora Pedagoga	Pedagogia
5. Cirene Rossa Teixeira	Professora Pedagogia	Pedagogia
6. Cleide Munhoz	Professora Pedagogia	Pedagogia
7. Délvin Darci Busquette	Agente Educacional I	Ens. Médio

8. Elisangela Cristina m. Dlugosz	Coordenadora de Estágio	Pedagogia
9. Felomena Vozniak	Agente Educacional I	Ens. Médio
10. Irene Longato Orchel	Agente Educacional I	Ens. Fundamental
11. Jaqueline Aparecida Bobroski	Diretora Auxiliar	Pedagogia
12. José Agnaldo Rodrigues	Diretor	Geografia
13. Juvenal Likes	Agente Educacional II	Ciências Contábeis / Administração
14. Luciano Kingerski	Agente Educacional II	Pedagogia
15. Luzia Dos Santos Freitas	Secretária	Pedagogia
16. Maria Aparecida Hohmann	Agente de Apoio	Ciências incompleto
17. Marilei Aparecida Bomfim	Agente Educacional I	Ens. Médio
18. Marli Terezinha Lascoski	Agente Educacional I	Ens. Fundamental
19. Marta Izraella Stezty	Professora Pedagoga	Pedagogia
20. Mirian Adalgisa Bedim	Professora Pedagoga	Pedagogia
21. Regina Maria Pessoa Smolka	Ass. Administrativo	Pedagogia
22. Rosane t. Marochi	Professora Pedagoga	Pedagogia
23. Rosangela Kava Stroparo	Professora Pedagoga	Pedagogia
24. Rosangela Vaz	Agente Educacional II	Ensino Médio
25. Salete Mazurek	Agente Educacional I	Ensino Médio
26. Sandra Aksenen	Agente Educacional II	Ens. Médio
27. Silmara Passos	Professora Pedagoga	Pedagogia
28. Simone Homiak	Agente Educacional II	Ciências
29. Tamires Nedopetalski	Agente Educacional I	Ens. Médio
30. Valdir Vicente Nós	Ass. Administrativo	Ens. Médio
31. Valter Luis Zakowicz	Agente Educacional II	História
32. Vanda Bielik	Agente Educacional I	Ens. Médio
33. Vicente Paulo De Lara	Agente Educacional I	Ens. Fundamental
34. Zuleica Maria Patriyh	Agente Educacional II	Ens. Médio

6.10 FORMAÇÃO CONTINUADA

No contexto atual se faz necessário levantar possibilidades e alternativas viáveis, articulando e colocando em ação conhecimentos, habilidades, valores, teorias, experiências, as quais capazes de transformarem a qualidade da educação com a melhoria permanente da atuação profissional.

Acreditamos ser a formação continuada a grande meta da Instituição Escolar assim como de todas as políticas educacionais. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 9394/96 estabelece no art. 67 que:

Os sistemas de ensino promoverão a valorização dos profissionais da educação, assegurando-lhes inclusive nos termos dos estatutos e dos planos de carreira do magistério público (...) II. Aperfeiçoamento profissional continuado inclusive com licenciamento periódico remunerado para este fim; (...) IV. Progressão funcional baseada na titulação ou habilitação, e na avaliação do desempenho; V. período reservado a estudos, planejamento e avaliação incluído na carga de trabalho.

O Plano Nacional de Educação reforça diretrizes para a formação dos profissionais da Educação Pública garantida pelas secretarias estaduais e municipais da Educação, cuja atuação incluirá a coordenação, financiamento e a manutenção de programas de formação continuada como ação permanente, com a parceria de universidades e instituições de ensino superior.

A Secretaria de Estado da Educação do Paraná estabelece como meta a “Valorização dos Profissionais da Educação” através de um Programa de Formação Continuada dos Professores e Profissionais da Educação.

Segundo Moraes (1987, p.189):

O acesso à informação é fundamental, imprescindível para o desenvolvimento de um espaço democrático e caberá à educação um papel fundamental nesse sentido... Jamais chegaremos a uma sociedade informatizada desenvolvida se o conhecimento dos códigos instrumentais e as operações em rede se mantiveram nas mãos de poucos iniciados. É portanto uma questão de sobrevivência das sociedades que todos os indivíduos saibam operar as novas tecnologias da informação.

O investimento na formação do professor é um dos componentes da transformação social e das relações sociais, pois é preciso acreditar que a Educação se efetiva no diálogo, na criatividade, no trabalho, na práxis, enfim, no saber, acreditar e fazer, pois o saber-fazer e o saber-ser orientam as diversas práticas pedagógicas que ocorrem na Escola.

À Escola cabe a responsabilidade de proporcionar a criação de espaços permanentes de pesquisa, estudos e de apoio à inovação valorizando os gestores participantes desses novos processos, criando novas estratégias novos métodos e novos modos de organizar o trabalho escolar.

Na evolução todos precisam abandonar padrões e abraçar novos paradigmas, contribuindo desta forma para a reflexão constante da prática educacional e seu aperfeiçoamento técnico, ético e político, e na concretização de novas propostas pedagógicas, fazendo o que deve ser feito, um pouco melhor a cada dia.

Na medida em que as mudanças sociais, culturais, políticas e econômicas exigem novas posturas perante a realidade, cabe a Secretaria de Educação, Conselho Estadual de Educação, às Universidades Públicas e Privadas, às Associações e Sindicatos e demais órgãos da sociedade civil, caminhar lado a lado dos profissionais da educação construindo referências dignas e éticas, expressados em projetos coletivos que favoreçam a ação consciente da ciência a favor da cidadania.

A direção e equipe pedagógica do Col. Est. Antonio Xavier da Silveira organizará projetos coletivos de formação continuada, tais como: grupo de estudos por área para resolver problemas e apontar possíveis soluções para as dificuldades encontradas no dia-a-dia escolar e promover a formação continuada de forma eficiente e eficaz, além de motivar e favorecer a participação dos professores e funcionários nos cursos de capacitação oferecidos pela mantenedora como: Semanas Pedagógicas, GTR, PDE e Profuncionário, além da formação para os conselheiros por meio de grupos de estudo, bem como, os estudos oferecidos pela secretaria de educação.

6.11 CONSELHO ESCOLAR

A construção de uma escola pública democrática e com qualidade social demanda a consolidação e o inter-relacionamento dos diferentes órgãos colegiados, onde o Conselho Escolar tem papel decisivo na medida que reúne diretores, professores, funcionários, estudantes, pais e outros representantes da comunidade para discutir, definir e acompanhar o desenvolvimento do Projeto Político Pedagógico da escola, constituindo-se uma forma colegiada da gestão democrática, que deixa de ser de uma só pessoa e passa a ser uma gestão colegiada, na qual os segmentos escolares e a comunidade local se congregam para, juntos, construir uma educação de qualidade e socialmente relevante, pois a escola só faz sentido como espaço de formação humana e de aprendizagem significativa.

Neste contexto o Conselho Escolar torna-se um parceiro comprometido com as atividades que se desenvolvem no interior da escola, acompanhando o desenvolvimento da prática educativa e do processo ensino-aprendizagem, sendo o órgão consultivo, deliberativo e de mobilização mais importante do processo da gestão democrática na escola, com função fundamental político-pedagógico. Política na medida em que estabelece transformações desejáveis na prática educativa escolar e pedagógica quando indica os mecanismos necessários para que esta

Gilberto Ivan Dias Soares
Jaqueline Ap. Lascoski Bobroski
Josiane Kosinski
Katlen Kozlik
Silmara Passos
Vanda Bielik
Zuleica Maria Patriyh
REPRESENTANTES DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS E ALUNOS
Claudia Bonete Siquinel
Cleide Chaves
Daiane de Souza
Daniele Correia
Dione Cristina Antunes Gehrke
Fatima Ecard da Rocha Aragao
Francieli Cristina Roik
Neli Maria Lemos de Andrade
Stephany Kobener
Thiago Vinicius Mattoso Gorte
REPRESENTANTES DA SOCIEDADE CIVIL
Sonia Aparecida Scepaniski

30
le
lo
s,
is
a
n
é
o,
or
r,
te

Rua Nossa Senhora de Fátima, 815 Centro Cep:84500-000 Irati-PR Fone/Fax: 42 3423 2398/3422 9612 - colegiosvier@yahoo.com.br

•

6.12 CONSELHO DE CLASSE

O trabalho educativo tem-se mostrado bastante complexo quando se deseja trabalhar numa perspectiva de transformação que leve professores e alunos a serem sujeitos da história e agentes de transformações sociais.

Essa perspectiva de trabalho escolar se calca num processo de avaliação que auxilie o aluno a desenvolver uma aprendizagem significativa, na qual a promoção é uma decorrência do processo.

Neste sentido, o Conselho de Classe pode ser um instrumento de transformação da cultura escolar sobre avaliação e da prática de avaliação em sala de aula, sendo um momento de reflexão sobre a ação pedagógico-educativa a fim de verificar se os objetivos, processos, conteúdos e relações estão coerentes com o referencial do trabalho pedagógico definido no Projeto Político Pedagógico.

Assim, o Conselho de Classe constitui-se numa ação pedagógica intencionalmente executada e com finalidade definida que busca coletivamente alternativas de ação que levem à consecução dos objetivos propostos, sendo um momento alegre, prazeroso e ao mesmo tempo sério, um espaço prioritário de tomada de decisões coletivas pedagógicas que de maneira ética assegurem a efetivação do Projeto Político Pedagógico.

Neste estabelecimento, será organizado por turno, em datas previamente estabelecidas no calendário escolar, ordinariamente a cada bimestre e extraordinariamente quando houver necessidade, assegurando a participação de todos os envolvidos diretamente no trabalho pedagógico escolar.

Será presidido pelo diretor ou diretor-auxiliar e na sua ausência, por um professor pedagogo e poderá contar com a participação de alunos representantes de turmas.

As reflexões, discussões e decisões definidas coletivamente no mesmo, serão devidamente registradas em ata, em livro próprio.

O trabalho desenvolvido no conselho será baseado em dados coletados pela Equipe Pedagógica em Pré-conselhos realizados em oportunidades como hora-atividade e reuniões pedagógicas e dados registrados pelos professores em fichas próprias.

6.13 CRITÉRIOS PARA REVISÃO DE RESULTADO FINAL DO DESEMPENHO DO ALUNO SOLICITADO PELO NRE EM CASO DE RECURSOS

1. Cópia do calendário escolar comprovando que foram ministrados os 200 dias letivos;
2. Cópia do livro de registro de classe onde se possa avaliar a situação do aluno no tocante a presenças, avaliações e recuperações paralelas;
3. Cópia da Proposta Pedagógica Curricular e do Plano de Trabalho Docente da disciplina para que seja confrontado com os registros no livro de registro de classe;
4. Cópia da ata do Conselho de Classe onde se decidiu pela retenção do aluno. importante que na ata estejam descritos os critérios utilizados pelo Conselho de Classe;
5. Cópia das atas dos Conselhos de Classes bimestrais, trimestrais ou semestrais (de acordo com o regime adotado pelo estabelecimento);
6. Comprovação de que os pais do aluno estavam inteirados da situação escolar do aluno durante todo o ano letivo;
7. Cópia de parte da Proposta Pedagógica do Estabelecimento onde se discorre sobre avaliação;
8. Cópia de parte do regime interno do estabelecimento onde se discorre sobre prazos de recursos. Informamos que não se faz necessário relatórios e nem tampouco a presença dos professores das disciplinas de retenção do aluno, pois

a documentação solicitada, que é de responsabilidade do Estabelecimento, é suficiente para a análise da Equipe Pedagógica do NRE.

6.14 NORMAS DE CONVIVÊNCIA

O Colégio procura democratizar as relações entre os membros, fazendo do espaço escolar um ambiente acolhedor, onde os direitos e deveres são pontos relevantes dentro da instituição.

Assim, analisando o trabalho educativo, coletivamente foram discutidas e estabelecidas algumas normas que nortearão a organização e o bom andamento das atividades escolares, entendendo-se que a escola deve oferecer oportunidades iguais a todos, tanto para alunos como para professores, pais e funcionários.

-

6.15 INFORMATIVO ESTUDANTIL

Colégio Estadual Antonio Xavier da Silveira

Rua Nossa Sra de Fátima, 815 – Centro CEP: 84500-000 Irati – Paraná Fone: (42) 34229612 Fone/Fax: (42) 3423 2398 – colegioxavier@yahoo.com.br

Regulamento – Ensino Fundamental – 2011

Prezado Aluno:

Este documento apresenta-lhe as disposições e normas que o auxiliarão a orientar-se e assumir o seu papel neste Estabelecimento de Ensino, pois pretendemos que a sua permanência aqui seja pautada pelo idealismo e determinação.

Informações aos pais e responsáveis:

- As Avaliações serão **diagnósticas, somativas, formativas e contínuas**, divididas da seguinte forma: 70 % da nota bimestral em avaliações formais e 30 % da nota em outras atividades avaliativas orais e escritas (pesquisas, trabalhos em grupos e demais atividades cotidianas) com recuperação paralela e contínua dos conteúdos trabalhados oportunizando 100% de aproveitamento de acordo com a especificidade da disciplina. **A média bimestral do Ensino Fundamental é de 6,0 pontos, totalizando ao final dos quatro bimestres 24 pontos.**
- Notas e faltas serão comunicadas aos pais ou responsáveis por Boletins e/ou Edital e/ou também por telefone e/ou e-mail. Comunicaremos ao Conselho Tutelar quando o seu filho faltar 3 dias consecutivos ou 5 alternados, sem comunicado de justificativa da família.
- Os pais deverão comparecer na escola **sempre** que solicitados pela Direção/Equipe Pedagógica e Corpo Docente, na data e horário determinado (ou pelo menos 1 vez em cada bimestre), pois, de acordo com o Art. 129 do ECA, item 5: são medidas aplicadas aos pais: obrigação de matricular o filho ou pupilo e acompanhar a sua frequência e aproveitamento escolar.
- Os pais deverão comunicar a equipe pedagógica quando o aluno apresentar problemas de doença ou dificuldade de aprendizagem que necessitem de adaptação curricular ou adequações especiais (Ex.: incontinência urinária, dislexia, etc.)

Direitos dos Alunos:

- Participar do Grêmio Estudantil do Colégio e de atividades extra-curriculares;
- Utilizar serviços e dependências escolares dentro das normas estabelecidas no Regulamento Interno;
- Solicitar revisão de provas por intermédio dos pais (se menor), observando o tempo legal de 72 (setenta e duas) horas após a divulgação.

Deveres dos Alunos:

- Acatar as determinações pedagógicas e sociais da direção, equipe pedagógica, dos professores e dos funcionários do colégio, tratando a todos com igualdade e respeito. **Obs:** Desacato ao funcionário público (professores e funcionários). No **Art. 331** – Desacatar funcionário público no exercício da função ou em razão dela: **Pena** – detenção, de 6 (seis) meses a 2 (dois) anos, ou multa;
- Cooperar na manutenção da higiene, na conservação das instalações escolares e de todo o material escolar de uso comum;
- Entregar aos pais ou responsáveis a correspondência enviada pelo colégio e devolvê-la devidamente assinada quando solicitada;
- Procurar resolver questões, dúvidas e reclamações primeiramente com o professor da disciplina, equipe pedagógica e depois direção.
- Respeitar os horários de entrada e saída: (Manhã: 07:30 às 11:55 / Tarde: 13:05 às 17:30 / Noite: 18:50 às 23:00);
- Apresentar justificativa à equipe pedagógica quando chegar atrasado, pois a mesma comunicará os pais após o terceiro atraso sem motivo plausível;
- A saída antes do término deverá ser com a presença ou autorização dos pais ou responsáveis por telefone ou bilhete;
- Entrar e sair das salas de aula sem tumulto, mantendo atitudes de respeito e consideração aos colegas, professores e funcionários do colégio;
- Sua saída da sala de aula, durante as aulas, só será permitida com a utilização do crachá, e após o sinal de intervalo e saída, com autorização do professor;
- **Uso obrigatório do uniforme escolar** (no turno diurno é obrigatório calça e camiseta e à noite a camiseta) conforme estabelecido em Ata de Reunião da APMF, Art. 18 do ECA, também porque facilita a identificação do aluno, é prático e econômico, além de demonstrar organização pessoal. Após este prazo de 15 dias do início das aulas, o aluno que não estiver de uniforme, será comunicado aos seus responsáveis;
- Ser pontual quanto à entrega de trabalhos e atividades escolares feitas em sala de aula no dia a dia atendendo solicitações dos professores;

- Apresentar requerimento (com justificativa plausível: morte, doença com atestado, acidente, Fera, teatro, jogos escolares, viagens familiares, consulta médica e exames laboratoriais, curso com assinatura do responsável, atividades extra-curriculares da Escola), solicitando a realização de provas e trabalhos quando não fizer no dia marcado, cabendo a equipe pedagógica certificar-se ligando para os pais ou responsáveis;
- Aceitar os recursos utilizados pelos professores no decorrer das aulas (DVD, retroprojeter, livros, revistas, tv pendrive, data show, entre outros), pois são necessários para o aprimoramento das aulas;
- Indenizar os prejuízos quando produzir danos materiais ao estabelecimento, ou objetos de propriedade dos colegas, professores e funcionários, vídeos, carteiras ou qualquer parte do prédio com nomes, desenhos e outros sinais;

É proibido ao Aluno:

- Entrar na sala de aula após o professor sem a autorização do mesmo ou Equipe Pedagógica;
- Interromper as aulas, entrando e saindo da sala, sem permissão;
- Permanecer no corredor durante os intervalos de aula causando tumulto;
- Retirar-se do colégio sem permissão da Direção e Equipe Pedagógica;
- Deixar de assistir aulas estando no estabelecimento, gazeando aula, sob penalidade de advertência por escrito;
- Emprestar material de outros alunos (apostilas, livros, etc) nos intervalos de aula;
- Entregar livros na Biblioteca a qualquer momento, somente durante a aula da respectiva disciplina ou no recreio ou no horário determinado para o seu turno;
- É expressamente proibido o uso celular nas aulas, bem como revistas, livros e objetos que não são de natureza pedagógica, pois se o professor pegar o celular ligado durante a aula, o mesmo será entregue para os pais e/ou responsável em data e horário estabelecido pela equipe pedagógica. Portanto o furto de celular, mp's, câmera digital, dinheiro e outros acessórios, **não** é de responsabilidade do Estabelecimento de Ensino;
- Fazer parte de brincadeiras que gerem violência, bullying, chá de cueca, sob pena de encaminhamento a Patrulha Escolar;
- Usar adereços coloridos (pulseiras) que tenham conotação sexual;
- Trazer brinquedos, jogos, baralho, cobertores, pantufas, chimarrão, doces, cosméticos, cigarros, bebidas, entorpecentes, sob pena de encaminhamento a Patrulha Escolar;
- Usar correntes grossas e brincos pontiagudos, sob pena de encaminhamento a Patrulha Escolar;
- Impedir a entrada de colegas às aulas e ainda incitá-los à ausência no Colégio;
- Usar meios fraudulentos em trabalhos escolares ou em qualquer forma de avaliação de aprendizagem;
- Apropriar-se de objetos, materiais dos colegas, sem o seu prévio consentimento, pois o material escolar e pessoal é de inteira responsabilidade de seu dono;
- Fazer-se acompanhar de elementos estranhos nas dependências ou imediações do Colégio;
- Causar problemas de qualquer natureza aos vizinhos do Colégio;
- Permanecer nas dependências ou em frente do Colégio fora do seu horário de aulas;
- Fumar, ingerir bebidas alcoólicas ou quaisquer substâncias tóxicas nas dependências do Colégio;
- Trazer para o Colégio qualquer objeto que coloque em risco a sua integridade física ou moral, bem como brigar nas dependências e imediações do colégio pondo em risco a integridade de seus colegas e comunidade escolar;
- Namorar ou "ficar" nas dependências do colégio;
- Organizar rifas, bingos, coletas ou campanhas sem autorização prévia da Direção;
- Usar boné, touca ou capuz dentro da sala de aula.
- Sair da sala sem a autorização prévia do professor com o crachá de autorização.
- Praticar qualquer tipo de comércio no interior do estabelecimento (vender CD pirata, bombons, chaveiros, pulseiras, celulares, materiais escolares e outros).

Penalidades:

- A transgressão dos deveres estipulados neste Regulamento acarretará ao aluno, conforme a gravidade da falta, as seguintes providências disciplinares, cuja aplicação será definida pela Direção, Vice-Direção, Equipe Pedagógica e Conselho Escolar do Estabelecimento:
 - Aconselhamento Individual – com comunicado aos pais.
 - Advertência escrita – acarretando: reunião com os pais, professores, equipe pedagógica, Conselho Escolar, providenciando a mudança de turma, turno ou transferência de estabelecimento.
 - Encaminhamento ao Conselho Tutelar (também em casos de faltas consecutivas ou alternadas sem justificativa plausível através da ficha do FICA);
 - Encaminhamento a Patrulha Escolar, em caso de brigas com agressão física, portes de arma branca e drogas ilícitas;

Regulamento Estudantil

Nome do Aluno: _____ **Série:** _____ **Turma:** _____ **Turno:** _____

Nome do Responsável: _____

Telefone(s) de contato: Residencial: _____ **Trab. Pai/mãe:** _____

Ciente: _____

Data: ____/____/2011

A Direção / Equipe Pedagógica

Colégio Estadual Antonio Xavier da Silveira

Rua Nossa Sra de Fátima, 815 – Centro CEP: 84500-000 Irati – Paraná Fone: (42) 34229612 Fone/Fax: (42) 3423 2398 – colegioxavier@yahoo.com.br

Regulamento – Ensino Médio por Blocos – 2011

Prezado Aluno:

Este documento apresenta-lhe as disposições e normas que o auxiliarão a orientar-se e assumir o seu papel neste Estabelecimento de Ensino, pois pretendemos que a sua permanência aqui seja pautada pelo idealismo e determinação.

Informações aos pais e responsáveis:

- As Avaliações serão **diagnósticas, somativas, formativas e contínuas**, divididas da seguinte forma: 70 % da nota bimestral em avaliações formais e 30 % da nota em outras atividade avaliativas orais e escritas (pesquisas, trabalhos em grupos e demais atividades cotidianas) com recuperação paralela e contínua dos conteúdos trabalhados oportunizando 100% de aproveitamento de acordo com a especificidade da disciplina. **A média bimestral do Ensino Médio é de 6,0 pontos, totalizando 12 pontos no semestre.**
- Notas e faltas serão comunicadas aos pais ou responsáveis por Boletins e/ou Edital e/ou também por telefone e/ou e-mail. Comunicaremos ao Conselho Tutelar quando o seu filho faltar 3 dias consecutivos ou 5 alternados, sem comunicado de justificativa da família.
- Os pais deverão comparecer na escola **sempre** que solicitados pela Direção/Equipe Pedagógica e Corpo Docente, na data e horário determinado (ou pelo menos 1 vez em cada bimestre), pois, de acordo com o Art. 129 do ECA, item 5: são medidas aplicadas aos pais: obrigação de matricular o filho ou pupilo e acompanhar a sua frequência e aproveitamento escolar.
- Os pais deverão comunicar a equipe pedagógica quando o aluno apresentar problemas de doença ou dificuldade de aprendizagem que necessitem de adaptação curricular ou adequações especiais (Ex.: incontinência urinária, dislexia, etc.)

Direitos dos Alunos:

- Participar do Grêmio Estudantil do Colégio e de atividades extra-curriculares;
- Utilizar serviços e dependências escolares dentro das normas estabelecidas no Regulamento Interno;
- Solicitar revisão de provas por intermédio dos pais (se menor), observando o tempo legal de 72 (setenta e duas) horas após a divulgação.

Deveres dos Alunos:

- Acatar as determinações pedagógicas e sociais da direção, equipe pedagógica, dos professores e dos funcionários do colégio, tratando a todos com igualdade e respeito. **Obs:** Desacato ao funcionário público (professores e funcionários). No **Art. 331** – Desacatar funcionário público no exercício da função ou em razão dela: **Pena** – detenção, de 6 (seis) meses a 2 (dois) anos, ou multa;
- Cooperar na manutenção da higiene, na conservação das instalações escolares e de todo o material escolar de uso comum;
- Entregar aos pais ou responsáveis a correspondência enviada pelo colégio e devolvê-la devidamente assinada quando solicitada;
- Procurar resolver questões, dúvidas e reclamações primeiramente com o professor da disciplina, equipe pedagógica e depois direção.
- Respeitar os horários de entrada e saída: (Manhã: 07:30 às 11:55 / Tarde: 13:05 às 17:30 / Noite: 18:50 às 23:00);
- Apresentar justificativa à equipe pedagógica quando chegar atrasado, pois a mesma comunicará os pais após o terceiro atraso sem motivo plausível;
- A saída antes do término deverá ser com a presença ou autorização dos pais ou responsáveis por telefone ou bilhete;
- Entrar e sair das salas de aula sem tumulto, mantendo atitudes de respeito e consideração aos colegas, professores e funcionários do colégio;
- Sua saída da sala de aula, durante as aulas, só será permitida com a utilização do crachá, e após o sinal de intervalo e saída, com autorização do professor;
- **Uso obrigatório do uniforme escolar** (no turno diurno é obrigatório calça e camiseta e à noite a camiseta) conforme estabelecido em Ata de Reunião da APMF, Art. 18 do ECA, também porque facilita a identificação do aluno, é prático e econômico, além de demonstrar organização pessoal. Após este prazo de 15 dias do início das aulas, o aluno que não estiver de uniforme, será comunicado aos seus responsáveis;
- Ser pontual quanto à entrega de trabalhos e atividades escolares feitas em sala de aula no dia a dia atendendo solicitações dos professores;

- Apresentar requerimento (com justificativa plausível: morte, doença com atestado, acidente, Fera, teatro, jogos escolares, viagens familiares, consulta médica e exames laboratoriais, curso com assinatura do responsável, atividades extra-curriculares da Escola), solicitando a realização de provas e trabalhos quando não fizer no dia marcado, cabendo a equipe pedagógica certificar-se ligando para os pais ou responsáveis;
- Aceitar os recursos utilizados pelos professores no decorrer das aulas (DVD, retroprojetor, livros, revistas, tv pendrive, data show, entre outros), pois são necessários para o aprimoramento das aulas;
- Indenizar os prejuízos quando produzir danos materiais ao estabelecimento, ou objetos de propriedade dos colegas, professores e funcionários, vídeos, carteiras ou qualquer parte do prédio com nomes, desenhos e outros sinais;

É proibido ao Aluno:

- Entrar na sala de aula após o professor sem a autorização do mesmo ou Equipe Pedagógica;
- Interromper as aulas, entrando e saindo da sala, sem permissão;
- Permanecer no corredor durante os intervalos de aula causando tumulto;
- Retirar-se do colégio sem permissão da Direção e Equipe Pedagógica;
- Deixar de assistir aulas estando no estabelecimento, gazeando aula, sob penalidade de advertência por escrito;
- Emprestar material de outros alunos (apostilas, livros, etc) nos intervalos de aula;
- Entregar livros na Biblioteca a qualquer momento, somente durante a aula da respectiva disciplina ou no recreio ou no horário determinado para o seu turno;
- É expressamente proibido o uso celular nas aulas, bem como revistas, livros e objetos que não são de natureza pedagógica, pois se o professor pegar o celular ligado durante a aula, o mesmo será entregue para os pais e/ou responsável em data e horário estabelecido pela equipe pedagógica. Portanto o furto de celular, mp's, câmera digital, dinheiro e outros acessórios, **não** é de responsabilidade do Estabelecimento de Ensino;
- Fazer parte de brincadeiras que gerem violência, bullying, chá de cueca, sob pena de encaminhamento a Patrulha Escolar;
- Usar adereços coloridos (pulseiras) que tenham conotação sexual;
- Trazer brinquedos, jogos, baralho, cobertores, pantufas, chimarrão, doces, cosméticos, cigarros, bebidas, entorpecentes, sob pena de encaminhamento a Patrulha Escolar;
- Usar correntes grossas e brincos pontiagudos, sob pena de encaminhamento a Patrulha Escolar;
- Impedir a entrada de colegas às aulas e ainda incitá-los à ausência no Colégio;
- Usar meios fraudulentos em trabalhos escolares ou em qualquer forma de avaliação de aprendizagem;
- Apropriar-se de objetos, materiais dos colegas, sem o seu prévio consentimento, pois o material escolar e pessoal é de inteira responsabilidade de seu dono;
- Fazer-se acompanhar de elementos estranhos nas dependências ou imediações do Colégio;
- Causar problemas de qualquer natureza aos vizinhos do Colégio;
- Permanecer nas dependências ou em frente do Colégio fora do seu horário de aulas;
- Fumar, ingerir bebidas alcoólicas ou quaisquer substâncias tóxicas nas dependências do Colégio;
- Trazer para o Colégio qualquer objeto que coloque em risco a sua integridade física ou moral, bem como brigar nas dependências e imediações do colégio pondo em risco a integridade de seus colegas e comunidade escolar;
- Namorar ou "ficar" nas dependências do colégio;
- Organizar rifas, bingos, coletas ou campanhas sem autorização prévia da Direção;
- Usar boné, touca ou capuz dentro da sala de aula.
- Sair da sala sem a autorização prévia do professor com o crachá de autorização.
- Praticar qualquer tipo de comércio no interior do estabelecimento (vender CD pirata, bombons, chaveiros, pulseiras, celulares, materiais escolares e outros).

Penalidades:

- A transgressão dos deveres estipulados neste Regulamento acarretará ao aluno, conforme a gravidade da falta, as seguintes providências disciplinares, cuja aplicação será definida pela Direção, Vice-Direção, Equipe Pedagógica e Conselho Escolar do Estabelecimento:
 - Aconselhamento Individual – com comunicado aos pais.
 - Advertência escrita – acarretando: reunião com os pais, professores, equipe pedagógica, Conselho Escolar, providenciando a mudança de turma, turno ou transferência de estabelecimento.
 - Encaminhamento ao Conselho Tutelar (também em casos de faltas consecutivas ou alternadas sem justificativa plausível através da ficha do FICA);
 - Encaminhamento a Patrulha Escolar, em caso de brigas com agressão física, portes de arma branca e drogas ilícitas;

Regulamento Estudantil

Nome do Aluno: _____ Série: _____ Turma: _____ Turno: _____

Nome do Responsável: _____

Telefone(s) de contato: Residencial: _____ Trab. Pai/mãe: _____

Ciente: _____

Data: ____/____/2011

A Direção / Equipe Pedagógica

6.16 GRÊMIO ESTUDANTIL

A gestão da escola se traduz cotidianamente como ato político, pois implica sempre uma tomada de posição dos atores sociais (pais, professores, funcionários, estudantes) e para que a tomada de decisão seja compartilhada, é necessária a implementação de vários mecanismos de participação dos mesmos como o aprimoramento dos processos de provimento ao cargo de diretor e a consolidação dos órgãos colegiados com o fortalecimento das APMFs, Conselhos Escolares e dos Grêmios Estudantis.

O Grêmio Estudantil é uma organização autônoma de estudantes, um importante espaço de aprendizagem, cidadania, convivência e responsabilidade que permite ao estudante uma participação mais efetiva na defesa de seus direitos e no desenvolvimento de políticas para a juventude.

Sua atuação é independente da Direção, Conselho Escolar e APMF, pois tem autonomia para elaborar propostas, organizar e sugerir atividades para a escola, porém precisa contar com a autorização destes, devendo, portanto, manter o bom relacionamento com todos os setores da escola, bem como necessita respeitar a pluralidade dos alunos que representa.

Deve ter estatuto próprio onde estão seus princípios básicos, objetivos, estrutura administrativa, processo eleitoral, direitos e deveres e seus membros, esfera de decisão, etc. aprovado em Assembléia Geral e encaminhados à Direção, APMF, Conselho Escolar e Núcleo Regional de Educação, não sendo obrigatório o seu registro em cartório. Sua diretoria é composta de alunos devidamente matriculados e democraticamente eleitos, porém sem nenhum tipo de remuneração.

Entendendo que, quanto mais se estimula a colaboração e a solidariedade dentro da escola e na comunidade, mais se contribui para a construção de uma cidadania ativa, consciente e responsável. A comunidade escolar deste estabelecimento de ensino considera importante a atuação do Grêmio Estudantil por entender que o mesmo quando bem organizado, estabelece uma boa relação com os outros setores da comunidade escolar. Assim, comprometido com as ações que pretende realizar, poderá ampliar o alcance e o impacto de suas iniciativas, contribuindo dinamicamente e efetivamente para o fortalecimento da democratização da gestão escolar.

A diretoria anterior do Grêmio Estudantil Eneida Camargo Meyer foi democraticamente eleita no dia 17 de março de 2011, quando concorreram cinco chapas e inteiraram-se do estatuto e do regime escola, bem como desenvolveram atividades programadas, dentro de um plano de ação, que contribuíram para o processo ensino-aprendizagem e para o bom andamento do cotidiano da escola.

Presidente: Juan Alvaro Menezes de Oliveira
Vice-presidente: Fernanda Caroline Veríssimo
Secretária Geral: Camila Rigoni Ferreira
1º secretário: Eduardo Rafael dos Passos
Tesoureira Geral: Caroline Douglas Luiz Mazur
1ª Tesoureira: Tiago Delong
Diretora Social: Paola Thais Guimarães
Diretor de Imprensa: Cleison Crovador
Diretor de Esporte: Lucas Eduardo Patzyk
Diretora de cultura: Bruna Staichoki
Diretora de saúde e Meio Ambiente: Geovane Gonçalves de Oliveira

6.17 APMF – ASSOCIAÇÃO DE PAIS, MESTRES E FUNCIONÁRIOS

A APMF é um órgão colegiado com estatuto próprio, cujo objetivo central é colaborar com a escola no que tange as ações que visem melhoria na qualidade de ensino e das condições físicas, técnicas e pedagógicas do estabelecimento.

Entre os princípios que devem nortear a educação escolar, contidos na Constituição Brasileira (1988) em seu artigo 206, assumidos no artigo 3.º da Lei n.º 9394/96 (LDB) consta explicitamente a gestão democrática do ensino público e esse é o desafio da escola hoje: constituir uma gestão democrática que contribua efetivamente para o processo de construção de uma cidadania emancipadora.

Neste sentido, a política de incentivo à participação comunitária na gestão da escola, acha seu suporte mais legítimo no Conselho Escolar e APMF (Associação de Pais, Mestres e Funcionários), pois viabiliza a participação da comunidade organizada nas ações voltadas ao aprimoramento do ensino da escola pública.

A APMF é o espaço privilegiado para fortalecer a participação da comunidade na vida escolar, tornando-se assim co-responsável, propondo soluções, cumprindo tarefas, valorizando, colaborando e garantindo assim, a integração entre a escola e a comunidade escolar.

A APMF, pessoa jurídica de direito privado é um órgão de representação dos pais, professores e funcionários que trabalha em prol da escola em todos os aspectos. É regida por estatuto próprio devidamente aprovado em Assembléia Geral e registrado em Cartório de Registro de Títulos e Documentos e no NRE (Núcleo

Regional de Educação), órgão competente da Secretaria Estadual de Educação do Estado e vinculada à Direção e Conselho Escolar.

Neste estabelecimento de ensino a APMF atua junto à direção e Conselho Escolar buscando efetivamente o interesse e a colaboração de todos para a conservação das metas básicas da escola, a partir da expectativa da comunidade local, colaborando no estabelecimento de ações que visem melhoria na qualidade de ensino e das condições físicas, técnicas e pedagógicas do estabelecimento.

Executa o plano de trabalho definido coletivamente em assembléias, prestando contas à comunidade com total transparência da administração dos recursos próprios, bem como dos investimentos de recursos financeiros destinados à escola pelo PDDE (Plano Dinheiro Direto na Escola) e outros, contribuindo para que a gestão participativa, voltada ao desenvolvimento do ser humano como cidadão, produza efeitos culturais importantes através da participação ativa da comunidade, no controle público das ações, decisões e gestão dos recursos financeiros.



APMF – 2010

APMF do Colégio Estadual Antonio Xavier da Silveira – E.F.M
 CNPJ: 79.319.752/0001-70
 Mandato: 30/06/2010 a 30/06/2012

FUNÇÃO	NOME
Presidente	Sonia Aparecida Scepaniski
Vice-presidente	Neli Maria Lemos de Andrade
1º Secretária	Maria Amélia Inglês
2º Secretária	Jaqueline Ap. Lascoski Braga Bobroski
1º Tesoureiro	Vilma Terezinha Muchau
2º Tesoureiro	Lidia Hraber
1º Diretor sócio-cultural esportivo	Eliton Eduardo Candido
2º Diretor sócio-cultural esportivo	Adilson Miguel Cararo
Conselho Deliberativo-fiscal	Carla do Rocio Mosele
Conselho Deliberativo-fiscal	Elisabeth Laroca
Conselho Deliberativo-fiscal	Izilda Baran Babiuk
Conselho Deliberativo-fiscal	José Airto Fogaça
Conselho Deliberativo-fiscal	Marcia Rodrigues Almeida
Conselho Deliberativo-fiscal	Maristela Bacil
Conselho Deliberativo-fiscal	Marli Terezinha da Silva
Conselho Deliberativo-fiscal	Olívia Genozilda de Quadros
Conselho Deliberativo-fiscal	Regina Maria Pessoa Smolka
Conselho Deliberativo-fiscal	Sandra Luy
Conselho Deliberativo-fiscal	Silmara Passos
Conselho Deliberativo-fiscal	Valter Luis Zakowicz
Conselho Deliberativo-fiscal	Vanda Bielik

6.18 AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL DO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO

Para cumprir sua função precípua de favorecer a formação do cidadão, assegurando ao estudante o acesso e a apropriação do conhecimento sistematizado, mediante a instauração de um ambiente propício às aprendizagens significativas e práticas de convivência democráticas, a escola precisa construir de forma coletiva seu Projeto Político Pedagógico que constitui o norte orientador das atividades curriculares e da organização da escola.

Nessa ótica, torna-se importante a sua avaliação através de um acompanhamento co-responsável do desenvolvimento do processo educativo, cabendo à comunidade escolar identificar aspectos a serem avaliados e quais os que podem ser considerados adequados ao trabalho desenvolvido. Neste estabelecimento o que se propõe é realimentá-lo anualmente, aproveitando também as reuniões pedagógicas para esta auto-avaliação.

Portanto, além da avaliação de desempenho dos estudantes deve-se procurar uma avaliação que contemple as demais dimensões do processo educativo, tais como: o contexto social, o processo da gestão democrática, as condições físicas, materiais e pedagógicas da escola, o desempenho dos educadores docentes e não-docentes, que possam ser analisados, a fim de se definir ações, que permeadas de sentido ético levem a reorganização do Projeto Político Pedagógico e a participação comprometida de todos os envolvidos no processo ensino-aprendizagem e dessa forma pretende proceder neste estabelecimento de ensino.

Assim o Projeto Político Pedagógico, como instrumento de planejamento coletivo, resgata a unidade do trabalho escolar e garante que não haja uma divisão entre os que planejam e os que executam. Elaborado, executado e avaliado de forma conjunta, tem nova lógica. Nesse processo, todos os segmentos planejam, garantindo a visão do todo e todos executam, mesmo que apenas parte do todo. Com isso, de posse do conhecimento de todo o trabalho escolar, os diversos profissionais e segmentos envolvidos cumprem papéis específicos, sem torná-los estanques e fragmentados. Todos tornam-se partícipes da prática educativa e portanto, de alguma forma, educador.

VII REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARCO-VERDE, Y. F. de S. **Tempos e mudanças na prática docente**: subsídios para a reflexão sobre hora-atividade. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação. Texto para discussão mimeografado, 26 de Janeiro de 2004.

ARCO-VERDE, Y. F. de S. História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. In: PARANÁ. Secretária de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Ensino Fundamental. **Cadernos temáticos**: inserção dos conteúdos de história e cultura afro-brasileira e africana nos currículos escolares. Curitiba: SEED-PR, 2005.

BRASIL. **Educação inclusiva**: a escola. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2004. v. 3.

CADERNOS TEMÁTICOS (Avaliação institucional), SEED, 2005.

CADERNOS Instrucionais do Programa Nacional de Fortalecimento dos Conselhos Escolares. MEC, nov/2004.

DELIBERAÇÃO n.º 002/03. Educação Especial.

DELIBERAÇÃO n.º 007/99. Normas gerais para Avaliação do Aproveitamento Escolar, Recuperação de Estudos e Promoção de alunos, do Sistema Estadual de Ensino, em Nível do Ensino Fundamental e Médio. Aprovado em 09/04/99.

DELIBERAÇÃO n.º 009/2001. Matrícula de ingresso, transferência, classificação, reclassificação, adaptações, revalidação e equivalência de estudos.

DELIBERAÇÃO n.º 14/99. Indicadores para elaboração da Proposta Pedagógica dos estabelecimentos de ensino da Educação Básica em suas diferentes modalidades. Aprovado em 08/10/99.

DELIBERAÇÃO n.º 16/99. Regimento Escolar aprovado em 12/11/99.

DEMO, Pedro. **Desafios modernos da educação**. 9.ª ed, Petrópolis: Vozes, 2000, 272p.

DIRETRIZES Curriculares da Educação Fundamental da rede de Educação Básica do Estado do Paraná – Versão preliminar, 2008.

DIRETRIZES Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana – Secretaria Especial de Política e Promoção da Igualdade Racial – Ministério da Educação Brasileira. DF, junho/2005.

EDIÇÃO PEDAGÓGICA Especial. APP Sindicato, outubro/2004.

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. Lei n.º 8.069 de 13 de julho de 1990.

FEIJES, Maria Madselva Ferreira. **Construção coletiva do projeto político pedagógico da escola pública: fundamentos teórico-metodológicos e suas dimensões**. Prof.ª DEPLA/EDUCAÇÃO/UFPR (apostila).

_____. **Planejamento: por quê, para quê, com quem?** Prof.ª DEPLA/EDUCAÇÃO/UFPR (apostila).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

IMBERNÓN, Francisco. Amplitude e profundidade do olhar: a educação ontem, hoje e amanhã. In: IMBERNÓN, Francisco (Org.). **A Educação no século XXI**: os desafios do futuro imediato. POA: Artmed, 2000.

LÜCK, Heloísa. **Metodologia de projetos: uma ferramenta de planejamento e gestão**. Vozes, 2003.

LÜCK, Heloísa. **Planejamento em orientação educacional**. 12.^a ed, Petrópolis: Vozes, 1991, 128p.

MEC. **Com vida construindo (Agenda 21 na escola)**. Brasília, 2004, 42p.

NISKIER, Arnaldo. **LDB – a nova lei da educação: tudo sobre a lei de diretrizes e bases da educação nacional: uma visão crítica**. Rio de Janeiro: Consultor, 1996.

OLIVEIRA, Thelma Alves et al. **Cadernos temáticos: avaliação institucional**. Curitiba: SEED-PR, 2004.

PARANÁ. Secretária de Estado da Educação. Superintendência de Educação. **Instrução nº 02/2004**. Curitiba: SUED, 2004.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. **Instrução nº 08/2011**. Curitiba: SUED, 2011.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. **Instrução nº 09/2011**. Curitiba: SUED, 2011.

PARANÁ. Secretária de Estado da Educação. Superintendência de Educação. **Ensino Fundamental de nove anos**: orientações pedagógicas para os anos iniciais. Curitiba: Secretaria de Estado da Educação, 2010.

PARANÁ. Secretária de Estado da Educação. Superintendência de Educação. **Orientações para (re)elaboração, implementação e avaliação de proposta pedagógica na educação infantil**. Curitiba: Secretaria de Estado da Educação, 2006.

PARANÁ. Secretária de Estado da Educação. Superintendência de Educação. **Diretrizes Curriculares da Educação Especial para a Construção de Currículos Inclusivos**. Curitiba: Secretaria de Estado da Educação, 2006.

PAVÃO, Z. et al. O processo de formação do pedagogo e a gestão do currículo. In: EYNG, A. M.; ENS, R. T.; JUNQUEIRA, S. R. A. (Orgs.). **O tempo e o espaço na educação**: a formação do professor. Curitiba, PR: Champagnat, 2003.

PRAIS, Maria de Lourdes Melo. **Administração colegiada na escola pública**. 4.^a ed, Campinas: Papirus, 1996, 109p.

REVISTA Gestão em rede, n.º 25, Nov/dez., 2000.

SANT'ANNA, Ilza Martins. **Por que avaliar? Como avaliar? Critérios e instrumentos**. Petrópolis: Vozes, 1995, 137p.

SAVIANI, D. **Escola e democracia**. 31. ed. Campinas: Autores Associados, 1995. (Polêmicas do Nosso Tempo) v. 5.

SEED. Coordenação Desafios Educacionais Contemporâneos. Disponível em:

<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/>. **Portal Educacional do Estado do Paraná**. Acesso em: 30/07/2009.

SEMINÁRIO de Disseminação das Políticas de Gestão Escolar para Diretores da Rede Estadual. Vol. I, Paranaguá, out/2004, SEED.

SEMINÁRIO Estadual de Organização de Práticas Pedagógicas. SEED-PR, 1997. 136p.

VASCONCELLOS, C. dos S. **Coordenação do trabalho pedagógico**: do projeto político-pedagógico ao cotidiano da sala de aula. São Paulo, SP: Libertad, 2002.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Avaliação: concepção dialética-libertadora do processo de avaliação escolar**. 5.^a ed, São Paulo: Libertad, 1995, 101p.

VYGOTSKI, L.S. **A formação social da mente**. 4^a edição. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

-
-
-
-
-
-
-
-
-

ANEXOS

ENSINO FUNDAMENTAL

FUNDAMENTAÇÃO – ENSINO FUNDAMENTAL

A atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional determina que o Ensino Fundamental é prioridade no atendimento escolar, justificando seu caráter obrigatório e gratuito, constituindo-se em um direito público subjetivo. Público na medida em que sua oferta não se restringe ao interesse do indivíduo, mas de toda sociedade; e subjetivo porque todo cidadão individual ou coletivamente tem direito de exigir do Estado a sua oferta.

Assim cada escola ao ter como referência as Diretrizes Curriculares para o Ensino Fundamental, na elaboração de suas propostas curriculares, tem o compromisso de explicitar de que forma organiza suas ações pedagógicas para corresponder às necessidades de aprendizagem de seus alunos, levando em consideração o perfil de alunos atendidos, a faixa etária, as dificuldades de adaptação à escola e apropriação dos conteúdos, além das condições sócio-econômicas, culturais e religiosas.

Partindo assim do diagnóstico, reconhecendo as especificidades de cada um dos componentes curriculares e suas atribuições para o processo de escolarização dos alunos, passa a ter elementos com os quais o coletivo da escola possa definir encaminhamentos necessários para o Ensino Fundamental de qualidade, pois hoje o grande desafio dos educadores é estabelecer uma proposta que vise o conhecimento historicamente produzido, bem como, atendendo as temáticas sócio-educacionais, dos conteúdos obrigatórios que são: Diversidade Cultural, Educação Ambiental, Enfrentamento a Violência na Escola, Prevenção ao uso indevido de drogas, Relações étnico-raciais, Diversidade Sexual e outros (INSTRUÇÃO Nº 009/2011).

Neste sentido, o corpo docente e equipe pedagógica do colégio elaboraram as propostas curriculares do Ensino Fundamental, de maneira coletiva, com vistas à valorização dos conhecimentos sistematizados e dos saberes escolares, respeitando suas especificidades e primando pela qualidade do ensino.

MATRIZ CURRICULAR DO ENSINO FUNDAMENTAL

NRE: 15 – IRATI		MUNICÍPIO: 1080 – IRATI			
ESTABELECIMENTO: 00031 - ANTONIO XAVIER DA SILVEIRA, C. E. FUND. MÉDIO E NORMAL					
ENT. MANTENEDORA: GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ					
CURSO: 4000 - ENSINO FUNDAMENTAL 6º a 9º ano			TURNO: TARDE		
ANO DE IMPLANTAÇÃO: 2010 - SIMULTÂNEA			MÓDULO: 40 SEMANAS		
	DISCIPLINAS / ANO	6	7	8	9
BASE NACIONAL COMUM	ARTE	2	2	2	2
	CIÊNCIAS	3	3	3	4
	EDUCAÇÃO FÍSICA	3	3	3	3
	ENSINO RELIGIOSO *	1	1	-	-
	GEOGRAFIA	3	3	3	3
	HISTÓRIA	3	3	4	3
	LÍNGUA PORTUGUESA	4	4	4	4
	MATEMÁTICA	4	4	4	4
	SUB-TOTAL	23	23	23	23
PARTE DIVERSIFICADA	LÍNGUA ESTRANGEIRA - INGLÊS	2	2	2	2
	SUB-TOTAL	2	2	2	2
	TOTAL GERAL	25	25	25	25

NOTA: MATRIZ CURRICULAR DE ACORDO COM A LDB N.º 9394/96

* Oferta obrigatório e de matrícula facultativa, não computada nas 800 horas

Irati, 26 de novembro de 2009

NRE: 15 – IRATI		MUNICÍPIO: 1080 – IRATI			
ESTABELECIMENTO: 00031 - ANTONIO XAVIER DA SILVEIRA, C. E. FUND. MÉDIO E NORMAL					
ENT. MANTENEDORA: GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ					
CURSO: 4000 - ENSINO FUNDAMENTAL 6º/9º			TURNO: NOITE		
ANO DE IMPLANTAÇÃO: 2010 - SIMULTÂNEA			MÓDULO: 40 SEMANAS		
	DISCIPLINAS / ANO	6	7	8	9
BASE NACIONAL COMUM	ARTE	2	2	2	2
	CIÊNCIAS	4	4	4	3
	EDUCAÇÃO FÍSICA	3	3	3	3
	ENSINO RELIGIOSO *	1	1	-	-
	GEOGRAFIA	3	3	3	3
	HISTÓRIA	3	3	3	4
	LÍNGUA PORTUGUESA	4	4	4	4
	MATEMÁTICA	4	4	4	4
		SUB-TOTAL	24	24	23
PARTE DIVERSIFICADA	LÍNGUA ESTRANGEIRA - INGLÊS	2	2	2	2
	SUB-TOTAL	2	2	2	2
	TOTAL GERAL	26	26	25	25

NOTA: MATRIZ CURRICULAR DE ACORDO COM A LDB
N.º 9394/96

* Oferta obrigatório e de matrícula facultativa, não computada nas 800 horas

ENSINO MÉDIO

FUNDAMENTAÇÃO – ENSINO MÉDIO

O Colégio Estadual Antonio Xavier da Silveira em consonância com o princípio da autonomia das leis, diretrizes curriculares, debates, simpósios, semana de estudos elaborou a presente proposta pedagógica do Ensino Médio ofertando aos educandos um ensino de qualidade com significado mais amplo, para além da dicotomia da preparação ao vestibular ou para o mundo de trabalho, possibilitando-lhes o desenvolvimento pleno de suas potencialidades estando a favor de uma visão mais ampla onde se educa para a multiplicidade e complexidade do mundo contemporâneo para a cidadania e desta forma:

- Garante aos alunos o acesso do conhecimento científico, artístico e filosófico, entendendo que estas três possibilidades se constituem historicamente como partes do desenvolvimento da cultura humana, pois estes saberes mantêm relações interdisciplinares entre si, perpassam e se constituem como patrimônio da humanidade, sendo o seu acesso um direito de todos;
- Promove a construção de uma educação democrática emancipadora voltada para a transformação da realidade e ao mesmo tempo mediadora das mudanças sociais.
- Efetiva o aprimoramento do educando como ser humano, sua formação ética, desenvolvimento de sua autonomia intelectual e de seu pensamento crítico, sua preparação para o mundo do trabalho e desenvolvimento de competências para continuar seu aprendizado.

Portanto a construção coletiva do currículo viabiliza e desenvolve nos educandos a capacidade de investigar, decidir, agir e interagir contribuindo para o desenvolvimento do ser social em todas as suas dimensões: no econômico (inserção no mundo do trabalho e da produção de bens e serviços), no cultural (apropriação, desenvolvimento e sistematização da cultura popular e universal), no político (emancipação do cidadão, tornando-se dirigente do seu destino e partícipe ativo na construção do destino do grupo social ao qual pertence). Ainda é pluralista pelo respeito à diversidade, humanista por identificar o homem como foco do processo educativo e política, pois como instrumento de emancipação, combate às desigualdades sociais e desalienação dos trabalhadores.

Assim sendo num Currículo organizado por disciplina, dá-se ênfase à socialização do conhecimento, onde através da interdisciplinaridade mantém-se um diálogo constante com outros conhecimentos, pois com questionamentos em torno dos conhecimentos adquiridos, forma-se um eixo integrador de conhecimento, onde sempre que surgirem necessidades, algo que desafie uma disciplina isolada, esta

buscará respostas e explicações junto à outras disciplinas, atraindo assim a atenção integrada ao aluno que passará a compreender de forma diferente um conteúdo que antes só era visto pelo prisma de apenas uma disciplina. O educando relaciona o conhecimento com dados da experiência cotidiana, dá valor ao aprendido e capta o significado do mundo, unindo teoria à prática.

O tratamento contextualizado do conhecimento é o recurso que a escola tem para passar o aluno da condição de espectador passivo a atuante, evocando as dimensões de trabalho e cidadania contempladas na LDB, que prevê um ensino de qualidade.

– ENSINO MÉDIO MODALIDADE POR BLOCOS

O Ensino Médio no Colégio Estadual Antonio Xavier da Silveira, do Município de Irati, com implantação simultânea a partir de 2010 com duração de 06 semestres, com carga mínima de 400 horas/relógio (500 horas/aula) distribuídas no mínimo de 100 dias de efetivo trabalho escolar com os alunos.

A carga horária para o Ensino Médio diurno e noturno é de 3000 horas/aula (2400 horas/relógio).

A Base Nacional Comum do currículo do Ensino Médio é composta pelas seguintes disciplinas:

- Arte;
- Biologia;
- Educação Física;
- Filosofia;
- Física;
- Geografia.
- História;
- Língua Portuguesa;
- Matemática;
- Química;
- Sociologia;

E a parte diversificada pelas seguintes disciplinas:

- Língua Estrangeira Moderna Inglês e Espanhol.

Os blocos são assim divididos:

BLOCO I	BLOCO II
Biologia	Arte
Educação Física	Física
Filosofia	Geografia
História	Matemática
Língua Portuguesa	Sociologia
LEM	Química

AVALIAÇÃO – ENSINO MÉDIO

Inerente à educação e indissociável dela, a avaliação é essencial, se concebida como um conjunto de atuações contínuas e sistemáticas, que por meio de interpretação qualitativa do conhecimento do aluno, tem a função de alimentar, sustentar e orientar a interpretação pedagógica, subsidiando o professor com elementos para uma reflexão de sua prática e uma retomada que favoreça o desenvolvimento da aprendizagem do aluno, possibilitando também que o aluno tome consciência de suas conquistas, dificuldades e possibilidades.

Nesta perspectiva, passa a ser entendida como um instrumento eficaz a favor da aprendizagem, uma ação intencional que tem o objetivo de permitir que o educador e educando detectem pontos frágeis e que deve ocorrer de forma interativa entre professor e aluno, tendo uma dimensão explicitamente prospectiva e não meramente classificatória.

Desta forma os critérios da avaliação devem revelar na sua prática a relação coerente com as Diretrizes Curriculares, Regimento Escolar, projeto Político Pedagógico e o estabelecido no Plano de Trabalho Docente.

Os critérios devem ser previamente elaborados pelo professor e a partir dos conteúdos estruturantes e específicos propostos no PTD, bem como apresentado aos discentes e se necessário adequados às necessidades educativas apresentadas no contexto do processo.

Portanto a avaliação descrita no PTD deve ser coerente com os pressupostos e metodologia da disciplina e estar em consonância com o sistema de avaliação definido pelo coletivo da escola, sistematizado e expresso no PPP, além de serem devidamente registradas no livro de classe todas as atividades avaliativas e de recuperação de estudos, assegurados pela legislação, recuperação esta que consiste na retomada de conteúdos durante o processo de ensino-aprendizagem, permitindo que todos os alunos tenham a oportunidade de apropriar-se do conhecimento acumulado por meio de metodologias diversificadas e participativas.

A avaliação final deverá considerar para efeito de aprovação ou retenção no bloco, todos os resultados durante os dois bimestres com média igual ou superior a 6,0 e na série a aprovação nos dois blocos que a compõe, sempre com frequência igual ou superior a 75%.

MATRIZ CURRICULAR DO ENSINO MÉDIO

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO



MATRIZ CURRICULAR PARA O ENSINO MÉDIO POR BLOCOS DE DISCIPLINAS SEMESTRAIS ESTADO DO PARANÁ SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO			
NRE: 15/IRATI		MUNICÍPIO: 1080/IRATI	
ESTABELECIMENTO: COL. EST. ANT ^o XAVIER DA SILVEIRA – ENS. FUND. MÉDIO E NORMAL			
ENDEREÇO: RUA NOSSA SENHORA DE FÁTIMA, 815 – CENTRO			
FONE: 42 3423 2398/3422 9612			
ENTIDADE MANTENEDORA: GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ			
CURSO: 0010 – ENSINO MÉDIO ORGANIZADO POR BLOCOS DE DISCIPLINAS SEMESTRAIS		TURNO: MANHÃ	
ANO DE IMPLANTAÇÃO: 2011			
FORMA: SIMULTÂNEA			
1 ^a , 2 ^a e 3 ^a SÉRIES			
BLOCO 1	H.A.	BLOCO 2	H.A.
BIOLOGIA	04	ARTE	04
ED FÍSICA	04	FÍSICA	04
FILOSOFIA	03	GEOGRAFIA	04
HISTÓRIA	04	MATEMÁTICA	06
LEM – ESPANHOL	04	SOCIOLOGIA	03
LEM – INGLÊS*	04	QUÍMICA	04
LÍNGUA PORTUGUESA	06		
Total Semanal	25	Total Semanal	25

Matriz Curricular de acordo com a LDB nº 9394/96

* Disciplina de matrícula facultativa no CELEM, ministrada em turno contrário.

Irati, 30 de novembro de 2010.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO



MATRIZ CURRICULAR PARA O ENSINO MÉDIO POR BLOCOS DE DISCIPLINAS SEMESTRAIS ESTADO DO PARANÁ SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO			
NRE: 15/IRATI		MUNICÍPIO: 1080/IRATI	
ESTABELECIMENTO: COL. EST. ANTº XAVIER DA SILVEIRA – ENS. FUND. MÉDIO E NORMAL			
ENDEREÇO: RUA NOSSA SENHORA DE FÁTIMA, 815 – CENTRO			
FONE: 42 3423 2398/3422 9612			
ENTIDADE MANTENEDORA: GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ			
CURSO: 0010 – ENSINO MÉDIO ORGANIZADO POR BLOCOS DE DISCIPLINAS SEMESTRAIS		TURNO: NOITE	
ANO DE IMPLANTAÇÃO: 2011			
FORMA: SIMULTÂNEA			
1ª, 2ª e 3ª SÉRIES			
BLOCO 1	H.A.	BLOCO 2	H.A.
BIOLOGIA	04	ARTE	04
ED FÍSICA	04	FÍSICA	04
FILOSOFIA	03	GEOGRAFIA	04
HISTÓRIA	04	MATEMÁTICA	06
LEM – ESPANHOL	04	SOCIOLOGIA	03
LEM – INGLÊS*	04	QUÍMICA	04
LÍNGUA PORTUGUESA	06		
Total Semanal	25	Total Semanal	25

Matriz Curricular de acordo com a LDB nº 9394/96

* Disciplina de matrícula facultativa no CELEM, ministrada em turno contrário.

Irati, 30 de novembro de 2010.

PROPOSTAS CURRICULARES DO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO

PROPOSTA PEDAGÓGICA CURRICULAR

ENSINO FUNDAMENTAL

ARTE

a. APRESENTAÇÃO DA DISCIPLINA

Em **Arte** as matérias a serem trabalhadas serão: as linguagens artísticas e seus elementos fundamentais (artes visuais: desenho, pintura, arquitetura, etc.). Teatro e seus elementos, dança e suas expressões, música e seus elementos musicais.

A **Arte** tem a função de destacar os aspectos essenciais da criação e percepção artística dos alunos, bem como o modo de tratar a apropriação de conteúdos imprescindíveis para a cultura do cidadão.

As oportunidades de aprendizagem de arte dentro e fora da escola, mobilizam a expressão e a comunicação pessoal e com isso ampliam a formação do educando como cidadão.

Com isso o educando compreenderá a diversidade de valores que orientam tanto seus modos de pensar e agir na sociedade que está inserido.

A **Arte** tem a função de estimular o aluno e fazer com que este perceba, compreender e relacione os significados individuais e coletivos do mundo que o cerca, tomando assim o indivíduo mais humano e fazendo com que este tenha gosto pelo âmbito escolar, através de projetos e atividades criativas e extracurriculares, pois através da arte pode-se trabalhar questões sociais e ambientais através do teatro, música, dança e artes visuais então pode-se afirmar que é tudo o que nos cerca.

Sendo assim o objetivo da Arte no Ensino Fundamental é instrumentalizar o aluno com um conjunto de saberes em arte que o permitam utilizar todo o seu conhecimento estético na compreensão das diversas manifestações culturais.

- Saber criar proposta de ensino nas quais o aprendizado da arte seja incorporado à experiência da vida do aluno, articulando os ciclos da aprendizagem significativa na escola: o fazer, o apreciar e o contextualizar a produção social da arte.

b. CONTEÚDOS ESTRUTURANTES

6ºAno	Conteúdos estruturantes			Abordagem pedagógica	Expectativas de Aprendizagem
	Elementos Formais	Composição	Movimentos e Períodos		
	Conteúdos básicos				
Música	Altura Duração Timbre Intensidade Densidade	Ritmo Melodia Escalas Improvisação	Greco-Romana Oriental Ocidental Africana	Percepção dos elementos formais na paisagem sonora e na música, sua articulação com os elementos de composição e movimentos e períodos das artes visuais. Audição de diferentes ritmos e escalas musicais. Estudo das estruturas teatrais: personagem, ação dramática e espaço cênico, estudo do movimento corporal, tempo, espaço e sua articulação com formas de composição em movimentos e períodos onde se originaram. Teoria da música, das artes visuais, do teatro e da dança. Produção e execução de instrumentos rítmicos, prática coral e cânone rítmico e melódico, de trabalhos de artes visuais, de trabalhos com teatro, de trabalhos com dança utilizando diferentes modos de composição.	Compreensão dos elementos que estruturam e organizam a música, as artes visuais, o teatro e a dança e sua relação com o movimento artístico no qual se originaram. Desenvolvimento da formação dos sentidos rítmicos e de intervalos melódicos e harmônicos, apropriação prática e teórica de técnicas de composição visual, teatral e da dança.
Artes Visuais	Ponto Linha Textura Forma Superfície Volume Cor Luz	Bidimensional Figurativa Geométrica Simetria Técnicas: Pintura, escultura, arquitetura... Gêneros: cenas da mitologia	Greco-Romana Arte Africana Arte Oriental Arte Pré-Histórica		
Teatro	Personagem: expressões corporais, vocais, gestuais e faciais Ação Espaço	Enredo/roteiro Espaço Cênico Adereços Técnicas: jogos teatrais, teatro indireto e direto improvisação, manipulação, máscara... Gênero: Tragédia, Comédia, Circo.	Greco-Romana Teatro Oriental Teatro Medieval Renascimento		
Dança	Movimento Corporal Tempo Espaço	Kinesfera, Eixo Ponto de Apoio Movimentos articulares Fluxo (livre, interrompido) Rápido e lento Formação Níveis (alto, médio e baixo) Deslocamento (direto e indireto) Dimensões (pequeno e grande) Técnica: Improvisação Gênero: Circular	Pré-história Greco-Romana Renascimento Dança Clássica		

7º Ano	Conteúdos estruturantes			Abordagem pedagógica	Expectativas de Aprendizagem
	Elementos Formais	Composição	Movimentos e Períodos		
	Conteúdos básicos				
Música	Altura Duração Timbre Intensidade Densidade	Ritmo Melodia Escalas Gêneros Técnicas	Música popular e étnica (ocidental e oriental)	Percepção dos modos de fazer música, através de diferentes formas musicais, de estruturar e compor as artes visuais na cultura destes povos, de fazer teatro, através de diferentes espaços disponíveis, de fazer dança, através de diferentes espaços onde é elaborada e executada. Teorias da música, das Artes Visuais, do teatro e da dança. Produção de trabalhos musicais com características populares e composição de sons da paisagem sonora, de artes visuais com características da cultura popular, relacionando os conteúdos com o cotidiano do aluno, com teatro de arena, de rua e indireto, com dança utilizando diferentes modos de composição.	Compreensão das diferentes formas musicais, visuais, teatrais e de dança populares, suas origens e práticas contemporâneas. Apropriação prática e teórica de técnicas e modos de composição musical, visual, teatral e da dança presentes no cotidiano.
Artes Visuais	Ponto Linha Textura Forma Superfície Volume Cor Luz	Proporção Tridimensional Figura e fundo Abstrata Perspectiva Técnicas: Pintura, escultura, modelagem, gravura... Gêneros: Paisagem, retrato, natureza morta...	Arte indígena Arte Popular Brasileira e Paranaense Renascimento Barroco		
Teatro	Personagem: expressões corporais, vocais, gestuais e faciais Ação Espaço	Representação, Leitura dramática, Cenografia. Técnicas: jogos teatrais, Mímica, improvisação, formas animadas... Gêneros: Rua, arena Caracterização.	<i>Comédia dell' arte</i> Teatro Popular Brasileiro e Paranaense Teatro Africano		
Dança	Movimento Corporal Tempo Espaço	Ponto de Apoio Rotação Coreografia Salto e queda Peso (leve, pesado) Fluxo (livre, interrompido e conduzido) Lento, rápido e moderado Níveis (alto, médio e baixo) Formação Direção Gênero: Folclórica, popular, étnica	Dança Popular Brasileira Paranaense Africana Indígena		

8.º Ano	Conteúdos estruturantes			Abordagem pedagógica	Expectativas de Aprendizagem
	Elementos Formais	Composição	Movimentos e Períodos		
	Conteúdos básicos				
Música	Altura Duração Timbre Intensidade Densidade	Ritmo Melodia Harmonia Escalas Técnicas	Indústria Cultural Eletrônica Minimalista Rap, Rock, Tecno	Percepção dos modos de fazer música, trabalhos com artes visuais, de fazer teatro, de fazer dança, através de diferentes mídias. Teorias sobre música, artes visuais, teatro e dança nas mídias e a indústria cultural. Produção de trabalhos de composição musical, artes visuais, teatro e dança utilizando equipamentos e recursos tecnológicos.	Compreensão das diferentes formas musicais, visuais, teatrais e da dança no Cinema e nas mídias, sua função social e ideológica de veiculação e consumo. Apropriação prática e teórica das tecnologias e modos de composição musical, visual, teatral e da dança nas mídias; relacionadas à produção, divulgação e consumo.
Artes Visuais	Linha Textura Forma Superfície Volume Cor Luz	Semelhanças/Contrastes Ritmo Visual Estilização Deformação Técnicas: desenho, fotografia, audiovisual, mista...	Indústria Cultural Arte no Séc. XX Arte Contemporânea		
Teatro	Personagem: expressões corporais, vocais, gestuais e faciais Ação Espaço	Representação no Cinema e Mídias Texto dramático Maquiagem Sonoplastia Roteiro Técnicas: jogos teatrais, sombra, adaptação cênica...	Indústria Cultural Realismo Expressionismo Cinema Novo		
Dança	Movimento Corporal Tempo Espaço	Giro, Rolamento, Saltos Aceleração e desaceleração Direções (frente, lados, atrás, direita e esquerda) Improvisação Coreografia Sonoplastia Gênero: Indústria Cultural e espetáculo	Hip Hop Musicais Expressionismo Indústria Cultural Dança Moderna		

9º Ano	Conteúdos estruturantes			Abordagem pedagógica	Expectativas de Aprendizagem
	Elementos Formais	Composição	Movimentos e Períodos		
	Conteúdos básicos				
Música	Altura Duração Timbre Intensidade Densidade	Ritmo Melodia Harmonia Gêneros Técnicas	Música Engajada Música Popular Brasileira. Música contemporânea	Percepção dos modos de fazer música, artes visuais, teatro e dança e sua função social. Teorias da Música, das Artes visuais, do teatro, da dança. Produção de trabalhos com os modos de organização e composição musical, visual, teatral e dança como fator de transformação social.	Compreensão da música, artes visuais, teatro e dança como fator de transformação social. Produção de trabalhos musicais, visuais, teatrais e com dança, visando atuação do sujeito em sua realidade singular e social.
Artes Visuais	Linha Textura Forma Superfície Volume Cor Luz	Bidimensional Tridimensional Figura-fundo Ritmo Visual Técnica: Pintura, <i>grafitte</i> , performance... Gêneros: Paisagem urbana, cenas do cotidiano...	Realismo Vanguardas Muralismo e Arte Latino-americana Hip Hop		
Teatro	Personagem: expressões corporais, vocais, gestuais e faciais Ação Espaço	Técnicas: Monólogo, jogos teatrais, direção, ensaio, Teatro-Fórum... Dramaturgia Cenografia Sonoplastia Iluminação Figurino	Teatro Engajado Teatro do Oprimido Teatro Pobre Teatro do Absurdo Vanguardas		
Dança	Movimento Corporal Tempo Espaço	Kinesfera Ponto de Apoio Peso Fluxo Quedas Saltos Giros Rolamentos Extensão (perto e longe) Coreografia Deslocamento Gênero: Performance, moderna	Vanguardas Dança Moderna Dança Contemporânea		

OBS: Todos os conteúdos estarão interligados às ações realizadas pela instituição educacional onde serão trabalhados elementos formais, composição, movimentos e períodos, bem como **DESAFIOS EDUCACIONAIS CONTEMPORÂNEOS: Cultura Indígena e Afro-brasileira, Educação Fiscal, Sexualidade, Meio-Ambiente, Violência e Drogas.**

CONTEÚDOS ESPECÍFICOS**6º Ano**

1. Importância das artes
2. Teoria das cores
3. Tipos de desenhos
4. Figuras Geométricas
5. Acrósticos
6. Ilustração de Textos
7. Texturas
8. Folclore
9. Onomatopéia
10. Dobradura
11. Linhas
12. Desenhos com letras e Números
13. Ponto
14. Música e seus estilos
15. Colagem
16. Teatro
17. Cultura Afro-brasileira

7º Ano

1. Importância das Artes
2. Cores pelas plantas
3. Cartas Enigmáticas
4. Estamparia
5. Figuras Geométricas
6. Ilustração de Textos
7. Grafismo
8. Folclore
9. Onomatopéia
10. Teatro
11. Colagem
12. Datas Comemorativas
13. Pontilhismo
14. Música
15. Letras Expressivas e Criativas
16. História em Quadrinhos

8º Ano

1. Importância das Artes
2. Tipos de: Paisagens, Flores, Árvores, Folhas
3. Paródias
4. Folclore
5. Ritmo
6. Composições
7. Arte da Comunicação
8. Truques de Colagem
9. Sinais e Símbolos
10. Movimento do Corpo
11. Sentidos das Formas
12. Patchwork
13. Mudando Objetos de Ambiente
14. Tipos de Fios e Fibras

9º Ano

1. Importância das Artes
2. Cerâmica
3. Arte Afro-brasileira
4. Arte Indígena
5. Trançados
6. Ilustração de Textos
7. Linguagem Visual (Imagem e Comunicação, Elementos da Linguagem Visual)
8. Cor na Física e suas Harmonias
9. Tipos de Dança
10. Paródias
11. Teatro
12. Estilização
13. Arte POP
14. Confecção de Fantoques
15. Desenho Dia e Noite
16. Publicidade
17. Logotipo
18. Folclore
19. Estilos de Música
20. Dramatização de Músicas e Textos
21. Esculturas com Poliedros

1.º ANO DO ENSINO MÉDIO

1- Importância da Arte

- Na sociedade

2- Linguagem Não Verbal

3- Arte Pré-histórica

- A arte do paleolítico superior
- Pintura Rupestre
- O naturalismo da arte paleolítica
- A arte do neolítico
- A arte do neolítico leva a escrita
- Na cerâmica a preocupação com a beleza

4- Arte no Egito Antigo

- A arte no Egito
- Pintura Mural
- Uma arte dedicada a morte
- A imponência do poder religioso e político
- Uma arte de convenções
- O apogeu do poder e da arte

5- Arte Mesopotâmia

Arquitetura

- Pintura
- Esculturas
- Religião
- Invenções

6- Arte Persa

Arquitetura

- Esculturas
- Pintura
- Religião
- Tapeçaria

7- Cores Quentes e Cores Frias

8- Harmonia da Monocromia e Policromia

9- Arte Pré-Colombiana

- A arte dos antigos povos mexicanos
- A arte dos antigos povos peruanos

10-Arte Grega

- A arte na Grécia
- A evolução da escultura grega
- A arquitetura: as ordens Dórica, Coríntia e Jônica
- A pintura em cerâmica
- Mitologia Grega

11-Arte Romana

- A arquitetura
- A concepção arquitetônica do teatro
- A pintura
- A escultura

12-Arte Africana

- As Formas de Arte Africana
- As Máscaras Africanas
- Arte e Religião
- Principais Religiões
- Dança Africana
- Esculturas, em Marfim, Madeira e em outros materiais
- Influência Africana na nossa cultura
- Arte Africana na Atualidade
- Picasso e a África

13-Arte Bizantina

- Arquitetura
- Pintura
- Esculturas
- Mosaicos

14-Arte Gótica

- A arquitetura gótica no século

- A escultura
- Os manuscritos ilustrados (iluminuras)
- A pintura gótica
- Vitrais

15-Folclore

- lendas
- provérbios
- crenças e superstições
- danças
- músicas
- literatura de cordel
- frases prontas, de caminhão
- adivinhas
- piadas
- quadrinhas
- trava-língua

16-Elementos da Música

- Melodia: a sucessão de sons e silêncio;
- Harmonia: a combinação de sons simultâneos;
- Ritmo: a divisão de sons e silêncio dentro da pulsação.

17-Análise de Obras Artísticas

18-Dramatização de Músicas e Textos

2.º ANO DO ENSINO MÉDIO

1- Importância da Arte

- Na sociedade

2- Arte da Perspectiva

- Passos de como desenhar pela perspectiva

3- Arte Humanista

- Arquitetura
- Pintura
- Esculturas

4- Arte Maneirista

- Arquitetura
- Pintura
- Esculturas

5- Renascimento

- A arquitetura renascentista
- A pintura renascentista, pintura como imitação do real
- Leonardo da Vinci: a busca do conhecimento científico e beleza artística
- Michelangelo: a genialidade a serviço da expressão da dignidade humana
- Rafael: o equilíbrio e a simetria
- A escultura renascentista
- O renascimento na Alemanha e nos Países Baixos

6- Sombra própria e Sombra Projetada

7- Harmonia da Monocromia e da Policromia

8- Barroco

• O Barroco na Itália

- A arte barroca: origens e características gerais
- A pintura barroca
- Tintoretto: a intensidade da luz e da cor
- Caravaggio: a beleza não é privilégio da aristocracia
- Andréa Pozzo: os tetos das igrejas abrem-se para o céu
- A escultura barroca
- A arquitetura barroca

• O Barroco na Espanha e nos Países Baixos

- El Greco: a vertilidade da pintura
- Velázquez: os rostos da nacionalidade espanhola

• O Barroco nos Países Baixos

- Rubens: a força das cores quentes
- Hals: a importância da iluminação
- Rembrandt: a emoção por meio da gradação da claridade
- Vermeer: a beleza delicada da vida cotidiana

- **O Barroco no Brasil**

- O ciclo da cana leva o Barroco a Pernambuco e Paraíba
- Com o ciclo do ouro o Barroco chega ao Rio de Janeiro
- O Barroco de uma região pobre: São Paulo
- Barroco mineiro: o surgimento de uma arquitetura brasileira
- A arte barroca em Ouro Preto
- Congonhas do Campo: o Santuário de Bom Jesus de Matosinhos

9- Neoclassicismo

- Arquitetura
- Pintura
- Esculturas
- Objetos de decoração (molduras de espelhos)

10- Arte Social

- Música
- Teatro
- Dança
- Arte Visual

11- Romantismo (Europa e Brasil)

- Pintura
- Arquitetura
- Música
- Escultura

12- Tipos de Linhas

- Importância da linha na Arte
- Linhas curva, quebrada, reta, ondulada, mista.

13- Realismo

- Pintura
- Arquitetura
- Música
- Escultura

14-Cultura Afro-brasileira

- As Formas de Arte Afro-brasileira
- As Máscaras Africanas
- Arte e Religião
- Principais Religiões
- Dança Africana
- Esculturas, em Marfim, Madeira e em outros materiais
- Influência Africana na nossa cultura
- Arte Africana na Atualidade
- Picasso e a África

15-Folclore

- lendas
- provérbios
- crenças e superstições
- danças
- músicas
- literatura de cordel
- frases prontas, de caminhão
- adivinhas
- piadas
- quadrinhas
- trava-língua

16- Impressionismo

- Manet: um precursor do Impressionismo
- Monet: as cores inconstantes da natureza
- Renoir: a alegria e o otimismo do fim do século XIX
- Degas: o ambiente fechado, a luz artificial e a influência da fotografia
- A evolução do impressionismo: o Pontilhismo

17- Expressionismo

- Características da arte expressionista
- Gauguin: o uso arbitrário da cor
- Cézanne: a busca da estrutura permanente da natureza
- Toulouse-Lautrec: traços rápidos, poucas cores e uma situação humana
- Van-Gogh: a emoção enquanto cor

18-Surrealismo

- Origem e principais características
- Colagem surrealistas
- Música
- Poesia
- Pintura
- Esculturas
- Principais Representantes: Salvador Dali, Joan Miro, Marc Chagall, Paul Delvaux, James Ensor, Max Ernst, René Magritte, Roland Penrose, Sônia Menna Barreto.

19-Abstracionismo

- Origem e principais características
- Abstracionismo lírico
- Abstracionismo geométrico
- Abstracionismo no Brasil

20-Análise de Obras Artísticas

21-Dramatização de Músicas e Textos

22- Teatro e Jogos Teatrais

3º ANO DO ENSINO MÉDIO

1- Importância da Arte

Na sociedade

2- Cores Quentes, Cores Frias, Maticagem e Monocromia

3- Fauvismo

- Características da arte fauvista
- Origem do nome do nome Fauvismo
- Maurice De Vlaminck, foi o mais autêntico fauvista,
- André Derain, dizia: "As cores chegaram a ser para nós cartuchos de dinamite."
- Henri Matisse, abandonou assim a perspectiva, as técnicas do desenho e o efeito de claro-escuro para tratar a cor como valor em si mesma.
- Raoul Dufy, pintor, gravador e decorador francês , contrastes tonais e a geometrização da forma caracterizaram sua obra.

4- Figuras Geométricas na Arte

- Quadrado, retângulo. triângulo, círculo, cubo, pirâmides, cilindro, etc.

5- Cubismo

- Origem, obras e principais características
- Fases
- Principais Representantes: Pablo Picasso, Georges Braque, Tarsila do Amaral e Rego Monteiro

6- Futurismo

- Origem, obras e principais características
- Fases
- Principais Representantes: Giacomo Balla, Carlo Carra, Umberto Boccioni, etc.

7- Dadaísmo

- Origem, obras e principais características
- Principais Representantes: Marcel Duchamp, François Picabia, Max Ernest, Man Ray.

8- Concretismo

- Origem, obras e principais características
- Principais Representantes: Max Bill, Pierre Schaeffer (música), Waldemar Cordeiro, Geraldo de Barros, Luís Sacilotto, Anatol Wladyslaw , etc

9- Fotografia

- Como a técnica foi inventada
- Como tecnologia na Arte
- Alguns representantes dessa técnica: Joseph Nicéphore, Leonardo Da Vinci, Johann Heinrich Schulze.

10-Cultura Afro-brasileira

- As Formas de Arte Afro-brasileira
- As Máscaras Africanas
- Arte e Religião
- Principais Religiões
- Dança Africana
- Esculturas, em Marfim, Madeira e em outros materiais
- Influência Africana na nossa cultura
- Arte Africana na Atualidade
- Picasso e a África

11-Folclore

- lendas
- provérbios
- crenças e superstições
- danças
- músicas
- literatura de cordel
- frases prontas, de caminhão
- adivinhas
- piadas
- quadrinhas
- trava-língua

12- Pop-art

- Origem, obras e principais características
- Principais Representantes: Robert Rauschenberg, Roy Lichtenstein, Andy Warhol, Duke Lee, Baravelli, Fajardo, Nasser, Resende, De Tozzi, Aguilar e Antonio Henrique Amaral.
- Para quem é essa arte dos quadrinhos?

13- Op Art

- Origem, obras e principais características
- Jogos de ilusão de óptica
- Principais Representantes: Alexander Calder, Victor Vassarely, Youri Messen-Jaschin.

14- Movimento Modernista

- Principais características e obras
- Alguns representantes: Wassily Kandinsky e outros

15- Semana da Arte Moderna

- Fatos marcantes da Semana de 22
- Principais Artistas: Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Vítor Brecheret, Plínio Salgado, Anita Malfatti, Menotti Del Pichia, Guilherme de Almeida, Sérgio Milliet, Heitor Villa-Lobos, Tarsila do Amaral entre outros.

16- Cinema

- Origem da Sétima Arte
- Gêneros (drama, comédia, romance, guerra, aventura, etc)
- Alguns representantes dessa técnica: Irmãos Auguste e Louis Lumière os inventores.

17- Jornal

- Origem
- Tipos de jornais (falado e escrito)

C. OBJETIVO GERAL E ESPECÍFICO

No transcorrer do ensino fundamental, o aluno poderá desenvolver sua competência estética e artística nas diversas modalidades da área de Arte (Artes Visuais, Dança, Música, Teatro), tanto para produzir trabalhos pessoais e grupais quanto para que possa, progressivamente, apreciar, desfrutar, valorizar e julgar os bens artísticos de distintos povos e culturas produzidos ao longo da história e na contemporaneidade.

Nesse sentido, o ensino de Arte deverá organizar-se de modo que, ao final do ensino fundamental, os alunos sejam capazes de:

- Interpretar textos escritos de diferentes fontes e registros em relação a Arte ;
- Perceber a importância da arte no seu dia a dia;
- Aplicar as funções da arte em situações do cotidiano;
- Conhecer um pouco da história da Arte desde os primórdios até os dias de hoje.
- Analisar, refletir e compreender os diferentes processos artísticos, com seus diferentes instrumentos de ordem material e ideal, como manifestações socioculturais e históricas.

- Conhecer, analisar, refletir e compreender critérios culturalmente construídos e embasados em conhecimentos afins, de caráter filosófico, histórico, sociológico, antropológico, semiótico, científico e tecnológico, entre outros.
- Apreciar produtos de arte, em suas várias linguagens, desenvolvendo tanto a fruição quanto a análise estético.

d. METODOLOGIA DA DISCIPLINA

A metodologia está centrada em três momentos na organização pedagógica:

- Sentir e perceber
- Conhecimento histórico sobre Arte
- Trabalhos artísticos (o fazer artístico)

É importante que antes de escolher um desses momentos se faça uma pequena conversa para verificar a vivência cultural dos educandos.

Também deve-se prestar atenção nas questões artísticas que a região e a comunidade produz.

É clara a diversidade envolvendo trabalhos na área de arte, onde pode-se trabalhar os conteúdos em equipes, analisar imagens de obras de arte, aulas expositivas na TV pen-drive, pesquisas, teatro, música, dança, pintura, técnicas de desenho e colagem. Além dos métodos citados também serão utilizados jornais, revistas, lápis, compasso, régua, etc.

Todos os conteúdos estarão interligados às ações realizadas pela instituição educacional onde serão trabalhados elementos formais, composição, movimentos e períodos, bem como os conteúdos obrigatórios conforme dispostos na Instrução nº 009/2011 SUED/SEED, concomitantes aos conteúdos específicos da disciplina em consonância com as Diretrizes Curriculares Estaduais.

Na questão de alunos de sala de recursos e alunos de inclusão, serão feitas adaptações baseadas nas orientações pedagógicas como: Síntese dos conteúdos, Xerox, e outros, porém sem que haja a exclusão dos conteúdos repassados à classe.

e. AVALIAÇÃO

O Colégio Estadual Antonio Xavier da Silveira, tendo em vista a necessidade de mudança, desenvolverá um trabalho de avaliação baseado nas seguintes formas de avaliação:

DIAGNÓSTICA- é aquela realizada durante todo o processo pedagógico para detectar se os alunos apresentam os requisitos necessários para novas aprendizagens. É uma constante no dia-a-dia considerando-se o conjunto (comunidade escolar).

FORMATIVA - realizada durante todo o período, com a função de controle, verificando se os alunos estão atingindo os objetivos previstos. Através dela os alunos conhecem os erros e acertos e encontram estímulo para o estudo.

CONTÍNUA E CUMULATIVA- artigo 23 da Lei 9394/96, inciso V – a verificação do rendimento escolar observará os seguintes critérios: avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais.

Como instrumentos e técnicas de avaliação serão utilizados: provas orais e escritas, objetivas e/ou subjetivas, questionários, tarefas específicas, elaboração de relatórios, exposição oral, trabalhos de criação individual ou em grupo, como: observação espontânea ou dirigida, apresentação de atividades no caderno, desenhos, maquetes, exercícios de verificação, pesquisas, participação nas atividades propostas, apresentações artísticas e experimentações práticas.

A nota do bimestre será resultante da somatória dos valores obtidos em cada instrumento de avaliação, sendo valores cumulativos em várias aferições, na seqüência e ordenação de conteúdos.

Na recuperação de estudos (paralela), o professor deverá considerar a aprendizagem do aluno no decorrer do processo ensino-aprendizagem e após-verificação de conteúdos, proporcionar novas situações de aprendizagem para os alunos de baixo rendimento e/ou os que queiram melhorar seus resultados. Será realizada através de prova teórica dos conteúdos realizados no decorrer do bimestre, com peso 10,0, sendo ainda de forma substitutiva sempre prevalecendo a nota maior ao educando

Os resultados do dia-a-dia são comunicados aos pais através de reuniões quando necessário e para entrega de boletins ao final de cada bimestre.

De acordo com a Lei 9394/96 da LDB, capítulo V, artigo 58, os alunos com necessidades especiais serão avaliados de acordo com as suas necessidades específicas. Para os alunos da sala de recursos, serão feitas adaptações com referência as avaliações, pois as mesmas deverão ser sintetizadas.

A cada período será feita uma retomada do processo metodológico para que dessa forma possa-se medir o desempenho do docente e, a partir disto, permitir a formação de um juízo de valor sobre o que foi observado nessa medição. Tendo esses elementos à mão, fica possível estabelecer as competências a serem

desenvolvidas e aperfeiçoadas com o intuito de corrigir e calibrar ações destinadas à melhoria da qualidade de ensino.

f. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Ana Mae I. B. **A imagem no ensino da arte.** São Paulo: Perspectiva, 1991.

BARBOSA, Ana Mae I. B. **Inquietações no ensino da arte.** São Paulo: Cortez 2002.

CADERNO DE ARTE 1 E 2 .Artes Plásticas, Teatro e música. Secretaria do Estado da Educação do Paraná. Departamento de Ensino de Primeiro Grau: Curitiba-PR.

CAMPOS, Neide P. **A construção do olhar estético crítico do educador.** Florianópolis: UFSC, 2002.

CANDAU, Vera Maria (org.). **Sociedade, educação e cultura: questões e propostas.** Petrópolis, Rio de Janeiro:Vozes, 2002.

FERRAZ, M.; FUSARI, M.R. **Metodologia do ensino da Arte.** 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1993.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda.**Dicionário da Língua Portuguesa.**3ª ed. Curitiba: Positivo, 2004.

GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ, SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO – Diretrizes Curriculares de Arte - 2008

LIVRO DIDÁTICO PÚBLICO - SEED, Curitiba, 2006.

HOUAISS, Antônio e Vilar, M. de S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.** 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MARCHESI JÚNIOR, Isaías. **Atividades de Educação Artística,** Volume 1,2,3,e4. São Paulo, Ática.

MARQUES, Isabel A. **Ensino de dança hoje:textos e contextos.** 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **Dançando na escola.** São Paulo: Cortez, 2003.

OSTROWER, Fayga P. **Universos da Arte,** 7ª ed. Rio de Janeiro: Campus, 1991.

PROPOSTA PEDAGÓGICA CURRICULAR

ENSINO FUNDAMENTAL CIÊNCIAS

a. APRESENTAÇÃO DA DISCIPLINA

A disciplina de Ciências é um resultado direto das influências sociais, econômicas e políticas. Nesse aspecto, o ensino e a aprendizagem de Ciências traz, historicamente, um conjunto de pressupostos teórico-metodológicos que caracteriza a Ciência, desde o Estado Pré – científico até o Estado do Novo Espírito Científico influenciando mudanças nas concepções da mesma. Sendo assim, pode-se considerar a ciência, sob duas concepções: uma dogmática, neutra, infalível, pronta e acabada, a histórica que não admite críticas; outra como processo de construção humana, que convive com a dúvida, é falível e intencional e, utiliza-se de métodos numa constante busca por explicações dos fenômenos naturais: físicos, químicos, biológicos, geológicos, dentro outros. Além disso, nessa concepção, a ciência é considerada a partir da influência de fatores sociais, econômicos e políticos e, vinculada às relações de poder existentes na sociedade.

As concepções de ciências adotadas ao longo da história interferem na organização do currículo de ciências. Hoje, devemos considerá-la como uma construção coletiva, produzida por grupos de pesquisadores e instituições num contexto histórico, num cenário sócio-econômico, tecnológico, cultural, ético e político, evitando creditar os resultados das investigações sobre os fenômenos da Natureza.

A disciplina de Ciências se constitui num conjunto de conhecimentos científicos necessários para compreender, explicar os fenômenos e correlacionar a investigação científica e aspectos políticos, econômicos e culturais no sentido de identificar problemas e propor soluções, fornecendo ao cidadão elementos para viver melhor com consciência crítica e responsável.

O processo de ensino e de aprendizagem de Ciências valoriza a dúvida, a contradição, a diversidade e a divergência, o questionamento das certezas e incertezas, superando o tratamento curricular dos conteúdos por eles mesmos, priorizando-se a sua função social.

O processo de ensino e de aprendizagem de Ciências valoriza a dúvida, a contradição, a diversidade e a divergência, o questionamento das certezas e incertezas, superando o tratamento curricular dos conteúdos por eles mesmos, priorizando-se o acesso ao mundo letrado do conhecimento científico para que os

estudantes sejam participantes de uma sociedade mais justa e com oportunidades iguais para todos, desta forma, o acesso ao conhecimento favorece uma transformação emancipadora.

Com relação às reformas no ensino de ciências ocorridas ao longo da história da disciplina, Krasilchik (2000) destaca que:

[...] as propostas de reforma têm sido irrealistas ou inaceitáveis pelos professores que finalmente são os responsáveis pelas ocorrências em sala de aula. É tarefa urgente encontrar um meio termo adequado entre os dois extremos: um das organizações centrais trabalhando de forma isolada e outro que deixa a responsabilidade sobre as decisões curriculares exclusivamente à escola e aos docentes. Se, por um lado, é imprescindível a intensificação das relações entre a escola e a comunidade, para a formação de cidadãos atuantes, por outro, é absurdo ignorar o que têm a dizer os cientistas e pesquisadores e o que se conhece hoje sobre os processos de reforma curricular.

No Estado do Paraná estas reformas estão acontecendo gradativamente com a participação de professores e pesquisadores, pois, atualmente o trabalho dos docentes de ciências é direcionado com base nas Diretrizes Curriculares de Ciências, sendo que este documento “pressupõe uma perspectiva pedagógica de integração conceitual”. (DCE p.39).

Nas DCE de Ciências está posto que:

O estabelecimento de uma nova identidade para a disciplina de Ciências. Requer repensar: os fundamentos teórico-metodológicos que sustentam processo ensino-aprendizagem; a reorganização dos conteúdos científicos escolares a partir da história da ciência e da tradição escolar; os encaminhamentos e a utilização de abordagens, estratégias e recursos pedagógicos/tecnológicos pressupostos e indicativos para a avaliação formativa. Essas reflexões têm como ponto de partida o fato da ciência não utilizar um único método para todas as suas especialidades, O que gera, para o ensino de Ciências, a necessidade de um pluralismo metodológico que considere a diversidade de abordagens, estratégias e recursos pedagógicos/tecnológicos e a amplitude de conhecimentos científicos a serem abordados na escola.s a serem abordados na escola.

Seguindo os princípios presentes nas DCE de Ciências, destacamos que os saberes científicos estão presentes no dia a dia das pessoas de qualquer classe social, porque se inserem na cultura, na tecnologia, no modo de pensar e de agir das pessoas.

O aprendizado é proposto de forma a propiciar aos alunos o desenvolvimento de uma compreensão do mundo que lhes dê condições de continuamente colher e processar informações, desenvolver sua comunicação, avaliar situações, tomar decisões, ter atuação positiva e crítica em seu meio social.

Para atender à proposição de atuação na sociedade através da utilização do conhecimento construído é importante, segundo Krasilchik (2000:6):

“Incluir cuidados para que os excessos nessa postura ¹ tornem o currículo pouco rigoroso” ... “O risco grave é de que se percam de vista os objetivos maiores do ensino de Ciências, que deve incluir a aquisição do conhecimento científico por uma população que compreenda e valorize a Ciência como empreendimento social.”

A ciência está no dia a dia das pessoas de qualquer classe social, porque está na cultura, na tecnologia, no modo de pensar e de agir das pessoas.

Considerando que os conhecimentos estão em contínua transformação, não se pode mais conceber o ensino apenas como um processo de transmissão de conhecimentos dogmáticos. Portanto, a escola deve atuar no sentido de estimular o pensamento, desenvolvendo no aluno uma postura reflexiva, crítica questionadora e investigadora, e não de passiva aceitação do que é estabelecido como verdade pronta e acabada.

A valorização da aprendizagem significativa recebe relevância neste momento histórico da disciplina, pois, segundo Moreira (2005:13):

Na aprendizagem significativa, o aprendiz não é um receptor passivo. Longe disso. Ele deve fazer uso dos significados que já internalizou, de maneira substantiva e não arbitrária, para poder captar os significados dos materiais educativos. Nesse processo, ao mesmo tempo em que está progressivamente diferenciando sua estrutura cognitiva, está também fazendo a reconciliação integradora de modo a identificar semelhanças e diferenças e reorganizar seu conhecimento. Quer dizer o aprendiz constrói seu conhecimento, produz seu conhecimento.

É preciso criar espaço para o aluno pensar, discutir as informações sobre o conhecimento científico e cotidiano como campos que se inter-relacionam como o conhecimento escolar propiciando a reformulação de suas próprias explicações, construindo seu modelo mental, sua própria rede de relações conceituais. É preciso, portanto, estimular no aluno o interesse pela investigação que lhe permitirá reconstruir suas idéias e ampliar sua compreensão de mundo para além do saber cotidiano. Assim, a construção de significados é resultado da complexa rede de interpretações, onde estão envolvidos o estudante, os conteúdos escolares e o mediador do processo ensino aprendizagem, o professor.

Fenômenos como a industrialização, o desenvolvimento tecnológico e científico, a urbanização, o maior acesso a informações, entre muitos outros, não podem deixar de provocar choques no currículo escolar, pois assim estará respondendo às mudanças sociais, à crescente diversificação cultural da sociedade, ao impacto das disciplinas tradicionais: Física, Química e Biologia. Assim, a

educação ambiental e a educação para a saúde são, de forma geral, programas que estudam as relações dos fatores econômicos e sociais e a melhoria de qualidade de vida, e as possíveis consequências do uso indevido do ambiente, como por exemplo, a crescente produção de lixo e poluentes atmosféricos.

Para isso, o desenvolvimento de atitudes e valores são tão essenciais quanto o aprendizado de conceitos e de procedimentos. Nesse sentido, é responsabilidade da escola e do professor, como mediador, promoverem o questionamento, o debate, a investigação, visando o entendimento da ciência como construção histórica e como saber prático, superando as limitações do ensino passivo, centrado na memorização de definições e de classificações sem qualquer sentido para o aluno.

Os princípios da disciplina de Ciências exprimem a sua especificidade, caracterizando assim as ações relacionadas aos conteúdos e estratégias próprias da área, que configuram o processo de ensino e de aprendizagem. Esses princípios não se resumem a simples parâmetros, mas se colocam como um instrumental propositivo para orientar o ensino de Ciências.

b. OBJETIVOS

- Propiciar aos estudantes o acesso ao conhecimento científico que resulta da investigação científica;
- Entender a natureza como o conjunto de elementos integradores que constituem o universo em toda sua complexidade;
- Interpretar os fenômenos naturais e as relações entre os elementos fundamentais como o tempo, espaço, matéria, movimento, força, campo, energia e vida.
- Entender que a interferência do ser humano sobre a natureza possibilita incorporar experiências, técnicas, conhecimentos e valores produzidos na coletividade e transmitidos culturalmente;
- Saber utilizar conceitos científicos básicos, associados a energia, matéria, transformação, espaço, tempo, sistema, equilíbrio e vida;
- Identificar relações entre conhecimento científico, produção de tecnologia e condições de vida, no mundo de hoje e em sua evolução histórica, e compreender a tecnologia como meio para suprir necessidades humanas, sabendo elaborar juízo sobre riscos e benefícios das práticas científico-tecnológicas;

c. CONTEÚDOS ESTRUTURANTES

O currículo de Ciências no Ensino Fundamental é constituído historicamente por um conjunto de ciências que se somam numa mesma disciplina escolar para compreender os fenômenos naturais nesta etapa da escolarização. Os conhecimentos físicos, químicos e biológicos, dentre outros, são contemplados nessa disciplina com vistas à compreensão das diferenças e inter-relações entre estas ciências, ditas naturais, no processo de ensino aprendizagem.

A disciplina de Ciências tem como objeto de estudo o *conhecimento científico* que resulta da investigação da *Natureza*. Do ponto de vista científico, entende-se por *Natureza* o conjunto de elementos integradores que constitui o Universo em toda sua complexidade. Ao ser humano cabe interpretar racionalmente os fenômenos observados na *Natureza*, resultantes das relações entre elementos fundamentais como tempo, espaço, matéria, movimento, força, campo, energia e vida.

As ciências orientam a definição dos conteúdos significativos na formação dos alunos na medida em que oportunizam correlacionar a investigação científica a aspectos políticos, econômicos e culturais, valorizando conteúdos científicos mais próximos do cotidiano, no sentido de identificar problemas e propor soluções.

Desta forma são propostos os conteúdos estruturantes da disciplina de ciências: **Astronomia, Matéria, Energia, Sistemas Biológicos e Biodiversidade.**

A partir desta concepção, os conteúdos específicos serão abordados em suas inter-relações com outros conteúdos e disciplinas, considerando seus aspectos conceituais, científicos, históricos, econômicos, políticos e sociais, as quais devem ficar evidentes no processo de ensino e de aprendizagem da disciplina. (GASPARIM, 2003)

Os conteúdos serão divididos por série e temas específicos a serem desenvolvidos durante o ano e sendo feitas as devidas inter-relações necessárias a cada tema.

Os conteúdos obrigatórios da Instrução nº 009/2011- SUED/SEED serão tratados em conjunto aos conteúdos específicos pertencentes à disciplina de Ciências, propostas nas Diretrizes Curriculares Estaduais.

Astronomia:

Matéria: A Matéria propõe uma abordagem de estudos da realidade constitutiva dos corpos e suas propriedades, indo além daquilo que vemos, sentimos e tocamos.

Sistemas Biológicos: Sistemas Biológicos aborda a constituição dos sistemas orgânicos e fisiológicos, bem como suas características específicas de

funcionamento, desde os componentes celulares e suas respectivas funções até o funcionamento dos sistemas.

Energia: Este conteúdo tem o propósito de provocar a busca de novos conhecimentos, na tentativa de compreender o conceito energia no que se refere às suas várias manifestações.

Biodiversidade: O conceito de Biodiversidade envolve o entendimento da diversidade de espécies em diferentes níveis de complexidades orgânicas bem como, suas inter-relações com os diferentes ambientes e seus processos evolutivos.

6.º ANO	
CONTEÚDOS ESTRUTURANTES	CONTEÚDO BÁSICO
Astronomia	Universo Sistema solar Movimentos terrestres Movimentos celestes Astros
Matéria	Constituição da matéria
Sistemas Biológicos	Níveis de organização celular
Energia	Formas de energia Conversão de energia Transmissão de energia
Biodiversidade	Organização dos seres vivos Ecossistema Evolução dos seres vivos.
7º Ano	
Astronomia	Astros Movimentos celestes Movimentos terrestres
Matéria	Constituição da matéria
Sistemas Biológicos	Célula Morfologia e fisiologia dos seres vivos
Energia	Formas de energia Transmissão de energia
Biodiversidade	Origem da vida Organização dos seres vivos Sistemática
8º Ano	
Astronomia	Origem e evolução do Universo
Matéria	Constituição da matéria
Sistemas Biológicos	Célula - mecanismos de herança genética Morfologia e fisiologia dos seres vivos
Energia	Formas de energia
Biodiversidade	Evolução dos seres vivos
9º Ano	
Astronomia	Astros Gravitação Universal
Matéria	Propriedades da matéria
Sistemas Biológicos	Morfologia e fisiologia dos seres vivos
Energia	Formas de energia Conservação de energia
Biodiversidade	Interações ecológicas

Tais abordagens não se esgotam nas sugestões apresentadas e podem ser ampliadas em função de interesses regionais do avanço na produção do conhecimento científico.

d. METODOLOGIA DA DISCIPLINA

No ensino de ciência deve-se permitir aos alunos estabelecer relações entre o mundo natural (conteúdo da ciência), o mundo construído pelo homem (tecnologia) e seu cotidiano (sociedade).

Embora não haja uma estratégia única no ensino de ciências, algumas ideias gerais parecem estar hoje consolidadas.

A primeira é a importância de uma participação ativa do estudante no processo de aprendizagem e a importância de compreendermos o que ele pensa a respeito dos fenômenos.

A segunda é que é preciso estabelecer uma conexão entre os abstratos conceitos científicos e as experiências do cotidiano. É preciso também que em um mundo em que os conhecimentos científicos estão em constante transformação, ele aprenda a pesquisar as informações pertinentes.

Para saber se o estudante realmente apreendeu determinado conceito, é preciso lançar questões em que ele use o raciocínio, aplicando o que aprendeu a situações novas - em vez de apenas ter que responder a questões que envolvem uma simples memorização de nomes ou fórmulas.

É importante também que os diversos conhecimentos das várias disciplinas estejam inter-relacionados, isto é, que se busque uma interdisciplinariedade. Por meio de um trabalho interdisciplinar, o aluno poderá compreender a integração entre as diversas áreas do conhecimento e da cultura, além de desenvolver suas múltiplas habilidades cognitivas, o que estimulará seu desenvolvimento global.

Para ensinar ciências é imprescindível criar espaço para o aluno pensar, discutir, argumentar e formular suas próprias explicações. É preciso estimular a participação ativa do estudante no processo de aprendizagem, enfatizando a investigação, pesquisa e a capacidade de reconstruir suas idéias, resolver problemas, ampliando assim sua compreensão de mundo. É importante também compreender o que ele pensa a respeito dos fenômenos e dos conceitos científicos, procurando sempre uma interação, um diálogo, de forma a estimular uma curiosidade.

Deve-se valorizar as hipóteses e as perguntas dos alunos, suas conquistas, e ajudá-los a mapear suas dificuldades, colaborar para o desenvolvimento da autoestima e de atitudes de respeito a si próprio e aos outros.

O estudo das Ciências necessita apresentar interação direta com os fenômenos naturais e tecnológicos, para evitar lacunas na formação do educando. Quanto ao processo de propor atividades, devemos levar em consideração que nem todos os alunos possuem os mesmos interesses, nem aprendem da mesma maneira.

o ensino de Ciências deve contribuir para que os alunos compreendam melhor o mundo e suas transformações, possam agir de forma responsável em relação ao Meio Ambiente e aos seus semelhantes e reflitam sobre questões éticas que estão implícitas nas relações entre Ciências e Sociedade. Nesse processo o papel do educador é fundamental. Sua atitude é sempre uma referência para os alunos: a consideração das múltiplas opiniões, a persistência na busca de informações, a valorização da vida e o respeito as individualidades serão observadas e servirão de exemplo na formação dos valores dos educandos. (BIZZO, 2000)

Assim, torna-se importante considerar o desenvolvimento cognitivo dos alunos relacionando as suas experiências, idade, identidade cultural e social e os diferentes significados e valores que as Ciências podem ter para eles.

O estudo dos conceitos fundamentais e o planejamento das ações pedagógicas precisam considerar a relação existente entre os conteúdos estruturantes e específicos e, a Ciência, a tecnologia e a sociedade para que os alunos compreendam que o objetivo de estudo da disciplina está diretamente relacionado à sua prática social.

Como sabemos, os conteúdos específicos são desdobrados e estabelecem relações, que podem ser conceituais, interdisciplinares ou contextuais, sendo inúmeras estas relações, devem ser estabelecidas considerando-se as orientações das Diretrizes Curriculares, a experiência profissional e a caminhada pedagógica do professor.

A influência cada vez maior da Ciência e da tecnologia em nossa vida e a rapidez com que surgem as inovações nesse campo vem despertando um intenso debate acerca do ensino de Ciências.

Nós professores, somos também estudantes, permanentemente aprendendo sobre as novas descobertas em ciências e sobre as novas maneiras de ensinar, buscando assim, repassar estas descobertas através de metodologias que despertem nos alunos a construção do próprio conhecimento.

A metodologia utilizada para trabalhar os conteúdos estruturantes será desenvolvida de diversas formas, que visem facilitar o aprendizado, metodologias estas, como: leitura e interpretação de textos atuais, exposição de conteúdos utilizando fatos do cotidiano, como, notícias de jornais, revistas e exemplos do dia-a-dia do aluno, interpretação de figuras e legendas; resolução de problemas; elaboração de relatórios de experimentos e investigações; confecções de cartazes e

murais; recursos audio-visuais; exposições; exposição de material coletado, debates; trabalho de campo como visitas e excursões.

Atualmente, o acúmulo de conhecimentos científicos não pode ser meramente repassado, é necessário que haja uma adequação e seleção dos conteúdos a serem trabalhados com os alunos.

Além de selecionados e adequados, os conteúdos devem ser trabalhados com os diferentes métodos ativos que motivem e despertem o interesse dos alunos por tais conteúdos, possibilitando a memorização de maneira efetiva, diferente da simples memorização que se reduz a repetições de conceitos cobrados de forma direta e imediata nas avaliações.

A visão fragmentada da ciência revela sua natureza dinâmica, fundamental para o trabalho interdisciplinar dentro dessa área.

Além do conhecimento científico, fatores como idade, desenvolvimento cognitivo e identidade social e cultural devem ser considerados para que a aprendizagem seja significativa no ensino de ciências.

A organização das atividades deve explorar o conhecimento dos alunos e levar em conta seu desenvolvimento, permitindo que se estabeleçam relações em diferentes esferas, situando o aluno em seu mundo.

O professor é fundamental para a aprendizagem do aluno, pois ele informa, questiona, exemplifica, extrai dos alunos o conhecimento prévio que eles têm e introduz os novos conceitos que serão trabalhados, sem resumir o ensino de ciências em simples e abstratas definições meramente científicas.

Realidade sociocultural, artigos, acontecimentos recentes e relacionados ao cotidiano dos alunos podem ser interessantes recursos didáticos utilizados pelo professor.

As atividades variam de acordo com os anos a serem trabalhados e oferecem condições para a construção das noções científicas, menos complexas e abrangentes nos primeiros anos e mais estruturadas nos anos finais.

Além dos conceitos, são também considerados conteúdos os procedimentos, as atitudes e os valores humanos.

Os procedimentos correspondem à busca, organização e comunicação dos conhecimentos e podem ser bem diversificados. Como exemplo, a experimentação que envolve observação, elaboração de hipóteses, análise, comparação, discussão, resolução de problemas, leitura, criação de textos, organização de informações além da forma escrita (tabelas, gráficos, etc.).

Algumas estratégias do trabalho metodológico a serem desenvolvidas com os alunos:

- Trabalho em grupo;

- Leitura e produção de textos;
- Elaboração, construção e interpretação de mapas de conceitos;
- Utilização de imagens;
- Atividades práticas ou experimentais;
- Pesquisas de campo;
- Utilização de filmes e recortes de filmes;
- Pesquisa orientada na internet;
- Criação de sites colaborativos;
- Utilização da internet e laboratórios de informática para criação de slides para uso na TV pendrive.

O trabalho desenvolvido frente aos conteúdos estruturantes se torna mais completo quando inserimos a este os Desafios Educacionais Contemporâneos os quais serão trabalhados de diversas formas quando da necessidade bem como da possibilidade em se inserir determinado assunto, pode-se ainda observar que determinados desafios fazem parte do cotidiano dos educandos, como Educação Ambiental presente nas ações antes propostas, o enfrentamento à violência na escola, a prevenção ao uso indevido de drogas e o tema educando para as relações étnico-raciais, que será trabalhado visando à compreensão da importância dos negros e índios e da igualdade existente entre os povos.

Utilizando assim, metodologias que se tornem adequadas a cada conteúdo a ser trabalhado, respeitando a individualidade e a capacidade de cada turma na produção do conhecimento.

Portanto, o professor fará uso de diversas atividades como, por exemplo: aulas expositivas, atividades em grupo, trabalhos de pesquisa, leitura de reportagens, filmes, documentários, aulas elaboradas para a Tv pendrive, pesquisa na Internet e aulas em laboratório (experiência).

e. AVALIAÇÃO

Avaliação é um elemento do processo de ensino e aprendizagem que informa ao professor o que foi aprendido pelo estudante; informa ao estudante quais são seus avanços, dificuldades e possibilidades. Longe de ser apenas um momento final do processo de ensino, a avaliação é o resultado de um acompanhamento paralelo e contínuo e sistemático pelo professor como momentos específicos de formalização, ou seja, a demonstração de que as metas de formação de cada etapa foram alcançadas.

Avaliação não pode mais ser concebida como um instrumento coercitivo, de controle, ou ainda, como um mero recurso para mensurar conhecimento acumulado pelo aluno em certo período.

Dessa forma, é fundamental que se utilize diversos instrumentos e situações para poder avaliar diferentes aprendizagens.

Em Ciências, também são muitas as formas de avaliação possíveis: individual e coletiva, oral e escrita. Os instrumentos de avaliação comportam, por um lado, a observação sistemática durante as aulas sobre perguntas feitas pelos estudantes, as respostas dadas, os registros de debates, de entrevistas, de pesquisas, de filmes, de experimentos, os desenhos de observação, etc.; por outro lado, as atividades específicas de avaliação, como comunicações de pesquisas, participação em debates, relatórios de leitura, de experimentos e provas dissertativas ou de múltiplas escolha. É importante notar que esses últimos instrumentos, as provas, muitas vezes são entendidos como a única forma de avaliação possível, perdendo-se a perspectiva da avaliação como elemento muito abrangente.

Dentro deste contexto, a avaliação resultará em instrumento indicador dos aspectos defasados da aprendizagem, reformulação da prática pedagógica. Ela ainda irá favorecer o planejamento de aprendizagens futuras, assim como permitirá ao professor avaliar o próprio desempenho. Uma avaliação, com abrangência, precisa utilizar diversas oportunidades, instrumentos e forma de avaliar. A avaliação não formal permite aferir o desenvolvimento do aluno muito além do que o teste escrito poderia fazê-lo. O professor pode, para isso, observar o desempenho dos alunos nas diversas atividades.

O processo pedagógico, fundamentado num ensino dinâmico e participativo, deverá considerar na prática da avaliação formal as questões que privilegiam o raciocínio. Como expressão do desenvolvimento do raciocínio espera-se evidência da capacidade de emitir opinião, de justificar fatos ou fenômenos em coerência com o novo saber aprendido, fazer suposições, análises, críticas. E não apenas ocupar-se de questões que envolvam a memorização, sem nenhuma outra exigência do potencial do aluno. É importante ressaltar que todo processo avaliativo deve pautar-se pelo extremo respeito às possibilidades cognitivas do aluno. Deve, ainda, ser coerente com o oferecido e enfatizado no cotidiano da sala de aula.

Também precisamos adotar uma nova postura em relação ao erro, se pretendemos promover um ensino que conceba a aprendizagem como processo de permanente construção do conhecimento. Nessa dimensão educativa ele é concebido não como falta de conhecimento, incapacidade para a aprendizagem ou outra anomalia. O erro é considerado como levantamento de hipótese sendo de

grande significado e necessita ser desvendado pelo professor, porque sinaliza a forma como o aluno explica o mundo. A partir desta compreensão, o professor poderá replanejar a sua atuação no processo ensino-aprendizagem, de forma a permitir ao educando a apropriação de um saber ainda não alcançado através da Recuperação Paralela.

Os critérios de avaliação em Ciências estão relacionados com a abordagem de cada conteúdo específico e também com o instrumento de avaliação adotado.

Serão utilizados os seguintes critérios para avaliar o desempenho dos estudantes e também para diagnosticar a eficiência dos procedimentos metodológicos adotados pelo professor:

- Análise e síntese;
- Argumentação oral;
- Argumentação escrita;
- Interpretação;
- Formulação de hipóteses.

Os instrumentos de avaliação utilizados serão:

1. Provas e trabalhos individuais com consulta;
2. Prova individual sem consulta para estimular o estudo prévio;
3. Trabalhos em grupo;
4. Relatórios de experimentos.

Buscando uma avaliação diagnóstica, somativa, processual, qualitativa e formativa serão atribuídos valores relacionados ao número de atividades realizadas, sendo que se não forem atingidos os objetivos de cada conteúdo será oferecida a recuperação paralela que se constitui na retomada do conteúdo que não foi compreendido pelo aluno, oportunizando ao educando a recuperação da nota se os objetivos não forem atingidos.

Conforme o regimento escolar, a nota bimestral será resultante da somatória dos valores obtidos em cada instrumento de avaliação, sendo valores cumulativos das várias avaliações aplicadas, na sequência e ordenação dos conteúdos desenvolvidos, que serão, no mínimo, duas (2) avaliações. O processo de avaliação, segundo seus instrumentos diagnósticos e processuais, as produções dissertativas individuais, avaliações diversas referentes ao conteúdo e atividades desenvolvidas a partir do livro didático e em aula, devem constituir 70% do total da nota (formal); outros 30% são referentes a atividades diversas como exercícios envolvendo a capacidade de articulação e expressão oral e atividades em grupos. Ainda atividades que possam contribuir para o desenvolvimento artístico do aluno, em segmentos diversos.

Os alunos com necessidades especiais serão avaliados de acordo com suas especificidades conforme a Lei N^o. 9394/96 da LDB, capítulo 5, artigo 58.

Adotando os procedimentos acima citados o ser humano é valorizado em sua totalidade enquanto sujeito histórico e agente de transformações sociais.

f. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS Carlos, PAULINO Wilson Roberto. Ciências 5^a a 8^a Séries. São Paulo: Ática, 1998.

GEWANDSZNAIDER Fernando. Ciências: livro do professor/São Paulo: Ática, 2002.

ALVARENGA, J.P.; et al. Ciências no dia-a-dia. Belo Horizonte: Dimensão, 2000.

LAGO, S.R. PCNs da teoria à prática. Campina Grande do Sul: Lago, 1995.

REVISTA DO PROFESSOR, Ed. CPOEC, n^o 44.

VALLE, C. Coleção Ciências. Curitiba: Nova Didática, 2004

GASPARIN, João Luiz. **Uma didática para a pedagogia histórico crítica**. 4.ed.ver. Ed ampl. – Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

BARROS, C.O. O Corpo humano. São Paulo: Ática, 2002.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO PARANÁ. **Diretrizes Curriculares de Ciências para o Ensino Fundamental- 2009.**

REGIMENTO INTERNO DA ESCOLA

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO.

KRASILCHIK, Myriam. **Reformas e Realidade o caso do ensino das ciência**. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php>. Acesso em 25/05/2008.

PROPOSTA PEDAGÓGICA CURRICULAR EDUCAÇÃO FÍSICA

1- Apresentação da Disciplina:

A atividade física já fazia parte dos nossos antepassados, desde os mais remotos tempos, onde o homem primitivo necessitava de agilidade, esperteza, força e velocidade para garantir sua sobrevivência como buscar alimento e fugir dos predadores. Bem sabemos que hoje em dia se faz necessário a atividade física para garantir uma vida saudável e um bem estar físico.

A Educação Física tem por finalidade promover, por meio de atividades físicas adequadas, o desenvolvimento integral do ser humano, permitindo que cada uma atinja o máximo de sua capacidade física e mental, contribuindo na formação de sua personalidade e integração no meio social.

Assim, percebe-se que a Educação Física deve oportunizar ao educando a multiplicidade de suas possibilidades cinéticas, ampliando seu mundo disponível. Entretanto, algo mais que todos os exercícios físicos, ela é educação, pois através da seleção e ordenamento das atividades o educador busca cumprir seus objetivos educacionais.

Nossos alunos precisam de conhecimento das suas capacidades, limitações, melhora cardiovascular, estética, humor, enfim o bem estar físico social e emocional e a forma mais completa de adquirir esse conhecimento se dá pela atividade física. A prática da Educação física na escola poderá favorecer a autonomia dos alunos para monitorar as próprias atividades, regulando o esforço, traçando metas, conhecendo as potencialidades e limitações, sabendo distinguir situações de trabalho corporal que podem ser prejudiciais a sua saúde. A iniciação precoce, a performance e o imediatismo desconsideram a individualidade de cada aluno, único em suas potencialidades e limitações. Os movimentos são estereotipados, gerando conformismo pela ausência do exercício da crítica e do espaço da criação.

A Educação Física permite que se vivencie diferentes práticas corporais advindas das mais diversas manifestações culturais que seja vista como uma variada combinação de influências onde é presente na vida cotidiana. A partir das danças, dos esportes, dos jogos que compõem um vasto patrimônio cultural que deve ser valorizado, conhecido e desfrutado.

A educação física deve sim, integrar o aluno na cultura corporal de movimento, mas de uma forma completa, transmitir conhecimentos sobre a saúde, sobre várias modalidades do mundo dos esportes e do fitness, adaptando o conteúdo das aulas à individualidade de cada aluno e a fase de desenvolvimento em que estes se encontram. É uma oportunidade de desenvolver as potencialidades de cada um,

mas nunca de forma seletiva e sim, incluindo todos os alunos no programa. Os alunos não devem acreditar que a aula de educação física é apenas uma hora de lazer ou recreação, mas que é uma aula como as outras, cheia de conhecimentos que poderão trazer muitos benefícios se inseridos no cotidiano. As aulas devem ser dinâmicas, estimulantes e interessantes. Os conteúdos precisam ter uma complexidade crescente a cada série acompanhando o desenvolvimento motor e cognitivo do aluno. Precisa existir uma relação teórica-prática na metodologia de ensino.

A Educação Física, enquanto área do conhecimento, tem se baseado na cultura escolar e na corporalidade o **corpo em movimento**, como saber construído no interior das relações entre as classes. Por esse motivo, a Educação Física tem uma função social a cumprir no espaço escolar. Esta função, segundo Saviani, é a “transmissão do saber sistematizado, legado cultural da humanidade.” (in TOLKMITT, 1993.).

A Educação Física,

“é vista por nós como o conjunto de atividades físicas, metódicas e racionais que se integram ao processo de educação global, visando ao pleno desenvolvimento do aparelho locomotor, bem como ao desenvolvimento normal das grandes funções vitais e ao melhor relacionamento social.” (HURTADO, 1985, pg. 15).

Quando falamos em movimento humano pensamos que é a expressão objetivada da consciência corporal, que é formada pelo conjunto das relações que compõem uma determinada sociedade e dos saberes sistematizado pela classe dominante, sobre esta consciência corporal.

Cada sociedade construiu um discurso sobre o corpo, tendo em vista a dominação, e nós incorporamos esta concepção de corpo como senso comum.

Os saberes acumulados e sistematizados pela classe dominante contêm elementos de sua ideologia que, ao se converterem em senso comum, penetram nas massas. Portanto, nossa consciência corporal que temos e esta nossa movimentação é cultural e histórica.

Aproveitamos a conceituação feita pelo Prof^o Lino Castellani Filho (in TOLKMITT, 1993), no sentido de explicitar o que nós entendemos por consciência corporal: “consciência corporal é a compreensão a respeito dos signos tatuados em nosso corpo pelos aspectos socioculturais, em momentos históricos determinados.”

Nossa função como educadores, é tomar como ponto de partida a concepção do corpo que a sociedade produziu historicamente, levando os alunos à apreensão deste conhecimento ao se situarem na contemporaneidade e dialogarem com o passado, visando à consciência de seu próprio corpo, instrumentalizando-os,

então, para que eles tenham condições de intervir nos próximos signos a serem tatuados em seu corpo.

Deverá também ser levado em conta o tipo de sociedade onde este saber foi produzido, a serviço de quem este saber está e, com esta análise, proporcionar uma reflexão crítica para que o saber seja re-elaborado e haja consequente reconstrução da consciência e cultura corporal.

Com a Educação Física e o desporto, o aluno compreenderá de maneira prática como a atividade física melhora a qualidade de vida em todos os sentidos: físico, intelectual e psicológico. A vida atribuída ao movimento desde os amplos, evidentes, facilmente reconhecíveis, até os minúsculos e despercebíveis. O ser humano é uma criança ativa, que se expressa pela motricidade.

O processo educativo tem como objetivo maior a formação integral do ser humano. A escola enquanto instituição educacional deve na medida do possível, ofertar o maior número possível de vivências e informações a fim de auxiliar na formação como capacidade para a compreensão do real significado da sociedade atual, numa perspectiva de transformação que aponte para o compromisso com o coletivo e com uma ordem social democrática.

A Educação Física enquanto disciplina que compõem a grade curricular do estabelecimento de ensino tem os mesmos objetivos de Educação, ou seja, deve preocupar-se também com o desenvolvimento integral do ser humano, utilizando para isso suas atividades que se concretizam pelo movimento.

Como disciplina integrante do currículo escolar deve estar fundamentada na produção do conhecimento, ter conteúdos concretos e indissociáveis, da comodidade social, ter conhecimento de umas determinadas histórias sociais e principalmente ser um instrumento de capacitação do saber.

“A Educação Física é uma disciplina que trata, pedagogicamente, na escola, do conhecimento de uma área denominada aqui de cultura corporal. Ela será configurada com temas ou formas de atividades, particularmente corporais, como as nomeadas anteriormente: jogo, esporte, ginástica, dança ou outras, que constituirão seu conteúdo. O estudo desse conhecimento visa aprender a expressão corporal como linguagem”. (Coletivo de Autores, 1993).

2- Conteúdos estruturantes:

Os conteúdos serão trabalhados conforme o grau de complexidade, respeitando a série, a idade, e a capacidade física de nossos alunos.

Os conteúdos estruturantes e básicos a serem trabalhados serão os seguintes:

Esportes

- Futebol
- Handebol
- Voleibol
- Basquetebol
- Atletismo
- Tênis de mesa
- Futsal
- Xadrez

Obs.: Os conteúdos básicos serão trabalhados da seguinte maneira: histórico, regras, fundamentos técnicos e táticos e aspectos sociais.

Jogos e brincadeiras

- Brincadeiras de rua / populares
- Brinquedos
- Brincadeiras de roda
- Jogos dramáticos e de interpretação
- Jogos cooperativos.
- Jogos de estafetas
- Jogos de tabuleiro
- Jogos intelectivos
- Jogos de raquete e peteca
- Jogos competitivos

Obs.: Será feito um resgate histórico e uma análise da importância dos jogos e das brincadeiras para a qualidade de vida.

Danças

- Danças folclóricas
- Atividades de expressão corporal
- Cantigas de roda
- Hip Hop: Break
- Dança criativa
- Dança de rua
- Dança de salão

Obs.: Um estudo histórico das diversas manifestações culturais da dança, a importância da dança para as relações humanas no convívio social.

Ginástica

- 1 Ginástica artística
- 2 Atividades circenses

- 3 Ginástica natural
- 4 Ginástica rítmica
- 5 Ginástica geral
- 6 Ginástica de academia

Obs.: Um breve estudo histórico sobre a ginástica, e a vivencia prática.

Lutas

- 1 Judô
- 2 Karate
- 3 Taekwondo
- 4 Capoeira
- 5 Kung fu
- 6 Muay thai
- 7 Boxe
- 8 Greco romana;
- 9 Jju-jitsu
- 10 Sumo

Obs.: Um breve estudo histórico sobre as lutas, a influência da mídia , a melhora das capacidades físicas, e a vivencia prática.

Conteúdos obrigatórios:

- Cultura Indígena
- Afro-brasileira,
- Educação Fiscal,
- Sexualidade,
- Meio-Ambiente,
- Violência
- Drogas.

Também serão contemplados os conteúdos do PSS e do PAC; onde a etodologia estará centrada nos conteúdos teórico-práticos.

É importante que antes de escolher um desses momentos se façam uma pequena conversa para verificar a vivência cultural dos educandos.

Na questão de alunos de sala de recursos e alunos de inclusão, serão feitas adaptações baseadas nas orientações pedagógicas como: Síntese dos conteúdos, Xérox, e outros, porém sem que haja a exclusão dos conteúdos repassados à classe.

3- Metodologia da disciplina:

Para alcançar nossos objetivos iremos trabalhar com aulas práticas, apresentações de trabalhos, exposições, vídeo, Internet, palestras, aulas em sala, utilização de recursos áudio visuais, laboratórios de informática.

Serão realizados trabalhos em grupo, trabalho individual e trabalhos que envolvam a comunidade em geral, dando assim oportunidade para que os alunos aprendam com outras pessoas além dos professores.

Serão realizadas apresentações de trabalhos teóricos e práticos para os colegas da sala como para toda a comunidade escolar.

Realizaremos atividades bimestrais para que os mesmos vivenciem os conteúdos trabalhados, atividades como Jogos Inter- séries, Apresentações Artísticas, Exposição de Trabalhos e troca de experiência com outros grupos e concursos.

As atividades também incluirão temas como: a história e cultura afro, educação especial, drogas e violência e sexualidade. Esses temas são facilmente vivenciados pelos alunos e professores no dia a dia da disciplina, sendo assim importante a discussão dos mesmos através de trabalhos, seminários, debates sobre as situações que acontecem durante as aulas.

4- Avaliação:

Propor ao aluno uma participação ativa no próprio aprendizado, a pesquisa em grupo, a experimentação e atividades que estimulem o questionamento e o raciocínio, contribuindo assim, no processo de resgate de uma Educação Física inserida no contexto escolar, como uma prática social, alicerçada na participação coletiva, que promova autonomia, criatividade e socialização, e não apenas como um componente, que desenvolve sua atividade fora da sala de aula.

Deve-se levar em consideração o desenvolvimento do aluno no processo de aprendizagem e na disciplina de Educação Física a junção entre o teórico e o prático é fundamental para o processo ensino aprendizagem. Como métodos avaliativos serão cobrados as participações em aulas práticas que equivalerão a 70% da média bimestral, e 30% para provas, trabalhos apresentados em formas de seminários, ou seja, trabalhos individuais e ou em equipes trabalhos escritos.

Os alunos com necessidades educacionais especiais serão contemplados com avaliações diferenciadas conforme sua necessidade, levando em conta seu nível de desenvolvimento e aprendizado.

Esta proposta de avaliação esta vinculada ao Projeto Político Pedagógico do Colégio Estadual Antônio Xavier da Silveira e será realizada de forma contínua, somativa e diagnóstica, permanente e cumulativa.

As avaliações terão metodologias diferenciadas levando em conta o desenvolvimento particular das turmas em que serão aplicadas, respeitando assim o processo ensino aprendizagem dos alunos de cada turma e serie, conforme avaliação diagnóstica realizada pelos professores.

Será oferecida a recuperação paralela de conteúdos durante todo o ano, sendo que a mesma será da seguinte forma:

- Todos os alunos terão direito a mesma;
- O aluno irá paralelamente realizar atividades práticas e teóricas que venham a contemplar os conteúdos não aprendidos;
- A cada avaliação o aluno terá direito a recuperação paralela da mesma, com valor e grau de dificuldade equivalente;
- A recuperação será paralela oportunizando 100% de aproveitamento, sendo esta substitutiva prevalecendo a nota maior de acordo com o Artigo 24, inciso 5, letra E da LDB 9394/96;
- A recuperação paralela segue o que consta na PPP da instituição.

5- Referências bibliográficas:

COLETIVO, de Autores. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1993.

DIRETRIZES, Curriculares de Educação básica. **Educação Física** Departamento de Educação Básica. Curitiba, 2008.

HEINRICH, Meusel. **Educação Física – Jogos e Brincadeira de Corrida, Luta e Bola**. Rio de Janeiro. Grupo Coquetel, 1993.

HURTADO, Johann Gustavo Guilherme. **Educação Física Pré-Escolar e Escolar – 1ª à 4ª Série: Uma Abordagem Psicomotora**. Curitiba: Fundação da UFPR, 1985.

TANI, Go. **Educação Física Escolar – Fundamentos de uma Abordagem Desenvolvimentista**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

TOLKMITT, Valda Marcelino. **Educação Física, uma Produção Cultural: do Processo de Humanização à Robotização! E Depois?** Curitiba Módulo, 1993.

PROPOSTA PEDAGÓGICA CURRICULAR ENSINO FUNDAMENTAL

ENSINO RELIGIOSO

a. APRESENTAÇÃO DA DISCIPLINA

A disciplina de Ensino Religioso passou a fazer parte do ensino escolar com a Constituição de 1934, porém com matrícula facultativa.

Na década de 60 essa disciplina era ministrada por professores leigos e voluntários. Na prática muitos inverteram seu objetivo, converteram os educandos para sua própria religião.

O Ensino Religioso, conforme a LDB 4024/61, teve matrícula facultativa. Durante os anos de 1971 a 1998, aconteceram muitos programas, elaboração de materiais, cursos, de modo a garantir um novo espaço para a Educação Religiosa na Legislação Brasileira.

De acordo com a nova LDBEN 9394/96 o Ensino Religioso vedava qualquer forma de doutrinação ou proselitismo. Propôs o caráter ecumênico, respeitando-se as diferenças culturais.

O Ensino Religioso é componente curricular da Educação Básica e de importância para a formação do cidadão e para seu pleno desenvolvimento como pessoa. Por consequência, parte do dever constitucional do Estado em matéria educativa.

O Ensino Religioso, em conformidade com a legislação brasileira, propõe promover aos educandos a oportunidade de processo de escolarização fundamental para se tornarem capazes de entender os movimentos religiosos específicos de cada cultura, possuir o substrato religioso, de modo a colaborar com a formação da pessoa. Essa compreensão deve favorecer o respeito, em suas relações éticas e sociais diante da sociedade, fomentando medidas de repúdio a toda e qualquer forma de preconceito e discriminação e o reconhecimento de que, todos nós, somos portadores de singularidade.

OBJETIVO GERAL

Promover ao aluno a compreensão de que o Ensino Religioso deve favorecer o respeito à diversidade cultural religiosa, em suas relações éticas e sociais diante da sociedade, fomentando medidas de repúdio a toda e qualquer forma de preconceito e discriminação e o reconhecimento de que, todos nós, somos portadores de singularidade.

Resgatar o sagrado, buscar explicitar a experiência que perpassa as diferentes culturas expressas tanto nas religiões mais sedimentadas, como em outras manifestações mais recentes

b. CONTEÚDOS ESTRUTURANTES

- Paisagem Religiosa: à materialidade fenomênica do Sagrado, a qual é apreendida através dos sentidos. É a exterioridade do Sagrado e sua concretude, os espaços Sagrados. Elementos naturais (astros, montanhas, florestas, rios, grutas), elementos arquitetônicos (templos, cidades sagradas, monumentos).
- Universo Simbólico Religioso: à apreensão conceitual através da razão, pela qual concebe-se o Sagrado pelos seus predicados e reconhece-se a sua lógica simbólica. É entendido como sistema simbólico e projeção cultural.
- Texto Sagrado: à tradição e à natureza do Sagrado enquanto fenômeno. Neste sentido é reconhecido através das Escrituras Sagradas, das Tradições Oraís Sagradas e dos Mitos.

CONTEÚDOS ESPECÍFICOS POR ANO

6º Ano

- Organizações religiosas;
- Lugares sagrados;
- Textos sagrados orais ou escritos;
- Símbolos religiosos.

Lugares Sagrados

Caracterização dos lugares e templos sagrados: lugares de peregrinação, de reverência, de culto, de identidade, principais práticas de expressão nestes locais.

Lugares na natureza: rios, lagos, montanhas, grutas, cachoeiras, etc.

Lugares construídos: templos, cidades sagradas, etc.

Textos Oraís e Escritos- Sagrados

Ensinaamentos sagrados transmitidos de forma oral e escrita pelas diferentes culturas religiosas.

Literatura oral e escrita (cantos, narrativas, poemas, orações, etc)

Exemplo: Vedas- Hinduísmo, escrituras Bahá'í, Tradições Orais Africanas, afro-brasileiras e Ameríndias, Alcorão-Islamismo,etc.

Organizações Religiosas

Fundadores e/ou líderes religiosos.

Estruturas hierárquicas.

Exemplos de organizações religiosas mundiais e regionais: budismo (Sidarta Gautama), Confucionismo (Confúcio), Espiritismo (Allan Kardec), Taoísmo (Lao Tse),etc.

7º Ano

- Temporalidade sagrada;
- Ritos;
- Festas religiosas;
- Vida e morte.

Ritos

Ritos de passagem, mortuários, propiciatórios e outros.

Ex: dança (Xire), Candomblé, Kiki (kaingang-ritual fúnebre), via sacra, festejo indígena de colheita, etc.

Festas Religiosas

Peregrinações, festas familiares, festas nos templos,datas comemorativa.

Ex: festa do Dente Sagrado (Budismo), Ramada (islâmica), Kuarup (indígena), Festa de Iemanjá (Afro-brasileira, Pessach (Judaísmo), etc.

Vida e morte

O sentido da vida nas tradições/manifestações religiosas, reencarnação, ressurreição-ação de voltar à vida, além morte, ancestralidade- vida dos antepassados- espíritos dos antepassados se tornam presentes, outras interpretações.

c. METODOLOGIA DA DISCIPLINA

Através da aula dialogada, isto é, partir da experiência religiosa do aluno e de seus conhecimentos prévios para, em seguida, apresentar o conteúdo que será trabalhado. O professor exercerá o papel de mediador entre os saberes que o aluno já possui e os conteúdos a serem trabalhados em sala de aula.

As tradições e manifestações religiosas serão objeto de estudo ao final de cada conteúdo tratado de modo que os conhecimentos apreendidos de outras manifestações religiosas constituem-se em novas referências para se analisar e aprofundar os conhecimentos a respeito das manifestações já conhecidas e/ou praticadas pelos alunos ou na comunidade.

Os conteúdos a serem trabalhados nas aulas de Ensino Religioso contribuirão para a superação: do preconceito à ausência ou à presença de qualquer crença religiosa; de toda forma de proselitismo, bem como da discriminação de qualquer expressão do sagrado.

A linguagem a ser utilizada nas aulas de Ensino Religioso deve ser a pedagógica e não a religiosa.

Além desses conteúdos serão abordados os conteúdos obrigatórios da Instrução 009/11 SUED/SEED no objetivo da desconstrução de preconceitos embutidos na postura, linguagem e prática escolar. Serão trabalhados com músicas, filmes, histórias orais, para que os educandos conheçam as bases teóricas que compõem o universo das diferentes culturas, onde se firmam o Sagrado e suas expressões coletivas.

d. AVALIAÇÃO

A disciplina de Ensino Religioso não tem a mesma orientação que a maioria das disciplinas no que se refere à atribuição de notas e/ou conceitos.

Mesmo assim a avaliação não deixa de ser um dos elementos integrantes do processo educativo na disciplina do Ensino Religioso, cabe a cada professor verificar se o aluno:

- Expressa uma relação respeitosa com os colegas de classe que têm opções religiosas diferentes da sua?
- Aceita as diferenças de credo ou de expressão de fé?
- Reconhece que o fenômeno religioso é um dado de cultura e de identidade de cada grupo social?
- Emprega conceitos adequados para referir-se às diferentes manifestações do Sagrado?

A finalidade do processo avaliativo consiste em observar os alunos para ver se houve progresso ao respeito ao ser humano, ao sagrado (natureza também), ao respeito às crenças religiosas, enfim tudo o que foi tratado no ano letivo.

O professor utilizará diferentes instrumentos avaliativos como: atividades orais e escritas, trabalhos em grupos e individuais, sínteses, debates, filmes, elaboração de relatórios, músicas.

A recuperação de conteúdos será paralela durante o processo ensino-aprendizagem que possibilitem a apreensão de conteúdos básicos necessários, através de leituras, interpretação e análise das questões propostas que ampliem o conhecimento sobre o Sagrado e suas complexidades.

Para os alunos com necessidades especiais serão feitas adaptações com referências às atividades desenvolvidas.

e. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HEIDEGGER, Martin. **Conferências e Escritos Filosóficos**. Coleção os Pensadores, São Paulo, Nova Cultural, 1989.

NARLOCH, Rogério Francisco. **Redescobrimo o universo religioso**. Ensino Fundamental. V. 5. Petrópolis: Vozes, 2001.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares de Ensino Religioso para O Ensino Fundamental**, Secretaria de Estado da Educação: Curitiba, 2008.

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. **Instrução 009/11**. SEED/SUED: Curitiba, 2011.

PROPOSTA PEDAGÓGICA CURRICULAR ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO GEOGRAFIA

a. APRESENTAÇÃO DA DISCIPLINA

A Geografia tem seu desenvolvimento enquanto ciência, juntamente com o desenvolvimento da sociedade que, na medida em que avançava e evoluía, ia estabelecendo relações com a natureza, como forma de garantir sua sobrevivência e organizar-se. O homem, assim, passa a desenvolver técnicas para “dominar” a natureza de acordo com suas necessidades.

Considerada por alguns como uma das ciências mais antigas, a Geografia surgiu na Antiga Grécia, sendo chamada inicialmente de história natural ou filosofia natural. No século IV a.C., os gregos já faziam observações astronômicas e especulavam com respeito ao formato esférico do planeta. Mas, foi a partir do século XII que as discussões sobre a forma da Terra foram retomadas e, mais tarde, no contexto das Grandes Navegações, chegou-se a confirmação do formato global do planeta.

Apesar do crescente interesse dos Estados, sociedades e pensadores, acerca dos temas que hoje constituem o quadro teórico-conceitual da disciplina, somente em meados do século XIX, a produção geográfica é sistematizada e a Geografia adquire o *status* de ciência. Os alemães Humboldt e Ritter são considerados precursores do pensamento geográfico, mas é com Ratzel e sua Geopolítica, que a Geografia é sistematizada e institucionalizada.

Outro nome de destaque no desenvolvimento da ciência geográfica é Vidal de La Blache, representante da escola francesa. A Geografia Lablachiana tem como marca, as monografias regionais, as quais traziam a descrição das diferentes paisagens naturais e culturais do globo, pautadas no gênero de vida. Segundo La Blache, o contato entre os diferentes gêneros de vida seria um elemento fundamental para o progresso humano.

As visões, determinista da escola alemã e possibilista da escola francesa, embora contrárias, justificavam as necessidades expansionistas dos europeus bem como a colonização dos povos considerados inferiores. Estas duas correntes pertencem à Geografia Clássica ou Tradicional, a qual valorizava a abordagem fragmentada dos conteúdos e a memorização.

No Brasil a Geografia se consolidou como ciência apenas depois da década de 1930, tendo como marco a criação do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística pelo então presidente Getúlio Vargas. O IBGE passou a realizar estudos para o levantamento de dados demográficos e informações detalhadas sobre os

recursos naturais do Brasil a fim de descrever o território brasileiro, servindo aos interesses políticos do Estado, na perspectiva de um nacionalismo econômico, buscando efetivar as políticas desenvolvimentistas do Estado: a exploração dos recursos minerais, o desenvolvimento da indústria de base e o povoamento das áreas de fronteira (DCE, 2009).

Com relação ao ensino da Geografia, até o final da década de 1970, os procedimentos didáticos adotados, balizados na concepção teórica da Geografia Tradicional, enfatizavam a descrição do espaço e a memorização dos elementos que o compõe, na busca do “fortalecimento do nacionalismo, para a consolidação do Estado nacional brasileiro, principalmente nos períodos de governos autoritários”. (DCE, 2009, p.42)

No contexto das transformações ocorridas no pós Segunda Guerra Mundial, surgem propostas de renovação no pensamento geográfico, trazendo uma visão mais crítica acerca dos fatos geográficos, da produção do espaço, das relações sociedade/ natureza, bem como, das relações entre os diferentes grupos sociais. A Geografia passa, portanto, por uma reformulação rejeitando o caráter meramente descritivo e a abordagem dicotômica entre Sociedade e Natureza.

A Geografia Crítica, pautada no materialismo histórico, inicialmente não foi bem aceita pelos professores. No final dos anos de 1980, ela começa a ser gradativamente incorporada ao sistema público de ensino. No decorrer da década de 1990, as reformas políticas de cunho neoliberal que atingiram a educação, levaram a retrocessos. Os esforços de aprimoramento teórico-conceitual, realizados pelo movimento da Geografia Crítica, foram desconsiderados. O objeto de estudo/ensino da disciplina, o *espaço geográfico*, bem como seus conceitos básicos – lugar, paisagem, região, território, natureza, sociedade – ficaram negligenciados, enquanto se enfatizava a abordagem dos temas transversais.

Assim, percebe-se a necessidade “da retomada dos estudos das disciplinas de formação do professor” (DCE, 2008, p.50), para que o mesmo tenha maior clareza quanto ao quadro conceitual de referência e os conteúdos constitutivos da Geografia. Isso possibilitará o repensar da sua prática pedagógica, para que a disciplina cumpra sua função de desenvolver o raciocínio geográfico e despertar a consciência espacial do aluno.

A realidade nesse início de século tem se transformado numa velocidade nunca antes experimentada. Pode-se afirmar que vivemos um período de tempo acelerado, onde “a rapidez, a profundidade e a imprevisibilidade de algumas transformações recentes conferem ao tempo presente uma característica nova: a realidade parece ter tomado definitivamente a dianteira sobre a teoria.” (SANTOS, 2000, p. 18).

Nesse sentido, Cavalcanti (1998, p. 24), argumenta:

O ensino de Geografia deve visar o desenvolvimento da capacidade de apreensão da realidade do ponto de vista de sua espacialidade. Isso porque se tem convicção que a prática da cidadania, sobretudo nessa virada do século, requer uma consciência espacial [...] deve ensinar – ou melhor, deixar o aluno descobrir – o mundo em que vivemos, com especial atenção para a globalização e as escalas local e nacional, deve focar criticamente a questão ambiental e as relações sociedade/natureza [...] deve realizar constantemente estudos do meio [...] e deve levar o educando a interpretar textos, mapas, paisagens.

Contudo, para além das incertezas e em face mesmo dessas transformações, é urgente a reflexão acerca do ensino, não apenas em relação aos métodos de abordagem utilizados pelas diferentes disciplinas, como também, acerca da relevância educativa dos conteúdos e temas trabalhados pela mesma, e da própria proposição de diretrizes para o ensino de Geografia.

Para Pontuschka (1995), a Geografia no Ensino Fundamental e Médio não deve ter como objetivo formar geógrafos, mas sim, contribuir para a construção da cidadania, em uma sociedade tão desigual na qual se contesta até mesmo a existência de um cidadão. Ainda, segundo a autora, a escola deve assumir o seu papel fundamental de subsidiar professores e alunos com informações e relacionamentos, que possam contribuir para uma visão de mundo mais ampla e profunda.

O ensino da Geografia, dessa forma, poderá levar o aluno a compreender o espaço geográfico nas diversas escalas, a refletir sobre seu papel na produção desse espaço, e atuar de maneira crítica e transformadora na sua realidade socioespacial.

b. CONTEÚDOS ESTRUTURANTES E BÁSICOS DA DISCIPLINA

A discussão dos conteúdos da disciplina será feita a partir dos conhecimentos de grande amplitude, que são as dimensões geográficas da realidade, nas perspectivas econômica, política, socioambiental, cultural e demográfica. O conhecimento inter-relacionado dessas dimensões aprofunda a compreensão dos fenômenos naturais, bem como, da (re)organização espacial dos lugares, nas diferentes escalas .

As Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Paraná (DCE), definiram os seguintes conteúdos estruturantes para o ensino da Geografia:

- Dimensão econômica do espaço geográfico
- Dimensão política do espaço geográfico
- Dimensão socioambiental do espaço geográfico

- Dimensão cultural e demográfica do espaço geográfico

Conteúdos Básicos

Segundo as DCEs, os conteúdos básicos são conhecimentos imprescindíveis para a formação conceitual dos estudantes e devem estar articulados aos conteúdos estruturantes. Quando necessário, para maior aprofundamento, os conteúdos básicos serão desdobrados em conteúdos específicos, no Plano de Trabalho Docente.

Ensino Fundamental 6.º ano

- Formação e transformação das paisagens naturais e culturais.
- Dinâmica da natureza e sua alteração pelo emprego de tecnologias de exploração e produção.
- A formação, localização, exploração e utilização dos recursos naturais.
- A distribuição espacial das atividades produtivas e a (re)organização do espaço geográfico.
- As relações entre campo e a cidade na sociedade capitalista.
- A transformação demográfica, a distribuição espacial e os indicadores estatísticos da população.
- A mobilidade populacional e as manifestações socioespaciais da diversidade cultural.
- As diversas regionalizações do espaço geográfico.

Ensino Fundamental 7.º ano

- A formação, mobilidade das fronteiras e a reconfiguração do território brasileiro.
- A dinâmica da natureza e sua alteração pelo emprego de tecnologias de exploração e produção.
- As diversas regionalizações do espaço brasileiro.
- As manifestações socioespaciais da diversidade cultural.
- A transformação demográfica, a distribuição espacial e os indicadores estatísticos da população.
- Movimentos migratórios e suas motivações.
- O espaço rural e a modernização da agricultura.
- A formação, o crescimento das cidades, a dinâmica dos espaços urbanos e a urbanização.
- A distribuição espacial das atividades produtivas, a (re)organização do espaço geográfico.
- A circulação de mão-de-obra, das mercadorias e das informações.

Ensino Fundamental 8.º ano

- As diversas regionalizações do espaço geográfico.
- A formação, mobilidade das fronteiras e a reconfiguração dos territórios do continente americano.
- A nova ordem mundial, os territórios supranacionais e o papel do Estado.
- O comércio em suas implicações socioespaciais.
- A circulação da mão-de-obra, do capital, das mercadorias e das informações.
- A distribuição espacial das atividades produtivas, a (re)organização do espaço geográfico.
- As relações entre o campo e a cidade na sociedade capitalista.
- O espaço rural e a modernização da agricultura.
- A transformação demográfica, a distribuição espacial e os indicadores estatísticos da população.
- Os movimentos migratórios e suas motivações.
- As manifestações socioespaciais da diversidade cultural.
- Formação, localização, exploração e utilização dos recursos naturais.

Ensino Fundamental 9.º ano

- As diversas regionalizações do espaço geográfico.
- A nova ordem mundial, os territórios supranacionais e o papel do Estado.
- A revolução técnico-científico-informacional e os novos arranjos no espaço da produção.
- O comércio mundial e as implicações socioespaciais.
- A formação, mobilidade das fronteiras e a reconfiguração dos territórios.
- A transformação demográfica, a distribuição espacial e os indicadores estatísticos da população.
- As manifestações socioespaciais da diversidade cultural.
- Os movimentos migratórios mundiais e suas motivações.
- A distribuição das atividades produtivas, a transformação da paisagem e a (re)organização do espaço geográfico.
- A dinâmica da natureza e sua alteração pelo emprego de tecnologias de exploração e produção.
- O espaço em rede: produção, transporte e comunicações na atual configuração territorial.

Ensino Médio 1.º Ano

- A formação e transformação das paisagens.

- A dinâmica da natureza e sua alteração pelo emprego de tecnologias de exploração e produção.
- A formação, localização, exploração e utilização dos recursos naturais.
- O comércio e as implicações socioespaciais.
- A distribuição espacial das atividades produtivas e a (re)organização do espaço geográfico.
- A transformação demográfica, a distribuição espacial e os indicadores estatísticos da população.

Ensino médio 2.º Ano

- A formação e transformação das Paisagens.
- A formação, o crescimento das cidades, a dinâmica dos espaços urbanos e a urbanização recente.
- O espaço rural e a modernização da agricultura.
- Os movimentos migratórios e suas motivações.
- As relações entre o campo e a cidade na sociedade capitalista.
- As manifestações socioespaciais da diversidade cultural.
- A transformação demográfica, a distribuição espacial e os indicadores estatísticos da população.

Ensino médio 3.º Ano

- O espaço em rede: produção, transporte e comunicação na atual configuração territorial.
- A revolução técnico-científico-informacional e os novos arranjos no espaço da produção.
- As diversas regionalizações do espaço geográfico.
- A nova ordem mundial, os territórios supranacionais e o papel do Estado.
- A circulação de mão-de-obra, do capital, das mercadorias e das informações.
- Formação, mobilidade das fronteiras e a reconfiguração dos territórios.
- As implicações socioespaciais do processo de mundialização.

c. ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS

A Geografia, como as demais áreas do saber, procura desenvolver no aluno a capacidade de observar, analisar, interpretar e pensar criticamente a realidade visando sua transformação (OLIVEIRA, 2008).

Os conteúdos geográficos serão abordados de uma perspectiva crítica, com a discussão dos conceitos que fundamentam a Geografia: paisagem, lugar, região,

território, natureza e sociedade; embasados nas categorias de análise espaço-tempo e sociedade-natureza.

Ao apresentar o conteúdo ao aluno, o professor deverá criar uma situação problema, com o objetivo de instigá-lo ao raciocínio, à reflexão e à crítica. O professor também deverá considerar o conhecimento espacial prévio do aluno para relacioná-lo ao conhecimento científico. Dessa forma, o contexto será o ponto de partida para a apropriação do conhecimento, pois a partir do conhecimento de sua realidade, o aluno será levado a uma compreensão mais abrangente do espaço geográfico.

O processo de aprendizagem deve ser conduzido pelo professor de forma dialogada, possibilitando a participação dos alunos, o questionamento e o debate. Sempre que possível, o professor estabelecerá relações interdisciplinares, de modo a superar as limitações das abordagens isoladas, articulando os conceitos das diversas disciplinas, para maior entendimento do conteúdo em estudo.

Em cumprimento às Leis n.º 10.639/03 e n.º 11.645/08, a cultura e história afro-brasileira e indígena, serão abordadas articuladas aos conteúdos básicos. As realidades, local e paranaense, bem como as temáticas relacionadas aos conteúdos obrigatórios conforme dispostos na Instrução nº 009/2011 – SUED/SEED em consonância com as Diretrizes Curriculares Estaduais da Disciplina

As práticas pedagógicas deverão ser diversificadas e adequadas à organização curricular. Em relação ao Ensino Médio por Blocos existe a necessidade de adequação metodológica levando-se em conta o tempo disponível para as aulas, geminadas ou não, quanto ao aprofundamento dos conteúdos discutidos, o ritmo das atividades e os recursos didáticos a serem utilizados.

A diversificação dos recursos, como as análises, construção e (re)construção de gráficos, tabela e mapas, produção de textos, pesquisas, recortes de filmes, interpretações de imagens, músicas e textos, aulas de campo; são importantes instrumentos para o entendimento dos conceitos e das relações socioespaciais nas diversas escalas e para a compreensão do espaço geográfico.

d. AVALIAÇÃO

A avaliação caracteriza-se por ser uma constante que perpassa todo o processo de ensino e aprendizagem. Tem como objetivos principais avaliar qualitativamente o processo de ensino e aprendizagem, o desenvolvimento do educando e a atuação do educador permitindo, a partir dos resultados obtidos, a melhoria do processo.

Terá caráter diagnóstico, permitindo a recuperação dos conteúdos e adequação dos processos e objetivos; contínuo, estendendo-se durante todo o

processo de ensino e aprendizagem; e diversificado, abrangendo todos os aspectos e ações do processo de ensino e aprendizagem.

As capacidades de refletir, de criticar, de sintetizar, de elaborar conclusões pessoais e coletivas e a apreensão dos elementos essenciais ao desenvolvimento de tais capacidades serão valorizadas e prevalecerão sobre a simples memorização de conteúdos, privilegiará ainda os aspectos qualitativos sobre os quantitativos.

De acordo com as DCEs, os principais critérios de avaliação em Geografia a serem observados pelo professor são: *a formação dos conceitos geográficos básicos e o entendimento das relações socioespaciais* para compreensão e intervenção na realidade. Destaca-se também a importância de manter registros organizados e precisos de todos os momentos do processo de ensino-aprendizagem, além das dificuldades e os avanços obtidos, para que os mesmos tanto explicitem o caráter processual e continuado da avaliação, quanto atendam às exigências burocráticas do sistema de notas.

Poderão ser utilizados os seguintes instrumentos de avaliação:

- leitura compreensiva e/ou crítica de textos;
- pesquisas bibliográficas;
- produção de textos e relatórios;
- interpretação de mapas, tabelas, gráficos e imagens;
- apresentação e discussão de temas em seminários;
- realização e participação em debates;
- provas escritas
- construção, representação e análise do espaço através de maquetes, entre outros.

Ao final de cada bimestre, o valor somado dos instrumentos de avaliação deve totalizar 10,0 (dez) pontos. Para tanto, serão utilizados bimestralmente no mínimo 02 (dois) instrumentos de avaliação que deverão somar 7,0 (sete) pontos. Os outros 3,0 (três) pontos serão obtidos através de instrumentos e atividades diversificados aos quais serão atribuídos valores individuais, a critério do professor.

Aos alunos com necessidades educacionais especiais, será dado atendimento diferenciado com as devidas adaptações curriculares. Os mesmos serão avaliados de acordo com suas especificidades, conforme a lei nº 9394/96.

No processo avaliativo, será realizada a retomada do conteúdo avaliado e a recuperação paralela, direito de todos os alunos, independentemente do nível de apropriação dos conhecimentos básicos, sendo esta substitutiva, prevalecendo sempre a maior nota entre a avaliação e a recuperação.

e. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAVALCANTI, Lana de Souza. Ciência Geográfica e Ensino de Geografia. In: _____. **Geografia, Escola e Construção do Conhecimento**. Campinas, SP: Papirus, 1998. p. 15-28.

MAGNOLI, Demétrio; ARAÚJO, Regina. **Geografia - A Construção do Mundo: Geografia Geral e do Brasil**. 1 ed. São Paulo: Moderna, 2005.

OLIVEIRA, A. U. Educação e ensino de Geografia na realidade brasileira. In: _____. (org). **Para onde vai o ensino da Geografia?** 9.^a ed. São Paulo: Contexto, 2008.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica**. Geografia. Curitiba: 2008.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. **A Formação Pedagógica do Professor de Geografia e as Práticas Interdisciplinares**. Tese (doutorado) Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo – SP, 1994.

_____. O Perfil do Professor e o Ensino/Aprendizagem da Geografia. In: Cadernos CEDES. N. 39. Campinas: Papirus, 1995.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática**. 3^a ed., São Paulo: Cortez, 2001.

TERCIO, Marina L. **Geografia Novo Ensino Médio** (reformulado). São Paulo: Ática, 2009.

PROPOSTA PEDAGÓGICA CURRICULAR ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO

HISTÓRIA

a. APRESENTAÇÃO DA DISCIPLINA

Para o ensino de História na Educação Básica, busca-se despertar reflexões a respeito de aspectos políticos, econômicos, culturais, sociais, e das relações entre o ensino da disciplina e a produção do conhecimento histórico.

A História passou a existir como disciplina escolar com a criação do Colégio Pedro II, em 1837. No mesmo ano, foi criado o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), que instituiu a História como disciplina acadêmica.

O currículo oficial de História tinha como objetivo legitimar os valores aristocráticos, no qual o processo histórico conduzido por líderes excluía a possibilidade das pessoas comuns serem entendidas como sujeitos históricos. Foi mantido até o início da República (1889).

O retorno da História do Brasil nos currículos escolares deu-se apenas no período autoritário do governo de Getúlio Vargas, vinculado ao projeto político nacionalista do Estado Novo (1937- 1945), e se ocupava em reforçar o caráter moral e cívico dos conteúdos escolares.

Durante o regime militar, a partir de 1964, o ensino de História manteve seu caráter estritamente político; pautado no estudo de fontes oficiais e narrado apenas do ponto de vista factual. Mantiveram-se os grandes heróis como sujeitos da História narrada, exemplos a serem seguidos e não contestados pelas novas gerações. Modelo da ordem estabelecida, de uma sociedade hierarquizada e nacionalista, o ensino não tinha espaço para análise crítica e interpretações dos fatos, mas objetivava formar indivíduos que aceitassem a organização da pátria.

No Primeiro Grau, as disciplinas de História e Geografia foram condensadas como área de Estudos Sociais, dividindo ainda a carga horária para o ensino de Educação Moral e Cívica (EMC). No Segundo Grau, a carga horária de História foi reduzida e a disciplina de Organização Social e Política Brasileira (OSP) passou a compor o currículo.

Na década de 1970, o ensino dessa disciplina era predominantemente tradicional, tanto pela valorização de alguns personagens como sujeitos da História e de sua atuação em fatos políticos quanto pela abordagem dos conteúdos históricos de forma factual e linear, formal e abstrato, sem relação com a vida do aluno. A prática do professor era marcada por aulas expositivas, a partir das quais cabia aos alunos a memorização e repetição do que era ensinado como verdade.

O Estado do Paraná incorporou, no final da década de 1990, os Parâmetros Curriculares Nacionais como referência para a organização curricular da Rede Pública Estadual. Tal implementação aconteceu de modo autoritário, apesar de ser garantida na LDB/96 a autonomia das escolas para elaborar suas propostas curriculares.

A organização do currículo para o ensino de História tem como referência os Conteúdos Estruturantes, entendidos como conhecimentos que aproximam e organizam os campos da História e seus objetos. Os Conteúdos Estruturantes relações de trabalho, relações de poder e relações culturais podem ser identificados no processo histórico da constituição da disciplina e no referencial teórico que sustenta a investigação histórica em uma nova racionalidade não-linear e temática.

Na concepção de História, as verdades prontas e definitivas não têm lugar, porque o trabalho pedagógico na disciplina deve dialogar com várias vertentes tanto quanto recusar o ensino de História marcado pelo dogmatismo e pela ortodoxia.

Do mesmo modo, recusam-se as produções historiográficas que afirmam não existir objetividade possível em História, e consideram todas as afirmativas igualmente válidas.

A produção do conhecimento, pelo historiador, requer um método específico, baseado na explicação e interpretação de fatos do historiador, a problematização produz uma narrativa histórica que tem como desafio contemplar a diversidade das experiências sociais, culturais e políticas dos sujeitos e suas relações.

Fenômenos, processos, acontecimentos, relações ou sujeitos podem ser analisados a partir do conhecimento histórico construído. Ao confrontar ou comparar documentos entre si e com o contexto social e teórico que os constituíram, a produção do conhecimento propicia validar, refutar ou complementar a produção historiográfica existente. Como resultado, pode ainda contribuir para rever teorias, metodologias e técnicas na abordagem do objeto de estudo historiográfico.

b. Conteúdos Estruturantes/ Básicos

ESTRUTURANTES – Fundamental e Médio

Relações de trabalho

Relações de poder

Relações Culturais

BÁSICOS/ ENSINO FUNDAMENTAL

6.º Ano

- A experiência humana no tempo.
- Os sujeitos e suas relações com o outro no tempo.
- As culturas locais e a cultura comum.

7.º Ano

- As relações de propriedade.
- A constituição histórica do mundo do campo e do mundo da cidade.
- As relações entre o campo e a cidade.
- Conflitos e resistências e produção cultural campo/cidade.

8.º Ano

- História das relações da humanidade com o trabalho.
- O trabalho e a vida em sociedade.
- O trabalho e as contradições da modernidade.
- Os trabalhadores e as conquistas de direito.

9.º Ano

- A constituição das instituições sociais.
- A formação do Estado.
- Sujeitos, guerras e revoluções.

BÁSICOS/ ENSINO MÉDIO

1º ANO

- Trabalho escravo, servil, assalariado e o trabalho livre.
- Urbanização e industrialização.

2º ANO

- O Estado e as relações de poder.
- Cultura e religiosidade.

3º ANO

- Os sujeitos, as revoltas e as guerras.
- Movimentos sociais, políticos e culturais e as guerras e revoluções.

c. Encaminhamentos Metodológicos

Para o ensino de História será priorizado as histórias locais e do Brasil, estabelecendo-se relações e comparações com a história mundial.

Partindo das histórias locais e do Brasil para a Geral possibilita a abordagem da história regional, o que atende a Lei nº 13.381/01, a qual torna obrigatória, no Ensino Fundamental e Médio da Rede Pública Estadual, o trabalho com os conteúdos de História do Paraná.

O trabalho pedagógico com os Conteúdos Estruturantes, básicos e específicos tem como finalidade a formação do pensamento histórico dos estudantes. Isso se dá quando professor e alunos utilizam, em sala de aula e nas pesquisas escolares, os métodos de investigação histórica articulados pelas narrativas históricas desses sujeitos. Assim, os alunos perceberão que a História está narrada em diferentes fontes (livros, cinemas, canções, palestras, relatos de memória, etc.), sendo que os historiadores se utilizam destas fontes para construir suas narrativas históricas.

O trabalho pedagógico com os conteúdos históricos deve ser fundamentado em vários autores e suas respectivas interpretações, seja por meio dos manuais didáticos disponíveis ou por meio de textos historiográficos referenciais.

O professor deve organizar seu trabalho pedagógico por meio:

- do trabalho com vestígios e fontes históricas diversos;
- da fundamentação na historiografia;
- da problematização do conteúdo.

Essa organização deve ser estruturada por narrativas históricas produzidas pelos sujeitos.

O professor precisa relativizar o livro didático, uma vez que as explicações nele apresentadas são limitadas, seja pelo número de páginas do livro, pela vinculação do autor a uma determinada concepção historiográfica, seja pela tentativa de abarcar uma grande quantidade de conteúdos.

O trabalho pedagógico do professor estará atento ao uso dos diversos documentos e fontes, como: livros, revistas especializadas e meios eletrônicos, uso da biblioteca para conhecimento do acervo específico e obras, imagens, mapas, gráficos. O estudo das histórias locais e a produção historiográfica diversa, bem como de dimensão local, nacional, continental ou mundial.

É importante problematizar o conteúdo, construindo um diálogo entre presente e passado que possibilitará a transformação das investigações históricas.

A Lei Nº 10639/2003, será respeitada tanto em termos de conteúdos específicos (cultura africana e inserção do negro na sociedade brasileira a partir do

processo da escravidão no Brasil), quanto na desconstrução de preconceitos embutidos na postura, linguagem e prática escolar. Também neste mesmo sentido buscar-se-á a desconstrução de preconceitos relacionados aos conteúdos obrigatórios conforme dispostos na Instrução nº 009/201 – SUED/SEED em consonância com as Diretrizes Curriculares Estaduais da disciplina.

A Educação do Campo será abordada comparando-se as civilizações antigas com as sociedades atuais, estabelecendo-se as relações campo-cidade e analisando a importância do campo nas sociedades atuais.

d. Avaliação

A avaliação deve estar a serviço da aprendizagem de todos os alunos, permeando o conjunto das ações pedagógicas, e não como elemento externo a este processo.

Para o Ensino Fundamental e Médio, a avaliação da disciplina de História, considera três aspectos importantes:

- A investigação e a apropriação de conceitos históricos pelos estudantes;
- A compreensão das relações da vida humana (Conteúdos Estruturantes);
- O aprendizado dos conteúdos básicos/temas históricos e específicos.

Esses três aspectos são entendidos como complementares e indissociáveis.

O professor deve recorrer a diferentes atividades, tais como: leitura, interpretação e análise de narrativas historiográficas, mapas e documentos históricos; produção de narrativas históricas, pesquisas bibliográficas, sistematização de conceitos históricos, apresentação de seminários, entre outras.

Tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio, após a avaliação diagnóstica, o professor e seus alunos poderão revisar as práticas desenvolvidas até então, de modo que identifiquem lacunas no processo pedagógico. (RECUPERAÇÃO DE CONTEÚDOS)

Essa ação permitirá ao professor planejar e propor outros encaminhamentos para superação das dificuldades constatadas.

Deseja-se que, ao final do trabalho na disciplina de História, os alunos tenham condições de identificar processos históricos, reconhecer criticamente as relações de poder neles existentes, bem como intervirem no mundo histórico em que vivem de modo a se fazerem sujeitos da própria História.

De acordo com a Lei 9394/96 da LDB, capítulo V, artigo 58, os alunos com necessidades especiais serão avaliados de acordo com as suas necessidades específicas.

Para os alunos da sala de recursos, serão feitas adaptações com referência as avaliações, pois as mesmas deverão ser sintetizadas.

e. Referências

BITTENCOURT, Maria Circe. Ensino de História: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. História: novas abordagens. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

BRASIL, LDB. Lei 9394/96- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

CARDOSO, Oldimar Pontes. Coleção História Hoje. São Paulo: Ática, 2007.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Ensino de Primeiro Grau. Currículo básico para a escola pública do estado do Paraná. Curitiba: SEED, 1990.

PPP- Projeto Pedagógico do Colégio Estadual Antônio Xavier da Silveira. Ensino Fundamental, Médio e Profissional. 2009.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO PARANÁ. Diretrizes Curriculares de História. Curitiba: SEED, 2009.

PROPOSTA PEDAGÓGICA CURRICULAR LÍNGUA PORTUGUESA ENSINO MÉDIO E FUNDAMENTAL

a. APRESENTAÇÃO DA DISCIPLINA

A Língua Portuguesa, enquanto disciplina escolar, passou a integrar os currículos escolares brasileiros somente nas décadas do séc. XIX. Contudo a preocupação com a formação do professor, desta disciplina, apenas teve início nos anos 30 do século XX.

As primeiras práticas de ensino moldaram-se ao ensino do Latim, para os poucos que tinham acesso a uma escolarização mais prolongada.

Em meados do século XVIII, o Marquês de Pombal torna obrigatório o ensino da Língua Portuguesa em Portugal e no Brasil.

A partir de 1967 houve um processo de democratização do ensino, com ampliação de vagas, eliminação dos exames de admissão, etc ...

A Lei 5692/71 amplia e dispõe que o ensino devia estar voltado à qualificação para o trabalho com um viés mais pragmático e utilitário do que com o aprimoramento das capacidades lingüísticas do falante.

No Brasil, a partir dos anos 80 com as contribuições teóricas dos pensadores, principalmente Bakhtin, ocorreu avanço dos estudos em torno da natureza sociológica da linguagem. Os estudos lingüísticos mobilizaram os professores para discussão e o repensar sobre o ensino da língua materna e para reflexão sobre o trabalho realizado na sala de aula.

Na década de 90 surge a proposta do Currículo Básico no Paraná fundamentada em pressupostos coerentes com a concepção dialógica e social da linguagem de acordo com Bakhtin. No final da década de 90 surgiram os Parâmetros Curriculares Nacionais apresentando conceitos de competências e habilidades, termos que desvelam a vinculação do currículo ao mercado de trabalho.

Nos dias atuais, os fundamentos teóricos que estão alicerçando a discussão sobre o ensino de Língua e Literatura requerem novos posicionamentos em relação às práticas de ensino, seja pela discussão crítica dessas práticas, seja pelo envolvimento direto dos professores na construção de alternativas.

Compreender e produzir textos não se restringe mais ao trato do verbal (oral e escrito), mas à capacidade de colocar-se, em relação às diversas modalidades de

linguagem-oral, escrita, imagem, imagem em movimento, gráficos, infográficos-para delas tirar sentido. Esta é, aliás, uma das principais dificuldades de leitura dos alunos... apontadas nos diversos exames e avaliações. (Rojo, *apud* Brasil-MEC,2004,p.31)

A esta capacidade de compreensão por parte dos alunos, dá-se o nome de multiletramento. A Oralidade, Leitura, Escrita e Análise Lingüística, aqui separadas com fins didáticos, são inseparáveis na vida e, conseqüentemente, nas práticas de uso efetivadas na sala de aula, na perspectiva de sujeitos históricos que as vivenciam em situações concretas.

Desta forma, o conteúdo estruturante da Língua Portuguesa e Literatura é o discurso enquanto prática social.

Nesta perspectiva, a função do professor de Língua Portuguesa é ajudar seus alunos a ampliarem seu domínio de uso das linguagens verbais e não verbais através do contato direto com textos dos mais variados gêneros, orais e escritos, engendrados pelas necessidades humanas enquanto falantes do idioma. É necessário que a inclusão da diversidade textual relacione os gêneros com as atividades sociais onde eles se constituem.

Pode-se afirmar que o professor desta área do conhecimento, a qual é o alicerce e o meio necessário para a aquisição e a construção do conhecimento nas outras áreas de ensino, tem o papel de formar o leitor e auxiliá-lo no aprimoramento de sua expressão oral e escrita.

Além disso, o fato de Língua ser o meio e o suporte de outros conhecimentos torna o professor de Língua Portuguesa um agente eficaz de alavancamento das relações inter e multidisciplinares.

Entretanto, a Língua Portuguesa, visa desenvolver nos alunos da Educação Básica, a capacidade de colocar-se diante das diversas etapas e práticas de linguagens que há em nossa língua portuguesa, seja ela, uma linguagem oral ou escrita, e assim ir preparando os alunos para o exercício de sua cidadania.

É fundamental que os alunos tenham adquirido efetiva autonomia nas práticas de linguagem que devem ser de domínio comum a todos os cidadãos. “A linguagem não é o trabalho de um artesão, mas trabalho social e histórico seu e dos outros e é para os outros e com os outros que ela se constitui.” (Geraldi, 1991, pg76)

Assumindo-se a concepção de língua como interação ou como discurso/texto que se efetiva nas diferentes práticas sociais, os objetivos a seguir fundamentarão todo o processo:

Empregar a língua oral em diferentes situações de uso, sabendo adequá-la a cada contexto e interlocutor, bem como descobrindo as intenções que estão “por trás” dos discursos do cotidiano e posicionando-se diante dos mesmos.

Ampliar a competência linguística discursiva do uso da língua escrita em situações discursivas por meio de práticas textuais, os interlocutores, os seus objetivos, o assunto tratado, os gêneros e suportes textuais e o contexto de produção/leitura.

Desenvolver o uso da língua escrita em situações discursivas por meio de práticas sociais que considerem os interlocutores, seus objetivos, o assunto tratado, além do contexto de produção. Criar situações em que os alunos tenham oportunidade de refletir sobre os textos que lêem, escrevem, falam ou ouvem, intuindo, de forma contextualizada, as características de cada gênero e tipo de texto, assim como os elementos gramaticais empregados na organização do discurso ou texto.

Propiciar aos alunos o domínio de práticas socioverbais indispensáveis à vida cidadã e que transcendem os limites das vivências cotidianas informais.

Desenvolver a compreensão da realidade da linguagem nas dimensões sociais, históricas e estruturais.

Aprofundar, por meio da leitura de textos literários a capacidade de pensamento crítico e a sensibilidade estética permitindo a expansão lúdica da oralidade, da leitura e da escrita.

A inserção e participação dos alunos em processos interativos com a língua oral e escrita, inicia a alfabetização e vai se consolidando no decurso de todo o Ensino Fundamental e Médio.

b. CONTEÚDO ESTRUTURANTE

O discurso enquanto prática social é o conteúdo estruturante a ser trabalhado estará alicerçado nos gêneros discursivos, a partir dos quais serão trabalhadas as três práticas: LEITURA, ORALIDADE e ESCRITA.

A leitura, interpretação e produção dos diversos gêneros discursivos como: dissertativos, informativos, narrativos, descritivos, anúncios publicitários, charges, entrevistas, paródias, paráfrases, letras de música, histórias em quadrinhos, linguagem visual, folclore...compreendendo-os em seus elementos constitutivos do gênero: conteúdo temático, recursos linguísticos discursivos e elementos composicionais.

Um caminho pedagógico alternativo para lidar com a questão gramatical será a de oferecer a oportunidade de refletir sobre a organização estrutural da linguagem verbal, através de diferentes trajetos, combinando a observação dos fenômenos da língua em sua perspectiva enunciativa.

Aleatoriamente, privilegiar-se-à uma análise do léxico, aspectos da sintaxe das sentenças simples e complexas com a necessidade de limitar o estudo de conteúdos gramaticais a um conjunto básico e com sua clara pertinência funcional.

Os gêneros discursivos encontram-se nas suas esferas sociais de circulação e cabe ao professor fazer a sua seleção nas diferentes esferas conforme o PPP. Assim contemplará todas as séries em conformidade com as características e vivências do educando e com o nível de complexidade apropriado a cada uma delas.

Entende-se necessário que certos elementos gramaticais são indispensáveis para se entender as referências que ocorrem em verbetes do dicionário, visto que serão muitas às vezes que recorreremos a ele em atividades de leitura e escrita, bem como os fenômenos de concordância e regência para a construção e entendimento dos textos.

É importante salientar que para o ensino de português os tópicos serão desenvolvidos sempre subordinados ao domínio das atividades de fala e escrita, sempre serão pensados através de critério para a efetiva relevância funcional.

Ao longo da Educação Básica será oferecido subsídio para que a história cultural seja conhecida através de dados que desenvolvam um modo de pensar historicamente nessas questões culturais e adquirir uma compreensão melhor do momento em que vivemos.

A história da literatura brasileira, principais momentos e autores da literatura portuguesa que originaram a formação da língua portuguesa e da cultura moderna, serão trabalhados para que os alunos percebam a dinâmica histórico-cultural do fazer literário e sua conjuntura.

Fazer perceber que a boa literatura transcende os limites de seu tempo e que aprendam a fruir a força e beleza do fazer literário é o que pretende-se ao longo do Ensino Médio.

CONTEÚDOS BÁSICOS

ENSINO FUNDAMENTAL

6.º ANO

GÊNEROS DISCURSIVOS

Para o trabalho das práticas de leitura, escrita, oralidade e análise linguística serão adotados como conteúdos básicos os gêneros discursivos conforme suas esferas sociais de circulação.

Caberá ao professor fazer a seleção de gêneros, nas diferentes esferas, de acordo com o Projeto Político Pedagógico, com a Proposta Pedagógica Curricular, com o Plano Trabalho Docente, ou seja, em conformidade com as características da escola e com o nível de complexidade adequado a cada uma das séries.

LEITURA

- Tema do texto;
- Interlocutor;
- Finalidade;
- Aceitabilidade do texto;
- Informatividade;
- Discurso direto e indireto;
- Elementos composicionais do gênero;
- Léxico;
- Marcas linguísticas: coesão, coerência, função das classes gramaticais no texto, pontuação, recursos gráficos (como aspas, travessão, negrito), figuras de linguagem.

ESCRITA

- Tema do texto;

- Interlocutor;
- Finalidade do texto;
- Informatividade;
- Argumentatividade;
- Discurso direto e indireto;
- Elementos composicionais do gênero;
- Divisão do texto em parágrafos;
- Marcas linguísticas: coesão, coerência, função das classes gramaticais no texto, pontuação, recursos gráficos (como aspas, travessão, negrito), figuras de linguagem;
- Processo de formação de palavras;
- Acentuação gráfica;
- Ortografia;
- Concordância verbal/nominal.

ORALIDADE

- Tema do texto;
- Finalidade;
- Argumentatividade;
- Papel do locutor e interlocutor;
- Elementos extralinguísticos: entonação, pausas, gestos...;
- Adequação do discurso ao gênero;
- Turnos de fala;
- Variações linguísticas;
- Marcas linguísticas: coesão, coerência, gírias, repetição, recursos semânticos.

7.º ANO

GÊNEROS DISCURSIVOS

Para o trabalho das práticas de leitura, escrita, oralidade e análise linguística serão adotados como conteúdos básicos os gêneros discursivos conforme suas esferas sociais de circulação. Caberá ao professor fazer a seleção de gêneros, nas diferentes esferas, de acordo com o Projeto Político Pedagógico, com a Proposta

Pedagógica Curricular, com o Plano Trabalho Docente, ou seja, em conformidade com as características da escola e com o nível de complexidade adequado a cada uma das séries.

LEITURA

- Tema do texto;
- Interlocutor;
- Finalidade do texto;
- Informatividade;
- Aceitabilidade;
- Situacionalidade;
- Intertextualidade;
- Informações explícitas e implícitas;
- Discurso direto e indireto;
- Elementos composicionais do gênero;
- Repetição proposital de palavras;
- Léxico;
- Ambiguidade;
- Marcas linguísticas: coesão, coerência, função das classes gramaticais no texto, pontuação, recursos gráficos (como aspas, travessão, negrito), figuras de linguagem.

ESCRITA

- Tema do texto;
- Interlocutor;
- Finalidade do texto;
- Informatividade;
- Discurso direto e indireto;
- Elementos composicionais do gênero;
- Marcas linguísticas: coesão, coerência, função das classes gramaticais no texto, pontuação, recursos gráficos (como aspas, travessão, negrito), figuras de linguagem;
- Processo de formação de palavras;
- Acentuação gráfica;

- Ortografia;
- Concordância verbal/nominal.

ORALIDADE

- Tema do texto;
- Finalidade;
- Papel do locutor e interlocutor;
- Elementos extralinguísticos: entonação, pausas, gestos, etc;
- Adequação do discurso ao gênero;
- Turnos de fala;
- Variações linguísticas;
- Marcas linguísticas: coesão, coerência, gírias, repetição;
- Semântica.

8.º ANO

GÊNEROS DISCURSIVOS

Para o trabalho das práticas de leitura, escrita, oralidade e análise linguística serão adotados como conteúdos básicos os gêneros discursivos conforme suas esferas sociais de circulação.

Caberá ao professor fazer a seleção de gêneros, nas diferentes esferas, de acordo com o Projeto Político Pedagógico, com a Proposta Pedagógica Curricular, com o Plano Trabalho Docente, ou seja, em conformidade com as características da escola e com o nível de complexidade adequado a cada uma das séries.

LEITURA

Conteúdo temático;

- Interlocutor;
- Intencionalidade do texto;
- Aceitabilidade do texto;
- Informatividade;
- Situacionalidade;
- Intertextualidade;
- Vozes sociais presentes no texto;
- Elementos composicionais do gênero;

- Relação de causa e consequência entre as partes e elementos do texto;
- Marcas linguísticas: coesão, coerência, função das classes gramaticais no texto, pontuação, recursos gráficos como aspas, travessão, negrito;
- Semântica:
 - operadores argumentativos;
 - ambiguidade;
 - sentido conotativo e denotativo das palavras no texto;
 - expressões que denotam ironia e humor no texto.

ESCRITA

- Conteúdo temático;
- Interlocutor;
- Intencionalidade do texto;
- Informatividade;
- Situacionalidade;
- Intertextualidade;
- Vozes sociais presentes no texto;
- Elementos composicionais do gênero;
- Relação de causa e consequência entre as partes e elementos do texto;
- Marcas linguísticas: coesão, coerência, função das classes gramaticais no texto, pontuação, recursos gráficos como aspas, travessão, negrito;
- Concordância verbal e nominal;
- Papel sintático e estilístico dos pronomes na organização, retomadas e sequenciação do texto;
- Semântica:
 - operadores argumentativos;
 - ambiguidade;
 - significado das palavras;
 - sentido conotativo e denotativo;
 - expressões que denotam ironia e humor no texto.

ORALIDADE

- Conteúdo temático;

- Finalidade;
- Aceitabilidade do texto;
- Informatividade;
- Papel do locutor e interlocutor;
- Elementos extralinguísticos: entonação, expressões facial, corporal e gestual, pausas ...;
- Adequação do discurso ao gênero;
- Turnos de fala;
- Variações lingüísticas (lexicais, semânticas, prosódicas, entre outras);
- Marcas linguísticas: coesão, coerência, gírias, repetição;
- Elementos semânticos;
- Adequação da fala ao contexto (uso de conectivos, gírias, repetições, etc);
- Diferenças e semelhanças entre o discurso oral e o escrito.

9.º ANO

GÊNEROS DISCURSIVOS

Para o trabalho das práticas de leitura, escrita, oralidade e análise linguística serão adotados como conteúdos básicos os gêneros discursivos conforme suas esferas sociais de circulação. Caberá ao professor fazer a seleção de gêneros, nas diferentes esferas, de acordo com o Projeto Político Pedagógico, com a Proposta Pedagógica Curricular, com o Plano Trabalho Docente, ou seja, em conformidade com as características da escola e com o nível de complexidade adequado a cada uma das séries.

LEITURA

- Conteúdo temático;
- Interlocutor;
- Finalidade Intencionalidade do texto;
- Aceitabilidade do texto;
- Informatividade;
- Situacionalidade;
- Intertextualidade;

- Temporalidade;
- Discurso ideológico presente no texto;;
- Vozes sociais presentes no texto;
- Elementos composicionais do gênero;
- Relação de causa e consequência entre as partes e elementos do texto;
- Partículas conectivas do texto;
- Progressão referencial no texto;
- Marcas linguísticas: coesão, coerência, função das classes gramaticais no texto, pontuação, recursos gráficos como aspas, travessão, negrito;
- Semântica:
 - - operadores argumentativos;
 - polissemia;
 - sentido conotativo e denotativo;
 - expressões que denotam ironia e humor no texto.

ESCRITA

- Conteúdo temático;
- Interlocutor;
- Intencionalidade do texto;
- Informatividade;
- Situacionalidade;
- Intertextualidade;
- Temporalidade;
- Vozes sociais presentes no texto;
- Elementos composicionais do gênero;
- Relação de causa e consequência entre as partes e elementos do texto;
- Partículas conectivas do texto;
- Progressão referencial no texto;
- Marcas linguísticas: coesão, coerência, função das classes gramaticais no texto, pontuação, recursos gráficos como aspas, travessão, negrito, etc.;
- Sintaxe de concordância;
- Sintaxe de regência;
- Processo de formação de palavras;
- Vícios de linguagem;

- Semântica:
- operadores argumentativos;
- modalizadores;
- polissemia.

ORALIDADE

- Conteúdo temático ;
- Finalidade;
- Aceitabilidade do texto;
- Informatividade;
- Papel do locutor e interlocutor;
- Elementos extralinguísticos: entonação, expressões facial, corporal e gestual, pausas ...;
- Adequação do discurso ao gênero;
- Turnos de fala;
- Variações lingüísticas (lexicais, semânticas, prosódicas entre outras);
- Marcas linguísticas: coesão, coerência, gírias, repetição, conectivos;
- Semântica;
- Adequação da fala ao contexto (uso de conectivos, gírias, repetições, etc.);
- Diferenças e semelhanças entre o discurso oral e o escrito.

ENSINO MÉDIO

GÊNEROS DISCURSIVOS

Para o trabalho das práticas de leitura, escrita, oralidade e análise linguística serão adotados como conteúdos básicos os gêneros discursivos conforme suas esferas sociais de circulação. Caberá ao professor fazer a seleção de gêneros, nas diferentes esferas, de acordo com o Projeto Político Pedagógico, com a Proposta Pedagógica Curricular, com o Plano Trabalho Docente, ou seja, em conformidade com as características da escola e com o nível de complexidade adequado a cada uma das séries.

LEITURA

- Conteúdo temático;

- Interlocutor;
- Finalidade do texto ;
- Intencionalidade;
- Aceitabilidade do texto;
- Informatividade;
- Situacionalidade;
- Intertextualidade;
- Temporalidade;
- Vozes sociais presentes no texto;
- Discurso ideológico presente no texto;
- Elementos composicionais do gênero;
- Contexto de produção da obra literária;
- Marcas linguísticas: coesão, coerência, função das classes gramaticais no texto, pontuação, recursos gráficos como aspas, travessão, negrito;
- Progressão referencial;
- Partículas conectivas do texto;
- Relação de causa e consequência entre partes e elementos do texto;
- Semântica:
 - operadores argumentativos;
 - modalizadores;
 - figuras de linguagem;
 - sentido conotativo e denotativo.

ESCRITA

- Conteúdo temático;
- Interlocutor;
- Finalidade do texto;
- Intencionalidade;
- Informatividade;
- Situacionalidade;
- Intertextualidade;
- Temporalidade;
- Referência textual;
- Vozes sociais presentes no texto;

- Ideologia presente no texto;
- Elementos composicionais do gênero;
- Progressão referencial;
- Relação de causa e consequência entre as partes e elementos do texto;
- Semântica:
 - operadores argumentativos;
 - modalizadores;
 - figuras de linguagem;
- Marcas linguísticas: coesão, coerência, função das classes gramaticais no texto, conectores, pontuação, recursos gráficos como aspas, travessão, negrito, etc.;
- Vícios de linguagem;
- Sintaxe de concordância;
- Sintaxe de regência.

ORALIDADE

- Conteúdo temático;
- Finalidade;
- Intencionalidade;
- Aceitabilidade do texto;
- Informatividade;
- Papel do locutor e interlocutor;
- Elementos extralinguísticos: entonação, expressões facial, corporal e gestual, pausas ...;
- Adequação do discurso ao gênero;
- Turnos de fala;
- Variações lingüísticas (lexicais, semânticas, prosódicas, entre outras);
- Marcas linguísticas: coesão, coerência, gírias, repetição;
- Elementos semânticos;
- Adequação da fala ao contexto (uso de conectivos, gírias, repetições, etc.);
- Diferenças e semelhanças entre o discurso oral e o escrito.

Conteúdos Básicos: gêneros textuais, elementos composicionais, forma e estilo.

6º ano

Gêneros discursivos que serão trabalhados: . Literários/Artísticos: contos de fada, lendas, causos e fábulas, história em quadrinhos, poema, cantigas, parlendas, trovas e trava-línguas; . Cotidiana: adivinhas, anedotas cantigas de roda, carta pessoal, álbum de família...

- . Literária Artística: contos, contos de fadas, contos de fadas contemporâneos, história em quadrinhos, lendas...
- . Escolar: cartazes, diálogo/discussão argumentativa, exposição oral, palestra...
- . Imprensa: caricatura, cartum, charge, entrevista(oral/escrita)...
- . Publicitária: caricatura, comercial para TV, e-mail, cartazes, folder...
- . Mediática: blog, e-mail, desenho animado...
- . Outros: diário.

7º ano

- . Cotidiano: anedota, comunicado, convite, cartão postal, causos...
- . Literário: contos fantásticos, escultura, haicai, lendas...
- . Escolar: cartazes, pesquisa, palestra, debate regrado...
- . Imprensa: jornal, cartaz, caricatura, charge, classificados, entrevista...
- . Argumentativos: artigo de opinião, crônica jornalística, editorial, agenda cultural...
- . Mediática: blog, chat, filmes, musica, filmes...

8º ano

- . Cotidiano: comunicado, curriculun vitae, carta pessoal, causos...
- . Literário: contos de fada, história em quadrinhos, lendas, literatura de cordel, crônicas de ficção, fábulas contemporâneas, autobiografia, narrativas...
- . Escolar: ata, cartazes, debate regrado, metodologia de trabalho escolar...
- . Imprensa: agenda cultural, carta ao leitor, reportagem televisiva, editorial, entrevista oral/escrita, artigo de opinião...
- . Publicitária: comercial para TV, caricatura, e-mail, anúncio, slogan, resenhas...
- . Midiático: blog, chat, e-mail, filmes, home page...
- . Outros

9º ano

- . Cotidiano: curriculun vitae, comunicado, carta, e-mail, cartazes...
- . Literário: autobiografia, biografia, crônica, fábulas conemporâneas, memórias, poemas, romances...
- . Escolar: ata, cartazes, júri simulado, metodologia de trabalho escolar, resumo...
- . Imprensa: artigo de opinião, anúncio de emprego, carta ao leitor, editorial...
- . Publicitária: comercial para TV, e-mail, propaganda, caricatura, cartazes, anúncio...
- . Midiático: blog, chat, e-mail, entrevista...
- . Jurídico: contrato, ofício, procuração, carta...
- . Outros: resumo, ata...

Gêneros Discursivos**1º Ano**

Cotidiana: Curriculum Vitae, Causos, Música, Relatos de Experiências Vividas, Crônicas.

Literária/Artística: Narrativas: Aventura, Humor, Terror, Fantásticas.

Imprensa: Anúncio de Emprego, Artigo de Opinião, Carta ao Leitor, Artigo de Opinião.

Política: Carta de Emprego, Mesa Redonda, Abaixo-assinado, Debate.

2º Ano

Cotidiana: Comunicado, Crônica, Exposição Oral, Convites.

Literária/Artística: Biografia, Fábulas Contemporâneas, Poemas.

Imprensa: Charge, Manchete, Crônica Jornalística, Sinopses de Filmes.

Política: Discurso Político de “Palanque”, Manifesto, Panfleto.

3º Ano

Cotidiana: Ofício, Fatura, Carta Pessoal.

Literária/Artística: Romances, Textos Dramáticos, Crônicas de Ficção.

Imprensa: Classificados, Cartum, Editorial, Reportagens

Política: Carta de Emprego, Debate Regrado, Carta Aberta, Ação Pública.

c. METODOLOGIA DA DISCIPLINA

O trabalho pedagógico, na perspectiva dos gêneros discursivos, tem por fundamento a natureza social da língua. Assim, toda reflexão com e sobre a língua deverá considerar, como ponto de partida, a dimensão dialógica da linguagem, presente em atividades que possibilitem aos estudantes e professores, experiências reais e uso da língua materna.

Uma metodologia ativa e diversificada, que compreende o trabalho individual, o trabalho em duplas ou em pequenos grupos e o trabalho com toda a turma, além de atividades expositivas é o que sustenta a concepção de linguagem adotada.

PRÁTICAS DA ORALIDADE

Apresentação de temas variados: histórias de família, da comunidade, um filme, um livro, etc;

Depoimentos sobre situações vividas pelo próprio aluno ou pessoas de seu convívio;

Uso do discurso oral para emitir opiniões, justificar ou defender opções tomadas, colher e dar informações, fazer e dar entrevistas, apresentar resumos, expôr programações, dar avisos, fazer convites, etc;

Confronto entre registros de forma a constatar similaridades e diferenças entre modalidades oral e escrita;

Relato de acontecimentos, mantendo-se a unidade temática; Debates, seminários, júris simulados e outras atividades que possibilitem o desenvolvimento da argumentação; Análise de entrevistas televisivas e radiofônicas a partir de gravações para serem ouvidas, transcritas e analisadas, observando-se as pausas, hesitações, truncamentos, mudanças de construção textual, descontinuidade do discurso, grau de formalidade, comparação com outros textos, etc.

PRÁTICAS DA LEITURA

Entender o texto como um veículo de intervenção no mundo, ao mesmo tempo em que está articulado ao modo de produção social.

Proposição pelo professor de uma infinidade de textos, considerando também a referência e a opinião dos alunos ao selecioná-los; não restringindo-se apenas ao livro didático.

A leitura será prática diária e a diversidade de gêneros discursivos será contemplada durante a ação pedagógica.

Incentivo ao empréstimo de livros diversificados na biblioteca do colégio para leitura individual e em casa, dramatizações de textos lidos, debate, declamações, seminários, roda de conversa, júri simulado, leitura de contos, compartilhamento de notícias...

PRÁTICAS DA ESCRITA

Trabalhar a escrita em uma perspectiva discursiva que aborda o texto como unidade potencializadora de sentidos, através da prática textual.

Levar o aluno a compreender os mecanismos do funcionamento do texto que são diversos da oralidade para que através do seu texto escrito possa provocar uma reação no leitor.

Professor e alunos devem planejar juntos o que será produzido, em seguida escrever a primeira versão sobre a proposta apresentada depois revisar, reestruturar e reescrever o texto no sentido de que a reformulação final esteja adequada à compreensão do leitor.

Promover a socialização da produção textual seja fixando no mural do colégio alguns textos (em rodízio) ou reunindo-os em uma coletânea ou publicando-os no jornal.

Os recursos linguísticos são trazidos pelos alunos até a escola a partir de um conhecimento prático dos princípios da linguagem, que esteja voltada para uma prática real.

Os recursos tecnológicos serão apresentados como complemento didático, para que haja um trabalho mais efetivo serão estabelecidas relações interdisciplinares.

Oportunizar ao aluno para que tenha acesso ao laboratório de informática como extensão da sala de aula e algumas aulas deverão ser expostas na TV pendrive, norteadas pela necessidade do uso destes recursos para sua vida escolar e particular.

As conteúdos obrigatórios (Instrução 009/11 SUED/SEED) serão trabalhados no contexto e contempladas diariamente segundo a abordagem discursiva de acordo com o que sugere as DCEs.

ANÁLISE LINGUÍSTICA

Entendemos que não cabe, ao Ensino de Português, concentrar-se exclusivamente numa dimensão prática, é necessário realizar sempre uma ação reflexiva sobre a própria linguagem.

Acreditamos que devemos renovar criticamente o modo de ensinar a língua padrão contribuindo significativamente a superarmos os nós que nos embaraçam no que diz respeito a língua portuguesa.

Temos que oferecer aos alunos oportunidades de apreciar sua história de vida integrando assim as práticas socio-verbais e o pensar sobre elas.

d. AVALIAÇÃO

A avaliação no mundo contemporâneo precisa tomar decisões pautadas em princípios, não apenas acadêmicos, mas também políticos e culturais, com base nos sujeitos que dela participam, com estudo, debate e crítica, sempre levando em conta a sociedade em que vivemos, o mundo globalizado, as culturas, as desigualdades e as diferenças culturais, etc. (Moreira, BF Antonio- 1994).

O sistema de avaliação adotado será a avaliação somatória democrática que seja: formativa, contínua, processual, diagnóstica, cumulativa e permanente.

De acordo com a Deliberação 007/99, Art. 3º, “o aluno será avaliado em diferentes situações de aprendizagem como: provas, produções de textos, leitura, apresentações orais, trabalhos individuais e coletivos, etc”. Portanto, a avaliação será somatória até atingir os 10,0 (dez) pontos, onde a média para a aprovação é: 6,0 e 75% de presença.

Para os alunos que não atingirem os objetivos esperados, será proporcionada a Recuperação de Estudos de forma paralela ao longo da série ou período letivo, adequando-se as dificuldades dos alunos.

A Recuperação Paralela será por conteúdos dados, através de atividades que visam ao entendimento do conteúdo trabalhado e não assimilado, também por novas

avaliações, trabalhos, pesquisas e outros que possam estar adequados ao momento e condição do aluno. Avaliações estas que deverão ser ofertadas a todos os alunos, independente de média.

Haverá retomada dos conteúdos , sempre que se julgar necessário, ou seja, quando se perceber que os alunos não atingiram os objetivos necessários sobre o tema proposto. Nessa retomada dar-se-à oportunidade aos alunos de realizarem nova avaliação, podendo essa assumir outras formas no intuito de efetivar a aprendizagem. Os alunos com necessidades educacionais especiais terão uma avaliação diferenciada, enfocando principalmente o que o aluno pode atingir, o seu potencial relacionado aos conteúdos propostos.

Os alunos com necessidades educativas especiais serão avaliados de acordo com suas especificidades, conforme a Lei nº 9394/96 da LDB, capítulo V, artigo 58. Terão a oportunidade de realizar avaliações diferenciadas, sendo cada caso analisado em específico, junto à orientação pedagógica, será buscada melhor forma de avaliar o seu desenvolvimento ao longo do processo de ensino aprendizagem.

e. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 6 ed. Tradução de Michel e Yara Vieira. São Paulo: Hucitec, 1992.

GERALDI, João W.- **Concepções de linguagem e ensino de Português**. São Paulo, Ática, 1997.

POSSENTI, Sírio. **Discurso, estilo e subjetividade**. São Paulo, 1993.

VIGOTSKI, Lev. Apud Revista Nova escola- ed. Especial, **Grandes Pensadores**, novembro, 2004.

Secretaria de Estado de Educação. SEED, **Deliberação 007/99** Curitiba, 1999

GERALDI , J.W – Concepções de Linguagem e Ensino de Português. In: **O texto na sala de aula**. 5ed.. Cascavel: Assoeste, 1990.

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação - **Diretrizes Curriculares da Educação Básica de Língua Portugues/ SEED: Curitiba, 2008.**

PROPOSTA PEDAGÓGICA CURRICULAR ENSINO MÉDIO E FUNDAMENTAL LÍNGUA ESTRANGEIRA MODERNA– INGLÊS

a) Apresentação da disciplina

O cenário do ensino de Línguas Estrangeiras no Brasil e a estrutura do currículo escolar sofreram constantes mudanças em decorrência da organização social, política e econômica ao longo da história.

Desde o início da colonização do território, que hoje corresponde ao litoral brasileiro, houve a preocupação do Estado português em facilitar o processo de dominação e expandir o catolicismo. Naquele contexto, coube aos jesuítas a responsabilidade de evangelizar e de ensinar o latim aos povos que habitavam o território, como exemplo de língua culta. No entanto, durante a União Ibérica (1580-1640), os jesuítas foram considerados os principais incentivadores da resistência dos nativos, pois as reduções jesuíticas acabaram apresentando em sua estrutura organizacional um refúgio para os povos indígenas, em virtude da desumanidade e exploração desse povo pelos colonizadores.

Esse foi um dos fatores que contribuiu para a decisão de expulsar os padres jesuítas dos territórios portugueses na América e, em 1759, o ministro Marquês de Pombal instituiu o sistema de ensino régio no Brasil, por meio do qual cabia ao Estado a responsabilidade de contratar professores não-religiosos. As línguas que continuaram a integrar o currículo eram o Grego e o Latim, línguas clássicas consideradas de suma importância para o desenvolvimento do pensamento e da literatura. Por meio dessas línguas, ensinavam-se o vernáculo, a História e a Geografia.

Com o objetivo de melhorar a instrução pública e de atender às demandas advindas da abertura dos portos ao comércio, D. João VI, em 1809, assinou o decreto de 22 de junho para criar as cadeiras de Inglês e Francês. A partir daí, o ensino das línguas modernas começou a ser valorizado.

Moita Lopes e Rojo (2004) colocam sob suspeita o caráter apaziguador, harmonizador do ensino de língua e destacam que a finalidade de conhecer outra cultura precisa ser repensada no Brasil, em função do caráter colonizador e assimilacionista do ensino comunicativo. Consoante a esses autores, Pennycook (apud MASCIA, 2003, p. 220) considera que

Tendo como referência tais reflexões, depreende-se que tanto a opção teórico-metodológica quanto o idioma a ser ensinado na escola não são neutros,

mas profundamente marcados por questões político-econômicas e ideológicas, que resultam muitas vezes do imperialismo de uma língua. Tais questões marginalizam razões históricas e/ou étnicas que podem ser valorizadas, levando-se em conta a história da comunidade atendida pela escola. Destaca-se que o comprometimento com o plurilinguismo como política educacional é uma das possibilidades de valorização e respeito à diversidade cultural, garantido na legislação, pois permite às comunidades escolares a definição da Língua Estrangeira a ser ensinada.

A partir destas reflexões e de suas implicações no ensino de Língua Estrangeira Moderna, serão apresentados alguns dos fundamentos teórico-metodológicos que referenciam estas Diretrizes e os princípios que orientam esta escolha:

- o atendimento às necessidades da sociedade contemporânea brasileira e a garantia da equidade no tratamento da disciplina de Língua Estrangeira Moderna em relação às demais obrigatórias do currículo;
- o resgate da função social e educacional do ensino de Língua Estrangeira no currículo da Educação Básica;
- o respeito à diversidade (cultural, identitária, linguística), pautado no ensino de línguas que não priorize a manutenção da hegemonia cultural.

Ancorada nos pressupostos da pedagogia crítica, entende-se que a escolarização tem o compromisso de prover aos alunos meios necessários para que não apenas assimilem o saber como resultado, mas apreendam o processo de sua produção, bem como as tendências de sua transformação. A escola tem o papel de informar, mostrar, desnudar, ensinar regras, não apenas para que sejam seguidas, mas principalmente para que possam ser modificadas.

OBJETO DE ESTUDO DA LÍNGUA ESTRANGEIRA

Toda língua é uma construção histórica e cultural em constante transformação.

Segundo Bakhtin (1988), toda enunciação envolve a presença de pelo menos duas vozes, a voz do eu e do outro. Para este filósofo, não há discurso individual, no sentido de que todo discurso se constrói no processo de interação e em função de outro.

Nesse sentido, a língua se apresenta como espaço de construções discursivas, indissociável dos contextos em que ela adquire sua materialidade, inseparável das comunidades interpretativas que a constroem e são construídas por ela.

Para Bakhtin (1988), as relações sociais ganham sentido pela palavra e a sua existência se concretiza no contexto da enunciação. Por outro lado, os sentidos

assumidos pela palavra são múltiplos, não existindo, dessa forma, palavras vazias. Para esse teórico, “a palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida” (BAKHTIN 1988, p. 95).

O ensino de Língua Estrangeira Moderna, propõe superar os fins utilitaristas, pragmáticos ou instrumentais que historicamente têm marcado o ensino desta disciplina, espera-se que o aluno:

- use a língua em situações de comunicação oral e escrita;
- vivencie, na aula de Língua Estrangeira, formas de participação que lhe possibilitem estabelecer relações entre ações individuais e coletivas;
- compreenda que os significados são sociais e historicamente construídos e, portanto, passíveis de transformação na prática social;
- tenha maior consciência sobre o papel das línguas na sociedade;
- reconheça e compreenda a diversidade linguística e cultural, bem como seus benefícios para o desenvolvimento cultural do país.

Entende-se que o ensino de Língua Estrangeira deve considerar as relações que podem ser estabelecidas entre a língua estudada e a inclusão social, objetivando o desenvolvimento da consciência do papel das línguas na sociedade e o reconhecimento da diversidade cultural.

- Conscientizar os alunos sobre a importância de uma LEM por ser um instrumento de comunicação universal;
- Desenvolver os aspectos sócio-interacionais da linguagem e da aprendizagem, situadas na instituição cultural-histórica;
- Possibilitar ao aluno a compreensão e expressão na LEM, através da abordagem do discurso (listening/speaking/reading);
- Propiciar ao aluno um nível de competência lingüística capaz de permitir o acesso a diversos tipos de informações contribuindo ao mesmo tempo para sua formação geral enquanto cidadão.

b. CONTEÚDO ESTRUTURANTE

Os conhecimentos que identificam e organizam os campos de estudos escolares de Língua Estrangeira são considerados basilares para a compreensão do objeto de estudo dessa disciplina. Esses saberes são concebidos como Conteúdos Estruturantes, a partir dos quais se abordam os conteúdos específicos no trabalho pedagógico. Os Conteúdos Estruturantes se constituem através da história, são legitimados socialmente e, por isso, são provisórios e processuais.

O Conteúdo Estruturante está relacionado com o momento histórico-social, define-se como Conteúdo Estruturante da Língua Estrangeira Moderna o *Discurso como prática social*. A língua será tratada de forma dinâmica, por meio de leitura, de oralidade e de escrita que são as práticas que efetivam o *discurso*.

A palavra discurso inicialmente significa curso, percurso, correr por, movimento.

Ao contrário de uma concepção de linguagem que centraliza o ensino da gramática tradicional, o discurso tem como foco o trabalho com os enunciados (orais e escritos) uma vez que o discurso também só existe na forma de enunciados (RODRIGUES, 2005). O discurso é produzido para um “eu” um sujeito que é responsável por aquilo que fala e/ou escreve, constituição onde a localização geográfica, temporal, social e etária também são elementos essenciais.

É preciso que os níveis de organização linguística-fonético-fonológico, léxico-semântico e de sintaxe sirvam ao uso da linguagem na compreensão e na produção verbal e não-verbal, onde o professor levará em conta que o objeto de estudo da língua estrangeira moderna, é a língua, pela sua complexidade e riqueza, trabalhando com os mais variados textos de diferentes gêneros, focando na abordagem crítica da leitura a interação ativa dos sujeitos com o discurso e a aprendizagem significativa.

CONTEÚDOS BÁSICOS

LEITURA

- Identificação do tema;
- Intertextualidade;
- Intencionalidade;
- Vozes sociais presentes no texto;
- Léxico;
- Coesão e coerência;
- Funções das classes gramaticais no texto;
- Elementos semânticos;
- Discurso direto e indireto;
- Emprego do sentido denotativo e conotativo no texto;
- Recursos estilísticos (figuras de linguagem);
- Marcas linguísticas: particularidades da língua, pontuação, recursos gráficos (como aspas, travessão, negrito);
- Variedade linguística;
- Acentuação gráfica;

- Ortografia.

ESCRITA

- Tema do texto;
- Interlocutor;
- Finalidade do texto;
- Intencionalidade do texto;
- Intertextualidade;
- Condições de produção;
- Informatividade (informações necessárias para a coerência do texto);
- Vozes sociais presentes no texto;
- Léxico;
- Discurso direto e indireto;
- Emprego do sentido denotativo e conotativo no texto;
- Coesão e coerência;
- Funções das classes gramaticais no texto;
- Elementos semânticos;
- Recursos estilísticos (figuras de linguagem);
- Marcas linguísticas: particularidades da língua, pontuação, recursos gráficos (como aspas, travessão, negrito);
- Variedade linguística;
- Ortografia;
- Acentuação gráfica.

ORALIDADE

- Elementos extralinguísticos: entonação, pausas, gestos, etc...;
- Adequação do discurso ao gênero;
- Turnos de fala;
- Vozes sociais presentes no texto;
- Variações linguísticas;
- Marcas linguísticas: coesão, coerência, gírias, repetição;
- Diferenças e semelhanças entre o discurso oral e o escrito;
- Adequação da fala ao contexto;
- Pronúncia.

- **6º ano**

Gêneros discursivos que serão trabalhados: . Literários/Artísticos: contos de fada, lendas, causos e fábulas, história em quadrinhos, poema, cantigas,

parlendas, trovas e trava-línguas; . Cotidiana: adivinhas, anedotas cantigas de roda, carta pessoal, álbum de família...

- . Literária Artística: contos, contos de fadas, contos de fadas contemporâneos, história em quadrinhos, lendas...
- . Escolar: cartazes, diálogo/discussão argumentativa, exposição oral, palestra...
- . Imprensa: caricatura, cartum, charge, entrevista(oral/escrita)...
- . Publicitária: caricatura, comercial para TV, e-mail, cartazes, folder...
- . Mediática: blog, e-mail, desenho animado...
- . Outros: diário.

•

• **7º ano**

- . Cotidiano: anedota, comunicado, convite, cartão postal, causos...
- . Literário: contos fantásticos, escultura, haicai, lendas...
- . Escolar: cartazes, pesquisa, palestra, debate regrado...
- . Imprensa: jornal, cartaz, caricatura, charge, classificados, entrevista...
- . Argumentativos: artigo de opinião, crônica jornalística, editorial, agenda cultural...
- . Mediática: blog, chat, filmes, musica, filmes...

•

• **8º ano**

- . Cotidiano: comunicado, curriculun vitae, carta pessoal, causos...
- . Literário: contos de fada, história em quadrinhos, lendas, literatura de cordel, crônicas de ficção, fábulas contemporâneas, autobiografia, narrativas...
- . Escolar: ata, cartazes, debate regrado, metodologia de trabalho escolar...
- . Imprensa: agenda cultural, carta ao leitor, reportagem televisiva, editorial, entrevista oral/escrita, artigo de opinião...
- . Publicitária: comercial para TV, caricatura, e-mail, anúncio, slogan, resenhas...
- . Midiático: blog, chat, e-mail, filmes, home page...
- . Outros

• **9º ano**

- . Cotidiano: curriculun vitae, comunicado, carta, e-mail, cartazes...

- . Literário: autobiografia, biografia, crônica, fábulas contemporâneas, memórias, poemas, romances...
- . Escolar: ata, cartazes, júri simulado, metodologia de trabalho escolar, resumo...
- . Imprensa: artigo de opinião, anúncio de emprego, carta ao leitor, editorial...
- . Publicitária: comercial para TV, e-mail, propaganda, caricatura, cartazes, anúncio...
- . Midiático: blog, chat, e-mail, entrevista...
- . Jurídico: contrato, ofício, procuração, carta...
- . Outros: resumo, ata...

d) Metodologia

Propõe-se a fazer da aula de LEM um espaço para que o aluno reconheça e compreenda a diversidade lingüística e cultural de sua realidade, oportunizando-o a engajar-se discursivamente e a perceber possibilidades de construção de significados em relação ao mundo em que vive.

Serão abordadas questões lingüísticas, sociopragmáticas, culturais e discursivas, assim como as práticas do uso da língua: leitura, oralidade e escrita. A oralidade tem como objetivo expor os alunos a textos orais, pertencentes aos diferentes discursos, é aprender a expressar idéias em língua estrangeira mesmo que com limitações. Será utilizado diálogos, debates de temas atuais e apresentações diversificadas de acordo com os conteúdos trabalhados. A escrita deve ser vista como uma atividade sociointeracional, ou seja significativa.

Serão trabalhados textos, músicas, filmes, diálogos, jogos entre outros a fim de que o aluno saiba enfrente situações de leitura com sucesso, sabendo reconhecer as informações essenciais de qualquer tipo de texto.

Textos de crescentes graus de dificuldade darão suporte para o aluno compreender a realidade lingüística e ser capaz de perceber as idéias principais de cada texto com autonomia.

O professor utilizará também os seguintes recursos tecnológicos: livros didáticos público, dicionários, livros paradidáticos, vídeos, DVD, CD-Rom, Internet, TV multimídia.

A instrução n.º 009/11-SUED/SEED será respeitada, na desconstrução dos preconceitos em relação a prática escolar e linguagem, relacionando os conteúdos obrigatórios: sexualidade, educação do campo, história e cultura afrodescendente e indígena.

Entende-se que o ensino de língua estrangeira deve possibilitar ao aluno relações com culturas e ideologias diversas, objetivando desenvolver consciência e

postura críticas sobre seu papel no mundo.

Aos alunos portadores de necessidades educativas especiais será ofertada a flexibilização curricular e adaptação curricular.

Pertinência do uso dos elementos discursivos textuais, estruturais e normativos.

Reconhecimento de palavras e expressões e sequência.

Compreensão de argumentos no discurso do outro.

Participação ativa em diálogos, relatos, discussões.

Utilização de expressões não verbais.

e) Avaliação

A avaliação é um processo voltado a conhecer e acompanhar o desenvolvimento do aluno dentro do espaço escolar, ou seja, é um recurso docente que estuda e interpreta os dados da aprendizagem a fim de acompanhar e aperfeiçoar o processo de aquisição de conhecimento discente e diagnosticar resultados, atribuindo valores.

Pautada em princípios acadêmicos, políticos e culturais e baseados nos sujeitos que deles usufruem, a avaliação levará em conta o mundo globalizado, desigualdades e diferenças culturais. Deste modo será diagnóstica, que possibilitará elementos que permitirão ao próprio aluno fazer sua auto-avaliação a partir de critérios adotados pelo professor, definindo uma meta a ser alcançada ao final do ano letivo; somativa, que permite somar conhecimentos ao longo do processo de aprendizagem; e, formativa, pois permite aperfeiçoar o aluno quanto a sua formação técnica profissional, aprimorando o processo de trabalho e conseqüentemente o próprio trabalho do professor, adequando as metodologias, objetivos e conteúdos ao processo de ensino-aprendizagem e ao contexto diagnosticado na prática cotidiana.

Considerando a interdisciplinaridade e multidisciplinariedade dos conteúdos, serão utilizados os seguintes instrumentos de avaliação: trabalhos individuais e coletivos, exercícios orais e escritos, dramatizações, repetição oral em grupo e individual desenvolvendo as habilidades necessárias para uma comunicação efetiva, avaliações objetivas e/ou dissertativas, relatórios e pesquisas cujos valores serão somados objetivando a média bimestral e anual.

Conforme contempla o PPP, as avaliações serão diagnósticas, somativas e formativas. Com 70% de nota bimestral em avaliações formais orais ou escritas no mínimo duas, atribuindo 1,5 pontos para a oralidade, 1,5 pontos para a leitura e 4,0 pontos para a escrita e 30% da nota nas atividades diversificadas de acordo com o conteúdo desenvolvido.

A recuperação será paralela, ou seja, por conteúdos dados. As avaliações

terão um determinado valor de 1,0 a 10,0 ofertada a todos. Serão utilizadas diversas formas para avaliar os mesmos conteúdos, tais como: trabalhos, pesquisas, relatórios, apresentações, entre outras. Permanecerá a nota maior entre a avaliação e a recuperação paralela.

Para os alunos com necessidades educacionais especiais será realizada adaptações curriculares observando as características próprias de cada um, com atividades complementares, adequadas as necessidades individuais de cada aluno sanando dificuldades concretizando o conhecimento.

O aluno será considerado aprovado quando: obtiver freqüência igual ou superior a 75% do total de horas lecionadas; a avaliação final deverá considerar para efeito de promoção ou retenção todos os resultados obtidos durante o ano ou período letivo, considerando-se aprovado, com relação a apuração do aproveitamento: o aluno que obtiver média 6,0 (seis vírgula zero) ou superior na soma dos quatro bimestres, sendo a duração do curso de dois anos letivos, com carga horária de 320 horas.

f) Referências bibliográficas

BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** ensino médio. Brasília: Ministério da Educação, 1999.

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação, Superintendência da Educação. **Diretrizes Curriculares da Rede Pública de Educação Básica do Estado do Paraná.** Curitiba: Secretaria do Estado da Educação, 2008.

ROCHA, Analuza Machado; FERRARI, Zuleica Águeda. **Take your time 1, 2, 3 e 4.** 3 ed. reform. São Paulo: Moderna, 2004.

PROPOSTA PEDAGÓGICA CURRICULAR
ENSINO MÉDIO
BIOLOGIA

a. APRESENTAÇÃO DA DISCIPLINA

A disciplina de Biologia tem como objeto de estudo o fenômeno VIDA. Ao longo da história da humanidade muitos foram os conceitos elaborados sobre este fenômeno numa tentativa de explicá-lo e ao mesmo tempo, compreendê-lo.

A preocupação com a descrição dos seres vivos e dos fenômenos naturais levou o homem a diferentes concepções de vida, de mundo e de seu papel enquanto parte deste mundo. Essa preocupação humana representa a necessidade de garantir sua sobrevivência.

Essa tentativa de definir a vida tem sua origem registrada desde a antiguidade. As idéias daquele período contribuíram com o desenvolvimento da Biologia tiveram como principais pensadores e estudiosos, os filósofos Platão (428/27 a.C - 347 a.C.) e Aristóteles (384 a.C. — 322 a.C.), que, deixaram contribuições relevantes quanto à classificação dos seres vivos.

Na zoologia, a descrição dos animais também se desenvolve, porém, um pouco diferente da botânica. Os animais eram analisados de forma comparativa com preocupação maior sobre a classificação. Há registros que indicam que tais estudos representam o aperfeiçoamento de observações feitas por Aristóteles (RONAN 1997).

Com Liné, o sistema descritivo possibilitou a organização da biologia considerando a comparação das espécies coletadas em diferentes locais. Esta tendência reflete a atitude contemplativa interessada em retratar a beleza da natureza partindo da exploração empírica do mundo natural pautado por um método baseado na observação e descrição da natureza caracterizando o pensamento biológico descritivo.

Contribuições foram dados pelo médico William Harvey (1578-1657) com a proposição de um novo modelo referente à circulação do sangue. Este modelo, foi acolhido por Descartes,(1596-1650) como uma das bases mais consistentes do pensamento biológico mecanicista.

Sob a influência do pensamento positivista reafirma-se o pensamento mecanicista. Para entender o funcionamento da VIDA a Biologia fracionou os organismos vivos em partes cada vez mais especializadas e menores procurando compreender as relações causa e efeito no funcionamento de cada uma de suas partes.

No fim do século XVIII e início do século XIX a imutabilidade da VIDA é questionada com as evidências de processo evolutivo dos seres vivos. Erasmus Darwin (1731 — 1802) acreditava na herança de características adquiridas, e com essa crença produziu o que era uma emergente teoria da evolução embora, de fato, ainda deixasse muitas questões sem resposta (RONAN 1997, p 9).

Para Lamarck, a classificação era importante mais artificial, pois deveria haver uma “seqüência natural “ para todos as criaturas vivas e que mudavam guiados pelo ambiente (RONAN 1997, p 9).

Na história das ciências, Charles Darwin foi o nome que mudou a visão do homem em relação ao passado, quando lançou seu livro. A Origem das Espécies, tendo uma idéia de evolução através da seleção natural. Outro cientista importante foi Gregor Johann Mendel (1822—1884) descobriu os princípios da hereditariedade os quais constituem a base da genética

No século XX, as contribuições das ciências para a humanidade, considerando os últimos 50 anos, ela evoluiu mais do que em dez mil anos. Em cada década tiveram um grande crescimento em todos os níveis tendo as reformas educacionais da época sendo essencial para o desenvolvimento econômico, cultural e social.

A partir dos anos 80, começaram a surgir várias críticas às concepções que prevaleciam nos projetos inovadores para o Ensino de Ciência positivista e da utilização da metodologia científica pelo aluno. Os projetos caracterizavam-se por uma concepção empírico-indutivista para a Biologia, e visavam desenvolver essa concepção no ensino.

Em 1996, com os PCN's de Biologia apresentaram propostas inovadoras de avanços teóricos e metodológicos. Mas, na tentativa de romper com as concepções teóricas anteriores, a reformulação curricular propiciou um retrocesso fortemente marcado pela concepção neoliberal, descaracterizando os conhecimentos historicamente constituídos, desvalorizando a teoria em prol do relativismo e da pedagogia das competências.

A partir de 2003, iniciou-se um novo período na história da educação paranaense. Instituído o currículo escolar como eixo fundante da escola, essa proposta busca suscita no professor a reflexão sobre a própria prática, oportunizando a formação continuada fornecendo subsídios consistentes e úteis ao cotidiano da sala de aula.

O ensino de Biologia é essencial para o desenvolvimento de posturas e valores pertinentes às relações entre os seres humanos, o meio em que vivem e o conhecimento contribuindo para uma educação que formará cidadãos conscientes

capazes de realizar ações práticas de fazer julgamentos e tomar decisões. Dessa forma o ensino da Biologia deve:

- Preparar o educando para a cidadania no sentido universal e não apenas profissionalizante, aprimorando-o como ser humano sensível, solidário e consciente;
- Propiciar um aprendizado útil à vida e ao trabalho, no qual as informações e os conhecimentos transmitidos se transformem em instrumentos de compreensão, mudança e previsão da realidade;
- Consolidar e aprofundar o aprendizado iniciado no Ensino Fundamental;
- Aprimorar os conhecimentos científicos e tecnológicos adquiridos informalmente;
- Relacionar o conhecimento das diversas disciplinas para o entendimento de fatos ou processos biológicos evitando desta forma uma visão fragmentada do conhecimento;
- Propiciar ao aluno condições para refletir sobre seus conhecimentos e seu papel como sujeito capaz de atuar na realidade, agindo com responsabilidade consigo, com o outro e com o ambiente em que vive;
- Compreender a relação mútua existente entre a vida e o ambiente;
- Conhecer seu corpo, zelar por ele, valorizando-o e adotando hábitos para a sua saúde e dos que estão a sua volta;
- Estar consciente de que a natureza é um organismo vivo do qual a humanidade depende e deve preservá-la para as gerações futuras;
- Estabelecer conceitos de maneira crítica e construtiva em diferentes situações;
- Descrever processos e características do ambiente ou dos seres vivos, observados em microscópio ou a olho nu;
- Entender o impacto da tecnologia associada à Biologia na sua vida pessoal, nos processos de produção, no desenvolvimento do conhecimento e na vida social;
- Propiciar o desenvolvimento de projetos e outras atividades referentes a temas importantes como o Dia Internacional do Meio Ambiente, Dia Estadual do Rio, da Água, da Árvore e temas pertinentes da Agenda 21;
- Desenvolver o pensamento biológico de forma a permitir a reflexão sobre a origem, o significado, a estrutura orgânica e as relações do objeto de estudo da disciplina com fenômeno vida.

b. CONTEÚDOS ESTRUTURANTES

Os conteúdos estruturantes são entendidos como os saberes mais amplos da disciplina, podendo ser desdobrados em conteúdos mais específicos que foram construídos e acumulados historicamente. Desta forma, os conteúdos devem

agrupar as diversas áreas da Biologia mantendo uma integração entre elas de maneira que o aluno não tenha mais uma visão fragmentada dos conhecimentos científicos. Além disso, deve-se ser considerada a análise dos aspectos históricos, sociais, políticos e econômicos em que vivemos, de relevância e abrangência dos conhecimentos que se pretendem serem desenvolvidos nessa modalidade de ensino.

Esses conteúdos, por sua vez, são: organização dos seres vivos, mecanismos biológicos, biodiversidade e manipulação genética.

c. CONTEÚDOS BÁSICOS

- Classificação dos seres vivos: critérios taxonômicos e filogenéticos;
- Sistemas biológicos: anatomia, morfologia e fisiologia;
- Mecanismos de desenvolvimento embriológico;
- Mecanismos celulares biofísicos e bioquímicos;
- Teorias evolutivas;
- Transmissão das características hereditárias;
- Dinâmica dos ecossistemas: relações entre os seres vivos e interdependência com o ambiente;
- Organismos geneticamente modificados.

d. METODOLOGIA DA DISCIPLINA

A ciência vai além de um resultado pronto, acabado. É plena mutação, inclusive com o surgimento de novos paradigmas. A percepção da ciência, e as ciências como algo em transformação e transformador, inclusive no cotidiano de cada ser, desperta a necessidade de interagirmos com a vida. Além disso, há a perspectiva da profissionalização futura, e os modos de ingresso a essas etapas.

Levar a pessoa/aluno a conseguir inteirar-se, interagir, usufruir e até mesmo a produzir com as ciências, pode e deve respeitar todas as perspectivas históricas pela qual passou e passa, utilizando os mais diversos encaminhamentos metodológicos possíveis.

A aprendizagem básica para a vida e para futura profissionalização precisa de várias perspectivas de abordagens, visto serem diversas as potencialidades de assimilar determinados conhecimentos. Assim se criam várias perspectivas de êxito com a utilização de várias metodologias, desde a observação direcionada, comparações, contextualizações, análise de textos (inclusive atualidades), pesquisa bibliográfica, elaboração de hipóteses, experimentações, análise de resultados, projeções, produção de relatórios, esquemas, desenhos, cartazes, maquetes, participação em projetos.

Segundo as DCEs, “ O ensino dos conteúdos específicos de Biologia apontam para as seguintes estratégias metodológicas de ensino: prática social, problematização, instrumentalização, catarse e o retorno à prática social (GASPARIN, 2002; SAVIANI, 1997).”

PRÁTICA SOCIAL: caracteriza-se por ser o ponto de partida onde o objetivo é perceber e denotar, dar significação às concepções alternativas do aluno a partir de uma visão sincrética, desorganizada, de senso comum a respeito do conteúdo a ser trabalhado.

PROBLEMATIZAÇÃO: é o momento para detectar e apontar as questões que precisam ser resolvidas no âmbito da prática social e, em conseqüência, estabelecer que conhecimentos são necessários para a resolução destas questões e, as exigências sociais de aplicação desse conhecimento.

INSTRUMENTALIZAÇÃO: consiste em apresentar os conteúdos sistematizados para que os alunos assimilem e os transformem em instrumentos de construção pessoal e profissional. Neste contexto, que os alunos apropriem-se das ferramentas culturais necessárias à luta social para superar as condições de exploração em que vivem.

CATARSE: é a fase de aproximação entre o que o aluno adquiriu de conhecimento e o problema em questão. A partir da apropriação dos instrumentos culturais, transformados em elementos ativos de transformação social, e assim sendo, o aluno passa do entendimento de elaboração de novas estruturas de conhecimento, ou seja, passa de ação para a conscientização.

RETORNO À PRÁTICA SOCIAL: caracteriza-se pelo retorno à prática social com o saber concreto e pensado para atuar e transformar as relações de produção que impedem a construção de uma sociedade mais igualitária. A situação de compreensão sincrética apresentada pelo o aluno no início do processo, passa de um estágio de menor compreensão do conhecimento científico a uma fase de maior clareza e compreensão, explicitada em uma visão sintética. Neste contexto, o processo educacional põe-se a serviço da referida transformação das relações de produção.

Nos dias atuais, os recursos tecnológicos são imprescindíveis para despertar o interesse do aluno, haja visto que a sua realidade é imersa num ambiente totalmente cibernético, onde a TV digital, os celulares com várias funções, os computadores e *palms* acabam sendo cotidianos. Portanto, o ambiente de sala de aula não pode ser diferente. Desta maneira, serão usados a TV multimídia, apresentações em *data-show*, DVD's, além do laboratório de informática.

Os conteúdos obrigatórios da instrução 009/11 – SUED/SEED serão tratados em conjunto aos conteúdos específicos pertencentes a disciplina proposta nas DCE's.

e. AVALIAÇÃO

A verificação da aprendizagem e do desempenho dos alunos será ampla de forma contínua e sistemática, ou seja, será acompanhada a atividade no dia-a-dia dos alunos, considerando sua capacidade de observar e investigar, discutir idéias, formar conceitos, buscar novos conhecimentos e seu desenvolvimento gradativo fazendo uso de várias metodologias e instrumentos que possibilitem este acompanhamento e verificação, com prevalência dos aspectos qualitativos.

Para CARVALHO: Torna-se necessário ampliar o conceito e a prática da avaliação ao conjunto de saberes, destrezas e atitudes que interesse contemplar na aprendizagem de conceitos biológicos. Introduzir formas de avaliação da prática docente como instrumento de melhoria de ensino. Então, a avaliação deve ser usada como instrumento de observação dos avanços e dificuldades com a finalidade de superação.(2001)

Deverá entre outros instrumentos ser utilizado:

- Provas escritas, questões objetivas, de resposta livre, e dissertativas;
- Trabalhos em sala de aula, individualmente, em dupla ou em grupo;
- Relatórios de Vídeos, palestras, e outros trabalhos;
- A recuperação de estudos será realizada de forma contínua concomitante ao desenvolvimento dos conteúdos trabalhados, para todos os alunos;

O valor mínimo para a aprovação do aluno será 6,0, com 75% de frequência, sendo realizadas avaliações, onde 70% da nota será resultado de provas, do tipo teste de conteúdos trabalhados, e 30% da nota será resultado de trabalhos diversos, como realizados em grupos, individuais, ou em sala de aula.

As avaliações terão valores diferenciados até atingir dez pontos e a média será o resultado da somatória das mesmas, sempre considerando a efetivação da aprendizagem.

Quando os alunos não atingirem os objetivos necessários sobre cada tema proposto será retomado o conteúdo com novas atividades dando oportunidade aos alunos de realizarem nova avaliação de recuperação paralela podendo ser aplicadas de várias formas como: avaliações escritas, trabalhos e pesquisas individuais, atividades em sala de aula.

Para os alunos com necessidades educacionais especiais será realizada adaptação curricular observando as características de cada um com atividades

complementares, pesquisas, produções textuais sanando dificuldades, concretizando o conhecimento.

Quanto aos critérios de avaliação, espera-se do aluno, após o conteúdo trabalhado, que ele consiga:

- Identificar e comparar as características dos diferentes grupos de seres vivos;
- Estabeleça relações entre as características específicas dos micro-organismos, dos organismos vegetais e animais, e dos vírus;
- Classifique os seres vivos quanto ao número de células (unicelular e pluricelular), tipo de organização celular (procarionte e eucarionte), forma de obtenção de energia (autótrofo e heterótrofo) e tipo de reprodução (sexuada e assexuada);
- Reconheça e compreenda a classificação filogenética (morfológica, estrutural e molecular) dos seres vivos;
- Compreenda a anatomia, morfologia, fisiologia e embriologia dos sistemas biológicos (digestório, reprodutor, cardiovascular, respiratório, endócrino, muscular, esquelético, excretor, sensorial e nervoso);
- Identifique a estrutura e o funcionamento das organelas citoplasmáticas;
- Reconheça a importância e identifique os mecanismos bioquímicos e biofísicos que ocorrem no interior das células;
- Compreenda os mecanismos de funcionamento de uma célula: digestão, reprodução, respiração, excreção, sensorial, transporte de substâncias;
- Compare e estabeleça diferenças morfológicas entre os tipos celulares mais frequentes nos sistemas biológicos (histologia);
- Reconheça e analise as diferentes teorias sobre a origem da vida e a evolução das espécies;
- Reconheça a importância da estrutura genética para manutenção da diversidade dos seres vivos;
- Compreenda o processo de transmissão das características hereditárias entre os seres vivos;
- Identifique os fatores bióticos e abióticos que constituem os ecossistemas e as relações existentes entre estes;
- Compreenda a importância e valorize a diversidade biológica para manutenção do equilíbrio dos ecossistemas;
- Reconheça as relações de interdependência entre os seres vivos e destes com o meio em que vivem;
- Identifique algumas técnicas de manipulação do material genético e os resultados decorrentes de sua aplicação/utilização;

- Compreenda a evolução histórica da construção dos conhecimentos biotecnológicos aplicados à melhoria da qualidade de vida da população e à solução de problemas sócio-ambientais;
 - Relacione os conhecimentos biotecnológicos às alterações produzidas pelo homem na diversidade biológica;
 - Analise e discuta interesses econômicos, políticos, aspectos éticos e bioéticos da pesquisa científica que envolvem a manipulação genética.

f. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMABIS, José Mariano & MARTHO, Gilberto Rodrigues. **Biologia**, volume único, Editora Moderna, São Paulo, 1997.

DIAS, Diarone Paschoarelli. **Biologia Viva**. 1ª ed. São Paulo, Moderna, 1996.

FONSECA, Albino. **Biologia**. 34ª ed., São Paulo, Ática, 1992.

LINHARES, Sérgio & GEWANDSZNAJDER, Fernando. **Biologia Hoje – Citologia e Histologia**. 4ª ed. São Paulo, Ática, 1994.

LOPES, Sônia. **Biologia**, vol. Único, 6ª edição, editora Saraiva 1999.

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes curriculares da educação básica: Biologia**. Secretaria de Estado da Educação: Curitiba, 2008.

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. **Instrução 009/11**. SEED/SUED: Curitiba, 2011.

PAULINO, Wilson Roberto. **Biologia**. 9ª edição. São Paulo: Ática, 2004.

SENE, Fábio de Melo. **Genética e evolução**. São Paulo: EPU, 1981.

SOARES, José Luis. **Biologia no terceiro milênio**, ed. Scipione, 2000.

PROPOSTA PEDAGÓGICA CURRICULAR
FILOSOFIA
ENSINO MÉDIO

a. APRESENTAÇÃO DA DISCIPLINA

Segundo as Orientações Curriculares da Secretaria de Estado da Educação do Paraná para a disciplina de Filosofia, a questão dos conteúdos tem sido fonte de grandes inquietações e interrogações por parte dos professores de Filosofia no Ensino Médio. A questão colocada é: Quais conteúdos poderão ser trabalhados no Ensino Médio e com que objetivos? Existem conteúdos específicos ou tudo pode ser objeto de reflexão filosófica?

O recorte curricular proposto de forma mais geral opta por uma articulação a partir de seis conteúdos estruturantes relevantes na História da Filosofia e que, segundo os documentos apresentados pela Secretaria, desmembrados em um plano de ensino de Filosofia, poderão garantir conteúdos mínimos, relevantes e significativos para que o aluno possa refletir filosoficamente. Os conteúdos propostos são: Mito e Filosofia; Teoria do Conhecimento; Filosofia Política; Ética; Filosofia da Ciência e Estética.

Para compreendermos o sentido da Filosofia como disciplina na grade curricular do Ensino Médio deveremos, antes de tudo, compreender os objetivos que por meio dela se pretende atingir. Esses objetivos foram traçados para o Ensino Médio a partir da Lei 9.394 de 1996.

A Filosofia contribui muito para o desenvolvimento do pensamento crítico do aluno à medida que justifica a presença dessa disciplina no ensino médio pelo seu valor historicamente consagrado de formação. Situar a Filosofia enquanto disciplina escolar no horizonte dos problemas contemporâneos, científicos, tecnológicos, éticos, políticos, artísticos ou os decorrentes das transformações das linguagens e das modalidades e sistemas de comunicação, implica uma tomada de posição para que sua contribuição seja significativa, quanto aos conteúdos e processos cognitivos.

A Filosofia, entretanto, é algo vivo, pulsante e, considerando a intenção mais primordial da disciplina no ensino médio que consiste no desenvolvimento do senso crítico do aluno, em outras palavras, em possibilitar que ele possa “pensar por si mesmo”, não podemos concentrar nossos esforços apenas no valor histórico da Filosofia, mas também na criação de conceitos que estejam diretamente ligados à nossa realidade, e não apenas a um contexto social histórico muito diferente da nossa forma de vida.

Sendo assim, a presente proposta pedagógica pretende apresentar uma direção para a prática docente ao longo do ano letivo, mas primordialmente deve justificar o andamento das aulas em suas especificidades, ou seja, a confiança na capacidade dos professores em trazer a Filosofia para mais próximo do aluno e que, acima de qualquer intenção secundária como a preparação para a continuidade dos seus estudos através do vestibular ou mesmo para o mercado de trabalho, ele possa tirar proveito das aulas para sua vida, se tornando verdadeiramente um cidadão.

A intenção principal das aulas pode, então, ser encontrada no esforço reflexivo conjunto que possibilite aos alunos seu desenvolvimento intelectual e crítico através do contato com temas e problemas filosóficos concordantes com a História da Filosofia, mas também com a nossa realidade social; considerando ainda que, por vezes, surge a necessidade de perpassar para além da “realidade empírica”, tratando de termos especificamente filosóficos e da busca constante pelo entendimento dessa “realidade”, das estruturas de mundo em seus diversos meandros, é preciso força para perceber que toda estrada vai além do que se vê.

Obviamente que todo esse esforço não pode ser feito sem deixar de considerar a história da Filosofia em vários de seus momentos significativos, mas através de um exercício dialético de confronto entre ideias, intuitivas num primeiro momento, para um posterior exercício de entendimento histórico. Buscando, dessa forma, atingir não uma “verdade incontestável”, mas sim um consenso com intenções pragmáticas.

Na prática docente diária, a intenção é buscar o aproveitamento mais abrangente possível da disciplina, considerando também seu aspecto interdisciplinar. Portanto, alguns conceitos e temas obrigatórios podem ser organizados ou reorganizados no decorrer do ano letivo de forma talvez não tão convencional, ou seja, seguindo rigorosamente a sequência cronológica de acontecimentos, movimentos e empreendimentos filosóficos, uma vez que não é essa a única intenção das aulas, isto é, estudar apenas e a rigor a história da Filosofia. Assim, fica assegurada a liberdade dos professores em relação à estruturação dos conteúdos e também a inclusão de temas que possam ser considerados igualmente importantes.

O estudo da Filosofia auxilia a compreender com sabedoria a condição humana; contribui para a construção dos sentidos para a existência; pode ajudar a julgar com tino as circunstâncias, a enfrentar as vicissitudes próprias das situações concretas, colaborando para o aperfeiçoamento pessoal do indivíduo, o que terá consequências para seu grupo e sua comunidade. O estudante de Filosofia terá a oportunidade de adquirir uma formação que lhe será proveitosa e ajudará a bem viver.

b. CONTEÚDOS ESTRUTURANTES

CONTEÚDO ESTRUTURANTE	CONTEÚDOS BÁSICOS	ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA	AVALIAÇÃO
MITO E FILOSOFIA	<p>Saber mítico; Saber filosófico; Relação Mito e Filosofia; Atualidade do mito; O que é Filosofia?</p>	<p>A abordagem teórico-metodológica deve ocorrer mobilizando os estudantes para o estudo da filosofia sem doutrinação, dogmatismo e niilismo. O ensino de Filosofia deverá dialogar com os problemas do cotidiano, com o universo do estudante – as ciências, arte, história, cultura - a fim de problematizar e investigar o conteúdo estruturante Mito e Filosofia e seus conteúdos básicos sob a perspectiva da pluralidade filosófica, tomando como referência os textos filosóficos clássicos e seus comentadores.</p>	<p>Na complexidade do mundo contemporâneo com suas múltiplas particularidades e especializações, espera-se que o estudante possa compreender, pensar e problematizar os conteúdos básicos do conteúdo estruturante Mito e Filosofia, elaborando respostas aos problemas suscitados e investigados. Com a problematização e investigação, o estudante desenvolverá a atividade filosófica com os conteúdos básicos e poderá formular suas respostas quando toma posições e, de forma escrita ou oral, argumenta, ou seja, cria conceitos. Portanto, terá condições de ser construtor de ideias com caráter inusitado e criativo, cujo resultado pode ser avaliado pelo próprio estudante e pelo professor.</p>
TEORIA DO CONHECIMENTO	<p>Possibilidade do conhecimento; As formas de conhecimento O problema da verdade; A questão do método; Conhecimento e lógica;</p>	<p>A abordagem teórico-metodológica deve ocorrer mobilizando os estudantes para o estudo da filosofia sem doutrinação, dogmatismo e niilismo. O ensino de Filosofia deverá dialogar com os problemas do cotidiano, com o universo do estudante – as ciências, arte, história, cultura - a fim de problematizar e investigar o conteúdo estruturante Teoria do Conhecimento e seus conteúdos básicos sob a perspectiva da pluralidade filosófica, tomando como referência os textos filosóficos clássicos e seus comentadores.</p>	<p>Na complexidade do mundo contemporâneo com suas múltiplas particularidades e especializações, espera-se que o estudante possa compreender, pensar e problematizar os conteúdos básicos do conteúdo estruturante Teoria do Conhecimento, elaborando respostas aos problemas suscitados e investigados. Com a problematização e investigação, o estudante desenvolverá a atividade filosófica com os conteúdos básicos e poderá formular suas respostas quando toma posições e, de forma escrita ou oral, argumenta, ou seja, cria conceitos. Portanto, terá condições de ser construtor de ideias com caráter inusitado e</p>

			criativo, cujo resultado pode ser avaliado pelo próprio estudante e pelo professor.
ÉTICA	<p>Ética e moral; Pluralidade ética; Ética e violência; Razão, desejo e vontade; Liberdade: autonomia do sujeito e a necessidade das normas;</p>	<p>A abordagem teórico-metodológica deve ocorrer mobilizando os estudantes para o estudo da filosofia sem doutrinação, dogmatismo e niilismo. O ensino de Filosofia deverá dialogar com os problemas do cotidiano, com o universo do estudante – as ciências, arte, história, cultura - a fim de problematizar e investigar o conteúdo estruturante Ética e seus conteúdos básicos sob a perspectiva da pluralidade filosófica, tomando como referência, os textos filosóficos clássicos e seus comentadores.</p>	<p>Na complexidade do mundo contemporâneo com suas múltiplas particularidades e especializações, espera-se que o estudante possa compreender, pensar e problematizar os conteúdos básicos do conteúdo estruturante Ética, elaborando respostas aos problemas suscitados e investigados. Com a problematização e investigação, o estudante desenvolverá a atividade filosófica com os conteúdos básicos e poderá formular suas respostas quando toma posições e, de forma escrita ou oral, argumenta, ou seja, cria conceitos. Portanto, terá condições de ser construtor de ideias com caráter inusitado e criativo, cujo resultado pode ser avaliado pelo próprio estudante e pelo professor.</p>
FILOSOFIA POLÍTICA	<p>Relações entre comunidade e poder; Liberdade e igualdade política; Política e Ideologia; Esfera pública e privada; Cidadania formal e/ou participativa;</p>	<p>A abordagem teórico-metodológica deve ocorrer mobilizando os estudantes para o estudo da filosofia sem doutrinação, dogmatismo e niilismo. O ensino de Filosofia deverá dialogar com os problemas do cotidiano, com o universo do estudante – as ciências, arte, história, cultura - a fim de problematizar e investigar o conteúdo estruturante Filosofia Política e seus conteúdos básicos sob a perspectiva da pluralidade filosófica, tomando como referência os textos filosóficos clássicos e seus comentadores.</p>	<p>Na complexidade do mundo contemporâneo com suas múltiplas particularidades e especializações, espera-se que o estudante possa compreender, pensar e problematizar os conteúdos básicos do conteúdo estruturante Filosofia Política, elaborando respostas aos problemas suscitados e investigados. Com a problematização e investigação, o estudante desenvolverá a atividade filosófica com os conteúdos básicos e poderá formular suas respostas quando toma posições e, de forma escrita ou oral, argumenta, ou seja, cria conceitos. Portanto, terá condições de ser construtor de ideias com caráter inusitado e criativo, cujo resultado pode ser avaliado pelo próprio estudante e pelo professor.</p>

<p style="text-align: center;">FILOSOFIA DA CIÊNCIA</p>	<p>Concepções de ciência; A questão do método científico; Contribuições e limites da ciência; Ciência e ideologia; Ciência e ética;</p>	<p>A abordagem teórico-metodológica deve ocorrer mobilizando os estudantes para o estudo da filosofia sem doutrinação, dogmatismo e niilismo. O ensino de Filosofia deverá dialogar com os problemas do cotidiano, com o universo do estudante – as ciências, arte, história, cultura - a fim de problematizar e investigar o conteúdo estruturante Filosofia da Ciência e seus conteúdos básicos sob a perspectiva da pluralidade filosófica, tomando como referência, os textos filosóficos clássicos e seus comentadores.</p>	<p>Na complexidade do mundo contemporâneo com suas múltiplas particularidades e especializações, espera-se que o estudante possa compreender, pensar e problematizar os conteúdos básicos do conteúdo estruturante Filosofia da Ciência, elaborando respostas aos problemas suscitados e investigados. Com a problematização e investigação, o estudante desenvolverá a atividade filosófica com os conteúdos básicos e poderá formular suas respostas quando toma posições e, de forma escrita ou oral, argumenta, ou seja, cria conceitos. Portanto, terá condições de ser construtor de ideias com caráter inusitado e criativo, cujo resultado pode ser avaliado pelo próprio estudante e pelo professor.</p>
<p style="text-align: center;">ESTÉTICA</p>	<p>Natureza da arte; Filosofia e arte; Categorias estéticas – feio, belo, sublime, trágico, cômico, grotesco, gosto, etc. Estética e sociedade;</p>	<p>A abordagem teórico-metodológica deve ocorrer mobilizando os estudantes para o estudo da filosofia sem doutrinação, dogmatismo e niilismo. O ensino de Filosofia deverá dialogar com os problemas do cotidiano, com o universo do estudante – as ciências, arte, história, cultura - a fim de problematizar e investigar o conteúdo estruturante Estética e seus conteúdos básicos sob a perspectiva da pluralidade filosófica, tomando como referência, os textos filosóficos clássicos e seus comentadores.</p>	<p>Na complexidade do mundo contemporâneo com suas múltiplas particularidades e especializações, espera-se que o estudante possa compreender, pensar e problematizar os conteúdos básicos do conteúdo estruturante Estética, elaborando respostas aos problemas suscitados e investigados. Com a problematização e investigação, o estudante desenvolverá a atividade filosófica com os conteúdos básicos e poderá formular suas respostas quando toma posições e, de forma escrita ou oral, argumenta, ou seja, cria conceitos. Portanto, terá condições de ser construtor de ideias com caráter inusitado e criativo, cujo resultado pode ser avaliado pelo próprio estudante e pelo professor.</p>

c. METODOLOGIA DA DISCIPLINA

A intenção é que o processo de ensino e aprendizagem tenha o professor na posição de mediador do conhecimento, que ele seja em certa medida neutro, mas que também exponha posições contundentes, evitando qualquer relativismo exacerbado. Tal processo será desenvolvido a partir das experiências e do conhecimento prévio do aluno para chegar à sistematização rigorosa do conhecimento.

As aulas devem levar em conta o contexto em que estão inseridos os alunos e, através do movimento de reflexão e ação, buscar sempre alcançar os objetivos estabelecidos, que incluem em sua temática geral a abordagem de temas contemplados pela legislação vigente, desde o regimento escolar e Projeto Político Pedagógico, passando pelas Diretrizes Curriculares e no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), respeitando os encaminhamentos ali encontrados e, sempre que pertinente, abordando questões como, por exemplo, as relações étnico-raciais e de afro-descendência, ou questões de gênero e diversidade sexual. As aulas, em sua maioria são expositivas, porém de forma periódica o aluno deve articular-se através de pesquisas complementares, apresentações dos resultados em forma de seminários e também debates.

O processo de ensino-aprendizagem de Filosofia a partir de seus conteúdos estruturantes e específicos será desenvolvido em quatro momentos: a sensibilização, a problematização, a investigação e a criação de conceitos, tendo o docente num papel cooperativo e norteador da ação pedagógica.

Os conteúdos obrigatórios conforme dispostos na Instrução nº 009/2011 – SUED/SEED serão contemplados concomitantes aos conteúdos específicos da disciplina em consonância com as Diretrizes Curriculares Estaduais.

Mobilização:

Verificação dos conceitos que os alunos possuem a respeito de temas pertinentes à disciplina, como, por exemplo, a Mitologia, a Ética ou a Política e, a partir de questionamentos e reflexão, desenvolvimentos dissertativos e debates serão realizados.

Problematização:

As questões norteadoras devem problematizar o objeto de análise de forma crítica, entretanto, sempre considerando o contexto histórico/social e até mesmo cultural em questão, respeitando sempre a diversidade de modelos de conhecimento e visões de mundo que encontramos ao longo da história e as mais diferentes ordens de pensamento que possam existir. Assim, desenvolvemos no aluno uma

atitude de respeito, e o levamos ao entendimento das formas de organizar o mundo diferentes da nossa, como é o caso da Mitologia grega, por exemplo.

Investigação:

- Analisar o desenvolvimento do processo de conhecimentos no decorrer da história e suas implicações.
- Utilização do Livro Didático Público e do laboratório de informática.
- Os educandos farão pesquisa em grupos sobre modelos de conhecimento diversos.
- A socialização da pesquisa dar-se-á através da exposição e debate sobre a evolução do conhecimento.
- Análise conceitual através de textos diversos e de material da biblioteca.
- Apresentação de slides e vídeos utilizando a TV multimídia.

Criação de Conceitos:

Após a explanação do conteúdo e o exercício reflexivo, o aluno será questionado novamente sobre a problemática envolvida, sendo levado, assim, a rever seus conceitos sobre os temas e desenvolver entendimentos e práticas coerentes.

d. AVALIAÇÃO

A avaliação é uma prática pedagógica intrínseca ao processo de ensino e aprendizagem, com a função de diagnosticar o nível de apropriação do conhecimento pelo aluno. É o momento de reflexão conjunta sobre o desenvolvimento ao longo do processo de ensino e aprendizagem, com possibilidades de identificar problemas e reconhecer os avanços. A avaliação deverá utilizar procedimentos que assegurem o acompanhamento do pleno desenvolvimento do aluno, evitando-se a comparação dos alunos entre si.

A recuperação de estudos é direito do aluno e também faz parte do processo de ensino e de aprendizagem. Será garantida ao longo do processo a recuperação concomitante de conteúdos.

Alunos com necessidades especiais ou dificuldades de aprendizagem específicas poderão ter a oportunidade de realizar avaliações diferenciadas, sendo cada caso analisado em específico junto à orientação pedagógica do colégio e, de acordo com os interesses do aluno, será buscada a melhor forma de avaliar o seu desenvolvimento ao longo do processo de ensino e aprendizagem.

Crêterios de Avalia o

A avalia o será baseada nas seguintes modalidades:

- Diagnóstica – Realizada durante todo o processo pedagógico para detectar se os alunos apresentam os requisitos necessários para novas aprendizagens. A partir de avalia o diagnóstica haverá retomada de conteúdos e elabora o de novas estratégias para que os objetivos propostos sejam atingidos.
- Formativa – Realizada durante todo o período, com a fun o de controle, verificando se os alunos estão atingindo os objetivos previstos para que conheçam os erros e acertos e encontrem estímulos para os estudos.
- Contínua e cumulativa – De acordo com o artigo 24 da LDBEN 9394/96, inciso V, a verifica o do rendimento escolar observará o desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre as eventuais provas finais.

Para realiza o de diagnóstico, tanto da aprendizagem dos alunos como dos procedimentos adotados, serão utilizados, a fim de avaliar a práxis pedagógica, os seguintes cr terios:

- Análise e síntese;
- Argumenta o oral e escrita e, nesse sentido, a capacidade de conceituar claramente as ideias envolvidas, não caindo no relativismo exacerbado;
- Apropria o da perspectiva dos autores envolvidos e dos conceitos primordiais da Teoria do Conhecimento bem como da questão Mito – Logos e questões de ordem histórica associadas;
- Interpreta o;
- Criatividade e formula o de hipóteses.

Instrumentos de Avalia o

O processo de avalia o será feito de forma continuada, segundo instrumentos diagnósticos e processuais tais como produ es dissertativas (provas escritas) e avalia es objetivas (questões com múltipla escolha) referentes ao conteúdo; relatórios, trabalhos de cria o individual ou coletiva; tarefas e atividades diárias desenvolvidas; resenhas; pesquisas e experimenta es práticas.

Conforme o regimento escolar, a nota bimestral será resultante da somatória dos valores obtidos em cada instrumento de avalia o, sendo valores cumulativos das várias avalia es aplicadas, na sequência e ordena o dos conteúdos desenvolvidos, que serão, no mínimo, três (3) avalia es. O processo de avalia o, segundo seus instrumentos diagnósticos e processuais, as produ es dissertativas individuais, avalia es diversas referentes ao conteúdo e atividades desenvolvidas a partir do livro didático e em aula, devem constituir 70% do total da nota (formal);

outros 30% são referentes a atividades diversas como exercícios envolvendo a capacidade de articulação e expressão oral e atividades em grupos. Ainda atividades que possam contribuir para o desenvolvimento artístico do aluno, em segmentos diversos.

Os alunos com necessidades educativas especiais serão avaliados de acordo com suas especificidades, conforme a Lei nº. 9394/96 da LDBEN, capítulo V, artigo 58.

A recuperação de estudos consiste na busca por uma avaliação de fato formativa e permanente, nesse sentido, serão realizadas avaliações concomitantes, paralelas ao processo de ensino aprendizagem e serão atribuídos valores relacionados ao número de atividades realizadas, substitutivos ao valor anterior insuficiente, sendo que, considerando o esforço do aluno em seus desenvolvimentos e as possibilidades futuras de melhor aproveitamento, se não forem atingidos os objetivos propostos, será oferecida uma nova avaliação, após a retomada dos conteúdos que não forem assimilados pelo aluno, oportunizando a ele a recuperação de conteúdos básicos e, conseqüentemente, da nota.

e. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

APPEL, E. *Filosofia nos vestibulares e no ensino médio*. Cadernos PET-Filosofia 2, Curitiba, 1999.

ARANHA, Maria Lucia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando: introdução à filosofia*. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Moderna, 1993.

ARAÚJO, Inês Lacerda. *Do Signo Ao Discurso, Introdução à Filosofia da Linguagem*. Editora Parábola, 2004.

ARISTÓTELES, *Metafísica*. Editora Globo, Porto Alegre, 1969.

ARMIJOS PALÁCIOS, Gonçalo. *De como fazer filosofia sem ser grego, estar morto ou ser gênio* – Goiânia: Ed. Da UFG, 1998.

BRASIL, *Estatuto da criança e do adolescente*. Edição comemorativa – 20 anos do ECA. Secretaria de Estado da criança e da juventude, Curitiba, 2010.

BRASIL. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana*. Brasília, 2004.

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Brasília, 1996.

CHAUI, M. *Convite a Filosofia*. 13ª edição. São Paulo. Ática. 2003.

CHAUI, M. *Filosofia – Ensino Médio*. Livro do Professor. Editora Ática, São Paulo SP, 2003.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O que é a filosofia?* Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Ed.34, 1992.

DESCARTES, René. *Discurso do Método*. Em: Os Pensadores, Editora Abril, 1983.

- FEITOSA, Charles. *Explicando a Filosofia com Arte*.
- GALLO, Sílvio. (Coordenador) – *Ética e Cidadania: Caminhos da Filosofia*. Editora Papyrus - Campinas, SP, 2003.
- HUME, David. *Investigação acerca do entendimento humano*. Editora Nacional, São Paulo 1972.
- IONS, Veronica. *História Ilustrada da Mitologia*.
- KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Pura e Outros Textos Filosóficos*, Coleção Os Pensadores. Editora Abril Cultural, 1ª Edição - 1974.
- KUHN, S. Thomas. *A Estrutura das Revoluções Científicas*. Editora Perspectiva, São Paulo, 1975.
- LANGON, M. *Filosofia do ensino de filosofia*. In: GALLO, S.; CORNELLI, G.; DANELON, M. (Org.) *Filosofia do ensino de filosofia*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm. *Novos Ensaios Sobre o Entendimento Humano*. Livro III – As Palavras. Em: Os Pensadores, Editora Nova Cultural, 2000.
- LERNER, Delia. *Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário*. Trad. Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- LIPMAN, MATTEW. *Filosofia na sala de aula*. Editora Nova Alexandria. São Paulo, 2001.
- MARCONDES, Danilo. *Textos Básicos de Filosofia, Dos pré-socráticos a Wittgenstein*. Jorge Zahar Ed. Rio de Janeiro, 2007.
- MORTARI, Cezar A. *Introdução à Lógica*. Editora UNESP, 2001.
- NICOLA, UBALDO. *Antologia Ilustrada de Filosofia*. GLOBO, São Paulo, 2005.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *A gaia ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Assim falou Zaratustra*. São Paulo: Martin Claret, 2003.
- PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. *Antologia de textos filosóficos*. Curitiba: SEED – PR, 2009.
- PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. Departamento de Educação Básica. *Filosofia*. Curitiba: SEED, 2007. (Livro didático público impresso)
- PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. *Origens e evolução das ideias da física*. EDUFBA, Salvador – 2002.
- PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. *Proposta curricular para o ensino de filosofia no 2.º grau*. Curitiba, 1994.
- PLATÃO. *A República*. 8. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.
- PLATÃO. *Diálogos: o banquete - Fedon - Sofista – Político – Teeteto*. São Paulo: Abril Cultural, 1972.
- POPER, Karl Raimund. *Conjecturas e Refutações*, Coleção Pensamento Científico, Editora Universidade de Brasília, 1972.

- POPPER, Karl Raimund. *A lógica da pesquisa científica*. Editora Cultrix, Universidade de São Paulo, 1975.
- QUINE, Willard Van Orman. *Relatividade Ontológica e outros Ensaios*. Em: Os Pensadores, Editora Abril Cultural, São Paulo, 1980.
- RUSSELL, B. *Os problemas da filosofia*. Tradução António Sérgio. Coimbra: Almedina, 2001.
- SARTRE, Jean-Paul. *O Ser e o Nada*; Editora Vozes, 2ª Edição - Petrópolis, 1997.
- SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e representação*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.
- SEARLE, John Rogers. *Mente, cérebro e ciência*. Editora Edições 70, Lisboa, 1984.
- SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO PARANÁ, Departamento de Ensino Médio. *Orientações Curriculares de Filosofia*. Curitiba. 2006.
- TUGENDHAT, Ernst & WOLF, Ursula. *Propedêutica Lógico-Sêmantica*. Editora Vozes, Petrópolis, 2005.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações Filosóficas*. em: Os pensadores. Editora Nova Cultural, 1999.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus Logico-Philosophicus*. Editora da Universidade de São Paulo,

PROPOSTA PEDAGÓGICA CURRICULAR
ENSINO MÉDIO
FÍSICA

a. APRESENTAÇÃO DA DISCIPLINA

A Física tem como objeto de estudo o Universo em toda sua complexidade e, por isso, como disciplina escolar, propõe aos estudantes o estudo da natureza, entendida, como realidade material sensível. Ressalte-se que os conhecimentos de Física apresentados aos estudantes do Ensino Médio não são coisas da natureza, ou a própria natureza, mas modelos elaborados pelo Homem no intuito de explicar e entender essa natureza.

Entende-se, que a física, tanto quanto as outras disciplinas, deve educar para cidadania e isso se faz considerando a dimensão crítica do conhecimento científico sobre o Universo de fenômenos e a não-neutralidade da produção desse conhecimento, mas seu comprometimento e envolvimento com aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais.

O ponto de partida da prática pedagógica são os conteúdos estruturantes, propostos nas Diretrizes Curriculares com base na evolução histórica das ideias e dos conceitos da Física. Para isso, os professores devem superar a visão do livro didático como ditador do trabalho pedagógico, bem como a redução do ensino de Física à memorização de modelos, conceitos e definições excessivamente matematizados e tomados como verdades absolutas, como coisas reais.

Ressalta-se a importância de um enfoque conceitual para além de uma equação matemática, sob o pressuposto teórico de que o conhecimento científico é uma construção humana com significado histórico e social.

A física tem como objeto de estudo a natureza do universo, embora seja complexo e amplo o campo de abrangência dessa ciência, para sua aplicação no Ensino Médio podemos dividi-la em três conteúdos estruturantes: o estudo dos movimentos, que permitem a compreensão de fenômenos cotidianos desde o simples caminhar ao movimento dos planetas. O estudo da termodinâmica que baseia-se nas relações entre calor, pressão, temperatura e seus efeitos sobre os sólidos, líquidos e gases e o estudo do eletromagnetismo que unifica o magnetismo, a eletricidade e a ótica (luz). O desdobramento destes conteúdos possibilitam um estudo de forma abrangente e permitem uma compreensão da ciência como um todo, seu desenvolvimento através da história e a interpretação de fenômenos comuns a nossa realidade .

Os conteúdos estruturantes são interdependentes e podem ser retomados em todas as séries do curso.

O processo de ensino-aprendizagem, em Física, deve considerar o conhecimento trazido pelos estudantes, fruto de suas experiências de vida em suas relações sociais. Interessam, em especial, as concepções alternativas apresentadas pelos estudantes e que influenciam a aprendizagem de conceitos do ponto de vista científico.

A experimentação, no ensino de Física, é importante metodologia de ensino que contribui para formular e estabelecer relações entre conceitos, proporcionando melhor interação entre professor e estudantes, e isso propicia o desenvolvimento cognitivo e social no ambiente escolar.

Ainda que a linguagem matemática seja, por excelência, uma ferramenta para essa disciplina, saber Matemática não pode ser considerado um pré-requisito para aprender Física. É preciso que os estudantes se apropriem do conhecimento físico, daí a ênfase aos aspectos conceituais sem, no entanto, descartar o formalismo matemático.

-

- **OBJETIVOS GERAIS**

- Compreender enunciados que envolvam códigos e símbolos físicos;
- Utilizar e compreender tabelas, gráficos e relações matemáticas para expressão do saber físico;
- Compreender a física presente no mundo, nos equipamentos e procedimentos tecnológicos;
- Investigar situações-problema, utilizar modelos físicos, generalizar, prever e avaliar;
- Estabelecer relações com o conhecimento físico e outras formas de expressão da cultura humana.

b. CONTEÚDOS ESTRUTURANTES

Constituem os conteúdos estruturantes da disciplina de física: MOVIMENTO, TERMODINÂMICA e ELETROMAGNETISMO. O desdobramento desses conteúdos permitem trabalhar a física da forma mais abrangente possível, de forma a contemplar as relações interdisciplinares e a diversidade cultural, envolvendo a realidade da física na educação também no campo, com exemplos pertencentes ao dia-a-dia (estufas, motores, alavancas, sistemas de irrigação...), já que a física é de interesse de toda a comunidade e não deve haver distinções de cor, credo, raça, e gênero, visto que os conteúdos da física são pertinentes a todos os grupos sociais.

Os conteúdos estruturantes podem apresentar, eventualmente, uma relação de interdependência, o que faz com que, em alguns momentos, o trabalho pedagógico com um determinado conteúdo básico ou específico, envolva referenciais teóricos de mais de um estruturante.

Em cada conteúdo estruturante estão presentes ideias, conceitos e definições, Princípios, leis e modelos físicos, que o constituem como uma teoria. Desses estruturantes derivam os conteúdos que comporão as propostas pedagógicas curriculares das escolas.

CONTEÚDOS BÁSICOS

1º Ano

MECÂNICA

1 Cinemática

- Conceitos gerais
- Unidades de medida
- Sistema internacional de medida
 - Movimento uniforme
- Velocidade média
- Equação horária
- Movimento uniformemente variado
 - Aceleração
 - Equação da Velocidade
 - Equação horária
 - Equação de Torricelli
- **Gravitação**
 - Movimentos verticais
 - Movimentos circulares
 - Período e frequência
 - Deslocamento angular
 - Velocidade tangencial e angular
 - Acelerações centrípeta e tangencial
- Transmissões de movimentos

2- Dinâmica (Energia e o princípio da conservação da energia)

- Leis de Newton

- Força resultante
- Princípio da Inércia
- Princípio da Ação e Reação
- Segunda Lei de Newton
- Princípio fundamental da dinâmica
- Massa e peso
- Forças de tração e compressão
- Forças de atrito
- Trabalho e energia
- Potência
- Energia cinética, energia potencial gravitacional
- Conservação da energia
- Forças conservativas e dissipativas
- Energia mecânica
- Sistemas não conservativos
- Dinâmica impulsiva
- Momento linear
- Impulso de uma força
- Choques mecânico

3 - Estática

- Momento estático
- Binário
- Condições de equilíbrio

4 - Hidrostática

- Densidade e massa específica
- Pressão
- Teorema de Stevin
- Vasos comunicantes
- Teorema de Pascal
- Pressão hidráulica
- Teorema de Arquimedes

2º Ano

1-TERMODINÂMICA

- Termometria

- Temperatura e calor
- Escalas termométricas (Fahrenheit, Celsius e Kelvin)
- Conversão de escalas
- Calorimetria
- Capacidade térmica
- Calor específico
- Equação geral da calorimetria
- Mudança de estado físico da matéria
- Calor latente e calor sensível
- Princípio das trocas de calor
- Propagação de calor
- Condução
- Convecção
- Irradiação
- Dilatação Térmica
- Dilatação dos sólidos
- Dilatação dos líquidos

2 OTICA (Natureza da Luz e suas propriedades)

- Princípios da ótica geométrica
- Câmara Escura
- Reflexão da luz
- Espelhos planos
- Espelhos esféricos
- Lentes esféricas

3 ONDULATÓRIA

- Classificação e elementos de uma onda
- Freqüência, período e velocidade de uma onda
- Fenômenos ondulatórios
- Acústica
- Qualidades fisiológicas do som
- Fenômenos sonoros

3º Ano

2- ELETROFÍSICA (Carga, corrente elétrica, campo e ondas eletromagnéticas)

- Eletrostática

- Princípios da eletrostática
- Processos da eletrização
- Campo elétrico
- Linhas de força
- Diferença de potencial
- Eletrodinâmica
- Intensidade de corrente elétrica
- Lei de Ohm
- Resistividade
- Potência elétrica
- Associação de resistores
- Resistência equivalente
- Geradores
- Força eletromotriz
- Lei de Ohm generalizada
- Receptores
- **Força eletromagnética**
- Magnetismo
- Ímãs elementares
- Campo magnético
- Fluxo magnético
- Força magnética
- Corrente contínua e alternada

Farão parte também dos conteúdos, os temas contemporâneos e datas pontuais,

c. METODOLOGIA DA DISCIPLINA

É importante que o processo pedagógico, na disciplina de Física, parta do conhecimento prévio dos estudantes, no qual se incluem as concepções alternativas ou concepções espontâneas. O estudante desenvolve suas concepções espontâneas sobre os fenômenos físicos no dia-a-dia, na interação com os diversos objetos no seu espaço de convivência e as traz para a escola quando inicia seu processo de aprendizagem.

Por sua vez, a concepção científica envolve um saber socialmente construído e sistematizado, que requer metodologias específicas no ambiente escolar. A escola é, por excelência, o lugar onde se lida com esse conhecimento científico, historicamente produzido.

Porém, uma sala de aula é composta de pessoas com diferentes costumes, tradições, pré-conceitos e ideias que dependem de sua origem cultural e social e esse ponto de partida deve ser considerado.

Como aprender é uma experiência pessoal, o professor deve ser um preparador de situações problema que permitam aos alunos a construção dos conceitos, isto é, sua compreensão.

Porém, uma sala de aula é composta de pessoas com diferentes costumes, tradições, pré-conceitos e ideias que dependem de sua origem cultural e social e esse ponto de partida deve ser considerado.

No trabalho com os conteúdos de ensino, seja qual for a metodologia escolhida, é importante que o professor considere o que os estudantes conhecem a respeito do tema para que ocorra uma aprendizagem significativa.

Como poderiam os estudantes formular questões sobre algo que não conhecem? Ou ainda, como eles podem explicitar questões que os inquietam, mas não sabem como perguntar? Nesses casos, torna-se imprescindível que o professor cumpra a função de uma espécie de “informante científico”. Para ir além do limite da informação e atingir a fronteira da formação, é preciso uma mediação não-aleatória, feita pelo conhecimento físico, num processo organizado e sistematizado pelo professor.

As construções dos estudantes são modelos que tentam descrever o real, aproximando-se de uma ciência aristotélica. Por isso, o conhecimento deve-se processar contra um conhecimento anterior. Na realidade, toda aquisição de conhecimento deve superar um conhecimento pré-existente, que pode funcionar como obstáculo à aquisição do novo saber. A cristalização de verdades revela-se como impedimentos ao avanço do saber, (pois) a crença em uma verdade definitiva não é uma vantagem para o avanço da ciência, porque se torna um grave entrave, por impedir o aparecimento de ideias e conceitos que neguem o saber estabelecido. O tratamento dado, pelo professor, ao conhecimento existente e prévio dos estudantes deve ser bastante relativizado, para permitir a aquisição dos novos. O professor deve, na realidade, trabalhar a formação de seus alunos de tal modo que os leve a perceberem que não há um conhecimento definitivo e que o saber que eles trazem não se constitui numa verdade pronta e acabada, mas que pode funcionar como uma barreira a formulações de novos saberes (CARVALHO FILHO, 2006, p. 12).

Em outros termos: é para problematizar o conhecimento já construído pelo aluno que ele deve ser apreendido pelo professor; para aguçar as contradições e localizar as limitações desse conhecimento, quando cotejado com o conhecimento científico, com a finalidade de propiciar um distanciamento crítico do educando ao se

defrontar com o conhecimento que ele já possui e, ao mesmo tempo, propiciar a alternativa de apreensão do conhecimento científico (DELIZOICOV. In: PIETROCOLA, 2005, p. 132). [...] percebe-se que a produção do conhecimento atual produz uma ruptura com o conhecimento vulgar e o professor deve ensinar ciências, na perspectiva da ciência, destacando o modelo de formulação do saber e procurando desenvolver metodologias que levem os estudantes a desligarem-se dos conhecimentos que trouxeram para a sala de aula (CARVALHO FILHO, 2006, p. 08).

A aprendizagem significativa é aquela que ocorre de maneira não mecânica ou arbitrária e fica disponível para ser utilizada em outras situações semelhantes às realizadas em sala de aula a elas relacionadas. A teoria da Aprendizagem Significativa é de David Ausubel. No Brasil temos como um dos responsáveis pela teoria da Aprendizagem Significativa o professor Marco Antonio Moreira. Ver nota de final de texto.

O “informante científico” detém o conhecimento dos conteúdos, mas também a competência metodológica e o conhecimento do contexto escolar.

O professor deve mostrar ao estudante que o seu conhecimento não está pronto e acabado, mas que deve ser superado. Muitas das ideias dos estudantes já foram consideradas pelos cientistas, pois também o conhecimento científico não se constitui, originalmente, em uma verdade absoluta e definitiva.

Tem-se por objetivo que professor e estudantes compartilhem significados na busca da aprendizagem que ocorre quando novas informações interagem com o conhecimento prévio do sujeito e, simultaneamente, adicionam, diferenciam, integram, modificam e enriquecem o saber já existente, inclusive com a possibilidade de substituí-lo.

Para Tavares (2004), a partir do conhecimento físico, o estudante deve ser capaz de perceber e aprender, em outras circunstâncias semelhantes às trabalhadas em aula, para transformar a nova informação em conhecimento. Então, qualquer que seja a metodologia, o professor deve buscar uma avaliação cujo sentido seja verificar a apropriação do respectivo conteúdo, para posteriores intervenções ou mudança de postura metodológica.

A metodologia deve favorecer os alunos de maneira diferenciada, uma aula deve ter/ser:

- Conteúdo:concreto ou abstrato;
- A apresentação:verbal, visual ou experimental;
- A organização: indutiva ou dedutiva;
- Para compreensão: detalhar, seqüencial ou global;
- Diminuir as aulas expositivas e promovendo aulas experimentais;

d. AVALIAÇÃO

Avaliação deve levar em conta os pressupostos teóricos adotado nas Diretrizes Curriculares, ou seja, a apropriação dos conceitos, leis e teorias que compõem o quadro teórico da Física pelos estudantes. Isso pressupõe o acompanhamento constante do progresso do estudante quanto à compreensão dos aspectos históricos, filosóficos e culturais, da evolução das ideias em Física e da não-neutralidade da ciência.

Considerando sua dimensão diagnóstica, a avaliação é um instrumento tanto para que o professor conheça o seu aluno, antes que se inicie o trabalho com os conteúdos escolares, quanto para o desenvolvimento das outras etapas do processo educativo. Inicialmente, é preciso identificar os conhecimentos dos estudantes, sejam eles espontâneos ou científicos, pois ambos interferem na aprendizagem, no desenvolvimento dos trabalhos e nas possibilidades de revisão do planejamento pedagógico.

É importante ressaltar que a avaliação se concretiza de acordo com o que se estabelece nos documentos escolares como o Projeto Político Pedagógico e, mais especificamente, a Proposta Pedagógica Curricular e o Plano de Trabalho Docente, documentos necessariamente fundamentados nas Diretrizes Curriculares. Esse projeto e sua realização explicitam, assim, a concepção de escola e de sociedade com que se trabalha e indicam que sujeitos se quer formar para a sociedade que se quer construir.

A avaliação deve ter um caráter diversificado, levando em consideração os aspectos; compreensão dos conceitos físicos; capacidade de análise de um texto, seja ele literário ou científico; capacidade de elaborar um relatório sobre um experimento ou outro evento que envolva a disciplina (Ex. uma visita a alguma instituição). As avaliações devem ser a interpretação de um conjunto de medidas obtidas a partir de diversos instrumentos. Ela deve ocorrer durante o processo ensino/aprendizagem, sendo assim um processo abrangente, periódico e sistemático. A recuperação dar-se-á em todas as aulas, pois nas salas de aula, o professor é quem compreende a avaliação e a executa como um projeto intencional e planejado, que deve contemplar a expressão de conhecimento do aluno como referência uma aprendizagem continuada. No cotidiano das aulas, isso significa que:

- é importante a compreensão de que uma atividade de avaliação situa-se entre a intenção e o resultado e que não se diferencia da atividade de ensino, porque ambas têm o intuito de ensinar;
- no Plano de Trabalho Docente, ao definir os conteúdos específicos trabalhados naquele período de tempo, já se definem os critérios, estratégias e

instrumentos de avaliação, para que professor e alunos conheçam os avanços e as dificuldades, tendo em vista a reorganização do trabalho docente;

- os critérios de avaliação devem ser definidos pela intenção que orienta o ensino e explicitar os propósitos e a dimensão do que se avalia. Assim, os critérios são um elemento de grande importância no processo avaliativo, pois articulam todas as etapas da ação pedagógica;

- os enunciados de atividades avaliativas devem ser claros e objetivos. Uma resposta insatisfatória, em muitos casos, não revela, em princípio, que o estudante não aprendeu o conteúdo, mas simplesmente que ele não entendeu o que lhe foi perguntado. Nesta circunstância, o difícil não é desempenhar a tarefa solicitada, mas sim compreender o que se pede;

- os instrumentos de avaliação devem ser pensados e definidos de acordo com as possibilidades teórico-metodológicas que oferecem para avaliar os critérios estabelecidos. Por exemplo, para avaliar a capacidade e a qualidade argumentativa, a realização de um debate ou a produção de um texto serão mais adequados do que uma prova objetiva;

- a utilização repetida e exclusiva de um mesmo tipo de instrumento de avaliação reduz a possibilidade de observar os diversos processos cognitivos dos alunos, tais como: memorização, observação, percepção, descrição, argumentação, análise crítica, interpretação, criatividade, formulação de hipóteses, entre outros;

- uma atividade avaliativa representa, tão somente, um determinado momento e não todo processo de ensino-aprendizagem;

- a recuperação de estudos deve acontecer a partir de uma lógica simples: os conteúdos selecionados para o ensino são importantes para a formação do

Física aluno, então, é preciso investir em todas as estratégias e recursos possíveis para que ele aprenda. A recuperação é justamente isso: o esforço de retomar, de voltar ao conteúdo, de modificar os encaminhamentos metodológicos, para assegurar a possibilidade de aprendizagem. Nesse sentido, a recuperação da nota é simples decorrência da recuperação de conteúdo.

Em relação ao educando contempla-se aspectos como:

- Participação;
- Experiências vivenciais;
- Construção de conhecimento;
- Relações interpessoais;
- Satisfação e interesse;

Quanto aos critérios de avaliação em Física, deve-se verificar:

- A compreensão dos conceitos físicos essenciais a cada unidade de ensino e aprendizagem planejada;
- A compreensão do conteúdo físico expressado em textos científicos;
- A compreensão de conceitos físicos presentes em textos não científicos;
- A capacidade de elaborar relatórios tendo como referência os conceitos, as leis e as teorias físicas sobre um experimento ou qualquer outro evento que envolva os conhecimentos da Física.

Como a avaliação deve ocorrer no decorrer do processo ensino/aprendizagem, para efeito de registro, será o resultado da somatória dos vários instrumentos utilizados, onde o aluno deverá obter no mínimo 6,0 (seis) pontos, sempre havendo a oportunidade da recuperação paralela para os alunos que apresentarem rendimento inferior ao mínimo exigido.

Serão feitas avaliações diagnósticas escritas, com práticas de experimentos, trabalhos sobre os conteúdos abordados, com suas respectivas recuperações.

Assim, a avaliação oferece subsídios para que tanto o aluno quanto o professor acompanhem o processo de ensino-aprendizagem.

e. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BONJORNO, R. A. ; – **Física Completa- Ensino Médio**, 2ª ed., FDT,
- CARRON, W. e GUIMARÃES, O. – **Física - Volume Único**, Editora Moderna, 2003.
- Diretrizes curriculares da Educação Básica – Física – Paraná**, 2008
- LUZ, A. M. R. – **De Olho no Mundo do Trabalho**, 1ª ed., 4ª impressão, Scipione, 2005.
- PAGLIARI, E. – **Aprendendo Física 2º Grau**, São Paulo, Scipione, 1996.
- São Paulo, 2001.

PROPOSTA CURRICULAR MATEMÁTICA ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO

a . APRESENTAÇÃO DA DISCIPLINA

Os povos das antigas civilizações desenvolveram os primeiros conhecimentos que vieram compor a Matemática conhecida hoje. A Matemática se inseriu no contexto educacional pelo raciocínio abstrato, em busca de respostas para questões relacionadas, por exemplo, à origem do mundo. Pelo estudo da Matemática e a necessária abstração, tentava-se justificar a existência de uma ordem universal e imutável, tanto na natureza como na sociedade.

No Brasil, na metade do século XVI, os jesuítas instalaram colégios católicos com uma educação de caráter clássico-humanista. A educação jesuítica contribuiu para o processo pelo qual a Matemática viria a ser introduzida como disciplina nos currículos da escola brasileira. Entretanto, o ensino de conteúdos matemáticos como disciplina escolar, nos colégios jesuítas, não alcançou destaque nas práticas pedagógicas (VALENTE, 1999).

Matemáticos, antes pesquisadores, tornaram-se também professores e passaram a se preocupar mais diretamente com as questões de ensino. Para sua prática docente, alguns professores começaram a buscar fundamentação não somente nas teorias matemáticas, mas em estudos psicológicos, filosóficos e sociológicos.

O início da modernização do ensino da Matemática no país aconteceu num contexto de mudanças que promoviam a expansão da indústria nacional, o desenvolvimento da agricultura, o aumento da população nos centros urbano e as ideias que agitavam o cenário político internacional, após a Primeira Guerra Mundial. Assim, as novas propostas educacionais caracterizavam reações contra uma estrutura de educação artificial e verbalizada (MIORIM, 1998).

A aprendizagem da Matemática consiste em criar estratégias que possibilitam ao aluno atribuir sentido e construir significado às ideias matemáticas de modo a tornar-se capaz de estabelecer relações, justificar, analisar, discutir e criar. Desse modo, supera o ensino baseado apenas em desenvolver habilidades, como calcular e resolver problemas ou fixar conceitos pela memorização ou listas de exercícios.

A ação do professor é articular o processo pedagógico, a visão de mundo do aluno, suas opções diante da vida, da história e do cotidiano. O auge das discussões da tendência histórico-crítica aconteceu num momento de abertura política no país, na década de 1980.

A história da Matemática é um elemento orientador na elaboração de atividades, na criação das situações-problema, na busca de referências para compreender melhor os conceitos matemáticos. Possibilita ao aluno analisar e discutir razões para aceitação de determinados fatos, raciocínios e procedimentos.

A história deve ser o fio condutor que direciona as explicações dadas aos porquês da Matemática. Assim, pode promover uma aprendizagem significativa, pois propicia ao estudante entender que o conhecimento matemático é construído historicamente a partir de situações concretas e necessidades reais (MIGUEL & MIO RIM, 2004).

A economia globalizada e competitiva exige cada vez mais dos trabalhadores, novas técnicas e tomadas de decisões, essas características reforçam a necessidade da escola criar homens críticos, criativos e capazes.

Precisamos de pessoas que aprendam a encontrar as soluções por si mesmo e para atingir esse objetivo a escola necessita utilizar em parte de material que preparamos para eles e em parte por sua atividade espontânea e com esses conhecimentos construídos, possam se desenvolver tornando-se cidadãos capazes de interagir em todos os âmbitos da sociedade.

Para isso vem a necessidade de se estimular a paixão pelo conhecimento, pelo aprender, bem como entender que o conhecimento é uma produção humana que resulta do trabalho da coletividade e é historicamente construído, passível de mudança.

Sendo este processo de escolarização para muitos familiares; ainda é uma conquista a ser atingida para que haja promoção da autonomia, da criticidade, da emancipação e da capacidade no exercício da cidadania.

Os Conteúdos Estruturantes são Números e Álgebra, Grandezas e Medidas, Geometrias, Tratamento da Informação e Funções.

OBJETIVOS

- Ensinar matemática de modo mais significativo desencadeando conceitos a partir de situações-problema, quando possível, como é recomendado hoje pelos educadores matemáticos que trabalham com resolução de problemas, com abordagens da História da Matemática, trabalhando por meio de leituras, uso da tecnologia da informação, como calculadora, computador em vários momentos das atividades realizadas;
- Compreender e atuar no mundo em que vivem incorporando-o ao mundo do trabalho com melhores condições de desempenho e participação;
- Aplicar e ampliar os procedimentos de cálculo mental, escrito, exato, aproximado pelo conhecimento dos fatos e pela antecipação e verificação de resultados;

- Saber enfrentar situações-problema, segundo uma visão crítica a tomada de decisões;
- Incentivar o aluno a aprimorar o senso de observação, reconhecendo os fatos matemáticos em situações do dia-a-dia, estimular sua disposição em buscar soluções para os problemas que envolvam os conhecimentos desta disciplina de forma crítica e criativa;
- Construir e aplicar conceitos das várias áreas do conhecimento para a compreensão de fenômenos naturais, de processos tecnológicos e manifestações artísticas;
- Oportunizar o desempenho da consciência que desenvolvam o potencial da análise crítica do aluno no que diz respeito a sua sociabilidade, convivência, sexualidade, drogadição e discriminação racial;
- Compreender e conservar a natureza como um todo dinâmico e o ser humano, em sociedade, como agente de transformação do mundo em que vive, em relação essencial com os demais seres vivos e outros componentes do ambiente, para que possam identificar e tentar solucionar os problemas que afetam a qualidade de vida.

CONTEÚDOS ESTRUTURANTES

Os conteúdos estruturantes do Ensino Fundamental e Médio na disciplina de Matemática são: Números e Álgebra, Geometrias, Funções e Tratamento da Informação, Grandezas e Medidas.

CONTEÚDOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

6º Ano

Números e Álgebra

- Sistemas de numeração;
- Números Naturais;
- Múltiplos e divisores;
- Potenciação e radiciação;
- Números fracionários;
- Números decimais.

Grandezas e Medidas

- Medidas de comprimento

- Medidas de massa
- Medidas de tempo
- Medidas de área
- Medidas de volume
- Medidas de tempo
- Medidas de ângulos
- Sistema monetário

Geometria

- Geometria plana
- Geometria espacial

Tratamento da Informação

- Dados, tabelas e gráficos
- Porcentagem

7º Ano

Números e Álgebra

- Números Inteiros;
- Números Racionais;
- Equação e Inequação do 1º grau;
- Razão e proporção;
- Regra de três simples

Grandezas e Medidas

- Medidas de temperatura
- Medidas de ângulos

Geometria

- Geometria Plana
- Geometria Espacial
- Geometrias não-euclidianas

Tratamento da Informação

- Pesquisa estatística
- Média Aritmética
- Moda e Mediana

- Juros simples

8º Ano

Números e Álgebra

- Números Racionais e Irracionais;
- Sistemas de Equações do 1º grau;
- Potências;
- Monômios e Polinômios;
- Produtos Notáveis

Grandezas e Medidas

- Medidas de comprimento
- Medidas de área
- Medidas de volume
- Medidas de ângulos

Geometrias

- Geometria Plana
- Geometria Espacial
- Geometria Analítica
- Geometria não-euclidiana

Tratamento da Informação

- Gráfico e informação
- População e Amostra

9º Ano

Números e Álgebra

- Números Reais;
- Propriedades dos radicais;
- Equação do 2º grau;
- Teorema de Pitágoras;
- Equações Irracionais;
- Equações Biquadradas;
- Regra de Três Composta.

Grandezas e Medidas

- Trigonometria no triângulo retângulo
- Relações métricas no triângulo retângulo

Funções

- Noção intuitiva de Função Afim.
- Noção intuitiva de Função Quadrática

Geometrias

- Geometria Plana
- Geometria Espacial
- Geometria Analítica
- Geometria não-euclidiana

Tratamento da Informação

- Noções de análise combinatória
- Noções de probabilidade
- Estatística
- Juros Compostos

1º Ano**Números e Álgebra**

- Conjuntos dos Números Reais

Geometria

- Geometria plana

Funções

- Função afim;
- Função quadrática;
- Função exponencial;
- Função logarítmica;
- Função modular.
- Progressão Aritmética e Geométrica

2º Ano**Números e Álgebra**

- Conjunto dos Números Reais
- Matrizes
- Determinantes
- Sistemas Lineares

Funções

- Funções trigonométricas no triângulo retângulo e no círculo

Tratamento de Informação

- Análise combinatória;
- Binômio de Newton;
- Probabilidades;
- Estatística;
- Geometria Plana
- Geometria Espacial

3º Ano

Números e Álgebras

- Conjuntos dos Números Reais e noções de números complexos
- Polinômios

Geometrias

- Geometria analítica
- Noções básicas de Geometria não-euclidiana

Tratamento da Informação

- Estatística
- Matemática Financeira

c. METODOLOGIA DA DISCIPLINA

É necessário criar, cada vez mais formas diferenciadas de transmitir, mais ligadas ao como se aprende Matemática e porque devemos dominar a linguagem Matemática, em contraste com a ideia simples de que através do esforço e da repetição seria a melhor forma de aplicá-la às suas necessidades. Seguindo a tendência dos dias atuais associamos à aprendizagem:

História da Matemática – possibilitará ao aluno entender como foi construído o conhecimento matemático.

Modelagem Matemática – proporciona ao aluno uma análise global da realidade, onde se constrói o saber de forma contextualizada, partindo de experiências vividas, sendo reforçadas pelos significados da cultura em que está inserido.

Resolução de Problemas – através da resolução de problemas o aluno tem a possibilidade de construir de forma desafiadora o seu saber matemático, desenvolvendo o raciocínio e demonstrando a aplicabilidade dos conteúdos em seu cotidiano.

Etnomatemática – deve valorizar e usar como ponto de partida os conhecimentos matemáticos do grupo cultural, e ou afro-brasileira, (conforme a lei nº 10639/03) ao qual os alunos pertencem, tornando significativa as experiências do seu dia-a-dia.

Mídias – instrumento que auxilia em motivar o aprendizado, aplicar e exercitar o que se aprendeu, fazer descobertas e outros.

Investigações matemáticas – o aluno é chamado a agir como um matemático, não apenas porque é solicitado a propor questões, mas principalmente, porque formula conjecturas a respeito do que está investigando.

Desenvolver no educando o espírito de pesquisa, investigação e crítica, fazendo-o sentir-se seguro da própria capacidade de construir conhecimentos matemáticos desenvolvendo a auto-estima, o respeito ao trabalho dos colegas como professores e funcionários e a perseverança na busca de soluções, sejam elas escolares ou na sociedade.

Levar o educando a aprender para si. As rápidas modificações (evolução) da tecnologia levam a necessidade de reciclagens durante a carreira profissional, isto é, capacidade de pesquisa e produção. Adquirindo habilidades específicas para: medir e comparar medidas, calcular e consultar tabelas, traçar e interpretar gráficos, utilizar e interpretar corretamente a simbologia e a terminologia matemática, cálculos estatísticos e probabilidades.

Os conteúdos obrigatórios da Instrução nº 009/11 SUED/SEED serão retratados em conjunto aos conteúdos específicos pertencentes a disciplina propostos nas DCE"s.

Além das temáticas sócio educativas: Educação Ambiental; Prevenção ao uso indevido de drogas; Relações Étnico-Raciais. Sexualidade e Violência na escola, temas, os quais devem ser trabalhados no dia a dia, e alguns mais profundamente, quando englobando a matemática nos seus conteúdos.

d. AVALIAÇÃO

O ensino e a aprendizagem, em sala de aula, têm uma função permanente de diagnóstico e acompanhamento do processo pedagógico, bem como a necessidade de reformular as atividades realizadas e incluir novos materiais.

“A avaliação deverá possibilitar o acompanhamento do processo de aprendizagem do aluno, ao mesmo tempo, para o professor, o diagnóstico e a reorganização do processo do ensino, o professor pode rever os procedimentos que vem utilizando e replanejar sua prática pedagógica, enquanto que o aluno vai continuamente se dando conta de seus avanços e dificuldades.” (Diretrizes Curriculares do Paraná, 2008). As avaliações, conforme o P.P.P. do estabelecimento serão diagnósticas, somativas e formativas divididas da seguinte forma: 70% das notas do bimestre em avaliações escritas (provas) no mínimo duas avaliações e 30% em atividades diversificadas(trabalhos em grupos e individuais), sendo a soma dos instrumentos de avaliação ofertadas totalizando 10,0 (dez pontos) proporcionando ao educando o desenvolvimento de suas potencialidades e criatividade, despertando o interesse em aprender na medida do possível com o seu dia-a-dia e a necessidade de saber cada vez mais. Os alunos com necessidades especiais, serão avaliados de acordo com sua capacidade de aprendizagem, conforme a Lei 9394/06 da LDB, do capítulo 5, artigo 58.

A recuperação da aprendizagem será paralela durante o processo ensino-aprendizagem, oportunizando 100% de aproveitamento, de acordo com a LDB.

Alguns critérios devem orientar as atividades avaliativas propostas pelo professor. Estas práticas devem possibilitar ao professor verificar se o aluno:

- comunica-se matematicamente, oral ou por escrito (BURIASCO, 2004);
- compreende, por meio da leitura, o problema matemático;
- elabora um plano que possibilite a solução do problema;
- encontra meios diversos para a resolução de um problema matemático;
- realiza o retrospecto da solução de um problema.

e. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO, B.F. & Silva, C.X. (2000). Matemática – aula por aula. São Paulo: FTD, Volume Único: Ensino Médio.

GIOVANNI, J. R. (1937) Matemática fundamental, 2º grau. Volume Único José Ruy Giovanni, José Roberto Bonjorno, José Rui Giovanni Jr. São Paulo: FTD, 1994.

PAIVA, M. Matemática. São Paulo

PARANÁ Secretaria de Estado da Educação, Diretrizes Curriculares do Paraná: Matemática, Curitiba,2008.

PROPOSTA PEDAGÓGICA CURRICULAR

ENSINO MÉDIO

QUÍMICA

a. APRESENTAÇÃO DA DISCIPLINA

A Química (do egípcio keme - chem, significando “terra”) está presente em todo processo de desenvolvimento das civilizações, a partir das primeiras necessidades humanas, tais como: a comunicação, o domínio do fogo e, posteriormente, o domínio do processo de cozimento necessário à sobrevivência, bem como a fermentação, o tingimento e a vitrificação. Na história do conhecimento químico, inicialmente, o ser humano conheceu a extração, produção e o tratamento de metais como o cobre, o bronze, o ferro e o ouro, facilitando a sua maneira de viver.

A Química como Ciência surge no século XVII, a partir dos estudos de alquimia, populares entre muitos dos cientistas da época; sendo que seus princípios básicos são divulgados inicialmente em 1661 na obra *The Sceptical Chymist* de Robert Boyle. A Química desenvolve-se ainda mais com os trabalhos do francês Antoine Lavoisier e suas descobertas em relação ao oxigênio, à lei da conservação da massa e à refutação da teoria do flogisto como teoria da combustão.

A disciplina de Química, muitas vezes, é vista como uma ciência a ser estudada a partir de um ritual: deve-se colocar um jaleco, realizar experiências com líquidos ou com pó (ambos de odor geralmente desagradável), manusear o maior número de vidrarias possível e obter um resultado conhecido ou esperado teoricamente. Nas conversas de sala de aula, o aluno/a quer saber como se faz uma bomba atômica ou está curioso para realizar experiências aventureiras, como, por exemplo, aquelas que trarão como consequência pequenas explosões. O aluno/a acredita que a Química, através de seus fenômenos, só ocorre em laboratório.

Criou-se, através dos tempos por meios de comunicação (quadrinhos, filmes, desenhos animados), a idéia de que o professor de Química em especial é o “baixinho, que usa avental, careca, com poucos cabelos e linguagem de difícil compreensão”. Em síntese, algo de “louco” e com estilo de vida anormal, se comparado às demais pessoas.

É importante afirmar que, para que o ensino de qualquer disciplina obtenha êxito, antes de tudo é necessário que os conteúdos nelas veiculados sirvam para que os seus alunos desenvolvam, compreendam e interpretem a realidade, questionem, discordem, proponham soluções e sejam leitores reflexivos do mundo que os rodeia. Daí a necessidade de um currículo mais discutido e refletido, que possibilite a socialização do aluno, desenvolvendo sua cidadania. Facilmente,

podemos perceber que a Química está presente no dia-a-dia de cada um de nós : no teste da qualidade do ar que respiramos e da água que bebemos; no monitoramento e na recuperação ambiental; nos combustíveis, nos lubrificantes, nos recipientes, nos perfumes, nos sabonetes, nas pesquisas, enfim, nas descobertas científicas constantes. Nós mesmos somos química pura.

Assim, enquanto disciplina de Ensino Médio, a Química é muito importante para o aluno, já que o leva a perceber que a ciência é uma das mais úteis ferramentas para interpretar e entender o mundo; o ajuda em sua formação, capacitando-o a entender fatos da vida cotidiana; tornando-o um pesquisador, na medida em que o insere num mundo de investigação de fatos cotidianos, dirigindo-o a um espaço constante de investigação, que o leve a uma contínua reflexão de cada descoberta feita e o quanto cada uma dessas descobertas modificou o mundo em que vivemos.

Portanto, o estudo da disciplina de Química como é proposto nas “DCES” (Diretrizes Curriculares Educacionais do Paraná) vem subsidiar reflexões sobre o ensino desta, bem como possibilitar novos direcionamentos e abordagens da prática docente no processo ensino-aprendizagem, para formar um aluno que se aproprie dos conhecimentos químicos e seja capaz de refletir criticamente sobre o meio em que está inserido. Destaca-se que o conhecimento químico, assim como todos os demais saberes, não é algo pronto, acabado e inquestionável, mas em constante transformação. A representatividade ou abordagem experimental deve estar no seu papel investigativo e na sua função pedagógica de auxiliar o aluno/a na explicação, problematizarão, discussão, enfim na significação dos conceitos químicos. O experimento deve ser parte do contexto de sala de aula e seu encaminhamento não pode separar a teoria da prática, em um processo pedagógico em que os alunos se relacionam com os fenômenos vinculados aos conceitos químicos a serem formados e significados na aula. Portanto o objeto de estudo da Disciplina de Química as *substâncias e os materiais* está fundamentado pela tríade Composição, Propriedades e Transformações, presente nos conteúdos estruturantes ***Matéria e sua Natureza, Biogeoquímica e Química Sintética*** .

OBJETIVOS

- Descrever as transformações químicas em linguagens discursivas.
Compreender os códigos e símbolos próprios da Química atual
- Traduzir a linguagem discursiva em linguagem simbólica da Química e vice-versa.
- Utilizar a representação simbólica das transformações químicas e reconhecer sua modificação ao longo do tempo.

- Traduzir a linguagem discursiva em gráficos, tabelas e relações matemáticas.
- Identificar fontes de informação e formas de obter informações relevantes para o conhecimento da Química (livro, computador, jornais, manuais, etc.).
 - Compreender e utilizar conceitos químicos dentro de uma visão macroscópica (lógico-empírica).
 - Compreender fatos químicos dentro da visão macroscópica (lógico-formal).
 - Compreender dados quantitativos, estimativos e medidas / relações proporcionais presentes na Química.
 - Reconhecer tendências e relações a partir de dados experimentais ou outros (classificação, seriação e correspondência em Química).
 - Selecionar e utilizar idéias e procedimentos científicos (leis, teorias, modelos) para a resolução de problemas qualitativos e quantitativos em Química, identificando e acompanhando as variáveis relevantes.
 - Reconhecer ou propor a investigação de um problema relacionado à Química, selecionando procedimentos experimentais pertinentes.
 - Desenvolver conexões hipotético-lógicas que possibilitem previsões acerca das transformações químicas.
 - Reconhecer aspectos químicos relevantes na interação individual e coletiva do ser humano com o ambiente.
 - Reconhecer o papel da Química no sistema produtivo, industrial e rural.
 - Reconhecer as relações entre o desenvolvimento científico e tecnológico da Química e aspectos sócio-político-culturais.
 - Reconhecer os limites éticos e morais que podem estar envolvidos no desenvolvimento da Química e da tecnologia.

b. CONTEÚDOS ESTRUTURANTES

- Matéria e sua natureza;
 - Biogeoquímica;
 - Química sintética.
-
- 1º Ano
 - CONTEÚDOS ESPECÍFICOS POTENCIAIS (APLICÁVEIS)
 - Estrutura da matéria
 - Introdução à Química
 - Matéria e energia
 - Estados físicos da matéria

- Substâncias simples e compostas
- Estudo do átomo- A constituição elementar da matéria
- Estudos Filosóficos
- Modelo atômico de Dalton
- Partículas constituintes do átomo (Thomson)
- Modelo atômico de Rutherford-Bohr
- Modelo atômico de Sommerfeld
- Modelo atômico atual
-
- Característica e propriedades dos elementos
- Número atômico e de massa
- Massa atômica
- Isótopos, isóbaros e isótonos
- Números quânticos e distribuição eletrônica
- Diagrama de energia
- Íons - cátions e ânions
-
- Classificação periódica dos elementos químicos
- Característica dos elementos na Tabela Periódica
- Períodos e famílias
-
- Elementos representativos e Elementos de transição
- Metais, ametais e semimetais
- Propriedades periódicas e aperiódicas
- Eletronegatividade e densidade
- Utilização da configuração eletrônica para localizar a família e o período dos elementos representativos
-
- Ligações químicas
- Ligação iônica
- Ligação covalente
- Ligação metálica
- Características principais dos compostos iônicos ; covalentes e metálicos
-
- Funções químicas inorgânicas
- Nomenclatura de cátions e ânions
- Conceitos ácido-base – pH e meios reacionais
- Classificação e nomenclatura para : Ácidos / Bases/ Sais/Óxidos

-
- Reações químicas inorgânicas
- Balanceamento de equações por tentativa e por oxi-redução
- Equações químicas de Análise, síntese, deslocamento e dupla-troca
- Cálculos químicos (estequiometria) envolvendo as Leis Ponderais e “mol”

2º Ano

CONTEÚDOS ESPECÍFICOS POTENCIAIS (APLICÁVEIS)

-
- Misturas e dispersões
- Soluções e classificação
- Unidades de concentração
- Diluições e concentrações de misturas

Termoquímica

- Reações endotérmicas e exotérmicas
- Entalpia e calores de reações (dissolução; neutralização; combustão)

Eletroquímica

- - Potenciais de oxi-redução de um eletrodo
- Processos de desgaste e proteção de metais e/ou ligas
- Esquemas de pilhas / baterias
- Eletrólise aquosa e ígnea

Equilíbrio químico

- Equilíbrios químicos em meios aquosos - pH ácido, neutro e alcalino

Cinética química

- Reatividade química de compostos - puros e combinados
- Fatores interferentes – pureza e rendimento das reações consideradas ; energia de ativação; catalisadores ; superfície de contato ; quantidade e/ou volumes dos reagentes empregados.

3º Ano

CONTEÚDOS ESPECÍFICOS POTENCIAIS (APLICÁVEIS)

- Funções Químicas Orgânicas
- Revisão das ligações covalentes entre os elementos químicos NHOCSPIFBrCl
- Formas de representação dos compostos orgânicos (molecular, estruturais, de linhas)
- Reconhecimento dos principais grupos orgânicos (aplicações usuais)
- Nomenclaturas dos compostos orgânicos - oficial, comercial, industrial, usual
- Caracterização dos compostos orgânicos pelas suas propriedades físicas (densidade, cor, PF, PE, toxidez, solubilidade, questão organoléptica dos compostos isoméricos,
- Reações químicas envolvendo a produção , a modificação e a análise estequiométrica de compostos orgânicos naturais e sintéticos via interação com compostos inorgânicos (ácidos, bases, sais e óxidos).

c. METODOLOGIA DA DISCIPLINA

O ensino de Química contribui para o desenvolvimento completo e harmonioso da personalidade humana, propiciando ao educando um conjunto de conhecimento, de aptidões e de competências que correspondem às necessidades dos indivíduos e dos diversos grupos, garantindo e preservando a individualidade. Conseqüentemente, o processo de aprendizagem seria caracterizado pelo aumento do conhecimento tendo como agente o educando que baseado nas experiências vividas, elabora, constrói e organiza o objetivo do mesmo.

O estudo da história da Química, e de como a identidade dessa disciplina se forma, exige que o professor embase seus conteúdos de forma que os mesmos tragam para os alunos uma compreensão geral e lógica.

Os conteúdos obrigatórios conforme dispostos na Instrução nº 009/2011 SUED/SEED serão contemplados concomitantes aos conteúdos específicos da disciplina em consonância com as Diretrizes Curriculares Estaduais de Química.

A abordagem teórico-metodológica dos conteúdos envolverá aulas teóricas; práticas experimentais ; leitura de textos ; uso de vídeos / animações / trechos de filmes via TV multimídia (fonte <http://www.quimica.seed.pr.gov.br>).

Como recursos didáticos / tecnológicos serão utilizados textos extraídos da web site acima mencionado; atividades propostas em livros didáticos ; quadro negro e giz; TV multimídia ; Laboratório de Química (vidrarias, equipamentos e materiais alternativos de aprendizagem) ; Laboratório de Informática (pesquisas e uso de programas/sites relacionados à Química com fundamentação teórico-didática).

- Dentre as chamadas “*Temáticas Socioeducacionais*” serão abordados, segundo os aspectos químicos trabalhados em cada série correspondente, temas/tópicos referentes às questões da :

- a) Educação Ambiental: Atmosfera, Camada de Ozônio, Efeito Estufa , Aquecimento Global, Poluição do Ar, Poluição da Águas, Poluição do Solo, Energia de Biomassas, Processos de Reciclagem Convencionais e Alternativos.

- b) Prevenção ao Uso Indevido de Drogas (ilícitas): Funções (Bio)Orgânicas Presentes, Mecanismos de Ação e Reação , Processos de Dependência, Teores Relevantes, Doses Letais, Procedimentos de Análise, Métodos de Revelação (vestígios)

- c) Culturas Afro-Brasileira e Africana: se considerarmos que a ciência e a tecnologia são campos do conhecimento utilizados, em essência, na compreensão e manejo do ambiente que nos cerca, podemos depreender que todos os povos, em seus mais remotos momentos históricos, foram dotados de conhecimento científico e tecnológico (apresentando entre si peculiaridades quanto a conceitos, objetivos e métodos empregados) para atender aos níveis de complexidade de suas sociedades. O desenvolvimento das nações nessas áreas do conhecimento deve-se, principalmente, às particularidades dos seus processos históricos e culturais. Isso não está relacionado com maior ou menor grau de inteligência ou aptidão de certos agrupamentos humanos. É interessante enfatizar essa questão para dissiparmos teorias racistas a respeito da suposta inferioridade de determinados grupos humanos em relação a outros no que se refere à capacidade cognitiva para empreender o desenvolvimento em suas sociedades. Desta forma poderão ser analisadas as influências (bioquímicas) dessas culturas nos procedimentos médicos (pulsção), nos processos de conservação (múmias), nas técnicas de fertilização de solos (adubação), nos segredos do uso de especiarias (sabores exóticos), e na introdução de temperos e ingredientes nos hábitos alimentares modernos (azeite de dendê, caruru, vatapá, acarajé, feijoada)

- d. AVALIAÇÃO

A avaliação está em conformidade com a Deliberação 007/99 do CEE/PR que dispõe em seu artigo 1.º que “a avaliação deve ser entendida como um dos aspectos do ensino pelo qual o professor estuda e interpreta os dados de aprendizagem e de seu próprio trabalho , com as finalidades de acompanhar e aperfeiçoar o processo

de aprendizagem dos alunos, bem como diagnosticar seus resultados e atribuir-lhes valor”.

Sendo diagnóstica, a avaliação será realizada durante todo o processo pedagógico, detectando se os alunos apresentam ou não os pré-requisitos necessários para as novas aprendizagens e sendo formativa, terá a função de acompanhar o processo de ensino e aprendizagem, onde os alunos/as conhecem seus erros e acertos.

A verificação do rendimento escolar observará a avaliação contínua e cumulativa de desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre eventuais provas finais de acordo com o disposto no artigo 23 da Lei 9394/96, inciso V.

Na disciplina de Química o principal critério de avaliação é a consolidação de conceitos químicos teóricos e experimentais. Valoriza-se, assim, uma ação pedagógica que considere conhecimentos prévios e o contexto social do aluno, para se reconstruir os conhecimentos químicos por meio de abordagens histórica, sociológica, ambiental, representacional e experimental. Buscar-se-á que os conteúdos químicos pertinentes a cada série / período letivo sejam, paralelamente, abordados e avaliados na perspectiva do conteúdo estruturante:

a) Matéria e sua Natureza: pelas relações entre modelos que representam a estrutura microscópica da matéria com seu comportamento macroscópico através de representações, como as fórmulas químicas e modelos;

b) Biogeoquímica: pelas relações físicas, biológicas e químicas entre a atmosfera, a hidrosfera e a litosfera ;

c) Química Sintética: pelas relações industriais, comerciais e laboratoriais entre a transformação e a produção de novos materiais (compostos artificiais).

Portanto a avaliação é realizada em função dos conteúdos, utilizando métodos e instrumentos diversificados como: provas orais e escritas, objetiva e/ou subjetivas, questionários, tarefas específicas (relatórios, pareceres, exposição oral, trabalhos individuais ou em grupo, observação espontânea ou dirigida, desenhos, maquetes, exercícios, pesquisas, produções de textos, seminários, debates), coerentes com as concepções e finalidades educativas expressas neste momento, sendo vedado submeter os alunos a uma única oportunidade e a um único instrumento de avaliação.

Desta forma, durante o período letivo na Disciplina de Química serão aplicadas avaliações formais bimestrais, com peso de 70% na média final; sendo

que os 30% restantes serão obtidos por meio de atividades avaliativas diversificadas - relatórios, leituras, trabalhos, participação em projetos , dentre outras.

Nas situações (a serem analisadas) em que os alunos/as não atingirem os objetivos esperados realizarão recuperação, sendo que prevalecerá a maior nota em sua média bimestral.

RECUPERAÇÃO PARALELA

Na recuperação de estudos (paralela), o professor deverá considerar a aprendizagem do aluno no decorrer do processo ensino e aprendizagem e após verificação de conteúdos, proporcionar novas situações de aprendizagem para as alunas de baixo rendimento.

A recuperação de estudos deverá constituir um conjunto integrado ao processo de ensino, além de se adequar às dificuldades dos alunos/as, de acordo com o artigo 13 da Deliberação 007/99 do CCE/PR. A recuperação realizada durante o ano letivo será considerada para efeito de documentação escolar, obedecendo ao disposto no parágrafo único do artigo 13 da deliberação acima mencionada.

ALUNOS /AS COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS – PNEE

Os alunos/as com necessidades educacionais especiais (PNEE) são considerados como tendo algum grau de *autismo, problemas intelectuais, dificuldades de aprendizagem específicas, desordem por déficit de atenção e hiperatividade, problemas sensoriais (visuais e auditivos), problemas emocionais ou de comportamento, problemas de comunicação, linguagem e fala, problemas motores, problemas de saúde, traumatismo craniano, multideficiência e cegos-surdos.*

Todos os indivíduos portadores de necessidades educacionais especiais devem ter garantido o seu direito de acesso e permanência no ensino regular, possibilitando, assim, uma vida independente e uma postura crítica perante os fatos ocorridos no cotidiano.

Em contrapartida o aluno que *não é portador* de necessidade especial terá a oportunidade, desde cedo, de conviver com as diferenças e desta maneira aceitá-las e, sobretudo respeitá-las. Pois aceitar o “diferente” é compreender que “este” apesar de alguma limitação aparente é capaz de desenvolver habilidades para criar, compor e resolver problemas.

Desta forma , as instituições escolares devem acolher *todos os alunos/as*, independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, lingüísticas ou outras”; através de currículos, métodos, técnicas, recursos educacionais e organizações específicas para atender às suas necessidades.

Muitas vezes, o professor/a acaba desenvolvendo métodos para a classe em geral, os quais podem ser aplicados aos alunos PNEE com as devidas adaptações : material didático tridimensional; recursos confeccionados em alto relevo; diminuição do ritmo de aula; aumento da letra na lousa e em textos; transcrição para a escrita Braille dos materiais utilizados.

O ensino de química para os surdos é dificultado principalmente no que se referem a certos conceitos químicos, fórmulas e nome de elementos visto que na linguagem de sinais (LIBRAS) não consta simbologia específica para tais conceitos.

Quanto aos deficientes visuais, existem várias ferramentas não visuais para computadores e demais equipamentos eletrônicos, sendo as mais importantes: o software texto-voz , o software texto-voz-ampliação, a linguagem Braille presente em teclados especiais, ou mesmo softwares especiais (“*NavMol*”) para que os deficientes visuais possam ler a estrutura química átomo por átomo de uma molécula.

e. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CUNHA, Lázaro. Contribuição dos povos africanos para o conhecimento científico e tecnológico universal, disponível em: <http://pedagogia-2010.blogspot.com/2010/06/contribuicao-dos-povos-africanos-para-o.html>

MOL, Gerson de Souza. *Química e sociedade*, Nova Geração, São Paulo, 2005.

PARANÁ –SEED. Secretaria de Estado da Educação. Diretrizes Curriculares Estaduais da Educação Básica, 2010.

PERUZZO, Francisco. *Química na abordagem do cotidiano – vol. 1,2 e 3*, Moderna, São Paulo, 2003.

REIS, Martha. *Química Integral – vol. único*, FTD, São Paulo , 1993.

SARDELLA, Antonio. *Dicionário Escolar de Química*, Ática, São Paulo, 1990.

SBQ, Divisão de Ensino de Química. *Cadernos Temáticos de Química Nova na Escola*, disponível em <http://qnesc.sbq.org.br/online/cadernos>.

USBERCO, João. *Química – vol. único*, SARAIVA, São Paulo, 2002.

VÁRIOS AUTORES. A Educação Científica de Alunos com Necessidades Educativas Especiais – Resumos do III Encontro de Educação em Ciências, disponível em:

VÁRIOS AUTORES. *Química – Ensino Médio*, SEED-PR, Curitiba, 2006.

Web Site <http://www.quimica.seed.pr.gov.br/> : *Série Cadernos Temáticos dos Desafios Educacionais Contemporâneos*.

Web Site <http://www.quimica.seed.pr.gov.br/> : *TV Multimídia – textos, imagens , trechos de filmes e vídeos;*

**PROPOSTA PEDAGÓGICA CURRICULAR
ENSINO MÉDIO
SOCIOLOGIA**

a. APRESENTAÇÃO DA DISCIPLINA

As inquietações que mobilizaram o pensamento dos primeiros sociólogos no final do século XIX, após a Revolução Industrial, em muitos aspectos podem ser aproximadas das preocupações dos sociólogos contemporâneos. Ou seja, compreender as modificações nas relações sociais, decorrentes das mudanças estruturais impostas pela formação de um novo modo de produção econômica, a qual influenciou visivelmente a cultura étnica.

A sociologia delineou-se como ciência no rastro do pensamento positivista, vinculado à ordem das ciências naturais. São representantes desse pensamento Augusto Comte (1798 – 1857), primeiro a utilizar o termo “sociologia”, relacionando-o com a ciência da sociedade e, posteriormente, Emile Durkheim (1858 – 1917) que utiliza conceitos elaborados por Comte, especialmente “ordem social” para delinear uma das correntes mais representativas do pensamento sociológico. A miséria, o desemprego e as conseqüentes greves e rebeliões operárias foram analisadas por esses pensadores como desvios ou anomalias sociais, que poderiam ser corrigidas ou mesmo solucionadas através apenas do resgate dos valores morais – como a solidariedade – os quais restabeleceriam relações estáveis entre as pessoas, independente da classe social a qual pertencessem.

A Sociologia desenvolveu também um olhar crítico e questionador sobre a sociedade. A teoria, para Marx, só tem sentido quando transformada em “*praxis*”, ou seja, em ação fundamentada politicamente visando à transformação das estruturas de poder vigente e a construção de novas relações sociais, fundadas na igualdade de condições a todos os indivíduos. A única possibilidade de superar a desigualdade e a opressão está na construção de uma nova sociedade, que pressuponha a inexistência de classes sociais e, portanto, de dominação de uma maioria sobre uma minoria.

No Brasil, tanto as correntes conformistas quanto as correntes transformadoras vão exercer forte influência na formação do pensamento sociológico brasileiro.

OBJETIVOS

- Conceituar o que é sociologia, para que serve seu estudo, permitindo ao aluno, o entendimento do motivo da disciplina na conteúdo programático.
- mostrar as principais teorias sociológicas, trazendo os temas atuais e relacionando-os com os conceitos dos principais pensadores da sociologia.
- Conceituar a sociologia como base social e humana com o trabalho de conteúdos sociológicos, na perspectiva antiga e atual, permitindo ao educando

construir um pensar sociológico voltado para a busca da cidadania e do sentimento de pertença à sociedade.

- Debater questões sociais e culturais que influenciaram a sociedade enfatizando a cultura afro-brasileira e indígena
- Situar-se no interior da sociedade contemporânea brasileira, nela podendo atuar, buscando transformá-la.
- Compreender o mundo do trabalho e nele poder transitar discutindo e atuando construtivamente, bem como as relações de classe.
- Contribuir para o exercício da cidadania ao permitir a formação do indivíduo crítico, participativo e consciente de que suas ações alteram, transformando e conservando a ordem social vigente.
- Discutir atitudes de discriminação, preconceito, racismo, liberdade e autonomia, respeito, individualidade.
- Trabalhar a auto-estima, a solidariedade e o comportamento humano.
- Fornecer subsídios atualizados sobre temas geradores de ação X reflexão, que geram polêmicas e que levam ao real conhecimento e entendimento da construção social. (Drogas, violência, diversidade sexual, relações étnicorraciais, bullying, entre outros.).
- Elaborar hipóteses sobre práticas sociais, exercitando análises, interpretações, sínteses, servindo-se para tanto dos conhecimentos sociológicos.
- Exercitar e relacionar práticas sociais com contextos diversos.
- Observar nas práticas sociais o conhecimento / desconhecimento dos direitos e deveres no exercício da cidadania.
- Perceber o processo de mundialização da economia e de inserção do país no mercado internacional, assim como Globalização e Neoliberalismo.

b. CONTEÚDOS ESTRUTURANTES

Conteúdo Estruturante	Conteúdos Básicos
<p>1. O que é sociologia, história da sociologia e instituições sociais.</p> <p>2. O Processo de Socialização e Instituições Sociais</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Porque estudar sociologia; • As principais teorias sobre Augusto Comte, Émile Durkheim, Karl Marx, Max Weber, Caio Prado Junior e Florestan Fernandes; • Instituições sociais: Escola, família, religião; • Desenvolvimento antropológico e o conceito de cultura e sua distribuição na análise da diferentes sociedades; • Diversidade cultural; • Identidade; • Indústria cultural; • Meios de comunicação de massa; • Sociedade de consumo; • Indústria cultural no Brasil;

3. Cultura e Indústria Cultural	<ul style="list-style-type: none"> • Questões de gênero; • Culturas afro-brasileira e africana; • Culturas indígenas.
4. Trabalho Produção e Classes Sociais	<ul style="list-style-type: none"> • Conceito de trabalho e o trabalho nas diferentes sociedades; • Desigualdades sociais: estamentos, castas, classes sociais; • Organização de trabalho na sociedade capitalista e suas contradições; • Globalização e Neoliberalismo; • Relações de trabalho • Trabalho no Brasil.
5. Poder Política e ideologia	<ul style="list-style-type: none"> • Ideologia; • Formação do Estado Moderno.
6. Direitos, Cidadania e Movimentos Sociais.	<ul style="list-style-type: none"> • Direitos civis, políticos e sociais; • Direitos humanos; • Conceitos de cidadania; • Movimentos Sociais; • Movimentos Sociais no Brasil; • A questão Ambiental e Movimentos Ambientalistas; • A questão das ONGs.

c. METODOLOGIA DA DISCIPLINA

A opção pela problematização do conteúdo constitui-se no nosso recorte metodológico, pois permite através da reflexão, construir em conjunto – alunos/professor, os conteúdos e os conceitos que os repassam através de diversas atividades – dramatização, jornal, maquetes, etc, e linguagens – música, poesia, filmes, vídeos, entre outros – que possibilitem “visualizar” o conteúdo selecionado a ser estudado. Nesse encaminhamento a realidade do aluno, enquanto ponto de partida constitui-se um determinado saber – senso comum, que deverá ser relacionado às explicações teóricas – consciência filosófica. Professor e aluno, nessa perspectiva, constroem outro conhecimento.

Lidar com a Construção da Identidade, na educação escolar, através da disciplina de Sociologia aplicada em:

- Conhecer as questões da época ou do período, segundo a ótica de nossos alunos;
- Identificar aquelas que mais os sensibilizam, afligem ou preocupam e que seria importante conhecer melhor;
- Apresentar-lhes algumas questões cuja importância possam não perceber, mas que são significativas na sociedade atual;

- Situar todas as questões no âmbito da sociedade civil e/ou política em que se focalizam;
- A inconveniência de nos estendermos no tempo sobre uma única questão – sob pena de incorrerem no risco de saturação – tendo em mente que as metas propostas serão retomadas a cada questão;
- Recolher, ou registrar a compreensão inicial que os alunos têm das questões focalizadas, quaisquer que sejam as características destas compreensões, inclusive os alunos com necessidades educacionais especiais.

Fazer avançar esta compreensão inicial, através da explicação sociológica, é tarefa do professor que para tanto necessita: problematizar a compreensão existente por meio de discurso teórico textual/oral; construir problemas ou questões a serem resolvidas pelos alunos, que os leve, a se defrontar com incoerências ou limitações de raciocínio; oferecer recursos teóricos que possibilitem ao aluno elaborar/construir uma outra compreensão da questão focalizada, que possibilite situá-la para além da experiência pessoal e imediata, relacionando-a com as diferentes situações em que ocorre em quadro mais amplo das inter-relações em que se localizam; deixar espaço ao aluno para servir-se desta ou daquela explicação sociológica através de debates, desde que coerentemente fundamentada; assumir, sempre que solicitado, e de maneira fundamentada, a explicação que ele, professor, considera a mais adequada, assumindo, assim, de maneira comprometida a sua prática e evitando o problema da “falsa neutralidade” (a ciência não é neutra).

Buscando, assim, preservar:

- Preservar a autonomia do professor, que juntamente com seus alunos se co-responsabilizam nas decisões dos trabalhos delineando seus percursos;
- A vivência de um programa de ensino enquanto “professor cidadão” e “alunos cidadãos” comprometidos com as decisões do trabalho didático tornadas de maneira compartilhada;
- A possibilidade de que ao colocarem em prática esta programação, criar-se oportunidades concretas de estudos para o professor, e desse processo resultar a construção de um conhecimento de uma cultura docente cada vez mais elaborada;
- A importância de encontros profissionais que priorizem: o estudo de autores clássicos e atuais; a troca de experiências consideradas bem sucedidas pelos professores e que irão promovendo a circulação da “cultura docente em construção” e fortalecendo competência profissional dos professores.

Ao se propor alcançar o nível de cidadania profissional pretendido tais encontros devem ser a expressão da vontade política de profissionais do magistério consciente, e organizadas em torno de suas necessidades de trabalho, em relação a

esta dupla construção: da proposta programática em processo e do próprio processo de formação continuada ou em serviço.

Pretendemos com isso que as metas propostas para alunos sejam as metas a serem atingidas pelo professor.

Ao propiciar o exercício da profissão com autonomia intelectual estará à proposta, simultaneamente, provocando a vivência de “professor cidadão” – no mundo do trabalho docente – que por sua vez provoca a vivência do “aluno cidadão”, e dos professores no seu processo de escolarização.

Pretendemos que o professor assim agindo ponha em destaque a compreensão e a perspectiva sociológica de seu próprio trabalho em sala de aula, que não se esgota na experiência particular, mas compõem, com o conjunto do trabalho do ensino da Sociologia no Ensino Médio, a cultura docente em construção.

Diante desse quadro observa-se a dificuldade de trabalhar a Sociologia no Ensino Médio, garantindo um estudo com um mínimo do rigor técnico e do domínio dos conteúdos sociológicos.

Para melhor compreensão dos alunos, as problematizações, contextualizações, investigações e análises e encaminhamentos que podem ser realizados a partir de diferentes recursos, como a leitura de textos sociológicos, textos didáticos, textos jornalísticos e obras literárias. Os conteúdos também podem ser repassados aos alunos utilizando os recursos tecnológicos existentes na escola como, TV Pen Drive, DVD, Slides explicativos, bem como o quadro de giz e textos impressos.

Esses encaminhamentos podem também partir ou ser enriquecidos se lançarmos mão de recursos que possibilitem o entendimento e participação de alunos com necessidades educacionais especiais como, audiovisuais, que assim como os textos, também são passíveis de leitura e facilitam a compreensão dos temas abordados. A utilização de filmes, imagens, músicas e charges constituem importante elemento para que os alunos relacionem a teoria com sua prática social, possibilitando a construção coletiva dos novos saberes.

A pesquisa de campo, quando viável, deve ser proposta de maneira que articule os dados levantados à teoria estudada, propiciando um efetivo trabalho de compreensão e crítica de elementos da realidade social do aluno.

Para que o aluno seja colocado como sujeito de seu aprendizado, faz-se necessária a articulação constante entre as teorias sociológicas e as análises, problematizações e contextualizações propostas. Essa prática deve permitir que os conteúdos estruturantes dialoguem constantemente entre si e permitir também que o conhecimento sociológico dialogue com os conhecimentos específicos das outras disciplinas que compõem a grade curricular do Ensino Médio.

Concomitante, serão abordados e problematizados por meio de palestras explicativas, vídeos e pesquisas os conteúdos obrigatórios da Instrução nº 009/11 SUED/SEED, retratados em conjunto aos conteúdos específicos pertencentes a disciplina propostas nas DCE"s.

Conforme as Leis: 11645 /08 e 10639 /03 relacionadas na LDBN serão referenciados os temas Cultura Afro-brasileira e Cultura Indígena visando à valorização destas etnias que fazem parte de nosso País.

Apresentar a Sociologia nesta proposta, através de "breves informações", não significa necessariamente que seja um trabalho reducionista, mas sim adaptado às necessidades apontadas, garantindo, ao mesmo tempo, o rigor da Ciência. Nesse sentido significa apresentar o conhecimento sociológico, enquanto instrumental de análise, evidenciando para os alunos, em função de quais problemas este campo do conhecimento se faz através de suas três matrizes clássicas - Durkheim, Marx, Weber – e em função a este campo de conhecimento, em geral, novo e desconhecido para ele.

d. AVALIAÇÃO

Para formar sujeitos autônomos, críticos e criativos criaremos condições para o aluno atuar também como sujeito avaliador. Não se pode avaliar a aprendizagem sem avaliar o ensino, a prática do professor e as condições oferecidas pela escola como partes de um todo que se constitui o processo educativo.

A nota será resultante dos valores atribuídos em cada instrumento de avaliação, sendo valores cumulativos em várias aferições, na seqüência e na ordenação dos conteúdos.

Quanto aos procedimentos e instrumentos de avaliação, utilizaremos a observação sistemática ou informal, para conhecer melhor os alunos em todos os aspectos, analisar seu desempenho nas atividades e compreender seus avanços e dificuldades, ajudando-o em sua aprendizagem.

A prova se constitui em um importante instrumento de avaliação, porém não pode ser o único indicador de desempenho, pois apenas fornece um diagnóstico do aluno, individualmente, e da turma, como um todo e leva o professor a repensar sua prática, direcionando suas ações futuras para a solução de problemas identificados por meio dos resultados. A aplicação destas serão: provas individuais, em grupos, com consulta, oral, participação em aula por meio de debates e exposições, resumos de textos.

Os trabalhos em grupo como: pesquisa, jogos, painéis, maquetes, relatórios, entre outros, serão utilizados para desenvolver e avaliar a formação global do aluno

quanto à cooperação, troca de pontos de vista, confronto e comprometimento dos componentes do grupo. Para que sejam efetivos serão realizados na escola.

Os alunos que não conseguirem o desempenho esperado em determinada unidade curricular terão direito à recuperação paralela e esta deve acontecer todas as vezes que os métodos empregados não forem suficientes para propiciar a aprendizagem dos alunos. A recuperação paralela, de caráter obrigatório, ocorrerá concomitantemente ao processo educativo, conforme determina a lei.

Deve acontecer a partir de uma lógica simples: os conteúdos selecionados para o ensino são importantes para a formação do aluno. Então, é preciso investir em todas as estratégias e recursos possíveis para que ele aprenda. A recuperação é justamente isso: o esforço de retomar, de voltar ao conteúdo, de modificar os encaminhamentos metodológicos para assegurar a possibilidade de aprendizagem. Nesse sentido, a recuperação da nota é simples decorrência da recuperação de conteúdo.

Cabe ao professor promover meios para a recuperação de alunos com dificuldade de aprendizagem, observando as características próprias do momento evolutivo do aluno, promovendo, quando necessário, a reorientação imediata da aprendizagem. A recuperação de conteúdos será paralela ao período letivo, acontecendo durante as atividades regulares e com a utilização de instrumentos diversificados e exercícios adicionais de compreensão, sob a coordenação do professor da disciplina/atividade e de conformidade com a Instrução 007/99 e com o PPP da Instituição. Poderá assumir várias formas como: atividades complementares orientadas, pesquisas e provas, entre outros.

Na avaliação do aproveitamento escolar, deverão preponderar os aspectos qualitativos de aprendizagem sobre os dados quantitativos e entre os resultados obtidos durante o período letivo e os da recuperação, prevalecendo os melhores resultados.

A avaliação dos alunos portadores de necessidades especiais e alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem deverá ocorrer de modo diferenciado, observando-se as adaptações curriculares.

São instrumentos de avaliação: observações diárias, registro de atividades, descrição de projetos, interação dialógica com o aluno, trabalhos de pesquisa, provas e testes, apresentação oral de trabalhos, cumprimento de responsabilidade com tarefas e material, sínteses de textos lidos, síntese crítica de filmes, maquetes, desenhos, cartazes, entre outros.

e. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIDA, Pérsio Santos. **Sociologia**.

- BOTTOMORE, T. B. **Introdução à Sociologia**. Rio de Janeiro. Edição Guanabara. 1971.
- CARRASCO, Walcyr. **Irmão negro**. São Paulo. Moderna. 1994 (coleção Veredas)
- COSTA, Maria Cristina Castilho. **Sociologia – introdução à ciência da sociedade**. São Paulo. Moderna. 1987.
- DALLARI, Dalmo de Abreu. **Direitos humanos e cidadania**. São Paulo. Moderna. 2002.
- IANNI, Octávio. **Sociologia da sociologia**. São Paulo. Ática. 1989.
- LAKATOS, Eva Maria. **Sociologia geral**. São Paulo. Atlas. 1990.
- LDB 9394/96 e Reforma do Ensino Médio. 94p.
- MEKSENAS, Paulo. **Sociologia**. São Paulo. Cortez. 1993.
- MOURA, Clóvis. **Sociologia do negro brasileiro**. São Paulo. Ática. 1988.
- OLIVEIRA, Pércio Santos de. **Introdução à Sociologia**. São Paulo. Ática. 2001.
- Revista Mundo Jovem. **Sociologia**.
- SAVIANI, Demerval. **Educação e questões da atualidade**. São Paulo. Cortez. 1991.
- SEED. **Diretrizes Curriculares de Sociologia para o Ensino Médio**. MEMVAVMEM. Curitiba. 2006.
- SEED. **Propostas de conteúdos essenciais do 2º Grau**. Curitiba. Texto mimeografado. 1988.
- SOUZA, Neusa. **Tornar-se negro**. Rio de Janeiro. Graal. 1983.
- VALENTE, Ana Lúcia E. F. N. **Ser negro no Brasil de hoje**. São Paulo. Moderna.

PROPOSTA PEDAGÓGICA CURRICULAR
ENSINO MÉDIO
LÍNGUA ESTRANGEIRA MODERNA-ESPANHOL

a. APRESENTAÇÃO DA DISCIPLINA

O ensino das línguas modernas começou a ser valorizado depois da chegada da família real portuguesa ao Brasil, em 1808. Em 1809, com a assinatura do decreto de 22 de junho, pelo príncipe regente D. João VI, criaram-se as cadeiras de inglês e francês com os objetivos de melhorar a instrução pública e de atender às demandas advindas da abertura dos portos ao comércio.

Para o fortalecimento da identidade nacional, o Ministério da Educação e Cultura privilegiou nos currículos oficiais os conteúdos que favoreciam a valorização da História do Brasil e de seus heróis e, contribuía para a apropriação da língua portuguesa por todos os brasileiros. A homogeneidade social brasileira que se pretendia era dificultada pela atuação das minorias étnicas, lingüísticas e culturais que se propagavam no país desde o início do século.

A responsabilidade pelos rumos educacionais passou a ser centralizada no Ministério de Educação e Cultura, de modo que lhe cabia indicar aos estabelecimentos de ensino o idioma a ser ministrado nas escolas, a metodologia e o programa curricular para cada série. Comprometido com os ideais nacionalistas, o MEC preconizava que a disciplina de Língua Estrangeira deveria contribuir para a formação do aprendiz, quanto ao conhecimento e à reflexão sobre as civilizações estrangeiras e tradições de outros povos. Isso explica por que o espanhol passou a ser permitido oficialmente para compor o currículo do curso secundário, uma vez que a presença de imigrantes da Espanha era restrita no Brasil.

A língua espanhola, portanto, foi valorizada como língua estrangeira porque representava para o governo um modelo de patriotismo e respeito daquele povo às suas tradições e à história nacional, a serem seguidos pelos estudantes. Assim, o ensino de espanhol passou a ser incentivado em lugar do ensino de alemão, japonês e italiano. Mesmo com a valorização do espanhol no ensino secundário, destaca-se que o ensino de inglês teve espaço garantido nos currículos oficiais por ser o idioma mais usado nas transações comerciais, enquanto o francês era mantido pela sua tradição curricular no ensino secundário.

Desde a década de 1950, o sistema educacional brasileiro viu-se responsável pela formação de seus alunos para o mundo do trabalho. Essa mudança nos rumos da educação gerou uma crise que se intensificou nas décadas seguintes, exigindo a ampliação da rede escolar. Diante das exigências do mercado,

o ensino de humanidades foi substituído, paulatinamente, por um currículo cada vez mais técnico, o que fez diminuir a carga horária das línguas estrangeiras.

Após haverem várias teorias voltadas ao ensino de língua estrangeira, tendo como objetivo encontrar um método de ensino mais adequado para a aprendizagem do estudante, chegou-se à abordagem comunicativa, em que o professor deixa de ser o centro do ensino e passa à condição de mediador do processo pedagógico. Do aluno, é esperado que desempenhe o papel de sujeito de sua aprendizagem e agente da língua estudada. De acordo com essa concepção, as atividades pedagógicas devem priorizar a comunicação, por meio de jogos, dramatizações etc. O erro integra o processo de ensino e aprendizagem, entendido como um estágio provisório de interlíngua, por meio do qual os alunos podem testar as possibilidades de uso da língua. Embora a abordagem comunicativa tenha se apresentado como reação à visão estruturalista da língua, concentrando-se nos aspectos semânticos e não no código lingüístico, ela começa a ser criticada por alguns intelectuais que passaram a questionar as intenções subjacentes ao ensino comunicativo de proporcionar, por meio de estratégias conversacionais, o uso da língua estrangeira para se inserir na outra cultura.

Em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n. 9.394, determinou a oferta obrigatória de pelo menos uma língua estrangeira moderna no Ensino Fundamental, a partir da quinta série, cuja escolha do idioma foi atribuída a comunidade escolar, conforme suas possibilidades de atendimento (Art. 26, §5.º).

Para o Ensino Médio, a lei determina ainda que seja incluída uma língua estrangeira moderna como disciplina obrigatória, escolhida pela comunidade escolar, e uma segunda, em caráter optativo, dentro das disponibilidades da instituição (Art. 36, Inciso III).

Em 1998, como desdobramento da LDB/96, o MEC publicou os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de Língua Estrangeira (PCN), pautados numa concepção de língua como prática social fundamentada na abordagem comunicativa. No entanto, tal documento recomendou um trabalho pedagógico com ênfase na prática de leitura em detrimento das demais práticas – oralidade e escrita. A justificativa apresentada foi que, no contexto brasileiro, há poucas oportunidades de uso efetivo da oralidade pelos alunos, particularmente da Rede Pública de Ensino.

Como resultado de um processo que buscava destacar o Brasil no Mercosul, em 5 de agosto de 2005 foi criada a lei n. 11.161, que tornou obrigatória a oferta de língua espanhola nos estabelecimentos de Ensino Médio.

Com isso, também se buscou atender a interesses político-econômicos para melhorar as relações comerciais do Brasil com países de língua espanhola.

A oferta dessa disciplina é obrigatória para a escola e de matrícula facultativa para o aluno. Por sua vez, os estabelecimentos de ensino têm cinco anos, a partir da data da publicação da lei, para implementá-la.

Paralelamente, no âmbito federal, o MEC tem feito parcerias e promovido discussões sobre o ensino de espanhol nas escolas brasileiras, além de distribuir material de suporte para professores de língua espanhola.

Ao explicitarem aspectos relativos ao ensino da Língua Estrangeira no que se refere a suas práticas e objetivos atribuídos à disciplina, identificou-se que a abordagem comunicativa tem orientado o trabalho em sala de aula. Esta opção favorece o uso da língua pelos alunos, mesmo de forma limitada, e evidencia uma perspectiva utilitarista de ensino, na qual a língua é concebida como um sistema para a expressão do significado, num contexto interativo.

Para analisar os limites e possibilidades da abordagem comunicativa e definir novos referenciais teórico-metodológicos para o ensino de Língua Estrangeira, teve-se como base o trabalho de Meurer. Este autor destaca a premente necessidade de desenvolver formas de incentivar práticas pedagógicas que contestem “ou quebrem o círculo do senso comum, daquilo que parece natural, não problemático, mas que recria e reforça formas de desigualdade e discriminação” (MEURER, 2000, p. 169).

No Paraná, Gimenez (1999) afirma que a abordagem comunicativa foi apropriada como referencial teórico na elaboração da proposta de ensino de Língua Estrangeira do Currículo Básico (1992). Embora esse documento apresente uma concepção de língua discursiva e sugira um trabalho com diferentes tipos de textos, a partir da visão bakhtianiana, observa-se que a progressão de conteúdos, de 6.º a 9.º ano, está voltada para o ensino comunicativo, centrado em funções da linguagem do cotidiano, o que esvazia as práticas sociais mais amplas de uso da língua.

A abordagem comunicativa apresenta aspectos positivos na medida que incorpora em seu modelo o uso da gramática exigida para a interpretação, expressão e negociação de sentidos, no contexto imediato da situação de fala, colocando-se a serviço dos objetivos de comunicação.

Por outro lado, ao centrarem a atenção na comunicação, tal abordagem e os métodos que a antecederam não levaram em conta as diferentes vozes que permeiam as relações sociais e as relações de poder que as entremeiam.

Depreende-se que tanto a opção teórico-metodológica quanto o idioma a ser ensinado na escola não são neutros, mas profundamente marcados por questões

político-econômicas e ideológicas, que resultam muitas vezes do imperialismo de uma língua. Tais questões marginalizam razões históricas e/ou étnicas que podem ser valorizadas, levando-se em conta a história da comunidade atendida pela escola. Destaca-se que o comprometimento com o plurilingüismo como política educacional é uma das possibilidades de valorização e respeito à diversidade cultural, garantido na legislação, pois permite às comunidades escolares a definição da língua estrangeira a ser ensinada.

Propõe-se que a aula de língua estrangeira moderna constitua um espaço para que o aluno reconheça e compreenda a diversidade lingüística e cultural, de modo que se engaje discursivamente e perceba possibilidades de construção de significados em relação ao mundo em que vive. Espera-se que o aluno compreenda que os significados são sociais e historicamente construídos e, portanto, passíveis de transformação na prática social.

OBJETIVOS

O objetivo do ensino-aprendizagem da língua estrangeira é o engajamento discursivo, apresentando-se como espaço para ampliar o contato com outras formas de conhecer, com outros procedimentos interpretativos de construção da realidade, devendo também contribuir para formar alunos críticos e transformadores.

Desta forma, o aluno deverá ser capaz de:

- possibilitar o uso da língua estrangeira em situações de comunicação – produção e compreensão de textos verbais e não verbais;
- reconhecer e compreender a diversidade lingüística e cultural;
- proporcionar alternativas de criar outros discursos para comunicar-se com eles.

Além disso, se pensarmos que o objetivo maior da presença da língua estrangeira na grade curricular é a formação do indivíduo, podemos selecionar temas ligados direta e/ou indiretamente a essa proposta.

b. CONTEUDO ESTRUTURANTE

Discurso único como prática social. A fala é a prática discursiva mais utilizada, pois as atividades orais precisam oferecer condições ao aluno falar com fluência em situações formais aproveitando os recursos expressivos da língua, praticar e aprender, o falar e o ouvir.

CONTEÚDOS BÁSICOS

O trabalho com a língua estrangeira fundamenta-se na diversidade de gêneros discursivos e busca expandir a compreensão dos diversos usos da

linguagem, bem como a ativação de procedimentos interpretativos alternativos no processo de construção de significados possíveis.

Serão trabalhados os seguintes gêneros textuais: crônica, lendas, contos, poemas, fábulas, biografias, classificados, notícias, reportagem, entrevistas, cartas, artigos de opinião, resumo, textos midiáticos, palestra, piadas, debates, folhetos, horóscopo, provérbios, charges, tiras, etc.

Leitura:

- Identificação do tema, do argumento principal e dos secundários.
- Interpretação observando: conteúdo veiculado, fonte, intencionalidade e intertextualidade do texto.
- Linguagem não-verbal.
- As particularidades do texto em registro formal e informal.
- Finalidades do texto.
- Estética do texto literário.
- Realização de leitura não linear dos diversos textos.

Oralidade:

- Variedades lingüísticas.
- Intencionalidade do texto.
- Particularidade de pronúncias da língua estudada em diferentes países.
- Finalidade do texto oral.
- Elementos extralingüísticos: entonação, pausas, gestos.

Escrita:

- Adequação ao gênero: elementos composicionais, elementos formais e marcas lingüísticas.
- Paragrafação.
- Clareza de idéias.
- Adequar o conhecimento adquirido à norma padrão.

Análise Linguística:

- Coesão e coerência.
- Função dos pronomes, artigos, adjetivos, numerais, preposições, advérbios,
- locuções adverbiais, conjunções, verbos, palavras interrogativas, substantivos, substantivos contáveis e incontáveis, falsos cognatos, discurso direto e indireto, vozes verbais, verbos modais, concordância

verbal e nominal, orações condicionais, *phrasal verbs* e outras categorias como elementos do texto.

- Acentuação. (espanhol)
- Vocabulário.
- Pontuação e seus efeitos de sentido no texto.

Ensino Médio

Conteúdo Estruturante	Conteúdos Básicos
Discurso como prática social	<p>Leitura</p> <ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Identificação do tema, do argumento principal e dos secundários. <input type="checkbox"/> Interpretação observando: conteúdo veiculado, fonte, intencionalidade e intertextualidade do texto. <input type="checkbox"/> Linguagem não- verbal. <input type="checkbox"/> As particularidades do texto em registro formal e informal. <input type="checkbox"/> Finalidades do texto. <input type="checkbox"/> Estética do texto literário. <input type="checkbox"/> Realização de leitura não linear dos diversos textos.
	<p>Oralidade</p> <ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Variedades lingüísticas. <input type="checkbox"/> Intencionalidade do texto. <input type="checkbox"/> Particularidade de pronúncias da língua estudada em diferentes países. <input type="checkbox"/> Finalidade do texto oral. <input type="checkbox"/> Elementos extralingüísticos: entonação, pausas, gestos.
	<p>Escrita</p> <ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Adequação ao gênero: elementos composicionais, elementos formais e marcas lingüísticas. <input type="checkbox"/> Paragrafação. <input type="checkbox"/> Clareza de idéias. <input type="checkbox"/> Adequar o conhecimento adquirido à norma padrão.
	<p>Análise Lingüística</p> <p>Coesão e coerência.</p> <p>Função dos pronomes, artigos, adjetivos, numerais preposições, advérbios, locuções adverbiais, conjunções, verbos, palavras interrogativas, substantivos, substantivos contáveis e incontáveis, falsos cognatos, discurso direto e indireto, vozes verbais, verbos modais, concordância verbal e nominal, orações condicionais, <i>phrasal verbs</i> e outras categorias como elementos do texto.</p> <p>Acentuação. (espanhol)</p> <p>Vocabulário.</p> <p>Pontuação e seus efeitos de sentido no texto.</p>

Gêneros Discursivos

1º Ano

Cotidiana: Curriculum Vitae, Causos, Música, Relatos de Experiências Vividas, Crônicas.

Literária/Artística: Narrativas: Aventura, Humor, Terror, Fantásticas.

Imprensa: Anúncio de Emprego, Artigo de Opinião, Carta ao Leitor, Artigo de Opinião.

Política: Carta de Emprego, Mesa Redonda, Abaixo-assinado, Debate.

2º Ano

Cotidiana: Comunicado, Crônica, Exposição Oral, Convites.

Literária/Artística: Biografia, Fábulas Contemporâneas, Poemas.

Imprensa: Charge, Manchete, Crônica Jornalística, Sinopses de Filmes.

Política: Discurso Político de “Palanque”, Manifesto, Panfleto.

3º Ano

Cotidiana: Ofício, Fatura, Carta Pessoal.

Literária/Artística: Romances, Textos Dramáticos, Crônicas de Ficção.

Imprensa: Classificados, Cartum, Editorial, Reportagens

Política: Carta de Emprego, Debate Regrado, Carta Aberta, Ação Pública.

c. ENCAMINHAMENTOS METODOLOGICOS

Serão abordadas questões linguísticas, sociopragmáticas, culturais e discursivas, assim como as práticas do uso da língua: leitura, oralidade e escrita. O ponto de partida da aula de Língua Estrangeira Moderna será o texto como unidade de linguagem em uso, ou seja, de comunicação verbal, escrita ou visual. Esse texto trará uma problematização em relação a um tema. A busca por sua solução deverá despertar o interesse dos alunos para que desenvolvam uma prática analítica e crítica, ampliem seus conhecimentos lingüístico-culturais e percebam as implicações sociais, históricas e ideológicas presentes num discurso e que nele se revele o respeito as diferentes culturas, crenças e valores.

A reflexão crítica acerca dos discursos que circulam em Língua Estrangeira Moderna é possível mediante o contato com textos verbais e não verbais. Do mesmo modo, a produção de um texto, se faz sempre a partir do contato com outros textos. Tais textos servirão de apoio e ampliarão as possibilidades de expressão dos alunos.

Na medida que os alunos reconheçam que os textos são representações da realidade, construções sociais, eles terão uma posição mais crítica em relação a tais

textos. Poderão rejeitá-los ou reconstruí-los a partir de seus universos de sentidos, os quais lhes atribuem coerência pela negociação de significados.

Destaca-se que nenhuma língua é neutra e pode representar diversas culturas e maneiras de viver; inclusive, pode passar a ser um espaço de comunicação intercultural, por ser usada em diversas comunidades, muitas vezes até por falantes que não a têm como língua materna

Porém, vale destacar que para se ter a noção da estrutura da língua, serão utilizados meios para que se torne possível tal conhecimento, seja através de explicações ou de atividades voltadas para esse fim.

O professor utilizará também os seguintes recursos tecnológicos, livros didáticos públicos, dicionários, livros paradidáticos, vídeos, dvd, cd-room, Internet, e tv multimídia. A Lei n.º 10639/03 e 11645/08 será na desconstrução dos preconceitos em relação a prática escolar e a linguagem, relacionando os conteúdos obrigatórios conforme dispostos na Instrução nº 009/11 SUED/SEED que serão contemplados concomitantes aos conteúdos específicos da disciplina em consonância com as Diretrizes Curriculares Estaduais.

Para os alunos com necessidades educacionais especiais será realizado adaptação curricular observando as características de cada um com atividades complementares, pesquisas, produções textuais, sanando dificuldades e concretizando o conhecimento.

d. AVALIAÇÃO

Educar e avaliar são duas ações que fazem parte de um mesmo processo. A avaliação é a reflexão transformada em ação, pois subsidia decisões a respeito da aprendizagem dos educandos e educadores, tendo em vista garantir a qualidade do processo educativo.

Os critérios avaliativos da disciplina de Língua Estrangeira Moderna Espanhol serão determinados de acordo com os Conteúdos Básicos: Leitura, Escrita e Oralidade, que pretendem levar o aluno à realizar leitura compreensiva de textos, localizar informações, argumentar, ampliar horizonte de expectativas, ampliar o vocabulário, identificar o gênero e a esfera de circulação do mesmo, identificar o tema e as intenções do autor, o sentido conotativo e denotativo das palavras e a expressão clara de ideias, elaborar textos concisos e coerentes com o gênero, a esfera de circulação e a continuidade temática proposta, pontuar e usar corretamente os recursos lingüísticos, participar ativamente de relatos, diálogos, discussões e interpretações.

São instrumentos de avaliação:

- interação dialógica com o aluno;

- trabalhos de pesquisa;
- provas e testes;
- apresentação oral de trabalhos.

A avaliação do aluno é feita de forma global, ampla, múltipla e tem por objetivo verificar o seu desenvolvimento. Este processo emerge do Projeto Político-Pedagógico (referencial teórico) e pretende viabilizar a participação democrática dos alunos na vida social a fim de exercerem a cidadania.

Dessa forma se dará ênfase a uma avaliação diagnóstica somativa e contínua, dividida da seguinte maneira: 70% de nota bimestral em avaliações escritas e 30% de nota nas atividades avaliativas – trabalhos (tarefas específicas, elaboração de relatórios, exposição oral, trabalhos de criação, observação espontâneas ou dirigidas, produção de textos, pesquisas, sínteses, debates, filmes, mesa redonda, análise de gráficos e tabelas, participação nas atividades cotidianas.

A recuperação será paralela, a cada instrumento, oportunizando 100% de aproveitamento a todos os alunos independente do desempenho que já tenham alcançado, sendo esta substitutiva prevalecendo a nota maior de acordo com o artigo 24, inciso 5 “e” da LDB 9394/96.

Todos os procedimentos de recuperação comprometem-se com os registros dos mesmos, conforme instrução 013/99, observados os aspectos abaixo indicados:

- a) retomada do conteúdo anterior;
- b) atendimento a dúvidas;
- c) orientações sobre avaliações na disciplina;
- d) aprofundamentos;
- e) exercícios adicionais de compreensão;
- f) tarefas de casa com correção e revisão em sala de aula;

Portanto, o professor fará, após a avaliação, uma retomada de conteúdos para que desta forma os alunos possam sanar suas dúvidas com relação ao conteúdo e desta forma realizar uma avaliação de recuperação de notas.

Na recuperação de Estudos, o professor considera a aprendizagem do aluno no decorrer do processo e, para aferição do bimestre, entre a nota da avaliação e da recuperação, prevalecerá sempre a maior. A recuperação de conteúdos poderá assumir várias formas como: atividades complementares orientadas, pesquisas e provas.

Aos alunos portadores de necessidades educativas especiais será ofertada a flexibilização curricular e adaptação avaliativa.

- Pertinência do uso dos elementos discursivos textuais, estruturais e normativos.
- Reconhecimento de palavras e expressões e sequência.

- Compreensão de argumentos no discurso do outro.
- Participação ativa em diálogos, relatos, discussões.
- Utilização de expressões não verbais.

e. REFERENCIAS

ALADRÉN, Márcia Del Carmen. **Español actual: textos, gramática, ejercicios**. Tercera edición- Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto, 1995. 240 p.

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de. **Dimensões comunicativas no ensino de línguas**. (Linguagem - Ensino). Pontes, Campinas, São Paulo: 1998.

CASTRO, F. MARÍN, F. MORALES, R. ROSA, S. **Curso de Español para Extranjeros- Ven 1**. Edelsa Grupo Didascalía., S.A., Madrid:1990

DÍAZ, Rafael Fernández. **Jugando y aprendiendo español**. Novos Livros: São Paulo, 1994.

DIRETRIZES CURRICULARES DE LÍNGUA ESTRANGEIRA MODERNA PARA EDUCAÇÃO BÁSICA. Governo do Estado do Paraná. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação. Curitiba, 2008.

FLAVIAN, Eugenia & FERNÁNDES, Gretel Eres. **Éxito: Guia didáctica: Repetertorio de exámenes de español para ingreso en la Universidad**. Rio de Janeiro, Editora: Ao Livro Técnico; Madrid: Sociedad General Española de Librería, 2000.

GARGALLO, Isabel. **Lingüística Aplicada a la enseñanza-aprendizaje del español como lengua extranjera**. Arcolibros: Madrid, 1999.

HERMOSO, A. González & CUENOT, J.R. & ALFARO, M. Sánchez. **Gramática de español lengua extranjera (Curso Práctico)**. Ed.EDELSA Grupo Didascalía, S.A., 2000.

LAROUSSE. **Diccionario de la Lengua española: Esencial**. México, 1994.

MARTIN, Ivan Rodrigues. **Espanhol série Brasil**. Editora Ática. São Paulo SP: 2004.

PALOMINO, María Ángeles. **Dual pretextos para hablar**. Editora Edelsa Grupo Didascalía S.A. Madrid, 1998.

PARO, Vitor Enrique. **Reprovação Escolar: renúncia à educação**. São Paulo: Xamã, 2001.

PERRENAUD, PHILIPPE. **Dez novas competências para ensinar**. trad. Patrícia Chitanú Ramos, Porto Alegre, Artes Médicas Sul, 2000.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO PARANÁ. Vários autores. **Língua Estrangeira Moderna – Espanhol e Inglês**. Curitiba: SEED-PR, 2006.

PROPOSTA CURRICULAR CELEM - ESPANHOL
COLÉGIO ESTADUAL ANTONIO XAVIER DA SILVEIRA – ENSINO
FUNDAMENTAL, MÉDIO E NORMAL

1 APRESENTAÇÃO DA DISCIPLINA

A partir do início da colonização do litoral brasileiro, cabia aos Jesuítas a responsabilidade de ensinar o Latim aos povos que habitam o território, como por exemplo de língua culta. Durante a União Ibérica (1580 a 1641), os Jesuítas foram considerados pelos espanhóis principais incentivadores da resistência dos nativos aldeados nas reduções jesuíticas.

Após a chegada da Família Real no Brasil, em 1808, o ensino das línguas modernas começou a ser valorizado.

Para o fortalecimento da Identidade Nacional, o Ministério da Educação e Cultura privilegiou nos currículos oficiais os conteúdos que favoreciam a valorização da História do Brasil e dos seus heróis e, contribuíram para a apropriação da língua Portuguesa por todos os brasileiros.

Com a publicação de Cours de linguistique générale de Ferdinand Saussure(1857-1913), na Europa, em 1916, os estudos da linguagem assumiram um caráter científico. Essa obra, que estabelece a oposição entre langue, o sistema lingüístico propriamente dito, e parole, o uso deste sistema em contextos sociais, tornou-se um marco histórico. Os estudos de Saussure forneceram elementos para a definição do objeto de estudo específico da Linguística: a língua. Tais estudos fundamentaram o estruturalismo, uma das principais correntes da lingüística moderna.

O diferencial advindo da Reforma Francisco Campos foi que, pela primeira vez, estabeleceu-se um método oficial de ensino da Língua Estrangeira: o Método Direto. Esse método surgiu na Europa, no final do século XIX e início do século XX, de modo a atender aos novos anseios sociais e pela necessidade do ensino das habilidades orais, visando a comunicação.

Nesse método, a língua materna perde seu papel de mediadora no ensino de língua estrangeira e tem como princípio fundamental a aprendizagem em constante contato com a língua em estudo, sem intervenção da tradução. Dessa forma, raciocina-se na língua estrangeira. A transmissão dos significados acontece por meio

de gestos, gravuras, fotos, simulação, enfim, de tudo que possa facilitar a compreensão.

A responsabilidade pelos rumos educacionais passou a ser centralizado no Ministério de Educação e Cultura, de modo que lhe cabia indicar aos estabelecimentos de ensino, o idioma a ser ministrado nas escolas, a metodologia e programa curricular para cada série. Comprometido com os ideais nacionalistas, o MEC preconizava que a disciplina de Língua Estrangeira deveria contribuir para a formação do aprendiz.

A Língua Espanhola, portanto, foi valorizado como língua estrangeira porque representava para o governo o modelo de patriotismo e respeito daquele povo às suas tradições e a História Nacional a serem seguidas pelos estudantes. Assim, o ensino de Espanhol passou a ser incentivado em lugar do ensino do Alemão, Japonês e Italiano.

A partir de 15/08/1986 passa a ser ofertado o ensino extracurricular (CELEM), plurilinguista e gratuito de cursos básicos e de aprimoramento de Língua Estrangeira Moderna para alunos da rede Estadual da Educação Básica matriculados no Ensino Fundamental (anos finais, no Ensino Médio e Educação Profissional e Educação de Jovens e Adultos), bem como garante a oferta desses cursos e sua extensão ao atendimento à comunidade, professores e agentes educacionais.

No Estado do Paraná, em 2003, a Educação Profissional especificamente Formação de Docentes assume uma concepção que rompe com a dimensão que articula diretamente o mercado de trabalho e à empregabilidade e laboridade. Assume compromisso com a formação humana dos alunos a qual requer a apreensão dos conhecimentos científicos, tecnológicos e históricos sociais pela via escolarizada.

Por se desenvolver de forma sistematizada em instituições próprias ao ensino, conforme o disposto na LDB, a Educação Profissional se escreve âmbito da educação escolar e se articula à Formação Básica que deve ser comum a todos os cidadãos, de modo a lhes assegurar a formação indispensável ao exercício da cidadania, à efetiva participação nos processos sociais e produtivos e à continuidade dos estudos, na perspectiva da educação ao longo da vida.

Integrada às diferentes formas de Educação, a trabalho, à ciência e a tecnologia, sua finalidade é conduzir ao permanente desenvolvimento de aptidões para a vida produtiva (art.39), devendo estar articulada com o ensino regular ou por

diferentes estratégias de Educação Continuada em instituições especializadas ou no âmbito de trabalho (art.40).

O rompimento com a formação restrita para o mercado de trabalho é necessário para que haja um novo ordenamento social, assegurando-se assim uma formação ampla, compreendendo as relações sociais subjacentes a todos os fenômenos e a relação os, sob os eixos do trabalho, ciência, tecnologia e cultura. A aprendizagem de idiomas representa uma possibilidade de interagir com outros povos, bem como aumenta a itopercepção do aprendiz como ser humano e como cidadão. É uma aprendizagem de línguas que, centrada no engajamento discursivo do aluno, ou seja, em sua capacidade de interagir com outros no discurso, poderá leva-lo a agir no mundo social. Para que isso seja possível, é fundamental que o ensino e o conhecimento então, que o ensino e o conhecimento de uma língua estrangeira sejam balizados pela sua função social. Entende-se então, que há necessidade de se aprender uma língua estrangeira na escola, a qual poderá oportunizar ao aprendiz se desenvolver intelectualmente, contribuindo para a sua formação cultural e profissional. Considerando-se que a língua espanhola é uma das mais faladas no mundo, ou seja, falado por mais de trezentos e cinquenta milhões de pessoas é o idioma por excelência de um reino (Espanha), de dezoito repúblicas americanas (México, Guatemala, Honduras, Nicaragua, El Salvador, Costa Rica, Cuba, Republica Dominicana, Venezuela, Colômbia, Equador, Peru, Bolívia, Chile, Argentina, Uruguai e Paraguai), e de um país associado aos EUA (Porto Rico); lembremos ainda como também falam o espanhol a minoria de origem hispana nos EUA, como também na República da Guiana Equatorial.

Desta forma a procura por esse idioma adquiriu um âmbito muito maior, tornou-se fundamental que essa língua fosse inserida no currículo escolar, para possibilitar a toda comunidade seu acesso. O ensino da Língua Espanhola é recente, iniciou-se a partir dos anos 90, impulsionadas por um ideal de redemocratização do país, (devido à abertura política) e pela criação do MERCOSUL, as escolas voltaram a oferecer o ensino da Língua Espanhola em seus currículos.

Por questões políticas, econômicas, sociais em 05 de agosto de 2005 foi criada a lei nº 11161 que decretou a obrigatoriedade da oferta da língua espanhola nos estabelecimentos de ensino médio.

O curso de Formação de Docentes apresenta em sua matriz curricular a disciplina de Inglês, ofertada na 3ª e 4ª séries. Em virtude dessa condição houve a necessidade de abertura do CELEM Espanhol.

O objetivo do ensino-aprendizagem da língua estrangeira é o engajamento discursivo, apresentando-se como espaço para ampliar o contato com outras formas de conhecer, com outros procedimentos interpretativos de construção da realidade, devendo também contribuir para formar alunos críticos e transformadores.

Desta forma, o aluno deverá ser capaz de:

- possibilitar o uso da língua estrangeira em situações de comunicação – produção e compreensão de textos verbais e não verbais;
- proporcionar alternativas de criar outros discursos para comunicar-se com eles;
- reconhecer e compreender a diversidade linguística e cultural para o desenvolvimento cultural do país.

2 CONTEUDO ESTRUTURANTE

Discurso como prática social. A língua será tratada de forma dinâmica, por meio de leitura, de oralidade e de escrita que são as práticas que efetivam o discurso. O discurso é produzido por um EU, um sujeito que é responsável por aquilo que fala e ou escreve. A localização geográfica, temporal, social, etária também são elementos essenciais na constituição dos discursos.

3 CONTEÚDOS BÁSICOS

Conforme é apontado nas Diretrizes, os conteúdos não serão por séries, mas serão estabelecidos critérios para definir os conteúdos para o ensino.

O trabalho com a língua estrangeira fundamenta-se na diversidade de gêneros discursivos e busca expandir a compreensão dos diversos usos da linguagem, bem como a ativação de procedimentos interpretativos alternativos no processo de construção de significados possíveis.

Leitura:

- Identificação do tema, do argumento principal e dos secundários.
- Interpretação observando: conteúdo veiculado, fonte, intencionalidade e intertextualidade do texto.

- Linguagem não-verbal.
- As particularidades do texto em registro formal e informal.
- Finalidades do texto.
- Estética do texto literário.
- Realização de leitura não linear dos diversos textos.

Oralidade:

- Variedades lingüísticas.
- Intencionalidade do texto.
- Particularidade de pronúncias da língua estudada em diferentes países.
- Finalidade do texto oral.
- Elementos extralingüísticos: entonação, pausas, gestos.

Escrita:

- Adequação ao gênero: elementos composicionais, elementos formais e marcas lingüísticas.
- Paragrafação.
- Clareza de idéias.
- Adequar o conhecimento adquirido à norma padrão.

Análise Lingüística:

- Coesão e coerência.
- Função dos pronomes, artigos, adjetivos, numerais preposições, advérbios,
- locuções adverbiais, conjunções, verbos, palavras interrogativas, substantivos, substantivos contáveis e incontáveis, falsos cognatos, discurso direto e indireto, vozes verbais, verbos modais, concordância verbal e nominal, orações condicionais, *phrasal verbs* e outras categorias como elementos do texto.
- Acentuação. (espanhol)
- Vocabulário.
- Pontuação e seus efeitos de sentido no texto.

3 CURSO BÁSICO DO CELEM (02 ANOS DE DURAÇÃO)

3.1 CONTEÚDOS BÁSICOS - P1

ESFERA SOCIAL DE CIRCULAÇÃO E SEUS GÊNEROS TEXTUAIS

Esfera cotidiana de circulação: Bilhete Carta pessoal Cartão felicitações Cartão postal Convite Letra de música Receita culinária	Esfera publicitária de circulação: Anúncio** Comercial para rádio* <i>Folder</i> Paródia Placa Publicidade Comercial Slogan	Esfera produção de circulação: Bula Embalagem Placa Regra de jogo Rótulo	Esfera jornalística de circulação: Anúncio classificados Cartum <i>Charge</i> Entrevista** Horóscopo Reportagem** Sinopse de filme
Esfera artística de circulação: Autobiografia Biografia	Esfera escolar de circulação: Cartaz Diálogo** Exposição oral* Mapa Resumo	Esfera literária de circulação: Conto Crônica Fábula História em quadrinhos Poema	Esfera midiática de circulação: Correio eletrônico (<i>e-mail</i>) Mensagem de texto (SMS) Telejornal* Telenovela* Videoclipe*

* Embora apresentados oralmente, dependem da escrita para existir.

** Gêneros textuais com características das modalidades escrita e oral de uso da língua.

PRÁTICA DISCURSIVA: Oralidade

Fatores de textualidade centradas no leitor:

- Tema do texto;
- Aceitabilidade do texto;
- Finalidade do texto;
- Informatividade do texto;
- Intencionalidade do texto;
- Situacionalidade do texto;
- Papel do locutor e interlocutor;
- Conhecimento de mundo;
- Elementos extralinguísticos: entonação, pausas, gestos;
- Adequação do discurso ao gênero;
- Turnos de fala;
- Variações linguísticas.

Fatores de textualidade centradas no texto:

- Marcas linguísticas: coesão, coerência, gírias, repetição, recursos semânticos;
- Adequação da fala ao contexto (uso de distintivos formais e informais como conectivos, gírias, expressões, repetições);
- Diferenças e semelhanças entre o discurso oral ou escrito.

PRÁTICA DISCURSIVA: Leitura

Fatores de textualidade centradas no leitor:

- Tema do texto;
- Conteúdo temático do gênero;
- Elementos composicionais do gênero;
- Propriedades estilísticas do gênero;
- Aceitabilidade do texto;
- Finalidade do texto;
- Informatividade do texto;
- Intencionalidade do texto;
- Situacionalidade do texto;
- Papel do locutor e interlocutor;
- Conhecimento de mundo;
- Temporalidade;
- Referência textual.

Fatores de textualidade centradas no texto:

- Intertextualidade;
- Léxico: repetição, conotação, denotação, polissemia;
- Marcas linguísticas: coesão, coerência, função das classes gramaticais no texto, pontuação, figuras de linguagem, recursos gráficos (aspas, travessão, negrito);
- Partículas conectivas básicas do texto.

PRÁTICA DISCURSIVA: Escrita

Fatores de textualidade centradas no leitor:

- Tema do texto;
- Conteúdo temático do texto;
- Elementos composicionais do gênero;
- Propriedades estilísticas do gênero;
- Aceitabilidade do texto;
- Finalidade do texto;
- Informatividade do texto;
- Intencionalidade do texto;
- Situacionalidade do texto;
- Papel do locutor e interlocutor;
- Conhecimento de mundo
- Temporalidade;
- Referência textual.

Fatores de textualidade centradas no texto:

- Intertextualidade;
- Partículas conectivas básicas do texto;
- Vozes do discurso: direto e indireto;
- Léxico: emprego de repetições, conotação, denotação, polissemia, formação das palavras, figuras de linguagem;
- Emprego de palavras e/ou expressões com mensagens implícitas e explícitas;
- Marcas linguísticas: coesão, coerência, função das classes gramaticais no texto, pontuação, figuras de linguagem, recursos gráficos (como aspas, travessão, negrito);
- Acentuação gráfica;
- Ortografia;
- Concordância verbal e nominal.

3.2 CONTEÚDOS BÁSICOS - P2

ESFERA SOCIAL DE CIRCULAÇÃO E SEUS GÊNEROS TEXTUAIS

<p>Esfera cotidiana de circulação: Comunicado Currículum Vitae Exposição oral* Ficha de inscrição Lista de compras Piada** Telefonema*</p>	<p>Esfera publicitária de circulação: Anúncio** Comercial para televisão* <i>Folder</i> Inscrições em muro Propaganda** Publicidade Institucional</p>	<p>Esfera produção de circulação: Instrução de montagem Instrução de uso Manual técnico Regulamento</p>	<p>Esfera jornalística de circulação: Artigo de opinião Boletim do tempo** Carta do leitor Entrevista** Notícia** Obituário Reportagem**</p>
	Slogan		
<p>Esfera jurídica de circulação: Boletim de ocorrência Contrato Lei Ofício Procuração Requerimento</p>	<p>Esfera escolar de circulação: Aula em vídeo* Ata de reunião Exposição oral Palestra* Resenha Texto de opinião</p>	<p>Esfera literária de circulação: Contaçõ de história* Conto Peça de teatro* Romance Sarau de poema*</p>	<p>Esfera midiática de circulação: Aula virtual Conversaçõ <i>chat</i> Correio eletrônico (<i>e-mail</i>) Mensagem de texto (SMS) Videoclipe*</p>

* Embora apresentados oralmente, dependem da escrita para existir.

** Gêneros textuais com características das modalidades escrita e oral de uso da língua.

PRÁTICA DISCURSIVA: Oralidade

Fatores de textualidade centradas no leitor:

- Tema do texto;
- Aceitabilidade do texto;
- Finalidade do texto;
- Informatividade do texto;
- Intencionalidade do texto;
- Situacionalidade do texto;
- Papel do locutor e interlocutor;
- Conhecimento de mundo;
- Elementos extralinguísticos: entonação, pausas, gestos;
- Adequação do discurso ao gênero;
- Turnos de fala;
- Variações linguísticas.

Fatores de textualidade centradas no texto:

- Marcas linguísticas: coesão, coerência, gírias, repetição, recursos semânticos;
- Adequação da fala ao contexto (uso de distintivos formais e informais como conectivos, gírias, expressões, repetições);
- Diferenças e semelhanças entre o discurso oral ou escrito.

PRÁTICA DISCURSIVA: Leitura

Fatores de textualidade centradas no leitor:

- Tema do texto;
- Conteúdo temático do texto;
- Elementos composicionais do gênero;
- Propriedades estilísticas do gênero;
- Aceitabilidade do texto;
- Finalidade do texto;
- Informatividade do texto;
- Intencionalidade do texto;
- Situacionalidade do texto;

- Papel do locutor e interlocutor;
- Conhecimento de mundo;
- Temporalidade;
- Referência textual.

Fatores de textualidade centradas no texto:

- Intertextualidade;
- Léxico: repetição, conotação, denotação, polissemia;
- Marcas linguísticas: coesão, coerência, função das classes gramaticais no texto, pontuação, figuras de linguagem, recursos gráficos (aspas, travessão, negrito);
- Partículas conectivas básicas do texto;
- Elementos textuais: levantamento lexical de palavras italicizadas, negritadas, sublinhadas, números, substantivos próprios;
- Interpretação da rede de relações semânticas existentes entre itens lexicais recorrentes no título, subtítulo, legendas e textos.

PRÁTICA DISCURSIVA: Escrita

Fatores de textualidade centradas no leitor:

- Tema do texto;
- Conteúdo temático do texto;
- Elementos composicionais do gênero;
- Propriedades estilísticas do gênero;
- Aceitabilidade do texto;
- Finalidade do texto;
- Informatividade do texto;
- Intencionalidade do texto;
- Situacionalidade do texto;
- Papel do locutor e interlocutor;
- Conhecimento de mundo;
- Temporalidade;
- Referência textual.

Fatores de textualidade centradas no texto:

- Intertextualidade;
- Partículas conectivas básicas do texto;
- Vozes do discurso: direto e indireto;
- Léxico: emprego de repetições, conotação, denotação, polissemia, formação das palavras, figuras de linguagem;
- Emprego de palavras e/ou expressões com mensagens implícitas e explícitas;
- Marcas linguísticas: coesão, coerência, função das classes gramaticais no texto, pontuação, figuras de linguagem, recursos gráficos (como aspas, travessão, negrito);
- Acentuação gráfica;
- Ortografia;
- Concordância verbal e nominal.

4 METODOLOGIA

Serão abordadas questões lingüísticas, sociopragmáticas, culturais e discursivas, assim como as práticas do uso da língua: leitura, oralidade e escrita. Cabe ao professor criar condições para que o aluno não seja um leitor ingênuo, mas que seja crítico, reaja aos textos com os quais se depara e entenda que por trás deles há um sujeito, uma história, uma ideologia e valores particulares e próprios da comunidade em que está inserido. A oralidade tem como objetivo expor os alunos a textos orais, pertencentes aos diferentes discursos, é aprender a

expressar idéias em Língua Estrangeira mesmo que com limitações. Será desenvolvida através de diálogos, escutas em língua espanhola, debates de temas atuais e apresentações diversificadas de acordo com os conteúdos trabalhados. A escrita de ser vista como uma atividade sociointeracional, ou seja, significativa. É importante que o docente direcione as atividades de produção textual definindo em seu encaminhamento qual o objetivo da produção e para quem se escreve, em situações reais de uso. O ponto de partida da aula de Língua Estrangeira Moderna será o texto como unidade de linguagem em uso, ou seja, de comunicação verbal, escrita ou visual. Esse texto trará uma problematização em relação a um tema. A busca por sua solução deverá despertar o interesse dos alunos para que desenvolvam uma prática analítica e crítica, ampliem seus conhecimentos linguístico-culturais e percebam as implicações sociais, históricas e ideológicas presentes num discurso e que nele se revele o respeito às diferentes culturas, crenças e valores (assegurando a cultura afro-brasileira e indígena).

Neste contexto, o aluno, agente do processo pedagógico, deve ser instigado pelo professor a buscar respostas e soluções aos seus questionamentos, necessidades e anseios relativos à aprendizagem.

Propõe-se a fazer a aula de LEM um espaço que o aluno reconheça e compreenda a diversidade linguística e cultural de sua realidade, oportunizando a engajar-se discursivamente e a perceber possibilidades de construção de significados em relação ao mundo em que vive.

Serão trabalhados textos, músicas, filmes, diálogos, jogos, entre outros, afim de que o aluno saiba enfrentar situações de leitura com sucesso, sabendo reconhecer as informações essenciais de qualquer tipo de textos. textos de crescentes graus de dificuldades darão suporte para o aluno compreender a realidade linguística e ser capaz de perceber as ideias principais de cada texto com autonomia.

O professor utilizará também os seguintes recursos tecnológicos, livros didáticos público, dicionários, livros paradidáticos, vídeos, DVD, cdrom, Internet e TV multimídia.

A lei nº 10639/2003 será respeitada na desconstrução dos preconceitos em relação à prática escolar e linguagem, relacionando os desafios educacionais contemporâneos de gêneros, diversidade escolar, educação indígena e inclusão escolar.

Entende-se que o ensino de língua estrangeira deve possibilitar o aluno relações com culturas e ideologias diversas, objetivando desenvolver consciência e postura crítica sobre seu papel no mundo.

Desta forma é importante ao professor:

- Organizar apresentações de textos produzidos pelos alunos.
- Orientar sobre o contexto social de uso do gênero oral trabalhado.
- Estimular a expressão oral.
- Desenvolver atividades de leitura.
- Contextualizar a produção.
- Utilizar textos verbais diversos que dialoguem contextos não-verbais.
- Encaminhar e acompanhar a reescrita textual.
- Analisar a produção quanto à coerência, coesão, continuidade temática.

5 AVALIAÇÃO

A avaliação em Língua Estrangeira, tem como objetivo verificar o crescimento do educando e deve ser entendida como um dos aspectos do ensino, através do qual o professor interpreta os resultados do ensino/aprendizagem, ou seja, de seu próprio trabalho. Sua finalidade é acompanhar, diagnosticar, reavaliar e aperfeiçoar o processo de aprendizagem dos alunos, seus resultados, atribuindo-lhes valor.

O diagnóstico permeará o trabalho fazendo com que haja reflexão e crítica sobre o processo de ensino/aprendizagem não só no desenvolvimento dos educandos, mas, principalmente para verificar o desenvolvimento global da ação pedagógica.

Conforme contempla o PPP, as avaliações serão diagnósticas, somativas e formativas. Com 70% de nota bimestral em avaliações formais orais ou escritas no mínimo duas, atribuindo 1,5 pontos para a oralidade, 1,5 pontos para leitura e 4,0 pontos para escrita e 30% da nota nas atividades diversificadas de acordo com o conteúdo desenvolvido. Nas avaliações se prepondera os aspectos qualitativos da aprendizagem sobre os quantitativos, isso quer dizer que, dar-se-á maior importância crítica, a capacidade de síntese e a elaboração pessoal e social, sobre a memorização isto quer dizer que avaliação do desempenho do aluno e de seu rendimento escolar será contínua, cumulativa e permanente.

Como instrumentos técnicas e metodologias de avaliação serão utilizados instrumentos variados, ou seja, será trabalhado com alunos testes ou provas de

relatórios, exposição oral, trabalhos de criação, observação que poderão ser espontâneos ou dirigidos, experimentação prática, atividades de pesquisa, trabalhos individuais ou em grupo, produção de, síntese e análise de textos, jornais e revistas, exercícios e outras formas mais que se fizerem presentes e necessárias, entre outras.

A individualidade do aluno e seu domínio dos conteúdos necessários deverão ser assegurados nas decisões sobre o processo de avaliação será respeitada, bem como, a sua participação nas atividades realizadas em sala de aula.

A recuperação de estudos deverá ocorrer sempre após a retomada de conteúdos e deverá ser ofertada para todos, independente da nota alcançada pelo aluno no decorrer do trimestre. Deverá constituir um conjunto integrado ao processo de ensino além de se adequar às dificuldades do aluno.

Aos alunos portadores de necessidades educativas especiais será ofertada a flexibilização curricular e adaptação avaliativa.

- Pertinência do uso dos elementos discursivos textuais, estruturais e normativos.
- Reconhecimento de palavras e expressões e sequência.
- Compreensão de argumentos no discurso do outro.
- Participação ativa em diálogos, relatos, discussões.
- Utilização de expressões não verbais.

O aluno será considerado aprovado quando: obtiver freqüência igual ou superior a 75% do total de horas lecionadas; a avaliação final deverá considerar para efeito de promoção ou retenção todos os resultados obtidos durante o ano ou período letivo, considerando-se aprovado, com relação a apuração do aproveitamento: o aluno que obtiver a média 6,0 (seis vírgula zero) ou superior na soma dos quatro bimestres, sendo a duração do curso de dois anos letivos, com carga horária de 320 horas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Michail (Volochinov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. De Michel Lahud e Yara Frateschi. 9 ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

BRASIL, Ministério da Educação. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional (LDBs)**. Brasília: MEC, 1196.

PARANÁ, SEED – Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes curriculares rede pública de educação básica do Estado do Paraná Língua Estrangeira Moderna.** Curitiba: disponível em <http://diaadiaeducacao.pr.gov.br>, 2009.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem.** Trad. J. Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

PROPOSTA CURRICULAR CELEM INGLÊS

Colégio Estadual Antonio Xavier da Silveira – EFMN

1 APRESENTAÇÃO DA DISCIPLINA

O ensino das línguas modernas começou a ser valorizado depois da chegada da família real portuguesa ao Brasil, em 1808. Em 1809, com a assinatura do decreto de 22 de junho, pelo príncipe regente D. João VI, criaram-se as cadeiras de inglês e francês com os objetivos de melhorar a instrução pública e de atender às demandas advindas da abertura dos portos ao comércio.

Para o fortalecimento da identidade nacional, o Ministério da Educação e Cultura privilegiou nos currículos oficiais os conteúdos que favoreciam a valorização da História do Brasil e de seus heróis e, contribuía para a apropriação da língua portuguesa por todos os brasileiros. A homogeneidade social brasileira que se pretendia era dificultada pela atuação das minorias étnicas, lingüísticas e culturais que se propagavam no país desde o início do século.

A responsabilidade pelos rumos educacionais passou a ser centralizada no Ministério de Educação e Cultura, de modo que lhe cabia indicar aos estabelecimentos de ensino o idioma a ser ministrado nas escolas, a metodologia e o programa curricular para cada série. Comprometido com os ideais nacionalistas, o MEC preconizava que a disciplina de Língua Estrangeira deveria contribuir para a formação do aprendiz, quanto ao conhecimento e à reflexão sobre as civilizações estrangeiras e tradições de outros povos. Isso explica por que o espanhol passou a ser permitido oficialmente para compor o currículo do curso secundário, uma vez que a presença de imigrantes da Espanha era restrita no Brasil.

A língua espanhola, portanto, foi valorizada como língua estrangeira porque representava para o governo um modelo de patriotismo e respeito daquele povo às suas tradições e à história nacional, a serem seguidos pelos estudantes. Assim, o ensino de espanhol passou a ser incentivado em lugar do ensino de alemão, japonês e italiano. Mesmo com a valorização do espanhol no ensino secundário, destaca-se que o ensino de inglês teve espaço garantido nos currículos oficiais por ser o idioma mais usado nas transações comerciais, enquanto o francês era mantido pela sua tradição curricular no ensino secundário.

Desde a década de 1950, o sistema educacional brasileiro viu-se responsável pela formação de seus alunos para o mundo do trabalho. Essa mudança nos rumos da educação gerou uma crise que se intensificou nas décadas seguintes, exigindo a ampliação da rede escolar. Diante das exigências do mercado, o ensino de humanidades foi substituído, paulatinamente, por um currículo cada vez mais técnico, o que fez diminuir a carga horária das línguas estrangeiras.

Após haverem varias teorias voltadas ao ensino de língua estrangeira, tendo como objetivo encontrar um método de ensino mais adequado para a aprendizagem do estudante, chegou-se à abordagem comunicativa, em que o professor deixa de ser o centro do ensino e passa à condição de mediador do processo pedagógico. Do aluno, é esperado que desempenhe o papel de sujeito de sua aprendizagem e agente da língua estudada. De acordo com essa concepção, as atividades pedagógicas devem priorizar a comunicação, por meio de jogos, dramatizações etc. O erro integra o processo de ensino e aprendizagem, entendido como um estágio provisório de interlíngua, por meio do qual os alunos podem testar as possibilidades de uso da língua. Embora a abordagem comunicativa tenha se apresentado como reação à visão estruturalista da língua, concentrando-se nos aspectos semânticos e não no código lingüístico, ela começa a ser criticada por alguns intelectuais que passaram a questionar as intenções subjacentes ao ensino comunicativo de proporcionar, por meio de estratégias conversacionais, o uso da língua estrangeira para se inserir na outra cultura.

Em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n. 9.394, determinou a oferta obrigatória de pelo menos uma língua estrangeira moderna no Ensino Fundamental, a partir da quinta série, cuja escolha do idioma foi atribuída a comunidade escolar, conforme suas possibilidades de atendimento (Art. 26, §5.º).

Em meados da década de 80, com a redemocratização do país, os professores de línguas estrangeiras, organizados em associações e após pesquisa junto aos alunos, lideraram um amplo movimento pelo retorno da pluralidade da oferta de língua estrangeira nas escolas públicas. Por questões políticas, econômicas, sociais e outras em 05 de agosto de 2005 foi criada a lei 11.161 que decretou a obrigatoriedade da oferta da língua inglesa nos estabelecimentos de Ensino Médio.

Em 2008 é ofertado o ensino extracurricular (CELEM), plurilinguista e gratuito de cursos básicos e de aprimoramento em língua estrangeira moderna para alunos da rede estadual da educação básica matriculados no Ensino Fundamental (anos finais), no Ensino Médio, Educação Profissional e Educação de Jovens e Adultos, bem como garante a oferta destes cursos e sua extensão ao atendimento à comunidade, professores e agentes educacionais. Neste estabelecimento de ensino oferta-se na grade curricular do Ensino Médio o espanhol e assim justifica-se a oferta da Língua Estrangeira Moderna Inglês como CELEM.

O objetivo do ensino-aprendizagem da língua estrangeira é o engajamento discursivo, apresentando-se como espaço para ampliar o contato com outras formas de conhecer, com outros procedimentos interpretativos de construção da realidade, devendo também contribuir para formar alunos críticos e transformadores.

Desta forma, o aluno deverá ser capaz de:

- possibilitar o uso da língua estrangeira em situações de comunicação – produção e compreensão de textos verbais e não verbais;
- proporcionar alternativas de criar outros discursos para comunicar-se com eles;
- reconhecer e compreender a diversidade linguística e cultural para o desenvolvimento cultural do país.

2 CONTEUDO ESTRUTURANTE

Discurso como prática social. A fala é a prática discursiva mais utilizada pois as atividades orais precisam oferecer condições ao aluno falar com fluência em situações formais aproveitando os recursos expressivos da língua, praticar e aprender, o falar e o ouvir.

3 CONTEÚDOS BÁSICOS

Conforme é apontado nas Diretrizes, os conteúdos não serão por séries, mas serão estabelecidos critérios para definir os conteúdos para o ensino.

O trabalho com a língua estrangeira fundamenta-se na diversidade de gêneros discursivos e busca expandir a compreensão dos diversos usos da linguagem, bem como a ativação de procedimentos interpretativos alternativos no processo de construção de significados possíveis.

Leitura:

- Identificação do tema, do argumento principal e dos secundários.
- Interpretação observando: conteúdo veiculado, fonte, intencionalidade e intertextualidade do texto.
- Linguagem não-verbal.
- As particularidades do texto em registro formal e informal.
- Finalidades do texto.
- Estética do texto literário.
- Realização de leitura não linear dos diversos textos.

Oralidade:

- Variedades lingüísticas.
- Intencionalidade do texto.
- Particularidade de pronúncias da língua estudada em diferentes países.
- Finalidade do texto oral.
- Elementos extralingüísticos: entonação, pausas, gestos.

Escrita:

- Adequação ao gênero: elementos composicionais, elementos formais e marcas lingüísticas.
- Paragrafação.
- Clareza de idéias.
- Adequar o conhecimento adquirido à norma padrão.

Análise Lingüística:

- Coesão e coerência.
- Função dos pronomes, artigos, adjetivos, numerais preposições, advérbios,
- locuções adverbiais, conjunções, verbos, palavras interrogativas, substantivos, substantivos contáveis e incontáveis, falsos cognatos, discurso direto e indireto, vozes verbais, verbos modais, concordância verbal e nominal, orações condicionais, *phrasal verbs* e outras categorias como elementos do texto.
- Acentuação. (espanhol)
- Vocabulário.
- Pontuação e seus efeitos de sentido no texto.

3 CURSO BÁSICO DO CELEM (02 ANOS DE DURAÇÃO)

3.1 CONTEÚDOS BÁSICOS - P1

ESFERA SOCIAL DE CIRCULAÇÃO E SEUS GÊNEROS TEXTUAIS

Esfera cotidiana de circulação: Bilhete Carta pessoal Cartão felicitações Cartão postal Convite Letra de música Receita culinária	Esfera publicitária de circulação: Anúncio** Comercial para radio* <i>Folder</i> Paródia Placa Publicidade Comercial Slogan	Esfera produção de circulação: Bula Embalagem Placa Regra de jogo Rótulo	Esfera jornalística de circulação: Anúncio classificados Cartum <i>Charge</i> Entrevista** Horóscopo Reportagem** Sinopse de filme
Esfera artística de circulação: Autobiografia Biografia	Esfera escolar de circulação: Cartaz Diálogo** Exposição oral* Mapa Resumo	Esfera literária de circulação: Conto Crônica Fábula História em quadrinhos Poema	Esfera midiática de circulação: Correio eletrônico (<i>e-mail</i>) Mensagem de texto (SMS) Telejornal* Telenovela* Videoclipe*

* Embora apresentados oralmente, dependem da escrita para existir.

** Gêneros textuais com características das modalidades escrita e oral de uso da língua.

PRÁTICA DISCURSIVA: Oralidade

Fatores de textualidade centradas no leitor:

- Tema do texto;
- Aceitabilidade do texto;
- Finalidade do texto;
- Informatividade do texto;
- Intencionalidade do texto;
- Situacionalidade do texto;
- Papel do locutor e interlocutor;
- Conhecimento de mundo;
- Elementos extralinguísticos: entonação, pausas, gestos;
- Adequação do discurso ao gênero;
- Turnos de fala;
- Variações linguísticas.

Fatores de textualidade centradas no texto:

- Marcas linguísticas: coesão, coerência, gírias, repetição, recursos semânticos;
- Adequação da fala ao contexto (uso de distintivos formais e informais como conectivos, gírias, expressões, repetições);
- Diferenças e semelhanças entre o discurso oral ou escrito.

PRÁTICA DISCURSIVA: Leitura

Fatores de textualidade centradas no leitor:

- Tema do texto;
- Conteúdo temático do gênero;
- Elementos composicionais do gênero;
- Propriedades estilísticas do gênero;
- Aceitabilidade do texto;
- Finalidade do texto;
- Informatividade do texto;
- Intencionalidade do texto;
- Situacionalidade do texto;
- Papel do locutor e interlocutor;
- Conhecimento de mundo;
- Temporalidade;
- Referência textual.

Fatores de textualidade centradas no texto:

- Intertextualidade;
- Léxico: repetição, conotação, denotação, polissemia;
- Marcas linguísticas: coesão, coerência, função das classes gramaticais no texto, pontuação, figuras de linguagem, recursos gráficos (aspas, travessão, negrito);
- Partículas conectivas básicas do texto.

PRÁTICA DISCURSIVA: Escrita**Fatores de textualidade centradas no leitor:**

- Tema do texto;
- Conteúdo temático do texto;
- Elementos composicionais do gênero;
- Propriedades estilísticas do gênero;
- Aceitabilidade do texto;
- Finalidade do texto;
- Informatividade do texto;
- Intencionalidade do texto;
- Situacionalidade do texto;
- Papel do locutor e interlocutor;
- Conhecimento de mundo
- Temporalidade;
- Referência textual.

Fatores de textualidade centradas no texto:

- Intertextualidade;
- Partículas conectivas básicas do texto;
- Vozes do discurso: direto e indireto;
- Léxico: emprego de repetições, conotação, denotação, polissemia, formação das palavras, figuras de linguagem;
- Emprego de palavras e/ou expressões com mensagens implícitas e explícitas;
- Marcas linguísticas: coesão, coerência, função das classes gramaticais no texto, pontuação, figuras de linguagem, recursos gráficos (como aspas, travessão, negrito);
- Acentuação gráfica;
- Ortografia;
- Concordância verbal e nominal.

3.2 CONTEÚDOS BÁSICOS - P2

ESFERA SOCIAL DE CIRCULAÇÃO E SEUS GÊNEROS TEXTUAIS

<p>Esfera cotidiana de circulação: Comunicado Currículum Vitae Exposição oral* Ficha de inscrição Lista de compras Piada** Telefonema*</p>	<p>Esfera publicitária de circulação: Anúncio** Comercial para televisão* <i>Folder</i> Inscrições em muro Propaganda** Publicidade Institucional</p>	<p>Esfera produção de circulação: Instrução de montagem Instrução de uso Manual técnico Regulamento</p>	<p>Esfera jornalística de circulação: Artigo de opinião Boletim do tempo** Carta do leitor Entrevista** Notícia** Obituário Reportagem**</p>
	Slogan		
<p>Esfera jurídica de circulação: Boletim de ocorrência Contrato Lei Ofício Procuração Requerimento</p>	<p>Esfera escolar de circulação: Aula em vídeo* Ata de reunião Exposição oral Palestra* Resenha Texto de opinião</p>	<p>Esfera literária de circulação: Contaçõ de história* Conto Peça de teatro* Romance Sarau de poema*</p>	<p>Esfera midiática de circulação: Aula virtual Conversaçõ <i>chat</i> Correio eletrônico (<i>e-mail</i>) Mensagem de texto (SMS) Videoclipe*</p>

* Embora apresentados oralmente, dependem da escrita para existir.

** Gêneros textuais com características das modalidades escrita e oral de uso da língua.

PRÁTICA DISCURSIVA: Oralidade

Fatores de textualidade centradas no leitor:

- Tema do texto;
- Aceitabilidade do texto;
- Finalidade do texto;
- Informatividade do texto;
- Intencionalidade do texto;
- Situacionalidade do texto;
- Papel do locutor e interlocutor;
- Conhecimento de mundo;
- Elementos extralinguísticos: entonação, pausas, gestos;
- Adequação do discurso ao gênero;
- Turnos de fala;
- Variações linguísticas.

Fatores de textualidade centradas no texto:

- Marcas linguísticas: coesão, coerência, gírias, repetição, recursos semânticos;
- Adequação da fala ao contexto (uso de distintivos formais e informais como conectivos, gírias, expressões, repetições);
- Diferenças e semelhanças entre o discurso oral ou escrito.

PRÁTICA DISCURSIVA: Leitura

Fatores de textualidade centradas no leitor:

- Tema do texto;
- Conteúdo temático do texto;
- Elementos composicionais do gênero;
- Propriedades estilísticas do gênero;
- Aceitabilidade do texto;
- Finalidade do texto;
- Informatividade do texto;
- Intencionalidade do texto;
- Situacionalidade do texto;

- Papel do locutor e interlocutor;
- Conhecimento de mundo;
- Temporalidade;
- Referência textual.

Fatores de textualidade centradas no texto:

- Intertextualidade;
- Léxico: repetição, conotação, denotação, polissemia;
- Marcas linguísticas: coesão, coerência, função das classes gramaticais no texto, pontuação, figuras de linguagem, recursos gráficos (aspas, travessão, negrito);
- Partículas conectivas básicas do texto;
- Elementos textuais: levantamento lexical de palavras italicizadas, negritadas, sublinhadas, números, substantivos próprios;
- Interpretação da rede de relações semânticas existentes entre itens lexicais recorrentes no título, subtítulo, legendas e textos.

PRÁTICA DISCURSIVA: Escrita

Fatores de textualidade centradas no leitor:

- Tema do texto;
- Conteúdo temático do texto;
- Elementos composicionais do gênero;
- Propriedades estilísticas do gênero;
- Aceitabilidade do texto;
- Finalidade do texto;
- Informatividade do texto;
- Intencionalidade do texto;
- Situacionalidade do texto;
- Papel do locutor e interlocutor;
- Conhecimento de mundo;
- Temporalidade;
- Referência textual.

Fatores de textualidade centradas no texto:

- Intertextualidade;
- Partículas conectivas básicas do texto;
- Vozes do discurso: direto e indireto;
- Léxico: emprego de repetições, conotação, denotação, polissemia, formação das palavras, figuras de linguagem;
- Emprego de palavras e/ou expressões com mensagens implícitas e explícitas;
- Marcas linguísticas: coesão, coerência, função das classes gramaticais no texto, pontuação, figuras de linguagem, recursos gráficos (como aspas, travessão, negrito);
- Acentuação gráfica;
- Ortografia;
- Concordância verbal e nominal.

4 METODOLOGIA

Serão abordadas questões lingüísticas, sociopragmáticas, culturais e discursivas, assim como as práticas do uso da língua: leitura, oralidade e escrita. O ponto de partida da aula de Língua Estrangeira Moderna será o texto como unidade de linguagem em uso, ou seja, de comunicação verbal, escrita ou visual. Esse texto trará uma problematização em relação a um tema. A busca por sua solução deverá despertar o interesse dos alunos para que desenvolvam uma prática analítica e crítica, ampliem seus conhecimentos linguístico-culturais e percebam as

implicações sociais, históricas e ideológicas presentes num discurso e que nele se revele o respeito às diferentes culturas, crenças e valores (assegurando a cultura afro-brasileira e indígena).

Neste contexto, o aluno, agente do processo pedagógico, deve ser instigado pelo professor a buscar respostas e soluções aos seus questionamentos, necessidades e anseios relativos à aprendizagem.

Propõe-se a fazer da aula de LEM um espaço para que o aluno reconheça e compreenda a diversidade linguística e cultural de sua realidade, oportunizando-o a engajar-se discursivamente e a perceber possibilidades de construção de significados em relação ao mundo em que vive.

Serão trabalhados textos, músicas, filmes, diálogos, jogos entre outros a fim de que o aluno saiba e enfrente as situações de leitura com sucesso, sabendo reconhecer as informações essenciais de qualquer tipo de texto.

Textos de crescentes graus de dificuldade darão suporte para o aluno compreender a realidade linguística e ser capaz de perceber as ideias principais de cada texto com autonomia.

O professor utilizará também os seguintes recursos tecnológicos: livros didáticos, público, dicionários, livros paradidáticos, vídeos, DVD, CD-ROM, Internet, TV Multimídia.

A Lei nº 10639/2003 referente a história e cultura afro-brasileira e africana, educação no campo será respeitada na desconstrução dos preconceitos em relação a prática escolar e linguagem, relacionando os desafios educacionais contemporâneos de gênero, diversidade sexual, educação indígena e inclusão escolar.

Entende-se que o ensino da língua estrangeira deve possibilitar ao aluno relações com culturas e ideologias diversas, objetivando desenvolver consciência e postura crítica sobre seu papel no mundo.

Desta forma é importante ao professor:

- Organizar apresentações de textos produzidos pelos alunos.
- Orientar sobre o contexto social de uso do gênero oral trabalhado.
- Estimular a expressão oral.
- Desenvolver atividades de leitura.
- Contextualizar a produção.
- Utilizar textos verbais diversos que dialoguem contextos não-verbais.

- Encaminhar e acompanhar a reescrita textual.
- Analisar a produção quanto à coerência, coesão, continuidade temática.

5 AVALIAÇÃO

A avaliação em Língua Estrangeira, tem como objetivo verificar o crescimento do educando e deve ser entendida como um dos aspectos do ensino, através do qual o professor interpreta os resultados do ensino/aprendizagem, ou seja, de seu próprio trabalho. Sua finalidade é acompanhar, diagnosticar, reavaliar e aperfeiçoar o processo de aprendizagem dos alunos, seus resultados, atribuindo-lhes valor.

O diagnóstico permeará o trabalho fazendo com que haja reflexão e crítica sobre o processo de ensino/aprendizagem não só no desenvolvimento dos educandos, mas, principalmente para verificar o desenvolvimento global da ação pedagógica.

Conforme contempla o PPP, as avaliações serão diagnósticas, somativas e formativas. Nas avaliações se prepondera os aspectos qualitativos da aprendizagem sobre os quantitativos, isso quer dizer que, dar-se-á maior importância crítica, a capacidade de síntese e a elaboração pessoal e social, sobre a memorização isto quer dizer que avaliação do desempenho do aluno e de seu rendimento escolar será contínua, cumulativa e permanente.

Como instrumentos técnicas e metodologias de avaliação serão utilizados instrumentos variados, ou seja, será trabalhado com alunos testes ou provas de relatórios, exposição oral, trabalhos de criação, observação que poderão ser espontâneos ou dirigidos, experimentação prática, atividades de pesquisa, trabalhos individuais ou em grupo, produção de, síntese e análise de textos, jornais e revistas, exercícios e outras formas mais que se fizerem presentes e necessárias, entre outras.

Os critérios avaliativos serão determinados de acordo com os conteúdos básicos: leitura, escrita e oralidade, que pretendem levar o aluno à realizar leitura compreensiva de textos, localizar informações, argumentar, ampliar horizonte de expectativas, ampliar o vocabulário, identificar o gênero e a esfera de circulação do mesmo, identificar o tema e as intenções do autor, o sentido conotativo e denotativo das palavras e a expressão clara de ideias, elaborar textos concisos e coerentes com o gênero, a esfera de circulação e a continuidade temática propostos, pontuar,

usar corretamente os recursos linguísticos, participar ativamente de relatos, diálogos, discussões e interpretações.

A individualidade do aluno e seu domínio dos conteúdos necessários deverão ser assegurados nas decisões sobre o processo de avaliação será respeitada, bem como, a sua participação nas atividades realizadas em sala de aula.

A recuperação de aprendizagem será paralela durante o processo ensino-aprendizagem é entendida como um dos aspectos do seu desenvolvimento contínuo no qual o aluno, com aproveitamento insuficiente disponha de condições próprias que lhe possibilitem a apreensão dos conteúdos básicos necessários. Deverá constituir um conjunto integrado ao processo de ensino além de se adequar às dificuldades do aluno.

Aos alunos portadores de necessidades educativas especiais será ofertada a flexibilização curricular e adaptação avaliativa.

- Pertinência do uso dos elementos discursivos textuais, estruturais e normativos.
- Reconhecimento de palavras e expressões e sequencia.
- Compreensão de argumentos no discurso do outro.
- Participação ativa em diálogos, relatos, discussões.
- Utilização de expressões não verbais.

O aluno será considerado aprovado quando: obtiver frequência igual ou superior a 75% do total de horas lecionadas; a avaliação final deverá considerar para efeito de promoção ou retenção todos os resultados obtidos durante o ano ou período letivo, considerando-se aprovado, com relação a apuração do aproveitamento: o aluno que obtiver média 6,0 (seis vírgula zero) ou superior na soma dos quatro bimestres, sendo a duração do curso de dois anos letivos, com carga horária de 320 horas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Michail (Volochinov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. De Michel Lahud e Yara Frateschi. 9 ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

BRASIL, Ministério da Educação. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional (LDBs)**. Brasília: MEC, 1996.

PARANÁ, SEED – Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes curriculares rede pública de educação básica do Estado do Paraná Língua Estrangeira Moderna.** Curitiba: disponível em <http://diaadiaeducacao.pr.gov.br>, 2009.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem.** Trad. J. Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

PLANEJAMENTO PACCC – CULTURA E ARTE

IDENTIFICAÇÃO

PROFESSORA: MARISA ELIANE CONDE RODRIGUES

DISCIPLINA: ARTE

COLÉGIO ANTONIO XAVIER DA SILVEIRA

ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

JUSTIFICATIVA

Em Arte trabalham-se os seguintes conteúdos: História da Arte, Artes Visuais e suas linguagens, teatro e seus elementos, Dança, Música e seus elementos.

Pode-se dizer que a ARTE nada mais é do que uma linguagem de sinais com contexto histórico, trazendo à tona a diferença cultural e geográfica.

Com isso a ARTE nesse projeto tem como objetivo possibilitar e promover conhecimentos ideológicos, buscando assim o fortalecimento do poder da subjetividade do ser, ou seja, a ARTE é uma arma que funciona como construtora de identidade criativa do indivíduo na área de comunicação através das manifestações artísticas e culturais.

Portanto a ARTE não veio apenas para ser contemplada, mas serve como instrumento da compreensão das formas de vida do ser humano no contexto histórico e através deste conhecimento contextualizar as produções artísticas que a sociedade impôs no decorrer da história.

Desta maneira a ARTE segue a proposta citada pelo sistema educacional, onde deve-se buscar o crescimento intelectual e sentimental do indivíduo, priorizando seu intelecto em construção.

CONTEÚDOS

- 7 Teatro de fantoche
- 8 Teatro fórum
- 9 Diversidade cultural
- 10 Jogos teatrais
- 11 Expressão corporal
- 12 Expressão facial
- 13 Expressão vocal

OBJETIVOS ESPECIFICOS:

- Analisar, refletir e compreender os diferentes processos artísticos, com seus diferentes instrumentos de ordem material e ideal, como manifestações socioculturais e históricas.

- Conhecer, analisar, refletir e compreender critérios culturalmente construídos e embasados em conhecimentos afins, de caráter filosófico, histórico, sociológico, antropológico, semiótico, científico e tecnológico, entre outros.
- Apreciar produtos de arte, em suas várias linguagens, desenvolvendo tanto a fruição quanto a análise estético

SEQUENCIAS METODOLOGICAS E AVALIATIVAS

ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS:

A metodologia está centrada em três momentos na organização pedagógica:

- **Sentir e perceber**
- **Conhecimento histórico sobre o teatro**
- **Trabalhos artísticos (o fazer artístico) e suas representações**

O teatro ensina divertindo, às vezes brincando; projeta pessoas conscientes sem inibições, para a concorrência profissional do dia a dia, o saber falar, articular e aprender a arte do improviso; concentração é o papel fundamental para a vida do ser humano.

O teatro nos faz desinibidos para falar em público, assumir os papéis dos personagens, criar gestos, exprimir emoções, aprender a distinguir modos e formas, aprender a ler e memorizar textos; onde tudo isso contribuirá para melhorar o processo ensino aprendizagem dos alunos contemplado por esse projeto. Através das técnicas de fantoche, fórum, mímicas.

Também deve-se prestar atenção nas questões artísticas que a região e a comunidade produz.

É clara a diversidade envolvendo trabalhos na área de arte, onde pode-se trabalhar os conteúdos em equipes, analisar imagens, conhecer os tipos de teatro: de fantoche, teatro fórum e as diversidades de gênero com aulas expositivas na TV pen-drive, data-show, pesquisas, teatro, música, dança, pintura, técnicas de desenho e colagem com a construção de fantoches, Além dos métodos citados também serão utilizados jornais, revistas, lápis, compasso, régua, etc.

Todos os conteúdos estarão interligados às ações realizadas pela instituição educacional onde serão trabalhados elementos formais, composição, movimentos e períodos, bem como DESAFIOS EDUCACIONAIS CONTEMPORÂNEOS: Cultura Indígena e Afro-brasileira, Educação Fiscal, Sexualidade, Meio-Ambiente, Violência e Drogas.

AVALIAÇÃO

Como instrumentos e técnicas com trabalhos de criação individual ou em grupo, como: observação espontânea ou dirigida, desenhos, maquetes, exercícios de verificação, pesquisas, participação nas atividades propostas, apresentações artísticas e experimentações práticas.

Em cada instrumento de avaliação, sendo valores cumulativos em várias aferições, na seqüência e ordenação de conteúdos.

Na recuperação de estudos (paralela), o professor deverá considerar a aprendizagem do aluno no decorrer do processo ensino-aprendizagem e após-verificação de conteúdos, proporcionar novas situações de aprendizagem para os alunos de baixo rendimento e/ou os que queiram melhorar seus resultados. Será realizada através de uma apresentação com todos os alunos da turma dos conteúdos realizados no decorrer do projeto, com peso 10,0, sendo ainda de forma substitutiva sempre prevalecendo a nota maior ao educando

Os resultados do dia-a-dia são comunicados á direção e equipe pedagógica do colégio.

De acordo com a Lei 9394/96 da LDB, capítulo V, artigo 58, os alunos com necessidades especiais serão avaliados de acordo com as suas necessidades específicas. Para os alunos da sala de recursos, serão feitas adaptações com referência as avaliações, pois as mesmas deverão ser sintetizadas.

A cada período será feita uma retomada do processo metodológico para que dessa forma possa-se medir o desempenho profissional do docente e, a partir disto, permitir a formação de um juízo de valor sobre o que foi observado nessa medição. Tendo esses elementos à mão, fica possível estabelecer as competências a serem desenvolvidas e aperfeiçoadas com o intuito de corrigir e calibrar ações destinadas à melhoria da qualidade de ensino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Ana Mae I. B. **A imagem no ensino da arte.** São Paulo: Perspectiva,1991.

BARBOSA, Ana Mae I. B. **Inquietações no ensino da arte.** São Paulo: Cortez 2002.

CADERNO DE ARTE 1 E 2 .Artes Plásticas, Teatro e música. Secretaria do Estado da Educação do Paraná. Departamento de Ensino de Primeiro Grau: Curitiba-PR.

CAMPOS, Neide P. **A construção do olhar estético crítico do educador.** Florianópolis: UFSC, 2002.

CANDAU, Vera Maria (org.). **Sociedade, educação e cultura: questões e propostas.** Petrópolis, Rio de Janeiro:Vozes, 2002.

CURRÍCULO BÁSICO PARA A ESCOLA PÚBLICA DO ESTADO DO PARANÁ. Curitiba-PR.

FERRAZ, M.; FUSARI, M.R. **Metodologia do ensino da Arte.** 2ª ed. São Paulo: Cortez,1993.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda.**Dicionário da Língua Portuguesa.**3ª ed. Curitiba: Positivo,2004.

LIVRO DIDÁTICO PÚBLICO - SEED, Curitiba, 2006.

HOUAISS, Antônio e Vilar, M. de S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MARCHESI JÚNIOR, Isaías. **Atividades de Educação Artística**, Volume 1,2,3,e4. São Paulo, Ática.

MARQUES, Isabel A. **Ensino de dança hoje: textos e contextos**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **Dançando na escola**. São Paulo: Cortez, 2003.

OSTROWER, Fayga P. **Universos da Arte**, 7ª ed. Rio de Janeiro: Campus, 1991.

PAREYSON, L. **Os problemas da estética**. São Paulo. Martins Fontes, 1997.

PROENÇA, Graça, **História da Arte**. São Paulo: Ática 1994

REZENDE E FUSARI, **Arte na Educação Escolar**. São Paulo: Cortez. 1992.

_____. **A imaginação e a arte na infância**. São Paulo, Martins Fontes, 1987

GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ, SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO – **Diretrizes Curriculares De Arte - 2008**

ELITON EDUARDO CANDIDO

**PLANO DE TRABALHO DOCENTE
HORA TREINAMENTO**

Plano de Trabalho Docente, entregue pelo Profº Eliton Eduardo Candido, ao Colégio Antônio Xavier da Silveira, para o 2º semestre do ano letivo de 2011.

Irati/2011

PLANO DE TRABALHO DOCENTE

CONTEÚDOS

Conteúdo Estruturante

Esporte

Conteúdos Básicos

Vôlei

Abordagem Pedagógica

- Recorte histórico, delimitando tempos e espaços;
- Regras Oficiais;
- Fundamentos Técnicos e Táticos;
- Mini-Voleibol

Expectativa de Aprendizagem

- Reconhecer as transformações acontecidas durante os anos;
- Reconhecer as diferenças entre esporte rendimento e jogos;
- Reconhecer a importância das regras para a prática da modalidade esportiva e para o convívio social;
- Realizar os movimentos técnicos e táticos de forma adequada;

14 JUSTIFICATIVA

Atualmente o voleibol está entre os esportes mais populares em todo o mundo, sendo que 85% dos atletas de equipes adultas no mundo vêm de categorias básicas e, particularmente, nas divisões básicas do voleibol (CANFIELD, 1998). Desta maneira, é de importância que, para seu desenvolvimento futuro, um grande número de crianças, em todos os países, sejam levadas a praticá-lo o mais cedo possível, sendo que esta possibilidade pode ser fomentada por projetos escolares. Isto vem sendo facilitado devido ao destaque que o Brasil vem tendo na modalidade, o que faz com que as crianças sintam-se motivadas a ampliar suas capacidades esportivas, identificando-se com um ou outro ídolo, vivência muito comum nesta fase.

As vantagens da prática deste esporte pela criança podem ser distinguidas no plano físico, intelectual ou cognitivo e moral ou afetivo (CASSIGNOL, 1978; SINGER & DICK, 1980). Sobre o plano da psicomotricidade, o vôlei desenvolve a destreza, a coordenação, a capacidade de reação, a velocidade e o domínio sobre si mesmo. Neste plano os comportamentos podem ser caracterizados pelo verbo fazer. O aspecto intelectual ou cognitivo abrange as habilidades intelectuais do aluno, assim como seu conhecimento e sua capacidade de demonstrar esse conhecimento. E no

plano moral, desenvolve o espírito de apoio, de ajuda e facilita a interação social progressiva (CASSIGNOL, 1978). No aspecto afetivo deve-se estar atento a basicamente a 12 características, tais como: agressividade, tensão, medo, determinação, desatenção, atenção, nervosismo, tranquilidade, falta de confiança, segurança, alegria, e motivação, as quais podem ser separadas em itens facilitadores positivos ou negativos e itens inibidores positivos e negativos (ROBAZZA et al., 2000).

Ressalta-se ainda que a idade de 8 a 12 anos é a melhor idade para aprender, fase em que a criança consegue exercer domínio sobre seu corpo, possuindo um interesse muito grande em aprender e fazer, em buscar o novo. O bom aproveitamento desta fase implicará na formação de uma base física/motora de ótima constituição, sobre a qual se dará, nas fases futuras de treinamento, um aperfeiçoamento de caráter altamente eficaz (WEINECK, 1991). Desta maneira, a prática de esporte é uma etapa muito importante para a criança, tanto nos aspectos emocionais como físicos, principalmente nas fases de pré-adolescência e adolescência onde ela está começando a se socializar e querer pertencer a um grupo, assim como esta é uma fase que o esporte de impacto auxiliará no fortalecimento dos ossos.

3. ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS e RECURSOS DIDÁTICOS/TECNOLÓGICOS

Como encaminhamento metodológico irei utilizar atividades em grupo e individuais, atividades práticas para a vivência dos conteúdos trabalhados e utilização de vídeos.

As etapas metodológicas seguem o quadro abaixo:

1ª Etapa

Jogos – Pequenos Jogos, Bola por cima da rede e vôlei 1 x 1;

Táticas – Cooperação e antecipação, Movimentação na direção da bola e regras oficiais;

Técnicas – Segurar e apanhar a bola, arremessar e jogar e passe e toque.

2ª Etapa

Jogos – Pequenos jogos, bola por cima da rede e vôlei 2 x 2;

Táticas – Cooperação e observação do adversário, antecipação de bola e regras básicas;

Técnicas – Segurar e apanhar, passe de manchete, passe de toque, recepção, levantamento, ataque e passe e saque por baixo.

3ª Etapa

Jogos – Pequenos jogos;

Táticas – Uso da tática dos movimentos, táticas base de equipe e regras de jogo;

Técnicas – Passe de manchete e recepção de saque, defesa de cortada, passe de toque, levantamento e ataque, saque tipo tênis e cortada.

4ª Etapa

Jogos – Jogos 4 x 4;

Táticas – Tática individual, formação de equipe, sistema tático de defesa e ataque;

Técnicas - Bloqueio e ataque, colocada simples e saque colocado.

5ª Etapa

Jogos – Grande jogo 6 x 6;

Táticas – Formação de equipe, sistemas de cobertura e uso do libero;

Técnicas – Aperfeiçoamento dos fundamentos e jogadas ensaiadas.

4. CRITÉRIOS E INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO/RECUPERAÇÃO

A avaliação será realizada da forma proposta no Projeto Político Pedagógico (PPP) do Colégio, com base nas Diretrizes Curriculares quando propõem uma avaliação diagnóstica, contínua e cumulativa sempre considerando a individualidade dos alunos bem como suas experiências individuais e coletivas.

A avaliação deve levar em conta a faixa etária dos alunos, o grau de autonomia e discernimento que possuem.

Serão utilizados vários instrumentos de avaliação, tais como: avaliação oral, avaliação prática, participação nas atividades e demonstração da compreensão e aquisição do conhecimento dos conteúdos trabalhados e a observação continua dos mesmos.

5. REFERÊNCIAS

- CANFIELD, J.; REIS, C. *Aprendizagem motora no voleibol*. Rio de Janeiro: JTC, 1998.
- CASSIGNOL, R. *Las cinco etapas del voleibol*. Buenos Aires: Kapelusz, 1978.

- QUADROS, Paulo K. Jr.; QUADROS, Teresa M. B.; GORDIA, Alex P. Proposta metodológica para o mini-voleibol: uma estratégia para iniciação esportiva de crianças. Buenos Aires: Revista Digital, Julio de 2007. disponível em: www.efdeportes.com/ acessado em 28 de novembro de 2011.
- SINGER, R. N.; DICK, W. *Ensino da Educação Física: Abordagem sistêmica*. Porto Alegre: Editora Globo, 1980.
- ROBAZZA, C.; BORTOLI, L.; NOCINI, F.; MOSER, G.; ARSLAN, C. *Normative and idiosyncratic measures of positive and negative affect in sport*. Psychology of sport and exercise, v. 1, p. 103-116, 2000.
- WEINECK, J. *Biologia do esporte*. São Paulo: Manole, 1991.

**MATRIZ CURRICULAR DO CURSO DE FORMAÇÃO DE DOCENTES
INTEGRADO**

NRE: 15 – IRATI		MUNICÍPIO: 1080 - IRATI			
ESTABELECIMENTO: 00031 - ANTONIO XAVIER DA SILVEIRA, C. E. FUND. MÉDIO E NORMAL					
ENT. MANTENEDORA: GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ					
CURSO:	0489 - FORM. D. EIAIEFU	TURN O:	TARDE		
ANO DE IMPLANTAÇÃO: 2010 - GRADATIVA		MÓDU LO:	40 SEMANAS		
	DISCIPLINAS / SÉRIE	1	2	3	4
BASE NACIONAL COMUM	ARTE	2	-	-	-
	BIOLOGIA	2	2	-	-
	EDUCAÇÃO FÍSICA	2	2	2	2
	FILOSOFIA	2	2	-	-
	FÍSICA	-	-	3	2
	GEOGRAFIA	3	-	-	-
	HISTÓRIA	2	2	-	-
	LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA	2	3	2	3
	MATEMÁTICA	2	2	4	2
	QUÍMICA	-	-	2	2
	SOCIOLOGIA	2	2	-	-
	SUB-TOTAL	19	15	13	11
PD	LEM-INGLÊS	-	-	2	2
FE	CONCEPÇÕES NORTEADORAS ED. ESP	-	2	-	-
	FUNDAMENTOS FILOS. EDUCAÇÃO	-	-	2	-
	FUNDAMENTOS HIST. EDUCAÇÃO	2	-	-	-
	FUNDAMENTOS HIST. POL. DA ED. INF.	-	2	-	-
	FUNDAMENTOS PSICOL. DA EDUCAÇÃO	2	-	-	-
	FUNDAMENTOS SOCIOL. EDUCAÇÃO	-	2	-	-
	LITERATURA INFANTIL	-	-	2	-
	METODOL. ENS. CIÊNCIAS	-	-	-	2
	METODOL. ENS. DE ARTE	-	-	-	2
	METODOL. ENS. EDUC. FÍSICA	-	-	-	2
	METODOL. ENS. GEOGRAFIA	-	-	-	2
	METODOL. ENS. HISTÓRIA	-	-	-	2
	METODOL. ENS. MATEMÁTICA	-	-	2	-
	METODOLOGIA DO ENS. PORT. ALFAB.	-	-	2	2
	ORGANIZAÇÃO DO TRAB. PEDAGÓGICO	2	2	-	-
TRABALHO PEDAG. NA EDUC. INFANTIL	-	2	2	-	
FE	SUB-TOTAL	6	10	10	12
FE	PRÁTICA DE FORMAÇÃO (EST. SUPE)	5	5	5	5
	SUB-TOTAL	5	5	5	5
	TOTAL GERAL	30	30	30	30
NOTA: MATRIZ CURRICULAR DE ACORDO COM A LDB N.º 9394/96					
Irati, 03 de março de 2010					

PROPOSTA PEDAGÓGICA CURRICULAR
CURSO DE FORMAÇÃO DE DOCENTES INTEGRADO
ARTE

1 – Ementa

A Arte compreende-se em quatro grandes eixos: música, dança, teatro e artes visuais: Conhecimento teórico-prático dos fundamentos do teatro, dança, música e artes visuais como elementos essenciais para a formação dos sentidos humanos e familiarização dos bens culturais produzidos na história da humanidade, bem como a Arte na História.

O conhecimento em Arte constitui-se pelos seus elementos formais e de composição, relacionados aos movimentos e períodos e a compreensão do tempo e espaço nas obras de arte e no cotidiano. Conhecimento teórico-prático dos elementos básicos da linguagem musical e a utilização da música como instrumental para a educação infantil e anos iniciais. Conhecimento teórico-prático dos fundamentos das artes visuais . Enfoque da arte como área do conhecimento nas suas dimensões de criação, apreciação e comunicação como instrumental para a educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental.

2 – Fundamentação Teórica

As diferentes formas de pensar o ensino de Arte são conseqüências do momento histórico no qual se desenvolveram, com suas relações socioculturais, econômicas e políticas.

Nas diversas teorias sobre a arte, são estabelecidas algumas referências sobre sua função, o que resulta também em diferentes posições: como a arte pode servir à ética, à política, à religião, à ideologia; ser utilitária ou mágica e transformar-se em mercadoria ou meramente proporcionar prazer.

Na educação, o ensino de Arte amplia o repertório cultural do aluno a partir dos conhecimentos estético, artístico e contextualizado, aproximando-o do universo cultural da humanidade nas suas diversas representações.

É necessário desenvolver no processo pedagógico uma práxis no ensino de Arte, onde ocorra a articulação entre os aspectos teóricos e metodológicos propostos para essa disciplina. Pretende-se que os alunos possam criar formas singulares de pensamento, apreender e expandir suas potencialidades criativas.

A partir das concepções da arte e de seu ensino, consideram os seguintes campos conceituais relativos ao objeto de estudo desta disciplina: o conhecimento estético está relacionado à apreensão do objeto artístico em seus aspectos sensíveis e cognitivos. O pensamento, a sensibilidade e a percepção articulam-se numa

organização que expressa esses pensamentos e sentimentos, sob a forma de representações artísticas como, por exemplo, palavras na poesia; sons melódicos na música; expressões corporais na dança ou no teatro; cores, linhas e forma na arte. O conhecimento artístico está relacionado com o fazer e com o processo criativo.

Considera desde o imaginário, a elaboração e a formalização do objeto artístico até o contato com o público. Durante esse processo, as formas resultantes das sínteses emocionais e cognitivas expressam saberes específicos na experiência com materiais, com técnicas e com os elementos formais básicos constitutivos das artes visuais,

Numa perspectiva dialógica, o tratamento dos conteúdos específicos da área se dá por meio da experiência estética, que mobilizará no sujeito uma percepção da arte em suas múltiplas dimensões cognitivas.

À parte das concepções abordadas, é fundamental que o ponto de vista adotado seja suficientemente amplo para considerar os aspectos relevantes da arte e do seu ensino, e, também, direcionado para oferecer conduções coerentes para o pensamento e a ação pedagógica.

A articulação dos conhecimentos estéticos, artísticos e contextualizados, aliados à práxis no ensino de Arte, possibilita a apreensão dos conteúdos da disciplina e das possíveis relações entre seus elementos constitutivos. Os conteúdos são selecionados a partir de uma análise histórica, com base num projeto de sociedade que busca superar desigualdades e injustiças, vindo a constituir uma abordagem fundamental para a compreensão desta disciplina.

Em Arte, a prática pedagógica contemplará as artes visuais, a dança, a música e o teatro; cuja organização é semelhante entre os níveis e modalidades da educação básica, sob a referência das relações estabelecidas entre a arte e a sociedade.

Dessa forma, o aluno terá acesso ao conhecimento presente nessas diferentes formas de relação da arte com a sociedade, conforme a proximidade com o seu universo. Por sua vez, ao selecionar os conteúdos específicos que desenvolverá, o professor enfocará essas formas de relação da arte com a sociedade com maior ou menor ênfase.

Desse modo, optou-se por uma organização curricular a partir do conceito de conteúdos estruturantes, os quais constituem uma identidade para a disciplina de Artes e uma prática pedagógica que inclui as quatro linguagens/áreas de arte.

Conteúdos estruturantes são conhecimentos de maior amplitude, são conceitos que constituem partes importantes e fundamentais para a compreensão de cada uma das linguagens e áreas de arte.

3 – Objetivos

- Analisar, refletir e compreender os diferentes processos artísticos, com seus diferentes instrumentos de ordem material e ideal, como manifestações socioculturais e históricas.
- Conhecer, analisar, refletir e compreender critérios culturalmente construídos e embasados em conhecimentos afins, de caráter filosófico, histórico, sociológico, antropológico, semiótico, científico, tecnológico, entre outros.
- Apreciar produtos de arte, em suas várias linguagens, desenvolvendo tanto a fruição quanto a análise estética.
- Perceber que o conhecimento estético está relacionado à apreensão do objeto artístico em seus aspectos sensíveis e cognitivos.
- Reconhecer que o conhecimento artístico está relacionado com o fazer e com o fazer e com o processo criativo.
- Aplicar as funções comunicativas da Arte em relação ao cotidiano.
- Compreender a Arte em todo o seu contexto histórico e sua herança.
- Fazer uso adequado das fontes de pesquisa relacionadas a Arte.
- Utilizar diferentes fontes de informação e recursos artísticos para adquirir e construir conhecimentos sobre Arte.
- Questionar a realidade formulando-se desenhos e tratando de resolvê-los , utilizando para isso o pensamento artístico, a criatividade, a intuição, a capacidade de análise crítica, selecionando procedimentos e verificando sua adequação.
- Expressar e comunicar suas idéias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação.

4 - Conteúdos

- Importância da Arte
- Linguagem não verbal
- Arte na Pré História
- Arte no Egito
- Arte na Mesopotâmia
- Arte Persa
- Cores quentes e cores frias
- Harmonia da Monocromia e Policromia
- Arte Pré-Colombiana
- Arte Grega
- Arte Romana

- Arte Africana
- Arte Bizantina
- Arte Gótica
- Folclore
- Elementos da Música
- Análise de Obras Artísticas
- Arte da Perspectiva
- Arte Humanista
- Arte Maneirista
- Renascimento
- Sombra própria e sombra projetada
- Barroco
- Neoclassicismo
- Arte social
- Romantismo
- Tipos de linhas
- Realismo
- Impressionismo
- Expressionismo
- Surrealismo
- Abstracionismo
- Fauvismo
- Figuras Geométricas na Arte
- Cubismo
- Futurismo
- Dadaísmo
- Concretismo
- Fotografia
- Pop-art
- Op Art
- Movimento Modernista
- Semana da Arte Moderna
- Cinema
- Jornal
- Dramatização de músicas e textos
- Teatro e jogos teatrais

5 - Metodologia

A metodologia está centrada em três momentos na organização pedagógica:

- Sentir e perceber
- Conhecimento histórico sobre Arte
- Trabalhos artísticos (o fazer artístico)

É importante que antes de escolher um desses momentos se faça uma pequena conversa para verificar a vivência cultural dos educandos.

Também deve-se prestar atenção nas questões artísticas que a região e a comunidade produz.

É clara a diversidade envolvendo trabalhos na área da Arte, onde pode-se trabalhar os conteúdos em equipes, analisar imagens de obras de arte, aulas expositivas na TV pen-drive, pesquisas, teatro, música, dança, pintura, técnicas de desenho e colagem. Além dos métodos citados também serão utilizados jornais, revistas, lápis, compasso, régua, etc.

Todos os conteúdos estarão interligados às ações realizadas pela instituição educacional onde serão trabalhados elementos formais, composição, movimentos e períodos, bem como desafios educacionais contemporâneos: Cultura Indígena e Afro-brasileira, Educação Fiscal, Sexualidade, Meio Ambiente, Violência e Drogas.

Na questão de alunos da sala de recursos e alunos de inclusão, serão feitas adaptações baseadas nas orientações pedagógicas como: síntese dos conteúdos, xérox e outros, porém sem que haja a exclusão dos conteúdos repassados aos alunos em sala de aula.

6 - Avaliação

A Avaliação será realizada da seguinte forma:

DIAGNÓSTICA: é aquela realizada durante todo o processo pedagógico para detectar se os alunos apresentam requisitos necessários para novas aprendizagens. É uma constante no dia a dia considerando-se o conjunto (comunidade escolar).

FORMATIVA: realizada durante todo o período, com a função de controle, verificando se os alunos estão atingindo os objetivos previstos. Através dela, os alunos conhecem os erros e acertos e encontram estímulo para o estudo.

CONTÍNUA E CUMULATIVA: artigo 23 da Lei 9394/96, inciso V- a verificação do rendimento escolar observará os seguintes critérios: avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais.

Como instrumentos e técnicas de avaliação serão utilizados: provas orais e escritas, objetivas e/ou subjetivas, questionários, tarefas específicas, elaboração de relatórios,

exposição oral, trabalhos de criação individual ou em grupo, como: observação espontânea ou dirigida, desenhos, maquetes, exercícios de verificação, pesquisas, participação nas atividades propostas, apresentações artísticas e experimentações práticas.

7 –Referências Bibliográficas

Teatro

- BERTHOLD, M. **História mundial do teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- BRANDÃO, J. **Teatro grego: origem e evolução**. São Paulo: Ars Poética, 1992.
- CAMARGO, R. G. **A sonoplastia no teatro**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Artes Cênicas, 1986.
- CARVALHO. Ê. J. C. **História e formação do ator**. São Paulo: Ática, 1989.
- CARVALHO. Ê. J. C. **O que é ator**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- COURTNEY, R. **Jogo, teatro & pensamento**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- GASSNER, J. **Mestres do teatro**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva/USP, 1974. v. 1.
- GUINSBURG, J. et al. **Semiologia do teatro**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1988.
- JAPIASSU, R. **Metodologia do ensino de teatro**. São Paulo: Papyrus, 2001.
- KOUDELA, I. D. **Jogos teatrais**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- MACHADO, N. J. **Ensaio transversais: cidadania e educação**. São Paulo: Escrituras, 1997.
- MAGALDI, S. **Iniciação do teatro**. São Paulo: Buriti, 1965.
- REVERBEL, O. **Um caminho do teatro na escola**. 2. ed. São Paulo: Scipione, 1997.
- ROSENFELD, A. **O teatro épico**. São Paulo: Buriti, 1965.
- ROUBINE, J. J. **A linguagem da encenação teatral: 1880-1980**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- SPOLIN, V. **Improvisação para o teatro**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- - Dança
- BOUCIER, P. **História da dança no ocidente**. São Paulo. Blume, 1981.
- BRIKMAN, L. **Linguagem do movimento corporal**. São Paulo, Summus, 1989.
- FUX, M. **Dança, experiência de vida**. São Paulo, Summus, 1983.
- GARAUDY, R. **Dançar a vida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979.
- GELB, M. **O aprendizado do corpo**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

Música

BARBOSA, A. M. B. (org) **Inquietações e mudanças no ensino da arte.** São Paulo: Cortez, 2002.

BOAL, A. **Jogos para atores e não atores.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999

HOWARD, W. **A música e a criança.** São Paulo: Summus, 1984.

JEANDOT, N. **Explorando o universo da música.** São Paulo: Scipione, 1990.

MARTINS, R. Educação musical: **conceitos e preconceitos.** Rio de Janeiro: **FUNARTE, 1985.**

MARSICO, L. O. A criança e a música. **Rio de Janeiro: Globo, 1982.**

MOURA, I. M. C. **Musicalizando crianças:** teoria e prática da educação musical. São Paulo: Ática, 1989.

OSTROWER, F. **Universos da arte.** Rio de Janeiro: Campus, 1983.

_____. **Criatividade e processos de criação.** Petrópolis: Vozes, 1987.

PENNA, M. **Reavaliações e buscas em musicalização.** São Paulo: Loyola, 1990.

WISNICK, J. M. **O som e os sentidos.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Artes Visuais

BARBOSA A. M. (org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte.** São Paulo: Cortez, 2002.

BARBOSA. A . M. (org.). **Arte-educação:** leitura no subsolo. São Paulo: Cortez, 1997.

BARBOSA. A. M. **A imagem no ensino da arte:** anos oitenta e novos tempos. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 1996.

BUORO, A. B. **Olhos que pintam:** a leitura da imagem e o ensino da arte. São Paulo: Educ/Fapesp/Cortez, 2002.

COELHO, T. **Dicionário crítico de política cultural:** cultura e imaginário. 2.ed. São Paulo: Iluminuras, 1999.

FERRAZ, M.; FUSARI, M. R. H. **Arte na educação escolar.** 3. ed. São Paulo: Cortez, 1993.

PROPOSTA PEDAGÓGICA CURRICULAR
CURSO DE FORMAÇÃO DE DOCENTES INTEGRADO
BIOLOGIA

1 - Ementa

A Ciência no decorrer da história da humanidade. Organização dos seres vivos, classificação e distribuição dos seres vivos. Mecanismos biológicos, funcionamento dos sistemas biológicos. Biodiversidade, relações ecológicas, variabilidade genética, origem e evolução dos seres vivos. Implicações dos avanços biológicos no fenômeno vida. Pesquisa científica, avanços científicos e tecnológicos, ciência e transformações sociais, bioética. Educação ambiental e desenvolvimento humano, social, político e econômico. Saúde pública e escolar. Orientação sexual, embriologia, formação humana, medidas preventivas.

2 – Fundamentação teórica

A disciplina de Biologia tem como objeto de estudo o fenômeno vida. Ao longo da história da humanidade, muitos foram os conceitos elaborados sobre esse fenômeno, numa tentativa de explicá-lo e, ao mesmo tempo, compreendê-lo.

A preocupação com a descrição dos seres vivos e dos fenômenos naturais levou o homem a diferentes concepções de vida, de mundo e de seu papel como parte deste mundo. Tal interesse sempre esteve relacionado à necessidade de garantir a sobrevivência humana.

Desde o homem primitivo, em sua condição de caçador e coletor, as observações dos diferentes tipos de comportamento dos animais e da floração das plantas foram sendo registradas nas pinturas rupestres, como forma de representar sua curiosidade em explorar a natureza.

Assim, os conhecimentos apresentados pela disciplina de Biologia não implicam o resultado da apreensão contemplativa da natureza em si, mas os modelos teóricos elaborados pelo homem – seus paradigmas teóricos –, que evidenciam o esforço de entender, explicar, usar e manipular os recursos naturais.

Para compreender os pensamentos que contribuíram na construção das diferentes concepções sobre o fenômeno vida e suas implicações para o ensino, buscou-se na História da Ciência os contextos históricos nos quais pressões religiosas, econômicas, políticas e sociais impulsionaram mudanças conceituais no modo como o homem passou a compreender a natureza.

A História da Ciência mostra que tentativas de definir a vida têm origem desde a Antiguidade. Ideias desse período contribuíram para o desenvolvimento da Biologia e suas contribuições foram relevantes quanto à classificação dos seres

vivos, pois suas interpretações filosóficas buscavam explicações para compreensão da natureza.

A construção histórica dos conhecimentos biológicos articulados à cultura científica, socialmente valorizada. A formação do sujeito crítico, reflexivo e analítico, consolidam-se por meio de um trabalho em que o professor reconhece a necessidade de superar concepções pedagógicas anteriores, ao mesmo tempo em que compartilha com os alunos a afirmação e a produção de saberes científicos a favor da compreensão do fenômeno vida.

O ensino da Biologia deve enfrentar alguns desafios: um deles seria possibilitar ao aluno a participação nos debates contemporâneos que exigem conhecimento biológico.

O fato de o Brasil, ser considerado um país mega diverso, ostentando uma das maiores biodiversidades do planeta, nem sempre resulta em discussões na escola de forma a possibilitar ao aluno perceber a importância desse fato para a população e nosso país e o mundo, ou de forma a reconhecer como essa biodiversidade influencia a qualidade de vida humana, compreensão necessária para que se faça melhor uso de seus produtos.

Outro desafio seria a formação do indivíduo com um sólido conhecimento de Biologia e com raciocínio crítico. Cotidianamente, a população, embora sujeita a toda sorte de propagandas e campanhas, e mesmo diante da variedade de informações e posicionamentos, sente-se pouco confiante para opinar sobre vários temas polêmicos e que podem interferir diretamente em suas condições de vida, como uso de transgênicos, a clonagem, a reprodução assistida, entre outros assuntos. O ensino de Biologia deveria nortear o posicionamento do aluno frente a essas questões, além de outras, como as suas ações do dia-a-dia: os cuidados com corpo, com a alimentação, com a sexualidade.

A Escola, ao definir seu projeto pedagógico, deve propiciar condições para que o educando possa conhecer os fundamentos básicos da investigação científica; reconhecer a ciência como uma atividade humana em constante transformação, fruto da conjunção de fatores históricos, pelos conteúdos: Organização dos seres vivos. Comparação das características estruturais anatômicas e comportamentais. Origem do Universo, origem da vida e evolução dos seres vivos, vírus, reinos monera, protista, animalia, plantas, fungi, a ciência no decorrer da história da humanidade: pesquisa científica, avanços científicos e tecnológicos, ciência e transformações sociais, bioética, educação ambiental e desenvolvimento humano, social, político e econômico, epidemiologia, saúde pública e escolar, orientação sexual: embriologia, formação humana, medidas preventivas.

CONTEÚDOS 1.º e 2.º ANO**ORGANIZAÇÃO DOS SERES VIVOS:****1- Classificação biológica (taxonomia e nomenclatura)**

- Os seres vivos e o ambiente;
- Os grandes reinos dos Seres Vivos;
- Origem das espécies.

MECANISMOS BIOLÓGICOS**2 – Os Vírus**

- Contexto histórico da virulogia;
- Estrutura e reprodução dos vírus;
- Doenças causadas por vírus;
- Remédios*;
- Vacinas: Prevenção de doenças*.

MANIPULAÇÃO GENÉTICA**3 – Reino Monera**

- Estrutura e reprodução das bactérias;
- Doenças causadas por bactérias;
- Importância ecológica e econômica das bactérias (Biotecnologia);

BIODIVERSIDADE**4- Reino Protista**

- Características gerais dos protistas;
- Protozoários e sua classificação;

MANIPULAÇÃO GENÉTICA

- Doenças causadas por protozoários.*
- Algas e sua classificação;

ORGANIZAÇÃO DOS SERES VIVOS

- Importância ecológica e econômica das bactérias (Biotecnologia) *.

5- Reino Fungi**MECANISMOS BIOLÓGICOS**

- Estrutura e características gerais dos fungos;
- Doenças causadas por fungos*.

6 – Reino Animália

- Características gerais e classificação dos grupos de animais;
- Poríferos;
- Celenterados;
- Platelmintos;
- Nematelmintos;
- Artrópodes;

- Equinodermos;
- Cordados;
- Características gerais e classificação;

BIODIVERSIDADE

- Peixes;
- Aves;
- Anfíbios;
- Mamíferos.

7 - Fisiologia dos vertebrados

ORGANIZAÇÃO DOS SERES VIVOS

- Sistemas digestório, circulatório, respiratório, sanguíneo, excretor e nervoso.

8 - Pesquisas científicas e biológicas

- Ciência e saúde;
- Biotecnologia;

9 - Processo de modificação dos seres vivos

- Origem e evolução da vida;
- Genética;
- Biotecnologia.

10 - Implicações dos Avanços Biológicos no Contexto Vida:

- Bioética;

MECANISMOS BIOLÓGICOS

- Ciência e Saúde;
- Pesquisas científicas biológicas.

JUSTIFICATIVA

O ensino de Biologia justifica-se por ser essencial para o desenvolvimento de posturas e valores pertinentes às relações entre os seres humanos, o meio em que vivem e o conhecimento contribuindo para uma educação que formará cidadãos conscientes capazes de realizar ações práticas de fazer julgamentos e tomar decisões.

Para preparar o educando para a cidadania no sentido universal e profissionalizante, aprimorando-o como ser humano sensível, solidário e consciente, proporcionando-o um aprendizado útil à vida e ao trabalho, no qual as informações e os conhecimentos transmitidos se transformem em instrumentos de compreensão, mudança e previsão da realidade, os conteúdos estruturantes de biologia são uma ferramenta necessária para obtenção destes objetivos.

Assim, tanto os conteúdos estruturantes bem como, os conteúdos específicos têm o papel fundamental para o educando entender o impacto da tecnologia

associada à Biologia na sua vida pessoal, nos processos de produção no desenvolvimento do conhecimento e na vida social para poder desenvolver o pensamento biológico de forma a permitir a reflexão sobre a origem, o significado, a estrutura orgânica e as relações do objeto de estudo da disciplina com fenômeno vida.

METODOLOGIA

A ciência vai além de um resultado pronto, acabado. É plena mutação, inclusive com o surgimento de novos paradigmas. A percepção da ciência, e as ciências como algo em transformação e transformador, inclusive no cotidiano de cada ser, desperta a necessidade de interagirmos com a vida. Além disso, há a perspectiva da profissionalização futura, e os modos de ingresso a essas etapas.

Levar a pessoa/aluno a conseguir inteirar-se. Interagir, usufruir e até mesmo a produzir com as ciências, pode e deve respeitar todas as perspectivas históricas pela qual passou e passa, utilizando os mais diversos encaminhamentos metodológicos possíveis.

A aprendizagem básica para a vida e para futura profissionalização precisa de várias perspectivas de abordagens, pois, são diversas as potencialidades de assimilar determinados conhecimentos. Assim se criam várias perspectivas de comparações, contextualizações, análise de textos (inclusive atualidades), pesquisa bibliográfica, elaboração de hipóteses, experimentações, análise de resultados, avaliações escritas, dinâmicas, projeções, produção de relatórios, esquemas, desenhos, cartazes, maquetes, participação em projetos.

Segundo as DCEs, “ O ensino dos conteúdos específicos de Biologia apontam para as seguintes estratégias metodológicas de ensino: prática social, problematização, instrumentalização, catarse e o retorno à prática social (GASPARIM, 2002; 1997).”

PRÁTICA SOCIAL: caracteriza-se por ser o ponto de partida onde o objetivo é perceber e denotar, dar significação às concepções alternativas do aluno a partir de uma visão sincrética, desorganizada, de senso comum a respeito do conteúdo a ser trabalhado.

PROBLEMATIZAÇÃO: é o momento para detectar e apontar as questões que precisam ser resolvidas no âmbito da prática social e, em consequência, estabelecer que conhecimentos são necessária para a resolução destas questões e, as exigências sociais de aplicação desse conhecimento.

INSTRUMENTALIZAÇÃO: é o momento para detectar e apontar as questões que precisam ser resolvidas no âmbito da prática social e, em consequência, estabelecer que conhecimentos são necessários para a resolução destas questões e, as

exigências sociais de aplicação desse conhecimento. Consiste em apresentar os conteúdos sistematizados para que os alunos assimilem e os transformem em instrumentos de construção pessoal e profissional. Neste contexto, que os alunos apropriem-se das ferramentas culturais necessárias à luta para superar as condições de exploração em que vivem.

CATARSE: é a fase de aproximação entre o que o aluno adquiriu de conhecimento e o problema em questão. A partir da apropriação dos instrumentos culturais, transformados em elementos ativos de transformação social, e assim sendo, o aluno passa do entendimento de elaboração de novas estruturas de conhecimento, ou seja, passa de ação para a conscientização.

RETORNO À PRÁTICA SOCIAL: caracteriza-se pelo retorno à prática social com o saber concreto e pensado para atuar e transformar as relações de produção que impedem a construção de uma sociedade mais igualitária. A situação de compreensão sincrética apresentada pelo aluno no início do processo, passa de maior clareza e compreensão, explicitada em uma visão sintética. Neste contexto, o processo educacional coloca-se a serviço da referida transformação das relações de produção.

AVALIAÇÃO

A verificação da aprendizagem e do desempenho dos alunos será ampla de forma contínua e sistemática, ou seja, será acompanhada a atividade no dia a dia dos alunos, considerando seu interesse, sua responsabilidade, sua curiosidade, também sua capacidade de observar e investigar, discutir ideias, formar conceitos, buscar novos conhecimentos e seu desenvolvimento gradativo fazendo uso de várias metodologias e instrumentos que possibilitem este acompanhamento e verificação, com prevalência dos aspectos qualitativos.

Para CARVALHO “Torna-se necessário ampliar o conceito e a prática da avaliação ao conjunto de saberes, destrezas e atitudes que interesse contemplar na aprendizagem de conceitos biológicos. Introduzir formas de avaliação da prática docente como instrumento de melhoria de ensino. Então, a avaliação deve ser usada como instrumento de observação dos avanços e dificuldades com a finalidade de superação” (2001).

As avaliações serão diagnósticas, somatórias e contínuas, divididas da seguinte forma: 70% de nota bimestral em avaliações formais (provas escritas ou orais) e 30% de nota nas atividades avaliativas, trabalhos (tarefas específicas, elaboração de relatórios, exposição oral, trabalhos de criação, práticas de laboratório, observações espontâneas ou dirigidas, dinâmicas de grupos, pesquisas, sínteses, debates, filmes, mesa redonda, análise de gráficos e tabelas, participação,

num total de três avaliações no mínimo, por bimestre, que ao final somarão 10,0 (dez pontos).

A recuperação será paralela oportunizando 100% de aproveitamento. Sendo esta substitutiva prevalecendo a nota maior de acordo com o artigo 24, inciso 5 letra E da LDB 9394/96.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMABIS, José Mariano & MARTHO, Gilberto Rodrigues. **Biologia**, volume único, Editora Moderna, São Paulo, 1997;

DIAS, Diarone Paschoarelli. **Biologia Viva**. 1ª ed., São Paulo, Moderna, 1996;

FONSECA, Albino. **Biologia**. 34ª ed., São Paulo, Ática, 1992;

LINHARES, Sérgio & GEWANDSZNAJDER, Fernando. **Biologia Hoje – Citologia e Histologia**. 4ª ed. São Paulo, Ática, 1994;

LOPES, Sônia. **Bio** vol. Único, 6ª edição, edição Saraiva 1999;

PAULINO, Wilson Roberto. **Biologia**. 9ª edição. São Paulo: Ática, 2004;

SENE, Fábio de Melo. **Genética e Evolução**. São Paulo: EPU, 1981.

SOARES, José Luis. **Biologia no terceiro milênio**, ed. Scipione, 2000;

ANEXOS

No decorrer do semestre serão incorporados aos conteúdos da disciplina os seguintes: História e Cultura Afro-brasileira e Africana, lei 10.639/03, Decreto 5679-Cidadania Plena, Inclusão Escolar FICA, Educação Especial, Atividades Diferenciadas para alunos portadores de necessidades especiais, Educação do campo, Educação Fiscal, Drogas e Violência, Sexualidade e Educação Escolar Indígena.

**PROPOSTA PEDAGÓGICA CURRICULAR
CURSO DE FORMAÇÃO DE DOCENTES INTEGRADO
EDUCAÇÃO FÍSICA**

1. Ementa

Aspectos históricos da disciplina de Educação Física. Elementos lúdicos da Cultura Corporal (jogos, dança, luta, esporte, ginástica) levando em consideração a “práxis” pedagógica. Reflexões críticas da educação psicomotora.

2 – Fundamentação teórica

A Educação Física deve ser trabalhada sob o viés de interlocução com disciplinas variadas, que permitam entender o corpo em sua complexidade; sob uma abordagem biológica, antropológica, sociológica, psicológica, filosófica e política, justamente por sua constituição interdisciplinar.

Historicamente, a vida em sociedade se desenvolve pelas relações homem-natureza e homem-homem. Para garantir sua sobrevivência, reprodução e povoamento do Planeta, a humanidade necessitou conhecer a natureza, conquistar diferentes meios, ocupando-os e explorando-os em sua diversidade de fauna, flora, relevo, e sofrendo intempéries de toda sorte. Isso tem sido possível graças às migrações sazonais, às extensas caminhadas em busca da subsistência, à superação dos obstáculos geográficos, entre outros, para os quais o corpo humano é veículo essencial.

Nas relações com a natureza e com o grupo social de pertencimento, os seres humanos desenvolveram habilidades físicas e estratégias de organização, fundamentais para superar obstáculos e garantir a sobrevivência. Inicialmente, correr, saltar, rastejar, erguer e carregar peso eram habilidades essenciais para abater uma caça e transportá-la para “casa”, escapar de uma perseguição e deixar de ser presa, alcançar lugares onde os frutos fossem abundantes.

Outras manifestações corporais e culturais se concretizavam em celebrações dos frutos do trabalho. As danças comemorativas das colheitas, danças de guerra, danças religiosas, dentre outras, são exemplos disso.

Assim, compreender a Educação Física sob um contexto mais amplo significa entender que ela é composta por interações que se estabelecem na materialidade das relações sociais, políticas, econômicas e culturais dos povos.

Dar um novo significado às aulas é um exercício que requer amplas possibilidades de intervenção, para superar a dimensão meramente motriz e imprimir uma dimensão histórica, cultural e social, cuja ideia ultrapassa a visão de que o corpo se restringe ao biológico, ao mensurável.

O papel da Educação Física é transcender o senso comum e desmistificar formas arraigadas e equivocadas em relação às diversas práticas e manifestações corporais. Priorizam-se o conhecimento sistematizado, como oportunidade para reelaborar idéias, práticas que ampliem a compreensão do aluno sobre os saberes produzidos pela humanidade e suas implicações para a vida.

Nessa direção, a finalidade das práticas corporais deve ser a modificação das relações sociais. Portanto, os conteúdos esporte, jogos e brincadeiras, ginástica, dança e lutas devem estar comprometidos com uma Educação Física transformadora.

Dança: a dança será abordada, nas aulas de Educação Física, em sua dimensão cultural, social e histórica, de modo a ressignificar valores, sentido e códigos sociais

Como linguagem social, a dança permite a transmissão de sentimentos e expressão de afetividade nas esferas do trabalho, da religiosidade, dos costumes, que podem ser marcadas singularmente pela criação dos gestos que caracterizam um sujeito

Assim, torna-se possível incentivar o grupo a que desenvolva gestos e movimentos que valorizem a subjetividade e a experiência sensorial do próprio corpo.

Esporte: a prática esportiva deve ser tratada como fenômeno popular, de massa. O ensino da Educação Física é mais do que prática esportiva e transmissão de habilidades e técnicas, portanto, deve incluir uma reflexão crítica nas aulas. Na prática esportiva, é preciso combater signos sociais que expressam preconceito racial ou étnico, discriminação entre gêneros, violência moral decorrente de singularidades entre o grupo.

Ginástica: a ginástica busca promover, por meio dos exercícios físicos, a saúde do corpo e hábitos saudáveis, a fim de torná-lo forte e útil para o trabalho (e para a guerra).

Na escola, desenvolvem-se técnicas que padronizam os movimentos; que ensinam o aluno como adquirir forças, armazenar e economizar energias; que educam o corpo, sobretudo a serviço da produção.

A ginástica como conteúdo da Educação Física, permite diversas possibilidades de movimentos corporais nas aulas, sejam elas: ginástica artística, rítmica desportiva, geral, localizada, hidrogenástica, aeróbica e suas variantes.

Propõe-se que a ginástica e suas modernas variações sejam desmistificadas, para que se atenda às demandas da realidade escolar.

Das práticas corporais da ginástica, podem emergir questões importantes. Entre elas, destacam-se: a crítica à lógica do sacrifício e do sofrimento não somente

físic ; o excesso de exercícios que aumentam o risco de lesões graves e a possível degradação do corpo; o uso de meios artificiais, como anabolizantes que aceleram a almejada performance corporal, devendo-se discutir com os alunos os danos que o uso dessas substâncias causam no organismo.

Jogos e brincadeiras: como fenômeno social, os jogos e as brincadeiras estão relacionados aos processos de produção que aconteceram desde sua invenção como conteúdos, os jogos e as brincadeiras devem ser abordados conforme a realidade regional e cultural do grupo.

Os jogos e brincadeiras comportam regras, mas deixam um espaço de autonomia para que sejam adaptados, conforme os interesses dos participantes. Torna-se importante, que os alunos auxiliem na reconstrução dessas regras, segundo as necessidades e desafios estabelecidos.

Lutas: a proposta é de valorizar a origem das lutas como produção cultural e considerar suas representações históricas e simbólicas.

De fato, as lutas desenvolvidas nos diversos continentes estão sempre permeadas pelas questões culturais.

Cabe ao professor orientar o processo pedagógico de modo que contribua para que os alunos desenvolvam um senso crítico tal que as lutas possam ser revestidas de um valor simbólico voltado ao respeito pela integridade física, e que não despertem no aluno o sentido de violência em suas relações sociais.

3 - Objetivos

- Reconhecer na convivência e nas práticas pacíficas, maneiras eficazes de crescimento coletivo.
- Dialogar, refletir e adotar uma postura democrática sobre diferentes pontos de vista postos em debate.
- Compreender o funcionamento do organismo humano modificando as atividades corporais a fim de melhorar suas aptidões físicas.
- Compreender as diferentes manifestações da cultura corporal respeitando as diferenças de desempenho, linguagem e expressão.
- Demonstrar autonomia na elaboração de atividades corporais, discutindo e modificando regras para melhor utilização dos conhecimentos adquiridos sobre a cultura corporal.
- Superar a ideia de caráter da Educação Física como mera atividade, de “prática pela prática”.
- Compreender que o processo pedagógico é elemento fundamental para a formação humana.

4 – Conteúdos :

1- Ginástica

- Alongamentos: conceitos, objetivos e exercícios.
- Rítmica; história da ginástica rítmica desportiva.
- Artística; história da ginástica artística.
- Relaxamento; sessões de ginástica e alongamento.
- Relaxamento, respiração, estudos e práticas.
- Condicionamento: A importância do aquecimento antes da prática de atividades físicas.
- Esporte
- A história do esporte
- História e fundamentos de esportes oficiais utilizados na escola

2- Futebol

- O jogo de futebol como cultura brasileira
- O jogo de futebol de salão como meio para a prática de atividades físicas
- Regras de futebol de salão e encaminhamento metodológico para o ensino na escola

3- Handebol

- História
- No Brasil
- Fundamentos do Handebol

4- Voleibol

- Histórias
- No Brasil
- Fundamentos do voleibol

5- Basquetebol

- O jogo do basquete como meio para a prática de Educação Física

6- Atletismo

7- Dança

- Introdução
- Quem dança seus males...
- A dança como reprodutora de modelos
- A dança como produtora de significados
- A dança como conteúdo escolar
- Dança regional;folclórica; internacional, de salão e expressão corporal.

8- Lutas

- Introdução

- Judô: a prática do caminho suave
- Como se originou?
- O judô e seu florescer
- O suave ato de lutar
- O judô como manifestação na era Meji
- O judô e o esporte espetáculo
- Conhecendo elementos do judô
- O judô em destaque: fundamento e técnicas básicas
- Capoeira: jogo luta ou dança
- A capoeira como expressão de luta pela liberdade
- A história da capoeira
- Benefícios da capoeira

9- Jogos.

- Introdução
- Competir ou cooperar: eis a questão!
- Brincadeiras de rua e populares
- Seria o ser humano competitivo por natureza?
- Jogo e esporte: tão diferentes assim?
- Jogos derivados dos esportes e pré-desportivos
- Os esportes e os jogos só se aplicam de maneira competitiva
- Jogos de raquete e peteca
- Jogos cooperativos: um exercício de convívio social
- Brinquedos: construção de brinquedos alternativos com sucata
- O jogo é jogado e a cidadania é negada
- Jogos dramáticos e de interpretação
- Jogos cooperativos
- O grande jogo
- Jogos de salão
- O jogo jogado e o jogo jogante

10- A saúde

- Nutrição: ingestão de carboidratos, de lipídios, de proteínas, de vitaminas e de aminoácidos, e seu aproveitamento pelo organismo, no processo metabólico que ocorre durante uma determinada prática corporal.
- Aspectos anatomo - fisiológicos da prática corporal: conhecer o funcionamento do próprio corpo; identificar seus limites na relação entre prática corporal e condicionamento físico, e propor avaliação física e seus protocolos.

- Lesões e primeiros socorros: lesões mais frequentes ocorridas nas práticas corporais e noções de primeiros socorros.
- Doping: discutem-se as influências das condições econômicas, sociais, políticas e históricas no uso de substâncias ilícitas por atletas e não-atletas.

11- O lazer

- Diferentes formas de lazer em distintos grupos sociais, em suas vidas, na vida das famílias, das comunidades culturais, e a maneira como cada um deseja e consegue ocupar seu tempo livre.

12- A diversidade étnico-racial, de gênero e de pessoas com necessidades educacionais especiais

- A abordagem de aspectos que concedam aos estudantes a ampliação do reconhecimento da diversidade em suas relações sociais.
- A Lei n. 10.639/03, que torna obrigatória a inclusão da História e Cultura Afro-Brasileira, em todos os currículos.

13- A mídia

Análise crítica dessa concepção das práticas corporais: artigos de jornais, revistas, filmes, documentários.

- A influência da mídia sobre o corpo do adolescente
- Construção cultural do corpo
- Construção social do corpo
- Moda mídia e juventude
- Indústria da juventude
- O massacre do corpo
- Mas o que é belo?
- A mídia e o culto ao corpo

5 - Metodologia

Os pressupostos do materialismo histórico-dialético configuram a cultura corporal, objeto de ensino da Educação Física, que relaciona o movimento humano, historicamente constituído, ao cotidiano escolar em todas as suas formas de manifestações culturais, políticas, econômicas e sociais.

A metodologia crítico-superadora, permite ao educando ampliar sua visão de mundo por meio da cultura corporal, de modo que supere a perspectiva pautada no tecnicismo e no esportivismo das práticas corporais.

Os conteúdos propostos não requerem pré-requisitos; devem ser abordados segundo o princípio da complexidade crescente, em que um mesmo conteúdo pode ser discutido tanto na primeira como na terceira série, mudando, o grau de

complexidade que possivelmente o professor apresentará nas relações entre o conteúdo e possíveis elementos articuladores.

A metodologia crítico-superadora aponta as seguintes estratégias de ensino: prática social; problematização; instrumentalização; catarse; o retorno à prática social.

A prática social caracteriza-se como preparação e mobilização do aluno para a construção do conhecimento escolar. É uma primeira leitura da realidade, um contato inicial com o tema a ser estudado.

A problematização trata-se de um desafio. É a criação de uma necessidade para que o educando, por meio de sua ação, busque o conhecimento.

A instrumentalização é o caminho por meio do qual o conteúdo sistematizado é posto à disposição dos alunos para que o assimilem e o recriem e, ao incorporá-lo, transformem-no em instrumento de construção pessoal e profissional.

A catarse é a fase em que o educando sistematiza e manifesta a assimilação dos conteúdos e dos métodos de trabalho da fase anterior.

O retorno à prática social trata-se do ponto de chegada do processo pedagógico na perspectiva histórico-crítica. Representa a transposição do teórico para o prático dos objetivos da unidade de estudo, das dimensões do conteúdo e dos conceitos adquiridos.

Na problematização, o professor questionará se a atividade física esportiva é inclusiva ou excludente. Fica evidente, a possibilidade de estabelecer relação entre o conteúdo estruturante e os diversos problemas da vida social, sejam de ordem econômica, social ou cultural.

Espera-se que o professor desenvolva um trabalho efetivo com seus alunos na disciplina de Educação Física, cuja função social é contribuir para que ampliem sua consciência corporal e alcancem novos horizontes, como sujeitos singulares e coletivos.

6 - Avaliação

A avaliação está vinculada ao Projeto Político Pedagógico da escola, com critérios estabelecidos de forma clara, a fim de priorizar a qualidade do ensino. Deve ser contínua e identificar os progressos do aluno durante o ano letivo.

Pela avaliação diagnóstica, tanto professor quanto os alunos poderão revisar o trabalho realizado até então, para identificar lacunas no processo pedagógico, planejar e propor encaminhamentos que superem as dificuldades constatadas.

Trata-se de um processo contínuo, permanente e cumulativo, cujo horizonte é a conquista de maior consciência corporal e senso crítico em suas relações interpessoais e sociais.

7 –Referências Bibliográficas

- ASSIS DE OLIVEIRA, Sávio. **Reinventando o esporte**: possibilidades da prática pedagógica. Campinas: Autores Associados/CBCE, 2001.
- BARRETO, Débora. **Dança**: ensino, sentidos e possibilidades na escola. Campinas: Autores Associados, 2004.
- BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2002.
- BREGOLATO, Roseli Aparecida. **Cultura corporal da dança**. Coleção educação física escolar, V.1, São Paulo: Ícone, 2002.
- BREGOLATO, Roseli Aparecida. **Cultura corporal da ginástica**. Coleção educação física escolar, V.2, São Paulo: Ícone, 2002.
- BREGOLATO, Roseli Aparecida. **Cultura corporal do esporte**. Coleção educação física escolar, V.3, São Paulo: Ícone, 2002.
- BREGOLATO, Roseli Aparecida. **Cultura corporal do jogo**. Coleção educação física escolar, V.4, São Paulo: Ícone, 2002.
- CAPARROZ, Francisco Eduardo (org.). **Educação física escolar**: política, investigação e intervenção. Vitória: Proteoria, 2001.
- CAPARROZ, Francisco Eduardo; ANDRADE FILHO, Nelson Figueiredo de. **Educação física escolar**: política, investigação e intervenção. Vitória: FESEF/UFES-NEPECC/UFU, 2004. v. 2.
- CARLINI, Alda Luiza. **A educação e a corporalidade do educando**. *Discorpo*, São Paulo, n.4, p. 41-60, 1995.
- CÔRTEZ, Gustavo. **Dança, Brasil**: festas e danças populares. Belo Horizonte: Leitura2000.
- DAÓLIO, Jocimar. **Educação física e o conceito de cultura**. Campinas: Autores associados, 2004.
- DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. **Educação física na escola**: implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.
- EDUCAÇÃO FÍSICA, vários autores. Curitiba. SEED. Paraná. 2006
- ESCOBAR, M. O. **Cultura corporal na escola**: tarefas da educação física. *Revista Motrivivência*, nº 08, p. 91-100, Florianópolis: Ijuí, 1995.
- FALCÃO, J. L. C. Capoeira. In: KUNZ, E. **Didática da educação física 1**. 3. Ed. Ijuí: Ed.Unijuí, 2003. P. 55-94.
- FREIRE, João Batista. **Educação de corpo inteiro**: teoria e prática da educação física. São Paulo: Scipione, 1992.
- MARINHO. Inezil Penna. **Introdução ao estudo do folclore brasileiro**. Brasília: Horizonte, 1980.
- MARINHO. Inezil Penna. **Educação física, recreação e jogos**. São Paulo: Cia Brasil Editora, 1981.

SILVA, Ana Márcia. **Corpo, ciência e mercado**: reflexões acerca da gestação de um novo arquétipo da felicidade. Campinas: Autores Associados, Florianópolis: Editora da UFES, 2001.

SOARES, Carmen Lúcia. **Educação física**: raízes européias e Brasil. Campinas: Autores associados, 1994.

SOARES, Carmen Lúcia. **Imagens da educação no corpo**. Campinas: Autores Associados, 1998.

EDUCAÇÃO E CORPO. **Perspectiva**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, vol. 21, n 1, 2003.

PROPOSTA PEDAGÓGICA CURRICULAR
CURSO DE FORMAÇÃO DE DOCENTES INTEGRADO
FILOSOFIA

1 – Ementa

A Diretriz Curricular de Filosofia do Estado do Paraná (DCE – PR) organiza seu ensino a partir de seis conteúdos estruturantes, conhecimentos de maior amplitude e relevância que, desmembrados em um plano de Ensino de Filosofia, deverão garantir conteúdos relevantes e significativos ao estudante. Estes conteúdos estruturantes são: Mito e Filosofia; Teoria do Conhecimento; Ética; Filosofia Política; Estética; Filosofia da Ciência.

2 – Fundamentação teórica

No item sobre o histórico dão Fundamento da Filosofia no Brasil, foi possível perceber que de acordo com a época, atribuíram-se significados diferentes à Filosofia e, conseqüentemente, ao ensino da filosofia. A educação jesuítica estava vinculada aos valores religiosos e distante das questões propostas pela experiência vivida, seja política, social ou econômica. Prevalencia a convicção de um modelo de humanidade a ser alcançado e um corpo acabado de conhecimentos para se transmitir.

Depois, mesmo quando o ensino se tornou mais eclético, permaneceu o gosto pelo enciclopedismo e pela erudição, comprometido com a tradição europeia, o que impedia o desenvolvimento do pensamento autônomo. Essas orientações se traduziram num programa centrado frequentemente em questões metafísicas, ou no ensino da história da filosofia, denotando interesse pelo ensino sistemático em que a ênfase é posta em um corpo de conhecimento já elaborado, bastando ao aluno sua assimilação.

Chamamos de empirista a tendência de privilegiar a transmissão de conhecimento acumulada como se o aluno fosse uma tábua rasa (folha em branco), que recebe de forma passiva a informação dada do exterior.

É bem outra a tendência contemporânea que, influenciada pelas teorias interacionistas e construtivistas (Piaget, Vigotsky, etc.), ou pelas teorias em que prevalece a perspectiva histórico – social (Gramsci, Suchodolski, Snyders, e, no Brasil, Demerval Saviani), conferem maior dinamismo ao ato de conhecer.

Embora considerando as diferenças entre as tendências mencionadas, todas elas superam tanto a pedagogia tradicional essencialista como a escola nova excessivamente centrada no aluno. Ao mesmo tempo em que valorizam o objeto, o mundo, o professor, e portanto, o conhecimento como produto acumulado pela humanidade e autoridade do saber do mesmo valorizam também o sujeito. O aluno

com sua experiência de vida e sua capacidade de construção do conhecimento. Ao lado do trabalho teórico de qualquer aprendizagem, reconhecem a importância do saber vinculado ao vivido que possibilita a atuação inserida na prática social global, a partir da situação histórica dada. (ARANHA, Maria Lúcia).

Na atual polêmica mundial e brasileira acerca dos possíveis sentidos dos valores éticos, políticos, estéticos e epistemológicos, a Filosofia tem um espaço a ocupar e uma contribuição a fazer. Basicamente, a Filosofia gira em torno dos problemas e conceitos criados no decorrer da história, os quais devidamente aplicados, geram discussões promissoras e criativas que desencadeiam, muitas vezes ações e transformações, por isso, permanecem atuais.

Um dos objetivos do Ensino Médio é a formação pluridimensional e democrática, capaz de compreender a complexidade do mundo contemporâneo, suas múltiplas particularidades e especializações. Nesse mundo que se manifesta quase sempre de forma fragmentada, o estudante não pode prescindir de um saber que opere por questionamentos, conceitos e categorias de pensamento e a experiência humana.

Como disciplina, na matriz curricular do Ensino Médio, considera-se que a Filosofia pode viabilizar interfaces com as outras disciplinas para a compreensão do mundo da linguagem, da Literatura, da História, da Ciência e da Arte, como defende (Ribeiro, 2005)

... mas estas discussões, nascendo da Política, da cultura ou do comportamento (problemas) não podem dispensar conteúdos filosóficos nem se pulverizar: gosto da ideia de ciclos, de filmes que dialoguem entre si, falando, por exemplo, na condição social dos personagens, no amor que vivem, na vinda do imigrante, na luta contra a opressão. Há muito espaço [...] para a Filosofia.

Se a aprendizagem filosófica tem oscilado entre duas abordagens metodológicas – a filosofia como produto ou processo – isso não significa que se deva, ao escolher uma, desprezar a outra. Ao contrário, Sônia Maria Ribeiro de Souza, apoiada em reflexão do professor Antonio Joaquim Severino diz que “o educador de hoje tem diante de si um grande desafio, que reside na tentativa de conciliar ambas as posturas no ensino de filosofia, ou seja, compete a ele a se apropriar desse processo da reflexão filosófica mediado pelo produto filosófico”.

Severino afirma que podemos ensinar filosofia segundo as formas; sistemática, histórica, temática e textual. Na nossa tradição escolar, a preferência pelas duas primeiras abordagens, a sistemática e a histórica, têm prevalecido no ensino de filosofia como produto, enquanto as duas últimas, a textual e a temática, representam o esforço de abordar a filosofia como processo. O ideal seria que o professor, mesmo dando ênfase a algumas formas, pudesse conciliar as quatro.

Por exemplo, se privilegiar a história da filosofia, que ela seja propriamente filosófica, e não simples exposição histórica de fatos e ideias; que os recortes não sejam simplesmente cronológicos, mas temáticos e com destaque para a análise de alguns textos originais dos pensadores. Por outro lado, se a escolha predominantemente temática, convém que nem a história da filosofia nem os textos sejam desconsiderados.

Dito de outra forma, é preciso valorizar a fecunda tradição do pensamento filosófico, sem desvincular o ensino do vivido, do momento presente, dos temas que nos mobilizam, a fim de que, mais do que “ensinar filosofia”, o aluno “aprenda a filosofar”.

Segundo Kant, não é possível ensinar filosofia e sim filosofar, assim Hegel, não é possível conhecer o conteúdo de filosofia sem filosofar. Nesta perspectiva, as Diretrizes Curriculares indicam não ser possível filosofar sem filosofia e estudar filosofia sem filosofar. Portanto, o ensino de filosofia pode ser um espaço de estudo da filosofia e do filosofar. O seu estudo se apresenta como uma forma de o aluno desenvolver estilo próprio de pensamento.

Ao filosofar utiliza-se faculdades como a “abstração” ou generalização, a subjetividade.

3 – Objetivos:

OBJETIVO GERAL:

O contato com a disciplina de Filosofia deverá possibilitar que os alunos aprendam a ler textos com habilidade, refletindo filosoficamente sobre eles, desenvolvendo a capacidade de produzir textos dissertativos próprios, entendendo a importância de fazer a leitura como um trabalho intelectual e não como um passar de olhos pelo texto, buscando a consciência crítica, meditando sobre os valores morais, cívicos, éticos, auxiliando-os também na escolha de seu caminho profissional.

Os trabalhos em grupo terão a função de aproximá-los, socializando-os em sala de aula, contribuindo para integrá-los, reconhecendo nas diferenças pontos positivos para melhorar as relações, aprendendo a ver o “outro” como alguém que está disposto a ajudar e ser ajudado, estabelecendo novos vínculos de amizade. Companheirismo, cooperativismo, etc..., percebendo que uma sociedade bem sucedida necessita de união, rompendo assim com o espírito de individualismo presente na sociedade contemporânea, inclusive nas escolas e, através dessa convivência, procurar evitar confrontos, disputas, conflitos, discriminação e preconceitos.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Buscar soluções para os problemas suscitados nos textos filosóficos, através da investigação, diálogos, leitura, escrita, interpretação, conduzindo os alunos à criação de conceitos;
- Perceber entre os colegas as diferenças culturais, enriquecendo os contatos e as relações através da convivência;
- Pensar e argumentar criticamente sobre textos filosóficos, estabelecer comparações com o seu cotidiano;
- Promover debates, leitura, produção de textos, desenvolvendo habilidades, superando a timidez, levando o aluno a expor as suas ideias, melhorando ou transformando o seu discurso.

4 – Conteúdos

1 - Mito e Filosofia

- O que é mito?
 - O mito entre os primitivos
- Funções do mito
 - Narrativa, explicativa e revelativa.
- Mitologia grega
 - O mito da criação do mundo segundo Hesíodo
 - Prometeu e Pandora
 - Narciso
 - O mito do Édipo
- Passagem do mito à Filosofia
 - O nascimento da Filosofia
 - O mito e a origem de todas as coisas
 - Mito e razão filosófica
- O surgimento da Filosofia
- O nascimento na Grécia Antiga
- A concepção mítica do homem nos poemas homéricos
- O homem do período arcaico: a emergência da consciência racional
 - A escrita
 - A moeda
 - A lei
 - O cidadão da polis
 - O nascimento do filósofo
- O que é Filosofia?

- Etimologia da palavra
- A filosofia não é um saber
- A filosofia não se confunde com a ciência
- O processo de filosofar
- Qual é a utilidade da filosofia
- O método da filosofia
- Ironia e maiêutica
 - Ironia e filosofia
 - O que é filosofia
 - A filosofia como exercício da ironia
 - A ironia na história da filosofia
 - A ironia moderna
 - Alienação e ironia
 - A ironia na música
 - A ironia em Machado de Assis
- Características do conhecimento filosófico
 - Aparecimento do cientificismo
 - O papel do filósofo diante da ciência
 - A função social da Filosofia
- Mitos contemporâneos
 - O mito hoje
 - A tarefa da filosofia
 - O pensamento filosófico
 - Características do pensamento filosófico
 - Razão filosófica e razão científica
- Estudos com textos complementares:
 - Aspectos sagrados do mito e do logos - Jean-Pierre Vernant (1914-2007)
 - Mito do Eterno Retorno - Mircea Eliade (1907-1986)
 - História antiga: Evidência e modelo - Moses Finley (1912-1986)
 - O Universo, os Deuses, os Homens - Pierre Vidal-Naquet (1930-2006)
- 2 - Teoria do conhecimento
 - O problema do conhecimento
 - Um problema chamado conhecimento
 - Sujeito e objeto do conhecimento
 - Entre teoria e prática
 - O conhecimento como justificação teórica
 - As fontes do conhecimento
 - Platão e Protágoras: relativismo e racionalismo

- Fundamentos do conhecimento
 - O conhecimento como justificativa teórica
 - Os limites do conhecimento
 - Objeto de conhecimento: conhecimento possível
- Filosofia e método
 - As críticas de Aristóteles e Platão
 - A lógica Aristotélica
 - Descartes e as regras para bem conduzir a razão
 - Filosofia e matemática
 - História: o contexto de Descartes
- Racionalismo
 - O racionalismo cartesiano
 - O cogito
 - Deus
 - O mundo
 - A razão pura (a razão sem influência dos sentidos empíricos) é a maior (ou única) fonte do conhecimento
- Empirismo
 - O empirismo inglês
 - Francis Bacon – os ídolos
 - John Locke – tabula rasa
 - O conhecimento é adquirido pelos sentidos empíricos (visão, audição, tato, etc.)
- Ceticismo
 - Ceticismo filosófico
 - Ceticismo científico
 - Desenganadores ou céticos
 - Pseudo-ceticismo
 - Ceticismo como inércia
 - Montaigne - a dúvida do conhecimento verdadeiro
- Criticismo
 - O criticismo Kantiano
 - Conhecimento racional
- Materialismo
 - Materialismo dialético
 - Materialismo histórico
 - Materialismo científico
 - Marx e Engels

- Positivismo
 - Método do positivismo de Augusto Comte e a lei dos três estados
 - A religião na humanidade
 - O positivismo no Brasil
 - Críticas ao positivismo
- Crise da razão
 - A crise da modernidade e a crise da razão
 - Pós-modernidade: era do irracionalismo ou de uma "noite passageira da História
- Perda do fundamento - crise da razão e vazio ontológico – ligação com a ética – que repercute na ética
 - Impossibilidade (provisória) de engendrar valores duradouros
 - Heteronomia ao mercado como necessidade - "miragem e ilusão"
 - Submissão aos ditames da publicidade e emergência da cultura de massas
- imposição da homogeneidade - "pasteurização" da cultura
 - Desmemorialização
 - Crise mundial: da educação, descrença geral, crise da fé no progresso ilimitado, fim da crença nas cosmovisões, crise das metanarrativas; implosão do sujeito moderno, a revolução molecular; narcisismo e hedonismo exacerbados; corpolatria, malhações em academias; necessidade de viver o belo (nova estética); atendimento às necessidades de cada um como expressão do individualismo e do relativismo ético, alhures; emergência da "psi".
- Perspectivas do conhecimento na contemporaneidade
 - Penso logo existo
 - Hume e a experiência no processo de conhecimento
 - Kant e a crítica da razão
 - A crítica da razão pura
 - Kant e o iluminismo
 - Kant e a física
- Estudos com textos complementares:
 - Metafísica – Aristóteles (Porto Alegre, Ed. Globo, 1969)
 - *Discurso do Método* – Descartes (Os Pensadores, Nova Cultural: RJ, 1996)
 - Filosofia da história - Georg Wilhelm Friedrich Hegel (Brasília: Universidade de Brasília, 1995)
 - Investigação sobre o entendimento humano - Hume (Abril Cultural)
 - Crítica da razão pura – Kant (tradução de Valério Rohden e Udo Baldur Moosburger, São Paulo, Nova Cultura)

- Teeteto – Platão (Trad. de Carlos Alberto Nunes, Belém, Editora Universitária, UFPA, 2001)

- A conquista da felicidade - Russell (Lisboa, Guimarães Editores, 1991)

3 - Ética

- Ética e moral

- Objeto da ética
- O campo da ética
- Definição da ética
- Ética e Filosofia
- Ética e outras ciências
- Ética e política
- Objeto da moral
- O caráter histórico da moral
- Origens da moral
- Mudanças histórico-sociais e mudanças da moral
- O progresso moral

- Concepções éticas

- Agir de acordo com o bem
- A felicidade como bem supremo
- Idade Média: moral e religião
- A moral laica

] - Moral e existência concreta

- A questão da moral hoje

- O que é liberdade?

- A importância da liberdade
- A liberdade como conquista
- Liberdade e autonomia
- A negação da liberdade
- Condições da liberdade
- Liberdade e determinismo
- O que é determinismo?
- A teoria da liberdade incondicional
- A estrutura do homem
- A dimensão social da liberdade: crítica ao conceito liberal burguês de

liberdade

- Sociabilidade e reconhecimento

- Melhorando a sociabilidade: manter a calma, encontrar um caminho do meio, ver as coisas de novos ângulos, analisar todas as alternativas de uma situação, perguntar a opinião dos outros, analisar diversos pontos de vista

- Solucionando problemas e conflitos

- Autoridade e autoritarismo
 - Conceito de autoridade
 - Conceito de autoritarismo
- Responsabilidade e liberdade
 - Relação entre liberdade e responsabilidade
 - Existe liberdade sem responsabilidade?
- Questões de gênero
 - A virtude em Aristóteles e Sêneca
 - A amizade
- Diversidade e sociedade
 - Diversidade cultural e Direitos Humanos
- Estudos com textos complementares:
 - *Mínima moralia* - Adorno (Ed. Ática, 1993)
 - Ética a Nicômacos – Aristóteles (Trad. Mário da Gama Kury, Universidade de Brasília, 2001)
 - Temor e tremor - Sören Aabye Kierkegaard (Coleção Pensadores, Editora Abril Cultural)
 - A gaia ciência - F. Nietzsche (Trad. Paulo César de Souza, Companhia das Letras)
 - O formalismo na ética e a ética material dos valores - Scheler
 - A Vontade de Amar – A. Schopenhauer (Tecnoprint)
 - Sobre a brevidade da vida – Sêneca (Trad. De William Li, Nova Alexandria, 1995)

4 - Filosofia Política 2º ano

- Origens da política
 - Concepções de política:
 - Política antiga e medieval
 - Liberalismo: antecedentes e desenvolvimento
 - O socialismo
- Finalidade da vida política
 - Noção de justiça
 - A ideia de justiça
 - O que é justiça política?

- A essência da política
 - Ligação às atividades sociais voltadas à reprodução da dominação do homem pelo homem
- Política e poder
 - A personalização do poder
 - A institucionalização do poder
 - Como seria o exercício da verdadeira democracia?
 - A verdadeira democracia
- Política e violência
 - O que é violência?
 - Tipos de violência
 - A sociedade violenta
 - A cultura da violência
 - Violência e política
- Política e liberdade subjetiva
 - Concepções de liberdade:
 - *individualista* (também chamada de liberdade dos modernos ou negativa)
 - *comunitária* (também chamada de liberdade dos antigos ou positiva)
 - Liberdade política
 - A cidadania
 - A participação política
- Política e sociabilidade
 - Política e cotidiano
 - A indiferença política
- Formas de governo
 - Conceito
 - Formas:
 - Monarquia
 - República
 - Sistemas de governo:
 - Parlamentarismo
 - Presidencialismo
 - Semipresidencialismo
 - Poderes do Estado:
 - Poder executivo
 - Poder legislativo
 - Poder judicial

- Crises na política contemporânea
 - A face política: polarização e reordenamento mundial:
 - Conceituação de polarização econômico-ideológica: o papel da URSS e dos EUA nesse contexto
 - Polarização e Guerra Fria
 - Fatores responsáveis pela descolonização afro-asiática e sua influência no reordenamento mundial
 - A questão do Oriente Médio
 - A influência da polarização mundial na política latino-americana: autoritarismo e instabilidade; a questão cubana
 - A política brasileira do período pós-Vargas aos governos militares
 - Fatores envolvidos na crise do socialismo real, na desarticulação soviética e na emergência dos nacionalismos regionais
 - O contexto que levou à hegemonia do bloco capitalista em torno do poder dos EUA, à proposta neoliberal e à instalação da União Europeia
 - O processo de capitalização na China socialista
 - A abertura política e a reorganização democrática no Brasil da década de 1980
 - Fatores responsáveis e os desdobramentos dos grandes conflitos regionais: as questões étnicas na África Negra; o fundamentalismo muçulmano; a questão palestina; a luta pela autonomia dos bascos e dos irlandeses do Norte
 - O papel do Brasil na política internacional
- A face econômica: neo-imperialismo, neoliberalismo e globalização
 - O papel de empresas multinacionais nas relações de mercado mundiais: descolonização e neo-imperialismo
 - O processo de formação dos blocos econômicos mundiais (a tríade) e a relação entre eles
 - As alianças comerciais regionais: o Mercosul e o Mercado Comum Europeu; as especificidades da economia chinesa
 - A economia neoliberal e globalização: problemas do mercado de trabalho no mundo globalizado, neoliberalismo e crise do Estado quanto ao bem-estar social
 - O papel das instituições financeiras na economia mundial: o FMI, o BIRD e o Banco Mundial
 - A economia brasileira do período: desenvolvimento e industrialização; capital estrangeiro e abertura para o mercado externo; neoliberalismo e globalização, desequilíbrios regionais e crise de energia
 - O papel do Brasil na economia mundial
- A face sociocultural: informatização, particularismos culturais e direitos humanos

- O avanço da informatização com mudanças no mercado de trabalho: o trabalho feminino e estrutura familiar; o feminismo e relações de gênero
- Os conflitos étnicos com as grandes migrações do mundo contemporâneo: os problemas na Europa e nos EUA; a questão do racismo e das diferenças etnoculturais; os conflitos religiosos
- Os direitos humanos, relacionando-os com particularismos culturais e os direitos das minorias (discussão sobre as minorias, o preconceito e o racismo, as religiões cristãs, afro-brasileiras e orientais)
- O papel social da Igreja Católica e de outras instituições religiosas no Brasil e no mundo atual
- O papel do Brasil no cenário sociocultural de hoje
- A função do político na contemporaneidade
 - O preconceito contra a política e a política de fato
 - O ideal político
 - Os gregos e a invenção da esfera pública
 - A democracia ateniense
 - Quando nasce a democracia
 - A importância da retórica para os atenienses
 - A vida política dos povos indígenas do Brasil e a invasão dos bárbaros
 - A autoridade do chefe sem poder
- Estudos complementares de:
 - O que é autoridade? In Entre o passado e o futuro - Hannah Arendt (Editora Perspectiva)
 - Política - Aristóteles (Editora Martin Claret)
 - Maquiavel, a política e o estado moderno – Gramsci (Trad. Luiz Maro Gazzaneo, Civilizações Brasileiras)
 - Princípios da filosofia do direito – Hegel (Editora Guimarães)
 - Princípios de Economia Política - J. S. Mill (Abril Editora)
 - Do contrato social – ou Princípios do direito político - Jean-Jacques Rousseau (Editora Pensadores – Abril Cultural)
 - Crítica da razão prática – Immanuel Kant (Editora Martin Claret)
 - Segundo tratado sobre o governo - J. Locke (Editora Abril Cultural)
 - O príncipe – N. Maquiavel (Trad. Pietro Nasseti, Martin Claret)
 - Cultura e sociedade – Herbert Marcuse (Editora Paz e Terra)
 - Para uma crítica da economia política – Karl Marx (Trad. Artur Morão, Edições Setenta)
 - O espírito das leis – Montesquieu (Editora Martin Claret)
 - A república – Platão (Trad. Maria Helena da Rocha Pereira, Editora Lisboa)

- O leviatã - Thomas Hobbes (Abril Cultural)
- O preço da justiça – Voltaire (Editora Martins Fontes)

5 - Filosofia da Ciência

- Senso comum
 - O saber de todos nós
 - Do senso comum ao bom senso
 - Características do Senso comum
 - A ideologia:
 - Concepções de ideologia
 - O sentido negativo da ideologia
 - A contra-ideologia
- Concepções da ciência
 - Histórico da ciência: da ciência grega a crise da ciência moderna
 - Atitudes científicas
 - As Três principais concepções de ciências
- Progresso e ciência
 - A ciência e os avanços da tecnologia
- Positivismo científico
 - Crise do positivismo científico: à medida que a história, a contingência, a incerteza, a irreversibilidade e a complexidade faziam a sua entrada na ciência, não como corpo estranho, mas como produtos do próprio desenvolvimento científico
 - Críticas de Habermas ao positivismo científico
- Política e ciência
 - Relação entre o desenvolvimento científico-tecnológico e sua associação a ações promotoras de informação científico-tecnológica
 - Marco de referência (década de 50): criação do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) e do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD)
 - Década de 60: intensificação da intervenção da Unesco na promoção de políticas e ações de informação científico-tecnológica
 - Superação do “*informational gap*” entre países ricos e países pobres em ciência e tecnologia
 - Modelos de gestão da ciência e da tecnologia nos fins do século XX
- Ética e ciência
 - A Ciência e os produtos dela derivados utilizados em benefício do homem
 - A Ciência para melhorar a qualidade de vida
 - A Ciência e a preservação do meio ambiente: garantia do desenvolvimento sustentável

- A Ciência diminuindo as desigualdades sociais
- Ciência para a Sociedade: é o grande lema da comunidade científica internacional
- Educação para a ciência: um dos instrumentos mais efetivos para implementar as ações nesse campo
- Bioética
 - O que é bioética
 - Bioética geral
 - Bioética clínica ou de decisão
 - Tendências da Bioética
 - Bioética e aborto
 - Educação sexual
- Saber científico e saber filosófico
 - Distinção entre conhecimento e saber
 - O saber filosófico:
 - O pensamento mítico e o pensamento filosófico
 - O conhecimento filosófico e a metafísica
- O saber científico:
 - Conhecimento científico - sinônimo de ciência
 - O conhecimento científico e suas quatro características essenciais: objetividade, racionalidade, revisibilidade e autonomia
 - A problemática do progresso no conhecimento científico em T. Kuhn e K. Popper
 - Distinção da perspectiva de Comte da de Popper e T. S. Kuhn face ao progresso científico
 - Análise dos problemas, na escala mundial, que se devem ao desenvolvimento tecnológico: problemas ecológicos, violência, materialismo, narcisismo, consumismo, hedonismo
- O método científico
 - Elementos do método científico
 - História
 - O acidente
 - A hipótese
 - Método Duplo-cego
 - Exemplo prático
- Ciência empírica e ciência experimental
 - Conceito de ciência
 - O que é ciência e o que não é ciência: ciência, falsa ciência, charlatanismo

- Limites da ciência
- Conceito de empirismo
- Empirismo na ciência
- Empirismo na filosofia:
 - Antigüidade
 - Idade Média
 - Idade Moderna
 - Empirismo britânico
 - Século XIX
 - Empirismo lógico
- Estudos de textos complementares:
 - Gaston Bachelard (1884-1962) – O direito de sonhar
 - Jurgen Habermas (1929) - O caos na esfera pública
 - Paul Karl Feyerabend (1924-1994) – Trabalhos sobre o papel da ciência na sociedade.
 - Michel Foucault (1926-1984) – O homem e o discurso
 - Granger, GG () – A ciência e as ciências
 - Thomas Kuhn (1922-1996) – Estruturas das revoluções científicas
 - Karl Raimund Popper (1902-1994) – Racionalismo crítico
 - Paul Ricoeur (1913-2005) - À volta da Política

6 - Estética

- Pensar a beleza
 - A busca da beleza.
 - Refletir sobre a beleza
 - Entre os gregos
 - Na idade média
 - No renascimento
 - No mundo contemporâneo
 - Baumgarten e o belo
- Estética ou Filosofia da Arte?
 - A fundação da Estética no contexto da Filosofia.
 - A Estética como "ciência do Belo" e a Estética como "ciência da experiência do Belo".
- Concepções de estética
 - O significado do termo Estética
- Concepções de arte
 - O que é arte

- Estética e filosofia da arte
- Definições explícitas de arte: as teorias existencialistas
- Teoria da arte como imitação
- Arte como conhecimento
 - A atividade artística
 - Os gregos e a arte
 - Os gregos e o belo: a estética, a arte e a arte como conhecimento
 - Teoria da arte como expressão
 - Teoria da arte como forma significativa
- Necessidade ou finalidade da arte
 - Atividade que exprime cultura, sensibilidade e tradição
 - Como expressão dos anseios vitais do homem
 - Arte e sociedade
- Arte e política
 - A partilha do sensível: estética e política
- Crítica do gosto
 - O gosto como um fato social
 - O juízo do gosto na Filosofia
 - O juízo do gosto na Arte
 - Kant e o sentimento do belo
 - A universalização do gosto
- Arte e movimento: cinema, teatro e dança.
 - Merleau-Ponty e o cinema como expressão de visão de mundo
 - O sentido da imagem
 - Apenas distração?
 - Estética da atração
- Perspectivas contemporâneas: arte conceitual
 - Arte conceitual e outras perspectivas: movimento artístico moderno ou contemporâneo
 - A arte conceptual recorre frequentemente ao uso de fotografias, mapas e textos escritos (como definições de dicionário).
 - O movimento de 1967 a 1978
- Estudos sobre:
 - Alexander Baumgarten (1714-1762) – Estudo da percepção do belo
 - Friedrich Hegel (1770-1831) – Preleções sobre estética
 - David Hume (1711-1776) – Do padrão do gosto
 - Mikel Dufrenne (1910-1995) A experiência estética nos caminhos da fenomenologia.

- O direito de sonhar - Gaston Bachelard (1884-1962) - Editora Difel
- Schiller (1799-1805) – Sobre a educação estética do homem e uma seqüência de cartas.
- Terry Eagleton (1943) – A ideologia da estética
- Emmanuel Kant (1701-1804) - A crítica da razão pura, a crítica da razão pratica e a crítica dos juízos.
- Benjamin Constant (1767-1830) – Duas concepções de liberdade
- Theodor Adorno(1703-1969) – E os meios de comunicação de massa
- Jacques Rancière (1940) – Política da arte
- Merleau-Ponty (1908-1961) – O cinema e a nova psicologia
- Paul Valéry (1871-1945) - A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução

5 - Metodologia

Trabalhando com a filosofia através de discussões acerca dos valores morais e éticos da atualidade, fazendo um estudo comparativo com os valores éticos praticados na Grécia Antiga, berço da filosofia, verificando as mudanças, as permanências e transformações ocorridas, questionando-nos, professores e alunos, sobre o que se mantém na educação contemporânea, na formação atual de valores, uma vez que inúmeras famílias estão se desestruturando, o que está desvirtuando muitos indivíduos, causando desintegração, transformando-os em pessoas discriminadas e marginalizadas pela sociedade no âmbito escolar que nos diz respeito especial causando conflitos entre os alunos, ressaltando as diferenças, contribuindo para um sentimento individualista, levando-os ao isolamento e criando um ambiente tenso na sala de aula, dificultando os trabalhos e a aprendizagem.

O objetivo da filosofia é resgatar estes indivíduos, tentando modificar o pensar, integrando-os, diminuindo o preconceito e a discriminação, fazendo com que as hostilidades se dissipem, incentivando o respeito mútuo, chamando os alunos a uma reflexão: ver o “outro” como semelhante, despertando o sentimento de amizade e cordialidade entre eles.

Ao entrar em contato com a filosofia, os alunos do Ensino Médio ouvirão muito o termo “problema”, expressão vinda do grego, significando obstáculo, aquilo que está lançado, o que é lançado, o que é saliente. Para isso, serão realizadas muitas discussões acerca de vários temas do cotidiano, sobre os filósofos antigos e também sobre os contemporâneos.

O problema maior é o conhecimento, como diz Jean-Pierre Vernant sobre a preocupação com o conhecimento puro, isto é, o saber que não carrega traços religiosos ou místicos, é uma característica dos primeiros filósofos. Homens como

Tales, Anaximandro, Anaxímenes, apresentam em suas investigações uma teoria, uma visão geral do mundo que explica racionalmente a estrutura física e espiritual deste mundo. Vernant afirma ainda que esses primeiros pensadores tinham plena consciência de que produziam um conhecimento radicalmente novo e, em muitos pontos, oposto à tradição religiosa. (VERNANT, 1973, p.165-8).

Sendo assim, o ensino dos conteúdos estruturantes de filosofia e seus conteúdos específicos dar-se-á em quatro momentos distintos: a sensibilização, a problematização, a investigação e a criação de conceitos.

Podemos começar pela exibição de um filme, por exemplo, ou uma imagem; da leitura de um texto jornalístico ou literário; da audição de uma música, são inúmeras as atividades conduzidas pelo professor para instigar e motivar possíveis relações entre o cotidiano do estudante e o conteúdo filosófico a ser desenvolvido.

Após a sensibilização, inicia-se o trabalho propriamente filosófico – a problematização, a investigação, a criação de conceitos, etc... a partir do conteúdo em discussão, a problematização ocorre quando professor e estudantes levantam problemas e investigam o conteúdo. É importante ressaltar que os recursos para a sensibilização sejam filmes, música ou texto, serão retomados a qualquer momento.

Ao problematizar, o professor convida o estudante a analisar o problema, o que se faz por meio da investigação, que pode ser o primeiro passo para possibilitar a experiência filosófica. Ao decorrer à história da filosofia e aos clássicos, o estudante se defronta com diferentes maneiras de enfrentar o problema e com as possíveis soluções já elaboradas que, embora não resolvam o problema, orientam a discussão.

O ensino de filosofia deve estar na perspectiva de quem dialoga com a “vida” isso é importante que, na busca da resolução do problema também haja preocupação com uma análise da atualidade, com uma abordagem contemporânea que remeta o estudante à sua própria realidade.

As aulas também serão ministradas dentro do método tradicional através de aulas expositivas, trabalhos em grupos, interpretação de textos e perguntas relacionadas ao assunto. Utilizarei também os recursos didáticos existentes na escola: como o quadro de giz, a TV pen drive, a biblioteca, a sala multimídia(se houver).

Ao final, os alunos terão condições de perceber o que está implícito nas ideias e como são elas se tornam o conhecimento e, ideologia, de modo que assim, criam a possibilidade de argumentar filosoficamente, por meio de raciocínio lógico, num pensar coerente e crítico.

6 – Avaliação

A avaliação é importante para perceber só os métodos usados atingiram os seus fins sobre a produção teórica do aluno.

Existem muitas controvérsias em torno da avaliação, desde os riscos de subjetividade até a tentação do exercício de poder. Há também quem considere arbitrário fazer julgamento, na medida em que as questões formuladas e temas discutidos não comportam resposta única, admitindo divergências que não podem ser desprezadas.

O que importa na avaliação do trabalho filosófico não é a concordância dos argumentos do aluno com os do professor; mas sim o adequado atendimento ao tema proposto, a devida coerência da exposição, a clareza de ideias, a capacidade e riqueza de argumentação, enfim, a rigorosa fundamentação teórica dos conceitos trabalhados.

A avaliação deve ser concebida na sua função diagnóstica; não tem finalidade em si mesma, mas tem a função de subsidiar e mesmo redirecionar o curso da ação no processo ensino-aprendizagem. Apesar de sua inequívoca importância individual, no ensino de Filosofia, a avaliação não resumir-se-ia a perceber quanto o estudante assimilou do conteúdo presente na história da Filosofia, do texto, ou dos problemas filosóficos nem a examinar sua capacidade de tratar deste ou daquele tema.

O critério de avaliação é o conteúdo, no seu papel de mediador entre sujeito que aprende e a realidade. Não se trata, porém, de qualquer conteúdo, mas daqueles cuja relevância é fundamental também enfatizar a relevância da relação conteúdo, forma na socialização do saber: possibilitando ao aluno da realidade contemporânea.

Ao avaliar, deve-se ter profundo respeito pelas posições do estudante, mesmo que não concorde com elas, pois o que está em questão é a capacidade de argumentar e de identificar os limites dessas posições.

O que deve ser levado em conta é a atividade com conceitos, a capacidade de construir e tomar posições, de detectar os princípios e interesses subjacentes aos temas e discursos, e também desenvolver o senso crítico.

A avaliação de Filosofia se inicia com a sensibilização, com a coleta do que o estudante pensava antes e o que pensa após o estudo. Com isso, torna-se possível entender avaliação como um processo que se dá no processo e não como uns momentos separados, vestem em si mesmo.

No entanto, convém observar que os critérios de avaliação devem estar coerentes com as normas estabelecidas pelo regimento escolar deste estabelecimento de ensino, no qual faz parte.

7 – Referências Bibliográficas

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Temas de filosofia**. Manual do professor. 2ª edição. Editora Moderna, 1993. São Paulo.

CARTOLANO, Maria Teresa Penteado. **Filosofia no Ensino de 2º grau**, p.21.

CHAUÍ, Marilena. In Discurso nº8, maio de 1978. São Paulo, Departamento de Filosofia da USP, p.155-156.

GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ, SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO, SUPERINTENDENCIA DA EDUCAÇÃO. **Diretrizes Curriculares de Filosofia para a Educação Básica**. Curitiba, 2006. editado no Brasil. Distribuição gratuita.

HUTNER, Mary Lane. Chefe do Departamento de Ensino Médio. In Diretrizes Curriculares da Rede Pública de Educação Básica do Estado do Paraná. Secretaria de Estado da Educação. SEED, Curitiba, 2006.

REALE, G.; ANTÍSERI, D. **História da Filosofia: patrística e escolástica**. São Paulo. Paulus, 2003.

RIBEIRO, Sônia maria. **Tese de Filosofia: por que filosofia?** São Paulo, Feusp, 1989.

RICOEUR, Paul. **Interpretação e ideologia**. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1977.

RUSSELL, B. **Os problemas da filosofia**. Coimbra: almeidina, 2001;

SEVCENKO, N. **O Renascimento**. 11ª ed. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas. 1988.

SEVERINO, Antonio Joaquim. Texto: **A expressão histórico-cultural da filosofia**. São Paulo, Feusp, 1989.

VERNANT, Jean- Pierre. **As origens do pensamento grego**. Tradução de Ísis Borges B. Da Fonseca. 3ª edição. Difel.

METODOLOGIA DO ENSINO DE PORTUGUÊS/ ALFABETIZAÇÃO

INTEGRADO

Período letivo: 3ª série

Período letivo: 4ª série

1 – Ementa

A Língua Portuguesa passou a integrar os currículos escolares brasileiros somente nas últimas décadas do século XIX. A preocupação com a formação do professor dessa disciplina teve início apenas nos anos 30 do século XX.

Depois de institucionalizada como disciplina, as primeiras práticas de ensino moldavam-se ao ensino do Latim, para os poucos que tinha acesso a uma escolarização mais prolongada.

A partir dos anos 80, os estudos linguísticos mobilizaram os professores para a discussão e o repensar sobre o ensino da língua materna e para a reflexão sobre o trabalho realizado nas salas de aula. A ideia do letramento ou níveis de analfabetismo, a partir da década de 80, trouxe uma mudança conceitual que colocou por terra a simples distinção entre alfabetizados e analfabetos. O contexto histórico e social impôs ao cidadão a necessidade de ir além da mera capacidade de codificar e decodificar: é necessário atingir capacidades linguísticas que lhe permitam exercer as práticas de leitura e escrita dos diferentes gêneros textuais que circulam no seu meio social, associando-as ou dissociando-as das práticas sociais de oralidade.

O futuro professor precisa entender a leitura e a escrita como atividades sociais significativas, sustentando-se, por conseguinte, em atividades pedagógicas que envolvem o uso da língua em situações reais, através de textos significativos e contextualizados.

A prática pedagógica na Língua Portuguesa deve levar em consideração três grandes eixos: compreensão da função social da leitura e da escrita; aquisição da leitura e da escrita, domínio do sistema gráfico.

Estes eixos não significam etapas sucessivas; deverão constituir-se num trabalho distinto, mas não disjunto.

Desta forma o trabalho metodológico em Língua Portuguesa deverá garantir quatro práticas fundamentais: leitura e interpretação, produção de textos orais e escritos, análise linguística, atividades de sistematização para o domínio do código.

2 – Objetivos

- Experimentar na prática o que será vivenciado no cotidiano de um professor.
- Conhecer as diferentes formas de linguagem escrita, através da produção e análise de diferentes tipos de textos.
- Buscar alternativas criativas e inovadoras ampliando seus conhecimentos em relação à sua prática pedagógica.
- Discernir sobre a postura adequada e inadequada do professor em sala de aula diferenciando os aspectos de como ensinar, a quem ensinar, o que ensinar, quando ensinar e por que ensinar.

3 – Conteúdos

3ª série

1 - A leitura e a escrita como atividades sociais significativas

- Linguagem e sociedade

- Concepção de linguagem
- Concepção de ensino e de aprendizagem
- A escrita como um processo histórico social: importância, usos e práticas sociais da escrita
- Reflexões sobre a história da escrita na história da humanidade
- Fases pictográfica, ideográfica, alfabética
- Contribuições teóricas referentes à alfabetização: Vocabulário infantil, Pensamento e linguagem / literatura infantil e o desenvolvimento de pesquisa na área de aprendizagem da leitura e da escrita

2 - A atuação do professor de Língua e Alfabetização: pressupostos teórico-práticos

- Políticas de valorização do professor
- O professor e sua formação
- O professor leitor
- O professor e as práticas docentes multidisciplinares
- O professor e a formação cultural

3 - As contribuições das diferentes Ciências (História, Filosofia, Psicologia, Pedagogia, Linguística, Psicolinguística, Sociolinguística) na formação do professor de Língua Portuguesa e Alfabetização

- Métodos de alfabetização, suas limitações e consequências:
 - Diferentes Métodos de Alfabetização utilizados nas diferentes idades: Sintético, Analítico, Eclético ou Misto
 - Alfabetização a partir do texto, da frase e palavra
- Análise crítica dos diferentes Programas de Alfabetização desenvolvidos no Brasil:
 - Histórico do Mobral, Alfabetização Solidária, Correção de Fluxo, Brasil Alfabetizado, Paraná Alfabetizado, Aceleração de Estudos e outros.
 - Contribuição de Paulo Freire no processo de alfabetização de jovens e adultos
 - Análise crítica dos processos de alfabetização

4ª série

1 - Estudo e análise crítica dos diferentes processos de Ensino da Língua Portuguesa, da Alfabetização e do Letramento

- Teorias sobre a aquisição do conhecimento e sobre a aquisição da leitura e da escrita
- O trabalho de Vygotsky e Luria no desenvolvimento
- Fatores psico-sociolinguísticos que interferem na aprendizagem da leitura e da escrita
- Hipóteses infantis sobre a construção da escrita
- A pesquisa de Ferreiro e Teberosky
- Os níveis conceituais lingüísticos:
 - Nível 1 - pré-silábico: (fases pictórica, gráfica primitiva e pré-silábica) - o desenvolvimento da leitura e escrita; a aquisição da linguagem oral e escrita
 - Nível 2 - intermediário I: o desenvolvimento da leitura e escrita; a aquisição da linguagem oral e escrita
 - Nível 3 - silábico: o desenvolvimento da leitura e escrita; a aquisição da linguagem oral e escrita
 - Nível 4 - intermediário II ou silábico-alfabético: o desenvolvimento da leitura e escrita; a aquisição da linguagem oral e escrita

- Nível 5 - alfabético: o desenvolvimento da leitura e escrita; a aquisição da linguagem oral e escrita

- Conceção de língua, linguagem e de alfabetização
 - Evolução das concepções do processo de alfabetização no Brasil
 - Aspectos políticos e ideológicos do processo de alfabetização
 - Linguagem como interação e prática pedagógica: função cognitiva, função comunicativa e função reguladora
 - Noções básicas e fonéticas
- A linguística e o ensino de português
 - Conceção da variação linguística
 - A realidade linguística da criança
 - A escola e a variação linguística
 - Como é estabelecido o dialeto padrão
- Leitura, Escrita e Literatura.
 - A história da escrita
 - Conceção de linguagem escrita
 - Conceção e aquisição de leitura e escrita pela criança e pelo adulto
 - Características do sistema gráfico da Língua Portuguesa
 - O processo de letramento escolar
 - Modelos de letramento e funções sociais da escrita
 - Iniciação a leitura: o que é ler
 - Tipos de leitura
- Análise crítica dos conteúdos de Língua Portuguesa no 1º. Ciclo do Ensino Fundamental
- Análise crítica de materiais didáticos de alfabetização e Língua Portuguesa (livros didáticos)
- Análise crítica dos PCNs e dos RCNEI
- Confecção de materiais didáticos para alfabetização
- Planejamento, elaboração e aplicação de planos de aula sobre: produção de texto e gramática estrutural contextualizada.
- Avaliação da aprendizagem

2 - Considerações teórico-metodológicas para a prática pedagógica de Alfabetização e Letramento

- Leitura, escrita e literatura:
 - Conceção de alfabetização e letramento
 - O processo de letramento escolar
 - Como alfabetizar letrado
 - Conceito de leitura: o que é ler
 - Iniciação à leitura
 - Oralidade e comunicação: a escola e o desenvolvimento da linguagem oral
 - Tipos de leitura
 - Leitura e interpretação
- A atualidade do trabalho de Celestin Freinet:
 - A produção de texto livre e espontâneo (Freinet)
 - O ensino da escrita como uma arte
- Programas e projetos de alfabetização atuais
- A persistência de dilemas como: prontidão para alfabetização e cartilhas de alfabetização
- As cartilhas e sua ideologia-grande negócio
- Encaminhamento Metodológico: a leitura, a produção e análise linguística de textos:
 - Conceito de texto e de escrita
 - Procedimentos metodológicos
 - Atividades de sistematização para o domínio do código
 - A produção, reestruturação e reescrita de textos
 - A leitura

- A produção e análise linguística de textos
- Análise de textos
 - Análise linguística de textos impressos
- Adequação do texto
 - Interlocutor do texto (criança, adulto, autoridade)
 - Intenção (divertir, convencer, instruir)
 - A situação (maior ou menor rigor na forma)
 - Gênero (características particulares)
- Estrutura do texto
 - Clareza (não há falta de informação, ambiguidade?)
 - Coerência (não há contradições?)
 - Coesão (as partes estão amarradas com os recursos coesivos adequados?)
 - Discurso (direto ou indireto, foram empregados segundo a convenção)
- Problemas sintáticos do texto
 - Concordância verbal
 - Concordância nominal
 - Regências
- Problemas morfológicos
 - Vocabulário adequado
 - Ortografia
 - Acentuação gráfica
 - Padrões silábicos da língua (mudança de linha)
- Apresentação da redação
 - Letra legível
 - Disposição adequada na folha de papel
 - Limpeza
- Tipologia Textual e funções da linguagem:
 - Os diferentes tipos de textos: descritivos, narrativos, dissertativos, jornalísticos, cartas, bilhetes, anúncio, aviso e propaganda.
- Processo de avaliação: uma visão construtiva do erro
 - Subsídios para a avaliação da produção textual
 - Estrutura do texto:
 - Clareza (não há falta de informação, ambiguidade?)
 - Coerência (não há contradições?)
 - Coesão (as partes estão amarradas com os recursos coesivos adequados?)
 - Discurso (direto ou indireto, foram empregados segundo a convenção)
 - Problemas sintáticos do texto:
 - Concordância verbal
 - Concordância nominal
 - Regências
 - Problemas morfológicos:
 - Vocabulário adequado
 - Ortografia
 - Acentuação gráfica
 - Participação silábica convencional na mudança de linha
 - Apresentação da redação:
 - Letra legível
 - Disposição adequada na folha de papel
 - Limpeza
 - Observação das normas de organização textual e domínio de escrita e critérios
 - Definição clara dos argumentos que foram selecionados (a organização textual e o domínio de escrita)

- Explicitação de sua opinião (contra/favor) em relação aos argumentos selecionados (observar se a opinião a ser expressa deve ser feita sempre em relação a argumentos utilizados)
- Apresentação com clareza da ideia central explicitada pelo autor do texto de referência, tomando o cuidado de não incluir posicionamento pessoal
- O papel da escola como promotora de alfabetização e letramento
- Conteúdos de Língua Portuguesa no 2º. Ciclo do Ensino Fundamental
 - Análises de livros didáticos:
 - Confecção de materiais didáticos para alfabetização
 - Planejamento, elaboração e aplicação de planos de aula sobre: produção de texto e gramática estrutural contextualizada

4 - Encaminhamentos Metodológicos

A área de ensino da linguagem oral e escrita apresenta algumas particularidades pois é uma área na qual ocorreram nos últimos anos, profundas mudanças em decorrência dos novos conceitos e resultados de pesquisas sobre aprendizagem e também da reflexão sobre a importância do papel que ela desempenha na cultura e na educação. Essas mudanças suscitam uma série de transformações no campo da formação dos professores como: a estruturação de um conhecimento mais formal e teórico para que os docentes se atualizem e adquiram mais conhecimentos diversificados e a necessidade de desenvolver esse conhecimento no contexto menos formal da prática na sala de aula.

Se considerarmos a alfabetização na perspectiva do que a escrita representa de seus valores e usos sociais, bem como a compreensão da estrutura desse sistema de representação, então o trabalho de alfabetização estará direcionado para um ensino que permita à criança compreender, desde o início a função social da escrita, e dela faça uso efetivo construindo-se como leitor e escritor.

O que se defende é a necessidade de a escola compreender que a variabilidade na escrita diz respeito tanto às suas condições de produção, recepção e circulação quanto à compreensão dessas condições pelos sujeitos. Essa é, também, uma forma de considerar aquilo que o aluno já sabe, em função de sua experiência prévia, como conhecimento relevante.

E se essa tarefa é concebida como uma daquelas que a escola deve assumir, então será possível que se procurem caminhos para um trabalho em que se alterem efetivamente as imagens que se tem acerca do que seja estar inserido no mundo da escrita, o que, certamente, dará margem a ações mais pontuais em relação a uma série de outros desafios.

O interesse na questão leva-os, também, a refletir sobre quais seriam as práticas de ensino/aprendizagem que possibilitariam que ao aluno sejam dadas oportunidades de, mais do que conhecer o código, introduzir a palavra escrita em sua vida, em diferentes situações de interação; em outras palavras, os professores, cada vez mais, mostram-se preocupados em possibilitar que o aluno recorra à tecnologia da escrita segundo suas necessidades comunicativas, as quais podem ser ampliadas como resultado de um contato cada vez mais intenso com a escrita.

Do ponto de vista dos estudos lingüísticos e particularmente daqueles que refletem sobre o processo de aquisição e desenvolvimento da língua e da linguagem, a noção de competência é crucial para explicar os caminhos pelos quais o sujeito aprende a usar a linguagem e a se constituir enquanto tal. Dessa perspectiva, a competência comunicativa pode ser considerada como a capacidade de interagir em diferentes situações de interação e, portanto, de produzir/receber textos.

Essa capacidade engloba pelo menos três grandes sistemas de conhecimento que são: **conhecimentos lingüísticos**: saberes acerca das regras de funcionamento da língua, no nível fonológico, morfológico, sintático e semântico; **textuais- pragmáticos**: saberes relativos aos gêneros e tipos textuais, tanto em relação à sua configuração usual quanto a seu funcionamento em diferentes instituições e situações de interação, bem como no que

respeita a normas de uso da língua nas práticas comunicativas das quais emergem os textos; **conhecimentos referenciais**: em outras palavras saberes sobre o mundo.

Estes eixos são trabalhados com os seguintes conteúdos: evolução das concepções do processo de alfabetização no Brasil, situação atual e perspectivas; concepção de língua, linguagem e de alfabetização; fatores sociolinguísticos que interferem na aprendizagem da leitura e da escrita; aspectos políticos e ideológicos do processo de alfabetização; encaminhamento metodológico pela leitura, a produção de textos; análise linguística, a reescrita de textos e a avaliação; os eixos que norteiam o ensino de português pela prática de leitura, prática de produção de textos e análise e reflexão sobre a língua; conteúdos de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental e análises de livros didáticos (confecção de materiais didáticos para alfabetização); planejamento, elaboração e aplicação de planos de aula sobre: produção de texto e gramática estrutural contextualizada.

Será utilizada a dialética de construção do conhecimento em sala de aula, tendo em vista estratégias de ação que permitam desenvolver os conteúdos de maneira analítica, crítica e contextualizada, permitindo a diversificação de atividades e encaminhamentos, oportunizando aos alunos, uma construção sólida dos conhecimentos necessários para o exercício da docência.

Para tanto serão utilizados recursos metodológicos diversificados como: exposição dialogada do conteúdo, exposição provocativa, planejamento de situações práticas, dinâmicas de grupo, pesquisas, análises de textos infantis, trabalhos em grupo, seminários e outros recursos metodológicos que forem oportunos e estiverem disponíveis.

5 – Avaliação

Terá caráter investigativo e de diagnóstico ocorrendo de maneira formal e informal.

A avaliação formal dar-se-á através de instrumentos como: elaboração de trabalhos de pesquisa e de sínteses quando se tratar de conteúdos de caráter teórico tanto individuais quanto em grupos; relatórios, análise e produção de textos, testes formais objetivos e subjetivos.

Já a avaliação informal se utilizará de observações diárias em que se manifestam as atitudes, o desempenho na realização das atividades propostas levando-se em consideração os aspectos de formação integral do ser humano como a participação, o comprometimento, a assiduidade, a responsabilidade, a produtividade, o relacionamento com os colegas e professores.

O processo de avaliação seguirá o que está exposto no Regimento Escolar.

6 – Referências Bibliográficas

ABRAMOVICH, F. **O estranho mundo que se mostra às crianças**. São Paulo, Summus, 1983.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1988.

BASTOS, L. K.; MATTOS, M. A. A de. **A produção escrita e a gramática**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1992.

BETTELHEIM, B. **A Psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

BETTELHEIM, B. ; ZELAN, K. **Psicanálise da alfabetização**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

BRAGGIO, S. L. B. **Leitura e alfabetização: da concepção mecanicista à sociopsicolinguística**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 1995.

_____. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 1993.

CHARTIER, A. M. et al. **Ler e escrever: entrando no mundo da escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

_____. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Unesp, 1997.

COLOMER, T.; AMPS, A. **Ensinar a ler, ensinar a compreender**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

COOK, G. J. Alfabetização e escolarização: uma equação imutável? In: COOK, G. J (org.) **A construção social da alfabetização**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1991.

FARACO, C. A. e outros . **Uma introdução a Bakhtin**. Curitiba, Hatier, 1988.

FERREIRO, E. **Reflexão sobre alfabetização** São Paulo: Cortez, 1988

_____. **Alfabetização em processo**. São Paulo: Cortez, 1986.

_____. **Reflexões sobre a alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1992.

FRANCHI, E. **A pedagogia da alfabetização da oralidade à escrita**. São Paulo: Cortez, 1991.

_____. **Pedagogia da alfabetização: da oralidade à escrita**. São Paulo: Cortez, 1995.

FREGONEZI, E. D. **Elementos de Ensino da Língua Portuguesa**. Editora Arte e Ciência, 1999

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1982.

GERALDI, J. W. (org). **O texto na sala de aula leitura e produção**. Campinas, Assoeste, 1984.

_____. **Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação**. Campinas: Mercado das Letras, 1996.

GRAFF, H. J. **Os labirintos da alfabetização: reflexões sobre o passado e o presente na alfabetização**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

JOLIBERT, J. et al. . **Formando crianças leitoras**. Porto Alegre: Artes Médicas: 1994.

KATO, M. **O aprendizado da leitura**. São Paulo Martins Fontes, 1985.

_____. **O aprendizado da leitura**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

KAUFMAN, A. M.; RODRIGUES, M. H. **Escola, leitura e produção de textos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

KLEIMAN, A. B. et al . **O ensino e a formação do professor: alfabetização de jovens e adultos**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

- KLEIN, L. R. **Alfabetização: quem tem medo de ensinar?** São Paulo: Cortez, 1996.
- KRAMER, S. **Alfabetização, leitura e escrita: formação de professores em curso.** Rio de Janeiro: Escola de Professores, 1995.
- LEMLE, M. **Guia teórico do alfabetizador.** São Paulo, Editora Ática, 1994.
- MASSINI, C. G.; CAGLIARI, L. C. **Diante das letras: a escrita na alfabetização.** São Paulo: Mercado das Letras, 2001.
- MEIRELES, C. **Problemas da literatura infantil.** São Paulo, Summus, 1979
- MOLLICA, M. C. **A influência da fala na alfabetização.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998.
- MORAIS, J. **A arte de ler.** São Paulo: Unesp.1994.
- MORTATTI, M. do R. L. **Os sentidos da alfabetização.** São Paulo: Editora Unesp: Comped, 2000.
- OLIVEIRA, Z. **Creches, crianças, faz de conta.** Rio de Janeiro:Vozes,1992.
- _____. **Educação infantil, muitos olhares.** São Paulo:Cortez,1996.
- OLSON, D. R. **O mundo no papel: as implicações conceituais e cognitivas da leitura e da escrita.** São Paulo: Ática., 1997.
- POSSENTI, S. **Por que (não) ensinar gramática na escola.** São Paulo: Mercado das Letras, 1996.
- ROJO, R. **Alfabetização e letramento.** São Paulo: Mercado das Letras, 1998.
- SCLIAR, C. L. **Princípios do sistema alfabético do português do Brasil.** São Paulo: Contexto, 2003.
- SMOLKA, A. L. B. **A criança na fase inicial da escrita.**Campinas, Ed. da UNICAMP, 1988.
- _____. **A criança na fase inicial da escrita: alfabetização como processo discursivo.** São Paulo: Unicamp, 1988.
- SOARES, G. M. R. & LEGEY, E. P. **Fundamentos e metodologia da alfabetização: método natural.** Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1981.
- SOARES, M. B. **Linguagem e escola.** São Paulo: Ática, 1988.
- _____. **M. Linguagem em escola: uma perspectiva social.** São Paulo: Ática, 1989.
- TFOUNI, L. V. **Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso.** São Paulo: Pontes Editores, 1998.
- VYGOTSKY, L. S. **Formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ZILBERMANN, R. (org). **A produção cultural para a criança**. Porto Alegre. Mercado Aberto. 1982.

**PROPOSTA PEDAGÓGICA CURRICULAR
CURSO DE FORMAÇÃO DE DOCENTES INTEGRADO
GEOGRAFIA**

1 – Ementa

- Dimensão econômica da produção do/no espaço.
 - Modos de produção e formações socioespaciais;
 - Industrialização clássica, periférica e planejada;
 - Revolução técnico-científica-informacional e o novo arranjo do espaço da produção; distribuição espacial da indústria nas diversas escalas geográficas;
 - Oposição Norte-Sul e aspectos econômicos da produção;
 - Internacionalização do capital e sistemas financeiros;
 - Formação dos blocos econômicos regionais;
 - Urbanização e hierarquia das cidades: megalópoles, metrópoles, cidades grandes, médias e pequenas;
 - Novas tecnologias e alterações nos espaços urbano e rural;
 - Re-estruturação do Segundo Mundo e economias de transição;
 - Industrialização nos países pobres: diferenças tecnológicas, econômicas e ambientais.
- 1 - Geopolítica:
 - A nova ordem mundial no início do século XXI: o fim dos três mundos e a atual oposição norte-sul;
 - Fim do Estado de bem-estar social e o neoliberalismo;
 - Os atuais conceitos de Estado-Nação, país, fronteira e território;
 - Regionalização do espaço mundial;
 - Os novos papéis das organizações internacionais;
 - Redefinição de fronteiras: conflitos de base territorial, tais como: étnicos, culturais,
 - Políticos, econômicos, entre outros;
 - Movimentos sociais e reordenação do espaço urbano;
 - Conflitos rurais e estrutura fundiária;
 - Questões territoriais indígenas;
 - Territórios urbanos marginais: narcotráfico, prostituição, sem-teto, entre outros.
 - Dimensão socioambiental:
 - Dinâmica da natureza e formação dos objetos naturais;
 - O meio ambiente e as grandes paisagens naturais do planeta;

- Atividades humanas e transformação da paisagem natural nas diversas escalas geográficas;
- Recursos naturais, conservacionismo (uso sustentável de bens naturais) e preservacionismo(áreas protegidas);
- Patrimônios culturais e ecológicos;
 - Crise ambiental: conflitos políticos e interesses econômicos;
 - Produção do espaço geográficos e impactos ambientais sobre a água, o solo, o ar, o clima;
 - Problemas ambientais dos grandes centros urbanos;
 - Ocupação de áreas de risco, encostas e mananciais;
 - Biotecnologia e impactos ambientais.
- Dinâmica cultural e demográfica
 - Crescimento demográfico e suas implicações políticas, sociais e econômicas;
 - Teorias demográficas e políticas populacionais em diferentes países;
 - Composição demográfica dos lugares: geração, gênero e etnia;
 - Relações entre composição demográfica, emprego, renda e situação econômica do país, da região, do lugar;
 - População urbana e população rural: composição etária, de gênero e de emprego.

2 – Fundamentação teórica

O ensino da Geografia fundamenta-se pela necessidade de analisar e compreender o espaço produzido pela sociedade atual, com seus conflitos, contradições e desigualdades.

O ensino começa pela epistemologia do seu objeto de estudo. O espaço geográfico e sua composição conceitual básica – lugar, paisagem, região, território, natureza, sociedade, entre outros.

A expressão espaço geográfico e sua composição conceitual, entretanto, não se auto explicam, exigem esclarecimentos, a depender da visão a que se vinculam, assumem posições filosóficas e políticas distintas.

O conceito adotado para o objeto de estudo da Geografia é o espaço geográfico, entendido como aquele produzido e apropriado pela sociedade, composto por objetos – naturais culturais e técnicos – e ações pertinentes a relações socioculturais e político-econômicas. Objetos e ações estão inter-relacionados.

Assim, a espacialização dos conteúdos de ensino, bem como a explicação das localizações relacionais dos eventos (objetos e ações) em estudo, são próprios do olhar geográfico sobre a realidade. Algumas perguntas orientam o pensamento

geográfico tais como: Onde? Quando? Por quem? Por que aqui e não em outro lugar? Como é este lugar? Por que este lugar é assim? Por que as coisas estão dispostas desta maneira? Qual a significação deste ordenamento espacial? Quais as consequências deste ordenamento espacial?

Para responder a essas questões torna-se necessário compreender as escolhas das localizações e as relações sociopolíticas e econômico-culturais que as orientam.

Assim, é preciso um referencial teórico que sustente esta reflexão. Será central a compreensão dos diferentes papéis historicamente vividos pelo Estado e sua relação com o espaço geográfico.

Para situar a construção conceitual das diferentes linhas de pensamento geográfico, destaca-se que os conceitos de paisagem e região, foram inicialmente tratados pela chamada Geografia Tradicional.

O conceito de território era associado de modo exclusivo ao papel do Estado, entendido como única instância de poder sobre o espaço geográfico. Atualmente, esse conceito foi ampliado pela vertente crítica da Geografia que o associa às relações de poder da escala micro à macro.

Já o conceito de lugar ganhou destaque com a chamada Geografia Humanística, que trouxe a dimensão afetiva e subjetiva para os estudos a respeito do espaço.

Atualmente, a vertente crítica da Geografia ressignificou o conceito de lugar, discutiu-o em sua relação com o processo de globalização da economia e, considerou seus aspectos subjetivos, com a ampliação da abordagem e ênfase às potencialidades políticas dos lugares em suas relações com outros espaços, próximos e/ou distantes.

Os conceitos de sociedade e natureza sempre estiveram presentes. Em cada linha teórica, o enfoque foi distinto, porém, como par conceitual eles compõem o pensamento e ultrapassam a condição de conceitos básicos da Geografia, de modo que se tornam categoria de análise do espaço geográfico.

A considerar que cada conceito se constituiu em diferentes momentos históricos, em função das transformações sociais, políticas e econômicas – que definem e redefinem maneiras e ritmos de produzir e organizar o espaço. Entende-se que para a formação de um aluno consciente das relações socioespaciais de seu tempo, o ensino de Geografia deve assumir o quadro conceitual das teorias críticas dessa disciplina, que incorporam os conflitos e as contradições sociais, econômicas, culturais e políticas, constitutivas de um determinado espaço.

A Geografia propõe abordagem de aspectos que concedam aos estudantes a ampliação do reconhecimento da diversidade em suas relações sociais. As aulas

podem constituir excelentes oportunidades de revisão de conceitos, de desenvolvimento de ideias, de respeito às diferenças e valorização humana, para que seja levado em conta o outro, o exótico o distante.

A temática da história e cultura afro-brasileira e africana será trabalhada nesta disciplina como está previsto na lei 10639/03, onde a interdisciplinaridade do conteúdo será priorizada.

3 - Objetivos

- Identificar, analisar e avaliar o impacto das transformações naturais, sociais, econômicas, culturais e políticas no seu “lugar-mundo”, comparando, analisando e sintetizando a densidade das relações e transformações que tornam concreta e vivida a realidade.
- Reconhecer os fenômenos espaciais a partir da seleção, comparação e interpretação, identificando as singularidades ou generalidades de cada lugar, paisagem ou território.
- Ler, analisar e interpretar os códigos específicos da geografia, considerando-os como elementos de representação de fatos e fenômenos espaciais.
- Selecionar e elaborar esquemas de investigação que desenvolvam a observação dos processos de formação e transformação dos territórios, tendo em vista as relações de trabalho, a incorporação de técnicas e o estabelecimento de redes sociais.
- Reconhecer na aparência das formas visíveis e concretas do espaço geográfico atual a sua essência, ou seja, os processos históricos, construídos em diferentes tempos, e os processos contemporâneos, conjunto de práticas dos diferentes agentes, que resultam em profundas mudanças na organização e no conteúdo do espaço.

4 – Conteúdos

1º Ano

- Imensão socioambiental:
 - Atividades humanas e transformação da paisagem natural nas diversas escalas geográficas:
 - Necessidade de compreensão e representação do mundo
 - O espaço e suas representações: o globo terrestre e os mapas
 - Símbolos ou convenções cartográficas
 - Escala numérica/escala gráfica
 - Projeções cartográficas

- Satélites artificiais e sensoriamento remoto
- Sistema de posicionamento global
- Geoprocessamento e SIG
- A cartografia no Brasil
- Dinâmica da natureza e formação dos objetos naturais:
 - O tempo geológico e as placas tectônicas
 - A origem do Universo
 - A origem da terra
 - A origem dos continentes
 - A teoria da deriva continental
 - O tempo geológico
 - A estrutura da terra
 - A crosta terrestre e as rochas
 - O ciclo das rochas
- A dinâmica interna do relevo:
 - Tectonismo
 - Vulcanismo
 - Abalos sísmicos
- A dinâmica externa do relevo:
 - O trabalho erosivo das águas
 - As águas dos rios e dos mares
 - Poluição das águas oceânicas e fluviais
 - O gelo
 - O trabalho erosivo do vento
 - Destruição e acumulação eólica
- O meio ambiente e as grandes paisagens naturais do planeta:
 - As grandes paisagens naturais da Terra e a destruição dos ecossistemas florestais, fluviais e marítimos
 - Biodiversidade e ecossistemas
 - As grandes paisagens naturais
 - As regiões polares
 - Regiões tropicais ou zona intertropical
 - Regiões desérticas
 - Regiões montanhosas
 - As implicações socioambientais e o desenvolvimento sustentável
 - Biopirataria
 - Os desmatamentos
 - A desertificação

- Impactos ambientais causados pela agricultura
- Erosão e poluição do solo por agrotóxicos
- A erosão dos solos em áreas agrícolas
- A atmosfera e os fenômenos meteorológicos:
 - A atmosfera
 - Temperatura do ar
 - Umidade do ar
 - A pressão atmosférica
 - A circulação geral do ar
 - As massas de ar: tempo e clima
 - Poluição atmosférica
 - Buraco na camada de ozônio
 - Efeito estufa
 - Inversão térmica
 - Ilhas de calor
 - Chuvas ácidas
 - Poluição urbana
- A degradação ambiental e as mudanças ecológicas globais:
 - O aquecimento atmosférico global
 - problemas ambientais: de quem é a responsabilidade?
 - Recursos naturais, conservacionismo (uso sustentável de bens naturais) e preservacionismo (áreas protegidas)
 - Patrimônios culturais e ecológicos;
 - A crise do modelo consumista de desenvolvimento
 - O modelo de desenvolvimento sustentável
 - A ONU e o meio ambiente global
 - A globalização e a questão ambiental – as sociedades consumistas (trabalho complementar)
- Dinâmica cultural e demográfica

Relações entre composição demográfica, emprego, renda e situação econômica do país e do mundo, da região, do lugar e as Teorias demográficas e políticas populacionais em diferentes países:

 - Crescimento populacional no mundo e no Brasil
 - O crescimento da população (Estudo de caso: China e Índia – trabalho complementar)
 - A revolução Industrial e o crescimento demográfico
 - Crescimento da população e a primeira teoria populacional – o Malthusianismo

- A estabilização demográfica no mundo desenvolvido
 - A Explosão demográfica e novas teorias populacionais
 - As teorias anti-natalistas da segunda metade do século XX
 - Dinâmica do crescimento populacional no Brasil
 - Crescimento, composição etária e impactos sociais
 - A questão nos países subdesenvolvidos de elevados crescimento demográfico
 - Mudanças etárias no Brasil
 - A questão etária nos países desenvolvidos
 - Envelhecimento populacional e Previdência Social
 - Distribuição da população por sexo
- A questão sócio-ambiental
 - Localização do território brasileiro
 - A dinâmica natural no Brasil – seu aproveitamento e modificações impostas pela sociedade brasileira:
 - Análise dos diferentes domínios morfo-climáticos que caracterizam o Brasil
 - Aproveitamento e importância das bacias hidrográficas brasileiras
 - Os ecossistemas brasileiros – Constituição
 - Análise dos principais problemas sociais e ambientais dos diferentes ecossistemas brasileiros
 - Geopolítica:
 - Os atuais conceitos de Estado-Nação, país, fronteira e território;
 - Território e mobilidade de fronteira
 - Etnia, raça, nação e povos: conceito.
 - Estado: origem e conceito
 - Ordens mundiais (trabalho complementar)
 - Definição das fronteiras brasileiras
 - Divisão regional brasileira
 - As cinco macro-regiões do IBGE
 - Divisão geo-econômica
 - Outras propostas de regionalização espacial no Brasil
 - Industrialização nos países pobres: diferenças tecnológicas, econômicas, ambientais.
 - O subdesenvolvimento:
 - Medindo o subdesenvolvimento
 - As migrações internas no Brasil

- Baixo nível de renda
- Moradia
- Condições de saúde
- Graves deficiências econômicas
- Dependência econômica
- Industrialização dependente
- Urbanização e metropolização
- Condições de vida nas metrópoles
- Condições educacionais
- A face violenta das metrópoles
- Tendências paralelas: desmetropolização
- O poder paralelo (narcotráfico, o crime organizado) – trabalho complementar
- O IDH: Índice de Desenvolvimento Humano;
- Como anda o IDH brasileiro?
- Migrações
- As emigrações brasileiras
- As migrações internas no Brasil
- O Brasil e as migrações internacionais
- Imigração e discriminação
- Formação da sociedade brasileira
 - Os indígenas
 - Os africanos
 - Os europeus
 - Outros grupos
- A diversidade cultural
- Relativismo cultural e tolerância
- A situação indígena e a situação dos negros
- Racismo no Brasil
- Modos de produção e formações socioespaciais
- Indústria e transformação do espaço geográfico
 - O que é indústria?
 - A primeira revolução industrial
 - A segunda revolução industrial e o imperialismo; tecnologia de processo – fordismo e taylorismo.
 - A terceira revolução industrial: tecnologia de processo - o toyotismo
 - A nova divisão internacional do trabalho
 - O processo de industrialização brasileiro

- As matérias primas: Quadrilátero Ferrífero, Serra do Navio, Maciço de Urucum, Serra dos Carajás e Vale das Trombetas
- A organização da rede de transportes
- O impacto da privatização dos transportes
- Energia
- Hidrelétricas e termelétricas
- Termonucleares
- O Proálcool
- O petróleo no Brasil e mundo
- Oriente Médio (trabalho complementar)
- O carvão mineral
- Componente humano: mão-de-obra e mercado consumidor
- Estratégias de controle de mercado (principais blocos econômicos – trabalho complementar)
 - As transnacionais
 - Distribuição geográficas das indústrias (estudo de caso: os Tigres Asiáticos , os novos Tigres Asiáticos – trabalho complementar)
- Movimentos sociais e reordenação do espaço urbano;
 - Movimentos sociais e cidadania
 - Movimentos sociais no campo
 - Movimentos sociais na cidade
 - O movimento operário
 - Os novos movimentos sociais
- Da revolução agrícola à revolução verde
 - O espaço agrário no mundo e no Brasil
 - Conflitos rurais e estrutura fundiária
 - A questão fundiária brasileira
 - A terra e os trabalhadores do campo
 - A luta pela terra
 - Questões territoriais indígenas

5 – Metodologia

Através da estruturação das operações mentais que o sujeito utiliza para estabelecer relações entre os objetos, situações, fenômenos e pessoas. Tais modalidades estruturais da inteligência transformam-se em habilidades; seja no processo à leitura seja na realização das atividades propostas nos livros em três níveis: básico de operações mentais que torna presente o objeto do conhecimento para o educando por meio das ações de identificar, indicar, localizar, descrever,

constatar; o operacional de relações com e entre objetos, que reúne os procedimentos necessários para associar, diferenciar, justificar, representar, medir e a nível global que envolve as operações mais complexas de aplicação de conhecimentos e de resolução de problemas, o que exige as atividades de analisar, deduzir, explicar, julgar e prognosticar.

As atividades são propostas com objetivo de preparar o aluno para a autonomia diante de inúmeras situações impostas pela sociedade.

A metodologia utilizada deverá ser de forma interdisciplinar com a finalidade de desenvolver um cidadão crítico e participativo e que possa em sua vida cotidiana, utilizar o aprendizado escolar.

6 - Avaliação

A avaliação é parte do processo pedagógico, portanto acompanha a aprendizagem dos alunos e norteia o trabalho do professor no decorrer do ano letivo.

Ela é contínua, pois prioriza a qualidade, o processo de aprendizagem; e o desempenho do aluno ao longo do ano letivo.

E também formativa, diagnóstica e continuada, porque considera que os alunos mantêm ritmos e processos de aprendizagem diferentes, aponta dificuldades e possibilita que a intervenção pedagógica aconteça a todo o tempo.

7-Referências Bibliográficas

- ANDRADE, M. C. de **Geografia ciência da sociedade**. São Paulo: Atlas, 1987.
- ARAÚJO, Reginaldo et. al. **Construindo a Geografia**. Moderna, São Paulo, 1999.
- ARCHELA, R. S.; GOMES, M. F. V. B. **Geografia para o ensino médio: manual de aulas práticas**. Londrina: Ed. UEL, 1999.
- BARBOSA, J. L. Geografia e Cinema: em busca de aproximações e do inesperado. In: CARLOS, A. F. A. (Org.) **A geografia na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1999.
- BOLIGIAN, Levon; Andressa Alves. **Geografia: espaço e vivência**. Volume Único: Ensino Médio, São Paulo: Atual, 2004.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Fundamental**. Brasília: Ministério da Educação, 2002.
- CALLAI, H. C. A. **A geografia e a escola: muda a geografia? Muda o ensino?** Terra Livre, São Paulo, n. 16, p. 133-152, 2001.
- CARLOS, A.F.A. (org.) **A geografia na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1999.
- CARVALHO, M. I. **Fim de século: a escola e a geografia**. Ijuí : Ed. UNIJUÍ, 1998.

- CASTROGIOVANNI, A. C. (org.) **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. Porto Alegre: Ed. UFRS, 1999.
- CAVALCANTI, L. de S. **Geografia escola e construção do conhecimento**. Campinas: Papirus, 1999.
- CHRISTOFOLETTI, A. (Org.) **Perspectivas da geografia**. São Paulo: Difel, 1982.
- CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- COSGROVE, D. E.; JACKSON, P. Novos Rumos da Geografia Cultural. In: CORRÊA R.L.; ROSENDAHL, Z.(Orgs.) **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- COSTA, W. M. da. **Geografia política e geopolítica: discurso sobre o território e o poder**. São Paulo: HUCITEC, 2002.
- FILIZOLA, Roberto. **Geografia: Volume Único: ensino médio: livro do professor**. 2ª edição. São Paulo: IBEP, 2005. Coleção Vitória Régia **Geografia: Pesquisa e Ação**, Volume Único, 1ª ed. São Paulo: Moderna, 2005
- GOMES, P. C. da C. (Orgs.) **Explorações geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- GOMES, P. C. da C. **Geografia e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- GONÇALVES, C. W. P. **Os (des)caminhos do meio ambiente**. São Paulo: Contexto, 1999.
- HAESBAERT, R. **Territórios alternativos**. Niterói: EdUFF; São Paulo : Contexto, 2002. In: CASTRO, I. E. et. al. (Orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
- KATUTA, A. M. A linguagem cartográfica no ensino superior e básico. In: PONTUSCHKA, N. N.; OLIVEIRA, A. U. de (Orgs.), **Geografia em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 2002.
- LACOSTE, Y. **A geografia: isso serve, em primeiro lugar para fazer a guerra**. Campinas: Papirus, 1988.
- LUCCI; Elian Alabi. **Geografia: O homem no espaço Global**. Saraiva. São Paulo, 1998.
- LUCCI; Elian Alabi. Anselmo Lázaro Branco, Cláudio Mendonça **Geografia: geral e do Brasil**. Ensino Médio 3ª ed. São Paulo. Saraiva. 2005
- MAGNOLI, Demétrio; Regina Araújo. **Geografia a construção do mundo: geografia geral do Brasil**. 1 ed. São Paulo: Moderna, 2005.
- MENDONÇA, F. **Geografia sócio-ambiental**. Terra Livre, nº 16, p. 113, 2001.
- MENDONÇA, F.; KOZEL, S. (Orgs.) **Elementos de epistemologia da geografia contemporânea** Curitiba: Ed. da UFPR, 2002.
- MORAES, Maria Lucia Martins de. **Geografia do Brasil**, F.T.D., São Paulo. 1996.
- MOREIRA, R. **O Círculo e a espiral: a crise paradigmática do mundo moderno**. Rio de Janeiro: Cooautor, 1993.

OLIVEIRA, A. U. de, (Orgs.). **Geografia em perspectiva: ensino e pesquisa**. São Paulo: Contexto, 2002.

OLIVEIRA, João Pacheco de (org.). **Indigenismo e Territorialização: Poderes, Rotinas e Saberes Coloniais no Brasil Contemporâneo**. Rio de Janeiro: 1998 Contra Capa Livraria.

PENTEADO, H. D. **Metodologia do ensino de história e geografia**. São Paulo: Cortez, 1994.

PEREIRA, R. M. F. do A. **Da geografia que se ensina à gênese da geografia moderna**. Florianópolis: Ed. UFSC, 1989.

PIFFER, Osvaldo. **Geografia no Ensino Médio**. IBEP, São Paulo; 2000.

PONTUSCHKA, N. N.; OLIVEIRA, A. U. de **Geografia em perspectiva: ensino e pesquisa**. São Paulo: Contexto, 2002.

POPKEWITZ, T. S. História do currículo, regulação social e poder. In: SILVA, T. T. da. **O sujeito da educação estudos foucaultianos**. Petrópolis: Vozes, 1994.

Revista **Alfageo**, v. 1, n. 1, 1999.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SILVA, Vagner Augusto da **.Geografia do Brasil: povos e territórios**. Volume Único livro do professor 1ª ed. São Paulo: Escala Educacional, 2005.

SILVEIRA, M. L. **Totalidade e fragmentação: O espaço global, o lugar e a questão**

SIMIELLI, M. E. R. Cartografia no ensino fundamental e médio. In: CARLOS, A. F. A.(Org.)**A Geografia na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1999.

SMALL, J. e WITHERICK, M. **Dicionário de geografia**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

SOUZA, M. J. L. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento.

TAMDJIAM, James Onnig. **Geografia geral e do Brasil: estudos para compreensão do espaço**. Ensino Médio. Volume Único, São Paulo: FTD, 2005.

TERRA, Lygia. **Geografia geral e geografia do Brasil: o espaço natural e socioeconômico**. Volume Único. 1ª ed. São Paulo :Moderna.2005

WACHOWICZ, R. C. **Norte velho, norte pioneiro**. Curitiba: Vicentina, 1987.

PROPOSTA PEDAGÓGICA CURRICULAR
CURSO DE FORMAÇÃO DE DOCENTES INTEGRADO
HISTÓRIA

1 – Ementa

Tempo e espaço. Conceitos de história e de tempo. **Relações de trabalho.** A construção histórica das comunidades e sociedades e seus processos de trabalho no tempo. a instância doméstica (vida privada); a prática comunitária; as manifestações artísticas e intelectuais; e a participação nas instâncias de representações políticas, trabalhistas e comunitárias. **Relações de poder** Os problemas do mundo interferem no modo como se dão as relações de trabalho: impactos ambientais; movimentos sociais e culturais; desemprego; desigualdade social; fome; violência.

Relações culturais. A formação das culturas indígenas, africanas, asiáticas, europeias, americanas; e do Pacífico e as relações entre as diversas sociedades e culturas. A história do Brasil e regional. A análise de fontes e sua historicidade.

2 – Fundamentação teórica

A História tem como objeto de estudo os processos históricos relativos às ações e às relações humanas praticadas no tempo. As relações humanas produzidas por essas ações podem ser definidas como estruturas sócio-históricas, que são as formas de agir, de pensar ou de raciocinar, de representar, de imaginar, de instituir, e de se relacionar social, cultural e politicamente.

As relações humanas determinam os limites e as possibilidades das ações dos sujeitos de modo a demarcar como estes podem transformar constantemente as estruturas sócio-históricas. Mesmo condicionadas, as ações dos sujeitos permitem espaços para escolhas e projetos de futuro. Como objeto de estudo, portanto, devem-se considerar também as relações dos seres humanos com os fenômenos naturais, tais como as condições geográficas, físicas e biológicas de uma determinada época e local, que também se conformam a partir das ações humanas.

A investigação histórica pode detectar causalidades externas voltadas para descobertas de relações humanas, e causalidades internas que buscam compreender e interpretar os sentidos que os sujeitos atribuem às suas ações.

A produção do conhecimento requer um método específico, baseado na explicação e interpretação de fatos do passado. Construída a partir dos documentos e da experiência do historiador, a problematização produz uma narrativa histórica que tem como desafio contemplar a diversidade das experiências sociais, culturais e políticas dos sujeitos e suas relações.

Fenômenos, processos, acontecimentos, relações ou sujeitos podem ser analisados a partir do conhecimento histórico construído. Ao confrontar ou comparar documentos históricos entre si e com o contexto social e teórico que os constituíram, a produção do conhecimento propicia validar, refutar ou complementar a produção historiográfica existente.

A finalidade da História é expressa na produção do conhecimento, que é provisório, sob a consciência histórica dos sujeitos. Algumas são mais válidas historiograficamente, de modo que são constituídas pelo estado atual da ciência histórica em relação ao seu objeto e a seu método. De fato, o conhecimento histórico possui formas diferentes de explicar seu objeto de investigação, a partir das experiências dos sujeitos.

Ao tratar o conhecimento como resultado de investigação e sistematização de análises sobre o passado, de modo a valorizar diferentes sujeitos e suas relações, abrem-se inúmeras possibilidades de reflexão e superação de uma visão unilateral dos fatos históricos, os quais passam a se tornar mais abrangente.

Ao se apropriar dessas produções e concepções, o ensino de História contribui para a formação de uma consciência histórica crítica dos alunos, uma vez que o estudo das experiências do passado permite formar pontos de vista históricos por negação aos tipos tradicional e exemplar de consciência histórica.

Esta concepção de História enseja a consciência histórica genética, na medida em que articula a compreensão do processo histórico relativo às permanências, às transformações temporais dos modelos culturais e da vida social em sua complexidade.

3- Objetivos

- Possibilitar instrumentos para a compreensão da realidade social na qual está inserido
- Desenvolver a capacidade de reflexão e interpretação ao tomar decisão na resolução de um problema
- Compreender que as mudanças econômicas, sociais e culturais estão em constante transformação.
- Compreender que a história é a produção do homem no espaço e tempo
- Reconhecer que as diferenças sociais, raciais, religiosas e políticas contribuem para o desenvolvimento da cidadania.
- Analisar os fatos que contribuíram para o processo de expansão territorial no mundo.
- Repudiar situações de injustiça social e corrupção política.
- Debater a respeito do desenvolvimento científico e tecnológico empregado na

indústria da destruição

- Identificar e explicar os fatores que levaram a Europa a 1ª guerra mundial.
- Ler e interpretar texto, relacionando-o ao desenvolvimento da indústria de bens de consumo no Brasil da 1ª república.
- Desenvolver atitudes de tolerância em relação às diferenças e de rejeição a toda e qualquer forma de preconceito étnico e cultural.
- Desenvolver uma atitude repúdio às guerras, e de valorização da democracia.
- Refletir sobre as formas camufladas de preconceito existente em nossa sociedade.
- Identificar as mudanças econômicas, políticas e demográficas ocorridas no Brasil após a ditadura militar.
- Analisar os fatores que contribuíram para que o processo da globalização emergisse no final do século XX.
- Discutir os aspectos negativos e positivos da globalização.
- Perceber que as mudanças são necessárias para o desenvolvimento do Brasil, e não depende somente do poder público, mas da participação efetiva de cada um dos cidadãos.
- Entender que a ética é um conjunto de princípios que regula as relações humanas e que os desrespeitos a estes princípios põem em risco a convivência social e a própria existência da sociedade
- Confrontar presente e passado para compreender e avaliar criticamente a realidade presente
- Discutir a situação atual dos povos indígenas problematizando semelhanças e diferenças entre eles e também entre eles os valores ocidentais representados pelos homens brancos
- Identificar as características do Estado neoliberal.

4 - Conteúdos

1º Ano – Formação de Docentes – Tarde

1º Bimestre

- A civilização Mesopotâmica;
- A civilização Egípcia;
- Hebreus e Fenícios;

2º Bimestre

- A Grécia dos primeiros tempos;
- A Grécia clássica;
- A Cultura grega;

- O Mundo Romano;
- O Império Romano;
- A Cultura Romana;

3º Bimestre

- A idade média;
- Época de transição;
- O império Cristão de Bizâncio
- Mundo Árabe;

4º Bimestre

- A Europa Feudal;
- A Igreja Medieval;
- A Cultura Medieval;
- A crise do Feudalismo.

Conteúdos 2º Ano

1º Bimestre

- A crise de 1929;
- Brasil 1930: golpe ou revolução;
- O governo provisório de Getúlio Vargas;
- O Fascismo e o Nazismo.

2º Bimestre

- O Estado Novo;
- A Segunda Guerra mundial;
- A Guerra Fria;
- Os conflitos no Oriente Médio;

3º Bimestre

- Nacionalismo e Liberalismo no Brasil;
- O desenvolvimento brasileiro 1956 a 1961;
- Golpe de Estado no Brasil 1961 – 1964;
- Brasil e a Ditadura militar 1964 a 1969.

4º Bimestre

- Brasil: o fim da ditadura 1974 - 1989;

- A Brasil: o “milagre econômico” 1969 - 1979;
- O fim da guerra fria 1980 - 1991;
- Brasil: de Collor a Lula 1990 a 2003.

5 – Justificativa

A História, assim como as demais ciências humanas, constitui-se num ensino fundamental para integrar o indivíduo ao meio social e ao exercício da cidadania. E para que isso aconteça, faz-se necessário a abordagem dos temas de forma a articular a realidade local dos alunos a um conhecimento que lhe sirva de referencial cultural, teórico, ideológico, social e econômico.

Estudar os fatos e os processos históricos ocorridos no passado, conhecer e entender conceitos de permanência e de transformação ruptura e crise, tempo e espaço, proporcionará aos alunos um melhor entendimento sobre os aspectos da vida em sociedade.

Através do estudo da História, procurar-se-á estimular o aluno o exercício do raciocínio, da análise crítica e da reflexão. Buscar-se-á lançar desafios que incentivem o raciocínio na descoberta de soluções para situações novas, recorrendo à análise e interpretação para que os alunos se manifestem livremente.

Procurar-se-á também promover o trabalho em grupo, com o objetivo de treinar o aluno para viver em sociedade, respeitando o outro, aprendendo a ser crítico, trocando ideias pra chegar a um consenso e desenvolvendo ou promovendo estudo de textos.

Estes saberes possibilitarão ao educando incorporar a racionalidade e a intersubjetividade que pautam a construção do conhecimento histórico científico, bem como assimilar e discutir o conhecimento histórico oriundo das diferentes instancias sociais.

6 - Metodologia

Ao encaminhar metodologicamente suas aulas o professor primeiramente fará um levantamento sobre os conhecimentos dos alunos a cerca do tema a ser estudado.

Em seguida ele problematizará o tema a partir de suas possíveis relações com as a realidade dos alunos, levando em consideração as ideias e noções identificadas na sondagem. Tal prática ajuda a criar uma atmosfera favorável para a aprendizagem, pois desafia os alunos a conhecer mais sobre o tema, elaborando hipóteses e buscando respostas para a problematização sugerida.

Dando prosseguimento, haverá sistematização do conhecimento, na qual o professor ajuda o aluno a organizar o conhecimento por meio de comparações,

relações e análises que envolvem o conhecimento prévio dos alunos e as informações obtidas pelo estudo do tema.

Nesse momento da aula, o professor deverá encarar as dúvidas e erros dos alunos como um momento de construção do conhecimento e não como uma condenação de sua incapacidade, pedindo ao aluno que reveja o ponto errado ou duvidoso, orientando-o e incentivando-o a acertar.

Por fim, o professor estimulará os alunos a relacionar os temas estudados com a realidade e será desenvolvido, na medida em que for possível, um acompanhamento didático especial e com matérias apropriadas, atividades complementares com alunos que apresentem necessidades educativas especiais, tais como: acompanhamento individual, atividades monitoradas e avaliações diferenciadas.

Dando ênfase ao conhecimento a ser adquirido o professor utilizará dos seguintes recursos didáticos para prosseguir um trabalho efetivo de ensino – aprendizagem por parte dos alunos no cotidiano da sala de aula: aula expositiva, lousa, livros didáticos, TV pen driver, filmes, documentários, textos complementares, jornais, revistas, depoimentos orais e escritos, pesquisas em diferentes bibliografias.

7 - Avaliação

De acordo com o Projeto Político Pedagógico e o Regimento Escolar, se levará em conta, ao avaliar o aluno, o desenvolvimento do mesmo nas atividades propostas, como:

- Estabelecer sequência de períodos;
- Determinar sequência de objetos e imagens;
- Relacionar acontecimentos com uma cronologia;
- Estabelecer limites históricos, como antes de Cristo e depois de Cristo;
- Compreender tipos de testemunho que o historiador utiliza;
- Ser crítico na análise de documento;
- Ter consciência de como os historiadores empregam os testemunhos para chegar a uma explicação do passado;
- Compreender o significado de determinadas palavras num contexto histórico;
- Estabelecer comparações simples entre passado e presente com referência a uma diversidade de períodos; culturas e contextos sociais;
- Entender que a História é tanto um estudo da continuidade como da mudança;
- Compreender que um acontecimento histórico pode responder a uma multiplicidade de causas;

- Ser capaz de se identificar com pessoas que viveram no passado e cujas opiniões, atitudes, cultura e perspectiva temporal são diferentes da sua.

Dessa forma se dará ênfase a uma avaliação diagnóstica somativa e contínua, dividida da seguinte maneira: 70% de nota bimestral em avaliações escritas e 30% de nota nas atividades avaliativas – trabalhos (elaboração de relatórios, exposição oral, trabalhos de criação ou dirigidos, produção de textos, pesquisas, sínteses, debates, filmes, mesa redonda, análise de gráficos e tabelas, participação nas atividades cotidianas, interesse, pontualidade, assiduidade e responsabilidade.

A recuperação será paralela oportunizando 100% de aproveitamento. Sendo esta substitutiva prevalecendo a nota maior de acordo com o artigo 24, inciso 5 “e” da LDB 9394/96.

8 - Referências Bibliográficas

ARRUDA, José J. De, e PILETTI, Nelson. **Toda história**. São Paulo: Ática, 1995.
MARQUES, Adhemar. **História - Ensino Médio**. Coleções pelos caminhos da história. vol. 1,2 e 3. Curitiba: Positivo 2005.

SCHMIDT, Mário Furlei, Nova história crítica: ensino médio, volume único, 1 ed. São Paulo: Nova Geração, 2005.

_____. História: novas abordagens. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendencia de Educação. Departamento de Ensino de Primeiro Grau. Currículo Básico para a escola Pública do Estado do Paraná. Curitiba: SEED, 1990.

SECRETARIA DE ESTADO DO PARANÁ. DIRETRIZES CURRICULARES DE HISTÓRIA. CURITIBA: SEED, 2009.

BRASIL, LDB. Lei 9394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

PPP – Projeto Político Pedagógico do Colégio Duque de Caxias. Ensino Fundamental, Médio e Profissionalizante. 2009.

PROPOSTA PEDAGÓGICA CURRICULAR
CURSO DE FORMAÇÃO DE DOCENTES INTEGRADO
LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA

1 – Ementa

Concepções teóricas e práticas da Língua Portuguesa. O discurso e as práticas de oralidade, a leitura e a escrita como princípios norteadores do Ensino de Língua Materna. Concepções teóricas e práticas da Literatura.

2 – Fundamentação teórica

Na linguagem, o homem se reconhece como humano, interage, troca experiências, compreende a realidade em que está inserido e percebe o seu papel como participante da sociedade.

A partir desse caráter social da linguagem, são formulados os conceitos de dialogismo e dos gêneros discursivos, cujo conhecimento e repercussão suscitaram novos caminhos para o trabalho pedagógico com a linguagem verbal, demandando uma nova abordagem para o ensino de Língua.

A definição de gênero compreende a mobilidade, a dinâmica, a fluidez, a imprecisão da linguagem, não aprisiona os textos em determinadas propriedades formais: O gênero, antes de constituir um conceito, é uma prática social e deve orientar a ação pedagógica com a língua, privilegiando o contato real do estudante com a multiplicidade de textos produzidos e que circulam socialmente.

Nessa concepção, o texto é visto como lugar onde os participantes da interação dialógica se constroem e são construídos. Todo texto é, assim, articulação de discursos, vozes que se materializam, ato humano, é linguagem em uso efetivo.

Toda reflexão com e sobre a língua, somente tem sentido se considerar, como ponto de partida, a dimensão dialógica da linguagem, presente em atividades que possibilitem, aos alunos e professores, experiências reais de uso da língua materna.

Os conceitos de texto e de leitura não se restringem à somente a linguagem escrita; além dos textos escritos e falados a integração da linguagem verbal com Texto, implica não apenas a formalização do discurso oral ou escrito, mas as condições de produção, elaboração e resposta ativa.

Tais sentidos e significados são influenciados, também, pelas relações que os interlocutores mantêm com a língua, entre si, com o tema sobre o qual se fala ou escreve, ouve ou lê; pelos seus conhecimentos prévios, atitudes e preconceitos; e pelo contexto social em que ocorre a interlocução. Tudo isso é potencializado no texto.

Quanto maior o contato com a linguagem, na diversidade textual, mais possibilidades se tem de entender o texto como material verbal carregado de intenções e de visões de mundo.

A ação pedagógica referente à língua, precisa pautar-se na interlocução, em atividades planejadas que possibilitem ao aluno não apenas a leitura e a expressão oral ou escrita, mas, também, reflexão sobre o uso da linguagem em diferentes situações e contextos.

No ambiente escolar a oralidade é rica e permite muitas possibilidades de trabalho a serem pautadas em situações reais de uso da fala e na produção de discursos nos quais o aluno se constitui como sujeito do processo interativo.

O espaço escolar deve propiciar e promover atividades que possibilitem ao aluno tornar-se um falante cada vez mais ativo e competente, capaz de compreender os diferentes discursos e de organizar os seus de forma clara, coesa e coerente.

Do ponto de vista sociolinguístico, as variações linguísticas não são consideradas boas ou ruins, melhores ou piores, primitivas ou elaboradas, pois constituem sistemas linguísticos eficazes, atendem a diferentes propósitos comunicativos, dadas as práticas sociais e os hábitos culturais das comunidades.

Entende-se a prática da leitura como um processo de produção de sentido que se dá a partir de interações sociais ou relações dialógicas que acontecem entre o texto e o leitor.

O leitor constrói e não apenas recebe um significado global para o texto: ele procura pistas formais, formula e reformula hipóteses, aceita ou rejeita conclusões, usa estratégias baseadas no seu conhecimento linguístico e na sua vivência sociocultural, seu conhecimento do mundo.

É nessa dimensão dialógica, discursiva, intertextual, aberta a toda sorte de contágio, que a leitura deve ser experienciada, desde a alfabetização.

Em relação à prática da escrita ressalta-se que as condições em que a produção acontece determinam o texto.

Além disso, cada gênero textual tem suas peculiaridades: a composição, a estrutura e o estilo variam conforme se produza uma história, um poema, um bilhete, uma receita, um texto de opinião ou científico, filosófico.

A capacidade de escrita, criatividade e outros fatores comumente relacionados ao ato de escrever se aprendem na prática da escrita, em suas diferentes modalidades. Isso significa promover o contato do aluno com a produção escrita de diferentes tipos de textos, a partir das experiências sociais, tanto singular quanto coletivamente vividas.

As aulas de Língua Portuguesa e Literatura possibilitam aos alunos a ampliação do uso das linguagens verbais e não-verbais pelo contato direto com textos de mais variados gêneros, engendrados pelas necessidades humanas.

Os alunos trazem para a escola um conhecimento prático dos princípios da linguagem, que interiorizam pelas interações cotidianas, e que usam na observação das regularidades, similaridades e diferenças dos elementos linguísticos empregados em seus discursos ou textos.

A prática de análise linguística constitui um trabalho de reflexão sobre a organização do texto escrito, um trabalho no qual o aluno percebe o texto como resultado de opções temáticas e estruturais feitas pelo autor, tendo em vista o seu interlocutor.

3 – Objetivos

- Considerar a Língua Portuguesa como fonte de legitimação de acordos e condutas sociais e como representação simbólica de experiências humanas manifestadas nas formas de sentir, pensar e agir na vida social.
- Analisar os recursos expressivos da língua verbal, relacionando textos e contextos, mediante a natureza. Função, organização, estrutura de acordo com as condições de produção/recepção (intenção, época, local, interlocutores, participantes da criação e propagação de idéias.
- Compreender e usar a Língua Portuguesa como Língua Materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade
- Articular as redes de diferentes e semelhantes entre a língua oral e escrita e seus códigos sociais, contextuais e lingüísticos.
- Recuperar pelo estudo do texto literário, as formas instituídas de construção do imaginário coletivo, o patrimônio representativo da cultura e as classificações preservadas e divulgadas no eixo temporal e espacial.
- Confrontar opiniões e pontos de vista sobre as diferentes manifestações da linguagem.
- Refletir juízos de valor, tanto sócio-ideológicos (preconceituosos ou não) quanto históricos-culturais (inclusive estéticos) associados à linguagem e à língua, reafirmando sua identidade social e pessoal.

4 – Conteúdos:

1º, 2.º, 3.º E 4.º ANO

Prática de leitura e interpretação:

- Linguagem verbal e não verbal (charges, cartum, quadrinhos...)
- Variedades Lingüísticas

- Linguagem formal e informal
- Estrutura da narrativa
- Tipos de discurso
- Idéia central e informações implícitas dos textos (textos ficcionais, não-ficcionais, literários)

Prática de produção de textos:

- Gêneros textuais
- Textos práticos: carta, notícias, paródias
- Paragrafação
- Relatórios, resumo
- Recursos Coesivos

Prática de reflexão ou análise da língua:

- Origens da Língua Portuguesa e desdobramentos no território lusófono
- Fonética: letra , fonema e sílaba, tonicidade, acentuação gráfica, ortografia, significado das palavras, homônimos e parônimos.
- Língua, linguagem, discurso, contexto, interlocutor, enunciado e enunciação
- Estrutura e formação das palavras (substantivo, adjetivo, artigo, numeral)
- Sintaxe: oração e período e período
- Figuras de Linguagem
- Contribuições dos Afro descendentes e demais nacionalidades (empréstimos lingüísticos, música, religião, costumes, etc)

Literatura:

- Conceito de Literatura
- Linguagem literária: verso e prosa
- Gêneros e estilos literários
- Leitura de autores diversos: contos, crônicas, romances, poesias
- Contextualização Literária: Idade Média, Trovadorismo, Humanismo, Classicismo Português
- Literatura da Informação
- Literatura Barroca
- Arcadismo

Gêneros Discursivos (1.º, 2.º, 3.º E 4.º ANO):

Cotidiana: Curriculum Vitae, Causos, Música, Relatos de Experiências Vividas, Crônicas.

Literária/Artística: Narrativas: Aventura, Humor, Terror, Fantásticas.

Imprensa: Anúncio de Emprego, Artigo de Opinião, Carta ao Leitor, Artigo de Opinião.

Política: Carta de Emprego, Mesa Redonda, Abaixo-assinado, Debate.

Prática de Leitura e Interpretação:

- Ideia Central e informações implícitas do texto
- Reelaboração de idéias com pontos de vista diferentes
- Debates relacionados à realidade dos jovens em fase de formação e transformação, subsidiando-os para a escrita, pesquisa e apresentação de seminários
- O sentido lógico e o sentido abstrato das palavras

Prática de produção de texto:

- Gêneros textuais
- Marcas da oralidade
- Textos práticos: carta, notícia, paródia, relatório, resumo, provérbio, informativo publicitário
- Qualidade do texto: coerência e coesão
- Retextualização (oralidade/ escrita formal)

Prática de reflexão da língua:

- Norma culta: acentuação gráfica, ortografia
- Classe de palavras: verbo, pronome, advérbio, preposição, interjeição
- Sintaxe: termos da oração

Concepções teóricas e práticas da Literatura:

- Contextualização Literária (revisão)
- Romantismo
- Realismo
- Parnasianismo
- Simbolismo
- Literatura de origem africana em Língua Portuguesa e de autoria de brasileiros afro-descendentes
- Leitura de autores diversos

Cotidiana: Comunicado, Crônica, Exposição Oral, Convites.

Literária/Artística: Biografia, Fábulas Contemporâneas, Poemas.

Imprensa: Charge, Manchete, Crônica Jornalística, Sinopses de Filmes.

Política: Discurso Político de “Palanque”, Manifesto, Panfleto.

5 – Metodologia

Trabalhar a diversidade de textos que envolvem o cotidiano do aluno, implica no que o professor observa da intencionalidade dos três eixos que são pressupostos fundamentais: leitura, oralidade e escrita. Desse modo, o professor pode planejar uma ação pedagógica que permita ao aluno não só a leitura de textos mais difíceis, que impliquem o desenvolvimento das novas estratégias com a devida mediação do professor.

A diversidade que compõe o texto:

NA LEITURA: Processo de interação social ou de relação dialógica que acontecem entre texto e leitor. Análise de diferentes textos, produzidos em diferentes linguagens, narrativos, pó, informativos, poético, informativos, argumentativos, científicos, histórias em quadrinhos, etc.

NA ORALIDADE: é vista como uma prática socio-interativa, para que aprendam a manifestar suas idéias e sentimentos de forma clara e organizada, se faz necessário desenvolver a capacidade de argumentação através de debates, leituras, pesquisas, trabalhos coletivos.

NA ESCRITA: deve ser pensada e trabalhada a partir da produção textual e direcionando procedimentos tais como: pontuação, concordância, regência verbal, regência nominal, acentuação, ortografia, crase, pois o aluno precisa antes de tudo, compreender os mecanismos de funcionamento de um texto, que são diversos da oralidade. E depois de internalizar essas diferenças pode amadurecer na produção de textos cuja intenção é provocar uma ação no mundo.

O trabalho didático-metodológico proporcionará a construção de seu conhecimento e o desenvolvimento de habilidades que o levem a ampliar a sua capacidade de aprendizagem e a exercer a cidadania.

6 - Avaliação

A Avaliação será:

DIAGNÓSTICA: é aquela realizada durante todo o processo pedagógico para detectar se os alunos apresentam requisitos necessários para novas aprendizagens. Esta forma é uma constante no dia a dia da comunidade escolar.

FORMATIVA: Realizada durante todo o período, com a função de controle, verificando se os alunos estão atingindo os objetivos previstos para que possam reconhecer seus erros e acertos e encontrem estímulo para o estudo.

CONTÍNUA E CUMULATIVA: artigo 23 da Lei 9394/96, inciso V – a verificação do rendimento escolar observará os seguintes critérios: uma avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com a prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais.

Como instrumentos e técnica de avaliação serão utilizados: provas orais e escritas, objetivas e/ou subjetivas, interpretações, tarefas específicas, elaboração de fichas e resumo em trabalhos literários e de leitura, exposição oral, trabalhos de criação individual ou em grupo, exercícios de verificação, pesquisas, produções textuais, participação nas atividades propostas e experimentações práticas.

Conforme o Regimento Escolar deste Estabelecimento de Ensino, a nota do bimestre será resultante da somatória dos valores obtidos em cada instrumento de avaliação, sendo valores cumulativos em várias aferições, na seqüência e ordenação de conteúdos, sendo 30% de atividade avaliativa diversificada e 70% de avaliações formais.

Na recuperação de estudos, o professor deverá considerar a aprendizagem do aluno no decorrer do processo ensino-aprendizagem e após verificação de conteúdos, proporcionar novas situações de aprendizagem para os alunos de baixo rendimento e/ou os que queiram melhorar seus resultados. Será realizada através de prova teórica oral ou escrita dos conteúdos realizados no decorrer do bimestre, podendo ser realizada de forma individual ou coletiva com peso 7,0 sendo ainda de forma substitutiva sempre prevalecendo a nota maior ao educando. As atividades também são passíveis de recuperação

Os resultados do dia a dia são comunicados, primeiramente aos alunos e aos pais através de reuniões, quando necessário, para entrega de boletins ao final de cada bimestre.

De acordo com a LDB 9394/96, cap V, artigo 58, os alunos com necessidades especiais serão avaliados de acordo com suas necessidades específicas.

Para os alunos de sala de recursos serão feitas adaptações com referência às avaliações, pois as mesmas deverão ser sintetizadas.

7 – Referências Bibliográficas

INFANTE, Ulisses. **Do texto ao texto: curso prático de leitura e redação**. SP: Scipione, 1998.

MAIA, João Domingues. **Leitura: textos & técnicas**. SP: Ática, 1995.

- PARANÁ/SEED. Vários Autores. **Língua Portuguesa e Literatura**. Curitiba, 2006.
- _____. **Educação Profissional na Rede Pública Estadual: Ensino Médio**. Curitiba, 2005.
- _____. **Diretrizes Curriculares para o Ensino Médio**. Curitiba, 2006.
- VENTURELLI, Paulo. **A leitura do literário como prática política**. In: Letras. Curitiba: UFPR, 2002.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. SP: Martins Fontes, 1992.
- BRASIL/MEC/SEMTEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Brasília, 1999.
- CIAVATTA, M; FRIGOTTO, G. **Ensino Médio: ciência, cultura e trabalho**. Brasília: MEC/SEMTEC, 2004.
- DOMINGUES, D. (org). **A arte no século XXI. A humanização das tecnologias**. SP: Unesp, 1997.
- COUTINHO, A. (org) **A leitura no Brasil**. 6v. RJ: Sulamericana, 1969.
- FARACO, Carlos Alberto. **Português: Língua e Cultura, Ensino Médio, 1ª – 2ª – 3ª série**. Curitiba: Base, 2005.
- FIORIN, Luiz José & Platão. **Lições de texto**. SP: Ática, 1990.

PROPOSTA PEDAGÓGICA CURRICULAR
CURSO DE FORMAÇÃO DE DOCENTES INTEGRADO
LEM-INGLÊS

1 – Ementa

Textos em diferentes gêneros textuais. Conhecimentos lingüísticos, discursivos, sócio-pragmáticos e culturais. Práticas de oralidade, de leitura e de escrita trabalhadas simultaneamente. Articulação com as demais disciplinas do currículo relacionando os vários conhecimentos.

2 – Apresentação da Disciplina

Ao explicitar aspectos relativos ao ensino da Língua Estrangeira, no que se refere a suas práticas e objetivos, identificou-se que a abordagem comunicativa tem orientado o trabalho em sala de aula. Essa opção favorece o uso da língua pelos alunos, mesmo de forma limitada, e evidencia uma perspectiva utilitarista de ensino, na qual a língua é concebida como um sistema para a expressão do significado, num contexto interativo.

A Abordagem Comunicativa apresenta aspectos positivos, na medida em que incorpora em seu modelo o uso da gramática exigida para a interpretação, expressão e negociação de sentidos, no contexto imediato da situação de fala, colocando-se a serviço dos objetivos de comunicação.

Torna-se evidente que esse modelo de ensino se pauta num contexto histórico em que questões acerca da hegemonia de uma língua, do plurilinguismo, do imperialismo lingüístico, bem como da ideologia e das relações de poder que as permeiam não eram problematizadas.

Tendo como referência tais reflexões, depreende-se que tanto a opção teórico-metodológica quanto o idioma a ser ensinado na escola não são neutros, mas profundamente marcados por questões político-econômicas e ideológicas, que resultam muitas vezes do imperialismo de uma língua.

Entende-se que a escolarização tem o compromisso de prover aos alunos meios necessários para que não apenas assimilem o saber como resultado, mas apreendam o processo de sua produção, bem como as tendências de sua transformação. A escola tem o papel de informar, mostrar, desnudar, ensinar regras, não apenas para que sejam seguidas, mas para que possam ser modificadas.

O ensino de Língua Estrangeira será norteado para um propósito maior de educação no atual contexto global educativo, pedagógico e discursivo, na medida em que as questões de uso da língua, do diálogo, da comunicação, da cultura, do poder, e as questões da política e da pedagogia não se separam.

Isso implica superar uma visão de ensino de língua estrangeira apenas como meio para se atingir fins comunicativos, que restringem as possibilidades de sua aprendizagem como experiência de identificação social e cultural.

Propõe-se que a aula de língua estrangeira constitua um espaço para que o aluno reconheça e compreenda a diversidade linguística e cultural, de modo que se engaje discursivamente e perceba possibilidades de construção de significados em relação ao mundo em que vive. Espera-se que o aluno compreenda que os significados são sociais e historicamente construídos e passíveis de transformação na prática social.

Concebe-se a língua como discurso, como espaço de produção de sentidos, marcado por relações contextuais de poder e não como estrutura que intermediá o contato de um sujeito com o mundo para transmitir sentidos.

Para tanto, é necessário mapear a língua, objeto de estudo da disciplina de Língua Estrangeira, a partir do quadro teórico de referência e aspectos imbricados no processo discursivo, a saber: língua e cultura, ideologia e sujeito, discurso e identidade. Para que o aluno seja capaz de:

- Usar a língua em situações de comunicação oral e escrita.
- Vivenciar formas de participação na aula de língua estrangeira que lhe possibilite estabelecer relações entre ações individuais e coletivas.
- Compreender que os significados são sociais e historicamente construídos e, portanto passíveis de transformação na prática social.
- Obter maior consciência sobre o papel da língua estrangeira na sociedade.
- Reconhecer e compreender a diversidade linguística e cultural bem como seus benefícios para o desenvolvimento cultural do país.
- Usar a língua estrangeira em situações de comunicação produção e compreensão de textos verbais e não-verbais
- Reconhecer – se como participante ativo capaz de se relacionar com outras comunidades e outros conhecimentos.
- Fazer uso da língua que esta aprendendo em situações significativas relevantes não se limitando ao exercício da prática linguística descontextualizadas
- Compreender o processo de inclusão social numa sociedade diversa e complexa através do comprometimento mútuo.
- Perceber que a língua estrangeira pode proporcionar uma consciência sobre a potencialidade desse conhecimento na interação humana.
- Constatar e vivenciar criticamente a diversidade cultural, problematizando as tensões advindas dessas diferenças, sem perder sua identidade local, embora ela seja produtivamente transformada por tal contato.

- Conhecer e usar a língua estrangeira como integrante da sociedade e participante ativo do mundo.
- Construir significados para entender melhor a realidade a partir do confronto com a cultura do outro.

3 – Conteúdo Estruturante

Os conhecimentos que identificam e organizam os campos de estudos escolares de Língua Estrangeira são considerados basilares para a compreensão do objeto de estudo dessa disciplina. Esses saberes são concebidos como Conteúdos Estruturantes, a partir dos quais se abordam os conteúdos específicos no trabalho pedagógico. Os Conteúdos Estruturantes se constituem através da história, são legitimados socialmente e, por isso, são provisórios e processuais.

O Conteúdo Estruturante está relacionado com o momento histórico-social, define-se como Conteúdo Estruturante da Língua Estrangeira Moderna o *Discurso como prática social*. A língua será tratada de forma dinâmica, por meio de leitura, de oralidade e de escrita que são as práticas que efetivam o *discurso*.

A palavra discurso inicialmente significa curso, percurso, correr por, movimento.

Ao contrário de uma concepção de linguagem que centraliza o ensino da gramática tradicional, o discurso tem como foco o trabalho com os enunciados (orais e escritos) uma vez que o discurso também só existe na forma de enunciados (RODRIGUES, 2005). O discurso é produzido para um “eu” um sujeito que é responsável por aquilo que fala e/ou escreve, constituição onde a localização geográfica, temporal, social e etária também são elementos essenciais.

É preciso que os níveis de organização linguística-fonético-fonológico, léxico-semântico e de sintaxe sirvam ao uso da linguagem na compreensão e na produção verbal e não-verbal, onde o professor levará em conta que o objeto de estudo da língua estrangeira moderna, é a língua, pela sua complexidade e riqueza, trabalhando com os mais variados textos de diferentes gêneros, focando na abordagem crítica da leitura a interação ativa dos sujeitos com o discurso e a aprendizagem significativa.

4 - Conteúdos Básicos

LEITURA

- Identificação do tema;
- Intertextualidade;
- Intencionalidade;

- Vozes sociais presentes no texto;
- Léxico;
- Coesão e coerência;
- Marcadores do discurso;
- Funções das classes gramaticais no texto;
- Elementos semânticos;
- Discurso direto e indireto;
- Emprego do sentido denotativo e conotativo no texto;
- Recursos estilísticos (figuras de linguagem);
- Marcas linguísticas: particularidades da língua, pontuação, recursos gráficos (como aspas, travessão, negrito);
- Variedade linguística;
- Acentuação gráfica;
- Ortografia.

ESCRITA

- Tema do texto;
- Interlocutor;
- Finalidade do texto;
- Intencionalidade do texto;
- Intertextualidade;
- Condições de produção;
- Informatividade (informações necessárias para a coerência do texto);
- Vozes sociais presentes no texto;
- Vozes verbais;
- Discurso direto e indireto;
- Emprego do sentido denotativo e conotativo no texto;
- Léxico;
- Coesão e coerência;
- Funções das classes gramaticais no texto;
- Elementos semânticos;
- Recursos estilísticos (figuras de linguagem);
- Marcas linguísticas: particularidades da língua, pontuação, recursos gráficos (como aspas, travessão, negrito);
- Variedade linguística;
- Ortografia;
- Acentuação gráfica.

ORALIDADE

- Elementos extralinguísticos: entonação, pausas, gestos, etc...;
- Adequação do discurso ao gênero;
- Turnos de fala;
- Vozes sociais presentes no texto;
- Variações linguísticas;
- Marcas linguísticas: coesão, coerência, gírias, repetição;
- Diferenças e semelhanças entre o discurso oral e o escrito;
- Adequação da fala ao contexto;
- Pronúncia.

5 – Encaminhamentos Metodológicos

A partir dos conteúdos estruturantes, serão abordadas questões linguísticas, sociais pragmáticas, culturais e discursivas, assim como as práticas do uso da língua: leitura, escrita e oralidade.

O texto como unidade de linguagem em uso, de comunicação verbal , escrita, oral ou visual será o ponto de partida da aula de Língua Estrangeira.

Esse texto trará uma problematização em relação a um tema. A busca por sua solução deverá despertar o interesse dos alunos para que desenvolvam uma prática analítica e crítica, ampliem seus conhecimentos linguísticos e percebam as implicações sociais, históricas e ideológicas presentes num discurso.

No ensino de língua Estrangeira, o conhecimento linguístico é importante porque dá suporte para o aluno interagir com os textos. Destaca-se que a escolha dos conhecimentos linguísticos a serem trabalhados dependerá do grau de conhecimento dos alunos e será voltado para a interação verbal, cuja finalidade é o uso efetivo da linguagem e não a memorização de conceitos.

O discurso em língua estrangeira como prática social ocorre em diferente contexto daquele conhecido pelo aluno. Para isso, devem ter então algum domínio das variações léxicas, fonético- fonológicas e morfossintáticas e de seu prestígio ou desprestígio, adequação e inadequação.

Conhecer novas culturas implica constatar que uma cultura não é necessariamente melhor nem pior que outra, mas sim diferente. É reconhecer que as novas palavras não são simplesmente novos rótulos para os velhos conceitos.

À medida que se aproximar de outra língua e de outra cultura, o aluno compreenderá a língua como algo que se constrói e é construído por uma determinada comunidade.

Se, por um lado, a língua determina a realidade cultural, por outro, os valores e as crenças culturais criam, em parte, sua realidade linguística.

Destaca-se que nenhuma língua é neutra e pode representar diversas culturas e maneiras de viver; inclusive, pode passar a ser um espaço de comunicação intercultural, por ser usada em diversas comunidades, muitas vezes até por falantes que não a têm como língua materna.

Os gêneros do discurso organizam a fala da mesma maneira que constituem as formas gramaticais. Portanto, é fundamental que se apresentem ao aluno textos em diferentes gêneros textuais, mas sem categorizá-los. O objetivo será interagir com a infinita variedade discursiva presente nas inversas práticas sociais.

Também é importante que o aluno conheça vários gêneros textuais; que identifique as suas diferenças estruturais funcionais, a sua autoria, o público a que se destina, e que aproveite o conhecimento adquirido de experiências com a língua materna.

Cabe ao professor criar condições para que o aluno não seja um leitor ingênuo, mas crítico e reaja aos diversos textos com que se depare e entenda que por trás deles há um sujeito, uma história, uma ideologia e valores particulares e próprios da comunidade em que está inserido.

Ao interagir com textos diversos, o aluno perceberá que as formas linguísticas não são sempre idênticas, não assumem sempre o mesmo significado, mas são flexíveis e variam conforme o contexto e a situação em que a prática social de uso da língua ocorre.

O maior objetivo da leitura é trazer um conhecimento de mundo que permita ao leitor elaborar um novo modo de ver a realidade. Para que uma leitura em língua estrangeira se transforme realmente em uma situação de interação, é fundamental que o aluno seja subsidiado com conhecimentos linguísticos, sócio pragmáticos, culturais e discursivos.

Com relação à escrita, não se pode esquecer que ela deve ser vista como uma atividade sócio internacional, significativa, em situações reais de uso, escreve-se sempre para alguém, ou um alguém de quem se constrói uma representação. É preciso que no contexto escolar desse alguém seja definido como um sujeito sócio-histórico-ideológico, com quem o aluno vai produzir um diálogo imaginário, fundamental para a construção do texto e de sua coerência.

A finalidade e o gênero discursivo serão explicitados ao aluno no momento de orientá-lo para uma produção, assim como a necessidade de adequação ao gênero, planejamento, articulação das partes, seleção da variedade linguística adequada – formal ou informal.

Nos textos de literatura, a reflexão sobre a ideologia e a construção da realidade

Fazem parte da produção do conhecimento, sempre parcial, complexo e dinâmico, dependente do contexto e das relações de poder. Assim, ao apresentar textos literários aos alunos, devem-se propor atividades que colaborem para que ele analise os textos e os perceba como prática social de uma sociedade em um determinado contexto sociocultural.

Outro aspecto importante com relação ao ensino de língua estrangeira é que ele será, necessariamente, articulado com as demais disciplinas do currículo, para relacionar os vários conhecimentos. A literatura está relacionada à história e às tradições culturais de uma comunidade, cuja geografia também a influencia.

Tais atividades serão propostas a partir de um texto e envolverão simultaneamente

Práticas e conhecimentos mencionados, de modo a proporcionar ao aluno condições para assumir uma atitude crítica e transformadora com relação aos discursos que se lhe apresentam. Sugestões de conteúdos específicos: Leitura, Escrita e Oralidade, gêneros textuais; percepção do conteúdo vinculado, interlocutores, assunto, fonte, papéis sociais representados, intencionalidade, valor estético e condições de produção; elementos coesivos e marcadores do discurso responsáveis pela progressão textual, encadeamento das ideias e coerência do texto; variedades linguísticas: diferentes registros e graus de formalidade; diversidade cultural: interna e externa, ou seja, entre as comunidades de Língua estrangeira e as de língua materna e, no âmbito de uma mesma comunidade; conhecimentos linguísticos: ortografia, fonética e fonologia, elementos gramaticais.

Os conhecimentos linguísticos, tais como artigos, verbos, pronomes e outros, a ortografia e as possíveis realizações sonoras, assim como os conteúdos elencados, estarão presentes no processo pedagógico de todas as séries e serão trabalhados em grau de profundidade de acordo com o conhecimento do aluno.

Aos alunos portadores de necessidades educativas especiais será ofertada a flexibilização curricular e adaptação curricular.

Pertinência do uso dos elementos discursivos textuais, estruturais e normativos.

Reconhecimento de palavras e expressões e sequência.

Compreensão de argumentos no discurso do outro.

Participação ativa em diálogos, relatos, discussões.

Utilização de expressões não verbais.

A Instrução n.º 009/11 – SUED/SEED será respeitada, na desconstrução dos preconceitos em relação a prática escolar e linguagem, relacionando os desafios

sócio educativos: sexualidade, educação do campo, história e cultura afro e indígena.

6 – Avaliação

A avaliação da aprendizagem deve superar a concepção de mero instrumento de medição da apreensão de conteúdos, objetiva subsidiar discussões acerca das dificuldades e avanços dos alunos, a partir de suas produções.

Portanto, na avaliação, o erro deve ser visto como um passo para que a aprendizagem se efetive e não como um entrave no processo, que não é linear, não acontece da mesma forma e ao mesmo tempo para diferentes pessoas.

Assim, tanto o professor quanto os alunos poderão acompanhar o percurso desenvolvido e identificar dificuldades, bem como planejar e propor outros encaminhamentos que busquem superá-las.

Embora essas considerações evidenciem a avaliação processual, é importante considerar também diversas avaliações: trabalhos individuais e coletivos, exercícios orais e escritos, dramatizações, repetição oral em grupo e individual desenvolvendo as habilidades necessárias para uma comunicação efetiva, avaliações objetivas e/ou dissertativas, desde que se articule com os objetivos específicos e conteúdos definidos, a partir das concepções e encaminhamentos metodológicos, de modo que sejam respeitadas as diferenças individuais e escolares.

Conforme contempla o PPP, as avaliações serão diagnósticas, somativas e formativas. Com 70% de nota bimestral em avaliações formais orais ou escritas no mínimo duas, atribuindo 1,5 pontos para a oralidade, 1,5 pontos para a leitura e 4,0 pontos para a escrita e 30% da nota nas atividades diversificadas de acordo com o conteúdo desenvolvido.

A recuperação será paralela, ou seja, por conteúdos dados. As avaliações terão um determinado valor de 1,0 a 10,0 ofertada a todos. Serão utilizadas diversas formas para avaliar os mesmos conteúdos, tais como: trabalhos, pesquisas, relatórios, apresentações, entre outras. Permanecerá a nota maior entre a avaliação e a recuperação paralela.

Para os alunos com necessidades educacionais especiais será realizada adaptações curriculares observando as características próprias de cada um, com atividades complementares, adequadas as necessidades individuais de cada aluno sanando dificuldades concretizando o conhecimento.

O aluno será considerado aprovado quando: obtiver frequência igual ou superior a 75% do total de horas lecionadas; a avaliação final deverá considerar para efeito de promoção ou retenção todos os resultados obtidos durante o ano ou

período letivo, considerando-se aprovado, com relação a apuração do aproveitamento: o aluno que obtiver média 6,0 (seis vírgula zero).

7 – Referência

ALLEN, W. S. **Living English Structure London**: Longman Group Limited, 1986.

CELANI, M. A. A. **Ensino de segunda língua**: redescobrimo as origens. São Paulo: EDUC, 1997.

CORACINI, M. J. R. F. (org.) **O jogo discursivo na aula de leitura**: língua materna e língua estrangeira. Campinas: Pontes, 1995.

CORACINI, M. J. R. F. **O caráter persuasivo da aula de leitura**. Trabalhos em lingüística aplicada. Campinas: Pontes, 1994.

Hollaender, A.; SANDERS, S. **Keyword: a complete English course**. São Paulo: Moderna, 1987.

Longman Dictionary of contemporary English. London: Longman Group Limited, 1987.

MARQUES, A. **Série Brasil – Inglês**, São Paulo: Ática, 2005.

_____. **Série Novo Ensino Médio: Inglês**. São Paulo. Ática: 2004.

MARTINS, E. P.; PASQUALIN, E.; AMOS. **Graded English**, São Paulo: Moderna: 1993.

MICHAELIS. **Pequeno Dicionário Inglês-Português**. São Paulo: Melhoramentos

MOITA L. L. P. da. **Oficina de lingüística aplicada**. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes curriculares da educação básica**: Língua estrangeira moderna. Secretaria de Estado da Educação do Estado do Paraná: Curitiba, 2008.

SCARAMUCCI, M. V. R. **O papel do léxico na compreensão em leitura em língua estrangeira**: o foco no produto e no processo. Campinas: UNICAMP, 1995. Tese (Doutorado).

VALE. D. R. do. **Relações anafóricas em perguntas de compreensão em leitura em língua estrangeira**. Uberlândia, 1998. Dissertação (Mestrado).

**PROPOSTA PEDAGÓGICA CURRICULAR
CURSO DE FORMAÇÃO DE DOCENTES INTEGRADO
MATEMÁTICA**

1 – Ementa

Conjuntos do Números Reais, Noções sobre Números Complexos, Polinômios, Noções Básicas de Geometria Não-Euclidiana, Análise Combinatória, Binômio de Newton, Estatística e Matemática Financeira. Funções, Progressões, Matrizes, Determinantes, Sistemas Lineares, Geometria Plana, Trigonometria, Geometria Espacial e de Posição, Probabilidade.

2 – Fundamentação teórica

O ensino da Matemática é uma área que engloba inúmeros saberes na qual apenas o conhecimento da Matemática e a experiência de magistério não garantem competência a qualquer profissional que nela trabalhe.

Embora o objeto de estudo da Matemática esteja em construção, ele está centrado na prática pedagógica, de forma a envolver-se com as relações entre o ensino, a aprendizagem e o conhecimento matemático.

Assim, os objetivos básicos do ensino da matemática buscam desenvolvê-la como campo de investigação e de produção de conhecimento, em sua natureza científica e a melhoria da qualidade de ensino, em sua natureza pragmática.

A finalidade do ensino da matemática é fazer o estudante compreender e se apropriar da própria Matemática concebida como um conjunto de resultados, métodos, procedimentos e algoritmos. Outra finalidade apontada é construir por intermédio do conhecimento matemático, valores e atitudes de natureza diversa, visando à formação integral do ser humano e particularmente do cidadão.

O ensino da matemática prevê a formação de um estudante crítico, capaz de agir com autonomia nas suas relações sociais para isso é preciso que ele se aproprie também de conhecimentos matemáticos.

Nesse sentido o ensino da matemática tratará da construção do conhecimento matemático sob uma visão histórica, de modo que os conceitos serão apresentados, discutidos, construídos e reconstruídos influenciando a formação do pensamento humano e a produção de sua existência por meio das ideias e das tecnologias.

Nessa ação reflexiva, abre-se espaço para um discurso matemático voltado tanto para a cognição do estudante como para a relevância social do ensino da Matemática.

É preciso considerar que pela Educação Matemática almeja-se um ensino que possibilite aos estudantes a realização de análises, discussões, conjecturas, apropriação de conceitos e formulação de ideias.

Aprende-se Matemática não somente por sua beleza ou pela consistência de suas teorias, mas para que a partir dela o homem amplie seu conhecimento e contribua para o desenvolvimento da sociedade. Portanto, é necessário que o processo pedagógico em Matemática contribua para que o estudante tenha condições de constatar regularidades matemáticas, generalizações e apropriação de linguagem adequada para descrever e interpretar fenômenos matemáticos e de outras áreas do conhecimento.

O ensino da Matemática envolve a busca de transformações para minimizar problemas de ordem social, visto que essa educação se dá em uma escola inserida num modelo social que precisa ser questionado; é preciso pensar nos aspectos pedagógicos e cognitivos da produção do conhecimento matemático e também nos aspectos sociais envolvidos.

3 – Objetivos

- Aplicar conhecimentos matemáticos em situações reais, inclusive nas demais áreas do conhecimento.
- Relacionar etapas da história da matemática com a evolução da humanidade.
- Ler e interpretar tabelas, gráficos, sinais, equações, etc.
- Utilizar adequadamente os recursos tecnológicos como instrumentos de produção e comunicação.
- Apropriar-se do conhecimento matemático como um conjunto de resultados métodos, procedimentos, algoritmos etc.
- Construir, por intermédio do conhecimento matemático, valores e atitudes de natureza diversa, visando à formação integral do ser humano e do cidadão.
- Valorizar as definições, as abordagens, os enunciados e as demonstrações de fórmulas inerentes à geometria.
- Aplicar conhecimentos matemáticos já adquiridos para resolver situações problemas.
- Reconhecer que o papel da etno matemática é registrar questões de relevância social que produzem o conhecimento matemático.
- Compreender que a matemática financeira é utilizada em diversos ramos da atividade humana e influencia nas decisões de ordem pessoal e social, de modo que provoca mudanças de forma direta na vida das pessoas e da sociedade.
- Reconhecer a importância do estudo da matemática financeira para quem lida com dívidas ou crediários interpreta descontos, reajustes salariais, aplicações

financeiras, entre outras.

- Conscientizar os educandos de que a Matemática está presente em todo lugar.
- Desenvolver os assuntos , procurando chegar a conceitos fundamentais, através de exemplos, tornando as definições, as mais naturais possíveis e reduzindo o número de Teoremas, fazendo tão somente as demonstrações necessárias a um cidadão comum na sociedade.
- Desenvolver no educando o espírito de pesquisa, investigação e crítica, fazendo-o sentir-se seguro na própria capacidade de construir conhecimentos matemáticos desenvolvendo auto-estima, o respeito ao trabalho dos colegas e a perseverança na busca de soluções.
- Levar o educando a aprender por si. As rápidas modificações (evolução) da tecnologia levam a necessidade de reciclagens durante uma carreira profissional, isto é, capacidade de pesquisa e produção.
- Aplicar conhecimentos e métodos matemáticos em situações do dia a dia. Assim, adquire habilidades específicas para: medir e comparar medidas, calcular e consultar tabelas, traçar e interpretar gráficos, utilizar e interpretar corretamente a simbologia e a terminologia matemática, cálculos estatísticos e probabilidades.
- Fornecer experiência em transferência de aprendizagem para proporcionar, na vida real, possibilidades de crescimento através de situações problema.

4 – Conteúdos

1- Números e Álgebra

- Conjuntos dos números reais
 - Revendo a teoria dos conjuntos
 - Símbolos lógicos, pertinência, Representação, igualdade e desigualdade, inclusão subconjuntos, reunião, interseção, conjunto vazio, diferença,
 - Conjuntos numéricos
- Conjunto N dos números naturais
- Conjunto Z dos números inteiros
- Conjunto Q dos números racionais
- Conjunto $\mathbb{I}r$ dos números irracionais
- Conjunto R dos números reais
- Intervalos reais
- Noções de números complexos
 - Conjunto dos números complexos
 - Forma algébrica: características de um número complexo $z = a + bi$
 - Potências da unidade imaginária
 - Adição, subtração e multiplicação.

- Conjugado de um número complexo: propriedades do conjugado
- Divisão
- Representação geométrica de um número complexo
- Potenciação
- Matrizes
- Definição, Representação e Modelo de uma matriz geral.
- Tipos de matrizes: matriz linha, coluna, nula, quadrada, identidade (In)
- Matriz transposta
- Igualdade de matrizes
- Operações com matrizes
- Adição de matrizes, subtração de matrizes multiplicação de um número real por uma matriz, multiplicação de matrizes.
- Matriz inversa
- Determinantes
- Estudo dos determinantes
- Cofator de um elemento a_{ij}
- Teorema de Laplace
- Regra de Sarrus
- Determinante de uma matriz quadrada de ordem n maior que 3
- Sistemas lineares
 - Equação linear
 - Sistema linear: solução de um sistema linear; sistema linear homogêneo
 - Regra de Cramer
 - Classificação de um sistema linear
 - Escalonamento de sistemas
- Polinômios
 - Grau de um polinômio, valor numérico de um polinômio.
 - Identidade de polinômios: polinômios idênticos; polinômios Identicamente nulos
 - Adição e subtração de polinômios
 - Multiplicação de polinômios
 - Divisão de polinômios
 - Método da chave
 - Teorema do resto
 - Teorema D'Alembert
 - Dispositivo prático de Briot - Ruffini
- Equações algébricas
 - Raiz ou zero de uma equação algébrica
 - Teorema fundamental da álgebra

- Relações de Girard
- Multiplicidade de uma raiz
- Raízes complexas
- Raízes racionais

2- Geometria

- Geometria plana
 - Ângulos, duas retas paralelas e uma transversal, triângulos, semelhança de triângulos, quadriláteros, círculo e circunferência, polígonos regulares (relações)
- Geometria espacial
 - Prisma: elementos do prisma, classificação, área da superfície total do prisma reto, volume do prisma reto.
 - Pirâmides: elementos da pirâmide, classificação, área da superfície total da pirâmide regular, Volume da pirâmide, secção transversal da pirâmide, tronco da pirâmide,
 - Cilindros: elementos do cilindro, classificação, cilindro circular reto, volume de um cilindro.
 - Cones: elementos do cone, cone circular reto, volume de um cone, tronco de cone.
 - Esferas
 - Poliedros: elementos de um poliedro, teorema de Euler, soma dos ângulos das faces de um poliedro convexo, poliedros de Platão.
- Geometria analítica
- Ponto: ponto cartesiano, distância entre dois pontos, ponto médio de um segmento, condição de alinhamento de três pontos.
- Reta: equação geral da reta, equação segmentaria da reta, coeficiente angular de uma reta, equação reduzida da reta, equação da reta, conhecidos um ponto e a direção, equações paramétricas da reta, retas paralelas, retas concorrentes, ângulo entre duas retas, distância entre ponto e reta, área de um triângulo.
- Circunferência: equação reduzida da circunferência, equação geral da circunferência, posições do ponto em relação à circunferência, posições da reta em relação a circunferência
- Noções básicas de geometria não-euclidiana.

3- Funções

- Função afim
- Função quadrática
- Gráfico da função quadrática: Relação entre a concavidade de uma parábola e o

coeficiente a

- Raízes ou zeros da função quadrática
- Vértice da parábola: Justificando as coordenadas do vértice
- Conjunto imagem da função quadrática
- Estudo dos sinais da função quadrática
- Inequação
- Sistemas de inequações
- Inequação-produto
- Inequação-quociente
- Função exponencial
 - Tópicos básicos para função exponencial: Expoente inteiro não-negativo, expoente inteiro negativo, propriedades das potências, cujo expoente é um número inteiro, expoente racional, propriedades das potências, cujo expoente é um número racional, potencia cujo expoente é um número irracional.
 - Equações exponenciais
 - Função exponencial: gráfico da função exponencial, características da junção exponencial.
 - Inadequações exponenciais
- Função logarítmica
 - Logaritmo: definição e existência, nomenclatura.
 - Consequências da definição: sistemas de logaritmos
 - Propriedades operatórias: logaritmo de um produto, de um quociente, de uma potencia
 - Mudanças de base: cologaritmo
 - Equações logarítmicas
 - Função logarítmica: características
- Função trigonométrica
 - Trigonometria no triângulo retângulo: razões trigonométricas no triângulo retângulo, ângulo notáveis 30° , 45° e 60° ; cálculo do seno cosseno e tangente 30° e 60° .
 - Trigonometria no círculo: medidas de um arco; unidades; relação entre as unidades; comprimento de arco;
 - Funções trigonométricas: ciclo trigonométrico; arcos cômgruos; função seno; sinais; seno dos arcos notáveis; gráfico da função seno ($y = \text{sen } x$); função cosseno; sinais; cosseno dos arcos notáveis; gráfico da função cosseno ($y = \text{cós } x$); Função tangente; gráfico da função ($y = \text{tg } x$); função cotangente ; função secante e função cossecante

- Relações trigonométricas: relações trigonométricas fundamentais e relações trigonométricas derivadas
 - Redução ao 1º quadrante: múltiplos de 30° 45° e 60°; redução ao 1º quadrante; arcos suplementares; arcos explementares; redução do 3º para o 1º quadrante; arcos complementares; redução do 4º para o 1º quadrante; arcos complementares.
 - Operações com arco e transformações em produto: formas de adição e subtração de arcos; formula de duplicação de arcos; fórmulas de transformação em produto.
 - Equações trigonométricas:
 - Inequações trigonométricas
 - Triângulos quaisquer: teorema dos senos; teorema dos cossenos; teorema de área.
 - Função modular
 - Gráfico da função modular
 - Equações modulares
 - Inequações modulares
 - Progressão aritmética
 - Classificação de uma P.A.; termo geral de uma P.A.; representação prática dos termos de uma P.A.; interpolação aritmética; propriedade de uma P.A.; soma dos n termos de uma P.A.
 - Progressão geométrica.
 - Classificação de uma P.G.; termo geral de uma P.G.; representação prática de três termos em P.G.; propriedades de uma P.G.; soma dos n termos de uma P.G.; soma dos termos de uma P.G. infinita; produto dos termo de uma P.G. limitada;
- 4- Tratamento da Informação
- Análise combinatória
 - Princípio fundamental de contagem
 - Fatorial
 - Permutação simples
 - Arranjo simples
 - Combinação simples
 - Permutação com elementos repetidos
 - Números binomiais
 - Estatística
 - Conceitos introdutórios: população e amostra; frequência absoluta e relativa;

distribuição de frequência; histogramas e polígono de frequência.

- Medidas de tendência central: média aritmética, mediana e moda.
- Medidas de dispersão: desvio médio (D_m), variância (Var), desvio padrão (S)
- Matemática financeira
- Porcentagem
- Lucro
- Descontos
- Acréscimos sucessivos
- Descontos sucessivos
- Probabilidade
 - Elementos do estudo das probabilidades: experimento aleatório; espaço amostral; evento
 - Probabilidade
 - União de dois eventos
 - Probabilidade condicional: multiplicação de probabilidades; eventos independentes.
- Binômio de Newton
- Termo geral do binômio de Newton

5 – Metodologia

Os conteúdos estruturantes estão relacionados entre si e evocam outros conteúdos tanto estruturantes quanto específicos, além de sugerir relações e interdependências que enriquecem o processo pedagógico.

A articulação entre o conhecimento em cada conteúdo estruturante pode ocorrer em diferentes momentos quando novas situações de aprendizagens possibilitam ser retomada e aprofundada.

Os procedimentos metodológicos propiciarão a apropriação de conhecimentos matemáticos que expressem articulações entre os conteúdos específicos do mesmo conteúdo estruturante e entre conteúdos específicos de conteúdos estruturantes diferentes, de forma que suas significações sejam reforçadas, refinadas e intercomunicadas.

Ao inserir o estudo dos conteúdos função afim e progressão aritmética, ambos do conteúdo estruturante Funções, o professor buscará na matemática financeira, mais precisamente nos conceitos de juros simples, elementos para abordá-los.

Para os conteúdos função exponencial e progressão geométrica, os conceitos de juros compostos também são básicos.

Assim as seguintes metodologias comporão o campo de estudo da Educação Matemática.

A resolução de problemas trata de uma metodologia pela qual o estudante terá oportunidade de aplicar conhecimentos matemáticos já adquiridos em novas situações de modo a resolver a questão proposta.

O uso de práticas metodológicas para a resolução de problemas, as quais tornam as aulas mais dinâmicas e não restringem o ensino de Matemática a modelos clássicos, como exposição oral e resolução de exercícios.

Resolução de exercícios e resolução de problemas são metodologias diferentes; enquanto na resolução de exercícios os estudantes dispõem de mecanismos que os levam, de forma imediata, à solução, na resolução de problemas é preciso levantar hipóteses e testá-las.

A etno matemática tem a função de reconhecer e registrar questões de relevância social que produzem o conhecimento matemático. A etno matemática busca uma organização da sociedade que permite o exercício da crítica e a análise da realidade. É uma importante fonte de investigação da Educação Matemática, que prioriza um ensino que valoriza a história dos estudantes pelo reconhecimento e respeito a suas raízes culturais.

A modelagem matemática contribui para a formação do estudante, de modo que ele alcance um aprendizado eficaz. Por meio da modelagem matemática, os fenômenos físicos, biológicos e sociais, constituem elementos para análises críticas e compreensões diversas de mundo. Ao mesmo tempo em que propõe a valorização do aluno no contexto social, procura levantar problemas que sugerem questionamentos sobre situações de vida.

Os recursos tecnológicos sejam eles o software, a televisão, as calculadoras, os aplicativos da Internet, têm favorecido as experimentações matemáticas e potencializado formas de resolução de problemas.

De posse dos recursos tecnológicos, os estudantes desenvolvem argumentos e conjecturas relacionadas às atividades com as quais se envolvem e que é resultado dessa experimentação.

A História da Matemática é um elemento orientador na elaboração de atividades, na criação das situações-problema, na busca de referências para compreender melhor os conceitos matemáticos. Possibilita ao aluno analisar e discutir razões para aceitação de determinados fatos, raciocínios e procedimentos.

Ela deve ser o fio condutor que direciona as explicações dadas aos porquês da Matemática. Também pode promover o ensino e a aprendizagem da Matemática escolar, por meio da compreensão e da significação. Assim, propicia ao estudante entender também que o conhecimento matemático é construído historicamente.

Elaborar problemas, a partir da História da Matemática, é oportunizar que o aluno a conheça como campo do conhecimento em construção. Não se trata, portanto, de resolver exercícios repetitivos e padronizados, sem relação com outros campos do conhecimento, mas se trata de uma possibilidade de dividir dúvidas e questionamentos que levem à construção da Ciência Matemática.

Entre tais alternativas estão às mídias como softwares com planilhas eletrônicas que possibilitam a solução em um tempo menor do que o necessário mediante uso de caderno e lápis. Assim, têm-se condições de realizar as devidas análises, os debates, as conjecturas e a conclusão de ideias.

Uma prática docente investigativa pressupõe a elaboração de problemas que partam da vivência do estudante e, no processo de resolução transcenda para o conhecimento aceito e validado cientificamente.

6 – Avaliação

As avaliações serão diagnósticas, somativas e contínuas divididas da seguinte forma: 70 de nota bimestral em avaliações escritas e 30% de notas nas atividades avaliativas – (tarefas específicas, elaboração de relatórios, exposição oral, trabalhos de criação, observações espontâneas ou dirigidas, produção de textos, pesquisas, sínteses, debates, filmes, mesa redonda, análise de gráficos e tabelas, participação nas atividades cotidianas, interesses, pontualidade, assiduidade e responsabilidade).

A recuperação será oportunizando 100% do aproveitamento. Sendo esta substitutiva prevalecendo a nota maior de acordo com o artigo 24, inciso V, da LDB 9394/95.

7 – Referências Bibliográficas

- BASSANEZI, R. C. **Ensino-aprendizagem com modelagem matemática**: uma nova estratégia. São Paulo: Contexto, 2002.
- BARRETO Filho, Benigno, Barreto, Cláudio Xavier. **Matemática aula por aula**. Volume único: ensino médio. São Paulo: FTD, 2000.
- BORBA, M. C.; PENTEADO, M. G. **Informática e educação matemática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- CARAÇA, B. J. **Conceitos fundamentais da matemática**. 4. ed. Lisboa: Gradiva, 2002.
- COURANT, R.; ROBBINS, H. **O que é matemática?** Uma abordagem elementar de métodos e conceitos. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2000.
- D'AMBRÓSIO, U. **Etnomatemática**: elo entre as tradições e a modernidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- FACCHINI, Walter. **Matemática**. Volume Único. 2 ed. São Paulo: Saraiva 2001.

GIOVANI/BONJORNO/GIOVANI JR. **Matemática fundamental**. Volume Único. 2º grau. São Paulo. Ed.FTD, 2006.

LINS, R. C.; GIMENEZ, J. **Perspectivas em aritmética e álgebra para o século XXI**. 5. ed. Campinas: Papyrus, 2005.

LORENZATO, S. Por que não ensinar geometria? **Revista da Sociedade Brasileira de Educação Matemática**. São Paulo, n. 4, p. 3-12, jan./jun. 1995.

MIGUEL, A.; MIORIM, M. A. **História na educação matemática**: propostas e desafios. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

RAMOS, M. N. **Os contextos no ensino médio e os desafios na construção de conceitos**. Brasília: MEC, 2004.

WODEWOTZKI, M. L.; JACOBINI, O. R. O ensino de estatística no contexto da educação Matemática. In: BICUDO, M. A. V.; BORDA, M. C. (Org.) **Educação matemática pesquisa em movimento**. São Paulo: Cortez, 2004.

**PROPOSTA PEDAGÓGICA CURRICULAR
CURSO DE FORMAÇÃO DE DOCENTES INTEGRADO
SOCIOLOGIA**

1 – Ementa

- O surgimento da sociologia e teorias sociológicas: Modernidade (Renascimento; Reforma Protestante; Iluminismo; Revolução Francesa e Revolução Industrial), Desenvolvimento das Ciências, Senso Comum e Conhecimento Científico, Teóricos da Sociologia (Comte, Durkheim, Weber, Engels e Marx), Produção Sociológica Brasileira.

- O processo de socialização e as instituições sociais: Instituições Familiares, Instituições Escolares, Instituições Religiosas, Instituições Políticas dentre outras.

- Cultura e indústria cultural: Conceitos Antropológicos de Cultura, Diversidade Cultural, Relativismo, Etnocentrismo, Identidade, Escola de Frankfurt, Cultura de Massa (cultura erudita e cultura popular), Sociedade de Consumo, Questões de Gênero e Minorias, Cultura Afro-Brasileira e Africana.

- Trabalho, produção e classes sociais: Salário e Lucro, Desemprego (desemprego conjuntural e desemprego estrutural), Subemprego e Informalidade, Terceirização, Voluntariado e Cooperativismo, Empreendedorismo, Agronegócios, Empregabilidade e Produtividade, Capital Humano, Reforma Trabalhista e Organização Internacional do Trabalho, Economia Solidária, Flexibilização, Neoliberalismo, Reforma Agrária, Reforma Sindical, Toyotismo e Fordismo, Estatização e Privatização, Parcerias Público-Privadas, Relações de Mercado entre outros.

- Poder, política e ideologia: Conceito de Estado, Estado Moderno, Tipos de Estados, Conceito de Poder, Conceito de Dominação, Conceito de Política, Conceito de Ideologia e Alienação.

- Direitos, cidadania e movimentos sociais: Conceito Moderno de Direito, Conceito de Movimento Social, Cidadania, Movimentos Sociais Urbanos, Movimentos Sociais Rurais, Movimentos Sociais Conservadores.

2 – Fundamentação teórica

A Sociologia tem contribuído para ampliar o conhecimento dos homens sobre sua própria condição de vida e, fundamentalmente, para a análise das sociedades, ao compor, consolidar e alargar um saber especializado, pautado em teorias e pesquisas que esclarecem muitos problemas da vida social.

Seu objeto é o conhecimento e a explicação da sociedade pela compreensão das diversas formas pelas quais os seres humanos vivem em grupos, das relações

que se estabelecem no interior e entre esses diferentes grupos, bem como a compreensão das consequências dessas relações para indivíduos e coletividades.

A Sociologia se afirmou no desenvolvimento e na consolidação do capitalismo; por isso, traz a especificidade de, simultaneamente, fazer parte e procurar explicar a sociedade capitalista como forma de organização social. Contudo, não existe uma única forma de explicar sociologicamente a realidade; cada uma depende de posicionamentos políticos distintos, o que confirma o princípio de que não existe neutralidade científica em análises do social.

O tratamento dos conteúdos pertinentes à Sociologia se fundamenta e sustenta-se em teorias originárias de diferentes tradições sociológicas, cada uma com seu potencial explicativo. A ciência, dessa forma, pode ser mobilizada para a conservação ou para a transformação da sociedade, para a melhoria ou para a degradação humana.

Como disciplina escolar, a Sociologia deve acolher essa particularidade – das diferentes tradições – e, ao mesmo tempo, recusar qualquer espécie de síntese teórica, assim como encaminhamentos pedagógicos de ocasião, carentes de método e rigor.

No século XX, três diferentes linhas teóricas clássicas, sistematizadas por Émile Durkheim, Karl Marx e Max Weber alicerçaram, e ainda alicerçam concepções sociológicas contemporâneas. Entre elas, destacam-se: as concepções de Antonio Gramsci, Pierre Bourdieu e Florestan Fernandes. Cada uma, a seu modo, elege conteúdos, temáticas, problemáticas, metodologias, concernentes ao contexto histórico em que foram construídas, e buscam interpretar e dar respostas aos problemas da realidade contemporânea.

Karl Marx (1818-1883) concebe a sociedade capitalista como relação de exploração, e a educação como possibilidade de emancipar o sujeito da opressão exercida por essa relação desigual.

Émile Durkheim (1858-1917) concebe a sociedade capitalista como vínculo moral entre os homens e a educação como forma de manutenção da estabilidade e da ordem social.

Max Weber (1864-1920) concebe a sociedade capitalista como vínculo de racionalização da vida, resultado de uma grande teia de interações e relações inter-individuais e pensa a educação como uma resposta limitada e inexorável à essa racionalização.

Compreender a sociedade é analisar os comportamentos movidos pela racionalidade dos sujeitos com relação aos outros, é compreender o agir dos

homens que se relacionam uns com os outros, de acordo com um cálculo e uma finalidade que tem por base as regras.

Antonio Gramsci (1891-1937), propõe uma ação política revolucionária articulada organicamente na sociedade, no cotidiano das relações sociais. A escola, em seus diferentes graus, é o instrumento da formação de um novo tipo de homem, que deve entender-se como produto de uma elaboração de vontade e pensamento coletivo, logrado mediante o esforço individual concreto e não por processos ou determinações alheios a cada um.

Bourdieu (1930 – 2002), toda ação pedagógica é considerada uma violência simbólica, arbitrária, e oculta relações de força sob imposição de valores, normas e concepções culturais revestidas de uma suposta autoridade, originárias nos grupos e classes dominantes.

Florestan Fernandes (1920-1995), o homem se constitui como ser social no mesmo processo por meio do qual constitui sua sociabilidade, sua forma de organização concreta. “Existir” socialmente significa, para o sociólogo, compartilhar condições e situações, desenvolver atividades e reações, praticar ações e relações que são interdependentes e se influenciam reciprocamente.

Ao se voltar para conteúdos que propiciem a consciência social de classe dos trabalhadores e sua desobjetificação, Florestan reivindica uma escola que dê prioridade à maioria da população marginalizada. A educação e a auto-emancipação coletiva se tornam, então, co-determinantes de uma relação recíproca mediada pela escola e inspirada no papel político da classe trabalhadora de negar a sociedade capitalista existente.

3 - Objetivos

- Desenvolver no educando um olhar crítico, explicativo e interrogador, com vistas à mudança de atitudes acerca da organização da sociedade.
- Contribuir para a mudança de atitudes a fim de que se ampliem às condições de cidadania dos educandos,
- Contribuir para o desenvolvimento de um pensamento analítico, livre de noções preconceituosas e deterministas, acerca das relações sociais.

4 – Conteúdos

1 - O surgimento da sociologia e Teorias Sociológicas

- Conhecer a entender sobre a Sociologia é preciso!
- A “gênese sociológica”
- Como tudo começou
- Idade média

- O uso da razão
 - O Iluminismo
 - Ideias do Iluminismo
 - Consolidação do capitalismo e a revolução industrial
 - O sistema capitalista
 - Modernidade: Renascimento Reforma Protestante, Iluminismo, Revolução Francesa e Revolução Industrial.
 - Renascimento
 - Diferentes visões do renascimento
 - A retomada do espírito especulativo
 - Um novo pensamento social
 - Reforma protestante
 - A ética protestante e o espírito do capitalismo
 - Iluminismo
 - Revolução Francesa
 - Revolução industrial
 - Desenvolvimento das ciências
 - Senso Comum e conhecimento científico
 - Teóricos da Sociologia:
 - Comte
 - Durkheim
 - Weber
 - Engels
 - Marx
 - Produção sociológica brasileira
 - A sociologia no Brasil
 - Fases da sua implantação
 - Fase "A"
 - Fase "B"
 - Fase "C"
- 2 - O processo de socialização e as instituições sociais
- Conceituação e características das instituições sociais
 - Instituições familiares
 - Família como agrupamento de pessoas
 - Formas de casamento
 - Tipos de família e suas funções
 - Instituição familiar no Brasil

- Instituições escolares
 - Objetivos da educação
 - Formas de transmissão
 - A escola:
 - Escola como grupo social e como instituição,
 - Educadores, educandos e outros grupos.
 - A sociedade do conhecimento
 - Características da escola moderna
 - Uma sociedade sem escolas
 - Diferentes olhares sobre a escola
 - Instituições religiosas
 - Conceito
 - Teorias sobre a origem da religião
 - O sagrado e o profano
 - O que são rituais
 - Religião e magia
 - Religiões originárias do Extremo-Oriente
 - Religiões de origem africana
 - Religiões originárias do Oriente - Médio
 - Instituições políticas
 - Conceito
 - O estado
 - Povo, nação e estado
 - Funções do estado
 - Origem do estado
 - Formas de Governo
 - Ideologia
 - Outras instituições
- 3 - Cultura e indústria cultural
- Conceitos antropológicos de cultura
 - De onde vêm às culturas e por que é importante estudá-las?
 - O que é cultura
 - Tudo que vivemos socialmente é cultural
 - A Antropologia e o estudo da cultura
 - Diversidade cultural
 - Identidade nacional e nacionalidade
 - Herança social e legado cultural

- Etnia, raça e cultura
- Etnicidade
- Relativismo
 - Relativismo cultural
 - Origens Epistemológicas do Relativismo Cultural
- Etnocentrismo
 - Conceito de etnocentrismo
- Identidade
 - Identidade cultural
- Escola de Frankfurt
- A escola de Frankfurt e a teoria crítica
- As características comuns da Escola de Frankfurt : a Teoria Crítica
 - Origem judia
 - Inspiração marxista
 - Estudo da sociedade industrializada
 - Teoria crítica:
 - Crítica da sociedade burguesa
 - Crítica aberta ao marxismo
 - Crítica da filosofia tradicional
 - Crítica da razão
- A Razão Instrumental
- A noção de razão instrumental nos permite compreender:
 - A transformação de uma ciência em ideologia e mito social, em senso comum cientificista;
 - Que a ideologia da ciência não se reduz à transformação de uma teoria científica em ideologia;
 - Que as ideias de progresso técnico e neutralidade científica pertencem ao campo da ideologia cientificista.
- Cultura de massa
 - Cultura erudita e cultura popular
 - Noções gerais sobre cultura
 - Cultura; criação ou apropriação?
 - Cultura popular e folclore
 - Cultura popular e cultura erudita
 - Cultura de massa: a industrialização cultural
 - Cultura jovem
- Sociedade de consumo
 - Origem

- Críticas:
 - Negativas
 - Positivas
 - Consumismo
 - Questões de gênero e minorias
 - Representação das minorias sexuais nos media
 - A população LGBT
 - A luta pelo reconhecimento de seus direitos
 - Cultura afro-brasileira e africana
 - A luta dos negros no Brasil
 - A cultura negra e suas contribuições nas áreas social, econômica e política
- 4 - Trabalho, produção e classes sociais.
- Salário e lucro
 - O salário
 - Trabalho, valor e lucro.
 - Desemprego
 - Desemprego conjuntural e desemprego estrutural
 - Subemprego e informalidade
 - Terceirização
 - Voluntariado e cooperativismo
 - Empreendedorismo
 - Agronegócios
 - O que é?
 - Aspectos conceituais e metodológicos
 - Empregabilidade e produtividade
 - Capital humano
 - Conceito de capital humano
 - Estratégias de capital humano
- 5- Reforma trabalhista e Organização internacional do trabalho
- A organização do trabalho
 - Economia solidária
 - A economia solidária e as desigualdades: um estudo a partir dos dados do Primeiro Mapeamento Nacional dos empreendimentos solidários
 - Representações sociais da liderança em empreendimentos econômicos solidários

- A economia solidária no Brasil: refletindo sobre os dados do primeiro Mapeamento Nacional
 - Uma questão de competências, de concorrência... ou de projetos?
 - As racionalidades dos empreendimentos de economia solidária segundo os dados do Primeiro Mapeamento Nacional
 - Flexibilidade
 - Mediação do Trabalho e Estratégias de Comunicação: flexibilidade e reestruturação produtiva no Brasil
 - Consequências sociais da reestruturação do trabalho e da produção
 - Neoliberalismo
 - As origens
 - Liberalismo com nova roupagem: o neoliberalismo
 - Críticas a doutrina neoliberal
 - Movimento anti neoliberalismo
 - Reforma agrária
 - Conceito de reforma agrária
 - O Estatuto da terra (Lei nº4.504/1964)
 - O problema agrário na CF/88 e na Lei 8.629/93
 - Reforma sindical
 - A reforma da legislação sindical
 - As polêmicas da reforma sindical
 - Toyotismo e Fordismo
 - Toyotismo: e o controle da qualidade total
 - Fordismo: modelo de produção em série
 - Estatização e privatização
 - Na educação segundo o governo Lula
 - Na saúde pública segundo o governo Lula
 - Parcerias público-privadas
 - Conceituação segundo Marcondes Dias Barbosa, auditor- fiscal da Secretaria Municipal da Fazenda de Salvador
 - Relações de mercado entre outros
 - Globalização
 - Os movimentos anti-globalização
 - Siglas do mundo globalizado
- 5- Poder, Política e Ideologia
- Conceito de Estado
 - O Estado

- Povo, Nação e Estado.
 - Funções do Estado
 - Origem do Estado
 - Formas de governo
 - Estado moderno
 - Classificação do estado moderno
 - Totalitários
 - Liberais
 - Social-democráticos
 - A formação do Estado Moderno
 - Tipos de estados
 - Conceito de poder
 - Conceito de dominação
 - Conceito de política
 - Conceito de ideologia e alienação
 - Ideologia
 - A ideologia e a dominação capitalista
 - A ideologia e a normatização do cotidiano
 - O processo de internalização e a condição humana
 - A dominação ideológica e o interesse do indivíduo
 - Alienação
 - Conceito de alienação
 - Formas de alienação
 - O que é ser alienado
- 6- Direitos, cidadania e movimentos sociais.
- Conceito moderno de direito
 - Conceito de movimento social
 - Cidadania
 - Aspectos jurídicos, sociológicos e éticos da cidadania.
 - Cidadania ameaçada
 - Movimentos sociais
 - Princípios norteadores
 - Movimentos sociais urbanos
 - Conceito moderno de movimento social
 - Movimentos sociais urbanos
 - Movimento estudantil:
 - Histórico dos grêmios estudantis

- Como criar um grêmio
- Sindicato dos profissionais da educação,
 - APP e ASPP
- Associação de moradores, entre outros.
 - Algumas associações existentes na cidade de Ponta - Grossa
- Movimentos sociais rurais
 - A contextualização dos movimentos agrários no Brasil
 - Primeiros movimentos de luta pela terra: As ligas camponesas
 - A reorganização dos trabalhadores rurais: A retomada da luta pelo MST
- Movimentos sociais conservadores

5 - Metodologia

Na Sociologia, é fundamental a utilização de vários instrumentos metodológicos, os quais devem adequar-se aos objetivos pretendidos, seja a exposição, a leitura e esclarecimento do significado dos conceitos e da lógica dos textos, a análise, a discussão, a pesquisa de campo e bibliográfica ou outros.

A disciplina será iniciada com uma breve contextualização da construção histórica da Sociologia e das teorias sociológicas fundamentais, as quais devem ser constantemente retomadas, numa perspectiva crítica, para fundamentar teoricamente as várias possibilidades de explicação sociológica. É tarefa primordial do conhecimento sociológico explicitar e explicar problemáticas sociais concretas e contextualizadas, de modo a desconstruir pré-noções e preconceitos que quase sempre dificultam o desenvolvimento da autonomia intelectual e de ações políticas direcionadas à transformação social.

O aluno será considerado em sua especificidade etária e em sua diversidade cultural; tendo em vista o local em que a escola está inserida e a origem social do aluno, para que os conteúdos trabalhados e a metodologia escolhida respondam às demandas desse aluno.

A Sociologia utilizará metodologias como: a pesquisas bibliográficas e os recursos audiovisuais, especialmente vídeos e filmes, onde o aluno será o sujeito de seu aprendizado buscando relacionar a teoria com o vivido, a rever conhecimentos e a reconstruir coletivamente novos saberes.

Os Recursos audiovisuais como: um filme deve ser entendido também como texto, deve ser passível de leitura pelo aluno, pois o cinema e a TV são dotados de linguagens próprias e compreendê - las não significa apenas apreciar imagens e sons, mas também fazer uma interpretação analítica e contextual.

6 - Avaliação

A avaliação em Sociologia acompanha a prática de ensino e de aprendizagem da disciplina, seja a reflexão crítica nos debates, que acompanham os textos ou filmes, a participação nas pesquisas bibliográficas, a produção de textos enfim várias podem ser as formas, desde que se tenha como perspectiva ao selecioná-las a clareza dos objetivos que se pretende atingir, no sentido da apreensão, compreensão e reflexão dos conteúdos pelo aluno.

No entanto, convém observar que os critérios de avaliação devem estar coerentes com as normas estabelecidas pelo regimento escolar deste estabelecimento.

7 – Referências Bibliográficas

ALBORNOZ, S. **O que é trabalho**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos de Estado**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

ALVES, R. **O que é religião**. 17 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

ANDERSON, P. Balanço do Neoliberalismo In: Sader, E. e GENTILI, P. **Pós-neoliberalismo**: as políticas sociais e o Estado Democrático. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

ANTUNES, R. (Org.); SILVA, M.A.M. (Orgs). **O avesso do trabalho**. São Paulo: Expressão popular, 2004.

_____. **A dialética do trabalho**. Escritos de Marx e Engels. São Paulo: Expressão popular, 2004.

ARANTES, A. A. **O que é cultura popular**. 5ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

AZEVEDO, F. de. **Princípios de Sociologia**: pequena introdução ao estudo da sociologia geral. 11ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 1973.

_____. **A cultura brasileira. Parte III – A transmissão da cultura**. RJ. E. UNB/Ed. UFRJ. 1996, 6ª ed.

BERNARDI, B. **Introdução aos estudos etno-antropológicos**. Trad. A C. Mota da Silva. Milão, Franco Angeli Editore. 1974.

BERQUÓ, E. **Arranjos familiares no Brasil**: uma visão demográfica. In: SCHWARCZ, L. (org.), História da vida privada no Brasil v.4; SP: Companhia das Letras, 1998.

BOBBIO, N. **Estado, governo, sociedade**: por uma teoria geral da política. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

_____. **A teoria das formas de governo**. 4ª ed. Brasília: Ed. UnB, 1985.

BOSI, Ecléa. **Cultura de massa e cultura popular**: leituras de operárias. 5ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1981.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J.C. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. São Paulo: Francisco Alves, 1975.

CÂNDIDO, A. A estrutura da escola. In: PEREIRA, L.; FORACHI, M. (org.) **Educação e sociedade**: leituras de sociologia da educação. São Paulo: Ed. Nacional, 1976.

CARVALHO, M. G. de. Tecnologia e Sociedade. In: **Tecnologia e Interação, João Augusto S. L. A. Bastos** (Org.) Coletânea "Educação e Tecnologia". PPGTE, CEFET-PR, pp 89-102. Disponível em: <http://www.ppgte.cefetpr.br/selecao/2005/leituras/carvalho1998b.pdf>. Acesso em: 03 set. 2005.

CASTRO, A. M. D.; FERNANDES, E. Contexto histórico do aparecimento da sociologia. In: **Introdução ao pensamento sociológico**. São Paulo: Centauro, 2001.

CHARLOT, B. **Relação com o saber, formação dos professores e globalização**: questões para educação hoje. Porto Alegre: Artmed, 2005.

COELHO, T. **O que é indústria cultural**. 15 ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

COMTE, A. **Sociologia** [organização e tradução de Evaristo de Moraes Filho] São Paulo: Ática, 1978.

COSTA, C. **Sociologia a ciência da sociedade**. 2ª ed. São Paulo: Moderna, 1997.

CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Florianópolis: EDUSC, 1999.

DURKEHEIM, E. **Os pensadores**. São Paulo: Abril, 1978.

_____. **Da divisão social do trabalho**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

_____. **O suicídio**. 6. Ed. Lisboa: Presença, 1996.

_____. Religião e conhecimento In: **Sociologia**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1981.

_____. **As regras do método sociológico**. Tradução. Maria Isaura Pereira de Queiroz. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1974.

_____. **Sociologia** [organizador da coletânea: Albertino Rodrigues]. São Paulo: Ática, 1978.

_____. **Educação e sociologia**. 6ª ed. Trad. Lourenço Filho. São Paulo: Melhoramentos, 1965.

EAGLETON, T. **Ideologia**. São Paulo: Unesp, 1997.

ENGELS, F. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

EVANS-PRITCHARD, E.E. **História do pensamento antropológico: perspectivas do homem**. Lisboa: Edições 70, 1989.

FERNADES, F. **A integração do negro na sociedade de classes**. São Paulo: Ática, 1978, Vol. I e II.

_____. A educação numa sociedade tribal. In: PEREIRA, L.;FORACHI, M.(org.) **Educação e sociedade: leituras de sociologia da educação**. São Paulo: Ed. Nacional, 1976.

_____. **Fundamentos da explicação sociológica** – 3ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 1978.

FORACHI, M.M. & MARTINS, J. de S. (Orgs) **Sociologia e sociedade**. Rio de Janeiro : LTC, 2004.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**; trad. Lígia M. Pondé Vassallo. Petrópolis: Vozes, 1983.

FREIRE, P. **Pedagogia dos sonhos possíveis**; ARAÚJO, A. M.(org.), São Paulo: Ed. UNESP, 2001.

FREYRE, G. **Casa grande e senzala** -introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil. 46ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

FROMM, E. Consciência e sociedade industrial, In. FORACHI, M.M. & MARTINS, J. de S. (Orgs.) **Sociologia e sociedade**. Rio de Janeiro: LTC, 2004.

GAARDER, J.; HELLERN,V.; NOTAKER, H. **O livro das religiões**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

GERMANO, J. W. **Estado militar e educação no Brasil (1964-1985)**. São Paulo: Editora Cortez, 2000.

GIDDENS, A. **Sociologia**. 4ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GOHN, M. da G. (Org.). **Movimentos Sociais no início do século XXI: antigos e novos atores sociais**. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

_____. **Os sem-terra, ONG's e cidadania**. São Paulo: Editora Cortez, 2003.

GOUNET, T. **Fordismo e Toyotismo na civilização do automóvel**. São Paulo: Bomtempo Editorial, 2002.

GRAMSCI, A. **Concepção dialética da história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.

_____. **Maquiavel, a política e o estado moderno**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

HARRY B. **Trabalho e capital monopolista: a degradação do trabalho no século XX**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1999.

3HOBBS, T. **Leviatã ou Matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil**. 3ª Ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Os Pensadores)

HOBBSAWM, E. **A era dos extremos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. **A era do capital: 1848-1875**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

_____. **Rebeldes Primitivos: estudo sobre formas arcaicas de movimentos sociais nos séculos XIX e XX**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

HORTA, C. F. M. M. (Coord.). **O grande livro do folclore**. Belo Horizonte: Editora Leitura, 2004.

IANNI, O. Neoliberalismo e neosocialismo. IN: IANNI, Octavio. **A era do globalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

IANNI, O. **Sociologia da Sociologia – o pensamento sociológico brasileiro**. 3ª ed., São Paulo: Ática, 1989.

KURZ, R. **O colapso da modernização: da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

LAKATOS, E. M. **Sociologia geral**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 1985.

LAPLANTINE, F. **Aprender antropologia**. 12 ed. São Paulo: Brasiliense, 2000.

LARAIA, R. de B. **Cultura: um conceito antropológico**. 18 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

LÉVI-STRAUSS, C. **O pensamento selvagem**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

LIMA, L. C. (Org.) **Teoria da cultura de massa**. 5 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

LUIZZETTO, F. **Utopias anarquistas**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

MAGGIE, Y.; REZENDA, C. B. (Orgs.) **Raça como retórica**: a construção da diferença. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

MALINOWSKI, B. **A vida sexual dos selvagens**; trad. de Carlos Sussekind; Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

MANNHEIN, K. **Ideologia e utopia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

MAQUIAVEL, N. **O príncipe**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

MARCUSE, H. **A ideologia da Sociedade Industrial o homem unidimensional**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1982.

MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Lisboa: Edições 70, 1989.

_____. **A ideologia alemã**. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. **Miséria da filosofia**. São Paulo: Liv. Ed. Ciências Humanas, 1982.

_____. **Salário, preço e lucro**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

_____. **Os pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

_____. **O capital**: crítica da economia política. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

MARX, K.; ENGELS, F. **O manifesto do partido comunista**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

MELO NETO, J. C. **Morte e vida severina**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 2000.

MELO, D. M. de. Subjetividade e gênero no MST: observações sobre documentos publicados entre 1979-2000. In.: GOHN, M. da Gloria (org.). **Movimentos sociais no início do século XXI**: antigos e novos atores sociais. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

MICELI, P. **As revoluções burguesas**. São Paulo: Atual, 1987.

MORAES, A. C. R. Ratzel e a Antropogeografia. In: Geografia: **Pequena História Crítica**. 7ª ed. São Paulo: Hucitec, 1987.

_____. História das ligas camponesas do Brasil. In: STEDILE, J. Pedro (org.). **História e natureza das ligas camponesas**. São Paulo: Expressão Popular, 2002.

MOREIRA, M. **A vida dos grandes brasileiros** – Cândido Portinari. Cajamar: Três, 2001.

MORGAN, L. **A sociedade primitiva I**; Portugal/Brasil: Ed. Presença/Livraria Martins Fontes, 1980.

OLIVEIRA, R. C. **O índio e o mundo dos brancos**. São Paulo: Pioneira, 1981.

OLIVEIRA, P. S. **Introdução à Sociologia**. 20ªed. São Paulo: Ática, 2001.

ORTIZ, R. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

PARANÁ. Secretaria de Educação do Estado do Paraná. **Diretrizes Curriculares da Rede Pública de Educação Básica do Estado do Paraná** – Sociologia. Curitiba, 2006.

PEREIRA, C. A. M. **O que é contracultura**. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

POCHMANN, M. **O emprego na globalização**. São Paulo: Bomtempo, 2002.

POUTGNAT, P.; STREIFF-FERNART, J. **Teorias da etnicidade**. São Paulo: UNESP, 1998.

PRADO JR, C. **Formação do Brasil contemporâneo**. 23ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2000.

PRANDI, R. **Mitologia dos orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PROST, A. ;VICENT,G. (org.). **História da vida privada 5: da Primeira Guerra a nossos dias**. São Paulo: Companhia da Letras, 1992.

RAMINELLI,R. **Imagens da colonização**: a representação do índio de Caminha a Vieira. Rio de Janeiro: Zahar,1996.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

RIDENTI, M. **Em busca do povo brasileiro**: artistas da revolução, do CPC e a era da TV. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2000.

ROCHA, E. P. G. **O que é etnocentrismo**. 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

ROUSSEAU, J J. **Do contrato social**. São Paulo: Nova Cultural, 1999. v. 1.

SADEK, M.T. Nicolau Maquiavel: o cidadão sem fortuna. O intelectual de virtù. In.: WEFFORT, Francisco (Org). **Os clássicos da política**: 3. ed. São Paulo: Ática, 2003. v. 2.

SANT'Anna, D. M.; CUNHA, L. H. de O. (orgs.). **Índios do Paraná**. AVAÍ – Associação Nacional de Apoio ao Índio, Curitiba, 1983.

SANTOS, B. de S. **Dilemas de nosso tempo**: globalização, multiculturalismo e conhecimento. Revista Educação e Realidade. nº 26 (1) 13-32. jan/jul., 2001.

SANTOS, B. de S. **O Fórum Social Mundial**: manual de uso. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

SANTOS, J. L. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SARTRE, J. P. **O existencialismo é um humanismo**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

SELL, Carlos Eduardo. Émile Durkheim. In.: **Sociologia Clássica**: Durkheim, Weber e Marx – 3ª ed. – Itajaí: Ed. Univali, 2002.

SEMPRINI, A. **Multiculturalismo**. São Paulo: EDUSC, 2000.

STEDILE, J. P. (Org.). **A questão agrária no Brasil**: o debate tradicional 1500 - 1960. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

_____. **História e natureza das ligas camponesas**. São Paulo: Expressão Popular, 2002.

TINHORÃO, J. . **Cultura popular – temas e questões**. 1ª ed. São Paulo: Editora 34 Ltda, 2001.

TOURAINE, A. **A sociedade pós-industrial**. Lisboa: Moraes, 1970.

VALLE, M. R. **1968, o diálogo é a violência**: movimento estudantil e ditadura militar no Brasil. Campinas: Unicamp, 1999.

VENTURA, Z. **1968: o ano que não acabou**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1988.

VIANNA, M. de A. G. **Revolucionários de 35**: sonho e realidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. 15ª ed. São Paulo: Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais. 2000.

WEFFORT, F. (Org). **Os clássicos da política**: 13. ed. São Paulo: Ática, 2003. v. 2.

WORMS, L. S., COSTA, W. B. **Brasil século XX: ao pé da letra da canção popular.** Curitiba: Editora Nova Didática, 2002.

ZIZEK, S. (org). **Um mapa da ideologia.** Rio de Janeiro: Contraponto, 1999.

ZNANIECKI, F. A escola como grupo instituído. In: PEREIRA, L.; FORACHI, M.(org.) **Educação e sociedade: leituras de sociologia da educação.** São Paulo: Ed. Nacional, 1976.

Caldeira, Clara. **A representação das minorias sexuais na informação televisiva portuguesa.** Lisboa: Livros Horizonte, 2006.

PROPOSTA PEDAGÓGICA CURRICULAR
CURSO DE FORMAÇÃO DE DOCENTES INTEGRADO
CONCEPÇÕES NORTEADORAS DA EDUCAÇÃO ESPECIAL

1 – Ementa

Conceito, legislação, fundamentos históricos, sócio-políticos e éticos, Reflexão crítica de questões ético- políticas e educacionais na ação do educador quanto à interação dos alunos com necessidades educacionais especiais. A proposta de inclusão visando a qualidade de aprendizagem e sociabilidade para todos, e principalmente, ao aluno com necessidades educacionais especiais. Formas de atendimento da Educação Especial nos sistemas de ensino. A ação do educador junto a comunidade escolar: inclusão , prevenção das deficiências; as especificidades de atendimento educacional aos alunos com necessidades educacionais especiais e apoio pedagógico especializado nas áreas da educação especial. Avaliação no contexto escolar; flexibilização curricular , serviços e apoios especializado. Áreas das deficiências: mental, física neuro – motor, visual da surdez área das condutas típicas e área da superdotação e altas habilidades.

2 – Fundamentação teórica

As crianças com necessidades educacionais especiais são assim denominadas quando os desvios de seu desenvolvimento atingem um tipo e um grau que requerem providencias pedagógicas desnecessárias para a maioria das crianças.

Para fins didáticos as crianças especiais são com freqüências agrupadas para facilitar a comunicação entre os profissionais para facilitar a comunicação entre os profissionais. É comum encontrar-se a seguinte classificação: desvio mentais, incluindo crianças que são: intelectualmente superiores lentas quanto à capacidade de aprendizagem-mentalmente retardadas; deficiências sensoriais incluindo as crianças com: distúrbios de aprendizagem e deficiência da fala e da linguagem; desordens do comportamento, incluindo as crianças som: distúrbio emocional, desajuste social; deficiências múltiplas e graves, incluindo várias combinações: paralisia cerebral e retardamento mental, surdez e cegueira deficiências físicas e intelectual graves, entre outras.

A educação especial visa o atendimento do aluno com necessidades educacionais especiais porque os professores são especializados, ou seja, possuem fundamentação em referencial teórico e prático compatível com as necessidades específicas de seu alunado. O processo deve ser integral, fluindo desde a estimulação essencial até os graus superiores de ensino.

Sob o enfoque sistêmico a educação especial integra o sistema educacional vigente, identificando-se com a sua finalidade que é a de formar cidadãos conscientes e participativos em nossa sociedade.

Sendo o curso de Formação de Docentes um preparo para os futuros professores é imprescindível que na sua formação inicial seja-lhes oferecido subsídios necessários para atender adequadamente o aluno com necessidades educacionais especiais e desenvolver ao máximo uma melhoria no exercício de sua profissão. Precisamos ver os alunos com necessidades educacionais especiais como pessoas capazes e com potencialidades, e a escola é um grande meio para se alcançar esses objetivos, sendo que para isso todo o sistema escolar deve estar preparado para receber esses alunos e principalmente o professor que terá um contato freqüente e importantíssimo para a vida desse cidadão. Esta disciplina abordará os seguintes conteúdos: conceito, legislação, fundamentos históricos, sócio-políticos e éticos, reflexão crítica de questões ético- políticas e educacionais na ação do educador quanto à interação dos alunos com necessidades educacionais especiais, a proposta de inclusão visando a qualidade de aprendizagem e sociabilidade para todos, e principalmente, ao aluno com necessidades educacionais especiais; formas de atendimento da Educação Especial nos sistemas de ensino; a ação do educador junto a comunidade escolar: inclusão, prevenção das deficiências; as especificidades de atendimento educacional aos alunos com necessidades educacionais especiais e apoio pedagógico especializado nas áreas da educação especial; avaliação no contexto escolar; flexibilização curricular, serviços e apoios especializado; áreas das deficiências: mental, física neuro – motor, visual da surdez área das condutas típicas e área da superdotação e altas habilidades.

3 - Objetivos

- Reconhecer a necessidade de se caminhar rumo a escola para “todos”, um lugar que inclua todos os alunos, respeite a diversidade, apóie a aprendizagem e responda as necessidades individuais.
- Capacitar os professores para atender todos os alunos especialmente aqueles que tenham necessidades educacionais especiais.
- Acompanhar o progresso de cada aluno, oferecendo oportunidades curriculares que se adaptem a alunos com necessidades educacionais especiais.

4 – Conteúdos

1 - Fundamentos históricos, sócio-políticos e éticos da Educação Especial no Brasil, conceito e legislação.

- Conceito de Educação Especial
- Histórico sócio-político e ético da Educação Especial no Brasil
- Progressão sócio-histórica
- Legislação e normas:
 - Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação Especial para a Educação Básica:
 - Conceito,
 - Alunado,
 - Educação Especial e fundamentação legal
- Política Nacional da Educação inclusiva:
 - Constituição Federal de 1988 - Educação Especial.
 - LEI Nº 7853/89 - Dispõe sobre o apoio às pessoas portadoras de deficiência, sua integração social, sobre a Coordenadoria Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência – CORDE.
 - LEI Nº. 8069/90 - ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente.
 - LEI Nº10. 098/94 - Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências.
 - LEI Nº 8899/94 - Concede passe livre às pessoas portadoras de deficiência no sistema de transporte coletivo interestadual.
 - LEI Nº. 9394/96 - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.
 - LEI Nº 10.436/02 – LIBRAS.
 - LEI Nº 10.845/04 - Programa de Complementação ao Atendimento Educacional Especializado às Pessoas Portadoras de Deficiência.
 - Decreto nº. 914/93 - Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência.
 - Decreto 1680/95 - Dispõe sobre a competência, a composição e o funcionamento do.
 - Decreto nº. 3952/01 - Conselho Nacional de Combate à Discriminação.
 - Decreto nº. 3956/01 - Promulga a Convenção Interamericana para a Eliminação de todas as formas de Discriminação contra as Pessoas Portadoras de Deficiência.
- Planos Nacionais de Educação: Lei Nº10.172/01 - Plano Nacional de Educação.
- Educação mundial sobre “Educação para Todos”

2 - Serviços de apoio especializados ofertados na área das Deficiências em Irati: APAE, APADEF, Centro de Atendimento Especializado.

3 - Reflexão crítica de questões: éticas-políticas e educacionais na ação do educador quanto à interação dos alunos com necessidades educacionais especiais.

- A escola como espaço integração
- A importância da socialização
- Todas as crianças são bem vindas à escola. (texto de Maria Teresa Eglér Montan)
- A escola como espaço inclusivo.
- Aspectos positivos e negativos da inclusão no ensino regular
- Filme -“Meu nome é Rádio” (sugestão este filme trata da inclusão e da abertura para o mercado de trabalho)

4 - A proposta de inclusão visando à qualidade de aprendizagem e sociabilidade para todos, e principalmente, ao aluno com necessidades educacionais especiais.

- integração X inclusão: Escola (de qualidade) para todos. (texto de Maria Cândida Lacerda Muniz Trigo)

5 - Formas de atendimento da Ed. Especial nos sistemas de ensino.

- Adaptações curriculares educacionais especiais na Educação Infantil e nas séries iniciais do ensino fundamental.
- Apoio pedagógico especializado
- Adaptações nos ambientes escolares

6 - A ação do educador junto à comunidade escolar: inclusão, prevenção das deficiências; as especificidades de atendimento educacional aos alunos com necessidades educacionais especiais e apoio pedagógico especializado nas áreas da educação especial.

- A ação do educador junto à comunidade escolar
- Prevenção das deficiências: pré-natal, peri-natal e pós-natal.
- As especificidades de atendimento educacional aos alunos com necessidades educacionais especiais
- Apoio pedagógico especializado nas áreas da educação especial.

7 - Áreas das deficiências: mental, física neuro - motor, visual da surdez área das condutas típicas e área da superdotação e altas habilidades: conceito, causas, tipos, identificação, sinais indicadores, procedimentos metodológicos e o papel da família

- Área de Condutas Típicas: conceito, causas, tipos, identificação, sinais indicadores, procedimentos metodológicos e papel da família.

- Área de Deficiência Mental:
 - Conceito: o que é deficiência mental?
 - Causas,
 - Tipos: Quais os tipos de deficiências mentais?
 - Identificação,
 - Sinais indicadores: Síndrome de down, Síndrome do X frágil, Autismo
 - Procedimentos metodológicos
 - O papel da família.
- Área de Deficiência Física:
 - O que é deficiência física
 - Quais os tipos de deficiência física
 - Caracterização: As causas mais freqüentes podem ocorrer nos períodos: Pré-natal (durante a gestação), Perinatal (no momento em que ocorre o nascimento), Pós-natal (após o nascimento)
 - PC – Paralesia cerebral , Distrofia Muscular Progressiva , Esclerose Múltipla
 - Atendimento Educacional
- Área de Superdotação/Altas Habilidades:
 - Conceito: quem é o aluno com altas habilidades/superdotação?
 - Habilidade acima da média
 - Criatividade
 - Envolvimento com a tarefa
- Tipos de alunos com altas habilidades/superdotação:
 - Tipo intelectual
 - Tipo psicomotor
 - Tipo acadêmico
 - Tipo criativo
 - Tipo social
 - Tipo talento especial
 - Síndrome de Asperger (sugestão de filme: Ray Mass e Loucos de amor)
 - Identificação: como identificar as altas habilidades/superdotação
 - Sinais que apontam os indicadores de altas habilidades/superdotados
 - Procedimentos metodológicos: o que o professor pode fazer pelo aluno com altas habilidades/superdotados
 - O papel da família.
- Sugestão de filmes: Mentem que brilham; Lances inocentes; Gênio Indomável; Uma mente Brilhante; Sociedade dos Poetas Mortos; Prenda-me se for capaz; Encontrando Forrester; Amadeus; Brilhante; Hackers-Piratas de Computador;

Código para o Inferno

- Área de Deficiência da Surdez:
 - Conceito:
 - Causas,
 - Tipos,
 - Identificação,
 - Sinais indicadores,
 - Procedimentos metodológicos: atendimento especializado aos alunos surdos:
 - Interprete de libras/língua portuguesa
 - Instrutor surdo de libras
 - Centro de atendimento especializado
 - Instituições especializadas
 - Escola especial para surdos (Educação Básica)
 - Filme: “Adorável Profº Mister Holland”
 - O papel da família.
 - Área de Deficiência Visual:
 - Conceito: O que é a deficiência visual
 - Causas:
 - Sinais indicadores: Sinais que podem indicar uma perda visual na infância
 - Como se relacionar com o deficiente visual
 - Tipos, identificação,
 - Procedimentos metodológicos: atendimento especializado aos surdos
 - Papel da família.
 - Múltiplas Deficiências:
 - Conceito de múltiplas deficiências
 - Causas,
 - Tipos,
 - Identificação,
 - Sinais indicadores,
 - Procedimentos metodológicos: Sala de Recursos de Condutas Típicas ; Classe Especial de Condutas Típicas e Escola Especial
 - O papel da família.
 - Sugestão de filme: O milagre de Anne Sullivan.
 - Educação Profissional:
 - A integração do deficiente e sua incorporação na força de trabalho
- 8 - Avaliação: Inclusão pela qualidade
- A avaliação no contexto escolar

- Conceito de avaliação
- Características e funções da avaliação:
 - Somativa
 - Formativa
 - Diagnóstica
- Tipos de avaliação:
 - Auto-avaliação
 - Heteroavaliação
 - Co-avaliação
 - Características da avaliação e seus focos infra e extra-escolares
 - Os diversos tipos de avaliação educacional.
- Formas de atendimento da Ed. Especial nos sistemas de ensino.
 - Sala de recursos
 - Classe especial
 - Escola especial
 - Ensino regular
 - Classes hospitalares

5 - Metodologia

A partir da retomada do resgate histórico da filosofia e princípios da inclusão é preciso que as alunas entendam a educação inclusiva como valorização da diversidade humana, dando importância as minorias para que possam ter uma cidadania com qualidade de vida. Os trabalhos desta disciplina serão desenvolvidos por meio de debates, seminários, visitas, discussões de textos e outros.

6 - Avaliação

A avaliação será diagnóstica, contínua e cumulativa, ocorrendo de maneira formal e informal.

Avaliação formal se fará através de elaboração de trabalhos individuais e em grupos, pesquisa, análise e produção de texto, exercícios diversos, textos e provas bimestrais. Já a avaliação informal se procederá pela observação diária do aluno sobre os aspectos de formação integral do ser humano que são: trabalhos em grupos, pesquisas, relatórios após pesquisa de campo, interesse pela pesquisa com relação ao atendimento ao aluno especial.

A avaliação seguirá as normas estabelecidas no regimento interno deste estabelecimento

7 – Referências Bibliografias

- ALENCAR. E.M.L.S. **Como desenvolver o potencial criador**. Petrópolis: Vozes 1991.
- ARANHA. M.S.R. **Inclusão social da criança especial**.
- BASSEDAS E. & HUGUET, T. & outros **Intervenção educativa e diagnóstica psicopedagógica**. Porto Alegre: Altmed Editora, 1996. 3.^a ed.
- BEVERVANÇO, R.B. **Direito da pessoa portadora de deficiência: da exclusão à igualdade**. Curitiba: Ministério Público do Paraná, 2001.
- BOBATH. K. **Uma base neurofisiológica para tratamento da paralisia cerebral**. São Paulo: Manoela LTDA
- CARVALHO, R. E. **Removendo barreiras para a aprendizagem: educação inclusiva**. Porto Alegre: Mediação, 2000.
- _____. **Temas em educação especial**. Rio de Janeiro: WVA, 2000, 2.^a ed.
- CARVALHO. K. M. M. de OUTROS. **Visão subnormal - orientações ao professor do ensino regular**. Campinas São Paulo: Editora da Universidade de Campinas, 1994.
- COLL, C.; PALACIOS, J.; MARCHESI, A. **Desenvolvimento psicológico e educação: necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO – PARANÁ. Deliberação: 02/03 - Normas para a Educação Especial, modalidade de Educação Básica para alunos com necessidades educacionais especiais, no Sistema de Ensino do Estado do Paraná**.
- CUNHA, A. C. de B. **Dos Problemas Disciplinares aos Distúrbios de Conduta**. São Paulo: Nacional, 1970.
- DECLARAÇÃO DE SALAMANCA. **Enquadramento da ação: necessidades educativas especiais**. In: CONFERÊNCIA MUNDIAL SOBRE NEE: acesso e qualidade - UNESCO. Salamanca/Espanha: UNESCO, 1994.
- _____. **Linha de ação sobre as necessidades educativas especiais**. Salamanca: Espanha, 1994.
- DIRETRIZES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO ESPECIAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA**/ Secretaria de Educação Especial - MI:C; SEESP. 2001.
- FONSECA. V. **Educação Especial: programa de estimulação precoce – uma introdução às idéias de Feuerstein**. Porto Alegre: Artmed. 1995.
- FRENDRICH, M. **Hiperatividade contato**. Curitiba, n.º 125. mai/jun. 2004.
- GALLAGHER, K. **Educação da criança excepcional**. Martins Fontes.
- GALVAO, I. Henri Wallon . **Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Petrópolis. Editora Vozes, 1995.
- GOMES, N.M;ALMEIDA, M. **Atividades recreativas e alfabetização do deficiente mental**. Sertonópolis: 2001.

GONZÁLEZ, J. A. T. **Educação e diversidade: bases didáticas e organizativas.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

_____. **Educação e diversidade: bases didáticas e organizativas.** Trad. Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

GORTÁZAR, O. O professor de apoio na escola regular. In: COLL, C.; PALÁCIOS, J.

JUPP. Kenn. **Viver plenamente: convivendo com as dificuldades de aprendizagem,** Campinas/SP: Papyrus. 1995.

KARAGIANNIS, A.; SAINBACK, W.; STAINBACK, S. **Fundamentos do ensino inclusivo.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

KASSAR, M. de C. M. **Ciência e senso comum no cotidiano das classes especiais.** Campinas: Papyrus, 1995.

LOCATELLI, Cristina. **Agressividade infantil: relax e reprogramação emocional para crianças; um guia para pais e educadores, professores e futuros pais -** São Paulo; Sucesso 2002.

MARCHESI, A. (org.) **Desenvolvimento psicológico e educação: necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

MAZZOTA. M. J. da S. **Trabalho docente e formação de professores de Educação Especial** São Paulo/SP:EPU. 1993.

_____. **Fundamentos de educação especial.** São Paulo: Enio Matheus Guazzelli & Cia. Ltda, 1997.

MILLER, Nancy B. **Ninguém é perfeito: vivendo e crescendo com crianças que têm necessidades especiais.** Campinas/SP: Papyrus, 1994.

NERIS, E. A. O direito de ser diferente. **Mensagem da APAE**, n. 83, p. 4-6, out./dez. 1998.

NOVAES, M. H. **Desenvolvimento psicológico do superdotado.** São Paulo: Atlas, 1979.

PALHARES, M. S. M., S. C. F. **Escola inclusiva.** São Carlos: Ed. UFSCar, 2002.

PARANÁ. Conselho Estadual de Educação. Deliberação nº 02/03. Curitiba, 2003.

_____.SECRETARIA DF- ESTADO DA EDUCAÇÃO. **Aspectos lingüísticos da Libras.** Curitiba: SEED/SUED/DEE. 1998.

PERLIN, G. **Identidades surdas.** In : SKLIAR, Carlos, (org.) A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre : Mediação. 1998. p. 52-73.

RIBAS. J. B. C. **O Que são Pessoas Deficientes:-.** São Paulo: Brasiliense, 1983.

SILVA, B. **Mentes inquietas: entendendo melhor o mundo das pessoas distraídas, impulsivas e hiperativas.** São Paulo: Gente, 2003.

STAINBACK, S; STAINBACK, W. **Inclusão: um guia para educadores.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

VYGOTSKY. L. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes. 1988.

WINNER. E. **Crianças superdotadas.** Mitos e realidades. Porto Alegre: Artes Médicas Sul 1998.

ZURT. R. **Desenvolvimento motor da criança deficiente.** São Paulo:Manoele, 1983.

FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS DA EDUCAÇÃO INTEGRADO

3º Ano

1 – Ementa

A importância do estudo da Filosofia da Educação na formação do educador reside na necessidade de desenvolver uma reflexão consistente e aprofundada sobre as bases filosóficas que fundamentam a concepção de existência humana, de consciência e de linguagem e, em última análise, de conhecimento e de educação. Caso contrário, o educador em formação, se torna refém das teorias sobre cognição, ensino-aprendizagem e papel do professor que contrariam os pressupostos proclamados de uma educação que se propõe comprometida com as determinações do ser social, pois são contaminadas com ideias filosóficas que professam a individualidade destituída de história e inserção na sociedade. A Filosofia fornece à educação uma reflexão sobre a sociedade na qual está situada, sobre o educando, o educador e, para onde esses elementos podem caminhar, sendo assim, a Filosofia se manifesta ao ser humano como uma forma de entendimento que tanto propicia a compreensão da sua existência, em termos de significado, como lhe oferece um direcionamento para a sua ação, um rumo para seguir ou, ao menos, para lutar por ele.

Assim, coerentemente com a Proposta de Organização Curricular do Curso Normal, pautada nos pressupostos do “trabalho como princípio educativo, a práxis como princípio curricular e o direito da criança à escola de qualidade social” (SILVA, 2003), os conteúdos da disciplina são direcionados pela reflexão sobre os fundamentos filosóficos que fornecem as bases da concepção histórica e social da existência humana. Porque o mundo somente vai mudar se os nossos pensamentos mudarem. E para isso, precisamos, mais e mais, da dialética e da sinergia. A dialética é o modo de pensarmos a realidade, o modo de compreendermos a realidade como socialmente contraditória e em permanente transformação. A dialética considera as coisas e os conceitos no seu encadeamento, nas suas relações recíprocas, no seu aparecimento, desenvolvimento e decadência. A sinergia é o ato ou esforço coordenado de vários órgãos na realização de uma função. É a associação simultânea de vários fatores que contribuem para uma ação coordenada.

A produção da existência humana, além de ser um ato intencional, não é realizada pelo homem enquanto ser individual, mas ocorre no interior do grupo ao qual pertence, com a cooperação de vários indivíduos, estabelecendo - se como

relação social. Conforme as atividades de trabalho se tornaram mais complexas, exigindo auxílio mútuo entre os semelhantes, os homens desenvolveram a linguagem, que possibilitou a organização da atividade prática de grupo e a sistematização, preservação e transmissão das experiências e conhecimentos adquiridos ao longo da história realizada.

Paralelamente à produção da linguagem, o planejamento das ações a serem realizadas e seus objetivos, fez surgir a necessidade das operações no âmbito do pensamento, entendido como produção da consciência. Segundo Marx e Engels (1996:p. 43), “a linguagem nasce, como a consciência da carência, da necessidade de intercâmbio com outros homens”. A consciência que, inicialmente se limitava a prever racionalmente a ação, desenvolve - se significativamente na mesma proporção em que há o aumento da população e, conseqüentemente, as necessidades se tornam mais complexas, desenvolvendo forças produtivas e determinando formas de organização social. Os homens passam a pensar sobre sua ação, teorizar a sua prática, produzindo, assim, crenças, valores e conhecimentos.

Ao produzir - se historicamente, no interior da sociedade, o homem produz a Educação, pois educar é um fenômeno próprio de sua existência como ser social. Com isso, podemos afirmar que todo o processo de produção da existência humana é permeado pela Educação. O homem ao relacionar - se direta e indiretamente com a natureza e com a sociedade a que pertence, em um movimento contínuo e dinâmico, apropria- se dos conhecimentos, que serão incorporados e transformados pelas gerações futuras. Neste sentido, a educação se mostra presente em todos os momentos da vida e nas relações que os homens estabelecem entre si.

2- Fundamentação Teórica

O ser humano pode ajustar -se a um número maior de ambiente do que qualquer outra criatura, multiplicar -se infinitamente mais depressa que qualquer mamífero superior, e derrotar o urso polar, a lebre, o gavião e o tigre, em seus recursos especiais. Pelo controle do fogo e pela habilidade de fazer roupas e casas, o homem pode viver, e vive e viaja, desde os polos da Terra até o Equador. Nos trens e automóveis que constrói, pode superar a mais rápida lebre ou avestruz. Nos aviões e foguetes, pode subir mais alto do que a água, e com os telescópios, ver mais longe que o gavião. Com armas de fogo pode derrubar animais que nenhum tigre ousaria atacar.

Mas fogo, roupas, casa, trens, automóveis, aviões, telescópios e armas de fogo não são parte do corpo do homem. Eles não são herdados no sentido biológico.

O conhecimento necessário para sua produção e uso é parte de nosso legado social. Resulta de uma tradição acumulada por muitas gerações e transmitida, não pelo sangue, mas através da linguagem (fala e escrita).

A compreensão que o homem tem pelos seus dotes corporais relativamente pobres é o cérebro grande e complexo, centro de um extenso e delicado sistema nervoso, que lhe permite desenvolver sua própria cultura.

Com este texto, de Childen Gordon, analisamos a complexibilidade da mente do ser humano, onde os primeiros conhecimentos filosóficos trazem um maior acerto de seus limites.

Logo, a Filosofia é um corpo de conhecimento, constituído a partir de um esforço que o ser humano vem fazendo de compreender o seu mundo e dar -lhe um sentido, um significado compreensivo. Corpo de conhecimentos, em Filosofia, significa um conjunto coerente e organizado de entendimentos sobre a realidade. Conhecimento que se tem do mundo, a partir de desejos, anseios e aspirações.

Conforme as novas diretrizes, o conteúdo filosófico também foi reorganizado de uma forma mais atraente em três unidades: fazer filosofia, história da filosofia e grandes temas atuais.

Essa introdução ao estudo filosófico fundamental da educação deve ser trabalhada com flexibilidade. Muitos percursos podem ser realizados na relação ensino-aprendizagem. Nessa dinâmica, este ponto de partida será como ponto de chegada. o conteúdo deverá ser discutido, ampliado e questionado, e por meio desta reflexão filosófica, o futuro docente crescerá cada vez mais na consciência de si mesmo e do mundo em que vive.

Do ponto de vista filosófico, significa a construção de diretrizes curriculares permeadas por princípios que devem inspirar o currículo e os projetos pedagógicos, qual sejam, princípios axiológicos que possibilitem o fortalecimento dos laços de solidariedade e de tolerância recíproca, a formação de valores, o aprimoramento como pessoa humana, a formação ética, o exercício da cidadania; e princípios pedagógicos, estruturados sobre a interdisciplinaridade e a contextualização, que vinculem a educação ao mundo do trabalho e à prática social, à compreensão de significados, à preparação para o exercício da cidadania, à construção da autonomia intelectual e do pensamento crítico, o aprendizado da flexibilidade para adaptar-se a novas condições de vida e de organização social, o relacionar a teoria com a prática.

Nesta perspectiva serão abordados os seguintes conteúdos: Pensar filosoficamente (criticamente) o ser social, a produção do conhecimento e a educação a partir de temas, tendo como eixo de análise o pensamento e a história. TRABALHO (atividade humana, alienação) ÉTICA (fundamentos da ética e da

moral) (a corporeidade como produção histórica) CULTURA (o homem como ser no mundo) CIÊNCIA (a revolução científica moderna).

Neste sentido, o trabalho levará em consideração as diversidades do universo da Filosofia. Para tanto pretendemos nos valer de estudos e pesquisas, observações, reflexões e posteriores discussões que deverão contribuir para o desenvolvimento da prática de formação.

3 – Objetivos

- Compreender o homem como um ser social, ético, político e material.
- Destacar a linguagem, enquanto símbolo.
- Compreender a importância do trabalho para o homem.
- Conceituar trabalho do século XVIII, XIX, XX, XXI.
- Compreender que o homem não nasce pronto, mas transforma-se.
- Perceber as diferenças do Taylorismo, Fordismo e outras teorias.

4 – Conteúdos

1º BIMESTRE

1 - Pensar filosoficamente (criticamente) o ser social, a produção do conhecimento e a educação fundados no princípio histórico-social.

- Pensar filosoficamente (criticamente) o ser social:
 - A origem da filosofia
 - A palavra Filosofia: etimologia
 - O legado da Filosofia grega para o ocidente europeu
 - O nascimento da Filosofia
 - O processo de filosofar
 - A utilidade da Filosofia
 - O método da Filosofia
 - Atitude filosófica
 - A Filosofia e a Ciência
 - A produção do conhecimento
 - O que é Ciência
 - a - O conhecimento espontâneo
 - b - O conhecimento científico
- Formas de conhecer
 - Intuição
 - Conhecimento discursivo
- A teoria do conhecimento

- Teoria do conhecimento na Antiguidade:
 - Os primeiros filósofos
 - Pré- Socráticos: Heráclito; Parmênides; Sofistas; Protágoras;
 - Socráticos: Sócrates; Platão (o conhecimento - a alegoria da caverna – as dores associadas à lucidez e ao conhecimento; o amor – sentimento que nos torna imortais; a alma – a essência imortal da vida; prazer – a visão platônica das luzes e sombras da alma); Aristóteles (a alma – expressão da complexidade da vida; o desejo – os impulsos e o querer movem o homem; a amizade – a benevolência ativa e recíproca entre os semelhantes)
- Teoria do conhecimento na Idade Média:
 - A patrística: a fé em busca de argumentos racionais a partir de uma matriz platônica”; **“compreender para crer, crer para compreender”**. (Santo Agostinho)
 - A escolástica: “Os caminhos de inspiração aristotélica levam até Deus”; O período da escolástica pode ser dividido em três fases – a) do século IX ao fim do século XII, caracterizada pela confiança na perfeita harmonia entre fé e razão; b) do século XIII ao princípio do século XIV, caracterizada pela elaboração de grandes sistemas filosóficos, merecendo destaques nas obras de Tomás de Aquino; c) do século XIV até o século XVI, decadência da escolástica, caracterizada pela afirmação das diferenças fundamentais entre fé e razão.
- Teoria do conhecimento na Idade Moderna:
 - Racionalismo: o racionalismo cartesiano (René Descartes, criador do cartesianismo, é considerado o fundador da Filosofia Moderna. Ele inaugura o racionalismo, doutrina que privilegia a razão, considerada alicerce de todo o conhecimento possível);
 - Empirismo e o empirismo inglês: o empirismo como doutrina filosófica; contraposição ao racionalismo; século XVII, o inglês Francis Bacon esboça as bases do método experimental, o empirismo, que considera o conhecimento como resultado da experiência sensível. Na mesma linha estão Thomas Hobbes, John Locke e David Hume.
 - Idealismo: conceito a partir do mundo interior, subjetivo e espiritual; o sujeito conhecedor; principal expoente - Friedrich Hegel.
 - Positivismo (século XIX): Auguste Comte; Karl Marx (século XIX) e o método dialético; teoria do materialismo histórico; o marxismo; Friedrich Nietzsche.
 - Pragmatismo (fim do século XIX): defende o empirismo no campo da teoria do conhecimento e o utilitarismo (busca a obtenção da maior felicidade possível para o maior número possível de pessoas) no campo da moral.

- Teoria do conhecimento na Idade Contemporânea:
 - Reinterpretação do marxismo (século XX): pensadores (Gyorgy Lukács, Antonio Gramsci, Henri Lefebvre, Louis Althusser e Michel Foucault e os filósofos ligados à Escola de Frankfurt).
 - Fenomenologia e Edmund Husserl: seus seguidores - Martin Heidegger, Maurice Merleau-Ponty e os filósofos do existencialismo, como Jean-Paul Sartre
 - Epistemologia ou teoria do conhecimento: a epistemologia e Platão; o conhecimento prático; atitudes ante ao conhecimento (dogmatismo e Descartes; ceticismo e Pirro de Elis; relativismo e os sofistas; perspectivismo e Nietzsche.
 - Estruturalismo: estruturalismo e desconstrução; Jacques Lacan (1901-1981); Claude Lévi-Strauss (nascido em 1908); e os filósofos Michel Foucault (1926-1984) e Louis Althusser (1918-1990). Nos Estados Unidos, Jacques Derrida (nascido em 1930) e os estruturalistas franceses.

2º BIMESTRE

2 - Introdução à Filosofia da Educação norteada pela reflexão com base nas categorias de totalidade, historicidade e dialética.

- Filosofia e Educação
 - Filosofia e Filosofia da Educação: as diversas abordagens do real; a Filosofia da Educação; a História da Educação.
 - Educação e Pedagogia: o ato de educar; educação e política; a teoria da educação; as ciências da educação.
 - Educação e valores: os valores em educação; educação e liberdade.
 - A formação do educador
- Educação e Sociedade
 - Cultura e humanização
 - Alienação e ideologia: o conceito contemporâneo de ideologia; ideologia e educação; a contra- ideologia.
 - Educação informal e não-formal: o conceito de família; as funções da família; os meios de comunicação.
 - Educação formal: breve histórico da escola; o papel da escola.
 - Educação e inclusão
- Pressupostos Filosóficos da Educação
 - Antropologia Filosófica

- Epistemologia
- Axiologia
- Política e Educação
- Conceções Contemporâneas de Educação
- A Pedagogia nos séculos XVIII e XIX
- Conceções Liberais do Séc. XX
- Críticas à Escola:
 - Teorias crítico -reprodutivistas; Bourdieu e Passeron (teoria da violência simbólica); Althusser (teoria da escola enquanto aparelho ideológico do estado); Baudelot e Establet (teoria da escola dualista)
 - Teorias progressistas: características gerais; os riscos do processo; os principais representantes (Makarenko, Pistrak, Antonio Gramsci, Célestin Freinet, George Snyders, Bernard Charlot, Henry Girous, Manacorda, Lobrot, Paulo Freire, Maurício Tragtenberg, Miguel Gonzáles Arroyo, Demerval Saviani, José Carlos Libâneo, Carlos Roberto Jamil Cury, Moacir Gadotti, Wagner Gonçalves Rossi, Carlos Rodrigues Brandão)

3º BIMESTRE

- 1 - Principais pensadores da Filosofia da Educação Moderna e Contemporânea:
 - Locke (1632-1704) e o papel da experiência na produção do conhecimento.
 - Locke e às práticas dogmáticas e racionalistas; o papel de pedagogo, a uma nova ordem na arte de educar as crianças.
 - Locke e o programa educacional que oportuniza ao indivíduo o livre exercício da cidadania.
 - Comenius (1592-1670) e Herbart (1776 - 1841): a expressão pedagógica de uma visão essencialista do homem.
 - John Comenius estabeleceu que as crianças aprendem melhor pela experiência.
 - Principais ideias: o método conforme a natureza; escola para todos, a escola única; a graduação e continuidade da educação, numa unidade da escola maternal a universidade
 - Johan Friedrich Herbart e a tarefa de construir a educação. A instrução segue cinco passos formais que são: preparação e apresentação da matéria nova de forma clara e completa, associação de ideias antigas e novas, sistematização dos conhecimentos e aplicação - referência do adquirido a realidade prática.

- Rousseau (1712-1831): oposição à pedagogia da essência.
 - Influência de Rousseau no pensamento pedagógico
 - Características da boa educação segundo Rousseau
 - O educador ideal segundo Rousseau
 - As cinco grandes fases do desenvolvimento
 - Educação negativa
- Pestalozzi (1749-1827) e Decroly (1871-1932): pedagogias centradas no desenvolvimento da criança.
 - Pestalozzi e os princípios em ensinar: (visto como correto mesmo hoje): começar com o objeto concreto antes de introduzir conceitos abstratos; começar com o ambiente imediato antes de tratar do o que é distante e remoto; começar com os exercícios fáceis antes de introduzir o complexo; e prosseguir sempre gradualmente, cumulativa, e lentamente.
 - Pestalozzi: uma Escola Popular com Formação Profissional.
 - Decroly e o método ativo. A idéia de globalização de conhecimentos e o método global de alfabetização. Os centros de interesse.
- Dewey (1859-1952): o pragmatismo ou instrumentalismo.
 - O pragmatismo baseia-se na ideia de que a inteligência é um instrumento. Privilegia a resolução de problemas e a ciência aplicada. A década de 20 e o movimento da Escola Nova. O Brasil e a reforma do ensino e os métodos ativos de participação dos alunos na sala de aula.
- Marx e Gramsci: a concepção histórico-crítica da educação.
 - Marx e o materialismo histórico, os três eixos básicos na educação que são o ensino politécnico, o caráter social do trabalho, educação para todos (cultura geral, ginástica e o aprendizado profissional) e os três princípios básicos de educação: educação pública, educação gratuita e educação para o trabalho.
 - Gramsci propôs a escola unitária, especial, de cultura geral, humanista, formativa, desenvolvendo a capacidade para o trabalho manual (técnica e industrial) e do intelectual.

4º BIMESTRE

2 - O pensamento pedagógico brasileiro

- O pensamento pedagógico brasileiro liberal:
 - Fernando de Azevedo e o projeto liberal
 - Lourenço Filho e a reforma da escola
 - Anísio Teixeira – uma nova filosofia da educação
 - Roque Spencer Maciel de Barros e a reforma do sistema

- O pensamento pedagógico brasileiro progressista:
 - Paschoal Lemme – educação política X instrução
 - Álvaro Viera Pinto e o caráter antropológico da educação
 - Paulo Freire e a pedagogia do oprimido
 - Rubem Alves e o prazer na escola
 - Maurício Tragtenberg e a educação libertária
 - Demerval Saviane e a especialidade da prática pedagógica

5 – Avaliação

A avaliação é essencial, se concebida como um conjunto de atuações contínuas e sistemáticas, que por meio de interpretação qualitativa do conhecimento do aluno, tem a função de alimentar, sustentar e orientar a intervenção pedagógica, subsidiando o professor com elementos para uma reflexão de sua prática e uma retomada que favoreça o desenvolvimento da aprendizagem do aluno, servindo também para que o aluno tome consciência de suas conquistas, dificuldades e possibilidades, deixando de ser um momento no término do processo educativo para se transformar na busca incessante de compreensão das dificuldades do educando e na dinamização de novas oportunidades de aquisição do conhecimento, pois utilizá-la apenas para classificar o aluno como capaz ou não de ser promovido adiante, revela o lado desumano da escola que é a exclusão, a qual penaliza aqueles pertencentes a classes menos favorecidas e mais distantes da cultura escolar, neste sentido, a avaliação terá caráter diagnóstico, visto que o professor de posse dos resultados dessa avaliação fará seu planejamento visando sanar as dificuldades dos alunos que obtiverem resultados insatisfatórios, bem como adequar o planejamento às possibilidades do aluno com necessidades especiais, oferecendo aos mesmos, avaliação diversificada.

Sendo assim, a avaliação será somatória e contínua, pela participação nas atividades propostas e testes escritos, as quais ocorrerão em diferentes momentos da aprendizagem, através de instrumentos variados como prova escrita, trabalhos em equipe e individual, participação em sala de aula, elaboração de sínteses.

Logo a avaliação na disciplina de Filosofia da Educação será diagnóstica, acumulativa, contínua e somativa. Sendo que ocorre naturalmente no processo ensino-aprendizagem através de provas escritas, apresentação de trabalhos em grupo e individual, relatórios de observação da prática educativa. Será oportunizada a recuperação de estudos a fim de efetivar os conteúdos conforme as normas estabelecidas pela instituição escolar.

6 – Referências Bibliográficas

- ABDALA, B. L. **Cidadania e Educação: rumo a uma prática significativa**. Campinas: Papirus, 1999.
- ALVES, G. L. **A produção da escola pública contemporânea**. Campinas: Autores Associados, 2001.
- ARANHA, M. I.; MARTINS, M.H.P. **Filosofando: introdução à Filosofia**. São Paulo: Moderna, 2000.
- CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. 13. ed. São Paulo: Ática, 2003.
- _____, M. **Filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 1999.
- DAVIS, P. J.; HERSH, R. **O sonho de Descartes**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.
- FREIRE, P. **Política e Educação: ensaios**. São Paulo: Cortez Editora, 2000.
- GADOTTI, M. **Educação e Poder: introdução à pedagogia do conflito**. São Paulo: Cortez editora, 1989.
- GARDNER, J. **O mundo de Sofia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- KLEIN, L. R. **Proposta político-pedagógica para o ensino fundamental**. Campo Grande: Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul, 2000.
- KLEIN, L. R., CAVAZOTTI, M. .A. Considerações sobre elementos teórico-metodológicos, a propósito de uma proposta de currículo básico. **Cadernos Pedagógicos e Culturais**, Niterói, v.1, n.1, set./dez. 1992.
- LALANDE, A. **Vocabulário técnico e crítico de filosofia**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- LUCKESI, C. C. et al. **Introdução à Filosofia**. São Paulo: Cortez Editora, 2000.
- _____. **Filosofia da educação**. São Paulo: Cortez, 1994. Coleção Magistério 2º grau. Série formação do professor.
- LUCKESI, C. C.; PASSOS, E. S. **Introdução à filosofia: aprendendo a pensar**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2004.
- LURIA, A. R. O problema da linguagem e da consciência. In: **Pensamento e linguagem**. VIGOTSKI, L. S. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.
- MANACORDA, M. **Marx e a pedagogia moderna**. São Paulo: Cortez, 1991.
- _____. **História da educação**. São Paulo: Cortez, 1989.
- MAO, T. **Sobre a prática e sobre a contradição**. São Paulo: Expressão Popular, 1999.
- MARX, K. **Para a crítica da economia política (1857)**. São Paulo: Abril Cultural, 1996.
- MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 1996.
- RIOS, T. A. **Ética e competência**. São Paulo: Cortez Editora.
- SAVIANE, D. **Educação do senso comum à consciência filosófica e política**. São Paulo: Consz Editora.1980.

_____. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações.** Campinas: Autores Associados, 2003.

SUCHODOLSKI, B. A. **Escola e democracia.** 36. ed. Campinas: Autores Associados, 2003.

_____. **Pedagogia e as grandes correntes filosóficas.** Lisboa: Livros Horizontes, 1984.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente.** 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fonte, 1984.

Leitura dos clássicos recomendada:

- Aristóteles: *Política*
- Bacon: *Novo Organon*
- Brecht: *Galileu, Galilei*
- Comenius: *Didática Magna*
- Engels: *A origem da família, da propriedade privada e do Estado.*
- Marx: *Manifesto do partido comunista*
- Pico de la Mirandola: *Discurso sobre a dignidade do homem*
- Rousseau: *Ensaio sobre a origem da desigualdade*
- Thomas Morus : *A utopia*
- Voltaire: *Cândido*

**PROPOSTA PEDAGÓGICA CURRICULAR
CURSO DE FORMAÇÃO DE DOCENTES INTEGRADO
FUNDAMENTOS HISTÓRICOS DA EDUCAÇÃO**

1 – Ementa

Concepção de História e historiografia. História da Educação: recorte e metodologia. Educação Clássica: Grécia e Roma. Educação Medieval. Renascimento e educação humanista. Aspectos Educacionais da Reforma e da Contra reforma. Educação Brasileira no Período Colonial e Imperial: pedagogia “tradicional”. Primeira República e educação no Brasil (1889-1930): transição da pedagogia tradicional a pedagogia “nova”. Educação no período de 1930 a 1982: liberalismo econômico, escolanovismo e tecnicismo. Pedagogias não-liberais no Brasil: características e expoentes. Educação Brasileira contemporânea: tendências neoliberais, pós-modernas versus materialismo histórico.

2 – Fundamentação teórica

A História da Educação tem sido vista como uma sucessão de acontecimentos, nos quais somente os atores ficam em evidência, restringindo tudo a uma análise da cronologia dos fatos.

O que geralmente acontece é que a história da educação tem-se reduzido a uma seqüência de fatos e idéias, em que estes se evidenciam, mas não explicam o processo histórico. Uma história assim analisada é vista pelos alunos como algo que se resume a decorar fatos, datas, nomes, responder questionários sobre o porque de o autor ter colocado mais um ator ou menos um, sobre o desfecho da trama. Das inúmeras capacidades de inteligência usa-se a memória.

Para entender a história é necessário sair da cena e buscar nos bastidores as respostas as nossas perguntas. Para que isso aconteça, é preciso entender que o fato histórico não está pronto e acabado, mas que deve ser questionado, que o conhecimento é divergente, sobretudo, é preciso pesquisar. Sem pesquisa, existe somente a reprodução do conhecimento.

Em toda análise sobre a história da educação nos deparamos com situações que ensinam os alunos e outras que educam os alunos. Ensinar e educar são processos inerentes ao processo educativo. Em muitas situações de vida também recebemos ensinamentos, somos instruídos. Esses ensinamentos são importantes, pois através deles que aprendemos aquilo que já foi conhecido.

Assim esta disciplina trabalhará as concepções da história através dos anos, a relação da história e a da educação, a concepção de História e historiografia; a História da Educação(recorte e metodologia); a Educação Clássica (Grécia e Roma);

a Educação Medieval; o Renascimento e educação humanista; os aspectos Educacionais da Reforma e da Contra Reforma; a Educação Brasileira no Período Colonial e Imperial (pedagogia “tradicional”); a Primeira República e educação no Brasil – 1889/1930 – (transição da pedagogia tradicional a pedagogia “nova”); a Educação no período de 1930 a 1982 (liberalismo econômico, escolanovismo e tecnicismo); as Pedagogias não-liberais no Brasil (características e expoentes); a Educação Brasileira contemporânea (tendências neoliberais, pós-modernas versus materialismo histórico).

3 - Objetivos

- Desenvolver um trabalho de reflexão e ação sobre o espaço organizacional da escola, garantindo aos profissionais da educação um nível de formação pedagógica interdisciplinar.
- Possibilitar uma sólida fundamentação teórica - metodológica com base nos pressupostos históricos da educação.
- Fortalecer a formação teórico-prática do professor para a educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental.

4 – Conteúdos

1 - Concepção da História e da historiografia

- A importância da História na Educação
 - Conceito de historiografia e as grandes correntes historiográficas
 - O homem é feito de tempo
 - Educação e ideologia
 - A história da educação
 - A história da história

Textos complementares:

- A escola única. Gramsci
- As grandes correntes historiográficas – da antiguidade ao século XX (Pedro Silva)

2 - História da Educação: finalidade e metodologia

- A história e a educação
- Conceito de História da Educação
- Educação formal e informal
- Educação como produto e como processo
- Educação certa e educação errada
- Educação como meio e como fim

- Educação autoritária e educação crítica
- Educação opressora e educação libertadora

Textos complementares:

- A história da educação. Dermeval Saviani

3 – Educação clássica: Grécia e Roma

- A educação grega: contexto histórico
 - Visão de homem para os gregos: o homem ideal
 - Paidéia
 - Tradição mítica
 - Nascimento da Filosofia
 - Períodos educacionais na Grécia
 - A cidade-estado educadora: paradigmas consagrados – Esparta e Atenas
 - Homero, educador da Grécia
 - Educação espartana: heroísmo cívico e o ideal do soldado-cidadão
 - Educação ateniense: o ideal do homem excelente
- Os sofistas e os grandes filósofos
 - Sofistas: a arte da persuasão
 - O diálogo socrático: Sócrates - maiêutica e ironia
 - Os ideais pedagógicos de Platão
 - Retórica e educação: Isócrates – a formação do líder político e o ideal do pan-helenismo
 - Aristóteles: realismo aristotélico e a pedagogia aristotélica
- Os pós-socráticos
- Definição
- Os pequenos socráticos:
 - Megáricos: Euclides de Mégara, Eubúlides de Mileto (adversário de Aristóteles), Diodoro Crono e Estílpon,
 - Cirenaicos: Aristipo
 - Cínicos: Antístenes e Diógenes
- Os grandes socráticos
 - Academia de Platão
 - Liceu de Aristóteles

Textos complementares:

- A educação como conversão da alma (Platão)
- A educação (Aristóteles)
- A educação romana: contexto histórico
 - Primeiros tempos

- Realeza
- República
- Império
- Roma e a Educação Clássica: a antiga Educação Romana
- O Estado Romano e a Educação.
- A pedagogia humanista
 - Roma: visão de homem para os romanos: o homem humanista
 - As Escolas Romanas:
 - Instrução Primária
 - Ensino Secundário
 - Ensino Superior
 - A Questão das Línguas: Grego e Latim
 - A Obra Educacional de Roma
 - Principais representantes
 - Educação romana
 - Roma adota a Educação Grega
 - Educação heróico - patrícia
 - Educação cosmopolitana
 - Educação no império
 - O Cristianismo e a Educação Clássica
 - O Surgimento das Escolas Cristãs de Tipo Medieval
 - O Fim da Escola Antiga
 - O nascimento das Escolas Latinas
 - A Tradição Latina
 - Principais Teóricos Romanos

Textos complementares:

- Dos deveres - Cícero.
- A educação da criança – Quintiliano
- 4- Educação medieval: Renascimento e Educação Humanística
- A educação medieval:
 - Contexto histórico
 - O feudalismo
 - A influência da igreja
 - A Idade Média e a Educação: a formação do Homem de Fé
 - O pensamento pedagógico na Idade Média
- O surgimento das escolas cristãs:
 - A Patrística
 - Os enciclopedistas

- A Escolástica: Santo Agostinho e Santo Tomás de Aquino
- As escolas leigas pagãs
- O monarquismo
- O renascimento carolíngio
- As escolas seculares: renascimento das cidades
- Formação de corporações de ofício
- Formação militar
- As Universidades
 - O conhecimento: Teológico, Filosofia, Direito e Medicina.
 - O método: diálogo e debate
- A formação da mulher
- Escola monástica no Oriente:
 - Escolas catedrais (séc XI)
 - Scholasticus
 - Didascalus
 - Formação de clérigos
 - Trivium (gramática; retórica; dialéctica); Quadrivium (aritmética; geometria; música; astronomia)
- Escola monástica no Ocidente:- catacumbas, episcopal, prebisterial.
- O absolutismo: aliança entre o trono e o altar
- Filósofos absolutistas: Jacques Bossuet (filósofo francês); Nicolau Maquiavel (autor do livro " O Príncipe". É deste teórico a famosa frase : " Os fins justificam os meios."); Thomas Hobbes (pensador inglês, autor do livro " O Leviatã ")
- Renascimento: humanismo e Reforma
- O humanismo
- Visão de homem no renascimento: o homem humano
- A valorização do homem:
 - Humanismo
 - Naturalismo
 - Otimismo
- - A aquisição de novos conhecimentos: cultural e científico
- - A pedagogia Humanista, seus representantes e as contribuições:
 - Juan Luis Vives;
 - Vittorino Feltre – Casa Giocosa;
 - Desitério;
 - Erasmo – Elogio e Loucura;
 - Leonardo da Vinci;
 - Erasmo de Rotterdam;

- François Rabelais;
- Michel de Montaigne
- Ascensão da burguesia
- Reforma e Contra-reforma:
 - Aspectos Educacionais da Reforma e da Contra-Reforma
 - A Reforma e a Escola
 - A Contra-Reforma e a Escola
 - Principais representantes da Reforma: Alemanha – Martinho Lutero; França – João Calvino; Suíça – Ulrich Zwinglio; Inglaterra - João Wycliffe; Boêmia - João Huss
 - Análise Contextual entre humanismo, a reforma e a contra-reforma
- As escolas cristãs católicas e reformadas
 - Entrando coma "escola cristã";
 - A pedagogia dos letrados;
 - As luzes e a Enciclopédia;
 - Propostas a atuações de uma escola estatal;
 - As revoluções da América a da França;
 - A Igreja e a revolução na Itália;
 - Duas experiências concretas entre o Setecentos e o Oitocentos:
 - O ensino mútuo
 - J. H. Pestalozzi

5 – A educação moderna

- O Renascimento e a nova imagem do homem
 - Caracterização das idéias renascentistas
 - Identificação do ambiente sócio-econômico cultural e as tendências introduzidas na pedagogia moderna
 - Sentido pedagógico do humanismo no período renascentista
- Os "outros" pedagogos do século XVI:
 - Os Naturalistas
 - Humanistas católicos e protestantes: Sadoleto, Ledesma, Agrícola, Wimpfeling, Troetendorf
 - Utopistas: Bruno, Campanella, Bacon e Morus
- A pedagogia realista
 - Do século XVII:
 - A questão do método: Ratichius, Port-Royal
 - Francke a contribuição do Pietismo
 - .A educação popular: Mulcaster, La Salle

- A educação feminina: Fénelon, Milton
- O Iluminismo e o ideal da educação
 - Basedow e o filantropismo
 - Helvetius e o empirismo
 - La Chalotais e a educação pública
 - Influências do iluminismo introduzidas no pensamento pedagógico e suas relações com o ambiente político e cultural.
 - O iluminismo e a sociedade burguesa
 - Rousseau, Pestalozzi, Herbart e Froebel
 - Jean Piaget e a psicologia genética
 - Carl Rogers e a pedagogia não-diretiva
- A função social da escola
- As correntes pedagógicas
- Do século XIX:
 - Utopistas socialistas: Cabet, Fourier, Considérant, Owen, Tolstoi
 - A educação popular: Padre Girard, Bell e Lancaster, H. Mann, D. Bosco, Tolstoi
 - A educação infantil: M. Pape-Carpantier
 - A educação secundária: Spencer, Humboldt
 - A educação humanista e tradicional
 - O pensamento pedagógico em Comenius numa perspectiva comparada
 - O pensamento educacional de Kant
 - A pedagogia naturalista de Rousseau
- O século XX:
 - Illich e o movimento de desescolarização da sociedade

6 - A educação contemporânea

- A visão de homem na modernidade: o homem da razão e da ciência
- A Pedagogia no Capitalismo
 - As escolas infantis
 - As escolas elementares
 - As escolas técnicas e a universidade
- Reforma da instrução
- A educação nova
 - O aluno como centro
 - Dewey e a educação pela ação
 - O pensamento pedagógico em Pestalozzi Herbart, Ferrière, Claparède, Dewey, e Carl Rogers.
 - Kilpatrick e o método de projetos

- Decroly e os centros de interesse
- Maria Montessori e Decroly : As escolas de métodos ativos
- Kerschensteiner e Freinet: A escola do trabalho
- A escola Norte-americana

7 - Educação Brasileira no Período Colonial e Imperial: pedagogia “Tradicional”.

- Período colonial (1549-1759):
 - Contexto histórico:
 - A sociedade brasileira no período colonial
 - A chegada dos jesuítas
 - A Companhia de Jesus
 - A organização do ensino na colônia
 - A obra da catequese
 - O ensino missionário
 - Formadores de elites
 - A aliança entre os jesuítas e a Coroa Portuguesa
 - As características do sistema jesuítico de ensino
 - A instrução dos filhos dos colonos
- Período pombalino(1760-1807):
 - Desmantelamento do sistema colonial de ensino
 - A expulsão dos jesuítas
 - A Reforma Pombalina
 - O ensino colonial após a devastação pombalina
- Período joanino (1808-1821):
 - A vinda de D. João: um impulso político e cultural
 - Mudanças significativas
 - Os tratados de 1810
 - Resultados dos tratados
 - O Congresso de Viena
 - A Revolução Pernambucana- 1817- Pernambuco
 - Fim do período joanino
 - Regresso de D. João a Portugal
- Período imperial (1822-1888):
 - Da colônia ao império
 - Transformações culturais
 - A lei e a realidade
 - A escola de primeiras letras
 - Independência: um arranjo político sustenta a farsa

- A instrução pública elementar concretizada
- A institucionalização do ensino no império
 - O ensino elementar: tarefa da família
 - O ensino secundário: espaço da iniciativa particular
- A valorização social do ensino superior: o acesso às escolas superiores – controle e seleção
- A formação de professores
- Os Liceus e os colégios
- As Escolas Normais
- A questão da profissionalização do ensino
- O ensino técnico para a integração dos marginalizados
- Rui Barbosa e o sentido educativo da reforma eleitoral
- A educação no final do Império

8 – Primeira República e educação no Brasil (1889-1930)

- Os ideais e os fatos
- Princípios educacionais
- Competências educacionais
- As reformas federais da educação elitista
- As reformas estaduais da educação popular: Lourenço Filho (Ceará), Anísio Teixeira (Bahia), Francisco Campos e Mario Casassanta (Minas), Fernando, Carneiro Leão (Pernambuco)
- Revolução de 1930 e a educação
- Manifesto dos pioneiros da educação nova
- O ensino secundário
- O ensino superior
- A nova política educacional – Fernando de Azevedo (Rio de Janeiro)
- Estado Novo (1937-1945)
 - O golpe do estado novo O estado novo e a educação
 - O ensino secundário
 - O ensino técnico profissionalizante
 - O ensino primário e o normal
 - Concepção de ensino secundário (Gustavo Capanema)
- Segunda República ou era Vargas (1945 – 1964): A educação nos governos populistas.
 - Redemocratização e educação
 - Diretrizes e bases da educação nacional
 - A luta pela escola pública

- Movimentos da educação popular
- O método Paulo Freire
- A redemocratização e a educação
- Os movimentos de educação popular:
- Paulo Freire: a pedagogia libertadora - a trajetória de um educador:
 - Pedagogia do oprimido
 - Concepção problematizadora da educação
 - Método Paulo Freire
- Movimentos da educação popular
- Inovações educacionais
- Tendências pedagógicas não dominantes: Escola libertária, libertadora e crítica.
- O problema educacional número um (Florestan Fernandes)
- A educação brasileira durante o regime militar (1964 a 1984):
- Reforma tecnicista: pressupostos teóricos:
 - Tendências pedagógicas dominantes: Escola tradicional, nova e tecnicista.
 - Tecnocracia na organização escolar
 - Escola tecnicista
 - Crítica ao tecnicismo
- A cooperação financeira dos Estados Unidos: MEC/USAID
- A Reforma Universitária – Lei 5540/68
- O ensino profissionalizante no 2º grau
- A reforma do ensino de 1.º e 2.º graus (Lei 4024/61)
- A lei 5692, Ciências Humanas e o ensino profissionalizante (Marilena Chauí)

- A educação brasileira a partir de 1985
- O Fórum da educação na Constituinte
- A educação na nova constituição
- A nova lei de diretrizes e bases da educação
- A escola em tempo integral
- O manifesto em defesa da escola pública e gratuita
- Educação Brasileira contemporânea: tendências neoliberais, pós-modernas versus materialismo histórico.
- A origem da modernidade: E a educação no terceiro milênio
 - Dimensão socioeconômica a transição do feudalismo e capitalismo
 - Dimensão cultural e epistemológica: a autonomia da razão burguesa
 - Dimensão pedagógica da escolarização e criação do indivíduo moderno
- A pedagogia histórico crítica

- a - Apropriação do saber elaborado
- b - A escola na sociedade de classes
- c - Objeções e dicotomias a pedagogia histórico-crítica
- Diferentes enfoques sobre a educação moderna
 - Ciência, progresso e educação: Émile Durkheim.
 - Experiência, educação e democracia: John Dewey.
 - Cultura, educação e política: Antonio Gramsci.
 - O Fórum da educação na Constituinte:
 - A educação na nova Constituição
 - A nova lei de Diretrizes e Bases (Lei 9394/96)
 - Desafios da educação
 - Educação permanente
 - Interdisciplinaridade
 - Educação profissional
 - Formação tecnológica
 - As idéias neoliberais e a escola:
- O mundo contemporâneo e a educação frente ao imperativo das novas tecnologias
 - Trabalho, tecnologia e educação.
 - A nova ordem mundial: globalização
 - Mundialização
 - Planetarização
 - Educação na era da globalização: teorias pedagógicas contemporâneas e pensamento pedagógico em Celestin Freinet, Paulo Freire, Alexander Neill, Illich
- Textos complementares:
 - Educação na era da globalização MEIRELES-COELHO, C.
 - Uma educação para a liberdade, Paulo. FREIRE
 - Fundamentação existencial da pedagogia SANTOS, Delfim.
 - Educação: um tesouro a descobrir. Relatório da Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI - Jacques DELORS e outros

5 – Metodologia

Os conteúdos serão trabalhados através de pesquisas científicas e de campo, mini-aulas, dramatizações, leituras complementares, trabalho em grupo, seminários e aulas expositivas com auxílio de recursos audiovisuais, tais como: retro-projetor, Tv, vídeos, DVDs, multimídia e outros.

6 - Avaliação

A avaliação é parte integrante e intrínseca ao processo educacional. Ela será diagnóstica, cumulativa e contínua. Encarada como um processo natural, permanente, cooperativo, preponderando os aspectos qualitativos. A finalidade básica será determinar até que pontos estão sendo atingidos as metas pré-estabelecidas. Para tanto serão aplicadas provas formais bimestrais, trabalhos escritos e orais, atividades em classe, mini-aulas, seminários .

Será oportunizada recuperação paralela de acordo com o regimento deste estabelecimento.

7 – Referências Bibliográficas

- ABAGNANO, N. & VISALBERGHI. **A História da Pedagogia**, trad. De Glicínia. 1,2,3,4,6,8,9.
- ANDERSON, P. **Passagens da Antigüidade ao feudalismo**. Biblioteca das Ciências do Homem, Edições Afrontamento, 1996.
- ANNEQUIN, J. (org) **Formas de exploração do trabalho e relações sociais na Antigüidade clássica**. Edit. Estampa, Lisboa, 1978 (1975).
- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos do Estado**.
- AZEVEDO, Fernando de. **Princípios de sociologia**. São Paulo: Duas Cidades, s/d (mimeo)
- BENJAMIM, W. et alli. **Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- BOTTOMORE, T. **Introdução à Sociologia**, LTC, 1987.
- BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992.
- BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CHÂTEAU, J. **Os grandes Pedagogistas**. Editora Nacional, 1978 (Atualidades Pedagógicas, V.1).
- CHAUÌ, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 1995.
- COMENIO, **Didática Magna**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1997.
- CURY, C. J. **Educação e contradição**, 6ª edição, São Paulo: Cortez, 1995.
- FÀVARO C.; M. L. A.; BRITO J.M. **Dicionário de Educadores no Brasil**. Rio de Janeiro.
- FLORENZANO, M. B. **O mundo antigo: economia e sociedade**. São Paulo, Brasiliense, 1994 (Coleção: Tudo é história).
- FORACHI, M. & MARTINS, J. S. Rio de Janeiro: **Ao Livro Técnico Editora**, 1981.
- GHIRALDELLI JR, Paulo. **História da Educação**. 2 ed. São Paulo: Atualidades Pedagógicas, Nacional, 1980.
- LOPES, E.T. **Perspectivas Históricas da Educação**. São Paulo, Ática, 1995. UFRJ, 1999.

- LUZURIAGA, L. **História de Educação e a Pedagogia**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.
- MANACORDA, M. A. **História da Educação: da Antigüidade aos nossos dias**. São Paulo, Cortez, 1999.
- MONROE, P. **História da Educação**. São Paulo: Nacional, 1998.
- PILETTI, N. **História da Educação no Brasil**. São Paulo: Ática, 1994.
- PONCE, A.. **Educação e Luta de Classes**. São Paulo: Cortez e Autores Associados, 1981.
- RIBEIRO, M. L. S. **História da Educação Brasileira: a organização escolar**. 4 ed. São Paulo
- ROMANELLI, O. **História da Educação no Brasil (1930-19730)**. Petrópolis: Vozes, 1991.
- ROSTOVTEFF, M. **História da Grécia**. R. Janeiro, Ed. Zahar, 1973.
- SAVIANI, D. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. São Paulo, Cortez, Autores Associados, 1980.
- SEVERINO, A. J. **Educação, ideologia e contra-ideologia**. São Paulo, EPU, 1986.
- SUCHODOLSKI, B. **a Pedagogia e as Grandes Correntes Filosóficas: pedagogia da essência e pedagogia da existência**. Lisboa: Livros Horizontes, 1978.
- WOLFDIETRICH, S. K. **Pedagogia Dialética**. Editora Brasiliense, 1983. Coleção: Os Pensadores.
- ZIZEK, S. **Um mapa da ideologia**. (org) Rio de Janeiro: Contraponto Editora 1996.

PROPOSTA PEDAGÓGICA CURRICULAR
CURSO DE FORMAÇÃO DE DOCENTES INTEGRADO
FUNDAMENTOS HISTÓRICOS E POLÍTICOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

1 – Ementa

Contexto sócio - político e econômico em que emerge e se processa a Educação Infantil e seus aspectos constitutivos (sócio-demográficos, econômicos e culturais). Concepções de Infância: contribuições das diferentes ciências - Antropologia, Filosofia, História, Psicologia, Sociologia. Infância e família. Infância e sociedade. Infância e cultura. História do atendimento à criança brasileira: políticas assistenciais e educacionais para a criança de zero a seis anos. A política de educação pré - escolar no Brasil. Perspectiva histórica do profissional de Educação Infantil no Brasil. As crianças e suas famílias: diversidade. Políticas atuais: legislação e financiamento.

2 – Metodologia

A Educação Infantil vem assumindo, cotidianamente, um espaço social mais sólido, resultado de uma ampla, intensa e constante mobilização dos movimentos sociais. Em consequência, vem surgindo um novo redirecionamento dos serviços educacionais voltados para a criança de 0 a 6 anos. Há que se pensar, portanto, em um referencial básico de formação dos profissionais que atuam com crianças dessa faixa etária, que parta do princípio de que a infância tem a sua especificidade e uma identidade própria.

Assim sendo, é necessário que a Educação Infantil cumpra duas funções indissociáveis e complementares: as de cuidar e educar, fundamentais no processo de desenvolvimento integral da criança.

Nosso propósito é o de contribuir para que os profissionais que atuam na educação infantil (diretores, coordenadores, professores, atendentes) possam ampliar suas perspectivas de trabalho, oferecendo-lhes subsídios para a aquisição de conhecimentos teórico-práticos básicos para a realização de suas atividades. Dentro desse contexto, privilegiaremos o desenvolvimento de reflexões críticas sobre o espaço social ocupado pela criança, no sentido de compreendê-la enquanto sujeito histórico, social e cultural.

Considerando que os conhecimentos referentes à educação infantil, primeira etapa do ensino fundamental seja de suma importância para a formação docente é fundamental que o futuro profissional da educação interese-se a respeito do desenvolvimento histórico e político deste nível de ensino, visto que nasce historicamente a partir de uma necessidade social, ou seja, da inserção da mulher

no mercado de trabalho, através da Revolução Burguesa, processo este que se deu entre os séculos XIV e XVIII e em cujo contexto emergiu o atendimento de 0 Á 6 anos.

Várias foram às funções assumidas pela E. I. ao longo do tempo. Podemos afirmar que, na atualidade, não nos basta conhecê-las de forma fragmentada, mas sim, compreendê-las dentro do contexto em que se insere, ou seja, compreendê-las dentro de sua função pedagógica, em que se compromete a assumir seu papel social, a socializar os conhecimentos historicamente acumulados, respeitando cada fase de desenvolvimento da criança.

Sendo assim serão enfocados os seguintes conteúdos: o contexto sócio-político e econômico em que emerge e se processa a educação infantil e seus aspectos culturais constituídos, as concepções de infância, as contribuições da História, Psicologia, Filosofia e Sociologia, infância e sociedade, infância e cultura, história do atendimento à criança brasileira: políticas assistenciais e educacionais para a criança de zero a seis anos; a política de educação pré - escolar no Brasil; perspectiva histórica do profissional da Educação Infantil no Brasil; as crianças e suas famílias: diversidade. Políticas atuais: legislação e financiamento.

3 - Objetivos

- Compreender a importância da educação infantil como forma de democratização da escola e do respeito ao espaço de desenvolvimento da criança.
- Compreender a organização histórica e social em que se estabeleceu a educação infantil como necessidade emergente à sociedade capitalista.
- Conhecer a realidade de atendimento a criança de zero a cinco anos, reconhecendo os fracassos e avanços mediante as transformações, sociais, políticas e econômicas.
- Compreender os fundamentos das teorias do conhecimento que sustentam as propostas metodológicas do processo de desenvolvimento e aprendizagem da criança menor de seis anos.
- Compreender o processo de desenvolvimento da criança na construção de suas relações com o mundo e com os outros, em seus aspectos cognitivo, biológico, físico, motor, social, afetivo e moral.

4 - Conteúdos

1 - Contexto sócio-político e econômico em que emerge e se processa a educação infantil e seus aspectos culturais constitutivos (sócio - demográfico, econômico e cultural)

- Fundamentos históricos e legais da educação infantil no Brasil:

- Pressupostos teóricos
- História e funções da educação infantil
- Trajetória histórica no Brasil
- O papel social da educação infantil
- A origem das instituições pré-escolares

2 - Concepções de Infância: contribuições das diferentes ciências - Antropologia, Filosofia, História, Psicologia, Sociologia

- Estudo histórico das diferentes concepções de infância, elaboradas no mundo ocidental.
- Contribuições da História, Psicologia, Filosofia e Sociologia
- As tendências romântica, cognitiva e crítica.
- Os principais precursores da educação infantil:
 - Rousseau
 - Pestalozzi
 - Froebel,
 - Montessori
 - Decroly
 - Freinet

3 - História do atendimento à criança brasileira: políticas assistenciais e educacionais para a criança de zero a seis anos.

- A educação da criança pré-escolar no Brasil
- O processo do desenvolvimento infantil
- As contribuições das teorias psicológicas:
 - Teoria de Piaget
 - Teoria de Vygotsky
 - Teoria de Wallon

4 - Infância: família, sociedade, e cultura.

- O contexto sócio-cultural onde a criança está inserida
- A importância da afetividade no desenvolvimento infantil
- A importância da interação no desenvolvimento infantil
- A concepção de infância e aprendizagem
- Infância e sociedade
- As crianças e suas famílias: diversidade
- O papel da escola
- Infância e cultura

- A criança e os meios de comunicação

5 - História do atendimento à criança brasileira

- Os programas de atendimento às crianças de 0 a 6 anos
- Teoria e prática no atendimento e promoção do desenvolvimento dos 0 aos 6 anos:
 - Estruturação do conhecimento tendo como base a epistemologia genética e o sócio-interacionismo: aspecto cognitivo, psicomotor, afetivo-relacional, ético e moral.
 - A importância da educação através das atividades educativas, lúdicas e sócio-culturais.

6 - A política de educação pré - escolar no Brasil.

- A política de educação pré-escolar no Brasil
- Concepções e objetivos da educação infantil
- Direito à educação infantil no Brasil:
- Oportunidades educacionais na educação infantil e o desafio da democratização
- A política da inclusão
- O ensino de 9 anos

7 - Perspectiva histórica do profissional de Educação infantil no Brasil.

- Perspectiva histórica do profissional de educação infantil no Brasil
- A relação didático-pedagógica e a gestão da sala de aula
- Gestão de Instituições de educação infantil
- A formação do professor da educação infantil no Brasil

8 - Políticas atuais: legislação e financiamento

- História, legislação e políticas públicas referente à educação infantil.
- Análise do processo histórico de constituição da educação infantil na sociedade brasileira e suas relações com as mudanças ocorridas na educação da criança pequena no contexto mundial

5 - Metodologia

A metodologia empregada será de cunho dialético e reflexivo, de forma a desenvolver o potencial crítico do aluno, através de estratégias que priorizem a participação ativa em: seminários, fichamento, produções escritas, resenhas, artigos, debates e outros. Com essa consideração, o trabalho com a Educação Infantil permite ao aluno a experimentação, a prática da análise e da síntese, através de atividades que a levam a desenvolver a percepção, a capacidade de comparação,

diferenciação, reconhecimento e combinação de elementos, em um processo de aprendizagem que parte do concreto para o abstrato.

6 – Avaliação

A avaliação acontecerá de forma processual considerando o desenvolvimento teórico e prático dos alunos, de acordo com os critérios de avaliação estabelecida pelo Regimento Escolar deste estabelecimento. Portanto, no contexto da educação infantil, a avaliação não deve ser encarada como um julgamento, pois isso seria uma forma de classificar e estigmatizar as crianças, não levando em conta os acontecimentos que acompanham todo o cotidiano em questão.

De acordo com Hoffmann (1996), a avaliação deve ser mediadora, onde “mediação significa um estado de alerta permanente do professor que acompanha e estuda a história da criança em seu processo de desenvolvimento”(p.31).

Neste sentido, constatamos que a avaliação envolve o todo que faz parte do cotidiano vivenciado pelo grupo, onde todos são avaliados. Assim, ela passa a ser uma ação crítica e transformadora, onde o professor acompanha o seu grupo, investigando, observando e refletindo sobre a criança, sobre o grupo, sobre a sua prática pedagógica, sobre a instituição.

Portanto, a avaliação é um processo que deve ser incorporado na prática do professor, onde, todas as experiências, manifestações, vivências, descobertas e conquistas das crianças devem ser valorizadas, com o objetivo de revelar o que a criança já tem e não o que lhe falta.

7 – Referências Bibliográficas

AFONSO, L. Gênero e processo de socialização em creches comunitárias. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 93, p. 3-87, maio 1995.

ARCE, A. **A pedagogia na “era das revoluções”**: uma análise do pensamento de Pestalozzi e Froebel. Campinas: Autores Associados, 2002.

ARIES, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

_____. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

BERQUÓ, E. Arranjos familiares no Brasil: uma visão demográfica. In: SCHWARCZ, L. M. (org.). **História da vida privada no Brasil**: contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 4.

BOMENY, H. **Os intelectuais da educação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução CEB nº 1**, de 7 de abril de 1999.

_____. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução CEB nº 2**, de 19 de abril de 1999.

_____. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Parecer CEB nº 4**, de 16 de fevereiro de 2000.

_____. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Parecer CEB nº 22**, de 17 de dezembro de 1998.

_____. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Parecer CEB nº 01**, de 29 de janeiro de 1999.

_____. Constituição da República Federativa do Brasil. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1988.

_____. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei nº 8069, de 13 de julho de 1990, São Paulo: Cortez, 1990.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. **Educação infantil no Brasil: situação atual**. Brasília, MEC/SEF/DPE/COEDI, 1995.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Departamento de Políticas Educacionais. Coordenação Geral de Educação Infantil. Política nacional de educação infantil. Brasília, MEC/SEF/DPE/COEDI, 1993.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Departamento de Políticas Educacionais. Coordenação Geral de Educação Infantil. **Por uma política de formação do profissional de educação infantil**. Brasília, MEC/SEF/DPE/COEDI, 1994.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Departamento de Políticas Educacionais. Coordenação Geral de Educação Infantil. **Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças**. Brasília, MEC/SEF/DPE/COEDI, 1995.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Departamento de Políticas Educacionais. Coordenação Geral de Educação Infantil. **Propostas pedagógicas e currículo em educação infantil: um diagnóstico e a construção de uma metodologia de análise**. Brasília, MEC/SEF/DPE/COEDI, 1996.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Departamento de Políticas Educacionais. Coordenação Geral de

Educação Infantil. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília, MEC/SEF/DPE/COEDI, 1998. 3. v

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Departamento de Políticas Educacionais. Coordenação Geral de Educação Infantil. **Subsídios para credenciamento e funcionamento de instituições de educação infantil**. Brasília, MEC/SEF/DPE/COEDI, 1998. v. 1 e 2

_____. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9394/96. Brasília, 1996.

CAMPOS, M. M.; ROSEMBERG, F. **A constituição de 1988 e a educação de crianças pequenas**. São Paulo: FDE, 1989.

_____. **Creches e pré-escolas no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1992.

CAMPOS, M. M. A formação de professores para crianças de 0 a 10 anos: modelos em debate. **Educação & Sociedade**, Campinas: n. 68, dez, 1999.

_____. Educação infantil: o debate e a pesquisa. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 101, p. 113-127, jul. 1997.

_____. **Creches e pré-escolas no Brasil..** São Paulo: Cortez. 1992.

CARVALHO, A. et alii. **Desenvolvimento e aprendizagem**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

CASTRO, J. A. de. Financiamento da educação no Brasil. **Em Aberto**, Brasília, v. 18, n. 74, dez, 2001.

CATANI, D. B. Estudos de história da profissão docente. In: LOPES, E. M.;

CAVICCHIA, D. C. **O cotidiano da creche: um projeto pedagógico**. São Paulo: Loyola, 1993.

CHAMBOREDOM, J. C.; PREVOT, J. O “ofício de criança”: definição social da primeira infância e funções diferenciais da escola maternal. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 59, p. 32-56, nov. 1986.

CHERVEL, A. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria e Debate**, Porto Alegre, n. 2, p. 177-229, 1990.

CURY, C. R. J. A educação básica no Brasil. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 80, p.169-2001, set. 2002.

DAUSTER, T. **Piaget e o conhecimento**. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

_____. **Concepções da infância e pré-escola entre famílias da periferia de Niterói/R**.

J. G. EDUCACÃO E SOCIEDADE: - AMOCS, São Paulo, outubro de 1985.

FARIA F. L. M.; VEIGA, C. G. (org.) **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

FREITAS, M. C. (org.). **História social da infância no Brasil**. São Paulo: Cortez/USF-IFAN, 1997.

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA Pesquisa sobre padrões de vida: primeira infância (1996-1997). Rio de Janeiro, 2000

_____. Censo Demográfico - 2000: resultados da amostra. Brasília, 2000.

GARCIA, R. L.; LEITE F. **Em defesa da educação infantil**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

_____. **Revisando a pré-escola**. São Paulo: Cortez, 1993.

_____. **Em defesa da Educação Infantil**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

GUIMARÃES, J. L.; PINTO, J. M. R. A demanda por educação infantil e os recursos disponíveis para o seu financiamento. **Em Aberto**, Brasília, v. 18, n. 74, dez. 2001.

JOBIM E SOUZA, S.; KRAMER, S. **Educação ou tutela? A criança de 0 a 6 anos**. São Paulo: Loyola, 1991.

KRAMER, S. _____. (org.) . **Com a pré-escola nas mãos**. São Paulo: Atica, 1989.

_____. **Democratização da escola pública**. São Paulo: Loyola, 1989

_____. **A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce**. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1987

_____. **A democratização da escola pública**. São Paulo: Loyola, 1989.

_____. **A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

KUHLMANN J. M. Educando a infância brasileira. In: LOPES; FARIA F. VEIGA (org.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

_____. Histórias da educação infantil brasileira. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 14, maio/ago. 2000.

_____. **Infância e educação infantil: uma abordagem histórica**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

LOPES, E. M.; GALVÃO, A. M. **História da educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MARCÍLIO, L. M. A lenta construção dos direitos da criança brasileira: século XX. **Revista USP**, São Paulo, n. 37, p. 46-57, mar./maio, 1998.

MÉNDEZ, E. G. **Infância e cidadania na América Latina**. São Paulo: Hucitec, 1998.

MONARCHA, C. (org.) **Educação da infância brasileira: 1875-1983**. Campinas: Autores Associados, 2001.

MORO, C. S. **Infância e educação infantil pública: concepções maternas**. Curitiba: UFPR, 2002. Dissertação (Mestrado).

MOVIMENTO INTERFÓRUNS DE EDUCAÇÃO 'INFANTIL DO BRASIL **Educação infantil: construindo o presente**. Campo Grande/MS: Ed. UFMS, 2002.

OLIVEIRA, C. Gestão da educação: União, Estado/Distrito Federal, Município e escola. In: MACHADO, L. M.; FERREIRA, N. S. C. **Política e gestão da educação: dois olhares**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

OLIVEIRA, Z. de M. R. de: **A criança e seu desenvolvimento: perspectivas para se discutir a educação infantil**. São Paulo, Cortez, 1995.

PATTO, M.H . **Psicologia e ideologia: uma introdução à psicologia escolar**. São Paulo: T. A . Queiroz, 1984

_____. **Privação cultural e educação pré-primária**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

PETITAT, A. **Produção da escola/produção da sociedade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

PIAGET, J. **Psicologia da criança**. Rio de Janeiro: Dietel, 1978.

PRIORE, M. D. (org.) **Histórias das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1999.

ROMANELLI, O . O. **História da educação no Brasil**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

ROSEMBERG, F. A educação pré-escolar brasileira nos governos militares. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 82, p. 21-30, ago. 1992.

SACRISTÁN, J. G. **A educação obrigatória: seu sentido educativo e social**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

SIROTA, R. Emergência de uma sociologia da infância: evolução do objeto e do olhar. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 112, p. 7-31, mar. 2001.

VEIGA, C. G. (org.) **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica,

VIEIRA, L. M. F. Mal necessário: creches no departamento nacional da criança (1940-1970). **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 67, p. 3-16, 1988.

VILELA, H. O mestre - escola e a professora. In: LOPES, E. M.; FARIA F, L. M.; 2000.

**PROPOSTA PEDAGÓGICA CURRICULAR
CURSO DE FORMAÇÃO DE DOCENTES INTEGRADO
FUNDAMENTOS PSICOLÓGICOS DA EDUCAÇÃO**

1 – Ementa

Introdução ao estudo da Psicologia; Introdução à Psicologia da educação; Principais teorias psicológicas que influenciaram e influenciam a psicologia contemporânea: Skinner e a psicologia Comportamental; Psicanálise e educação. O sócio-construtivismo: Piaget, Vygotsky, Wallon Psicologia do desenvolvimento da criança e do adolescente. Desenvolvimento da criança e do adolescente. Desenvolvimento humano e sua relação com aprendizagem. A linguagem, os aspectos sociais, culturais e afetivos da criança e a cognição.

2 – Fundamentação teórica

A escola é o lugar em que todas as crianças devem ter as mesmas oportunidades, mas com estratégias de aprendizagem diferentes. Existem crianças altas e baixas, loiras e morenas, gordas e magras. Algumas nasceram em lares com pai, mãe e irmãos, todos alfabetizados e leitores. Outras nem conhecem os pais, moram com os avós, os tios, um parente distante. Muitas viajam nas férias. Conhecem o mar, o mato e gente de lugares variados. Há quem nunca tenha saído do bairro em que nasceu. Ninguém é igual a ninguém. Cada pessoa tem uma história particular e única, formada por sua estrutura biológica, psicológica, social e cultural. se assim na vida, é assim na escola.

As crianças são resultados de suas experiências. Para compreender seu desenvolvimento é preciso considerar o espaço em que elas vivem, a maneira como constroem significados, as práticas culturais, etc. Sabe-se hoje que cada ser humano tem um conjunto de células do sistema nervoso tão particular quanto a impressão digital. Não existe um modelo de criança de 6 anos.

O aluno não é um ser ideal, abstrato. É uma pessoa concreta, com preocupações e problemas, defeitos e qualidades. É um ser em formação, que precisa ser compreendido pelo professor e pelos demais profissionais da escola, a fim de que tenha condições de desenvolver-se de forma harmoniosa e equilibrada.

O professor também aprende enquanto ensina, e o aluno, enquanto aprende, também ensina. O professor precisa conhecer a si mesmo para conhecer os alunos.

A Psicologia da Educação é indispensável para que o professor tenha condições de compreender seus alunos e desenvolver um trabalho mais eficiente. Sendo assim a Psicologia da Educação procura utilizar os princípios e as informações que as pesquisas psicológicas oferecem acerca do comportamento

humano, para tornar mais eficiente o processo ensino-aprendizagem. Não se trata de oferecer receitas prontas. O professor trabalha com pessoas concretas, cada qual com sua história singular. Por isso mesmo, o estímulo ao conhecimento da realidade e a discussão crítica é constante em todo o processo.

A disciplina trabalhará os seguintes conteúdos: Introdução ao estudo da Psicologia; Introdução à Psicologia da educação; Principais teorias psicológicas que influenciaram e influenciam a psicologia contemporânea: Skinner e a psicologia Comportamental; Psicanálise e educação. O sócio-construtivismo: Piaget, Vygotsky, Wallon; Psicologia do desenvolvimento da criança e do adolescente. Desenvolvimento da criança e do adolescente. Desenvolvimento humano e sua relação com aprendizagem; A linguagem, os aspectos sociais, culturais e afetivos da criança e a cognição.

3 - Objetivos

- Compreender para que servem as diferentes correntes psicológicas;
- Identificar os autores e suas teorias;
- Construir uma visão própria a cerca das abordagens psicológicas;
- Entender a complexidade do desenvolvimento psicológico do ser humano;
- Refletir a cerca das contribuições deixadas pelas correntes psicológicas.
- Conhecer as abordagens sobre o desenvolvimento, aprendizagem e comportamento;
- Relacionar as diversas abordagens com a prática pedagógica;

4 – Conteúdos

1 - Introdução ao estudo da Psicologia:

- Conceito de psicologia
- Métodos e pesquisas em Psicologia
- Aplicações da Psicologia
- Escolas Psicológicas
- A Educação, a Aprendizagem e a Psicologia.

2 - Introdução à Psicologia da Educação:

- Definição e objeto da psicologia da educação
- Dimensão fundamental e aplicada da psicologia da educação
- Área científica da psicologia da educação e relações intra e interdisciplinares

3 - Principais teorias psicológicas que influenciaram e influenciam a psicologia contemporânea: Skinner e a psicologia comportamental

- Escola Behaviorista: Skinner e o condicionamento operante
 - Leis do ensaio e erro: lei do efeito e lei do exercício
 - Condicionamento operante; experimento básico de Skinner.
 - Características
 - Comparação condicionamento clássico/ operante
 - Aplicação na educação; instrução programada.
- A Psicologia da Gestalt: a Psicologia da forma

4 - Psicanálise e educação:

- Histórico da Psicanálise
 - Vida e teoria de Freud
- O método psicanalítico:
 - Teoria da personalidade:
 - Consciência/ego,
 - Pré-consciente/superego
 - Inconsciente/id
- Complexo de Édipo

5 - O socioconstrutivismo: Piaget, Vygotsky, Wallon.

- Histórico da Teoria Psicogenética
 - Vida e Teoria de Piaget
 - Teoria Piagetiana: Teoria Epistemologia Genética/ Teoria Psicogenética
 - Construção do conhecimento
 - Assimilação
 - Acomodação
 - Esquema
 - Equilíbrio
 - Estágio do desenvolvimento:
 - Sensório-motor
 - Pré-operatório
 - Operatório-concreto
 - Operatório-formal
- Histórico da Teoria Vigotskiana:
 - Vida e Teoria de Vygotsky: Teoria socioconstrutivista/ Teoria histórico-cultural
 - Teoria do desenvolvimento:
 - Processo natural
 - Desenvolvimento artificial
- Contribuições para a educação:

- As concepções de Vygotsky sobre o processo de formação dos conceitos
 - As concepções de Vygotsky sobre o funcionamento do cérebro humano
 - Mediação
 - Cultura
 - Internalização
 - A interação social e o instrumento lingüístico são decisivos por Vygotsky; real e potencial.
 - A aprendizagem X desenvolvimento: zonas de desenvolvimento proximal
 - Processo que caminha do plano social - relações interpessoais - para os planos individuais internos - relações intra – pessoais:
 - A escola.
 - O professor
 - O aluno
 - Grupo social
 - Histórico da Teoria de Wallon:
 - Vida e teoria de Wallon; Teoria de desenvolvimento cognitivo/psicogênese.
 - Fases com predominância afetiva e cognitiva:
 - impulso-emocional
 - sensório-motor
 - personalismo
 - Predominância - funcional
 - Elementos básicos que se relacionam com a comunicação:
 - Afetividade
 - Emoções
 - Movimento
 - Formação do eu
 - Contribuições para a educação:
 - Importância da afetividade na aprendizagem
 - A escola e o emocional do aluno
 - Teoria de Coleman: a inteligência emocional
 - Teoria de Gardner: teoria das múltiplas inteligências
- 6 - Psicologia do desenvolvimento da criança e do adolescente.
- O desenvolvimento humano
 - A importância do desenvolvimento
 - Fatores que influenciam o desenvolvimento
 - Aspectos e fases do desenvolvimento
 - Hereditariedade

- Crescimento orgânico
- Maturação neurofisiológica
- Ambiente
- Teoria do desenvolvimento segundo Piaget:
 - Período das operações concretas
 - Período das operações formais
 - Adolescência: projeto de vida
- Desenvolvimento da criança e do adolescente
 - Influência dos fatores sociais sobre a personalidade
 - Estimulação ambiental
 - Comportamento emocional e social da criança na infância
 - Desenvolvimento cognitivo na infância
 - Desenvolvimento moral na infância
 - Desenvolvimento do comportamento social na infância
- Agressividade e autoconceito
 - A Psicologia na escola
 - Como a criança aprende
 - O papel do professor
 - Compreensão do processo ensino-aprendizagem

7- Desenvolvimento humano e sua relação com a aprendizagem

- Histórico da aprendizagem:
 - Antiguidade
 - Idade média
 - Séc.XVII ao séc. XX
 - A partir de 1930
- Definições de aprendizagem
- O processo de aprendizagem na abordagem Vygotsky
- O processo de aprendizagem na abordagem de Piaget
 - O papel do equilíbrio
- O processo de aprendizagem pós-piagetiano
 - Hiperassimilação
 - Hipoacomodação
 - Hiperacomodação
 - Hipoassimilação
- O papel da aprendizagem em outras concepções
- O papel da memória na aprendizagem
 - Memória a curto prazo

- Memória a longo prazo
- As influencias do processo
- Estilos de aprendizagem
 - Visual
 - Auditiva
 - Leitura/escrita
 - ativa
- Avaliação da aprendizagem

8 - A linguagem, os aspectos sociais, culturais e afetivos da criança e a cognição.

- Processo de construção da linguagem:
 - Fases do desenvolvimento da linguagem segundo Piaget
- Desenvolvimento da linguagem
 - Introdução da linguagem
 - História da linguagem
- Etapas do desenvolvimento:
 - Pré-linguagem
 - Desenvolvimento sintático
 - Expansão gramatical
- Fatores que podem alterar a evolução normal da linguagem:
 - Fatores orgânicos
 - Fatores psicológicos
- O papel do professor

5 - Metodologia

O trabalho seguirá uma bibliografia diversificada e será complementada com trabalhos em grupo e individuais, debates, entrevistas e seminários. Serão incentivadas a observação, a pesquisa e a reflexão.

6 – Avaliação

Será diagnóstica, contínua e processual levando o aluno a apropriação do conhecimento, bem como desenvolver sua capacidade de reformular e organizar questões.

Ela deverá incidir sobre os aspectos de formação do ser humano: responsabilidade, participação, produtividade, relacionamento, análise de textos, reflexões, discussões pessoais.

Serão considerados os trabalhos previamente agendados pela professora como também as provas bimestrais e a recuperação paralela de acordo com o regimento interno do estabelecimento.

7 – Referências Bibliográficas

BAQUERO, R. **Vygotsky e a aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

BARROS, C. S. G. **Pontos de Psicologia Geral**. São Paulo: Ática, 1989.

BOCK, A. M.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. São Paulo: Saraiva, 1999.

DAVIS, C. & OLIVEIRA, Z. **Psicologia na Educação**. São Paulo: CORTEZ, 1991.

DOLLE, J. **Para compreender Jean Piaget**. Rio: Guanabara S.A., 1987.

FALCÃO, G. M. **Psicologia da aprendizagem**. São Paulo: Ática, 1989.

LANE, S. et al. **Psicologia social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

MACIEL, I. M. et al. **Psicologia e educação: novos caminhos para a formação**. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2001.

PILETTI, N. **Psicologia educacional**. São Paulo: Ática, 1987.

SYLVA, K.; LUNT, I. **Iniciação ao desenvolvimento da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

TANAMACHI, E.; ROCHA, M. et al. **Psicologia e educação: desafios teórico-práticos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

**PROPOSTA PEDAGÓGICA CURRICULAR
CURSO DE FORMAÇÃO DE DOCENTES INTEGRADO
FUNDAMENTOS SOCIOLÓGICOS DA EDUCAÇÃO**

1 – Ementa

O que é Educação e o que é Sociologia? A Educação como um fenômeno que é estudado pelas ciências sociais, especialmente pela sociologia. Os diferentes olhares sobre a educação. A Educação e o Funcionalismo de Emile Durkheim: a pedagogia e a vida moral. A educação como fato social, com as características de coerção, exterioridade e generalidade. Indivíduo e Consciência Coletiva. A Educação em diferentes formações sociais. A Educação Republicana, laica e de acordo com o desenvolvimento da divisão do trabalho social. Os sociólogos brasileiros que desenvolveram estudos a partir dessa teoria, tais como Fernando de Azevedo e Lourenço Filho. A educação como fator essencial e constitutivo do equilíbrio da sociedade. A educação como técnica de planejamento social e desenvolvimento da democracia. Críticas a essa visão teórica.

2- Fundamentação teórica

O mundo passa por grandes transformações nessa passagem do século. Novas tendências revolucionam padrões clássicos de comportamento, enquanto importantes instituições se modificam. Uma nova ordem mundial se organiza alterando valores, expectativas e a posição dos atores sociais, nações ou blocos continentais. Outras formas de pensar, diferentes paradigmas teóricos procuram entender esse cenário emergente.

A Sociologia enquanto ciência que estuda a civilização em seus aspectos humanos e coletivos por meio de uma análise crítica transformadora dessas transformações. Como nunca, ela tem a tarefa de distinguir o âmbito de novas formas de comportamento, desvendá-lo, descobrindo seus sentidos, propor alternativas.

O programa de Sociologia objetiva na sua formação geral a compreensão da realidade social e das forças sociais que nela atuam.

Na formação específica do profissional que deverá atuar nas primeiras séries, o objetivo é a compreensão da própria escola, no meio em que está inserida e nas suas relações com a sociedade. Na análise da educação, utilizando o conceito de educação relacionado com o conceito social e político, inserido nas relações sociais e capitalistas, educação como política por um tipo de ensino que venha a atender aos interesses das camadas majoritárias da população.

Para operacionalizar a proposta, é necessário que se possa garantir conhecimentos básicos específicos da sociologia, conhecimento estes, essencial para a compreensão das relações sociais na sociedade da educação, ressaltando o pensamento do educador Lauro de Oliveira Lima: “enquanto a sociologia não for a disciplina básica na formação do professorando, os mestres não compreenderão que a Pedagogia é a arte que modifica a sociedade”.

Assim a disciplina de sociologia estudará os seguintes conteúdos: **O que é Educação e o que é Sociologia?** A Educação como um fenômeno que é estudado pelas ciências sociais, especialmente pela Sociologia. Os diferentes olhares sobre a educação.

A Educação e o Funcionalismo de Emile Durkheim: a pedagogia e a vida moral. A Educação em diferentes formações sociais. A Educação Republicana, laica e de acordo com o desenvolvimento da divisão do trabalho social. Os sociólogos brasileiros que desenvolveram estudos a partir dessa teoria, tais como Fernando de Azevedo e Lourenço Filho. A educação como fator essencial e constitutivo do equilíbrio da sociedade. A educação como técnica de planejamento social e desenvolvimento da democracia. Críticas a essa visão teórica.

3 - Objetivos

- Compreender a totalidade social, política e econômica, como expressão de simultaneidade e complexidade dos fenômenos sociais, produto de condicionantes diversos;
- Compreender a sociologia como saber científico;
- Reconhecer as diferenças possibilitando a atuação em equipe, a realização e avaliação de projetos de ação escolar e social;
- Contribuir para a formação de docentes atuantes e qualificados na educação;
- Despertar para o sentimento de cidadania;
- Construir sua identidade social, percebendo seus direitos e deveres de cidadão.

4- Conteúdos

1 - O que é educação e o que é sociologia? A Educação como um fenômeno que é estudado pelas ciências sociais, especialmente pela sociologia.

- A educação como objeto de reflexão sociológica
- Sociologia: entendendo a vida em sociedade
 - Os indivíduos e a sociedade
 - A sociologia em ação
 - Conceito de sociologia
 - Objeto e objetivo das Ciências Sociais

- Divisão da sociologia
- Como surgiu a sociologia
- Sociologia: a afirmação de uma ciência
- Problemas sociológicos, problemas sociais.
- Educação: um objeto de estudo para a sociologia
 - Os grandes sociólogos e a educação: Jean Jacques Rousseau; Augusto Comte; Émile Durkheim; Max Weber; Karl Mannheim; Bronislaw Kaspar Malinowski; Charles Wright Mills; Claude Lévi-Strauss; Gilberto Freire ;Florestan Fernandes
 - A sociologia da educação como resposta a problemas educacionais
 - A sociologia da educação no Brasil
 - O objeto da sociologia da educação
 - O método da sociologia da educação

2 - Os diferentes olhares sobre a educação

- Ideologia e educação
- Ideologia e sistema educacional
- A ideologia dos livros didáticos
- A ideologia no currículo
- O currículo oculto

3 - A Educação e o Funcionalismo de Émile Durkheim: a pedagogia e a vida moral.

- A concepção funcionalista de sociedade: o positivismo de Émile Durkheim
 - Histórico de Émile Durkeim
 - Principais obras
 - Conceitos básicos do positivismo
 - Consciência coletiva
 - Divisão do trabalho social
 - Solidariedade mecânica e orgânica

4 - A educação como fato social, com as características de coerção, exterioridade e generalidade.

- A sociologia funcionalista e a escola
 - Características: coerção, exterioridade e generalidade.
- O bem estar social e a formação do cidadão
- Indivíduo e Consciência Coletiva

5 - A Educação em diferentes formações sociais

- A educação nas comunidades primitivas

- A economia primitiva
- Organização social e política
- Cultura e educação
- Educação nas sociedades escravistas da antiguidade clássica
 - A educação grega
 - A educação em Roma
- Educação na sociedade feudal
 - A formação da sociedade feudal
 - A escola católica
 - As universidades e o ensino laico
 - Cidades, berço de transformações.
- Educação na sociedade capitalista
 - A formação da economia capitalista
 - Transformações políticas e culturais
 - Expansão da educação
 - O iluminismo e a educação
 - Pressões contra a educação das camadas pobres

6 - A Educação Republicana, laica e de acordo com o desenvolvimento da divisão do trabalho social.

- A utopia na Educação Republicana
 - A regeneração pela educação
 - Instrução e educação: o debate sobre o analfabetismo
 - O papel da escola primária
 - A "missão" do professor
 - Positivismo, republicanismo e educação.
- A educação republicana laica
 - República e laicização
 - O anticlericalismo no discurso pedagógico
 - Escola confessional, escola laica e escola neutra
- A educação republicana e a socialização política dos cidadãos
 - Vocação consensual da educação republicana
 - O conteúdo da educação republicana
 - A formação de cidadãos para uma democracia
 - A educação cívica no currículo escolar:
 - Cultos da Pátria na escola primária
 - A religião cívica
 - O patriotismo

- Os heróis da Pátria
- Os símbolos da Pátria: a bandeira e o hino
- A festa da árvore como festa revolucionária: seu significado e organização
- O desenvolvimento da divisão do trabalho social (1888 – 1930):
 - De 1888 a 1930 – prevalectimento da informalidade no mercado de trabalho
 - As correntes migratórias e o processo de formação do mercado de trabalho assalariado no Brasil, na virada do século XIX para o XX
 - A Ementa da Constituição de 1891: competência do Congresso Nacional sobre o trabalho
 - A revolução russa e a mudança radical na sociedade trabalhista brasileira
 - O Tratado de Versalhes (1919) e a criação da Organização Internacional do Trabalho
 - A relação entre a cidade e o campo no processo de industrialização e nas relações de trabalho
 - Embates entre o capital, o estado e o trabalho na Era Vargas: a questão sindical e a legislação trabalhista no Brasil.
- Criação do Ministério do Trabalho
- A estruturação do parque industrial brasileiro, o novo perfil da classe operária e os movimentos reivindicatórios dos trabalhadores urbanos.

7 - Os sociólogos brasileiros que desenvolveram estudos a partir da divisão social do trabalho, tais como Fernando de Azevedo e Lourenço Filho.

- Fernando de Azevedo e Lourenço Filho
- Principio norteadores da educação nova: igualdade, solidariedade e cooperação.

8 - A educação como fator essencial e constitutivo do equilíbrio da sociedade.

- A educação como agente de socialização no equilíbrio da sociedade
 - Socialização: a criação do ser social
 - Um indivíduo, muitos papéis.
 - Controles: moldando o ser social
 - Educação como fenômeno social
 - Socialização e educação
- Cultura: o conteúdo de socialização
 - Conceito de cultura
 - Elementos da cultura
 - Cultura e educação
 - As subculturas
 - Cultura e personalidade

- Família e educação
 - Família e sociedade
 - História social da família
 - Tipos de família
 - Funções da família
 - A família e a educação
 - Grupos de jovens e educação
 - Os grupos de jovens
 - Grupos de jovens na escola
 - Os grupos de jovens e a educação
- Escola e educação
 - Escola e reprodução social
 - A escola: reprodução da sociedade de classes
 - A linguagem que aparece na escola
 - O fracasso escolar
 - A importância do professor
 - Objetivos da educação
 - Formas de transmissão
 - A escola como grupo social
 - As forças progressivas presentes na escola
 - A escola como espaço de transformação social
 - A escola como instituição
 - A escola como grupo social
 - A escola no meio rural
 - A escola urbana
 - Interação escola comunidade
 - Educadores, educandos e outros grupos.
 - Grupos associativos
 - Grupos de ensino

9 - A educação como técnica de planejamento social e desenvolvimento da democracia. Críticas a essa visão teórica.

5 - Metodologia

A metodologia utilizada na disciplina Fundamentos Sociológicos da educação, atenderá aos objetivos dos conteúdos enunciados na proposta. O trabalho acontecerá através de aulas expositivas, leituras e estudos de autores diversos e temas afins, técnicas em grupo, visitas a escolas e museus (aulas-passeio),

produções individuais e coletivas, participação em campanhas educativas e seminários.

6 - Avaliação

A avaliação dar-se-á através de diversos instrumentos preponderando os aspectos qualitativos da aprendizagem, sendo cumulativa, processual e diagnóstica através de interpretação de textos, pesquisas bibliográficas e de campo, exercícios individuais e/ou grupais, relatórios orais, resenhas críticas, as provas bimestrais seguindo os critérios do regimento escolar do estabelecimento.

7 – Referências Bibliográficas

ALTHUSSER, L. **Sobre a Reprodução**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

ÀRIES, P. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

BOURDIEU, P. **Escritos da Educação**. Petrópolis. Ed. Vozes. 1998.

COSTA, C. **Sociologia: introdução à ciência da sociedade**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1997.

DURKHEIM, E. **Educação e Sociologia**. São Paulo: melhoramentos, 1987.

FERREIRA, Roberto Martins. **Sociologia da educação**. 1ª edição. São Paulo: Moderna

FORQUIN, J-C. **Escola e Cultura- A Sociologia do conhecimento Escolar**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

_____. **Sociologia da Educação: dez anos de pesquisa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

FREITAG, B. **Indivíduo em formação: diálogos interdisciplinares sobre educação**.

_____. **História, Antropologia e a Pesquisa Educacional**.

FREITAS, M. C. & KUHLMANN Jr, M. (orgs.) **Intelectuais na história da infância**.

FREITAS, M. C. **História Social da Infância no Brasil**.

GADOTTI, M. **Pedagogia da práxis**.

GOHN, M. da G. **Movimentos sociais e educação**.

_____. **Mídia, terceiro setor e MST: impactos sobre o futuro das cidades e do campo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

_____. **Movimentos sociais no início do século XXI: antigos e novos atores sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

_____. **Os sem-terra, ongs e cidadania**. 2. Ed. São paulo: il. 2000.

GOMES, C. **A Educação na perspectiva sociológica**. São Paulo: EPU, 1985.

KUENZER, A. **Pedagogia da Fábrica- As relações de produção e a educação do trabalhador.**

MANACORDA, M. A. **Marx e a Pedagogia Moderna.** São Paulo: Cortez,1993.

MARCONDES, C. **O que todo cidadão precisa saber sobre ideologia.** São Paulo: Global, 1985.

MARTINS, C. B. **O que é sociologia.** 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MEKSENAS, P. **Sociologia da educação: uma Introdução ao estudo da escola no _____.** **Aprendendo sociologia: a paixão de conhecer a vida.** 4. ed. São Paulo: Loyola, 1987.

_____. **Sociologia.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

processo de transformação social. São Paulo: Loyola, 1988.

NOGUEIRA, M. A. **Saber, Trabalho e Educação em Marx.** Cortez,1989.

OLIVEIRA, P. S. de. **Introdução à sociologia.** 23. ed. São Paulo: Ática, 2000.

PETITAT, A . **A Produção da Escola. A Produção da Sociedade.** Porto Alegre: Artes Médicas,1989.

QUINTANEIRO, T. et al. **Um toque de clássicos: Durkheim, Marx, Weber.** Belo Horizonte: UFMG, 1996.

RODRIGUES, A. T. **Sociologia da Educação.** Rio de Janeiro: DP & A,2001.

_____. **Sociologia da educação.** Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

TOMAZI, N. D. (org.). **Iniciação à sociologia.** São Paulo: Atual, 1993.

_____. **Sociologia da Educação.** São Paulo: Atual,1997.

VIEIRA, E. **Sociologia da educação: reproduzir e transformar.** São Paulo: FTD, 1994.

_____. **Sociologia da Educação: reproduzir e transformar.** São Paulo: TTD,1994.

PROPOSTA PEDAGÓGICA CURRICULAR
CURSO DE FORMAÇÃO DE DOCENTES INTEGRADO
LITERATURA INFANTIL

1 – Ementa

O mundo está passando por uma das maiores transformações de sua história; e nós, dentro dele, vivemos também as nossas. Apesar de sermos do Terceiro Mundo, vivemos sob o influxo das forças que comandam as sociedades mais avançadas, logo os desequilíbrios sociais que definem a realidade brasileira. Em todas as áreas, estudiosos sociais analisam os vários ângulos dos imensos problemas que aí estão à espera de solução.

Em face dessa realidade concreta e desafiante, torna-se cada vez mais urgente uma nova reflexão sobre a Educação e o ensino brasileiro, visto que é nessa área que os novos princípios ordenadores da sociedade serão definidos, equacionados e transmitidos a todos, para que uma nova civilização se construa num amanhã próximo.

Logo, tal predominância pode parecer absurda aos “distraídos” que ainda não descobriram que a verdadeira evolução de um povo se faz ao nível da mente, ao nível da consciência de mundo que cada um vai assimilando desde a infância. Ou ainda não descobriram que o caminho essencial para se chegar a esse nível é a palavra. Ou melhor, é a literatura – verdadeiro microcosmo da vida real, transfigurada em arte.

A Literatura, em especial a Infantil, tem uma tarefa fundamental a cumprir nesta sociedade em transformação: a de servir como agente de formação, seja no espontâneo convívio leitor/livro, seja no diálogo leitor/texto estimulado pela escola. Portanto, é o livro, à palavra escrita, que se atribui a maior responsabilidade na formação da consciência de mundo das crianças e dos jovens, não deixando dúvidas sobre haver qualquer outra forma de ler o mundo dos homens tão eficaz e rica quanto a literatura permite.

Ao estudarmos a história das culturas e o modo como elas foram sendo transmitidas de geração a geração, conclui-se que para compreender e observar o espaço em que vive, os seres e as coisas com que convive, é condição básica do ser humano. Desde que a inteligência humana teve condições para organizar, em conjunto coerente, as formas e situações enfrentadas pelos homens em seu dia a dia, estes foram impelidos a registrar, em algo durável as experiências de vida. A descoberta da arte das cavernas, de 12 a 15 mil anos, feita pelos arqueólogos, mostra, de maneira inequívoca, esse impulso essencial que leva o homem a expressar através de uma forma (realista) suas experiências. Também verifica-se

que a Literatura foi seu principal veículo – da história . Literatura oral ou Literatura escrita foram as principais formas pelas quais recebemos a herança da tradição que nos cabe transformar, tal qual outros fizeram, antes de nós, com os valores herdados e por sua vez renovados.

Sendo assim, a transformação necessária e essencial que se propõe na Literatura Infantil seja o agente ideal para a transformação da nova mentalidade que se faz urgente.

2 – Metodologia

O trabalho com a literatura deve estar incorporado nas práticas cotidianas da sala de aula, visto tratar-se de uma forma específica de conhecimento.

A literatura não é cópia do real, nem puro exercício de linguagem, nem mera fantasia dos sentidos do mundo, da história dos homens e vista de maneira particular de compor o conhecimento. É necessário reconhecer que sua relação com o real é incompleta. Sendo que o plano da realidade pode ser apropriado e transcrito pelo plano do imaginário como instância concretamente formulada pela mediação dos signos verbais.

A literatura não deve ser trabalhada na sala de aula com o pretexto de explorar conteúdos gramaticais e reproduzir histórias através de desenhos e dramatizações. Esse tipo de trabalho empobrece o sentido do texto, podendo ser considerado como desperdício.

A literatura é uma manifestação artística e cultural sendo que através da produção literária conhecemos a visão de mundo do artista. Para entender uma obra literária precisamos compreender o que o autor pensa sobre determinado assunto e quais os recursos simbólicos utilizados por ele para transmitir sua mensagem.

A obra literária é aberta, o aluno torna-se um co- autor à medida que complementa o texto com suas leituras e experiências de vida. Um texto literário pode ser interpretado de várias maneiras devido às experiências de vida que cada um possui.

Compete ao professor selecionar bons livros para leitura, devendo realizar a exploração dos elementos estruturais da narrativa e a relação existente entre conteúdos do texto escrito e as ilustrações. Deve-se despertar o interesse no aluno para que perceba todos os artistas e profissionais envolvidos na produção literária. Cabe também ao professor promover debates, solicitar argumentos e orientar a reflexão.

O trabalho com a literatura infantil está centrado na discussão e reflexão da obra lida ou ouvida. Devemos motivar os alunos a uma leitura prazerosa evitando a reprodução de atividades gramaticais. Trabalhando a literatura infantil através da

exploração do texto em todos os níveis, estaremos mostrando que a literatura ocupa um lugar importante e real na vida da criança.

Assim, serão trabalhados os assuntos: a História e características da Literatura Infantil no Brasil e no mundo; a Literatura Infantil para crianças de 0 a 6 anos: aspectos lúdico e formativo; a importância da Literatura para a aquisição da linguagem oral e escrita; os clássicos infantis e as possibilidades de adaptações e criações através da literatura.

A disciplina Literatura Infantil será trabalhada de forma dialética, através da interação com obras infantis em diversos gêneros literários.

Na prática enfatizar-se-á a dramatização e a confecção de materiais alternativos para a exploração da literatura.

A fundamentação teórico-metodológica embasará todo o trabalho pedagógico da literatura infantil.

3 – Objetivos

- Compreender a importância da Literatura Infantil na formação da criança leitora.
- Reconhecer a importância da Literatura Infantil para aquisição e desenvolvimento da linguagem oral e escrita.
- Perceber o papel da Literatura Infantil em seu aspecto lúdico e formativo em todas as faixas etárias.
- Conhecer as diferentes metodologias que fundamentam as práticas pedagógicas da Literatura Infantil.
- Compreender que a Literatura integra-se às diversas formas de expressão artística.

4 – Conteúdos

1- Contexto histórico da Literatura Infanto-juvenil:

- Concepção de infância
- Importância da Literatura Infantil Juvenil para a aquisição da linguagem oral e escrita
- A linguagem e estilo na Literatura Infantil
- Funções da Literatura Infantil:
 - a- estimular o desenvolvimento do letramento
 - b- preparar o futuro leitor
 - c- despertar o interesse pelo prazer de ler
- Contexto histórico da Literatura Infantil:
- Origem da Literatura Infantil:
 - a - origem remota: Roma e Grécia

b- origem oriental: China, Índia, Pérsia e Arábia

c - contribuição do folclore

- Os clássicos da Literatura e suas épocas:

- Idade Média: séc. XV, XVII e XVIII: Swift (Viagens de Gulliver), Charles Perrault (Chapeuzinho Vermelho), Jacob e Wilhelm Grimm (O sapateiro e os anões), Lewis Carroll (Alice no País das Maravilhas), Condessa de Ségur (Memórias de um burro)

- A Literatura Infantil no Brasil:

- Histórico da Literatura Infantil no Brasil:

a - Literatura através da narrativa oral – o mundo simbólico dos contos de fadas

b- literatura escrita a partir do séc. XIX, seus principais precursores (Alberto Figueiredo Pimentel, Armando Oliveira Barreto, Coelho Neto, Olavo Bilac, Osório Duque Estrada) e iniciadores (Monteiro Lobato, Cecília Meireles, Viriato Correia)

2 - A primeira leitura:

- A leitura na sala de aula
 - A leitura e o espírito crítico
 - Análise crítica do livro literário: o que perceber e o que discutir
 - Intenção literária
 - O que relatar
 - Apreciação crítica:
- Conversar com as crianças sobre o fundamental
- Discutir a história
- Discutir o ritmo
- Discutir o começo e o fim da história
- Discutir os personagens que compõem a história

- Objetos do livro:

- Discutir a capa e a encadernação
- A paginação
- O tipo e tamanho das letras
- Formato dos livros
- A biblioteca
- A biblioteca numa classe
- A gibiteca
- A biblioteca para uso da escola toda
- A biblioteca pública
- A biblioteca particular

3 - Narrativa oral – o mundo simbólico dos contos de fadas:

- A narração da história:
 - A conversa antes da história
 - O contador de histórias - explorando a história
 - Cuidados que contribuem para o êxito da narração
 - A duração da narrativa
 - Como lidar com as interrupções
 - A conversa depois da história
 - Atividades a partir da história:
 - Dramatização
 - Pantomima
 - Desenhos, recortes, modelagens e dobraduras.
 - Criação de textos orais e escritos
 - Brincadeiras
 - Construção de maquetes
 - A música complementa a narrativa

- Formas de apresentação das histórias:
 - Simples narrativa
 - Com livro
 - Com gravuras
 - Com flanelógrafo
 - Com desenhos
 - Com interferência do narrador e dos ouvintes

- Dinâmicas utilizadas na contação de histórias:
 - A criança como protagonista
 - Auto- biografias
 - O boneco contador de história
 - Caixa surpresa
 - Binômio fantástico
 - O cineminha
 - Confecção de livros
 - Dramatização
 - Fantoques
 - Novelo de lã
 - Máscaras

- Marionetes
- Varal poético
- Teatro de sombras
- Teatro de varas
- Conhecer e interpretar as diferentes correntes literárias:
 - Os projetos de Literatura Infantil na escola e o incentivo do professor à Literatura
 - A Literatura Infantil no teatro, no cinema, na música, na televisão.
 - A poesia e a criança

- O mundo simbólico dos contos de fadas:
 - Os Contos de Fadas: origens, imagens e a alma humana
 - A importância dos contos de fadas
 - Pedagogia: a imaginação das crianças
 - A tradição oral e os contos atuais
 - Estudo de um conto
 - Os contos de fadas como instrumento pedagógico
 - Como se faz marionetes
 - Como se encena um conto
 - Como se cria uma atmosfera propícia à escuta do conto
 - Como se conta um conto

4 – A importância do contador de histórias; universo da poesia para crianças: Cecília Meireles e Sidônio Muralha e outros:

- A importância do contador de histórias
 - A importância da história para a criança
 - Escolha da história: Que história contar? Como contar a história?
 - Indicadores que possibilitam a escolha: faixa etária e interesses
 - Contando história para quem não sabe ler
 - História sem texto escrito e suas possibilidades
 - A importância da história sem texto para a criança
 - Estudo da história infantil: estrutura da narrativa
- O universo da poesia para crianças:
 - Como a poesia é considerada
 - Brincando com as palavras - as rimas:
 - a poesia e as sensações
 - a poesia e os sonhos
 - a poesia e as emoções

- a poesia e a vivência infantil
- a poesia narrativa
- a poesia poética
- como trabalhar poesia com as crianças

- Poesias de Cecília Meireles:

- Biografia
- Cronologia
- Contexto
- Crítica
- Obras

- Poesias de Sidônio Muralha:

- Biografia
- Cronologia
- Contexto
- Crítica
- Obras

5 - Monteiro Lobato: realidade e imaginário:

- Monteiro Lobato - o escritor da criança:

- Biografia
- Cronologia
- Contexto
- Crítica
- Obras

- Aspectos morfológicos da obra infanto-juvenil de Monteiro Lobato

- Tipos de obras em Monteiro Lobato:

- recreativa
- didática

6 - A formação do conceito de infância no educador: Lygia Bojunga Nunes; Ana Maria Machado e outros:

- A formação do conceito de infância no educador

- Conceito sobre infância: a criança na sua integralidade
- Infância e produção cultural
- A cultura da infância e a infância na cultura
- As diferentes linguagens: artes plásticas, música, literatura, teatro, cinema, corpo e movimento na educação da criança

- A Literatura Infantil para crianças de 0 a 6 anos: aspectos lúdicos e formativos
- A Literatura nas diversas faixas etárias
- Lygia Bojunga Nunes:
 - Biografia
 - Cronologia
 - Contexto
 - Crítica
 - Obras
- Ana Maria Machado:
 - Biografia
 - Cronologia
 - Contexto
 - Crítica
 - Obras

7 - Natureza: mito poética na infância da humanidade e na infância do homem

- A evolução do mito
- O mito e a literatura
- A narrativa mítica
- O mito na ficção contemporânea:
 - Mielietsky e a poética da mitologização
 - Todorov e a literatura fantástica
- Ressonâncias do mito na literatura contemporânea: Clarice Lispector e a via crucis humana

8 - Os clássicos reinventados e o panorama atual na narrativa e na poesia:

- Clássicos Infantis, possibilidade de adaptações e criações.
- Construção da biblioteca e da gibiteca
- Adaptações, criações e apresentações de obras de literatura infantil com planejamento de atividades em sala de aula a partir de vídeos, livros e textos.

5 – Avaliação

A avaliação se dará através das relações teóricas- práticas estabelecidas, através das quais, o aluno vai demonstrando domínio do conteúdo trabalhado, devendo ser avaliado progressivamente através da sua participação individual, exposição de ideias coerentes, fluência da fala, participação organizada, desembaraço e a consistência argumentativa.

O importante é não perder de vista a função diagnóstica da avaliação, ou seja, ela deve ser usada como subsídio para revisão do processo ensino aprendizagem, como instrumento de diagnóstico do próprio trabalho do professor.

Serão utilizadas diversas estratégias, como: participação ativa em sala de aula, elaboração de atividades, registros escritos, relatórios, mini- aulas, representação teatral e provas bimestrais conforme está previsto no Regimento Interno deste estabelecimento de ensino.

6 – Referências Bibliográficas

- ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Ed. Scipione, 2004
- ASSMAN, J. (org) **Literatura e alfabetização: do plano do choro ao plano da ação**. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- ARROYO, L. **Literatura infantil brasileira**. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1968
- BELINE, A. H. C. **Trabalhando com a descrição**. São Paulo: Ática, 1994.
- BERALDO, A. **Trabalhando com a poesia** . São Paulo: Ática, 1990, v. 1 e 2.
- BORDINI, M. da G. **Poesia infantil**. São Paulo: Ática, 1991.
- CADEMORTONI, L. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- CARVALHO, M. **Guia prático do alfabetizador**. São Paulo: Ática, 1998.
- CASSIRER, E. **Linguagem e mito**. São Paulo: Perspectiva, 1985.
- CIRNE, M. **A explosão criativa dos quadrinhos-**. Petrópolis: Vozes, 1977.
- COELHO, N. N. **O conto de fadas**. São Paulo: Ática, 1991.
- DURAND, G. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- ELIADE, M. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- FARACO, C. A. **Trabalhando com a narrativa**. São Paulo: Ática, 1996.
- KEDE, S. S. **Personagens da literatura infanto-juvenil**. São Paulo: 1994.
- KLEIMAN, A. B. **Oficina de Leitura**. Campinas Ponte/Unicamp, **1993**.
- LAJOLO, M. e ZILBERMAN R.. **Literatura infantil brasileira: história & histórias**. São Paulo: Ática. 1984
- LISPECTOR, C. **O primeiro beijo e outros contos**. São Paulo: Ática, 1997.
- LÉVI-STRAUSS, C. **Antropologia estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- _____. **Antropologia estrutural dois**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993.
- MACHADO, I. A . **Literatura e redução: os gêneros literários e a tradição oral**. São Paulo; Scipione, 1984

MIELIETINSKY, E. M. **A poética do mito**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

PINTO, J. B. **Contos de literatura infantil para os alunos do 3º ano Normal**. São Paulo: FTD, 1967.

ROCCO, M. T. **Literatura/ensino: uma problemática**. São Paulo: Ática, 1995.

SILVA, E. T. da . **A produção literária na escola: pesquisas e propostas**. São Paulo : Ática.

TODOROV, T. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 1975.

YUNES, E. e PONDE, G. **Leitura e leitores da literatura infantil**. São Paulo: FTD, 1989.

**PROPOSTA PEDAGÓGICA CURRICULAR
CURSO DE FORMAÇÃO DE DOCENTES INTEGRADO
METODOLOGIA DO ENSINO DE MATEMÁTICA**

3º Ano

1 – Ementa

A matemática carrega consigo o estereótipo de ser a vilã da história, apropriando-se desse conhecimento às mentes privilegiadas. É ainda considerada a responsável pelo alto índice de reprovações e a mais difícil das disciplinas. Portanto a ciências que deveria subsidiar a resolução dos problemas tornado-se “o grande problema” para os alunos.

Mas porque uma disciplina que está diretamente vinculada à realidade traz marcas tão negativas e contraditórias aqueles que delas não se apropriam?

Seriam superdotados os alunos que compreendem?

Não. Sabemos que o alto índice de retenção por muitos anos deu-se devido à mecanização dos conceitos fundamentais da matemática e a metodologia de trabalho desvinculada da realidade. Portanto é preciso que o ensino dessa disciplina esteja voltado a formação do cidadão que utiliza cada vez mais conceitos matemáticos na sua rotina.

Para que atinja o objetivo colocado anteriormente faz-se necessário trazer o trabalho escolar a realidade, marcada pela crescente presença dessa área do conhecimento nos diversos campos da atividade humana.

A função social do ensino da matemática é o de instrumentalizar o ser humano com o conhecimento que os possibilite resolver seus próprios problemas.

Sendo ela uma ferramenta cultural que deve ser dominada por todos, cabe então a escola fazer acontecer esse domínio, através de um fazer pedagógico que mostre esse conhecimento como historicamente construído, propiciando-se assim uma compreensão mais ampla da trajetória do desenvolvimento dos conteúdos e métodos dessa ciência.

A partir desse repensar da matemática é que se propõe para a formação de docentes das séries iniciais, um encaminhamento teórico-prático dando aos alunos a oportunidade de realizar experiências num trabalho prático e ao mesmo tempo um aprofundamento da matemática, baseando nos conteúdos: contextualização do desenvolvimento histórico da ciência matemática: concepções empíricas, dedutivas, racionais e simbólicas, concepções que nortearam o ensino da matemática no Brasil: perspectivas tradicional e moderna, abordagens metodológicas diferenciadas

para o ensino da matemática: etno matemática, modelagem matemática, resolução de problema, jogos matemáticos, tecnologias, especificidades inter-relações entre os eixos da matemática: números e medidas geométricas, especificidades inter-relações entre os eixos da matemática: números e medidas geométricas, conteúdos específicos por série.

2 – Encaminhamentos Metodológicos

As técnicas em suas diferentes formas e usos constituem um dos principais agentes de transformação da sociedade, pelas implicações que exercem no cotidiano das pessoas.

Estudiosos do tema demonstram que escrita, leitura, visão, audição, criação e aprendizagem, são capturadas por uma informática cada vez mais avançada.

Neste cenário, incorporaremos essa tecnologia em nosso trabalho, apoiado na oralidade e diferentes formas de comunicar e conhecer, utilizando constantemente uma grande diversidade de materiais didáticos, como: o ábaco, os blocos lógicos, os materiais Cusenaire e de Montessori.

Buscando levar os docentes a avançar tecnologicamente, utilizaremos em sala de aula transparências, vídeos, computadores, assim como lançaremos mão de técnicas como trabalhos em grupos, exposição provocativa, leituras e debates de textos, confecção de materiais pedagógicos, oficinas, estudo e análise de livros didáticos das séries iniciais do Ensino Fundamental, e outros recursos que forem oportunos e estiverem disponíveis.

3 – Objetivos

- Confeccionar material didático mediante pesquisa, adequados às séries iniciais do Ensino Fundamental.
- Realizar atividades de docência na própria classe, aplicando os conceitos apropriados bem como realizar atividades de docência em classes de Educação Infantil e séries iniciais.
- Analisar criticamente livros didáticos de matemática das séries iniciais do Ensino Fundamental.
- Compreender a evolução das concepções do processo de ensino da matemática no Brasil.
- Compreender que nas séries iniciais, o ensino da matemática deve ser interdisciplinar e de caráter lúdico.

4 – Conteúdos

1 - Contextualização do desenvolvimento histórico da ciência matemática: concepções empíricas, dedutivas, racionais e simbólicas

- A história da matemática
- Inversão dos números
- Sistema de numeração Egípcio
- Sistema de numeração Mesopotâmia
- Sistema de numeração Romana
- Sistema de numeração das Américas: numeração Maia
- Sistema de numeração Chinesa: varetas
- Sistema de numeração Árábica

- Concepções que nortearam o ensino matemático:

- O que é matemática?
- Para que serve a matemática?
- O que ensinar em matemática?
- Como ensinar matemática?
- O uso de materiais na construção dos conceitos matemáticos

2 - Concepções de Ciência e de Conhecimento Matemático das Escolas Tradicional, Nova, Tecnicista, Construtivismo e Pedagogia Histórico-Crítica:

- Concepção de Ciência e de Conhecimento Matemático na:

Escola Tradicional

- As origens na universidade portuguesa
- As escolas jesuítas no Brasil e a reforma da universidade de Coimbra em 1772
- A chegada de D. João ao Brasil: a fundação da academia real militar em 1810
- As tentativas de fundação de universidades no Brasil
- Uma caracterização do meio intelectual do Brasil - século XVIII
- As teses sobre matemática apresentadas a partir da escola militar da corte
- As descobertas matemáticas contribuíram para uma fase de grande progresso científico e econômico aplicado na construção, aperfeiçoamento e uso produtivo de máquinas e equipamentos, tais como, armas de fogo, imprensa, moinhos de vento, relógios e embarcações
- O ensino da Matemática no preparo dos jovens ao exercício de atividades ligadas ao comércio, arquitetura, música, geografia, astronomia, artes da navegação, da medicina e da guerra

Escola Nova:

- O desenvolvimento da matemática no Brasil, na década de 1930
- Início dos anos de 1930: criação da primeira lei nacional de ensino (Reforma Francisco Campos) com um currículo para todo o Brasil
- Caracterização pela primeira vez no país, da disciplina única denominada Matemática, resultado da fusão dos ramos independentes aritmética (álgebra e geometria que constituíam, até então, disciplinas independentes)
- A caracterização da Matemática como disciplina escolar deu início à tarefa de transferir para a prática docente os ideais e exigências advindos das revoluções do século anterior.

Escola Tecnicista:

- Início de um movimento de renovação do ensino da Matemática
- Fundamentação não somente nas teorias matemáticas mas em estudos psicológicos, filosóficos e sociológicos
- Ensino de matemática ligado ao desenvolvimento científico e tecnológico
- Primeiras discussões sobre Educação Matemática

Escola Construtivista

- A tendência construtivista surgiu no Brasil a partir das décadas de 1960 e 1970, e se estabeleceu como meio favorável para discutir o ensino da Matemática na década de 1980
- O conhecimento matemático resultava de ações interativas e reflexivas dos estudantes no ambiente ou nas atividades pedagógicas
- A Matemática vista como uma construção constituída por estruturas e relações abstratas entre formas e grandezas. Por esse motivo, o construtivismo dava mais ênfase ao processo e menos ao produto do conhecimento
- A interação entre os estudantes e o professor era valorizada e o espaço de produção individual se traduzia como um momento de interiorização das ações e reflexões realizadas coletivamente
- A Psicologia era o núcleo central da orientação pedagógica

Escola Histórico-Crítica

- Concepção da Matemática como um saber vivo, dinâmico, construído historicamente para atender às necessidades sociais e teóricas
- A aprendizagem da Matemática não consiste apenas em desenvolver habilidades, como calcular e resolver problemas ou fixar conceitos pela memorização ou listas de exercícios

- Criação de estratégias que possibilitem ao aluno atribuir sentido e construir significado às idéias matemáticas
- Capacidade de estabelecer relações, justificar, analisar, discutir e criar
- A ação do professor é articular o processo pedagógico, a visão de mundo do aluno, suas opções diante da vida, da história e do cotidiano
- O auge das discussões da tendência histórico-crítica aconteceu num momento de abertura política no país, na década de 1980

3 - Pressupostos teórico-metodológicos do ensino e aprendizagem de Matemática e/ou Tendências em Educação Matemática: Conceitos Matemáticos, Linguagem Matemática e suas Representações, Cálculos e/ou Algoritmos, Resolução de Problemas, Etnomatemática, Modelagem Matemática, Alfabetização Tecnológica, História da Matemática, Jogos e Desafios (de acordo com as orientações curriculares de matemática-texto):

- Pressupostos teórico-metodológicos do ensino e aprendizagem de Matemática e/ou Tendências em Educação Matemática
- Conceitos Matemáticos
- Linguagem Matemática e suas Representações
- Cálculos e/ou Algoritmos
- Resolução de Problemas
- História dos problemas
- Etnomatemática
- Modelagem Matemática
- Alfabetização Tecnológica
- História da Matemática
- Jogos e Desafios

4 - Especificidades inter-relações entre os eixos da matemática - números e medidas geométricas:

- No eixo temáticos números e operações são trabalhados:
 - O conceito de número, resgatando sua construção cultural, o desenvolvimento da construção dos algarismos e suas funcionalidades..
 - Sistema de numerações
 - Sistema de numeração decimal: regras para formação do número; ordem, classe que compõem o número; leitura e escrita do número; comparação do número; ordenação dos números

- Nas operações com números naturais devem ser trabalhadas: estruturas aditivas; estruturas multiplicativas; propriedades da adição e multiplicação; múltiplos e divisores
- Números inteiros e relativos: noções; construções; módulo; comparação; operações com números inteiros (adição, subtração, divisão, multiplicação)

5 - Especificidades inter-relações entre os eixos da matemática - números e medidas geométricas:

- Forma fracionária:
 - Noção e construção de fração
 - Elemento e leitura de fração Classe de equivalência de fração
 - Comparação de frações
 - Operações com números fracionários (adição, subtração, multiplicação e divisão)
- Forma decimal:
 - Noção e construção
 - Elemento e leitura
 - Comparações
 - Operações com números decimais (adição, subtração, multiplicação e divisão)
- No eixo temático medidas e grandeza são trabalhados:
 - Medidas do tempo
 - Medidas de massa
 - Medidas de comprimento
 - Medidas de superfície
 - Medidas de volume
 - Medidas de capacidade
 - Medidas de valor
- No eixo temático espaço e forma são trabalhados:
 - Forma geométrica;
 - Classificação dos sólidos geométricos e das figuras plana
 - Semelhanças e diferenças entre os sólidos geométricos
 - Noções de ângulo, paralelismo e perpendicularismo.
 - Construção dos sólidos geométricos

6 - Conteúdos específicos por série:

- Elaboração e aplicação de planos de aula com os conteúdos acima trabalhados
- Utilização dos recursos matemáticos tais como: ábaco, caixa valor lugar, tangran, blocos lógicos, material dourado, material Cuisenaire

7 – Avaliação da aprendizagem:

- Análise dos critérios de avaliação de Matemática para o 1º ciclo:
 - Resolução de situações–problemas que envolvam contagem e medida, significados das operações e seleção de procedimentos de cálculo;
 - Leitura e escrita de números, utilizando conhecimentos sobre a escrita posicional;
 - Comparação e ordenação de quantidades que expressem grandezas familiares aos alunos, interpretando e expressando os resultados da comparação e da ordenação;
 - Medição através da utilização de procedimentos pessoais, unidades de medida não-convencionais ou convencionais (dependendo da familiaridade) e instrumentos disponíveis e conhecidos;
 - Localização da posição de uma pessoa ou um objeto no espaço e identificação das características das formas dos objetos.
- Análise dos critérios de avaliação de Matemática para o 2º ciclo:
 - Resolução de situações-problemas que envolvam contagem, medidas, os significados das operações, utilizando estratégias pessoais de resolução e seleção de procedimentos de cálculo;
 - Leitura e escrita de números naturais e racionais, ordenando números naturais e racionais na forma decimal, pela interpretação do valor posicional de cada uma das ordens;
 - Realização de cálculos, mentalmente e por escrito, envolvendo números naturais e racionais (apenas na representação decimal), comprovando os resultados, por meio de estratégias de verificação;
 - Medição e elaboração de estimativas sobre medidas, utilizando unidades e instrumentos de medida mais usuais que melhor se ajustem à natureza da medição realizada;
 - Interpretação e construção de representações espaciais (croquis, itinerários, maquetes), utilizando-se de elementos de referência e estabelecendo relações entre eles;
 - Reconhecimento e descrição de formas geométricas tridimensionais e bidimensionais;
 - Recolhimento de dados sobre fatos e fenômenos do cotidiano, utilizando procedimentos de organização, e expressar o resultado utilizando tabelas e gráficos.

5 – Avaliação

A avaliação será de caráter investigativo e diagnóstico, ocorrendo de maneira formal e informal.

A avaliação formal será através de trabalhos, pesquisas, confecção de materiais, mini- aulas, trabalhos em grupos e avaliações convencionais.

A avaliação informal será através de observações diárias do desempenho na realização da demonstração de responsabilidade no cumprimento das atividades propostas, considerando- se os aspectos formativos do ser humano.

Quanto ao aspecto formal e legal da avaliação, será respeitado o que determina o Regimento Escolar deste estabelecimento.

6 – Referências Bibliográficas

ALTHUSSER, L. **Sobre a reprodução**. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

ALVES, G. A. **A produção da escola pública contemporânea**. Campinas, 1998. Tese (Doutorado).

ALVES, J. **Educação matemática & exclusão social**. Brasília: Plano, 2002.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2004.

BARRETO, E. S. de S. (org.) **Os currículos do ensino fundamental para as escolas brasileiras**. Campinas: Autores Associados/Fundação Getúlio Vargas, 1998.

BICUDO, M. A. V. (org.) **Educação matemática**. São Paulo: Moraes, s.d.

_____. **Pesquisa em educação matemática: concepções e perspectivas**, São Paulo: Unesp, 1999.

_____. **A história da matemática: questões historiográficas e políticas e reflexos na educação matemática**. São Paulo: UNESP, 1999.

BRANDÃO, C. R. **LDB: passo a passo: lei de diretrizes e bases da educação nacional (Lei nº 9394/96), comentada e interpretada artigo por artigo**. São Paulo: Avercamp, 2003.

_____. **O que é educação?** São Paulo: Brasiliense, 1986.

BRITO, M. R. F. de. (org.) **Psicologia da educação matemática: teoria e pesquisa**. Florianópolis: Insular, 2001.

CAMBI, F. **História da pedagogia**. São Paulo: UNESP, 1999.

CAMPOS, T. M. M.; NUNES, T. **Tendências atuais do ensino e aprendizagem da matemática**. Brasília: UnB, 1994.

CANDAU, V. M. (org.) **Didática, currículo e saberes escolares**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

_____. **A Didática em questão**. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

CARAÇA, B. J. **Conceitos fundamentais da matemática**. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1984.

CARRAHER, T. et alii. **Na vida dez, na escola zero**. São Paulo: Cortez, 1988.

CARVALHO, D. L. de. **Metodologia do ensino da matemática**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

CHEVALLARD, Y. **Estudar matemáticas: o elo perdido entre o ensino e a aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

COMENIUS. **Didática magna**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

CONDORCET, M. J. N. C. **Matemáticas y sociedad**. México: Fondo de Cultura Económica, 1990.

D'AMBROSIO, U. **A história da matemática: questões historiográficas e políticas e reflexos na educação matemática**. São Paulo: UNESP, 1999.

_____. **Educação matemática: da teoria à prática**. Campinas: Papirus, 1996.

_____. História da matemática e educação. **Caderno CEDES**, Campinas, n. 40, p. 7-17, 1996.

_____. **A era da consciência**. São Paulo: Peirópolis, 1997.

_____. **Da realidade à ação: reflexões sobre educação e matemática**. Campinas: Summus, 1986.

_____. **Educação para uma sociedade em transição**. Campinas: Papirus, 1999.

_____. **Etnomatemática: elo entre as tradições e a modernidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

D'AUGUSTINE, C. H. **Métodos Modernos para o ensino da matemática**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico S.A., 1970.

DAVIS, P. J.; HERSH, R. **A experiência matemática**. Rio de Janeiro: Alves, 1989.

DUARTE, N. (org.). **Sobre o construtivismo, construtivismo piagetiano: considerações críticas à concepção de sujeito e objeto**. Campinas: Autores Associados, 2000.

_____. **A individualidade para - si: contribuições a uma teoria histórico - social da formação do indivíduo**. Campinas: Autores Associados, 1999.

_____. **Vigotski e o “aprender a aprender”**: crítica às apropriações neoliberais e pós - modernas da teoria vigotskiana. Campinas: Autores Associados, s.d.

FIORENTINI, D. **Rumos da pesquisa brasileira em educação matemática: o caso da produção científica em cursos de pós-graduação**. Campinas, 1994. Universidade Estadual de Campinas. Tese (Doutorado).

FIORENTINI, D.; MIORIN, M. A. **Por trás da porta, que matemática acontece?** Campinas: Unicamp, 2001.

FRANCHI, A. **Considerações sobre a teoria dos campos conceituais. Educação matemática: uma introdução**. São Paulo: EDUC, 1999.

GENTILI, P. (org.). **Pedagogia da exclusão: crítica ao neoliberalismo em educação**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

GIARDINETTO, J. R. B. **Matemática escolar e matemática da vida cotidiana**. Campinas: Autores Associados, 1999.

GOLDDDFARB, A. M. A. **História da ciência**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

GUEVARA, A. J. de H.; HÖEFFEL, J. L.; VIANA, R.M.; D'AMBRÓSIO, U. **Conhecimento, cidadania e meio ambiente**. Petrópolis: Vozes, 1998. v. 2.

HALMENSCHLAGER, V. L. da S. **Etnomatemática: uma experiência educacional**. São Paulo: Summus, 2001.

HOGBEN, L. **Maravilhas da matemática: influência e função da matemática nos conhecimentos humanos**. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1970.

KAMIL, C. **A criança e o número**. Campinas: Papyrus, 1987.

KLEIN, L. R. **Alfabetização: quem tem medo de ensinar?**. São Paulo: Cortez, 1997.

_____. **Uma leitura de Piaget sob a perspectiva histórica**, 1996. Tese (Doutorado) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

KLINE, M. **O fracasso da matemática moderna**. São Paulo: Ibrasa, 1976.

KRULIK, S.; REYS, R. E. (org.) **A resolução de problemas na matemática escolar**. São Paulo: Atual, 1997.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 2000.

LIMA, E. L. et al. **A matemática do ensino médio**. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Matemática, 1998.

LINS, R. C. I.; GIMENEZ, J. **Perspectiva em aritmética e álgebra para o século XXI**. Campinas: Papyrus/SBEM, 1997.

LOPES, E. M. T.(org.) **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LORENZATO, S.; FIORENTINI, D. **Iniciação à investigação em educação matemática**. Campinas: CEMPEM/COPEMA, 1999.

LUNGARZO, C. **O que é matemática?** São Paulo: Brasiliense, 1989.

LURIA, A. R. **Curso de psicologia geral**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1993 . v.1.

_____. **Pensamento e linguagem**: as últimas conferências de Luria. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

MACHADO, N. J. **Matemática e realidade**. São Paulo: Cortez, 1987.

_____. **Matemática e Realidade**. São Paulo: Cortez, 1989

_____. **Epistemologia e didática**: as concepções de conhecimento e inteligência e a prática docente. São Paulo: Cortez, 1999.

_____. **Educação matemática**: uma introdução. São Paulo: EDUC, 1999.

MARX, K. Cartas: Marx a P. V. Annenkov. In: MARX, K.; ENGELS, F. **Obras escolhidas**. São Paulo: Alfa-Ômega, s. d. v. 3.

MARX, K. e ENGELS, F. **A ideologia alemã (Feuerbach)**. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

MICOTTI, M. C. de O. **O ensino e as propostas pedagógicas. Pesquisa em educação matemática**: concepções & perspectivas. São Paulo: UNESP, 1999.

MIGUEL, A. **Três estudos sobre história e educação matemática**. Campinas, 1993. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas.

MIGUEL, A.& MIORIN, A. M. **O ensino da matemática no 1º grau**. Projeto Magistério. São Paulo: Atual, 1986.

MIORIN, M. A. **Introdução à história da educação matemática**. São Paulo: Atual, 1998.

MOYSÉS, L. **Aplicações de Vygotsky à educação matemática**. Campinas: Papyrus, 1997.

OTTE, M. **O formal, o social e o subjetivo**: uma introdução à filosofia e à didática da matemática. São Paulo: UNESP, 1999.

PAIS, L. C. **Didática da matemática**: uma análise da influência francesa. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

PEREIRA, C. P. da. **A matemática no Brasil: uma história do seu desenvolvimento.** São Leopoldo: Unisinos, 1999.

_____. **O que é teoria.** 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PIAGET, J. **Epistemologia genética.** São Paulo: Martins Fontes, 2002.

PILETTI, N. **Psicologia educacional.** São Paulo: Ática, 1997.

PIRES, C. M. C. **Currículos de matemática: da organização linear à idéia de rede.** São Paulo: FTD, 2000.

POLYA, G. **A arte de resolver problemas.** Rio de Janeiro: Interciência, 1995

POZO, J. I. (org.) **A solução de problemas: aprender a resolver, resolver para aprender.** Porto Alegre: Artmed, 1998.

SAVIANI, D. **Escola e democracia.** 9. ed. São Paulo: Cortez, 1983.

_____. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações.** Campinas: Autores Associados, 1997.

SCHAFF, A. **A sociedade informática.** São Paulo: UNESP /Brasiliense, 1990.

SCHEFFER, N. F. Modelagem matemática: uma abordagem para o ensino-aprendizagem da matemática. **Educação Matemática em Revista.** Porto Alegre, v. 1. p. 11-15, jun. 1999.

SCHLIEMANN, A.; CARRAHER, D. **A compreensão de conceitos aritméticos: ensino e pesquisa.** Campinas: Papyrus, 1998.

SILVA, C .P. da. **A matemática no Brasil: uma história de seu desenvolvimento.** 2. ed. São Leopoldo: UNISINOS, 1999.

SKOVSMOSE, O. **Educação matemática crítica: a questão da democracia.** Campinas: Papyrus, 2001.

TAHAN, M. **Didática da matemática.** São Paulo: Saraiva, 1962. v. 2.

TOLEDO, M. & TOLEDO, M. **Didática de Matemática: como dois e dois: a construção matemática.** São Paulo: FTD,1997.

VALENTE, W. R. **Uma história da matemática no Brasil.** São Paulo: Annablume-FAPESP, 1999.

VASCONCELLOS, C. dos S. **Avaliação da aprendizagem: práticas de mudança: por uma práxis transformadora.** São Paulo: Libertad, 1998.

_____. **Construção do conhecimento em sala de aula.** São Paulo: Libertad, 2002.

_____. **Disciplina, escola e contemporaneidade.** São Paulo: Mackenzie, 2001.

VÁSQUEZ, A. S. **Filosofia da práxis.** 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

VERGANI, T. **Educação etnomatemática: o que é?**. Lisboa: Pandora, 2000.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **Pensamento e linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1993.

WACHOWICZ, L. A. **O método dialético na didática.** Campinas: Papirus, 1995.

PROPOSTA PEDAGÓGICA CURRICULAR
CURSO DE FORMAÇÃO DE DOCENTES INTEGRADO
METODOLOGIA DO ENSINO DE PORTUGUÊS/ ALFABETIZAÇÃO

3º e 4º Ano

1 – Ementa

A Língua Portuguesa passou a integrar os currículos escolares brasileiros somente nas últimas décadas do século XIX. A preocupação com a formação do professor dessa disciplina teve início apenas nos anos 30 do século XX.

Depois de institucionalizada como disciplina, as primeiras práticas de ensino moldavam-se ao ensino do Latim, para os poucos que tinha acesso a uma escolarização mais prolongada.

A partir dos anos 80, os estudos linguísticos mobilizaram os professores para a discussão e o repensar sobre o ensino da língua materna e para a reflexão sobre o trabalho realizado nas salas de aula. A ideia do letramento ou níveis de analfabetismo, a partir da década de 80, trouxe uma mudança conceitual que colocou por terra a simples distinção entre alfabetizados e analfabetos. O contexto histórico e social impôs ao cidadão a necessidade de ir além da mera capacidade de codificar e decodificar: é necessário atingir capacidades linguísticas que lhe permitam exercer as práticas de leitura e escrita dos diferentes gêneros textuais que circulam no seu meio social, associando-as ou dissociando-as das práticas sociais de oralidade.

O futuro professor precisa entender a leitura e a escrita como atividades sociais significativas, sustentando-se, por conseguinte, em atividades pedagógicas que envolvem o uso da língua em situações reais, através de textos significativos e contextualizados.

A prática pedagógica na Língua Portuguesa deve levar em consideração três grandes eixos: compreensão da função social da leitura e da escrita; aquisição da leitura e da escrita, domínio do sistema gráfico.

Estes eixos não significam etapas sucessivas; deverão constituir-se num trabalho distinto, mas não disjunto.

Desta forma o trabalho metodológico em Língua Portuguesa deverá garantir quatro práticas fundamentais: leitura e interpretação, produção de textos orais e escritos, análise linguística, atividades de sistematização para o domínio do código.

2 – Encaminhamentos Metodológicos

A área de ensino da linguagem oral e escrita apresenta algumas particularidades pois é uma área na qual ocorreram nos últimos anos, profundas mudanças em decorrência dos novos conceitos e resultados de pesquisas sobre aprendizagem e também da reflexão sobre a importância do papel que ela desempenha na cultura e na educação. Essas mudanças suscitam uma série de transformações no campo da formação dos professores como: a estruturação de um conhecimento mais formal e teórico para que os docentes se atualizem e adquiram mais conhecimentos diversificados e a necessidade de desenvolver esse conhecimento no contexto menos formal da prática na sala de aula.

Se considerarmos a alfabetização na perspectiva do que a escrita representa de seus valores e usos sociais, bem como a compreensão da estrutura desse sistema de representação, então o trabalho de alfabetização estará direcionado para um ensino que permita à criança compreender, desde o início a função social da escrita, e dela faça uso efetivo construindo-se como leitor e escritor.

O que se defende é a necessidade de a escola compreender que a variabilidade na escrita diz respeito tanto às suas condições de produção, recepção e circulação quanto à compreensão dessas condições pelos sujeitos. Essa é, também, uma forma de considerar aquilo que o aluno já sabe, em função de sua experiência prévia, como conhecimento relevante.

E se essa tarefa é concebida como uma daquelas que a escola deve assumir, então será possível que se procurem caminhos para um trabalho em que se alterem efetivamente as imagens que se tem acerca do que seja estar inserido no mundo da escrita, o que, certamente, dará margem a ações mais pontuais em relação a uma série de outros desafios.

O interesse na questão leva-os, também, a refletir sobre quais seriam as práticas de ensino/aprendizagem que possibilitariam que ao aluno sejam dadas oportunidades de, mais do que conhecer o código, introduzir a palavra escrita em sua vida, em diferentes situações de interação; em outras palavras, os professores, cada vez mais, mostram-se preocupados em possibilitar que o aluno recorra à tecnologia da escrita segundo suas necessidades comunicativas, as quais podem ser ampliadas como resultado de um contato cada vez mais intenso com a escrita.

Do ponto de vista dos estudos lingüísticos e particularmente daqueles que refletem sobre o processo de aquisição e desenvolvimento da língua e da linguagem, a noção de competência é crucial para explicar os caminhos pelos quais o sujeito aprende a usar a linguagem e a se constituir enquanto tal. Dessa perspectiva, a competência comunicativa pode ser considerada como a capacidade

de interagir em diferentes situações de interação e, portanto, de produzir/receber textos.

Essa capacidade engloba pelo menos três grandes sistemas de conhecimento que são: **conhecimentos linguísticos**: saberes acerca das regras de funcionamento da língua, no nível fonológico, morfológico, sintático e semântico; **textuais- pragmáticos**: saberes relativos aos gêneros e tipos textuais, tanto em relação à sua configuração usual quanto a seu funcionamento em diferentes instituições e situações de interação, bem como no que respeita a normas de uso da língua nas práticas comunicativas das quais emergem os textos; **conhecimentos referenciais**: em outras palavras saberes sobre o mundo.

Estes eixos são trabalhados com os seguintes conteúdos: evolução das concepções do processo de alfabetização no Brasil, situação atual e perspectivas; concepção de língua, linguagem e de alfabetização; fatores sociolinguísticos que interferem na aprendizagem da leitura e da escrita; aspectos políticos e ideológicos do processo de alfabetização; encaminhamento metodológico pela leitura, a produção de textos; análise linguística, a reescrita de textos e a avaliação; os eixos que norteiam o ensino de português pela prática de leitura, prática de produção de textos e análise e reflexão sobre a língua; conteúdos de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental e análises de livros didáticos (confecção de materiais didáticos para alfabetização); planejamento, elaboração e aplicação de planos de aula sobre: produção de texto e gramática estrutural contextualizada.

Será utilizada a dialética de construção do conhecimento em sala de aula, tendo em vista estratégias de ação que permitam desenvolver os conteúdos de maneira analítica, crítica e contextualizada, permitindo a diversificação de atividades e encaminhamentos, oportunizando aos alunos, uma construção sólida dos conhecimentos necessários para o exercício da docência.

Para tanto serão utilizados recursos metodológicos diversificados como: exposição dialogada do conteúdo, exposição provocativa, planejamento de situações práticas, dinâmicas de grupo, pesquisas, análises de textos infantis, trabalhos em grupo, seminários e outros recursos metodológicos que forem oportunos e estiverem disponíveis.

3 – Objetivos

- Experimentar na prática o que será vivenciado no cotidiano de um professor.
- Conhecer as diferentes formas de linguagem escrita, através da produção e análise de diferentes tipos de textos.
- Buscar alternativas criativas e inovadoras ampliando seus conhecimentos em relação à sua prática pedagógica.

- Discernir sobre a postura adequada e inadequada do professor em sala de aula diferenciando os aspectos de como ensinar, a quem ensinar, o que ensinar, quando ensinar e por que ensinar.

4 – Conteúdos

3º Ano

1 - A leitura e a escrita como atividades sociais significativas

- Linguagem e sociedade
- Concepção de linguagem
- Concepção de ensino e de aprendizagem
- A escrita como um processo histórico social: importância, usos e práticas sociais da escrita
- Reflexões sobre a história da escrita na história da humanidade
- Fases pictográfica, ideográfica, alfabética
- Contribuições teóricas referentes à alfabetização: Vocabulário infantil, Pensamento e linguagem / literatura infantil e o desenvolvimento de pesquisa na área de aprendizagem da leitura e da escrita

2 - A atuação do professor de Língua e Alfabetização: pressupostos teórico-práticos

- Políticas de valorização do professor
- O professor e sua formação
- O professor leitor
- O professor e as práticas docentes multidisciplinares
- O professor e a formação cultural

3 - As contribuições das diferentes Ciências (História, Filosofia, Psicologia, Pedagogia, Linguística, Psicolinguística, Sociolinguística) na formação do professor de Língua Portuguesa e Alfabetização

- Métodos de alfabetização, suas limitações e consequências:
 - Diferentes Métodos de Alfabetização utilizados nas diferentes idades: Sintético, Analítico, Eclético ou Misto
 - Alfabetização a partir do texto, da frase e palavra
- Análise crítica dos diferentes Programas de Alfabetização desenvolvidos no Brasil:
 - Histórico do Mobral, Alfabetização Solidária, Correção de Fluxo, Brasil Alfabetizado, Paraná Alfabetizado, Aceleração de Estudos e outros.
 - Contribuição de Paulo Freire no processo de alfabetização de jovens e adultos

- Análise crítica dos processos de alfabetização

4º Ano

1 - Estudo e análise crítica dos diferentes processos de Ensino da Língua Portuguesa, da Alfabetização e do Letramento

- Teorias sobre a aquisição do conhecimento e sobre a aquisição da leitura e da escrita
- O trabalho de Vygotsky e Luria no desenvolvimento
- Fatores psico-sociolinguísticos que interferem na aprendizagem da leitura e da escrita
- Hipóteses infantis sobre a construção da escrita
- A pesquisa de Ferreiro e Teberosky
- Os níveis conceptuais lingüísticos:
 - Nível 1 - pré-silábico: (fases pictórica, gráfica primitiva e pré-silábica) - o desenvolvimento da leitura e escrita; a aquisição da linguagem oral e escrita
 - Nível 2 - intermediário 1: o desenvolvimento da leitura e escrita; a aquisição da linguagem oral e escrita
 - Nível 3 - silábico: o desenvolvimento da leitura e escrita; a aquisição da linguagem oral e escrita
 - Nível 4 - intermediário II ou silábico-alfabético: o desenvolvimento da leitura e escrita; a aquisição da linguagem oral e escrita
 - Nível 5 - alfabético: o desenvolvimento da leitura e escrita; a aquisição da linguagem oral e escrita
- Concepção de língua, linguagem e de alfabetização
 - Evolução das concepções do processo de alfabetização no Brasil
 - Aspectos políticos e ideológicos do processo de alfabetização
 - Linguagem como interação e prática pedagógica: função cognitiva, função comunicativa e função reguladora
 - Noções básicas e fonéticas
- A linguística e o ensino de português
 - Concepção da variação linguística
 - A realidade linguística da criança
 - A escola e a variação linguística
 - Como é estabelecido o dialeto padrão
- Leitura, Escrita e Literatura.
 - A história da escrita
 - Concepção de linguagem escrita

- Concepção e aquisição de leitura e escrita pela criança e pelo adulto
- Características do sistema gráfico da Língua Portuguesa
- O processo de letramento escolar
- Modelos de letramento e funções sociais da escrita
- Iniciação a leitura: o que é ler
- Tipos de leitura
- Análise crítica dos conteúdos de Língua Portuguesa no 1º. Ciclo do Ensino Fundamental
- Análise crítica de materiais didáticos de alfabetização e Língua Portuguesa (livros didáticos)
- Análise crítica dos PCNs e dos RCNEI
- Confecção de materiais didáticos para alfabetização
- Planejamento, elaboração e aplicação de planos de aula sobre: produção de texto e gramática estrutural contextualizada.
- Avaliação da aprendizagem

2 - Considerações teórico-metodológicas para a prática pedagógica de Alfabetização e Letramento

- Leitura, escrita e literatura:
 - Concepção de alfabetização e letramento
 - O processo de letramento escolar
 - Como alfabetizar letrado
 - Conceito de leitura: o que é ler
 - Iniciação à leitura
 - Oralidade e comunicação: a escola e o desenvolvimento da linguagem oral
 - Tipos de leitura
 - Leitura e interpretação
- A atualidade do trabalho de Celestin Freinet:
 - A produção de texto livre e espontâneo (Freinet)
 - O ensino da escrita como uma arte
- Programas e projetos de alfabetização atuais
- A persistência de dilemas como: prontidão para alfabetização e cartilhas de alfabetização
- As cartilhas e sua ideologia-grande negócio
- Encaminhamento Metodológico: a leitura, a produção e análise linguística de textos:
 - Conceito de texto e de escrita
 - Procedimentos metodológicos
 - Atividades de sistematização para o domínio do código

- A produção, reestruturação e reescrita de textos
- A leitura
- A produção e análise linguística de textos
- Análise de textos
- Análise linguística de textos impressos
- Adequação do texto
- Interlocutor do texto (criança, adulto, autoridade)
- Intenção (divertir, convencer, instruir)
- A situação (maior ou menor rigor na forma)
- Gênero (características particulares)
- Estrutura do texto
- Clareza (não há falta de informação, ambiguidade?)
- Coerência (não há contradições?)
- Coesão (as partes estão amarradas com os recursos coesivos adequados?)
- Discurso (direto ou indireto, foram empregados segundo a convenção)
- Problemas sintáticos do texto
- Concordância verbal
- Concordância nominal
- Regências
- Problemas morfológicos
- Vocabulário adequado
- Ortografia
- Acentuação gráfica
- Padrões silábicos da língua (mudança de linha)
- Apresentação da redação
- Letra legível
- Disposição adequada na folha de papel
- Limpeza
- Tipologia Textual e funções da linguagem:
- Os diferentes tipos de textos: descritivos, narrativos, dissertativos, jornalísticos, cartas, bilhetes, anúncio, aviso e propaganda.
- Processo de avaliação: uma visão construtiva do erro
- Subsídios para a avaliação da produção textual
- Estrutura do texto:
 - Clareza (não há falta de informação, ambiguidade?)
 - Coerência (não há contradições?)
 - Coesão (as partes estão amarradas com os recursos coesivos adequados?)
 - Discurso (direto ou indireto, foram empregados segundo a convenção)

- Problemas sintáticos do texto:
 - Concordância verbal
 - Concordância nominal
 - Regências
- Problemas morfológicos:
 - Vocabulário adequado
 - Ortografia
 - Acentuação gráfica
 - Participação silábica convencional na mudança de linha
- Apresentação da redação:
 - Letra legível
 - Disposição adequada na folha de papel
 - Limpeza
 - Observação das normas de organização textual e domínio de escrita e critérios
 - Definição clara dos argumentos que foram selecionados (a organização textual e o domínio de escrita)
 - Explicitação de sua opinião (contra/favor) em relação aos argumentos selecionados (observar se a opinião a ser expressa deve ser feita sempre em relação a argumentos utilizados)
 - Apresentação com clareza da ideia central explicitada pelo autor do texto de referência, tomando o cuidado de não incluir posicionamento pessoal
- O papel da escola como promotora de alfabetização e letramento
- Conteúdos de Língua Portuguesa no 2º. Ciclo do Ensino Fundamental
- Análises de livros didáticos:
 - Confecção de materiais didáticos para alfabetização
 - Planejamento, elaboração e aplicação de planos de aula sobre: produção de texto e gramática estrutural contextualizada

5 – Avaliação

Terá caráter investigativo e de diagnóstico ocorrendo de maneira formal e informal.

A avaliação formal dar-se-á através de instrumentos como: elaboração de trabalhos de pesquisa e de sínteses quando se tratar de conteúdos de caráter teórico tanto individuais quanto em grupos; relatórios, análise e produção de textos, testes formais objetivos e subjetivos.

Já a avaliação informal se utilizará de observações diárias em que se manifestam as atitudes, o desempenho na realização das atividades propostas levando-se em consideração os aspectos de formação integral do ser humano como

a participação, o comprometimento, a assiduidade, a responsabilidade, a produtividade, o relacionamento com os colegas e professores.

O processo de avaliação seguirá o que está exposto no Regimento Escolar.

6 – Referências Bibliográficas

ABRAMOVICH, F. **O estranho mundo que se mostra às crianças**. São Paulo, Summus, 1983.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1988.

BASTOS, L. K.; MATTOS, M. A. A de. **A produção escrita e a gramática**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1992.

BETTELHEIM, B. **A Psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

BETTELHEIM, B. ; ZELAN, K. **Psicanálise da alfabetização**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

BRAGGIO, S. L. B. **Leitura e alfabetização: da concepção mecanicista à sociopsicolinguística**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 1995.

_____. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 1993.

CHARTIER, A. M. et al. **Ler e escrever: entrando no mundo da escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

_____. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Unesp, 1997.

COLOMER, T.; AMPS, A. **Ensinar a ler, ensinar a compreender**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

COOK, G. J. Alfabetização e escolarização: uma equação imutável? In: COOK, G. J (org.) **A construção social da alfabetização**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1991.

FARACO, C. A. e outros . **Uma introdução a Bakhtin**. Curitiba, Hatier, 1988.

FERREIRO, E. **Reflexão sobre alfabetização** São Paulo: Cortez, 1988

_____. **Alfabetização em processo**. São Paulo: Cortez, 1986.

_____. **Reflexões sobre a alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1992.

FRANCHI, E. **A pedagogia da alfabetização da oralidade à escrita**. São Paulo: Cortez, 1991.

_____. **Pedagogia da alfabetização: da oralidade à escrita.** São Paulo: Cortez, 1995.

FREGONEZI, E. D. **Elementos de Ensino da Língua Portuguesa.** Editora Arte e Ciência, 1999

FREIRE, P. **A importância do ato de ler.** São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1982.

GERALDI, J. W. (org). **O texto na sala de aula leitura e produção.** Campinas, Assoeste, 1984.

_____. **Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação.** Campinas: Mercado das Letras, 1996.

GRAFF, H. J. **Os labirintos da alfabetização: reflexões sobre o passado e o presente na alfabetização.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

JOLIBERT, J. et al. . **Formando crianças leitoras.** Porto Alegre: Artes Médicas: 1994.

KATO, M. **O aprendizado da leitura.** São Paulo Martins Fontes, 1985.

_____. **O aprendizado da leitura.** São Paulo: Martins Fontes, 1990.

KAUFMAN, A. M.; RODRIGUES, M. H. **Escola, leitura e produção de textos.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

KLEIMAN, A. B. et al . **O ensino e a formação do professor: alfabetização de jovens e adultos.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

KLEIN, L. R. **Alfabetização: quem tem medo de ensinar?** São Paulo: Cortez, 1996.

KRAMER, S. **Alfabetização, leitura e escrita: formação de professores em curso.** Rio de Janeiro: Escola de Professores, 1995.

LEMLE, M. **Guia teórico do alfabetizador.** São Paulo, Editora Ática, 1994.

MASSINI, C. G.; CAGLIARI, L. C. **Diante das letras: a escrita na alfabetização.** São Paulo: Mercado das Letras, 2001.

MEIRELES, C. **Problemas da literatura infantil.** São Paulo, Summus, 1979

MOLLICA, M. C. **A influência da fala na alfabetização.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998.

MORAIS, J. **A arte de ler.** São Paulo: Unesp.1994.

MORTATTI, M. do R. L. **Os sentidos da alfabetização**. São Paulo: Editora Unesp: Comped, 2000.

OLIVEIRA, Z. **Creches, crianças, faz de conta**. Rio de Janeiro: Vozes, 1992.

_____. **Educação infantil, muitos olhares**. São Paulo: Cortez, 1996.

OLSON, D. R. **O mundo no papel: as implicações conceituais e cognitivas da leitura e da escrita**. São Paulo: Ática., 1997.

POSSENTI, S. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. São Paulo: Mercado das Letras, 1996.

ROJO, R. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Mercado das Letras, 1998.

SCLIAR, C. L. **Princípios do sistema alfabético do português do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2003.

SMOLKA, A. L. B. **A criança na fase inicial da escrita**. Campinas, Ed. da UNICAMP, 1988.

_____. **A criança na fase inicial da escrita: alfabetização como processo discursivo**. São Paulo: Unicamp, 1988.

SOARES, G. M. R. & LEGEY, E. P. **Fundamentos e metodologia da alfabetização: método natural**. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1981.

SOARES, M. B. **Linguagem e escola**. São Paulo: Ática, 1988.

_____. M. **Linguagem em escola: uma perspectiva social**. São Paulo: Ática, 1989.

TFOUNI, L. V. **Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso**. São Paulo: Pontes Editores, 1998.

VYGOTSKY, L. S. **Formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ZILBERMANN, R. (org). **A produção cultural para a criança**. Porto Alegre. Mercado Aberto. 1982.

PROPOSTA PEDAGÓGICA CURRICULAR
CURSO DE FORMAÇÃO DE DOCENTES INTEGRADO
ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO

1- Ementa

Organização do Sistema Escolar Brasileiro; Aspectos Legais, níveis e modalidades de ensino; Elementos teóricos-metodológicos para análise de Políticas Públicas: nacional, estadual e municipal; Políticas para a Educação Básica; Análise da política educacional para a Educação Básica - Nacional, Estadual e Municipal ; Apresentação e análise das Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação; Apresentação e análise crítica dos Parâmetros Curriculares e Temas Transversais; Financiamento educacional no Brasil; Fundamentos teórico - metodológicos do Trabalho docente na Educação Básica; O trabalho pedagógico como princípio articulador da ação pedagógica; O trabalho pedagógico na Educação Infantil e Anos Iniciais; Os paradigmas educacionais e sua prática pedagógica; Planejamento da ação educativa: concepções de currículo e ensino, o currículo e a organização do trabalho escolar.

2 – Fundamentação teórica

Considerando as exigências atribuídas aos professores em relação à educação escolar no contexto da sociedade contemporânea, é de extrema importância subsidiar a formação dos docentes, de forma qualitativa em todos os níveis de escolaridade; educação básica,(incluindo a educação infantil, ensino fundamental e médio) e a educação superior, assim como, a educação de adultos e educação profissional. Cujo propósito é compreender a organização dos saberes pedagógicos que envolvem o sistema escolar.

Portanto é indispensável que o professor compreenda as novas diretrizes curriculares e as transformações introduzidas no sistema nacional de ensino, pela Lei 9.394/96, no sentido de perceber seus avanços e recuos com o compromisso de intervir na realidade educacional através do processo ensino-aprendizagem. Núcleo básico do trabalho docente social, no qual os professores exercem papel imprescindível no processo de mudança social.

Segundo Libâneo (et all p. 14), “o desafio é educar as crianças e os jovens, proporcionando-lhes um desenvolvimento humano, cultural, científico e tecnológico, de modo que adquiram condições de enfrentar as exigências do mundo contemporâneo”.

Nesta perspectiva o educador “deve enfrentar os desafios de situações de ensino. O profissional da educação precisa de competência do conhecimento, sensibilidade

ética e de consciência política”.(2003, p.17), cujo objetivo é a valorização do trabalho docente, o que implica oferecer aos professores condições de análise crítica do contexto de que se realiza a sua prática educativa.

Em síntese, cabe aos professores situarem o sistema escolar brasileiro no contexto das formações transcorridas na sociedade. Portanto, faz-se necessário conhecer e analisar as políticas educacionais, as reformas do ensino e os planos e diretrizes, tendo como foco a construção da escola pública, conhecimento da estrutura, organização do ensino brasileiro e da escola, desenvolvendo competências e compromissos para atuarem de forma eficiente e participativa nas práticas de organização e de gestão da escola e nas transformações, sempre a prática é intencionada pela teoria.

Assim a disciplina tratará da: Organização do Sistema Escolar Brasileiro; Aspectos Legais, níveis e modalidades de ensino; Elementos teóricos-metodológicos para análise de Políticas Públicas: nacional, estadual e municipal; Políticas para a Educação Básica; Análise da política educacional para a Educação Básica - Nacional, Estadual e Municipal ; Apresentação e análise das Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação; Apresentação e análise crítica dos Parâmetros Curriculares e Temas Transversais; Financiamento educacional no Brasil; Fundamentos teórico - metodológicos do Trabalho docente na Educação Básica; O trabalho pedagógico como princípio articulador da ação pedagógica; O trabalho pedagógico na Educação Infantil e Anos Iniciais; Os paradigmas educacionais e sua prática pedagógica; Planejamento da ação educativa: concepções de currículo e ensino, o currículo e a organização do trabalho escolar

3 - Objetivos

- Refletir criticamente sobre o trabalho pedagógico na educação básica.
- Refletir sobre o papel dos PCNs e temas transversais nas diversas áreas de conhecimento.
- Analisar as políticas educacionais, as reformas de ensino, os planos e diretrizes, tendo como foco a construção da escola pública brasileira.
- Conhecer a estrutura e a organização do ensino brasileiro.
- Analisar as políticas de organização e de gestão da escola numa abordagem teórico-prática.
- Analisar as relações entre a organização social do trabalho e a organização do trabalho pedagógico.
- Compreender as questões fundamentais da organização do trabalho pedagógico na escola e na sala de aula.
- Reconhecer a importância do planejamento da ação educativa, bem como os

fatores que o constituem.

- Perceber o papel do Projeto Político Pedagógico na efetivação do trabalho coletivo da escola.

4 – Conteúdos

1º Ano

1 - Organização do Sistema Escolar Brasileiro

- Fundamentação jurídica e legal
- Situação do sistema escolar brasileiro no contexto das transformações em curso na sociedade contemporânea
- Os aspectos sóciopolíticos, históricos, legais, pedagógico-curriculares que subsidiam o sistema escolar brasileiro atual.
- As transformações técnico-científicas, econômicas e políticas do sistema escolar brasileiro

2 - Aspectos legais, níveis e modalidades de ensino

- Relações entre sistema de ensino e outros sistemas sociais
- Forma de organização dos sistemas de acordo com a LDBEN:
 - Sistema federal de ensino;
 - Sistema estadual de ensino;
 - Sistema municipal de ensino
- Níveis e modalidades de educação e ensino:
 - Educação básica;
 - Educação superior

3 - Elementos teórico-metodológicos para análise de Políticas Públicas: nacional, estadual e municipal

- Os resultados obtidos pela política, considerando o alcance ou não das metas propostas.
- A coerência entre os objetivos e metas propostos em relação aos programas, projetos e ações desenvolvidas.
- A perspectiva político-social que fundamenta as propostas da política (objetivos, metas, programas, projetos e ações)
- O processo de tomada de decisão
- A extensão da ação política
- O papel dos movimentos sociais e dos programas políticos do país

4 - Políticas para a Educação Básica

- Impactos e perspectivas da revolução tecnológicas, da globalização e do

neoliberalismo no campo da educação

- As ações políticas e os processos de organização das demandas sociais
- O compromisso social e ético dos professores

5 - Análise da política educacional para a Educação Básica: nacional, estadual e municipal

- Centralização e descentralização na organização da educação brasileira
- O debate da qualidade e quantidade na educação brasileira
- O embate entre defensores da escola pública e privatista na educação brasileira
- Objetivos para uma educação pública de qualidade diante dos desafios da sociedade contemporânea

2º Ano

1 - Apresentação e análise das Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação

- O plano político-institucional e a questão curricular
- As Diretrizes Curriculares Nacionais para o ensino fundamental (DCNs)
 - A exposição de motivos das DCNs;
 - Função deliberativa da Câmara de Educação Básica sobre as DCNs;
 - As DCNs como linhas gerais de ação
- A disputa de competências
- Compromisso com a formação básica comum, a construção da cidadania e o respeito à diversidade cultural

2 - Apresentação e análise crítica dos Parâmetros Curriculares e Temas Transversais

- Mudança de focos educacionais:
 - Educação centrada em conteúdos disciplinares (conteudocêntrica) para o enfoque no desenvolvimento de competências e habilidades
 - Educação centrada no ensino (didatocêntrica) para o enfoque na aprendizagem
 - Educação centrada no professor (magistrocêntrica) para o enfoque principal no aluno
 - Educação como processo passivo para o aluno para a ser algo no qual ele participa ativamente
 - Introdução da metodologia de projetos de aprendizagem como condição "sine qua non" para uma educação competente e autônoma

3 - Financiamento educacional no Brasil

- Programas do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação:

- Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE)
- Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE)
- Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE)
- Programa Nacional do Livro Didático (PNLD)
- Programa Nacional de Saúde Escolar (PNSE)
- Programa Nacional de Transporte Escolar (PNTE)
- Os impostos e a educação
- Receita financeira e orçamento da União, Estados e Municípios: critérios para o orçamento, divisão dos recursos e gastos, controle dos recursos
- A Lei do Fundeb (Fundef)

4 - Fundamentos teóricos - metodológicos do trabalho docente na Educação Básica

- O papel dos profissionais do magistério e dos movimentos associativos na organização do sistema de ensino e na organização escolar
- Os profissionais do ensino, as competências profissionais e as características da carreira:
 - Formação dos profissionais do ensino;
 - Magistério e especialistas;
 - Organização da profissão;
 - Profissionalização;
 - Carreira
 - Educação à distância e formação docente
- As concepções pedagógicas na prática escolar da Educação Infantil e do Ensino Fundamental

5 - O trabalho pedagógico como princípio articulador da ação pedagógica

- A concretização das Políticas Educacionais na Unidade Escolar
- Os conceitos de organização, gestão, direção e cultura organizacional
- Conceito de gestão democrática e de gestão escolar
- A gestão participativa: autonomia e participação pedagógica
- A administração da escola face à legislação
- A direção como princípio e atributo da gestão democrática: a gestão participativa
- Princípios e características da gestão escolar participativa
- As áreas de atuação da organização e da gestão escolar para melhor aprendizagem dos alunos:
 - O planejamento e o projeto pedagógico-curricular
 - A organização e o desenvolvimento do currículo
 - A organização e o desenvolvimento do ensino

- O relacionamento da escola com a comunidade
 - As práticas de gestão:
 - Ações de natureza técnico-administrativa;
 - Ações de natureza pedagógico-curricular
- 6 – O trabalho pedagógico na Educação Infantil e Anos Iniciais
- O trabalho pedagógico na educação básica: diferentes níveis e modalidades de ensino
 - O papel do professor na sala de aula
 - Fundamentos da prática educativa
 - O processo de ensino-aprendizagem e suas implicações para a prática educativa
 - Interdisciplinaridade, transversalidade e projetos
 - Disciplina escolar:
 - Conceito de disciplina;
 - Visão geral das causas da indisciplina;
 - A questão da postura do educador;
 - Construção da disciplina consciente e ativa em sala de aula e na escola;
 - Superação da Pedagogia do “prêmio-castigo”;
 - Participação consciente, ativa e coletiva;
 - Formas de mediação na construção da disciplina por parte do professor, da escola, dos alunos, da família e da sociedade
 - Problemas existentes na educação
- 7 - Os paradigmas educacionais e sua prática pedagógica
- Análise crítica da prática pedagógica no Projeto Pedagógico
 - O projeto político pedagógico e o trabalho coletivo da escola;
 - O projeto político pedagógico e o conselho escolar
- 8 - Planejamento da ação educativa: concepções de currículo e ensino, o currículo e a organização do trabalho escolar
- Planejamento da ação educativa:
 - A importância do planejamento;
 - Planejamento: instrumento de ação educativa;
 - Escola: espaço de inter-ações;
 - O processo ensino-aprendizagem;
 - A aula como forma de organização do ensino;
 - A importância do conteúdo: critérios de seleção e organização
 - Avaliação escolar:
 - Definição de avaliação;

- Características da avaliação escolar;
- A avaliação na prática escolar;
- A avaliação como articulador do trabalho pedagógico;
- A avaliação da aprendizagem: funções e parâmetros;
- Alguns procedimentos essenciais na elaboração de um projeto de avaliação do rendimento escolar;
- Avaliação do rendimento escolar e retenção;
- A avaliação e os mecanismos intra-escolares de seleção e exclusão: recuperação, reprovação e evasão;
- Processo de avaliação na educação infantil e no ensino fundamental;
- Instrumentos de medida e avaliação usados na educação infantil e no ensino fundamental;
- O currículo e a organização do trabalho escolar:
 - Definição de currículo;
 - Dimensões do currículo;
 - Organização curricular da escola;
 - Paradigmas curriculares e modalidade de ensino;
 - O currículo na Educação no Estado do Paraná

5 - Metodologia

A disciplina Organização do Trabalho Pedagógico desenvolver-se-á com aulas teóricas e práticas, visando o estudo de pressupostos referente à estrutura e o funcionamento da Educação Básica.

As aulas serão desenvolvidas com diversos procedimentos didáticos, objetivando a interação professor, alunos e conhecimento: aulas expositivas dialogadas, seminários, filmes, debates coletivos, estudo de textos e artigos, pesquisa, palestras, entrevistas.

6 - Avaliação

A avaliação será num processo diagnóstico e contínuo, levando em consideração as discussões e reflexões sobre os temas trabalhados.

Para tanto serão utilizados instrumentos e técnicas diversificadas como: trabalhos em grupo e individual, pesquisa bibliográfica e de campo, apresentações, seminários, vídeos, dramatizações, portfólios, para análise crítica sobre as temáticas abordadas, participação social, provas bimestrais segundo as normas do regimento interno deste estabelecimento.

O processo de avaliação será através do feedback constante, para a retomada de conceitos e a realimentação do processo educativo, para uma práxis

mais consciente com a qualidade na educação, tendo o professor como agente responsável pela transformação social.

“Segundo DEMO, 2002” seria ingênuo pensar que a avaliação é apenas um processo técnico. Ela é também uma questão política. Aliar pode constituir um exercício autoritário do poder de julgar ou, ao contrário, pode constituir um processo e um projeto em que o avaliador e o avaliado buscam e sofrem uma mudança qualitativa. “É nesta segunda prática da avaliação que podemos encontrar o que uns chamam de avaliação emancipadora e que, na falta de melhor expressão, eu chamaria de concepção dialética de avaliação.”

7 – Referências Bibliográficas

- BAQUERO, R. **Vygotski e a aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- CARNOY, M. e CASTRO, C. M. **Como anda a reforma educativa na América Latina**. Rio de Janeiro. FGV, Ed., 1997.
- CASTRO, C. M. **Educação Brasileira: consertos e remendos**. RJ: Rocco, 1994.
- CAVALCANTI, L. de S. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas: Papirus, 1998.
- CORAZZA, S. M. **Tema gerador: concepção e práticas**. Ijuí: Unijuí, 1992.
- _____. **Manifesto por uma dialética**. **Contexto e Educação**, Ijuí, v. 6, n. 22, p. 83-99, abr./jun. 1991.
- CORTELLA, M. S. **A escola e o conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- DANIELS, H. **Vigotsky e a pedagogia**. São Paulo: Loyola, 2003.
- DEMO, P. **Avaliação qualitativa**. Editora Autores Associados. São Paulo. 1995.
- DEPRESBITERIS, L. **O desafio da Avaliação da Aprendizagem: Dos Fundamentos de uma proposta inovadora**, Ed. EPU, 1989.
- DUARTE, N. **Educação escolar, teoria do cotidiano e a escola de Vigotski**. Campinas: Autores Associados, 1996.
- ESTEBAN, M. T. (Org), **Avaliação: Uma Prática em Busca de Novos Sentidos**, DP&A, 1999.
- EYNG, A. M. (org.). **Planejamento e gestão educacional numa perspectiva sistêmica**. Curitiba: Champagnat, 2002.

FERREIRA, N. S. C.; AGUIAR, M. Â. da S (org.). **Gestão da educação: impasses, perspectivas e compromissos**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FLESHNER, E. A. **Psicologia da aprendizagem e da aplicação de alguns conceitos de física**. In: LURIA, A. R.; LEONTIEV A.; VIGOTSKY L. S et al. **Psicologia e pedagogia II: investigações experimentais sobre problemas didáticos específicos**. Lisboa: Estampa 1977.

FONTANA, R. ; CRUZ, N. **Psicologia e trabalho pedagógico**. São Paulo: Atual, 1997.

FONTANA, R. A. **Ação: mediação pedagógica na sala de aula**. Campinas: Autores Associados, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 29. Ed. São Paulo. Paz e Terra, 2004.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 5.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

GAMA, Z. J. **Avaliação na escola de 2º grau**. Campinas, SP, 1993.

GASPARIN, J. L. **Uma didática para a pedagogia histórico - crítica**. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

GENTILI, P. e SILVA; T. T. **Neoliberalismo, qualidade total e educação: visões críticas**. Petrópolis Vozes, 1995.

GIROUX, H. A. **A Disneyização da Cultura Infantil** In: SILVA, Tomaz Tadeu &

LEONTIEV, A. et al. **Psicologia e pedagogia: bases psicológicas da aprendizagem e do desenvolvimento**. São Paulo: Centauro, 2003.

LEONTIEV, A. **Inter-relação entre noções novas e noções adquiridas anteriormente**. In: LURIA, A. R.; LEONTIEV, A.; VIGOTSKY L. S. Et al. **Psicologia e pedagogia II: investigações experimentais sobre problemas didáticos específicos**. Lisboa: Ed. Estampa 1977.

LIBÂNEO, J. C. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. Goiânia: Alternativa, 2001.

LIBÂNEO, José Carlos; de Oliveira; FERREIRA, João; TOSCHI, Mirza Seabra. **Educação Escolar: políticas, estrutura e organização**-Cortez 3ª edição.

MASETTO, M. T. **Mediação pedagógica e o uso da tecnologia**. In: MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, 2000.

MELLO, G. N. de. **Parecer CEB nº 15/98**. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Brasília, 1998.

MENDA, L. e MEDIANO Z. (Coord.). **Avaliação na escola de 1º grau: uma análise sociológica**. 2ª ed. Campinas SP, Papirus 1994.

MINGUET, P. A. (org.). **A construção do conhecimento na educação**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

MOREIRA (Org.). **Territórios Contestados: o currículo os novos mapas políticos e culturais**. Petrópolis. RJ. Vozes. 1995

MOREIRA, A. F. B. & SILVA, T. T. (org.) **Currículo, cultura e sociedade**. São Paulo. Cortez. 1994.

MORIN, E. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 9. ed. São Paulo: Cortez, Brasília: UNESCO, 2004.

MOTTA, F. C. P. **Organização e poder: empresa, Estado e escola**. São Paulo: FEUSP, Tese de Livre-Docência, 1995.

_____. **Aplicações de Vygotsky à educação matemática**. Campinas: Papirus, 1997.

NATADZE, R. G. A aprendizagem dos conceitos científicos na escola. In: LURIA, A. R.; LEONTIEV A.; VIGOTSKY. L. S. et al . **Psicologia e pedagogia II: investigações experimentais sobre problemas didáticos específicos**. Lisboa: Ed. Estampa 1977.

NATADZE, R. G. A aprendizagem dos conceitos científicos na escola. In: LURIA, A. R.;

NOVOA, A. **As organizações escolares em análise**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

OLIVEIRA, D. O. (org). **Gestão democrática da educação**. Petrópolis: Vozes, 1997.

OLIVEIRA, R.P. & CATANI A M. **Constituições Estaduais Brasileiras e Educação**. São Paulo; Cortez Editora, 1993.

PALANGANA, I. C. **Desenvolvimento e aprendizagem em Piaget e Vygotsky: a relevância do social**. São Paulo: Plexus, 1994.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Ensino de Primeiro Grau. **Currículo básico para a escola pública do Paraná**. Curitiba: SEED/DEPG, 1992.

_____. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Ensino de Primeiro Grau. **Currículo básico para a escola pública do Paraná**. Curitiba: SEED/DEPG, 1992.

PARO, V. H. **Gestão Democrática da Escola Pública**. São Paulo: Ática, 1997.

REGO, T. C. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. Petrópolis: Vozes, 1995.

REIG, D.; GRADOLÍ, L. A construção humana através da zona de desenvolvimento potencial: L. S. Vygotsky. In: MINGUET, P. A. (org.) **A construção do conhecimento na educação**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

RIBEIRO, V. M. B. **A construção do conhecimento, o currículo e a escola básica**. In: Em Aberto. Brasília: ano 12. n°58, , abr/jun.1993.

SANTANA, I. M. **Por que avaliar? Como avaliar? - critérios e instrumentos**. Petrópolis; Vozes, 1995.

SARMENTO, D. C. (Org) **Discurso e a Prática da Avaliação na Escola**. Editora Pontes, 1997.

SAUL. A. M. **Avaliação emancipatória. Desafio à teoria e a prática de avaliação e reformulação curricular**. São Paulo: Cortez. Autores Associados. 1988.

SAVIANI, D. **Escola e democracia**. 32. Ed. São Paulo: Cortez/Autores Associados. 1999.

_____. **Saber escolar, currículo e didática: problemas da unidade conteúdo/método no processo pedagógico** Campinas/SP Autores Associados, 1994.

SEED. **Avaliação, sociedade e escola**. Fundamentos para reflexão. Curitiba, 1976.

SILVA, L. E. da. Análise do documento "Parâmetros curriculares nacionais" In: Reestruturação curricular: novos mapas culturais, novas perspectivas educacionais. **Porto Alegre. Sulina. 1996**.

SILVA, T. T. da. Os novos mapas culturais e o lugar do currículo numa paisagem pós-moderna. In: **Entidades Terminais** Vozes, Petrópolis: RJ, 1996.

SMOLKA, A. L.; GÓES, M. C. R. de. **A linguagem e o outro no espaço escolar: Vygotsky e a construção do conhecimento**. 5. ed. Campinas: Papyrus, 1996.

SNYDERS, G. **A alegria na escola**. São Paulo: Manole, 1988.

SOUZA. C. P. de & outros. **Avaliação do rendimento escolar**. Campinas: Papyrus, 1991.

TEIXEIRA, E. **Vigotski e o pensamento dialético: uma introdução aos fundamentos filosóficos da psicologia histórico-cultural**. Pato Branco: FADEP, 2005.

VASCONCELLOS, C. dos S. **Construção do conhecimento em sala de aula.** São Paulo: Libertad, 1993.

_____. **Planejamento:** projeto de ensino - aprendizagem e projeto político - pedagógico. São Paulo: Libertad, 2002.

VASCONCELLOS, C.; RAMOS, V. M. de; VALSINER, J. **Perspectiva co-construtivista na psicologia e na educação.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

VEIGA, I. P. A. **A construção da didática numa perspectiva histórica** - crítica de educação - estudo introdutório. In: OLIVERIA, M. R. N. S. (org.). **Didática:** ruptura, compromisso e pesquisa. Campinas: Papirus, 1993.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 2001a.

_____. **Psicologia pedagógica.** São Paulo: Martins Fontes, 2001b.

_____. **Obras escogidas II.** Madrid: Centro de Publicaciones del MEC/Visor Distribuciones, 1993.

_____. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. **Pensamento e linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1989.

WACHOWICZ, L. A. **O método dialético na didática.** Campinas: Papirus, 1989.

**PROPOSTA PEDAGÓGICA CURRICULAR
CURSO DE FORMAÇÃO DE DOCENTES INTEGRADO
TRABALHO PEDAGÓGICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

1 – Ementa

Os processos de desenvolvimento, aprendizagem e desenvolvimento integral da criança de 0 a 6 anos - afetividade, corporeidade, sexualidade; Concepção de desenvolvimento humano como processo recíproco e conjunto: o papel das interações (adulto/criança e criança/criança); articulação cuidado/educação; concepções de tempo e espaço nas instituições de Educação Infantil; O jogo, o brinquedo e a brincadeira na Educação Infantil; linguagem, interações e constituição da subjetividade da criança; relações entre família e instituição de Educação Infantil; A educação inclusiva na Educação Infantil; especificidades em relação à organização e gestão do processo educativo - o trabalho pedagógico na Educação Infantil: concepção de educação, planejamento, organização curricular, gestão, avaliação; relações entre público e privado; Gestão democrática, autonomia, descentralização; Políticas públicas e financiamento da Educação Infantil e suas implicações para organização do trabalho pedagógico; propostas pedagógicas para a Educação Infantil; legislação, demais documentos normativos e documentos de apoio, de âmbito federal (MEC e CNE), estadual (SEED e CEE) e local (sistemas municipais), para a organização do trabalho na Educação Infantil: contexto de elaboração, interpretações e implicações para as instituições.

2- Fundamentação teórica

Entendemos que o espaço pedagógico da educação infantil deve ser democrático, e para tanto, deve estar organizado para atender as necessidades fundamentais das crianças de 0 a 6 anos, enfocando sua dimensão política para que o desenvolvimento e a aprendizagem infantil possam experimentar um acelerado ritmo na construção do conhecimento. Trata-se de tentar intervir para a superação de concepções reducionistas do papel da educação infantil, buscando construir uma nova escola aberta aos olhares curiosos das crianças.

A presente proposta expressa uma concepção que entende a Educação Infantil como espaço de apropriação do conhecimento, oportunizando as discussões de “como”, “porque”, e “o que” fazer na construção de uma prática pedagógica transformadora, bens como uma análise das propostas políticas, empenhadas em democratizar o acesso aos bens culturais.

Assim será trabalhado nesta disciplina os seguintes conteúdos: Os processos de desenvolvimento, aprendizagem e desenvolvimento integral da criança de 0 a 6

anos - afetividade, corporeidade, sexualidade. Concepção de desenvolvimento humano como processo recíproco e conjunto: o papel das interações (adulto/criança e criança/criança). Articulação cuidado/educação. Concepções de tempo e espaço nas instituições de E.I. O jogo, o brinquedo e a brincadeira na E.I. Linguagem, interações e constituição da subjetividade da criança. Relações entre família e instituição de E.I. A educação inclusiva na E.I. Especificidades em relação à organização e gestão do processo educativo: o trabalho pedagógico na E.I.: concepção de educação, planejamento, organização curricular, gestão, avaliação. Relações entre público e privado. Gestão democrática, autonomia, descentralização. Políticas públicas e financiamento da EI e suas implicações para organização do trabalho pedagógico. Propostas pedagógicas para a E.I. Legislação, demais documentos normativos e documentos de apoio, de âmbito federal (MEC e CNE), estadual (SEED e CEE) e local (sistemas municipais), para a organização do trabalho na EI: contexto de elaboração, interpretações e implicações para as instituições.

3 - Objetivos

- Compreender a necessidade do Trabalho Pedagógico na Educação Infantil como prioridade para a garantia do acesso aos conhecimentos à clientela deste nível de ensino, de forma qualitativa.
- Subsidiar a fundamentação teórico-metodológica propiciando recursos pedagógicos necessários à práxis.
- Reconhecer a importância do trabalho coletivo no ambiente escolar.
- Compreender o processo na educação infantil, detectando suas características próprias.

4 – Conteúdos

2.º E 3.º Ano

1 - Os processos de desenvolvimento, aprendizagem e desenvolvimento integral da criança de 0 a 6 anos - afetividade, corporeidade, sexualidade

- Afetividade
- Conceito de afetividade
- Importância da afetividade no desenvolvimento infantil: o toque, o carinho, a atenção, as relações de interação e mediação entre o professor e o aluno.
- As relações de mediação feitas pelo professor durante as atividades pedagógicas: sentimentos de acolhimento, simpatia, respeito e apreciação, além de compreensão, aceitação e valorização do outro

- Sentimentos marcantes na relação do aluno que afetam a sua auto-imagem: a autonomia, a confiança em suas capacidades e decisões.
 - Condições afetivas que contribuem para o estabelecimento de vínculos positivos entre o aluno e o conteúdo escolar.
 - Atuação do professor em sala de aula: interligação com os momentos de afeto, educar e cuidar
 - Compreensão dos termos “cuidar” e educar” na Educação Infantil
 - Trabalhando com a afetividade infantil: ciúmes, birra, mordidas, limites.
 - Corporeidade
 - Conceito de corporeidade: identificação dos paradigmas científicos e filosóficos que influenciam as diversas concepções de corpo
 - Estudo das contribuições das teorias da Corporeidade aos desafios da educação e da produção do conhecimento
 - Vivências lúdicas visando a consciência corporal:
 - motricidade fina
 - motricidade global
 - equilíbrio
 - esquema corporal
 - organização espacial
 - organização temporal
 - lateralidade
 - Sexualidade
 - Conceito de sexualidade infantil ligado ao sentimento, comportamento e desenvolvimento sexual das crianças
 - Primeiro ano de vida: estágio de dependência, oralidade e primeiras relações objetais
 - Segundo e terceiro ano de vida: estágio do controle corporal, da analidade, do desenvolvimento da linguagem
 - Terceiro e quarto ano de vida: independência, idade da rebeldia, fase fálico-edípica
 - Quinto a sétimo ano de vida: idade pré-escolar, início do período de latência.
- 2 - Concepção de desenvolvimento humano como processo recíproco e conjunto: o papel das interações (adulto/criança e criança/criança)
- Como se desenvolvem e aprendem as crianças da etapa de educação infantil
 - Como ocorrem o processo de desenvolvimento? E, que consiste?
 - Qual é o papel da herança no decorrer do desenvolvimento?
 - Que relações podemos estabelecer entre o desenvolvimento e a aprendizagem?

- Como as crianças aprendem?
 - A experiência com os objetos
 - A experiência com as situações
 - Os prêmios e os castigos
 - A imitação
 - A aprendizagem por meio da criação de andaimes e a aprendizagem compartilhada
 - A brincadeira: espaço de aprendizagem, de imaginação e de reinvenção da realidade
 - O desenvolvimento cultural da criança: a transformação do biológico e social
 - Conceito científico de desenvolvimento infantil
 - A concepção histórico-cultural do desenvolvimento infantil
 - As características evolutivas:
 - As capacidades motoras: o primeiro ano de vida; do segundo ao sexto ano de vida
 - as capacidades cognitivas: do nascimento até um ano e meio ou dois anos; dos dois anos aos seis anos
 - as capacidades de relação com as outras pessoas e de equilíbrio pessoal: do nascimento até os dois anos; dos dois aos seis anos
 - A música
 - O movimento
 - As artes visuais
 - Educação e Comunidade
 - Família e escola: dois contextos diferentes, um objetivo comum
 - Compartilhar a ação educativa:
 - Conhecer a criança
 - Estabelecer critérios educativos comuns
 - Oferecer modelos de intervenção e de relação com as crianças
 - Ajudar a conhecer a função educativa da escola
 - A comunicação com as famílias
 - As entrevistas de ingresso
 - As entrevistas solicitadas: as entrevistas solicitadas pelos pais
 - A participação dos pais e das mães no centro educativo
- 3 - Articulação cuidado/educação nas instituições de Educação Infantil
- O processo de adaptação da criança
 - Alimentação
 - Higiene bucal e corporal

- Retirada das fraldas
- Birras, mordidas e limites
- Sono e repouso
- Primeiros socorros

4- Tempo e espaço nas instituições de Educação Infantil

- O tempo
- A jornada escolar
- A organização do espaço

5 - O jogo, o brinquedo e a brincadeira na Educação Infantil

- O jogo, o brinquedo e a brincadeira na Educação Infantil
- A importância dos jogos e brincadeiras em situações pedagógicas articuladas de forma interdisciplinar
- O valor e o papel do jogo
- A evolução do jogo:
 - Jogos funcionais
 - Jogos simbólicos
 - Jogos de aquisição
 - Jogos de construção
 - Jogos de regras
- Estabelecendo regras do jogo
 - O direito de brincar
 - A recreação na educação infantil
 - Confecção de jogos e brincadeiras a partir de materiais recicláveis
 - Espaços públicos para brincadeiras nas grandes cidades

6 - Linguagem, interações e constituição da subjetividade da criança

- Linguagem, interações e constituição da subjetividade da criança: a linguagem oral e escrita
- Relações entre família e instituição de Educação Infantil
 - Família e escola: dois contextos diferentes, um objetivo comum.
 - Compartilhar a ação educativa
 - A comunicação com as famílias
 - A participação de pais e mães nos centros de educação infantil
 - Algumas idéias que é preciso guardar

- A educação inclusiva na Educação Infantil
 - A educação pré-escolar para crianças com necessidades especiais
 - Diagnóstico e classificação
 - Recursos educacionais especiais
 - O que diz a Lei da nação quanto à Educação Especial
 - Um novo olhar para o processo de ensino-aprendizagem destinado às pessoas com deficiências e à Educação Infantil
- Desenvolvimento e Aprendizagem Infantil:
 - Desenvolvimento físico e psicomotor; especificidades do desenvolvimento físico em crianças com deficiências
 - Desenvolvimento afetivo-emocional; especificidades do desenvolvimento afetivo–emocional em crianças com deficiências; importância das relações afetivas para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças, principalmente para as que têm deficiências
 - Como se constrói o conhecimento
 - Desenvolvimento cognitivo e aprendizagem; especificidades do desenvolvimento cognitivo e da aprendizagem de crianças com deficiências
 - O desenvolvimento da linguagem e do pensamento, do desenho, das funções simbólicas, das artes e outras formas de expressão e comunicação alternativa
 - Construção da linguagem escrita
 - Desenvolvimento social e das relações interpessoais; o desenvolvimento moral e a construção de regras; controle do comportamento; sanções
 - Importância do brincar no desenvolvimento físico e psicomotor, cognitivo, afetivo-emocional, social e moral
 - Classificações dos brinquedos e jogos. Adaptações dos brinquedos, jogos e demais atividades educativas para crianças com deficiências
 - As especificidades na aprendizagem de crianças com deficiências físicas, intelectuais, de áudio-comunicação, visual, múltiplas deficiências, com condutas típicas, desenvolvimento atípico e problemas de aprendizagem e altas habilidades
- A democratização da educação infantil e a inclusão social:
 - Pressupostos teóricos de alternativas curriculares de educação infantil
 - Papel da escola e o estímulo ao desenvolvimento infantil à socialização e à construção do conhecimento
 - Aprendendo a conviver e a trabalhar com a diversidade, valorizando a cooperação e a solidariedade
 - Trabalho conjunto com as famílias
- Educação Inclusiva: Educação- direito de todos: o respaldo legal

- A democratização da educação infantil e a inclusão social
- Documentos internacionais e as Leis brasileiras que garantem, ao aluno especial, o direito à educação
- Discriminação e preconceito
- Educação para a diversidade, interação social e aprendizagem, cooperação e solidariedade
- Diferenças entre os paradigmas da integração e da inclusão
- Desafios da inclusão no cotidiano escolar
- -Formação do professor: um novo olhar do professor e as modernas perspectivas teóricas que fundamentam a educação inclusiva
- Dificuldades de aprendizagem e intervenção educacional: avaliação, tratamento e implicações educacionais
- Problemas de comunicação, fala e linguagem e a escola
- Estratégias de intervenção nos problemas de construção de linguagem escrita
- A escola e a inadaptação social do aluno
- Limites da escola
- Uma escola compreensiva que atenda à diversidade dos alunos
- A adequação do projeto pedagógico:revisão dos objetivos, mudanças nas atividades, no ambiente físico, nos métodos, nos conteúdos nos instrumentos específicos e na avaliação, adequando às necessidades e características dos alunos especiais
- Relatos de experiências de inclusão escolar
- Momento de transição

5 - Metodologia

A metodologia empregada será com o objetivo de formar e desenvolver o potencial crítico dos alunos, através de estratégias que priorizem a participação ativa, tais como: seminários, fichamentos, resenhas, artigos, debates, entrevistas, estudo dirigido, dramatizações, leituras e outros.

6 – Avaliação

A avaliação acontecerá de forma contínua e processual, considerando o desenvolvimento teórico prático do aluno, levando em consideração os aspectos qualitativos e seguindo o exposto no Regimento Escolar deste estabelecimento.

7 – Referências Bibliográficas

ALMEIDA, A . M.; RUBIANO, M. R. B. Vínculo e compartilhamento na brincadeira de crianças. In: ROSSETTI, F. M. C. et al. **Rede de significações e o estudo do desenvolvimento humano**. Porto Alegre: ArtMed, p. 171-188, 2003.

ALVES, N.; GARCIA, R. (org.) **O sentido da escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

BADINTER, E. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BASSEDAS, E. **Aprender e ensinar na educação infantil**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Parecer CEB nº 22, de 17 de dezembro de 1998**. Brasília, 1998.

_____. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Parecer CEB nº 1, de 29 de janeiro de 1999**. Brasília, 1999.

_____. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução CEB nº 1, de 7 de abril de 1999**. Brasília, 1999.

_____. Conselho Nacional de Educação. Câmara de educação Básica. **Resolução CEB nº 2, de 19 de abril de 1999**. Brasília, 1999.

_____. Conselho Nacional de Educação. Câmara de educação Básica. **Parecer CEB nº 4, de 16 de fevereiro de 2000**. Brasília, 2000.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9394/96**, de 20 de dezembro. Brasília, 1996.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. **Educação infantil no Brasil: situação atual**. Brasília, MEC/SEF/DPE/COEDI, 1995.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Departamento de Políticas Educacionais. Coordenação Geral de Educação Infantil. **Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças**. Brasília: MEC/SEF/DPE/COEDI, 1995.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Departamento de Políticas Educacionais. Coordenação Geral de Educação Infantil. **Propostas pedagógicas e currículo em educação infantil: um diagnóstico e a construção de uma metodologia de análise**. Brasília: MEC/SEF/DPE/COEDI, 1996.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Departamento de Políticas Educacionais. Coordenação Geral de

Educação Infantil. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília, MEC/SEF/DPE/COEDI, 1998. v. 1/3

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Departamento de Políticas Educacionais. Coordenação Geral de Educação Infantil. **Subsídios para credenciamento e funcionamento de instituições de educação infantil**. Brasília, MEC/SEF/DPE/COEDI, 1998. v. 1 e 2.

BENJAMIN, W. **A criança, o brinquedo, a educação**. São Paulo: Summus, 1984.

BOFF, L. **Saber cuidar: ética do humano-compaixão pela terra**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

BOMTEMPO, E. **Psicologia do brinquedo: aspectos teóricos e metodológicos**. São Paulo: EDUSP, 1986.

BONDIOLI, A.; MANTOVANI, S. **Manual de educação infantil: de 0 a 3 anos**. Uma abordagem reflexiva. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

BRASLAVSKY, C. **Aprender a viver juntos: educação para a integração na diversidade**. Brasília: UNESCO, IBE, SESI, UnB, 2002.

BROUGÈRE, G. **Brinquedo e cultura**. São Paulo: Cortez, 1995.

_____. **Jogo e educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

_____. **Brinquedos e companhia**. São Paulo: Cortez, 2004.

CARVALHO, A.; GUIMARÃES, M.; SALLES, F. **Desenvolvimento e aprendizagem**. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

CASTRO, M. F. **Aprendendo a argumentar: um momento na construção da linguagem**. Campinas: UNICAMP, 1992.

CAVALCANTI, Z. (coord.). **Trabalhando com história e ciência na pré-escola**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995

_____. **Alfabetizando**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

CIPOLLONE, L. Diferença sexual, dimensão interpessoal e afetividade nos contextos educacionais para a infância. **Revista Pro-Posições**, Campinas, v. 1, n. 3, p. 25-39, set./dez. 2003.

CIVILETTI, M. V. P. O Cuidado das crianças pequenas no Brasil escravista. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 76, p. 31-40, 1991.

CRAIDY, C.; KAERCHER, G. (org.). **Educação infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001.

CUNHA, J. A. **Filosofia na educação infantil**. Campinas: Alínea, 2002.

DAHLBERG, G.; MOSS, P.; PENCE, A. **Qualidade na educação da primeira infância: perspectivas pós-modernas**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

DEHEINZELIN, M. **A fome com a vontade de comer. Uma proposta curricular de educação infantil**. Petrópolis: Vozes, 1994.

DANTAS, H. **A infância da razão**. São Paulo: Manole, 1990.

DIAS, J.; BHERING, E. A Interação adulto/crianças: foco central do planejamento na educação infantil. **Revista Contrapontos**. Itajaí: v. 4. n. 1, p. 91-104. jan./abr. 2004.

EDWARDS, C. **As cem linguagens da criança**. Porto Alegre: ArteMed, 1999.

ELKONIN, D. B. **Psicologia do jogo**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

FARIA, A. L. G. de; PALHARES, M. S. (org.) **Educação infantil pós-LDB: rumos e desafios**. Campinas: Autores Associados/FE/UNICAMP; Florianópolis: UFSC; São Carlos: UFSCar, 1999.

FARIA, A. L. G. de; DEMARTINI, Z. de B.; PRATO, P. D. (org.) **Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças**. Campinas: Autores Associados, 2002.

FARIA, A. L. G. **Educação pré-escolar e cultura: para uma pedagogia da educação infantil**. Campinas, São Paulo: Cortez, 1999.

FERNANDES, R. S. **Entre nós, o sol: relação entre infância, cultura, imaginário e lúdico na educação não formal**. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

FERREIRO, E. **Reflexões sobre a alfabetização**. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1985.

FIEL, L. **Educação infantil – formação pessoal e social**. Minas Gerais: Centro de Produções Técnicas. 2007.

FIEL, L. & MORAIS, J. **Educação infantil – conhecimento de mundo**. Minas Gerais: Centro de Produções Técnicas. 2002.

FINCO, D. Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil. **Revista Pro-Posições**, Campinas, v. 14, n. 3 p.89-101, set/dez.2003.

FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro**. São Paulo: Scipione, 1991.

FREIRE, M. et al. **Avaliação e planejamento: a prática educativa em questão**. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1997.

_____. **Observação registro e reflexão: instrumentos metodológicos.** São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.

FREIRE, M. **A paixão de conhecer o mundo.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREITAS, G. G. **A consciência corporal e a corporeidade.** Ijuí: Unijui, 1999.

FRIEDMANN, A. **Brincar, crescer e aprender. O resgate do jogo infantil.** São Paulo: Moderna, 1996.

FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO. **Professor da pré-escola.** 4. ed. Brasília: MEC/SEF/DPE/COEDI, 1995. v. 2

GALVÃO, I. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil.** Petrópolis: Vozes, 1995.

GANDINI, L.; EDWARDS, C. (org.) **Bambini: a abordagem italiana à educação infantil.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

GOES, M. C.; SMOLKA, A. L. (org.) **A significação nos espaços educacionais: interação social e subjetivação.** Campinas: Papyrus, 1997.

HELD, J. **O imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica.** São Paulo: Summus, 1980.

HOFFMANN, J. **Avaliação na pré-escola: um olhar reflexivo sobre a criança.** Porto Alegre: Mediação, 1999.

HOFFMANN, J.; SILVA, M. B. da. **Ação educativa na creche.** Porto Alegre: Mediação, 1995

HORN, M. da G. S. **Sabores, cores, sons, aromas: a organização dos espaços na educação infantil.** Porto Alegre, ArtMed, 2003.

HUGUET, TERESA. SOLÉ, ISABEL BASSEDAS, EULÁLIA. **Aprender e ensinar na educação infantil.** Porto Alegre: ArtMed, 1999.

KAMII, C.; DEVRIES, R. **Jogos em grupo na educação infantil.** São Paulo: Trajetória Cultural, 1991.

KISHIMOTO, T. M. (org.) **O brincar e suas teorias.** São Paulo: Pioneira, 1998.

_____. **Jogos tradicionais infantis: o jogo, a criança e a educação.** Petrópolis: Vozes, 1993.

KRAMER, S.; LEITE, M. I. **Infância: desafios da pesquisa.** Campinas: Papyrus, 1996.

KRAMER, S. (coord.). **Com a pré-escola nas mãos. Uma alternativa curricular para a educação infantil.** São Paulo: Ática, 1989.

_____. Propostas pedagógicas e curriculares: subsídios para uma leitura crítica. **Educação e Sociedade**, Porto Alegre, v. 18, n. 60, dez.1997.

LARROYO, F. **História geral da pedagogia.** São Paulo: Mestre Jou, s.d.

LIMA, E. S. **Desenvolvimento e aprendizagem na escola:** aspectos culturais, neurológicos e psicológicos. São Paulo: GEDH, 1997.

LOURO, G. (org.) **O corpo educado. Pedagogias da sexualidade.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

MATURANA, H. **Emoções e linguagem na educação e na política.** Belo Horizonte: UFMG, 2002.

MERISSE, A. et al. **Lugares da infância:** reflexões sobre a história da criança na fábrica, creche e orfanato. São Paulo: Arte e Ciência, 1997.

MONTENEGRO, T. **O cuidado e a formação moral na educação infantil.** São Paulo: EDUC, 2001.

MORATO, E. M. **Linguagem e cognição:** as reflexões de L. S. Vygotsky sobre a ação reguladora da linguagem. São Paulo: Plexus, 1996.

MORENO, M. **Como se ensina a ser menina:** o sexismo na escola. São Paulo: Moderna, 1999.

MOURA, M. M. D. de et al. **Manual de saúde para a creche.** Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1996.

MOYLES, J. R. **Só brincar? O papel do brincar na educação infantil.** Porto Alegre: Artmed, 2001.

OLIVEIRA, P. S. **Brinquedos e indústria cultural.** Petrópolis: Vozes, 1986.

OLIVEIRA, Z. de M. R (org.). **Educação infantil:** muitos olhares. São Paulo: Cortez, 1994.

_____. **A criança e seu desenvolvimento.** São Paulo: Cortez, 1995.

_____. **Educação infantil:** fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2002.

OLIVEIRA, de M. R.; ROSSETTI, F. M. C. O valor da interação criança-criança em creches no desenvolvimento infantil. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 87, p.62-70, 1993.

OSTETTO, L. E. (org.) **Encontros e encantamentos na educação infantil**. Campinas: Papirus, 2000.

PARANÁ. Conselho Estadual de Educação. Câmara do Ensino Fundamental. **Deliberação CEE nº 03, de 03 de março de 1999**. Curitiba, 1999

_____. Conselho Estadual de Educação. Câmara do Ensino Fundamental. **Deliberação CEE nº 02, de 06 de junho de 2005**. Curitiba, 2005.

RABBITI, G. **A procura da dimensão perdida**. Porto Alegre: ArtMed, 1999.

REGO, L. B. Descobrimo a língua escrita antes de aprender a ler: algumas implicações pedagógicas. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 66, n.156, jan./abr. 1985.

ROCHA, E. C. A educação da criança: antigos dilemas, novas relações. **Revista Pátio**, Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

RODULFO, R. **O brincar e o significante**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

ROSSETTI-FERREIRA, M. C.; VITORIA, T. Processos de adaptação de bebês na creche. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, p. 55-64, 1986.

ROSSETTI-FERREIRA, M. C. et al. **Os fazeres na educação infantil**. São Paulo: Cortez, 1998.

SARMENTO, M. J.; BANDEIRA, A. A.; DORIS, R. Trabalho e lazer no cotidiano das crianças exploradas. IN. GARCIA, Regina Leite (org.) **Crianças, essas conhecidas tão desconhecidas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SILVA, I. de O. **Profissionais da educação infantil: formação e construção de identidades**. São Paulo: Cortez, 2001.

SILVA, D. N. H. **Como brincam as crianças surdas**. São Paulo: Plexus, 2002.

SILVA, M. A. A. S. S. et al. **Memória e brincadeiras na cidade de São Paulo nas primeiras décadas do século XX**. São Paulo: Cortez, 1989.

SILVIA, M. C. da S. **A constituição social do desenho da criança**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

SOARES, M. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. 9. ed. São Paulo: Ática, 1992.

SOUZA, G. de. Currículo para os pequenos: o espaço em discussão. **Educar**, Curitiba, n. 17, p.79-99, 2001.

SOUZA, R. C. de; BORGES, M. F. S. T. (org.) **A práxis na formação de educadores infantis**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SPODECK, B ; SARACHO, O. **Ensinando crianças de três a oito anos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

SURDI, B. M. M. **Corporeidade e aprendizagem: o olhar do professor**. Ijuí: Unijuí, 2001.

TEBEROSKY, A. **Aprendendo a escrever: perspectivas psicológicas e implicações educacionais**. [s.n.t].

TIRIBA, L. Pensando mais uma vez e reinventando a relação com entre creche e família. In: GARCIA, R. L.; LEITE FILHO, A. **Em defesa da educação infantil**. São Paulo: DP&A, 2000.

_____. Proposta curricular em educação infantil. **Infância na Ciranda da Educação**, Belo Horizonte, n. 4, p. 09-15, fev. 2000.

TONUCCI, F. **Com olhos de criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

ZABALZA, M. **Qualidade em educação infantil**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

ZAN, B.; DEVRIES, R. **A ética na educação infantil**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

PROPOSTA PEDAGÓGICA CURRICULAR
CURSO DE FORMAÇÃO DE DOCENTES INTEGRADO
PRÁTICA DE FORMAÇÃO

INTRODUÇÃO:

As práticas pedagógicas se constituem no eixo articulador dos saberes fragmentados nas disciplinas. São os mecanismos que garantirão um espaço e um tempo para a realização da relação e contextualização entre saberes e os fenômenos comuns, objetos de estudo de cada ciência ou área de conhecimento específica. O objeto de estudo e de intervenção comum é a educação. Contudo, esse fenômeno geral será trazido em problemas de ensino e aprendizagem contemporâneos, a partir dos pressupostos que orientam o curso e dos objetivos da formação.

A prática de formação nesta proposta de currículo possui a carga horária de 800 horas, atendendo a legislação vigente. A carga horária da prática de formação integra a do curso como um todo, considerando que o mesmo configura-se como componente indispensável para a integralização do currículo.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA:

A finalidade da Prática de Formação é a de propiciar ao aluno uma aproximação à realidade na qual irá atuar, na medida em que será consequência da teoria estudada no curso, que por sua vez, deverá consistir numa reflexão sobre e a partir da realidade da escola de Educação infantil, Anos Iniciais, Escolas especiais, Classes Especiais.

Pelas suas características especiais, a Prática de Formação é um conteúdo integrador e interdisciplinar, que deve efetivar a inserção de alunos e professores na realidade educacional e o retorno dessas experiências para se tornarem o núcleo de reflexão teórica das outras disciplinas. A inserção da realidade far-se-á através de um processo de crescimento, que abrangerá desde a observação e análise de diferentes tipos e formas de educação escolar, até o assumir de projetos específicos, encargos docentes e outras formas de atuação pedagógica na instituição escolar.

A Prática de formação é um dos componentes do currículo do curso de Formação de Docentes. Currículo que é profissionalizante, o qual prepara para o exercício da profissão docente. Essa preparação é uma atividade teórica-prática, ou seja, formalmente tem um lado ideal, teórico, idealizando enquanto fórmula, anseios onde está presente a subjetividade humana e um lado real, material, propriamente

prático, objetivo. Vasquez, acrescenta que “só artificialmente por um processo de abstração, podemos separar, isolar o outro”.

Serão trabalhados nas diversas etapas/séries os seguintes conteúdos distribuídos por temáticas:

FORMAÇÃO DE DOCENTES - APROVEITAMENTO DE ESTUDOS

1º Semestre

No primeiro e segundo semestres, as práticas pedagógicas se concentrarão nos **“SENTIDOS E SIGNIFICADOS DO TRABALHO DO PROFESSOR/EDUCADOR”**, em diferentes modalidades e dimensões. O eixo será possibilitar a observação do trabalho docente pelos alunos. Isso implicará visitas e observações em:

- Centros de Educação infantil
- Escolas de Ensino Fundamental

Durante o primeiro semestre os alunos realizarão somente aulas teóricas, sendo o segundo semestre reservado a atividades teóricas e de observação e participação nos Centros de educação infantil e Ensino Fundamental.

Ao final das observações, os alunos elaborarão relatórios de observação, onde identificarão as modificações e o que conseguiram compreender sobre a natureza do trabalho do professor/educador.

Periodicamente, enquanto os alunos realizam observações nas escolas, deverão acontecer reuniões para discutir os resultados das visitas, os relatórios elaborados pelos alunos e para realizar o mapeamento dos problemas/fenômenos educativos mais recorrentes na observação dos alunos.

CONTEÚDOS A SEREM TRABALHADOS NO CUROS DE FORMAÇÃO DE DOCENTES APROVEITAMENTO DE ESTUDOS

1º SEMESTRE

O professor e a sua formação:

- O perfil do professor e a ética profissional
- A importância do professor e as habilidades necessárias no exercício da profissão.
- A reflexão do docente sobre o seu próprio trabalho.
- Perspectivas profissionais e a mudança no papel dos docentes.
- Leitura e fichamento de livros e textos com abordagens educativas

2º SEMESTRE

O professor e a prática educativa em sala de aula:

- O professor e a sala de aula.
- A socialização do aluno.
- A aprendizagem.
- A disciplina escolar
- A linguagem didática.
- Dinâmicas de aulas
- Atitudes físicas e posturais em sala de aula.
- A importância da saúde física
- Atividades de observação e participação na Educação infantil e Ensino Fundamental
- Leitura e fichamento de livros e textos com abordagens educativas.

METODOLOGIA

A Prática de Formação no Curso de Formação de Docentes da Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental deverá ser desenvolvido através de:

PESQUISA: Realização de pesquisa sistemática que deve permitir pesquisa-ação, identificação de uma escola, estudo de caso, pesquisa comparativa e outros temas que sejam pertinentes à educação.

Os alunos e professores do Curso de Formação de Docentes discutem os problemas da prática pedagógica específica e participam ativamente tanto das discussões realizadas como das atividades propostas do grupo, reelaborando conceitos e tomadas de decisões.

ATIVIDADES LIGADAS A VISITAS E OBSERVAÇÕES NAS INSTITUIÇÕES:

Essas atividades visam colocar o grupo de alunos e professores em contato com a realidade escolar como também em contato com o processo de aprendizagem escolar tanto na Educação Infantil quanto nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Essa metodologia implica: diagnóstico da situação, análise das variáveis sociais e psicológicas e intervenção direta, através de elaboração de entrevistas, questionários, relatórios, coleta de material pedagógico das salas de aula e projetos de recuperação em pequenos grupos, e/ou outros projetos desenvolvidos nas instituições.

SEMINÁRIOS, DEBATES, REUNIÕES, CURSOS DE PEQUENA DURAÇÃO COMO RECURSOS METODOLÓGICOS:

Versando sobre diversos tópicos de interesse da escola ou grupo de educadores de outras instituições, esses recursos metodológicos visam atender às demandas desses grupos e às necessidades demonstradas pela instituição. Os cursos de pequena duração buscando discutir com o grupo interessado, um tema solicitado.

OFICINA DE MATERIAL DIDÁTICO: Caracterizada como recurso metodológico de elaboração e preparo de material didático, para situações educacionais diversificadas, principalmente em se tratando do Curso de Formação de Docentes e específico da Prática De Formação.

AÇÃO DOCENTE: Experiências vivenciadas nas classes de Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, a área abrangendo a observação crítica, a participação e atuação em classes e a reflexão sobre essa prática observada e vivenciada.

Todas as experiências vivenciadas pelos alunos do Curso de Formação de Docentes através da Prática de Formação, retornarão ao curso, tornando-se momentos de reflexão teórica.

AVALIAÇÃO

A avaliação é entendida enquanto processo contínuo, global, cumulativo e de responsabilidade coletiva. Sendo assim, o processo será acompanhado de um professor coordenador em parceria com os demais professores das disciplinas pedagógicas.

Haverá um acompanhamento das atividades desenvolvidas nos Centros de Educação Infantil, Escolas de Ensino Fundamental. A partir da segunda série do Curso de Formação de Docentes pretende-se colocar os alunos nos Centros de Educação Infantil e Escolas de Ensino Fundamental que tenham um número significativo de alunos portadores de necessidades especiais, instituições especializadas em diferentes necessidades especiais, tais como as APAES, os institutos de deficientes visuais, auditivos, entre outros, projetos alternativos de educação popular voltados para crianças ou adolescentes, ou jovens e adultos, coordenados por organizações não-governamentais e/ou prefeituras, projetos voltados para a educação indígena e ou educação no campo, caso existam nas proximidades, prevendo-se a realização de encontros periódicos, objetivando avaliar o conjunto de atividades desenvolvidas pelos alunos, no aspecto da qualidade do

desempenho, propondo-se ainda, encaminhamentos para solucionar as dificuldades apontadas.

A necessária articulação teórico-prática será propiciada pela análise e discussão da realidade, estudos teóricos, realizados de forma individual e coletiva e outras atividades propostas pelos professores envolvidos no processo, sendo considerados critérios de avaliação:

- Utilização de aporte teórico consistente;
- As relações teórico-práticas estabelecidas;
- A utilização de técnicas de ensino, procedimentos metodológicos e recursos didáticos coerentes com objetivos propostos;
- Domínio, exatidão, segurança e atualidade dos conteúdos apresentados;

São considerados Instrumentos de Avaliação: os registros escritos, relatórios, textos e outros solicitados durante o estágio, as fichas de avaliação e autoavaliação e a prática pedagógica.

A avaliação do rendimento escolar do aluno para fins de aprovação e reprovação compreende a verificação da aprendizagem do aluno.

- Estágio Supervisionado/Prática de Formação: será constituído como disciplina integradora e obrigatória desde o início do curso. Cada disciplina de acordo com suas características fará articulação com a Prática de Formação, perfazendo um total de 800 horas/aula.

A disciplina de Prática de Formação deverá adotar procedimentos próprios visando o desenvolvimento formativo, cultural do aluno.

A Prática de Formação é disciplina do Curso de Formação de Docentes para a Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, destinada aos alunos devidamente matriculados no curso de Formação de Docentes da Educação Infantil e Anos iniciais do Ensino Fundamental, modalidade Integrado.

As atividades práticas serão desenvolvidas nos estabelecimentos de Ensino Regular da rede pública municipal e/ou particular e filantrópicas do Município de Irati PR.

A todos os alunos que não atingiram os objetivos propostos no processo ensino-aprendizagem ao longo do período letivo e apresentam baixo rendimento escolar, será proporcionada recuperação de estudos de forma paralela.

Para obter o certificado de conclusão do curso de Formação de Docentes, o aluno deverá cumprir todas as etapas previstas na Prática de Formação e a carga horária de 800 horas/aula até a conclusão do curso.

Ao aluno que não concluir a carga horária mínima para a Prática de Formação não será expedida nenhuma documentação escolar que possibilite a continuidade em graus superiores.

A média geral obtida na Prática de Formação será registrada no Histórico Escolar para a expedição e registro de diploma, bem como, arquivará os relatórios e documentos do Estágio para efeito e controle.

Referências Bibliográficas

ALTET, PAQUAY & PERRENOUD. **A profissionalização dos formadores de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a educação infantil**/Ministério da Educação e do desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

FIGUEIREDO, R.S. **Ensino sua técnica sua arte**. Rio de Janeiro: Lidador, 1967.

GONÇALVES, R. **Didática Geral**. Rio de Janeiro: Biblioteca Pedagógica Freitas Passos, 1983.

MARCHESI, à. **Qualidade do ensino em tempos de mudança**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

MARQUES, M. **A formação do profissional da educação**. Ijuí:UNIJUI, 1992.

MASETO, M. **Didática a aula como centro**. São Paulo: FTD, 1997.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Proposta Curricular da Habilitação Magistério**. 2a. Edição, Curitiba, 1993.

PIMENTA, S. G. **O estágio na formação de professores**. Unidade teórica e prática? São Paulo: Cortez, 2002.

VEIGA, I. P.A. **A prática pedagógica do professor de didática**. 8a. Edição. São Paulo: Papirus, 2004.

ZABALA. A. **Como trabalhar os conteúdos procedimentos em aula**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

ZÁBOLI, G. **Prática de Ensino**. Subsídios para atividade docente. São Paulo: Ática, 1990.

MATRIZ CURRICULAR
CURSO DE FORMAÇÃO DE DOCENTES COM APROVEITAMENTO DE
ESTUDOS

NRE: 15 – IRATI		MUNICÍPIO: 1080 – IRATI				
ESTABELECIMENTO: 00031 - ANTONIO XAVIER DA SILVEIRA, C. E. FUND. MÉDIO E NORMAL						
ENT. MANTENEDORA: GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ						
CURSO:	0592 - F.D.E.I.A.I.E.F.	TURNO:		TARDE		
ANO DE IMPLANTAÇÃO: 2010 - GRADATIVA		MÓDULO:		40 SEMANAS		
DISCIPLINAS		1	2	3	4	5
SÉRIE						
FE	CONCEPÇÕES NORTEADORAS ED. ESP	2	2	-	-	-
	FUNDAMENTOS DA EDUC. JOV. E ADUL.	-	-	2	3	-
	FUNDAMENTOS FILOS. EDUCAÇÃO	3	3	-	-	-
	FUNDAMENTOS HIST. EDUCAÇÃO	3	3	-	-	-
	FUNDAMENTOS HIST. POL. DA ED. INF.	3	3	-	-	-
	FUNDAMENTOS PSICOL. DA EDUCAÇÃO	3	3	-	-	-
	FUNDAMENTOS SOCIOL. EDUCAÇÃO	3	3	-	-	-
	LITERATURA INFANTIL	2	2	-	-	-
	METODOL. ENS. CIÊNCIAS	-	-	2	2	3
	METODOL. ENS. DE ARTE	-	-	2	2	3
	METODOL. ENS. EDUC. FÍSICA	-	-	2	2	3
	METODOL. ENS. GEOGRAFIA	-	-	2	2	3
	METODOL. ENS. HISTÓRIA	-	-	2	2	3
	METODOL. ENS. MATEMÁTICA	-	-	2	2	3
	METODOLOGIA DO ENS. PORT. ALFABETIZ.	-	-	2	3	2
	ORGANIZAÇÃO DO TRAB. PEDAGÓGICO	3	3	2	2	-
	TRABALHO PEDAG. NA EDUC. INFANTIL	3	2	2	-	-
FE	SUB-TOTAL	25	24	20	20	20
FE	PRÁTICA DE FORMAÇÃO (EST. SUPE)	5	5	10	10	10
	SUB-TOTAL	5	5	10	10	10
	TOTAL GERAL	30	29	30	30	30

NOTA: MATRIZ CURRICULAR DE ACORDO COM A LDB N.º 9394/96

Irati, 03 de março de 2010

PROPOSTA PEDAGÓGICA CURRICULAR
CURSO DE FORMAÇÃO DE DOCENTES APROVEITAMENTO DE ESTUDOS
CONCEPÇÕES NORTEADORAS DA EDUCAÇÃO ESPECIAL

1 - Ementa

Conceito, legislação, fundamentos históricos, sócio-políticos e éticos, Reflexão crítica de questões ético- políticas e educacionais na ação do educador quanto à interação dos alunos com necessidades educacionais especiais. A proposta de inclusão visando a qualidade de aprendizagem e sociabilidade para todos, e principalmente, ao aluno com necessidades educacionais especiais. Formas de atendimento da Ed. Especial nos sistemas de ensino. A ação do educador junto a comunidade escolar: inclusão , prevenção das deficiências; as especificidades de atendimento educacional aos alunos com necessidades educacionais especiais e apoio pedagógico especializado nas áreas da educação especial. Avaliação no contexto escolar; flexibilização curricular , serviços e apoios especializado. Áreas das deficiências: mental, física neuro – motor ,visual da surdez área das condutas típicas e área da superdotação e altas habilidades.

2 – Fundamentação teórica

As crianças educacionalmente especiais são assim denominadas quando os desvios de seu desenvolvimento atingem um tipo e um grau que requerem providencias pedagógicas desnecessárias para a maioria das crianças.

Para fins didáticos as crianças especiais são com frequências agrupadas para facilitar a comunicação entre os profissionais para facilitar a comunicação entre os profissionais. É comum encontrar-se a seguinte classificação: desvio mentais, incluindo crianças que são: intelectualmente superiores lentas quanto à capacidade de aprendizagem-mentalmente retardadas; deficiências sensoriais incluindo as crianças com: distúrbios de aprendizagem e deficiência da fala e da linguagem; desordens do comportamento, incluindo as crianças som: distúrbio emocional, desajuste social; deficiências múltiplas e graves, incluindo várias combinações: paralisia cerebral e retardamento mental, surdez e cegueira deficiências físicas e intelectual graves, entre outras.

A educação especial visa o atendimento do aluno com necessidades especiais porque os professores são especializados, ou seja, possuem fundamentação em referencial teórico e prático compatível com as necessidades específicas de seu alunado. O processo deve ser integral, fluindo desde a estimulação essencial até os graus superiores de ensino.

Sob o enfoque sistêmico a educação especial integra o sistema educacional vigente, identificando-se com a sua finalidade que é a de formar cidadãos conscientes e participativos em nossa sociedade.

Sendo o curso de Formação de Docentes um preparo para os futuros professores é imprescindível que na sua formação inicial seja-lhes oferecido subsídios necessários para atender adequadamente o aluno com necessidades especiais e desenvolver ao máximo uma melhoria no exercício de sua profissão. Precisamos ver os alunos com necessidades educacionais especiais como pessoas capazes e com potencialidades, e a escola é um grande meio para se alcançar esses objetivos, sendo que para isso todo o sistema escolar deve estar preparado para receber esses alunos e principalmente o professor que terá um contato frequente e importantíssimo para a vida desse cidadão. Esta disciplina abordará os seguintes conteúdos: conceito, legislação, fundamentos históricos, sócio-políticos e éticos, reflexão crítica de questões ético- políticas e educacionais na ação do educador quanto à interação dos alunos com necessidades educacionais especiais, a proposta de inclusão visando a qualidade de aprendizagem e sociabilidade para todos, e principalmente, ao aluno com necessidades educacionais especiais; formas de atendimento da Educação Especial nos sistemas de ensino; a ação do educador junto a comunidade escolar: inclusão, prevenção das deficiências; as especificidades de atendimento educacional aos alunos com necessidades educacionais especiais e apoio pedagógico especializado nas áreas da educação especial; avaliação no contexto escolar; flexibilização curricular , serviços e apoios especializado; áreas das deficiências: mental, física neuro – motor ,visual da surdez área das condutas típicas e área da superdotação e altas habilidades.

3 – Objetivos

- Reconhecer a necessidade de se caminhar rumo a escola para “todos”, um lugar que inclua todos os alunos, celebre a diferença, apóie a aprendizagem e responda as necessidades individuais.
- Capacitar os professores para atender todos os alunos especialmente aqueles que tenham necessidades especiais.
- Acompanhar o progresso de cada aluno, oferecendo oportunidades curriculares que se adaptem a alunos com necessidades especiais.

4 – Conteúdos

1º SEMESTRE

1 - Fundamentos históricos, sócio-políticos e éticos da Educação Especial no Brasil, conceito e legislação.

- Conceito de Educação Especial
- Histórico sócio-político e ético da Educação Especial no Brasil
- Progressão sócio-histórica
- Legislação e normas:
 - Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação Especial para a Educação Básica:
 - Conceito,
 - Alunado,
 - Educação Especial e fundamentação legal
- Política Nacional da Educação inclusiva:
 - Constituição Federal de 1988 - Educação Especial.
 - LEI Nº 7853/89 - Dispõe sobre o apoio às pessoas portadoras de deficiência, sua integração social, sobre a Coordenadoria Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência – CORDE.
 - LEI Nº. 8069/90 - ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente.
 - LEI Nº10. 098/94 - Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências.
 - LEI Nº 8899/94 - Concede passe livre às pessoas portadoras de deficiência no sistema de transporte coletivo interestadual.
 - LEI Nº. 9394/96 - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.
 - LEI Nº 10.436/02 – LIBRAS.
 - LEI Nº 10.845/04 - Programa de Complementação ao Atendimento Educacional Especializado às Pessoas Portadoras de Deficiência.
 - Decreto nº. 914/93 - Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência.
 - Decreto 1680/95 - Dispõe sobre a competência, a composição e o funcionamento do.
 - Decreto nº. 3952/01 - Conselho Nacional de Combate à Discriminação.
 - Decreto nº. 3956/01 - Promulga a Convenção Interamericana para a Eliminação de todas as formas de Discriminação contra as Pessoas Portadoras de Deficiência.
- Planos Nacionais de Educação: Lei Nº10.172/01 - Plano Nacional de Educação.
- Educação mundial sobre “Educação para Todos”

2 - Serviços de apoio especializados ofertados na área das Deficiências em Irati: APAE, APADEFI, Centro de Atendimento Especializado e outras.

3 - Reflexão crítica de questões: éticas-políticas e educacionais na ação do educador quanto à interação dos alunos com necessidades educacionais especiais.

- A escola como espaço integração
- A importância da socialização
- Todas as crianças são bem vindas à escola. (texto de Maria Teresa Eglér Montan)
- A escola como espaço inclusivo.
- Aspectos positivos e negativos da inclusão no ensino regular
- Filme -“Meu nome é Rádio” (sugestão este filme trata da inclusão e da abertura para o mercado de trabalho)

4 - A proposta de inclusão visando à qualidade de aprendizagem e sociabilidade para todos, e principalmente, ao aluno com necessidades educacionais especiais.

- integração X inclusão: Escola (de qualidade) para todos. (texto de Maria Cândida Lacerda Muniz Trigo)

2º SEMESTRE

1 - Formas de atendimento da Ed. Especial nos sistemas de ensino.

- Adaptações curriculares educacionais especiais na Educação Infantil e nas séries iniciais do ensino fundamental.
- Apoio pedagógico especializado
- Adaptações nos ambientes escolares

2 - A ação do educador junto à comunidade escolar: inclusão, prevenção das deficiências; as especificidades de atendimento educacional aos alunos com necessidades educacionais especiais e apoio pedagógico especializado nas áreas da educação especial.

- A ação do educador junto à comunidade escolar
- Prevenção das deficiências: pré-natal, peri-natal e pós-natal.
- As especificidades de atendimento educacional aos alunos com necessidades educacionais especiais
- Apoio pedagógico especializado nas áreas da educação especial.

3 - Áreas das deficiências: mental, física neuro - motor, visual da surdez área das condutas típicas e área da superdotação e altas habilidades: conceito, causas, tipos, identificação, sinais indicadores, procedimentos metodológicos e o papel da família

- Área de Condutas Típicas: conceito, causas, tipos, identificação, sinais indicadores, procedimentos metodológicos e papel da família.
- Área de Deficiência Mental:
 - Conceito: o que é deficiência mental?
 - Causas,
 - Tipos: Quais os tipos de deficiências mentais?
 - Identificação,
 - Sinais indicadores: Síndrome de down, Síndrome do X frágil, Autismo
 - Procedimentos metodológicos
 - O papel da família.
- Área de Deficiência Física:
 - O que é deficiência física
 - Quais os tipos de deficiência física
 - Caracterização: As causas mais freqüentes podem ocorrer nos períodos: Pré-natal (durante a gestação), Perinatal (no momento em que ocorre o nascimento), Pós-natal (após o nascimento)
- PC – Paralesia cerebral , Distrofia Muscular Progressiva , Esclerose Múltipla
- Atendimento Educacional
- Área de Superdotação/Altas Habilidades:
 - Conceito: quem é o aluno com altas habilidades/superdotação?
 - Habilidade acima da média
 - Criatividade
 - Envolvimento com a tarefa
- Tipos de alunos com altas habilidades/superdotação:
 - Tipo intelectual
 - Tipo psicomotor
 - Tipo acadêmico
 - Tipo criativo
 - Tipo social
 - Tipo talento especial
 - Síndrome de Asperger (sugestão de filme: Ray Mass e Loucos de amor)
- Identificação: como identificar as altas habilidades/superdotação
- Sinais que apontam os indicadores de altas habilidades/superdotados

- Procedimentos metodológicos: o que o professor pode fazer pelo aluno com altas habilidades/superdotados
- O papel da família.
- Sugestão de filmes: Mentem que brilham; Lances inocentes; Gênio Indomável; Uma mente Brilhante; Sociedade dos Poetas Mortos; Prenda-me se for capaz; Encontrando Forrester; Amadeus; Brilhante; Hackers-Piratas de Computador; Código para o Inferno
- Área de Deficiência da Surdez:
 - Conceito:
 - Causas,
 - Tipos,
 - Identificação,
 - Sinais indicadores,
 - Procedimentos metodológicos: atendimento especializado aos alunos surdos:
 - Interprete de libras/língua portuguesa
 - Instrutor surdo de libras
 - Centro de atendimento especializado
 - Instituições especializadas
 - Escola especial para surdos (Educação Básica)
 - Filme: ‘ Adorável Profº Mister Holland”
- O papel da família.
- Área de Deficiência Visual:
 - Conceito: O que é a deficiência visual
 - Causas:
 - Sinais indicadores: Sinais que podem indicar uma perda visual na infância
 - Como se relacionar com o deficiente visual
 - Tipos, identificação,
 - Procedimentos metodológicos: atendimento especializado aos surdos
 - Papel da família.
- Múltiplas Deficiências:
 - Conceito de múltiplas deficiências
 - Causas,
 - Tipos,
 - Identificação,
 - Sinais indicadores,
 - Procedimentos metodológicos: Sala de Recursos de Condutas Típicas; Classe Especial de Condutas Típicas e Escola Especial
 - O papel da família.

- Sugestão de filme: O milagre de Anne Sullivan.
- Educação Profissional:
- A integração do deficiente e sua incorporação na força de trabalho

4 - Avaliação: Inclusão pela qualidade

- A avaliação no contexto escolar
- Conceito de avaliação
- Características e funções da avaliação:
 - Somativa
 - Formativa
 - Diagnóstica
- Tipos de avaliação:
 - Auto-avaliação
 - Heteroavaliação
 - Co-avaliação
- Características da avaliação e seus focos infra e extra-escolares
- Os diversos tipos de avaliação educacional.
- Formas de atendimento da Ed. Especial nos sistemas de ensino.
 - Sala de recursos
 - Classe especial
 - Escola especial
 - Ensino regular
 - Classes hospitalares

5 - Metodologia

A partir da retomada do resgate histórico da filosofia e princípios da inclusão é preciso que as alunas entendam a educação inclusiva como valorização da diversidade humana, dando importância as minorias para que possam ter uma cidadania com qualidade de vida. Os trabalhos desta disciplina serão desenvolvidos por meio de debates, seminários, visitas, discussões de textos e outros.

6 - Avaliação

A avaliação será diagnóstica, contínua e cumulativa, ocorrendo de maneira formal e informal.

Avaliação formal se fará através de elaboração de trabalhos individuais e em grupos, pesquisa, análise e produção de texto, exercícios diversos, textos e provas bimestrais. Já a avaliação informal se procederá pela observação diária do aluno sobre os aspectos de formação integral do ser humano que são: trabalhos em

grupos, pesquisas, relatórios após pesquisa de campo, pesquisa com relação ao atendimento ao aluno especial.

A avaliação seguirá as normas estabelecidas no regimento interno deste estabelecimento

7 – Referências Bibliográficas

ALENCAR. E.M.L.S. **Como desenvolver o potencial criador**. Petrópolis: Vozes 1991.

ARANHA. M.S.R. **Inclusão social da criança especial**.

BASSEDAS E. & HUGUET, T. & outros **Intervenção educativa e diagnóstica psicopedagógico**. Porto Alegre: Altmed Editora, 1996. 3.^a ed.

BEVERVANÇO, R.B. **Direito da pessoa portadora de deficiência: da exclusão à igualdade**. Curitiba: Ministério Público do Paraná, 2001.

BOBATH. K. **Uma base neurofisiológica para tratamento da paralisia cerebral**. São Paulo: Manoela LTDA

CARVALHO, R. E. **Removendo barreiras para a aprendizagem: educação inclusiva**. Porto Alegre: Mediação, 2000.

_____. **Temas em educação especial**. Rio de Janeiro: WVA, 2000, 2.^a ed.

CARVALHO. K. M. M. de OUTROS. **Visão subnormal - orientações ao professor do ensino regular**. Campinas São Paulo: Editora da Universidade de Campinas, 1994.

COLL, C.; PALACIOS, J.; MARCHESI, A. **Desenvolvimento psicológico e educação: necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO – PARANÁ. Deliberação: 02/03 - Normas para a Educação Especial, modalidade de Educação Básica para alunos com necessidades educacionais especiais, no Sistema de Ensino do Estado do Paraná.

CUNHA, A. C. de B. **Dos Problemas Disciplinares aos Distúrbios de Conduta**. São Paulo: Nacional, 1970.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA. **Enquadramento da ação: necessidades educativas especiais**. In: CONFERÊNCIA MUNDIAL SOBRE NEE: acesso e qualidade - UNESCO. Salamanca/Espanha: UNESCO, 1994.

_____. **Linha de ação sobre as necessidades educativas especiais**. Salamanca: Espanha, 1994.

DIRETRIZES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO ESPECIAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA/ Secretaria de Educação Especial - MI:C; SEESP. 2001.

- FONSECA, V. **Educação Especial: programa de estimulação precoce – uma introdução às idéias de Feuerstein**. Porto Alegre: Artmed. 1995.
- FRENDRICH, M. **Hiperatividade contato**. Curitiba, n.º 125. mai/jun. 2004.
- GALLAGHER, K. **Educação da criança excepcional**. Martins Fontes.
- GALVAO, I. Henri Wallon . **Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Petrópolis. Editora Vozes, 1995.
- GOMES, N.M.;ALMEIDA, M. **Atividades recreativas e alfabetização do deficiente mental**. Sertópolis: 2001.
- GONZÁLEZ, J. A. T. **Educação e diversidade: bases didáticas e organizativas**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- _____. **Educação e diversidade: bases didáticas e organizativas**. Trad. Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.
- GORTÁZAR, O. O professor de apoio na escola regular. In: COLL, C.; PALÁCIOS, J.
- JUPP. Kenn. **Viver plenamente: convivendo com as dificuldades de aprendizagem**, Campinas/.SP: Papirus. 1995.
- KARAGIANNIS, A.; SAINBACK, W.; STAINBACK, S. **Fundamentos do ensino inclusivo**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.
- KASSAR, M. de C. M. **Ciência e senso comum no cotidiano das classes especiais**. Campinas: Papirus, 1995.
- LOCATELLI, Cristina. **Agressividade infantil: relax e reprogramação emocional para crianças; um guia para pais e educadores, professores e futuros pais - São Paulo; Sucesso 2002**.
- MARCHESI, A. (org.) **Desenvolvimento psicológico e educação: necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- MAZZOTA, M. J. da S. **Trabalho docente e formação de professores de Educação Especial** São Paulo/SP:EPU. 1993.
- _____. **Fundamentos de educação especial**. São Paulo: Enio Matheus Guazzelli & Cia. Ltda, 1997.
- MILLER, Nancy B. **Ninguém é perfeito: vivendo e crescendo com crianças que têm necessidades especiais**. Campinas/SP: Papirus, 1994.
- NERIS, E. A. O direito de ser diferente. **Mensagem da APAE**, n. 83, p. 4-6, out./dez. 1998.
- NOVAES, M. H. **Desenvolvimento psicológico do superdotado**. São Paulo: Atlas, 1979.
- PALHARES, M. S. M., S. C. F. **Escola inclusiva**. São Carlos: Ed. UFSCar, 2002.

PARANÁ. Conselho Estadual de Educação. Deliberação nº 02/03. Curitiba, 2003.

_____. SECRETARIA DF- ESTADO DA EDUCAÇÃO. **Aspectos lingüísticos da Libras.** Curitiba: SEED/SUED/DEE. 1998.

PERLIN, G. **Identidades surdas.** In : SKLIAR, Carlos, (org.) A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre : Mediação. 1998. p. 52-73.

RIBAS. J. B. C. **O Que são Pessoas Deficientes:-.** São Paulo: Brasiliense, 1983.

SILVA, B. **Mentes inquietas: entendendo melhor o mundo das pessoas distraídas, impulsivas e hiperativas.** São Paulo: Gente, 2003.

STAINBACK, S; STAINBACK, W. **Inclusão:** um guia para educadores. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

VYGOTSKY. L. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes. 1988.

WINNER. E. **Crianças superdotadas.** Mitos e realidades. Porto Alegre: Artes Médicas Sul 1998.

METODOLOGIA DO ENSINO DE PORTUGUÊS/ ALFABETIZAÇÃO

APROVEITAMENTO DE ESTUDOS

1 – Ementa

A Língua Portuguesa passou a integrar os currículos escolares brasileiros somente nas últimas décadas do século XIX. A preocupação com a formação do professor dessa disciplina teve início apenas nos anos 30 do século XX.

Depois de institucionalizada como disciplina, as primeiras práticas de ensino moldavam-se ao ensino do Latim, para os poucos que tinham acesso a uma escolarização mais prolongada.

A partir dos anos 80, os estudos linguísticos mobilizaram os professores para a discussão e o repensar sobre o ensino da língua materna e para a reflexão sobre o trabalho realizado nas salas de aula. A ideia do letramento ou níveis de alfabetismo, a partir da década de 80, trouxe uma mudança conceitual que colocou por terra a simples distinção entre alfabetizados e analfabetos. O contexto histórico e social impôs ao cidadão a necessidade de ir além da mera capacidade de codificar e decodificar: é necessário atingir capacidades linguísticas que lhe permitam exercer as práticas de leitura e escrita dos diferentes gêneros textuais que circulam no seu meio social, associando-as ou dissociando-as das práticas sociais de oralidade.

O futuro professor precisa entender a leitura e a escrita como atividades sociais significativas, sustentando-se, por conseguinte, em atividades pedagógicas que envolvem o uso da língua em situações reais, através de textos significativos e contextualizados.

A prática pedagógica na Língua Portuguesa deve levar em consideração três grandes eixos: compreensão da função social da leitura e da escrita; aquisição da leitura e da escrita, domínio do sistema gráfico.

Estes eixos não significam etapas sucessivas; deverão constituir-se num trabalho distinto, mas não disjunto.

Desta forma o trabalho metodológico em Língua Portuguesa deverá garantir quatro práticas fundamentais: leitura e interpretação, produção de textos orais e escritos, análise linguística, atividades de sistematização para o domínio do código.

2 - Fundamentação teórica

A área de ensino da linguagem oral e escrita apresenta algumas particularidades pois é uma área na qual ocorreram nos últimos anos, profundas mudanças em decorrência dos novos conceitos e resultados de pesquisas sobre aprendizagem e também da reflexão sobre a importância do papel que ela desempenha na cultura e na educação. Essas mudanças suscitam uma série de transformações no campo da formação dos professores como: a estruturação de um conhecimento mais formal e teórico para que os docentes se atualizem e adquiram mais conhecimentos diversificados e a necessidade de desenvolver esse conhecimento no contexto menos formal da prática na sala de aula.

Se considerarmos a alfabetização na perspectiva do que a escrita representa de seus valores e usos sociais, bem como a compreensão da estrutura desse sistema de representação, então o trabalho de alfabetização estará direcionado para um ensino que permita à criança compreender, desde o início a função social da escrita, e dela faça uso efetivo construindo-se como leitor e escritor.

O que se defende é a necessidade de a escola compreender que a variabilidade na escrita diz respeito tanto às suas condições de produção, recepção e circulação quanto à compreensão dessas condições pelos sujeitos. Essa é, também, uma forma de considerar aquilo que o aluno já sabe, em função de sua experiência prévia, como conhecimento relevante.

E se essa tarefa é concebida como uma daquelas que a escola deve assumir, então será possível que se procurem caminhos para um trabalho em que se alterem efetivamente as imagens que se tem acerca do que seja estar inserido no mundo da escrita, o que, certamente, dará margem a ações mais pontuais em relação a uma série de outros desafios.

O interesse na questão leva- os, também, a refletir sobre quais seriam as práticas de ensino/aprendizagem que possibilitariam que ao aluno sejam dadas oportunidades de, mais do que conhecer o código, introduzir a palavra escrita em sua vida, em diferentes situações de interação; em outras palavras, os professores, cada vez mais, mostram- se preocupados em possibilitar que o aluno recorra à tecnologia da escrita segundo suas necessidades comunicativas, as quais podem ser ampliadas como resultado de um contato cada vez mais intenso com a escrita.

Do ponto de vista dos estudos linguísticos e particularmente daqueles que refletem sobre o processo de aquisição e desenvolvimento da língua e da linguagem, a noção de competência é crucial para explicar os caminhos pelos quais o sujeito aprende a usar a linguagem e a se constituir enquanto tal. Dessa perspectiva, a competência comunicativa pode ser considerada como a capacidade de interagir em diferentes situações de interação e, portanto, de produzir/receber textos.

Essa capacidade engloba pelo menos três grandes sistemas de conhecimento que são: **conhecimentos linguísticos**: saberes acerca das regras de funcionamento da língua, no nível fonológico, morfológico, sintático e semântico; **textuais- pragmáticos**: saberes relativos aos gêneros e tipos textuais, tanto em relação à sua configuração usual quanto a seu funcionamento em diferentes instituições e situações de interação, bem como no que respeita a normas de uso da língua nas práticas comunicativas das quais emergem os textos; **conhecimentos referenciais**: em outras palavras saberes sobre o mundo.

Estes eixos são trabalhados com os seguintes conteúdos: evolução das concepções do processo de alfabetização no Brasil, situação atual e perspectivas; concepção de língua, linguagem e de alfabetização; fatores sociolinguísticos que interferem na aprendizagem da leitura e da escrita; aspectos políticos e ideológicos do processo de alfabetização; encaminhamento metodológico pela leitura, a produção de textos; análise linguística, a reescrita de textos e a avaliação; os eixos que norteiam o ensino de português pela prática de leitura, prática de produção de textos e análise e reflexão sobre a língua; conteúdos de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental e análises de livros didáticos (confecção de materiais didáticos para alfabetização); planejamento, elaboração e aplicação de planos de aula sobre: produção de texto e gramática estrutural contextualizada.

Será utilizada a dialética de construção do conhecimento em sala de aula, tendo em vista estratégias de ação que permitam desenvolver os conteúdos de maneira analítica, crítica e contextualizada, permitindo a diversificação de atividades e encaminhamentos, oportunizando aos alunos, uma construção sólida dos conhecimentos necessários para o exercício da docência.

Para tanto serão utilizados recursos metodológicos diversificados como: exposição dialogada do conteúdo, exposição provocativa, planejamento de

situações práticas, dinâmicas de grupo, pesquisas, análises de textos infantis, trabalhos em grupo, seminários e outros recursos metodológicos que forem oportunos e estiverem disponíveis.

3 – Objetivos

- Experimentar na prática o que será vivenciado no cotidiano de um professor.
- Conhecer as diferentes formas de linguagem escrita, através da produção e análise de diferentes tipos de textos.
- Buscar alternativas criativas e inovadoras ampliando seus conhecimentos em relação à sua prática pedagógica.
- Discernir sobre a postura adequada e inadequada do professor em sala de aula diferenciando os aspectos de como ensinar, a quem ensinar, o que ensinar, quando ensinar e por que ensinar.

4 – Conteúdos

3º semestre

1 - A leitura e a escrita como atividades sociais significativas

- Linguagem e sociedade
- Concepção de linguagem
- Concepção de ensino e de aprendizagem
- A escrita como um processo histórico social: importância, usos e práticas sociais da escrita
- Reflexões sobre a história da escrita na história da humanidade
- Fases pictográfica, ideográfica, alfabética
- Contribuições teóricas referentes à alfabetização: Vocabulário infantil, Pensamento e linguagem / literatura infantil e o desenvolvimento de pesquisa na área de aprendizagem da leitura e da escrita

2 - A atuação do professor de Língua e Alfabetização: pressupostos teórico-práticos

- Políticas de valorização do professor
- O professor e sua formação
- O professor leitor
- O professor e as práticas docentes multidisciplinares
- O professor e a formação cultural

3 - As contribuições das diferentes Ciências (História, Filosofia, Psicologia, Pedagogia, Linguística, Psicolinguística, Sociolinguística) na formação do professor de Língua Portuguesa e Alfabetização

- Métodos de alfabetização, suas limitações e consequências:
 - Diferentes Métodos de Alfabetização utilizados nas diferentes idades: Sintético, Analítico, Eclético ou Misto
 - Alfabetização a partir do texto, da frase e palavra
- Análise crítica dos diferentes Programas de Alfabetização desenvolvidos no Brasil:
 - Histórico do Mobral, Alfabetização Solidária, Correção de Fluxo, Brasil Alfabetizado, Paraná Alfabetizado, Aceleração de Estudos e outros.

- Contribuição de Paulo Freire no processo de alfabetização de jovens e adultos
- Análise crítica dos processos de alfabetização

4º semestre

1 - Estudo e análise crítica dos diferentes processos de Ensino da Língua Portuguesa, da Alfabetização e do Letramento

- Teorias sobre a aquisição do conhecimento e sobre a aquisição da leitura e da escrita
- O trabalho de Vygotsky e Luria no desenvolvimento
- Fatores psico-sociolinguísticos que interferem na aprendizagem da leitura e da escrita
- Hipóteses infantis sobre a construção da escrita
- A pesquisa de Ferreiro e Teberosky
- Os níveis conceptuais linguísticos:
 - Nível 1 – pré- silábico: (fases pictórica, gráfica primitiva e pré- silábica) - o desenvolvimento da leitura e escrita; a aquisição da linguagem oral e escrita
 - Nível 2 - intermediário 1: o desenvolvimento da leitura e escrita; a aquisição da linguagem oral e escrita
 - Nível 3 - silábico: o desenvolvimento da leitura e escrita; a aquisição da linguagem oral e escrita
 - Nível 4 - intermediário II ou silábico- alfabético: o desenvolvimento da leitura e escrita; a aquisição da linguagem oral e escrita
 - Nível 5 - alfabético: o desenvolvimento da leitura e escrita; a aquisição da linguagem oral e escrita
- Concepção de língua, linguagem e de alfabetização
 - Evolução das concepções do processo de alfabetização no Brasil
 - Aspectos políticos e ideológicos do processo de alfabetização
 - Linguagem como interação e prática pedagógica: função cognitiva, função comunicativa e função reguladora
 - Noções básicas e fonéticas
- A linguística e o ensino de português
 - Concepção da variação linguística
 - A realidade linguística da criança
 - A escola e a variação linguística
 - Como é estabelecido o dialeto padrão
- Leitura, Escrita e Literatura.
 - A história da escrita
 - Concepção de linguagem escrita
 - Concepção e aquisição de leitura e escrita pela criança e pelo adulto
 - Características do sistema gráfico da Língua Portuguesa
 - O processo de letramento escolar
 - Modelos de letramento e funções sociais da escrita
 - Iniciação a leitura: o que é ler
 - Tipos de leitura
- Análise crítica dos conteúdos de Língua Portuguesa no 1º. Ciclo do Ensino Fundamental

- Análise crítica de materiais didáticos de alfabetização e Língua Portuguesa (livros didáticos)
- Análise crítica dos PCNs e dos RCNEI
- Confeção de materiais didáticos para alfabetização
- Planejamento, elaboração e aplicação de planos de aula sobre: produção de texto e gramática estrutural contextualizada.
- Avaliação da aprendizagem

2 - Considerações teórico-metodológicas para a prática pedagógica de Alfabetização e Letramento

- Leitura, escrita e literatura:
 - Concepção de alfabetização e letramento
 - O processo de letramento escolar
 - Como alfabetizar letrado
 - Conceito de leitura: o que é ler
 - Iniciação à leitura
 - Oralidade e comunicação: a escola e o desenvolvimento da linguagem oral
 - Tipos de leitura
 - Leitura e interpretação
- A atualidade do trabalho de Celestin Freinet:
 - A produção de texto livre e espontâneo (Freinet)
 - O ensino da escrita como uma arte
- Programas e projetos de alfabetização atuais
- A persistência de dilemas como: prontidão para alfabetização e cartilhas de alfabetização
- As cartilhas e sua ideologia- grande negócio
- Encaminhamento Metodológico: a leitura, a produção e análise linguística de textos:
 - Conceito de texto e de escrita
 - Procedimentos metodológicos
 - Atividades de sistematização para o domínio do código
 - A produção, reestruturação e reescrita de textos
 - A leitura
 - A produção e análise linguística de textos
- Análise de textos
 - Análise linguística de textos impressos
- Adequação do texto
 - Interlocutor do texto (criança, adulto, autoridade)
 - Intenção (divertir, convencer, instruir)
 - A situação (maior ou menor rigor na forma)
 - Gênero (características particulares)
- Estrutura do texto
 - Clareza (não há falta de informação, ambiguidade?).
 - Coerência (não há contradições?).
 - Coesão (as partes estão amarradas com os recursos coesivos adequados?).
 - Discurso (direto ou indireto, foram empregados segundo a convenção)
- Problemas sintáticos do texto

- Concordância verbal
- Concordância nominal
- Regências

5º SEMESTRE

- Problemas morfológicos
 - Vocabulário adequado
 - Ortografia
 - Acentuação gráfica
 - Padrões silábicos da língua (mudança de linha)
- Apresentação da redação
 - Letra legível
 - Disposição adequada na folha de papel
 - Limpeza
- Tipologia Textual e funções da linguagem:
 - Os diferentes tipos de textos: descritivos, narrativos, dissertativos, jornalísticos, cartas, bilhetes, anúncio, aviso e propaganda.
- Processo de avaliação: uma visão construtiva do erro
 - Subsídios para a avaliação da produção textual
 - Estrutura do texto:
 - Clareza (não há falta de informação, ambiguidade?)
 - Coerência (não há contradições?)
 - Coesão (as partes estão amarradas com os recursos coesivos adequados?)
 - Discurso (direto ou indireto, foram empregados segundo a convenção)
 - Problemas sintáticos do texto:
 - Concordância verbal
 - Concordância nominal
 - Regências
 - Problemas morfológicos:
 - Vocabulário adequado
 - Ortografia
 - Acentuação gráfica
 - Participação silábica convencional na mudança de linha
- Apresentação da redação:
 - Letra legível
 - Disposição adequada na folha de papel
 - Limpeza
 - Observação das normas de organização textual e domínio de escrita e critérios
 - Definição clara dos argumentos que foram selecionados (a organização textual e o domínio de escrita)
 - Explicitação de sua opinião (contra/favor) em relação aos argumentos selecionados (observar se a opinião a ser expressa deve ser feita sempre em relação a argumentos utilizados)
 - Apresentação com clareza da ideia central explicitada pelo autor do texto de referência, tomando o cuidado de não incluir posicionamento pessoal

- O papel da escola como promotora de alfabetização e letramento
- Conteúdos de Língua Portuguesa no 2º. Ciclo do Ensino Fundamental
 - Análises de livros didáticos:
 - Confecção de materiais didáticos para alfabetização
 - Planejamento, elaboração e aplicação de planos de aula sobre: produção de texto e gramática estrutural contextualizada

5 – Avaliação

Terá caráter investigativo e de diagnóstico ocorrendo de maneira formal e informal.

A avaliação formal dar-se-á através de instrumentos como: elaboração de trabalhos de pesquisa e de sínteses quando se tratar de conteúdos de caráter teórico tanto individuais quanto em grupos; relatórios, análise e produção de textos, testes formais objetivos e subjetivos.

Já a avaliação informal se utilizará de observações diárias em que se manifestam as atitudes, o desempenho na realização das atividades propostas levando-se em consideração os aspectos de formação integral do ser humano como a participação, o comprometimento, a assiduidade, a responsabilidade, a produtividade, o relacionamento com os colegas e professores.

O processo de avaliação seguirá o que está exposto no Regimento Escolar.

6 – Referências Bibliográficas

ABRAMOVICH, F. **O estranho mundo que se mostra às crianças**. São Paulo, Summus, 1983.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1988.

BASTOS, L. K.; MATTOS, M. A. A de. **A produção escrita e a gramática**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1992.

BETTELHEIM, B. **A Psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

BETTELHEIM, B. ; ZELAN, K. **Psicanálise da alfabetização**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

BRAGGIO, S. L. B. **Leitura e alfabetização: da concepção mecanicista à sociopsicolingüística**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e lingüística**. São Paulo: Scipione, 1995.

_____. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 1993.

CHARTIER, A. M. et al. **Ler e escrever: entrando no mundo da escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

_____. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Unesp, 1997.

COLOMER, T.; AMPS, A. **Ensinar a ler, ensinar a compreender**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

COOK, G. J. Alfabetização e escolarização: uma equação imutável? In: COOK, G. J (org.) **A construção social da alfabetização**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1991.

FARACO, C. A. e outros . **Uma introdução a Bakhtin**. Curitiba, Hatier, 1988.

FERREIRO, E. **Reflexão sobre alfabetização** São Paulo: Cortez, 1988

_____. **Alfabetização em processo**. São Paulo: Cortez, 1986.

_____. **Reflexões sobre a alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1992.

FRANCHI, E. **A pedagogia da alfabetização da oralidade à escrita**. São Paulo: Cortez, 1991.

_____. **Pedagogia da alfabetização: da oralidade à escrita**. São Paulo: Cortez, 1995.

FREGONEZI, E. D. **Elementos de Ensino da Língua Portuguesa**. Editora Arte e Ciência, 1999

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1982.

GERALDI, J. W. (org). **O texto na sala de aula leitura e produção**. Campinas, Assoeste, 1984.

_____. **Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação**. Campinas: Mercado das Letras, 1996.

GRAFF, H. J. **Os labirintos da alfabetização: reflexões sobre o passado e o presente na alfabetização**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

JOLIBERT, J. et al. . **Formando crianças leitoras**. Porto Alegre: Artes Médicas: 1994.

KATO, M. **O aprendizado da leitura**. São Paulo Martins Fontes, 1985.

_____. **O aprendizado da leitura**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

KAUFMAN, A. M.; RODRIGUES, M. H. **Escola, leitura e produção de textos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

KLEIMAN, A. B. et al . **O ensino e a formação do professor: alfabetização de jovens e adultos**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

KLEIN, L. R. **Alfabetização: quem tem medo de ensinar?** São Paulo: Cortez, 1996.

KRAMER, S. **Alfabetização, leitura e escrita: formação de professores em curso.** Rio de Janeiro: Escola de Professores, 1995.

LEMLE, M. **Guia teórico do alfabetizador.** São Paulo, Editora Ática, 1994.

MASSINI, C. G.; CAGLIARI, L. C. **Diante das letras: a escrita na alfabetização.** São Paulo: Mercado das Letras, 2001.

MEIRELES, C. **Problemas da literatura infantil.** São Paulo, Summus, 1979

MOLLICA, M. C. **A influência da fala na alfabetização.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998.

MORAIS, J. **A arte de ler.** São Paulo: Unesp.1994.

MORTATTI, M. do R. L. **Os sentidos da alfabetização.** São Paulo: Editora Unesp: Comped, 2000.

OLIVEIRA, Z. **Creches, crianças, faz de conta.** Rio de Janeiro: Vozes, 1992.

_____. **Educação infantil, muitos olhares.** São Paulo: Cortez, 1996.

OLSON, D. R. **O mundo no papel: as implicações conceituais e cognitivas da leitura e da escrita.** São Paulo: Ática., 1997.

POSSENTI, S. **Por que (não) ensinar gramática na escola.** São Paulo: Mercado das Letras, 1996.

ROJO, R. **Alfabetização e letramento.** São Paulo: Mercado das Letras, 1998.

SCLIAR, C. L. **Princípios do sistema alfabético do português do Brasil.** São Paulo: Contexto, 2003.

SMOLKA, A. L. B. **A criança na fase inicial da escrita.** Campinas, Ed. da UNICAMP, 1988.

_____. **A criança na fase inicial da escrita: alfabetização como processo discursivo.** São Paulo: Unicamp, 1988.

SOARES, G. M. R. & LEGEY, E. P. **Fundamentos e metodologia da alfabetização: método natural.** Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1981.

SOARES, M. B. **Linguagem e escola.** São Paulo: Ática, 1988.

_____. M. **Linguagem em escola: uma perspectiva social**. São Paulo: Ática, 1989.

TFOUNI, L. V. **Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso**. São Paulo: Pontes Editores, 1998.

VYGOTSKY, L. S. **Formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ZILBERMANN, R. (org). **A produção cultural para a criança**. Porto Alegre. Mercado Aberto. 1982.

PROPOSTA PEDAGÓGICA CURRICULAR
CURSO DE FORMAÇÃO DE DOCENTES APROVEITAMENTO DE ESTUDOS
FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

1 – Ementa

Em toda a história do Brasil, a partir da colonização portuguesa, podemos constatar a emergência de políticas para educação de jovens e adultos, focadas e restritas, principalmente aos processos de alfabetização, sendo muito recente a conquista, reconhecimento e definição desta modalidade enquanto política pública de acesso e continuidade à escolarização básica.

Durante quase quatro séculos, observa-se o domínio da cultura branca, cristã, masculina e alfabetizada sobre a cultura dos índios, negros, mulheres e analfabetos. Historicamente, constata-se o desenrolar de uma educação seletiva, discriminatória e excludente.

No final do século XIX e início do século XX, num contexto de emergente desenvolvimento urbano industrial e sob forte influência da cultura europeia, são aprovados projetos de leis, que enfatizam a obrigatoriedade da educação de adultos, objetivando aumentar o contingente eleitoral, principalmente no primeiro período republicano e, conseqüentemente, atender aos interesses das elites. A escolarização passa a se tornar critério de ascensão social, referendada pela Lei Saraiva de 1882, incorporada posteriormente à Constituição Federal de 1891, em que se inviabilizará o voto ao analfabeto, alistando somente os eleitores e candidatos que dominassem as técnicas de leitura e escrita.

O conhecimento é um dos produtos da ação humana, sendo decorrência da vocação dos seres humanos de relacionarem-se com o mundo de forma ativa e transformadora. Nesta relação, os homens e mulheres encontram dificuldades, estímulos e recursos necessários que os levam a agir intervindo no mundo.

Nesta ação, homens e mulheres percebem o próprio ambiente, identificam situações desfavoráveis, inventam ou descobrem alternativas possíveis para enfrentá-las ou alterá-las, experimentam, avaliam o que fizeram, rejeitam ou aceitam-nas e neste processo, produzem e incorporam uma infinidade de ideias (que também chamamos de representações mentais) e constroem conhecimentos.

A dimensão cultural da escola para o(a) aluno(a) jovem e adulto pode ser observada sob diferentes aspectos. A escola é um espaço privilegiado de divulgação da cultura: local, regional, nacional e, claro, da cultura de diferentes povos, em diferentes épocas.

Por muito tempo, a cultura ensinada na escola foi a erudita, branca, centrada na herança européia. Historicamente, fomos aprendendo a ver dentro do território brasileiro a diversidade de formas de expressão da nossa cultura: nossa história, nossas músicas, nossa arte, nossas crenças, nossa forma de ver, falar e pensar o mundo. Sabemos, também, que cada grupo social, seja uma comunidade, uma tribo ou uma classe social, constrói sua cultura de maneira particular, e que nem uma, nem outra podem ser avaliada em termos de melhor ou pior, verdadeira ou falsa.

A escola, ao mesmo tempo em que tem a tarefa de apresentar aos alunos o marco da cultura humana, deve permitir que seus alunos e a comunidade na qual se encontra, expressem sua cultura particular.

O conhecimento ocupa parte considerável do trabalho que a escola realiza; o encontro entre alunos e seus professores e o diálogo que estabelecem são, por essência, atos de conhecer. Um conhecimento se caracteriza pelo conjunto de saberes produzidos pelos homens em sua busca incessante de explicar o mundo e a si mesmos. Um conjunto que poderíamos comparar à confecção de um tecido, no qual os fios formam tramas e estas os tecidos, de modo que todos estão inter-relacionados; um tecido construído social e individualmente.

2 – Encaminhamentos Metodológicos

A educação de Jovens e Adultos representa uma possibilidade que pode contribuir para efetivar um caminho e desenvolvimento de todas as pessoas, de todas as idades. Planejar esse processo é uma grande responsabilidade social e educacional, cabendo ao professor no seu papel de mediar o conhecimento, ter uma base sólida de formação, visto que a educação deve proporcionar ao indivíduo jovem e adulto retomar e ampliar seu potencial, desenvolvendo suas habilidades, confirmando suas competências adquiridas ao longo de sua vida e na educação de senso comum, com vistas a um nível técnico e profissional mais qualificado.

A educação de adultos torna-se mais que um direito, considerando-se que para o exercício pleno da cidadania e uma participação plena na sociedade, o conhecimento é o ponto chave para que esse direito se efetive. Sendo um poderoso argumento em favor do desenvolvimento ecológico sustentável, da democracia, da justiça, da igualdade entre os sexos, do desenvolvimento socioeconômico e científico, além de um requisito fundamental para a construção de um mundo onde a violência cede lugar ao diálogo e à cultura de paz baseada na justiça. (Declaração de Hamburgo sobre a EJA).

O principal objetivo da Educação de Jovens e Adultos é auxiliar cada indivíduo a desenvolver tudo aquilo que tem capacidade para ser. Durante vários anos foram

desenvolvidos projetos para a alfabetização de Jovens e adultos, destaca-se, portanto, alguns deles: O Mobral – Movimento Brasileiro de Alfabetização, de 1967-1985; fundação Educar, de 1986-1990 e o Programa Brasil Alfabetizado, de 2003 até o momento atual.

A educação de jovens e adultos (EJA) é vista como uma forma de alfabetizar quem não teve oportunidade de estudar na infância ou aqueles que por algum motivo tiveram de abandonar a escola. Todavia, se faz necessário hoje a capacitação continuada em todas as fases da vida, e não somente durante a infância e a juventude.

O processo de educação no indivíduo tem três dimensões, sendo estes: a individual, a profissional e a social. A primeira, considera a pessoa como um ser incompleto, que tem a capacidade de buscar seu potencial pleno e se desenvolver, aprendendo sobre si mesmo e sobre o mundo. Na profissional, está incluída a necessidade de todas as pessoas se atualizarem em sua profissão. No social (sendo este, a capacidade de viver em grupo), um cidadão, para ser ativo e participativo, necessita ter acesso à informações e saber avaliar criticamente o que acontece. (IRELAND, 2009, p. 36).

Desta forma, não basta somente capacitação dos alunos para futuras habilitações nas especializações tradicionais. Trata-se de ter em vista a formação destes para o desenvolvimento amplo do ser humano, tanto para o mercado de trabalho, mas também para o viver em sociedade.

A metodologia usada é a Dialética Crítica Reflexiva, propondo ao aluno pensar o seu fazer, num movimento dinâmico entre teoria/prática, buscando compreensão dos instrumentos metodológicos.

- Análise de textos e vídeos;
- Análise de práticas envolvendo descrição, interpretação, confronto, reconstrução;
- Produções individuais e em grupo;
- Relatórios de narrativas de sua própria prática e/ou de práticas observadas em diferentes turmas de EJA;

As atividades realizadas na formação de professores são divididas entre teóricas e práticas.

Nas atividades teóricas são abordados textos relacionados com a alfabetização em Língua Portuguesa e Matemática.

Dentre as atividades práticas privilegia-se a elaboração e a confecção de materiais didáticos, alternativos a partir de sucata, cartolina, papel de embrulho (reta numérica, calendário, jogo da memória, quebra-cabeça, baralho, dominó, dentre outros).

Paralelamente, os professores são instruídos a prepararem seus planos de aula e desenvolverem dramatizações voltadas para cenas do cotidiano, frente à realidade de cada comunidade onde vivem os futuros alunos a serem alfabetizados.

As questões mais subjetivas são vivenciadas por meio de dinâmicas de grupo que buscam a abordagem de temas como preconceitos, discriminações contra minorias, gravidez precoce, DST e AIDS, além de assuntos relevantes do convívio humano, por exemplo: Ética e Cidadania, Relações Interpessoais, Respeito ao Direito do Próximo, Liderança, dentre outros.

Neste sentido, o trabalho desenvolvido com alunos (as) do Curso de Formação de Docentes, terá como encaminhamentos metodológicos estudos teóricos, visitas em salas de aulas que atendem alunos de EJA, elaboração de relatório, entrevista com professores que desenvolvem esse trabalho, análise de filmes.

3 – Objetivos

- Realizar uma reflexão crítica à EJA, a partir de uma retrospectiva histórica, discutindo a principal função e significado da Educação dentro do atual contexto social e político brasileiro;
- Realizar um estudo crítico das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos, analisando os principais programas e ações desenvolvidas, bem como, apontando as concepções sócio- filosóficas que fundamentam tais programas;
- Discutir os aspectos que fundamentam uma boa situação de aprendizagem, diferenciando os conceitos de alfabetização e letramento, refletindo sobre a formação e a prática do educador em EJA.
- Conhecer e valorizar o desenvolvimento científico e tecnológico, suas implicações e incidências em seu meio físico e social.

4 – Conteúdos

3º Semestre:

1º Bimestre:

- **Sistema organizacional da EJA no Brasil:**
- Primeiras iniciativas da EJA;
- Primeira grande Campanha da Educação de Adultos
- Legislação e Fundamentos da Modalidade EJA
- Funções da Educação de Jovens e Adultos.

2º Bimestre:

- 2 Educação de Jovens e Adultos no contexto atual: Diretrizes Curriculares Nacionais para essa modalidade de ensino: Novas perspectivas;
- 3 Recomendações Internacionais para as Políticas do EJA
- 4 Princípios da Educação de Jovens e Adultos;
- 5 Fatores Estratégicos para a formação humana.

Aspectos sócio-históricos e filosóficos da Educação de Jovens e Adultos no Brasil:

- Alfabetização de Adultos proposto por Paulo Freire (pensamento, política e educação, Métodos e Práticas)
- Plano Nacional de Alfabetização
- Golpe militar e seu impacto na alfabetização de adultos
- Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral)
- Movimento de Alfabetização em parcerias

4º Semestre:**3º Bimestre:**

1º. Identidade:

- A visão de mundo dos alunos da EJA
- Os conhecimentos já adquiridos
- A procura pela escola
- As inter-relações entre os meios: natural, sociocultural para o processo contínuo de construção da identidade;

2. A construção do “EU” social por meio da diversidade cultural;

- Leitura de mundo e Cidadania;
- As diferentes raízes culturais
- As marcas da exclusão
- Condições sócio- econômicas e culturais
- A baixa auto estima
- A marca do trabalho
- Globalização e tecnologia;

- A Educação de Adultos como Processo Discursivo- Dialógico.

4º Bimestre:

- Dimensões Contextuais do Analfabetismo Nacional
- Da Teoria a Prática
- **Especificidades do trabalho pedagógico frente ao perfil do educando do EJA**
- Perfil dos educandos do EJA
- Organização do trabalho Pedagógico frente ao perfil dos educandos do EJA

2. A avaliação um processo contínuo

- A avaliação inicial
- Conhecendo e avaliando
- A avaliação que acompanha todo o ano letivo
- Como avaliar o trabalho realizado
- Toda atividade de sala de aula pode servir de avaliação
- A auto avaliação
- A avaliação como primeiro passo para o planejamento

3. Planejamento

- O planejamento do(a) professor(a)
- Como planejar
- Para que ensinar
- O que ensinar?
- Como ensinar?
- O planejamento do(a) professor(a) e o uso do livro didático
- O planejamento da escola
- O Projeto Político Pedagógico
- A integração da prática do(a) professor(a) ao projeto político pedagógico da escola

5 – Avaliação

Será diagnóstica, contínua e processual levando o aluno a construir o conhecimento, bem como desenvolver sua capacidade de reformular e organizar questões.

Ela deverá incidir sobre os aspectos de formação do ser humano: responsabilidade, participação, produtividade, relacionamento, análise de textos, reflexões, discussões pessoais.

Serão considerados os trabalhos previamente agendados pela professora como também as provas bimestrais e a recuperação paralela de acordo com o regimento interno do estabelecimento.

6 – Referências Bibliográficas

[http://portaldoprofessor.mec.gov.br/linksCursosMateriais.html?categoria=23;](http://portaldoprofessor.mec.gov.br/linksCursosMateriais.html?categoria=23)

http://eja.sb2.construnet.com.br/orientacaopedagogica/index.php?acao3_cod0=62df156f9d813a0ca806c46d385fd624

EJA 9º ano – Volume 4 – 2.ed. São Paulo – IBEP, 2009. - (Coleção Tempo de Aprender). Vários Autores;

BRASIL. MEC. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br>>. Acesso em: 10 maio 2002.

_____. Plano Nacional de Educação. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br>>. Acesso em: 10 maio 2002.

_____. **Lei de Diretrizes e Base da Educação nº 5692 de 11.08.71, capítulo IV**. Ensino Supletivo. Legislação do Ensino Supletivo, MEC, DFU, Departamento de Documentação e Divulgação, Brasília, 1974.

_____. **PARECER nº 699/71**. Regulamenta o capítulo IV da Lei 5.692/71. 06 de julho de 1972. Constituição Federal de Educação. Rio de Janeiro.

CARNEIRO, Moacir Alves. **LDB fácil: Leitura crítico-compreensiva: artigo a artigo**. Petrópolis: Vozes, 1998.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança. tradução de Moacir Gadotti e Lillian Lopes Martin**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. **A experiência do MOVA**. SP/ Brasil. Ministério da Educação e Desporto. Instituto Paulo Freire; Organização de Moacir Gadotti. São Paulo, 1996.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. Tradução Horácio Gonzales et al., 24. ed. Atualizada. São Paulo: Cortez, 2001.

GERHARDT, Heinz-Peter. **Uma voz europeia: Arqueologia de um pensamento**. Disponível em: <http://www.ppbr.com/ipf/bio/europeia.html>. Acesso em 11 maio 2002.

HADDAD, Sergio. **Estado e Educação de Adultos (1964 - 1985)**. São Paulo: Faculdade de Educação da USP, 1991. 360 p.

PEREIRA, C. M.; MARQUES, V. P.; TORRES, E. F. **Dos tempos da caverna ao computador**. In: Revista Universidade e Sociedade, Ano 13, n. 17, jun. 1998 p. 28-

30.

SOARES, Leôncio José Gomes. A Política Educacional. Disponível em: http://www.educacaoonline.pro.br/a_politica_educacional.asp?f_id_artigo=325. Acesso em: 09 maio 2002.

VÓVIO, Cláudia Lemos. **Viver, aprender: educação de Jovens e Adultos (Livro 1)** São Paulo: Ação Educativa; Brasília: MEC, 1998.

PROPOSTA PEDAGÓGICA CURRICULAR
CURSO DE FORMAÇÃO DE DOCENTES APROVEITAMENTO DE ESTUDOS
FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS DA EDUCAÇÃO

1 – Ementa

Pensar filosoficamente (criticamente) o ser social, a produção do conhecimento e a educação fundados no princípio histórico-social. Introdução à Filosofia da Educação norteada pela reflexão com base nas categorias de totalidade, historicidade e dialética. Principais pensadores da Filosofia da Educação moderna e contemporânea: Locke (1632-1704) e o papel da experiência na produção do conhecimento; Comenius (1592-1670) e Herbart (1776 - 1841): a expressão pedagógica de uma visão essencialista do homem; Rousseau (1712-1831): oposição à pedagogia da essência; Pestalozzi (1749-1827) e Decroly (1871-1932): pedagogias centradas no desenvolvimento da criança; Dewey (1859-1952): o pragmatismo; Marx e Gramsci: a concepção histórico-crítica da educação.

2- Fundamentação teórica

O ser humano pode ajustar-se a um número maior de ambiente do que qualquer outra criatura, multiplicar-se infinitamente mais depressa que qualquer mamífero superior, e derrotar o urso polar, a lebre, o gavião e o tigre, em seus recursos especiais. Pelo controle do fogo e pela habilidade de fazer roupas e casas, o homem pode viver, e vive e viaja, desde os pólos da Terra até o Equador. Nos trens e automóveis que constrói, pode superar a mais rápida lebre ou avestruz. Nos aviões e foguetes pode subir mais alto do que a águia, e com os telescópios, ver mais longe que o gavião. Com armas de fogo pode derrubar animais que nenhum tigre ousaria atacar.

Mas fogo, roupas, casa, trens, automóveis, aviões, telescópios e armas de fogo não são parte do corpo do homem. Eles não são herdados no sentido biológico. O conhecimento necessário para sua produção e uso é parte de nosso legado social. Resulta de uma tradição acumulada por muitas gerações e transmitida, não pelo sangue, mas através da linguagem (fala e escrita).

A compreensão que o homem tem pelos seus dotes corporais relativamente pobres é o cérebro grande e complexo, centro de um extenso e delicado sistema nervoso, que lhe permite desenvolver sua própria cultura.

Com este texto, de Childen Gordon, analisamos a complexibilidade da mente do ser humano, onde os primeiros conhecimentos filosóficos trazem um maior acerto de seus limites.

Conforme as novas diretrizes, o conteúdo filosófico também foi reorganizado de uma forma mais atraente.

O conteúdo foi organizado em três unidades: fazer filosofia; história da filosofia e grandes temas atuais.

Essa introdução ao estudo filosófico fundamental da educação deve ser trabalhada com flexibilidade. Muitos percursos podem ser realizados na relação ensino-aprendizagem. Nessa dinâmica, este ponto de partida será como ponto de chegada. o conteúdo deverá ser discutido, ampliado e questionado, e por meio desta reflexão filosófica, o futuro docente crescerá cada vez mais na consciência de si mesmo e do mundo em que vive.

Nesta perspectiva serão abordados os seguintes conteúdos: Pensar filosoficamente (criticamente) o ser social, a produção do conhecimento e a educação a partir de temas, tendo como eixo de análise o pensamento e a história. TRABALHO (atividade humana, alienação) ÉTICA (fundamentos da ética e da moral) (a corporeidade como produção histórica) CULTURA (o homem como ser no mundo) CIÊNCIA (a revolução científica moderna)

3 - Objetivos

- Compreender o homem como um ser social, ético, político e material.
- Destacar a linguagem, enquanto símbolo.
- Compreender a importância do trabalho para o homem.
- Conceituar trabalho do século XVIII, XIX, XX, XXI.
- Compreender que o homem não nasce pronto, mas transforma-se.
- Perceber as diferenças do Taylorismo, Fordismo e outras teorias.

4 – Conteúdos

1ª SEMESTRE

1 - Pensar filosoficamente (criticamente) o ser social, a produção do conhecimento e a educação fundados no princípio histórico-social.

- Pensar filosoficamente (criticamente) o ser social:
 - A origem da filosofia
 - A palavra Filosofia: etimologia
 - O legado da Filosofia grega para o ocidente europeu
 - O nascimento da Filosofia
 - O processo de filosofar
 - A utilidade da Filosofia
 - O método da Filosofia
 - Atitude filosófica

- A Filosofia e a ciência
- A produção do conhecimento
- O que é ciência
- O conhecimento espontâneo
- O conhecimento científico
- Formas de conhecer
- Intuição
- Conhecimento discursivo
- A teoria do conhecimento
- Teoria do conhecimento na antiguidade:
- Os primeiros filósofos
- Pré-Socráticos: Heráclito; Parmênides; Sofistas; Protágoras;
- Socráticos: Sócrates; Platão (o conhecimento - a alegoria da caverna – as dores associadas à lucidez e ao conhecimento; o amor – sentimento que nos torna imortais; a alma – a essência imortal da vida; prazer – a visão platônica das luzes e sombras da alma); Aristóteles (a alma – expressão da complexidade da vida; o desejo – os impulsos e o querer movem o homem; a amizade – a benevolência ativa e recíproca entre os semelhantes)
- Teoria do conhecimento na idade média:
- A patrística: a fé em busca de argumentos racionais a partir de uma matriz platônica”; “compreender para crer, crer para compreender”. (Santo Agostinho)
- A escolástica: “Os caminhos de inspiração aristotélica levam até Deus”; O período da escolástica pode ser dividido em três fases – a) do século IX ao fim do século XII, caracterizada pela confiança na perfeita harmonia entre fé e razão; b) do século XIII ao princípio do século XIV, caracterizada pela elaboração de grandes sistemas filosóficos, merecendo destaques nas obras de Tomás de Aquino; c) do século XIV até o século XVI, decadência da escolástica, caracterizada pela afirmação das diferenças fundamentais entre fé e razão.
- Teoria do conhecimento na idade moderna:
- Racionalismo: o racionalismo cartesiano (René Descartes, criador do cartesianismo, é considerado o fundador da filosofia moderna. Ele inaugura o racionalismo, doutrina que privilegia a razão, considerada alicerce de todo o conhecimento possível);
- Empirismo e o empirismo inglês: o empirismo como doutrina filosófica; contraposição ao racionalismo; século XVII, o inglês Francis Bacon esboça as bases do método experimental, o empirismo, que considera o conhecimento como resultado da experiência sensível. Na mesma linha estão Thomas Hobbes, John Locke e David Hume.

- Idealismo: conceito a partir do mundo interior, subjetivo e espiritual; o sujeito conhecedor; principal expoente - Friedrich Hegel.
- Positivismo (século XIX): Auguste Comte; Karl Marx (século XIX) e o método dialético; teoria do materialismo histórico; o marxismo; Friedrich Nietzsche.
- Pragmatismo (fim do século XIX): defende o empirismo no campo da teoria do conhecimento e o utilitarismo (busca a obtenção da maior felicidade possível para o maior número possível de pessoas) no campo da moral.
- Teoria do conhecimento na idade contemporânea:
 - Reinterpretação do marxismo (século XX): pensadores (Gyorgy Lukács, Antonio Gramsci, Henri Lefebvre, Louis Althusser e Michel Foucault e os filósofos ligados à Escola de Frankfurt).
 - Fenomenologia e Edmund Husserl: seus seguidores - Martin Heidegger, Maurice Merleau-Ponty e os filósofos do existencialismo, como Jean-Paul Sartre
 - Epistemologia ou teoria do conhecimento: a epistemologia e Platão; o conhecimento prático; atitudes ante ao conhecimento (dogmatismo e Descartes; ceticismo e Pirro de Elis; relativismo e os sofistas; perspectivismo e Nietzsche.
 - Estruturalismo: estruturalismo e desconstrução; Jacques Lacan (1901-1981); Claude Lévi-Strauss (nascido em 1908); e os filósofos Michel Foucault (1926-1984) e Louis Althusser (1918-1990). Nos Estados Unidos, Jacques Derrida (nascido em 1930) e os estruturalistas franceses.

2 - Introdução à Filosofia da Educação norteadas pela reflexão com base nas categorias de totalidade, historicidade e dialética.

- Filosofia e Educação
 - Filosofia e filosofia da educação: as diversas abordagens do real; a filosofia da educação; a história da educação.
 - Educação e Pedagogia: o ato de educar; educação e política; a teoria da educação; as ciências da educação.
 - Educação e valores: os valores em educação; educação e liberdade.
 - A formação do educador
- Educação e Sociedade
 - Cultura e humanização
 - Alienação e ideologia: o conceito contemporâneo de ideologia; ideologia e educação; a contra-ideologia.
 - Educação informal e não-formal: o conceito de família; as funções da família; os meios de comunicação.
 - Educação formal: breve histórico da escola; o papel da escola.
 - Educação e inclusão

- Pressupostos Filosóficos da Educação
 - Antropologia Filosófica
 - Epistemologia
 - Axiologia
 - Política e Educação
- Concepções Contemporâneas de Educação
 - A pedagogia nos séculos XVIII e XIX
 - Concepções Liberais do Séc. XX
 - Críticas à Escola:
 - Teorias crítico-reprodutivistas; Bourdieu e Passeron (teoria da violência simbólica); Althusser (teoria da escola enquanto aparelho ideológico do estado); Baudelot e Establet (teoria da escola dualista)
 - Teorias progressistas: características gerais; os riscos do processo; os principais representantes (Makarenko, Pistrak, Antonio Gramsci, Célestin Freinet, George Snyders, Bernard Charlot, Henry Girous, Manacorda, Lobrot, Paulo Freire, Maurício Tragtenberg, Miguel Gonzáles Arroyo, Demerval Saviani, José Carlos Libâneo, Carlos Roberto Jamil Cury, Moacir Gadotti, Wagner Gonçalves Rossi, Carlos Rodrigues Brandão)

2º SEMESTRE

- 1 - Principais pensadores da Filosofia da Educação moderna e contemporânea:
 - Locke (1632-1704) e o papel da experiência na produção do conhecimento.
 - Locke e às práticas dogmáticas e racionalistas; o papel de Pedagogo, a uma nova ordem na arte de educar as crianças.
 - Locke e o programa educacional que oportuniza ao indivíduo o livre exercício da cidadania.
 - Comenius (1592-1670) e Herbart (1776 - 1841): a expressão pedagógica de uma visão essencialista do homem.
 - John Comenius estabeleceu que as crianças aprendem melhor pela experiência.
 - Principais idéias: o método conforme a natureza; escola para todos, a escola única; a graduação e continuidade da educação, numa unidade da escola maternal a universidade
 - Johan Friedrich Herbart e a tarefa de construir a educação. A instrução segue cinco passos formais que são: preparação e apresentação da matéria nova de forma clara e completa, associação de idéias antigas e novas, sistematização dos conhecimentos e aplicação - referência do adquirido a realidade prática.
 - Rousseau (1712-1831): oposição à pedagogia da essência.
 - Influência de Rousseau no pensamento pedagógico

- Características da boa educação segundo Rousseau
- O educador ideal segundo Rousseau
- As cinco grandes fases do desenvolvimento
- Educação negativa
- Pestalozzi (1749-1827) e Decroly (1871-1932): pedagogias centradas no desenvolvimento da criança.
- Pestalozzi e os princípios em ensinar: (visto como correto mesmo hoje): começar com o objeto concreto antes de introduzir conceitos abstratos; começar com o ambiente imediato antes de tratar do que é distante e remoto; começar com os exercícios fáceis antes de introduzir o complexo; e prosseguir sempre gradualmente, cumulativa, e lentamente.
- Pestalozzi: uma Escola Popular com Formação Profissional.
- Decroly e o método ativo. A idéia de globalização de conhecimentos e o método global de alfabetização. Os centros de interesse.
- Dewey (1859-1952): o pragmatismo ou instrumentalismo.
- O pragmatismo baseia-se na idéia de que a inteligência é um instrumento. Privilegia a resolução de problemas e a ciência aplicada. A década de 20 e o movimento da Escola Nova. O Brasil e a reforma do ensino e os métodos ativos de participação dos alunos na sala de aula.
 - Marx e Gramsci: a concepção histórico-crítica da educação.
- Marx e o materialismo histórico, os três eixos básicos na educação que são o ensino politécnico, a caráter social do trabalho, educação para todos (cultura geral, ginástica e o aprendizado profissional) e os três princípios básicos de educação: educação pública, educação gratuita e educação para o trabalho.
- Gramsci propôs a escola unitária, especial, de cultura geral, humanista, formativa, desenvolvendo a capacidade para o trabalho manual (técnica e industrial) e do intelectual.

2 - O pensamento pedagógico brasileiro

- O pensamento pedagógico brasileiro liberal:
 - Fernando de Azevedo e o projeto liberal
 - Lourenço Filho e a reforma da escola
 - Anísio Teixeira – uma nova filosofia da educação
 - Roque Spencer Maciel de Barros e a reforma do sistema
- O pensamento pedagógico brasileiro progressista:
 - Paschoal Lemme – educação política X instrução
 - Álvaro Viera Pinto e o caráter antropológico da educação
 - Paulo Freire e a pedagogia do oprimido

- Rubem Alves e o prazer na escola
- Maurício Tragtenberg e a educação libertária
- Demerval Saviani e a especialidade da prática pedagógica

5 - Metodologia

O presente plano levará em consideração as diversidades do universo da filosofia. Para tanto pretendemos nos valer de estudos e pesquisas, observações, reflexões e posteriores discussões que deverão contribuir para o desenvolvimento da prática de formação.

6 - Avaliação

A avaliação na disciplina de Filosofia da Educação será diagnóstica, acumulativa, contínua e somativa. Sendo que ocorre naturalmente no processo ensino-aprendizagem através de provas escritas, trabalhos em grupo e individuais, relatórios de observação da prática educativa. Aos que não atingirem 100% de apreensão dos conteúdos será oportunizada uma nova avaliação através da recuperação.

7 – Referências Bibliográficas

- ABDALA, B. L. **Cidadania e Educação: rumo a uma prática significativa**. Campinas: Papirus, 1999.
- ALVES, G. L. **A produção da escola pública contemporânea**. Campinas: Autores Associados, 2001.
- ARANHA, M. I.; MARTINS, M.H.P. **Filosofando: introdução à Filosofia**. São Paulo: Moderna, 2000.
- CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. 13. ed. São Paulo: Ática, 2003.
- _____, M. **Filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 1999.
- DAVIS, P. J.; HERSH, R. **O sonho de Descartes**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.
- FREIRE, P. **Política e Educação: ensaios**. São Paulo: Cortez Editora, 2000.
- GADOTTI, M. **Educação e Poder: introdução à pedagogia do conflito**. São Paulo: Cortez editora, 1989.
- GARDNER, J. **O mundo de Sofia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- KLEIN, L. R. **Proposta político-pedagógica para o ensino fundamental**. Campo Grande: Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul, 2000.
- KLEIN, L. R., CAVAZOTTI, M. .A. Considerações sobre elementos teórico-metodológicos, a propósito de uma proposta de currículo básico. **Cadernos Pedagógicos e Culturais**, Niterói, v.1, n.1, set./dez. 1992.

LALANDE, A. **Vocabulário técnico e crítico de filosofia**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LUCKESI, C. C. et al. **Introdução à Filosofia**. São Paulo: Cortez Editora, 2000.

_____. **Filosofia da educação**. São Paulo: Cortez, 1994. Coleção Magistério 2º grau. Série formação do professor.

LUCKESI, C. C.; PASSOS, E. S. **Introdução à filosofia: aprendendo a pensar**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

LURIA, A. R. O problema da linguagem e da consciência. In: **Pensamento e linguagem**. VIGOTSKI, L. S. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

MANACORDA, M. **Marx e a pedagogia moderna**. São Paulo: Cortez, 1991.

_____. **História da educação**. São Paulo: Cortez, 1989.

MAO, T. **Sobre a prática e sobre a contradição**. São Paulo: Expressão Popular, 1999.

MARX, K. **Para a crítica da economia política (1857)**. São Paulo: Abril Cultural, 1996.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

RIOS, T. A. **Ética e competência**. São Paulo: Cortez Editora.

SAVIANI, D. **Educação do senso comum à consciência filosófica e política**. São Paulo: Consz Editora. 1980.

_____. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. Campinas: Autores Associados, 2003.

SUCHODOLSKI, B. A. **Escola e democracia**. 36. ed. Campinas: Autores Associados, 2003.

_____. **Pedagogia e as grandes correntes filosóficas**. Lisboa: Livros Horizontes, 1984.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fonte, 1984.

Leitura dos clássicos recomendada:

- Aristóteles: *Política*
- Bacon: *Novo Organon*
- Brecht: *Galileu, Galilei*
- Comenius: *Didática Magna*
- Engels: *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*.
- Marx: *Manifesto do partido comunista*
- Pico de la Mirandola: *Discurso sobre a dignidade do homem*
- Rousseau: *Ensaio sobre a origem da desigualdade*
- Thomas Morus : *A utopia*
- Voltaire: *Cândido*

PROPOSTA PEDAGÓGICA CURRICULAR
CURSO DE FORMAÇÃO DE DOCENTES APROVEITAMENTO DE ESTUDOS
FUNDAMENTOS HISTÓRICOS DA EDUCAÇÃO

1 - Ementa

Concepção de História e historiografia. História da Educação: recorte e metodologia. Educação Clássica: Grécia e Roma. Educação Medieval. Renascimento e educação humanista. Aspectos Educacionais da Reforma e da Contra reforma. Educação Brasileira no Período Colonial e Imperial: pedagogia “tradicional”. Primeira República e educação no Brasil (1889-1930): transição da pedagogia tradicional a pedagogia “nova”. Educação no período de 1930 a 1982: liberalismo econômico, escolanovismo e tecnicismo. Pedagogias não-liberais no Brasil: características e expoentes. Educação Brasileira contemporânea: tendências neoliberais, pós-modernas versus materialismo histórico.

2 – Fundamentação teórica

A História da Educação tem sido vista como uma sucessão de acontecimentos, nos quais somente os atores ficam em evidência, restringindo tudo a uma análise da cronologia dos fatos.

O que geralmente acontece é que a história da educação tem-se reduzido a uma sequência de fatos e ideias, em que estes se evidenciam, mas não explicam o processo histórico. Uma história assim analisada é vista pelos alunos como algo que se resume a decorar fatos, datas, nomes, responder questionários sobre o porque de o autor ter colocado mais um ator ou menos um, sobre o desfecho da trama. Das inúmeras capacidades de inteligência usa-se a memória.

Para entender a história é necessário sair da cena e buscar nos bastidores as respostas as nossas perguntas. Para que isso aconteça, é preciso entender que o fato histórico não está pronto e acabado, mas que deve ser questionado, que o conhecimento é divergente, sobretudo, é preciso pesquisar. Sem pesquisa, existe somente a reprodução do conhecimento.

Em toda análise sobre a história da educação nos deparamos com situações que ensinam os alunos e outras que educam os alunos. Ensinar e educar são processos inerentes ao processo educativo. Em muitas situações de vida também recebemos ensinamentos, somos instruídos. Esses ensinamentos são importantes, pois através deles que aprendemos aquilo que já foi conhecido.

Assim esta disciplina trabalhará as concepções da história através dos anos, a relação da história e a da educação, a concepção de História e historiografia; a História da Educação(recorte e metodologia); a Educação Clássica (Grécia e Roma);

a Educação Medieval; o Renascimento e educação humanista; os aspectos Educacionais da Reforma e da Contra Reforma; a Educação Brasileira no Período Colonial e Imperial (pedagogia “tradicional”); a Primeira República e educação no Brasil – 1889/1930 – (transição da pedagogia tradicional a pedagogia “nova”); a Educação no período de 1930 a 1982 (liberalismo econômico, escolanovismo e tecnicismo); as Pedagogias não-liberais no Brasil (características e expoentes); a Educação Brasileira contemporânea (tendências neoliberais, pós-modernas versus materialismo histórico).

3 - Objetivos

- Desenvolver um trabalho de reflexão e ação sobre o espaço organizacional da escola, garantindo aos profissionais da educação um nível de formação pedagógica interdisciplinar.
- Possibilitar uma sólida fundamentação teórica - metodológica com base nos pressupostos históricos da educação.
- Fortalecer a formação teórico-prática do professor para a educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental.

4 – Conteúdos

1º SEMESTRE

1 - Concepção da História e da historiografia

- A importância da História na Educação
- Conceito de historiografia e as grandes correntes historiográficas
- O homem é feito de tempo
- Educação e ideologia
- A história da educação
- A história da história
- Textos complementares:
 - A escola única. Gramsci
 - As grandes correntes historiográficas – da antiguidade ao século XX (Pedro Silva)

2 - História da Educação: finalidade e metodologia

- A história e a educação
- Conceito de História da Educação
- Educação formal e informal
- Educação como produto e como processo
- Educação certa e educação errada
- Educação como meio e como fim

- Educação autoritária e educação crítica
- Educação opressora e educação libertadora
- Textos complementares:
- A história da educação. Dermeval Saviani

3 – Educação clássica: Grécia e Roma

- A educação grega: contexto histórico
- Visão de homem para os gregos: o homem ideal
- Paidéia
- Tradição mítica
- Nascimento da Filosofia
- Períodos educacionais na Grécia
- A cidade-estado educadora: paradigmas consagrados – Esparta e Atenas
- Homero, educador da Grécia
- Educação espartana: heroísmo cívico e o ideal do soldado-cidadão
- Educação ateniense: o ideal do homem excelente
- Os sofistas e os grandes filósofos
- Sofistas: a arte da persuasão
- O diálogo socrático: Sócrates - maiêutica e ironia
- Os ideais pedagógicos de Platão
- Retórica e educação: Isócrates – a formação do líder político e o ideal do pan-helenismo
- Aristóteles: realismo aristotélico e a pedagogia aristotélica
- Os pós-socráticos
- Definição
- Os pequenos socráticos:
- Megáricos: Euclides de Mégara, Eubúlides de Mileto (adversário de Aristóteles), Diodoro Crono e Estílpon,
- Cirenaicos: Aristipo
- Cínicos: Antístenes e Diógenes
- Os grandes socráticos
- Academia de Platão
- Liceu de Aristóteles
- Textos complementares:
- A educação como conversão da alma (Platão)
- A educação (Aristóteles)
- A educação romana: contexto histórico
- Primeiros tempos

- Realeza
- República
- Império
- Roma e a Educação Clássica: a antiga Educação Romana
- O Estado Romano e a Educação.
- A pedagogia humanista
- Roma: visão de homem para os romanos: o homem humanista
- As Escolas Romanas:
 - Instrução Primária
 - Ensino Secundário
 - Ensino Superior
- A Questão das Línguas: Grego e Latim
- A Obra Educacional de Roma
- Principais representantes
- Educação romana
- Roma adota a Educação Grega
- Educação heroico - patrícia
- Educação cosmopolitana
- Educação no império
- O Cristianismo e a Educação Clássica
- O Surgimento das Escolas Cristãs de Tipo Medieval
- O Fim da Escola Antiga
- O nascimento das Escolas Latinas
- A Tradição Latina
- Principais Teóricos Romanos
- Textos complementares:
 - Dos deveres - Cícero.
 - A educação da criança – Quintiliano

2º SEMESTRE

1- Educação medieval: Renascimento e Educação Humanística

- A educação medieval:
 - Contexto histórico
 - O feudalismo
 - A influência da igreja
 - A Idade Média e a Educação: a formação do Homem de Fé
 - O pensamento pedagógico na Idade Média
- O surgimento das escolas cristãs:

- A Patrística
- Os enciclopedistas
- A Escolástica: Santo Agostinho e Santo Tomás de Aquino
- As escolas leigas pagãs
- O monarquismo
- O renascimento carolíngio
- As escolas seculares: renascimento das cidades
- Formação de corporações de ofício
- Formação militar
- As Universidades
- O conhecimento: Teológico, Filosofia, Direito e Medicina.
- O método: diálogo e debate
- A formação da mulher
- Escola monástica no Oriente:
 - Escolas catedrais (séc XI)
 - Scholasticus
 - Didascalus
 - Formação de clérigos
 - Trivium (gramática; retórica; dialéctica); Quadrivium (aritmética; geometria; música; astronomia)
- Escola monástica no Ocidente:- catacumbas, episcopal, prebisterial.
- O absolutismo: aliança entre o trono e o altar
- Filósofos absolutistas: Jacques Bossuet (filósofo francês); Nicolau Maquiavel (autor do livro " O Príncipe". É deste teórico a famosa frase : " Os fins justificam os meios."); Thomas Hobbes (pensador inglês, autor do livro " O Leviatã ")
- Renascimento: humanismo e Reforma
- O humanismo
- Visão de homem no renascimento: o homem humano
- A valorização do homem:
 - Humanismo
 - Naturalismo
 - Otimismo
- A aquisição de novos conhecimentos: cultural e científico
- A pedagogia Humanista, seus representantes e as contribuições:
 - Juan Luis Vives;
 - Vittorino Feltre – Casa Giocosa;
 - Desitério;
 - Erasmo – Elogio e Loucura;

- Leonardo da Vinci;
- Erasmo de Rotterdam;
- François Rabelais;
- Michel de Montaigne
- Ascensão da burguesia
- Reforma e Contra-reforma:
- Aspectos Educacionais da Reforma e da Contra-Reforma
- A Reforma e a Escola
- A Contra-Reforma e a Escola
- Principais representantes da Reforma: Alemanha – Martinho Lutero; França – João Calvino; Suíça – Ulrich Zwinglio; Inglaterra - João Wycliffe; Boêmia - João Huss
- Análise Contextual entre humanismo, a reforma e a contra-reforma
- As escolas cristãs católicas e reformadas
- Entrando coma "escola cristã";
- A pedagogia dos letrados;
- As luzes e a Enciclopédia;
- Propostas a atuações de uma escola estatal;
- As revoluções da América a da França;
- A Igreja e a revolução na Itália;
- Duas experiências concretas entre o Setecentos e o Oitocentos:
 - O ensino mútuo
 - J. H. Pestalozzi

2 – A educação moderna

- O Renascimento e a nova imagem do homem
- Caracterização das idéias renascentistas
- Identificação do ambiente sócio-econômico cultural e as tendências introduzidas na pedagogia moderna
- Sentido pedagógico do humanismo no período renascentista
- Os "outros" pedagogos do século XVI:
 - Os Naturalistas
 - Humanistas católicos e protestantes: Sadoleto, Ledesma, Agrícola, Wimpfeling, Troetendorf
 - Utopistas: Bruno, Campanella, Bacon e Morus
- A pedagogia realista
 - Do século XVII:
 - A questão do método: Raticius, Port-Royal

- Francke a contribuição do Pietismo
- .A educação popular: Mulcaster, La Salle
- A educação feminina: Fénelon, Milton
- O Iluminismo e o ideal da educação
- Basedow e o filantropismo
- Helvetius e o empirismo
- La Chalotais e a educação pública
- Influências do iluminismo introduzidas no pensamento pedagógico e suas relações com o ambiente político e cultural.
- O iluminismo e a sociedade burguesa
- Rousseau, Pestalozzi, Herbart e Froebel
- Jean Piaget e a psicologia genética
- Carl Rogers e a pedagogia não-diretiva
- A função social da escola
- As correntes pedagógicas
- Do século XIX:
- Utopistas socialistas: Cabet, Fourier, Considérant, Owen, Tolstoi
- A educação popular: Padre Girard, Bell e Lancaster, H. Mann, D. Bosco, Tolstoi
- A educação infantil: M. Pape-Carpantier
- A educação secundária: Spencer, Humboldt
- A educação humanista e tradicional
- O pensamento pedagógico em Comenius numa perspectiva comparada
- O pensamento educacional de Kant
- A pedagogia naturalista de Rousseau
- O século XX:
- Illich e o movimento de desescolarização da sociedade

3 - A educação contemporânea

- A visão de homem na modernidade: o homem da razão e da ciência
- A Pedagogia no Capitalismo
- As escolas infantis
- As escolas elementares
- As escolas técnicas e a universidade
- Reforma da instrução
- A educação nova
 - O aluno como centro
 - Dewey e a educação pela ação

- O pensamento pedagógico em Pestalozzi Herbart, Ferrière, Claparède, Dewey, e Carl Rogers.
- Kilpatrick e o método de projetos
- Decroly e os centros de interesse
- Maria Montessori e Decroly : As escolas de métodos ativos
- Kerschensteiner e Freinet: A escola do trabalho
- A escola Norte-americana

4 - Educação Brasileira no Período Colonial e Imperial: pedagogia “Tradicional”.

- Período colonial (1549-1759):
- Contexto histórico:
 - A sociedade brasileira no período colonial
 - A chegada dos jesuítas
 - A Companhia de Jesus
 - A organização do ensino na colônia
 - A obra da catequese
 - O ensino missionário
 - Formadores de elites
 - A aliança entre os jesuítas e a Coroa Portuguesa
 - As características do sistema jesuítico de ensino
 - A instrução dos filhos dos colonos
- Período pombalino (1760-1807):
 - Desmantelamento do sistema colonial de ensino
 - A expulsão dos jesuítas
 - A Reforma Pombalina
 - O ensino colonial após a devastação pombalina
- Período joanino (1808-1821):
 - A vinda de D. João: um impulso político e cultural
 - Mudanças significativas
 - Os tratados de 1810
 - Resultados dos tratados
 - O Congresso de Viena
 - A Revolução Pernambucana- 1817- Pernambuco
 - Fim do período joanino
 - Regresso de D. João a Portugal
- Período imperial (1822-1888):
 - Da colônia ao império
 - Transformações culturais

- A lei e a realidade
- A escola de primeiras letras
- Independência: um arranjo político sustenta a farsa
- A instrução pública elementar concretizada
- A institucionalização do ensino no império
- O ensino elementar: tarefa da família
- O ensino secundário: espaço da iniciativa particular
- A valorização social do ensino superior: o acesso às escolas superiores – controle e seleção
- A formação de professores
- Os Liceus e os colégios
- As Escolas Normais
- A questão da profissionalização do ensino
- O ensino técnico para a integração dos marginalizados
- Rui Barbosa e o sentido educativo da reforma eleitoral
- A educação no final do Império

5 - Metodologia

Os conteúdos serão trabalhados através de pesquisas científicas e de campo, mini-aulas, dramatizações, leituras complementares, trabalho em grupo, seminários e aulas expositivas com auxílio de recursos audiovisuais, tais como: retro-projetor, Tv, vídeos, DVDs, multimídia e outros.

6 - Avaliação

A avaliação é parte integrante e intrínseca ao processo educacional. Ela será diagnóstica, cumulativa e contínua. Encarada como um processo natural, permanente, cooperativo, preponderando os aspectos qualitativos. A finalidade básica será determinar até que pontos estão sendo atingidos as metas pré-estabelecidas. Para tanto serão aplicadas provas formais bimestrais, trabalhos escritos e orais, atividades em classe, mini-aulas, seminários .

Será oportunizada recuperação paralela de acordo com o regimento deste estabelecimento.

7 – Referências Bibliográficas

ABAGNANO, N. & VISALBERGHI. **A História da Pedagogia**, trad. De Glicínia. 1,2,3,4,6,8,9 (cap).

ANDERSON, P. **Passagens da Antigüidade ao feudalismo**. Biblioteca das Ciências do Homem, Edições Afrontamento, 1996.

ANNEQUIN, J. (org) **Formas de exploração do trabalho e relações sociais na Antigüidade clássica.** Edit. Estampa, Lisboa, 1978 (1975).

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos do Estado.**

AZEVEDO, Fernando de. **Princípios de sociologia.** São Paulo: Duas Cidades, s/d (mimeo)

BENJAMIM, W. et alli. **Os Pensadores.** São Paulo: Abril Cultural, 1980.

BOTTOMORE, T. **Introdução à Sociologia,** LTC, 1987.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas.** São Paulo: Editora Perspectiva, 1992.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação.** São Paulo: Brasiliense, 1986.

CHÂTEAU, J. **Os grandes Pedagogistas.** Editora Nacional, 1978 (Atualidades Pedagógicas, V.1).

CHAUÌ, M. **Convite à Filosofia.** São Paulo: Editora Ática, 1995.

COMENIO, **Didática Magna.** São Paulo: Editora Martins Fontes, 1997.

CURY, C. J. **Educação e contradição,** 6ª edição, São Paulo: Cortez, 1995.

FÀVARO C.; M. L. A.; BRITO J.M. **Dicionário de Educadores no Brasil.** Rio de Janeiro.

FLORENZANO, M. B. **O mundo antigo: economia e sociedade.** São Paulo, Brasiliense, 1994 (Coleção: Tudo é história).

FORACHI, M. & MARTINS, J. S. Rio de Janeiro: **Ao Livro Técnico Editora,** 1981.

GHIRALDELLI JR, Paulo. **História da Educação.** 2 ed. São Paulo: Atualidades Pedagógicas, Nacional, 1980.

LOPES, E.T. **Perspectivas Históricas da Educação.** São Paulo, Ática, 1995. UFRJ, 1999.

LUZURIAGA, L. **História de Educação e a Pedagogia.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

MANACORDA, M. A. **História da Educação: da Antigüidade aos nossos dias.** São Paulo, Cortez, 1999.

MONROE, P. **História da Educação.** São Paulo: Nacional, 1998.

PILETTI, N. **História da Educação no Brasil**. São Paulo: Ática, 1994.

PONCE, A.. **Educação e Luta de Classes**. São Paulo: Cortez e Autores Associados, 1981.

RIBEIRO, M. L. S. **História da Educação Brasileira: a organização escolar**. 4 ed. São Paulo

ROMANELLI, O. **História da Educação no Brasil (1930-19730)**. Petrópolis: Vozes, 1991.

ROSTOVTEFF, M. **História da Grécia**. R. Janeiro, Ed. Zahar, 1973.

SAVIANI, D. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. São Paulo, Cortez, Autores Associados, 1980.

SEVERINO, A. J. **Educação, ideologia e contra-ideologia**. São Paulo, EPU, 1986.

SUCHODOLSKI, B. **a Pedagogia e as Grandes Correntes Filosóficas: pedagogia da essência e pedagogia da existência**. Lisboa: Livros Horizontes, 1978.

WOLFDIETRICH, S. K. **Pedagogia Dialética**. Editora Brasiliense, 1983. Coleção: Os Pensadores.

ZIZEK, S. **Um mapa da ideologia**. (org) Rio de Janeiro: Contraponto Editora 1996.

PROPOSTA PEDAGÓGICA CURRICULAR
CURSO DE FORMAÇÃO DE DOCENTES APROVEITAMENTO DE ESTUDOS
FUNDAMENTOS HISTÓRICOS E POLÍTICOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

1 – Ementa

Contexto sócio - político e econômico em que emerge e se processa a Educação Infantil e seus aspectos constitutivos (sócio-demográficos, econômicos e culturais). Concepções de Infância: contribuições das diferentes ciências - Antropologia, Filosofia, História, Psicologia, Sociologia. Infância e família. Infância e sociedade. Infância e cultura. História do atendimento à criança brasileira: políticas assistenciais e educacionais para a criança de zero a seis anos. A política de educação pré - escolar no Brasil. Perspectiva histórica do profissional de Educação Infantil no Brasil. As crianças e suas famílias: diversidade. Políticas atuais: legislação e financiamento.

2 – Fundamentação teórica

A Educação Infantil vem assumindo, cotidianamente, um espaço social mais sólido, resultado de uma ampla, intensa e constante mobilização dos movimentos sociais. Em consequência, vem surgindo um novo redirecionamento dos serviços educacionais voltados para a criança de 0 a 6 anos. Há que se pensar, portanto, em um referencial básico de formação dos profissionais que atuam com crianças dessa faixa etária, que parta do princípio de que a infância tem a sua especificidade e uma identidade própria.

Assim sendo, é necessário que a Educação Infantil cumpra duas funções indissociáveis e complementares: as de cuidar e educar, fundamentais no processo de desenvolvimento integral da criança.

Nosso propósito é o de contribuir para que os profissionais que atuam na educação infantil (diretores, coordenadores, professores, atendentes) possam ampliar suas perspectivas de trabalho, oferecendo-lhes subsídios para a aquisição de conhecimentos teórico-práticos básicos para a realização de suas atividades. Dentro desse contexto, privilegiaremos o desenvolvimento de reflexões críticas sobre o espaço social ocupado pela criança, no sentido de compreendê-la enquanto sujeito histórico, social e cultural.

Considerando que os conhecimentos referentes à educação infantil, primeira etapa do ensino fundamental seja de suma importância para a formação docente é fundamental que o futuro profissional da educação interese-se a respeito do desenvolvimento histórico e político deste nível de ensino, visto que nasce historicamente a partir de uma necessidade social, ou seja, da inserção da mulher

no mercado de trabalho, através da Revolução Burguesa, processo este que se deu entre os séculos XIV e XVIII e em cujo contexto emergiu o atendimento de 0 a 6 anos.

Várias foram às funções assumidas pela Educação Infantil ao longo do tempo. Podemos afirmar que, na atualidade, não nos basta conhecê-las de forma fragmentada, mas sim, compreendê-las dentro do contexto em que se insere, ou seja, compreendê-las dentro de sua função pedagógica, em que se compromete a assumir seu papel social, a socializar os conhecimentos historicamente acumulados, respeitando cada fase de desenvolvimento da criança.

Sendo assim serão enfocados os seguintes conteúdos: o contexto sócio-político e econômico em que emerge e se processa a educação infantil e seus aspectos culturais constituídos, as concepções de infância, as contribuições da História, Psicologia, Filosofia e Sociologia, infância e sociedade, infância e cultura, história do atendimento à criança brasileira: políticas assistenciais e educacionais para a criança de zero a seis anos; a política de educação pré - escolar no Brasil; perspectiva histórica do profissional da Educação Infantil no Brasil; as crianças e suas famílias: diversidade. Políticas atuais: legislação e financiamento.

3 - Objetivos

- Compreender a importância da educação infantil como forma de democratização da escola e do respeito ao espaço de desenvolvimento da criança.
- Compreender a organização histórica e social em que se estabeleceu a educação infantil como necessidade emergente à sociedade capitalista.
- Conhecer a realidade de atendimento a criança de zero a cinco anos, reconhecendo os fracassos e avanços mediante as transformações, sociais, políticas e econômicas.
- Compreender os fundamentos das teorias do conhecimento que sustentam as propostas metodológicas do processo de desenvolvimento e aprendizagem da criança menor de seis anos.
- Compreender o processo de desenvolvimento da criança na construção de suas relações com o mundo e com os outros, em seus aspectos cognitivo, biológico, físico, motor, social, afetivo e moral.

4 - Conteúdos

1º SEMESTRE

1 - Contexto sócio-político e econômico em que emerge e se processa a educação infantil e seus aspectos culturais constitutivos (sócio - demográfico, econômico e cultural)

- Fundamentos históricos e legais da educação infantil no Brasil:
 - Pressupostos teóricos
 - História e funções da educação infantil
 - Trajetória histórica no Brasil
 - O papel social da educação infantil
 - A origem das instituições pré-escolares

2 - Concepções de Infância: contribuições das diferentes ciências - Antropologia, Filosofia, História, Psicologia, Sociologia

- Estudo histórico das diferentes concepções de infância, elaboradas no mundo ocidental.
- Contribuições da História, Psicologia, Filosofia e Sociologia
- As tendências romântica, cognitiva e crítica.
- Os principais precursores da educação infantil:
 - Rousseau
 - Pestalozzi
 - Froebel,
 - Montessori
 - Decroly
 - Freinet

2º SEMESTRE

1 - História do atendimento à criança brasileira: políticas assistenciais e educacionais para a criança de zero a seis anos.

- A educação da criança pré-escolar no Brasil
- O processo do desenvolvimento infantil
- As contribuições das teorias psicológicas:
 - Teoria de Piaget
 - Teoria de Vygotsky
 - Teoria de Wallon

2 - Infância: família, sociedade, e cultura.

- O contexto sócio-cultural onde a criança está inserida

- A importância da afetividade no desenvolvimento infantil
- A importância da interação no desenvolvimento infantil
- A concepção de infância e aprendizagem
- Infância e sociedade
- As crianças e suas famílias: diversidade
- O papel da escola
- Infância e cultura
- A criança e os meios de comunicação

5 – Metodologia

A metodologia empregada será de cunho dialético e reflexivo, de forma a desenvolver o potencial crítico do aluno, através de estratégias que priorizem a participação ativa em: seminários, fichamento, produções escritas, resenhas, artigos, debates e outros. Com essa consideração, o trabalho com a Educação Infantil permite ao aluno a experimentação, a prática da análise e da síntese, através de atividades que a levam a desenvolver a percepção, a capacidade de comparação, diferenciação, reconhecimento e combinação de elementos, em um processo de aprendizagem que parte do concreto para o abstrato.

6 – Avaliação

A avaliação acontecerá de forma processual considerando o desenvolvimento teórico e prático dos alunos, de acordo com os critérios de avaliação estabelecida pelo Regimento Escolar deste estabelecimento. Portanto, no contexto da educação infantil, a avaliação não deve ser encarada como um julgamento, pois isso seria uma forma de classificar e estigmatizar as crianças, não levando em conta os acontecimentos que acompanham todo o cotidiano em questão.

De acordo com Hoffmann (1996), a avaliação deve ser mediadora, onde “mediação significa um estado de alerta permanente do professor que acompanha e estuda a história da criança em seu processo de desenvolvimento”(p.31). Neste sentido, constatamos que a avaliação envolve o todo que faz parte do cotidiano vivenciado pelo grupo, onde todos são avaliados. Assim, ela passa a ser uma ação crítica e transformadora, onde o professor acompanha o seu grupo, investigando, observando e refletindo sobre a criança, sobre o grupo, sobre a sua prática pedagógica, sobre a instituição.

Portanto, a avaliação é um processo que deve ser incorporado na prática do professor, onde, todas as experiências, manifestações, vivências, descobertas e conquistas das crianças devem ser valorizadas, com o objetivo de revelar o que a criança já tem e não o que lhe falta.

7 - Referências Bibliográficas

AFONSO, L. Gênero e processo de socialização em creches comunitárias. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 93, p. 3-87, maio 1995.

ARCE, A. **A pedagogia na “era das revoluções”**: uma análise do pensamento de Pestalozzi e Froebel. Campinas: Autores Associados, 2002.

ARIES, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

_____. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

BERQUÓ, E. Arranjos familiares no Brasil: uma visão demográfica. In: SCHWARCZ, L. M. (org.). **História da vida privada no Brasil**: contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 4.

BOMENY, H. **Os intelectuais da educação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução CEB nº 1**, de 7 de abril de 1999.

_____. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução CEB nº 2**, de 19 de abril de 1999.

_____. Conselho Nacional de Educação. Câmara de educação Básica. **Parecer CEB nº 4**, de 16 de fevereiro de 2000.

_____. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Parecer CEB nº 22**, de 17 de dezembro de 1998.

_____. Conselho Nacional de Educação. Câmara de educação Básica. **Parecer CEB nº 01**, de 29 de janeiro de 1999.

_____. Constituição da República Federativa do Brasil. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1988.

_____. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei nº 8069, de 13 de julho de 1990, São Paulo: Cortez, 1990.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. **Educação infantil no Brasil**: situação atual. Brasília, MEC/SEF/DPE/COEDI, 1995.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Departamento de Políticas Educacionais. Coordenação Geral de Educação Infantil. **Política nacional de educação infantil**. Brasília, MEC/SEF/DPE/COEDI, 1993.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Departamento de Políticas Educacionais. Coordenação Geral de Educação Infantil. **Por uma política de formação do profissional de educação infantil**. Brasília, MEC/SEF/DPE/COEDI, 1994.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Departamento de Políticas Educacionais. Coordenação Geral de Educação Infantil. **Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças**. Brasília, MEC/SEF/DPE/COEDI, 1995.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Departamento de Políticas Educacionais. Coordenação Geral de Educação Infantil. **Propostas pedagógicas e currículo em educação infantil: um diagnóstico e a construção de uma metodologia de análise**. Brasília, MEC/SEF/DPE/COEDI, 1996.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Departamento de Políticas Educacionais. Coordenação Geral de Educação Infantil. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília, MEC/SEF/DPE/COEDI, 1998. 3. v

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Departamento de Políticas Educacionais. Coordenação Geral de Educação Infantil. **Subsídios para credenciamento e funcionamento de instituições de educação infantil**. Brasília, MEC/SEF/DPE/COEDI, 1998. v. 1 e 2

_____. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9394/96. Brasília, 1996.

CAMPOS, M. M.; ROSEMBERG, F. **A constituição de 1988 e a educação de crianças pequenas**. São Paulo: FDE, 1989.

_____. **Creches e pré-escolas no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1992.

CAMPOS, M. M. A formação de professores para crianças de 0 a 10 anos: modelos em debate. **Educação & Sociedade**, Campinas: n. 68, dez, 1999.

_____. Educação infantil: o debate e a pesquisa. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 101, p. 113-127, jul. 1997.

_____. **Creches e pré-escolas no Brasil..** São Paulo: Cortez. 1992.

CARVALHO, A. et alii. **Desenvolvimento e aprendizagem**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

CASTRO, J. A. de. Financiamento da educação no Brasil. **Em Aberto**, Brasília, v. 18, n. 74, dez, 2001.

CATANI, D. B. Estudos de história da profissão docente. In: LOPES, E. M.;

CAVICCHIA, D. C. **O cotidiano da creche: um projeto pedagógico**. São Paulo: Loyola, 1993.

CHAMBOREDOM, J. C.; PREVOT, J. O “ofício de criança”: definição social da primeira infância e funções diferenciais da escola maternal. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 59, p. 32-56, nov. 1986.

CHERVEL, A. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria e Debate**, Porto Alegre, n. 2, p. 177-229, 1990.

CURY, C. R. J. A educação básica no Brasil. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 80, p.169-2001, set. 2002.

DAUSTER, T. **Piaget e o conhecimento**. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

_____. **Concepções da infância e pré-escola entre famílias da periferia de Niterói/R. J. G.TEDUCACÃO E SOCIEDADE: - AMOCS**, São Paulo, outubro de 1985.

FARIA F. L. M.; VEIGA, C. G. (org.) **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

FREITAS, M. C. (org.). **História social da infância no Brasil**. São Paulo: Cortez/USF-IFAN, 1997.

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA Pesquisa sobre padrões de vida: primeira infância (1996-1997). Rio de Janeiro, 2000

_____. Censo Demográfico - 2000: resultados da amostra. Brasília, 2000.

GARCIA, R. L.; LEITE F. **Em defesa da educação infantil**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

_____. **Revisando a pré-escola**. São Paulo: Cortez, 1993.

_____. **Em defesa da Educação Infantil**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

GUIMARÃES, J. L.; PINTO, J. M. R. A demanda por educação infantil e os recursos disponíveis para o seu financiamento. **Em Aberto**, Brasília, v. 18, n. 74, dez. 2001.

JOBIM E SOUZA, S.; KRAMER, S. **Educação ou tutela? A criança de 0 a 6 anos**. São Paulo: Loyola, 1991.

KRAMER, S. _____. (org.) . **Com a pré-escola nas mãos**. São Paulo: Atica, 1989.

_____. **Democratização da escola pública**. São Paulo: Loyola, 1989

_____. **A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce.** Rio de Janeiro; Dois Pontos, 1987

_____. **A democratização da escola pública.** São Paulo: Loyola, 1989.

_____. **A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce.** Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

KUHLMANN J. M. Educando a infância brasileira. In: LOPES; FARIA F. VEIGA (org.). **500 anos de educação no Brasil.** Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

_____. Histórias da educação infantil brasileira. **Revista Brasileira de Educação,** São Paulo, n. 14, maio/ago. 2000.

_____. **Infância e educação infantil: uma abordagem histórica.** Porto Alegre: Mediação, 1998.

LOPES, E. M.; GALVÃO, A. M. **História da educação.** Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MARCÍLIO, L. M. A lenta construção dos direitos da criança brasileira: século XX. **Revista USP,** São Paulo, n. 37, p. 46-57, mar./maio, 1998.

MÉNDEZ, E. G. **Infância e cidadania na América Latina.** São Paulo: Hucitec, 1998.

MONARCHA, C. (org.) **Educação da infância brasileira: 1875-1983.** Campinas: Autores Associados, 2001.

MORO, C. S. **Infância e educação infantil pública: concepções maternas.** Curitiba: UFPR, 2002. Dissertação (Mestrado).

MOVIMENTO INTERFÓRUNS DE EDUCAÇÃO 'INFANTIL DO BRASIL **Educação infantil: construindo o presente.** Campo Grande/MS: Ed. UFMS, 2002.

OLIVEIRA, C. Gestão da educação: União, Estado/Distrito Federal, Município e escola. In: MACHADO, L. M.; FERREIRA, N. S. C. **Política e gestão da educação: dois olhares.** Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

OLIVEIRA, Z. de M. R. de: **A criança e seu desenvolvimento: perspectivas para se discutir a educação infantil.** São Paulo, Cortez, 1995.

PATTO, M.H. **Psicologia e ideologia: uma introdução à psicologia escolar.** São Paulo: T. A. Queiroz, 1984

_____. **Privação cultural e educação pré-primária.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

PETITAT, A. **Produção da escola/produção da sociedade.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

PIAGET, J. **Psicologia da criança**. Rio de Janeiro: Dietel, 1978.

PRIORE, M. D. (org.) **Histórias das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1999.

ROMANELLI, O . O. **História da educação no Brasil**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

ROSEMBERG, F. A educação pré-escolar brasileira nos governos militares. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 82, p. 21-30, ago. 1992.

SACRISTÁN, J. G. **A educação obrigatória: seu sentido educativo e social**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

SIROTA, R. Emergência de uma sociologia da infância: evolução do objeto e do olhar. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 112, p. 7-31, mar. 2001.

VEIGA, C. G. (org.) **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica,

VIEIRA, L. M. F. Mal necessário: creches no departamento nacional da criança (1940-1970). **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 67, p. 3-16, 1988.

VILELA, H. O mestre - escola e a professora. In: LOPES, E. M.; FARIA F, L. M.; 2000.

PROPOSTA PEDAGÓGICA CURRICULAR
CURSO DE FORMAÇÃO DE DOCENTES APROVEITAMENTO DE ESTUDOS
FUNDAMENTOS PSICOLÓGICOS DA EDUCAÇÃO

1 - Ementa

Introdução ao estudo da Psicologia; Introdução à Psicologia da educação; Principais teorias psicológicas que influenciaram e influenciam a psicologia contemporânea: Skinner e a psicologia Comportamental; Psicanálise e educação. O sócio-construtivismo: Piaget, Vygotsky, Wallon Psicologia do desenvolvimento da criança e do adolescente. Desenvolvimento da criança e do adolescente. Desenvolvimento humano e sua relação com aprendizagem. A linguagem, os aspectos sociais, culturais e afetivos da criança e a cognição.

2 – Fundamentação teórica

A escola é o lugar em que todas as crianças devem ter as mesmas oportunidades, mas com estratégias de aprendizagem diferentes. Existem crianças altas e baixas, loiras e morenas, gordas e magras. Algumas nasceram em lares com pai, mãe e irmãos, todos alfabetizados e leitores. Outras nem conhecem os pais, moram com os avós, os tios, um parente distante. Muitas viajam nas férias. Conhecem o mar, o mato e gente de lugares variados. Há quem nunca tenha saído do bairro em que nasceu. Ninguém é igual a ninguém. Cada pessoa tem uma história particular e única, formada por sua estrutura biológica, psicológica, social e cultural. se assim na vida, é assim na escola.

As crianças são resultados de suas experiências. Para compreender seu desenvolvimento é preciso considerar o espaço em que elas vivem, a maneira como constroem significados, as práticas culturais, etc. Sabe-se hoje que cada ser humano tem um conjunto de células do sistema nervoso tão particular quanto a impressão digital. Não existe um modelo de criança de 6 anos.

O aluno não é um ser ideal, abstrato. É uma pessoa concreta, com preocupações e problemas, defeitos e qualidades. É um ser em formação, que precisa ser compreendido pelo professor e pelos demais profissionais da escola, a fim de que tenha condições de desenvolver-se de forma harmoniosa e equilibrada.

O professor também aprende enquanto ensina, e o aluno, enquanto aprende, também ensina. O professor precisa conhecer a si mesmo para conhecer os alunos.

A psicologia da educação é indispensável para que o professor tenha condições de compreender seus alunos e desenvolver um trabalho mais eficiente. Sendo assim a Psicologia da Educação procura utilizar os princípios e as informações que as pesquisas psicológicas oferecem acerca do comportamento

humano, para tornar mais eficiente o processo ensino-aprendizagem. Não se trata de oferecer receitas prontas. O professor trabalha com pessoas concretas, cada qual com sua história singular. Por isso mesmo, o estímulo ao conhecimento da realidade e a discussão crítica é constante em todo o processo.

A disciplina trabalhará os seguintes conteúdos: Introdução ao estudo da Psicologia; Introdução à Psicologia da educação; Principais teorias psicológicas que influenciaram e influenciam a psicologia contemporânea: Skinner e a psicologia Comportamental; Psicanálise e educação. O sócio-construtivismo: Piaget, Vygotsky, Wallon; Psicologia do desenvolvimento da criança e do adolescente. Desenvolvimento da criança e do adolescente. Desenvolvimento humano e sua relação com aprendizagem; A linguagem, os aspectos sociais, culturais e afetivos da criança e a cognição.

3 - Objetivos

- Compreender para que servem as diferentes correntes psicológicas;
- Identificar os autores e suas teorias;
- Construir uma visão própria a cerca das abordagens psicológicas;
- Entender a complexidade do desenvolvimento psicológico do ser humano;
- Refletir a cerca das contribuições deixadas pelas correntes psicológicas.
- Conhecer as abordagens sobre o desenvolvimento, aprendizagem e comportamento;
- Relacionar as diversas abordagens com a prática pedagógica;

4 – Conteúdos

1º SEMESTRE

1 - Introdução ao estudo da Psicologia:

- Conceito de psicologia
- Métodos e pesquisas em Psicologia
- Aplicações da Psicologia
- Escolas Psicológicas
- A Educação, a Aprendizagem e a Psicologia.

2 - Introdução à Psicologia da Educação:

- Definição e objeto da psicologia da educação
- Dimensão fundamental e aplicada da psicologia da educação
- Área científica da psicologia da educação e relações intra e interdisciplinares

3 - Principais teorias psicológicas que influenciaram e influenciam a psicologia contemporânea: Skinner e a psicologia comportamental

- Escola Behaviorista: Skinner e o condicionamento operante
- Leis do ensaio e erro: lei do efeito e lei do exercício
- Condicionamento operante; experimento básico de Skinner.
- Características
- Comparação condicionamento clássico/ operante
- Aplicação na educação; instrução programada.
- A Psicologia da Gestalt: a Psicologia da forma

4 - Psicanálise e educação:

- Histórico da Psicanálise
- Vida e teoria de Freud
- O método psicanalítico:
- Teoria da personalidade:
 - Consciência/ego,
 - Pré-consciente/superego
 - Inconsciente/id
- Complexo de Édipo

5 - O socioconstrutivismo: Piaget, Vygotsky, Wallon.

- Histórico da Teoria Psicogenética
- Vida e Teoria de Piaget
- Teoria Piagetiana: Teoria Epistemologia Genética/ Teoria Psicogenética
- Construção do conhecimento
- Assimilação
- Acomodação
- Esquema
- Equilíbrio
- Estágio do desenvolvimento:
 - Sensório-motor
 - Pré-operatório
 - Operatório-concreto
 - Operatório-formal
- Histórico da Teoria Vigotskiana:
- Vida e Teoria de Vygotsky: Teoria socioconstrutivista/ Teoria histórico-cultural
- Teoria do desenvolvimento:
 - Processo natural

- Desenvolvimento artificial
- Contribuições para a educação:
 - As concepções de Vygotsky sobre o processo de formação dos conceitos
 - As concepções de Vygotsky sobre o funcionamento do cérebro humano
 - Mediação
 - Cultura
 - Internalização
 - A interação social e o instrumento linguístico são decisivos por Vygotsky; real e potencial.
 - A aprendizagem X desenvolvimento: zonas de desenvolvimento proximal
 - Processo que caminha do plano social - relações interpessoais - para os planos individuais internos - relações intra – pessoais:
 - A escola.
 - O professor
 - O aluno
 - Grupo social
- Histórico da Teoria de Wallon:
 - Vida e teoria de Wallon; Teoria de desenvolvimento cognitivo/psicogênese.
 - Fases com predominância afetiva e cognitiva:
 - impulso-emocional
 - sensório-motor
 - personalismo
 - Predominância - funcional
- Elementos básicos que se relacionam com a comunicação:
 - Afetividade
 - Emoções
 - Movimento
 - Formação do eu
- Contribuições para a educação:
 - Importância da afetividade na aprendizagem
 - A escola e o emocional do aluno
- Teoria de Coleman: a inteligência emocional
- Teoria de Gardner: teoria das múltiplas inteligências

2º SEMESTRE

- 1 - Psicologia do desenvolvimento da criança e do adolescente.
 - O desenvolvimento humano
 - A importância do desenvolvimento

- Fatores que influenciam o desenvolvimento
- Aspectos e fases do desenvolvimento
- Hereditariedade
- Crescimento orgânico
- Maturação neurofisiológica
- Ambiente
- Teoria do desenvolvimento segundo Piaget:
 - Período das operações concretas
 - Período das operações formais
 - Adolescência: projeto de vida
- Desenvolvimento da criança e do adolescente
 - Influência dos fatores sociais sobre a personalidade
 - Estimulação ambiental
 - Comportamento emocional e social da criança na infância
 - Desenvolvimento cognitivo na infância
 - Desenvolvimento moral na infância
 - Desenvolvimento do comportamento social na infância
- Agressividade e autoconceito
 - A Psicologia na escola
 - Como a criança aprende
 - O papel do professor
 - Compreensão do processo ensino-aprendizagem

2- Desenvolvimento humano e sua relação com a aprendizagem

- Histórico da aprendizagem:
 - Antiguidade
 - Idade média
 - Séc.XVII ao séc. XX
 - A partir de 1930
- Definições de aprendizagem
- O processo de aprendizagem na abordagem Vygotsky
- O processo de aprendizagem na abordagem de Piaget
 - O papel do equilíbrio
- O processo de aprendizagem pós-piagetiano
 - Hiperassimilação
 - Hipoacomodação
 - Hiperacomodação
 - Hipoassimilação

- O papel da aprendizagem em outras concepções
- O papel da memória na aprendizagem
 - Memória a curto prazo
 - Memória a longo prazo
 - As influencias do processo
 - Estilos de aprendizagem
 - Visual
 - Auditiva
 - Leitura/escrita
 - Ativa
- Avaliação da aprendizagem

3 - A linguagem, os aspectos sociais, culturais e afetivos da criança e a cognição.

- Processo de construção da linguagem:
 - Fases do desenvolvimento da linguagem segundo Piaget
- Desenvolvimento da linguagem
 - Introdução da linguagem
 - História da linguagem
- Etapas do desenvolvimento:
 - Pré-linguagem
 - Desenvolvimento sintático
 - Expansão gramatical
- Fatores que podem alterar a evolução normal da linguagem:
 - Fatores orgânicos
 - Fatores psicológicos
- O papel do professor

5 – Metodologia

O trabalho seguirá uma bibliografia diversificada e será complementada com trabalhos em grupo e individuais, debates, entrevistas e seminários. Serão incentivadas a observação, a pesquisa e a reflexão.

6 – Avaliação

Será diagnóstica, contínua e processual levando o aluno a construir o conhecimento, bem como desenvolver sua capacidade de reformular e organizar questões.

A finalidade básica será determinar até que pontos estão sendo atingidos as metas pré-estabelecidas. Para tanto serão aplicadas provas formais bimestrais, trabalhos escritos e orais, atividades em classe, mini-aulas, seminários .

Serão considerados os trabalhos previamente agendados pela professora como também as provas bimestrais e a recuperação.

7 – Referências Bibliográficas

BAQUERO, R. **Vygotsky e a aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

BARROS, C. S. G. **Pontos de Psicologia Geral**. São Paulo: Ática, 1989.

BOCK, A. M.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. São Paulo: Saraiva, 1999.

DAVIS, C. & OLIVEIRA, Z. **Psicologia na Educação**. São Paulo: CORTEZ, 1991.

DOLLE, J. **Para compreender Jean Piaget**. Rio: Guanabara S.A., 1987.

FALCÃO, G. M. **Psicologia da aprendizagem**. São Paulo: Ática, 1989.

LANE, S. et al. **Psicologia social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

MACIEL, I. M. et al. **Psicologia e educação: novos caminhos para a formação**. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2001.

PILETTI, N. **Psicologia educacional**. São Paulo: Ática, 1987.

SYLVA, K.; LUNT, I. **Iniciação ao desenvolvimento da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

TANAMACHI, E.; ROCHA, M. et al. **Psicologia e educação: desafios teórico-práticos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

PROPOSTA PEDAGÓGICA CURRICULAR
CURSO DE FORMAÇÃO DE DOCENTES APROVEITAMENTO DE ESTUDOS
FUNDAMENTOS SOCIOLÓGICOS DA EDUCAÇÃO

1 – Ementa

O que é educação e o que é sociologia? A Educação como um fenômeno que é estudado pelas ciências sociais, especialmente pela sociologia. Os diferentes olhares sobre a educação. A Educação e o Funcionalismo de Emile Durkheim: a pedagogia e a vida moral. A educação como fato social, com as características de coerção, exterioridade e generalidade. Indivíduo e Consciência Coletiva. A Educação em diferentes formações sociais. A Educação Republicana, laica e de acordo com o desenvolvimento da divisão do trabalho social. Os sociólogos brasileiros que desenvolveram estudos a partir dessa teoria, tais como Fernando de Azevedo e Lourenço Filho. A educação como fator essencial e constitutivo do equilíbrio da sociedade. A educação como técnica de planejamento social e desenvolvimento da democracia. Críticas a essa visão teórica.

2- Fundamentação teórica

O mundo passa por grandes transformações nessa passagem do século. Novas tendências revolucionam padrões clássicos de comportamento, enquanto importantes instituições se modificam. Uma nova ordem mundial se organiza alterando valores, expectativas e a posição dos atores sociais, nações ou blocos continentais. Outras formas de pensar, diferentes paradigmas teóricos procuram entender esse cenário emergente.

A sociologia enquanto ciência que estuda a civilização em seus aspectos humanos e coletivos por meio de uma análise crítica transformadora dessas transformações. Como nunca, ela tem a tarefa de distinguir o âmbito de novas formas de comportamento, desvendá-lo, descobrindo seus sentidos, propor alternativas.

O programa de sociologia objetiva na sua formação geral a compreensão da realidade social e das forças sociais que nela atuam.

Na formação específica do profissional que deverá atuar nas primeiras séries, o objetivo é a compreensão da própria escola, no meio em que está inserida e nas suas relações com a sociedade. Na análise da educação, utilizando o conceito de educação relacionado com o conceito social e político, inserido nas relações sociais e capitalistas, educação como política por um tipo de ensino que venha a atender aos interesses das camadas majoritárias da população.

Para operacionalizar a proposta, é necessário que se possa garantir conhecimentos básicos específicos da sociologia, conhecimento estes, essencial para a compreensão das relações sociais na sociedade da educação, ressaltando o pensamento do educador Lauro de Oliveira Lima: “enquanto a sociologia não for a disciplina básica na formação do professorando, os mestres não compreenderão que a Pedagogia é a arte que modifica a sociedade”.

Assim a disciplina de sociologia estudará os seguintes conteúdos: **O que é educação e o que é sociologia?** A Educação como um fenômeno que é estudado pelas ciências sociais, especialmente pela sociologia. Os diferentes olhares sobre a educação.

A Educação e o Funcionalismo de Emile Durkheim: a pedagogia e a vida moral. A Educação em diferentes formações sociais. A Educação Republicana, laica e de acordo com o desenvolvimento da divisão do trabalho social. Os sociólogos brasileiros que desenvolveram estudos a partir dessa teoria, tais como Fernando de Azevedo e Lourenço Filho. A educação como fator essencial e constitutivo do equilíbrio da sociedade. A educação como técnica de planejamento social e desenvolvimento da democracia. Críticas a essa visão teórica.

3 - Objetivos

- Compreender a totalidade social, política e econômica, como expressão de simultaneidade e complexidade dos fenômenos sociais, produto de condicionantes diversos;
- Compreender a sociologia como saber científico;
- Reconhecer as diferenças possibilitando a atuação em equipe, a realização e avaliação de projetos de ação escolar e social;
- Contribuir para a formação de docentes atuantes e qualificados na educação;
- Despertar para o sentimento de cidadania;
- Construir sua identidade social, percebendo seus direitos e deveres de cidadão.

4- Conteúdos

1º SEMESTRE

1 - O que é educação e o que é sociologia? A Educação como um fenômeno que é estudado pelas ciências sociais, especialmente pela sociologia.

- A educação como objeto de reflexão sociológica
- Sociologia: entendendo a vida em sociedade
- Os indivíduos e a sociedade
- A sociologia em ação

- Conceito de sociologia
- Objeto e objetivo das Ciências Sociais
- Divisão da sociologia
- Como surgiu a sociologia
- Sociologia: a afirmação de uma ciência
- Problemas sociológicos, problemas sociais.
- Educação: um objeto de estudo para a sociologia
- Os grandes sociólogos e a educação: Jean Jacques Rousseau; Augusto Comte; Émile Durkheim; Max Weber; Karl Mannheim; Bronislaw Kaspar Malinowski; Charles Wright Mills; Claude Lévi-Strauss; Gilberto Freire; Florestan Fernandes
- A sociologia da educação como resposta a problemas educacionais
- A sociologia da educação no Brasil
- O objeto da sociologia da educação
- O método da sociologia da educação

2 - Os diferentes olhares sobre a educação

- Ideologia e educação
- Ideologia e sistema educacional
- A ideologia dos livros didáticos
- A ideologia no currículo
- O currículo oculto

3 - A Educação e o Funcionalismo de Emile Durkheim: a pedagogia e a vida moral.

- A concepção funcionalista de sociedade: o positivismo de Émile Durkheim
- Histórico de Emile Durkeim
- Principais obras
- Conceitos básicos do positivismo
- Consciência coletiva
- Divisão do trabalho social
- Solidariedade mecânica e orgânica

4 - A educação como fato social, com as características de coerção, exterioridade e generalidade.

- A sociologia funcionalista e a escola
- Características: coerção, exterioridade e generalidade.
- O bem estar social e a formação do cidadão
- Indivíduo e Consciência Coletiva

2º SEMESTRE

1- A Educação em diferentes formações sociais

- A educação nas comunidades primitivas
 - A economia primitiva
 - Organização social e política
 - Cultura e educação
- Educação nas sociedades escravistas da antiguidade clássica
 - A educação grega
 - A educação em Roma
- Educação na sociedade feudal
 - A formação da sociedade feudal
 - A escola católica
 - As universidades e o ensino laico
 - Cidades, berço de transformações.
- Educação na sociedade capitalista
 - A formação da economia capitalista
 - Transformações políticas e culturais
 - Expansão da educação
 - O iluminismo e a educação
 - Pressões contra a educação das camadas pobres

2 - A Educação Republicana, laica e de acordo com o desenvolvimento da divisão do trabalho social.

- A utopia na Educação Republicana
 - A regeneração pela educação
 - Instrução e educação: o debate sobre o analfabetismo
 - O papel da escola primária
 - A "missão" do professor
 - Positivismo, republicanismo e educação.
- A educação republicana laica
 - República e laicização
 - O anticlericalismo no discurso pedagógico
 - Escola confessional, escola laica e escola neutra
- A educação republicana e a socialização política dos cidadãos
 - Vocação consensual da educação republicana
 - O conteúdo da educação republicana
 - A formação de cidadãos para uma democracia

- A educação cívica no currículo escolar:
 - Cultos da Pátria na escola primária
 - A religião cívica
 - O patriotismo
 - Os heróis da Pátria
 - Os símbolos da Pátria: a bandeira e o hino
 - A festa da árvore como festa revolucionária: seu significado e organização
- O desenvolvimento da divisão do trabalho social (1888 – 1930):
 - De 1888 a 1930 – prevaecimento da informalidade no mercado de trabalho
 - As correntes migratórias e o processo de formação do mercado de trabalho assalariado no Brasil, na virada do século XIX para o XX
 - A Ementa da Constituição de 1891: competência do Congresso Nacional sobre o trabalho
 - A revolução russa e a mudança radical na sociedade trabalhista brasileira
 - O Tratado de Versalhes (1919) e a criação da Organização Internacional do Trabalho
 - A relação entre a cidade e o campo no processo de industrialização e nas relações de trabalho
 - Embates entre o capital, o estado e o trabalho na Era Vargas: a questão sindical e a legislação trabalhista no Brasil.
 - Criação do Ministério do Trabalho
 - A estruturação do parque industrial brasileiro, o novo perfil da classe operária e os movimentos reivindicatórios dos trabalhadores urbanos.

3 - Os sociólogos brasileiros que desenvolveram estudos a partir da divisão social do trabalho, tais como Fernando de Azevedo e Lourenço Filho.

- Fernando de Azevedo e Lourenço Filho
- Principio norteadores da educação nova: igualdade, solidariedade e cooperação.

4 - A educação como fator essencial e constitutivo do equilíbrio da sociedade.

- A educação como agente de socialização no equilíbrio da sociedade
 - Socialização: a criação do ser social
 - Um indivíduo, muitos papéis.
 - Controles: moldando o ser social
 - Educação como fenômeno social
 - Socialização e educação
- Cultura: o conteúdo de socialização
 - Conceito de cultura

- Elementos da cultura
- Cultura e educação
- As subculturas
- Cultura e personalidade
- Família e educação
- Família e sociedade
- História social da família
- Tipos de família
- Funções da família
- A família e a educação
- Grupos de jovens e educação
- Os grupos de jovens
- Grupos de jovens na escola
- Os grupos de jovens e a educação
- Escola e educação
- Escola e reprodução social
- A escola: reprodução da sociedade de classes
- A linguagem que aparece na escola
- O fracasso escolar
- A importância do professor
- Objetivos da educação
- Formas de transmissão
- A escola como grupo social
- As forças progressivas presentes na escola
- A escola como espaço de transformação social
- A escola como instituição
- A escola como grupo social
- A escola no meio rural
- A escola urbana
- Interação escola comunidade
- Educadores, educandos e outros grupos.
- Grupos associativos
- Grupos de ensino

5 - A educação como técnica de planejamento social e desenvolvimento da democracia. Críticas a essa visão teórica.

5 - Metodologia

A metodologia utilizada na disciplina Fundamentos Sociológicos da educação, atenderá aos objetivos dos conteúdos enunciados na proposta. O trabalho acontecerá através de aulas expositivas, leituras e estudos de autores diversos e temas afins, técnicas em grupo, visitas a escolas e museus (aulas-passeio), produções individuais e coletivas, participação em campanhas educativas e seminários.

6 - Avaliação

A avaliação dar-se-á através de diversos instrumentos preponderando os aspectos qualitativos da aprendizagem, sendo cumulativa, processual e diagnóstica através de interpretação de textos, pesquisas bibliográficas e de campo, exercícios individuais e/ou grupais, relatórios orais, resenhas críticas, as provas bimestrais seguindo os critérios do regimento escolar do estabelecimento.

7 – Referências Bibliográficas

- ALTHUSSER, L. **Sobre a Reprodução**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- ÀRIES, P. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- BOURDIEU, P. **Escritos da Educação**. Petrópolis. Ed. Vozes. 1998.
- COSTA, C. **Sociologia: introdução à ciência da sociedade**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1997.
- DURKHEIM, E. **Educação e Sociologia**. São Paulo: Melhoramentos, 1987.
- FERREIRA, Roberto Martins. **Sociologia da educação**. 1ª edição. São Paulo: Moderna
- FORQUIN, J-C. **Escola e Cultura- A Sociologia do conhecimento Escolar**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- _____. **Sociologia da Educação: dez anos de pesquisa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- FREITAG, B. **Indivíduo em formação: diálogos interdisciplinares sobre educação**.
- _____. **História, Antropologia e a Pesquisa Educacional**.
- FREITAS, M. C. & KUHLMANN Jr, M. (orgs.) **Intelectuais na história da infância**.
- FREITAS, M. C. **História Social da Infância no Brasil**.
- GADOTTI, M. **Pedagogia da práxis**.
- GOHN, M. da G. **Movimentos sociais e educação**.
- _____. **Mídia, terceiro setor e MST: impactos sobre o futuro das cidades e do campo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

_____. **Movimentos sociais no início do século XXI: antigos e novos atores sociais.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

_____. **Os sem-terra, ONGs e cidadania.** 2. Ed. São Paulo: il. 2000.

GOMES, C. **A Educação na perspectiva sociológica.** São Paulo: EPU, 1985.

KUENZER, A. **Pedagogia da Fábrica- As relações de produção e a educação do trabalhador.**

MANACORDA, M. A. **Marx e a Pedagogia Moderna.** São Paulo: Cortez, 1993.

MARCONDES, C. **O que todo cidadão precisa saber sobre ideologia.** São Paulo: Global, 1985.

MARTINS, C. B. **O que é sociologia.** 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MEKSENAS, P. **Sociologia da educação: uma Introdução ao estudo da escola no**

_____. **Aprendendo sociologia: a paixão de conhecer a vida.** 4. ed. São Paulo: Loyola, 1987.

_____. **Sociologia.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 1994. processo de transformação social. São Paulo: Loyola, 1988.

NOGUEIRA, M. A. **Saber, Trabalho e Educação em Marx.** Cortez, 1989.

OLIVEIRA, P. S. de. **Introdução à sociologia.** 23. ed. São Paulo: Ática, 2000.

PETITAT, A. **A Produção da Escola. A Produção da Sociedade.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

QUINTANEIRO, T. et al. **Um toque de clássicos: Durkheim, Marx, Weber.** Belo Horizonte: UFMG, 1996.

RODRIGUES, A. T. **Sociologia da Educação.** Rio de Janeiro: DP & A, 2001.

_____. **Sociologia da educação.** Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

TOMAZI, N. D. (org.). **Iniciação à sociologia.** São Paulo: Atual, 1993.

_____. **Sociologia da Educação.** São Paulo: Atual, 1997.

VIEIRA, E. **Sociologia da educação: reproduzir e transformar.** São Paulo: FTD, 1994.

_____. **Sociologia da Educação: reproduzir e transformar.** São Paulo: TTD, 1994.

PROPOSTA PEDAGÓGICA CURRICULAR
CURSO DE FORMAÇÃO DE DOCENTES APROVEITAMENTO DE ESTUDOS
LITERATURA INFANTIL

1 - Ementa

Contexto histórico da literatura infanto-juvenil. A primeira leitura. Narrativa oral – o mundo simbólico dos contos de fadas A importância do contador de histórias; universo da poesia para crianças: Cecília Meireles e Sidonio Muralha e outros. Monteiro Lobato: realidade e imaginário. A formação do conceito de infância no educador: Lygia Bojunga Nunes; Ana Maria Machado e outros. Natureza: mito poética na infância da humanidade e na infância do homem. Os clássicos reinventados e o panorama atual na narrativa e na poesia.

2 - Fundamentação teórica

O trabalho com a literatura deve estar incorporado nas práticas cotidianas da sala de aula, visto tratar-se de uma forma específica de conhecimento.

A literatura não é cópia do real, nem puro exercício de linguagem, nem mera fantasia dos sentidos do mundo e da história dos homens e vista de maneira particular de compor o conhecimento é necessário reconhecer que sua relação com o real é incompleta. Sendo que o plano da realidade pode ser apropriado e transcrito pelo plano do imaginário como instância concretamente formulada pela mediação dos signos verbais.

A literatura não deve ser trabalhada na sala de aula com o pretexto de explorar conteúdos gramaticais e reproduzir histórias através de desenhos e dramatizações. Esse tipo de trabalho empobrece o sentido do texto, podendo ser considerado como desperdício.

A literatura é uma manifestação artística e cultural sendo que através da produção literária conhecemos a visão de mundo do artista. Para entender uma obra literária precisamos compreender o que o autor pensa sobre determinado assunto e quais os recursos simbólicos utilizados por ele para transmitir sua mensagem.

A obra literária é aberta, o aluno torna-se um co-autor à medida que complementa o texto com suas leituras e experiências de vida, um texto literário pode ser interpretado de várias maneiras devido às experiências de vida que cada um possui.

Compete ao professor selecionar bons livros para leitura, devendo realizar a exploração dos elementos estruturais da narrativa e a relação existente entre conteúdos do texto escrito e as ilustrações. Deve-se despertar o interesse no aluno para que perceba todos os artistas e profissionais envolvidos na produção literária.

Cabe também ao professor promover debates, solicitar argumentos e orientar a reflexão.

O trabalho com a literatura infantil está centrado na discussão e reflexão da obra lida ou ouvida. Devemos motivar os alunos a uma leitura prazerosa evitando a reprodução de atividades gramaticais. Trabalhando a literatura infantil através da exploração do texto em todos os níveis, estaremos mostrando que a literatura ocupa um lugar importante e real na vida da criança.

Assim, serão trabalhados os assuntos: a História e características da literatura infantil no Brasil e no mundo; a literatura infantil para crianças de 0 a 6 anos: aspectos lúdico e formativo; a importância da literatura para a aquisição da linguagem oral e escrita; os clássicos infantis e as possibilidades de adaptações e criações através da literatura.

3 - Objetivos

- Compreender a importância da Literatura Infantil na formação da criança leitora.
- Reconhecer a importância da Literatura Infantil para aquisição e desenvolvimento da linguagem oral e escrita.
- Perceber o papel da Literatura Infantil em seu aspecto lúdico e formativo em todas as faixas etárias.
- Conhecer as diferentes metodologias que fundamentam as práticas pedagógicas da Literatura Infantil.
- Compreender que a Literatura integra-se às diversas formas de expressão artística.

4 – Conteúdos

1º SEMESTRE

1- Contexto histórico da literatura infanto-juvenil:

- Concepção de infância
- Importância da literatura infantil juvenil para a aquisição da linguagem oral e escrita
 - A linguagem e estilo na literatura infantil
 - Funções da literatura infantil:
 - estimular o desenvolvimento do letramento
 - preparar o futuro leitor
 - despertar o interesse pelo prazer de ler
- Contexto histórico da literatura infantil:
 - Origem da literatura infantil:

- origem remota: Roma e Grécia
- origem oriental: China, Índia, Pérsia e Arábia
- contribuição do folclore
- Os clássicos da literatura e suas épocas:
 - Idade Média: séc. XV, XVII e XVIII: Swuift (Viagens de Gulliver), Charles Perrault (Chapeuzinho Vermelho), Jacob e Wilhelm Grimm (O sapateiro e os anõezinhos), Lewis Garrol (Alice no País das Maravilhas), Condessa de Segur (Memórias de um burro)
- A literatura infantil no Brasil:
 - Histórico da literatura infantil no Brasil:
 - literatura através da narrativa oral – o mundo simbólico dos contos de fadas
 - literatura escrita a partir do séc. XIX, seus principais precursores (Alberto Figueiredo Pimentel, Armando Oliveira Barreto, Coelho Neto, Olavo Bilac, Osório Duque Estrada) e iniciadores (Monteiro Lobato, Cecília Meireles, Viriato Correia)

2 - A primeira leitura:

- A leitura na sala de aula
- A leitura e o espírito crítico
- Análise crítica do livro literário: o que perceber e o que discutir
- Intenção literária
- O que relatar
- Apreciação crítica:
 - Conversar com as crianças sobre o fundamental
 - Discutir a história
 - Discutir o ritmo
 - Discutir o começo e o fim da história
 - Discutir os personagens que compõem a história
- Objetos do livro:
 - Discutir a capa e a encadernação
 - A paginação
 - O tipo e tamanho das letras
 - Formato dos livros
- A biblioteca
 - A biblioteca numa classe
 - A gibiteca
 - A biblioteca para uso da escola toda
 - A biblioteca pública

- A biblioteca particular

3 - Narrativa oral – o mundo simbólico dos contos de fadas:

- A narração da história:
 - A conversa antes da história
 - O contador de histórias - explorando a história
 - Cuidados que contribuem para o êxito da narração
 - A duração da narrativa
 - Como lidar com as interrupções
 - A conversa depois da história
 - Atividades a partir da história:
 - Dramatização
 - Pantomima
 - Desenhos, recortes, modelagens e dobraduras.
 - Criação de textos orais e escritos
 - Brincadeiras
 - Construção de maquetes
 - A música complementa a narrativa
- Formas de apresentação das histórias:
 - Simples narrativa
 - Com livro
 - Com gravuras
 - Com flanelógrafo
 - Com desenhos
 - Com interferência do narrador e dos ouvintes
- Dinâmicas utilizadas na contação de histórias:
 - A criança como protagonista
 - Auto-biografias
 - O boneco contador de história
 - Caixa surpresa
 - Binômio fantástico
 - O cineminha
 - Confeção de livros
 - Dramatização
 - Fantoques
 - Novelo de lã
 - Máscaras
 - Marionetes

- Varal poético
- Teatro de sombras
- Teatro de varas
- Conhecer e interpretar as diferentes correntes literárias:
 - Os projetos de Literatura Infantil na escola e o incentivo do professor à literatura
 - A Literatura Infantil no teatro, no cinema, na música, na televisão.
 - A poesia e a criança
- O mundo simbólico dos contos de fadas:
 - Os Contos de Fadas: origens, imagens e a alma humana
 - A importância dos contos de fadas
 - Pedagogia: a imaginação das crianças
 - A tradição oral e os contos atuais
 - Estudo de um conto
 - Os contos de fadas como instrumento pedagógico
 - Como se fazem as marionetes
 - Como se encena um conto
 - Como se cria uma atmosfera propícia à escuta do conto
 - Como se conta um conto

4 – A importância do contador de histórias; universo da poesia para crianças: Cecília Meireles e Sidonio Muralha e outros:

- A importância do contador de histórias
 - A importância da história para a criança
 - Escolha da história: Que história contar? Como contar a história?
 - Indicadores que possibilitam a escolha: faixa etária e interesses
 - Contando história para quem não sabe ler
 - História sem texto escrito e suas possibilidades
 - A importância da história sem texto para a criança
 - Estudo da história infantil: estrutura da narrativa
- O universo da poesia para crianças:
 - Como a poesia é considerada
 - Brincando com as palavras - as rimas:
 - a poesia e as sensações
 - a poesia e os sonhos
 - a poesia e as emoções
 - a poesia e a vivência infantil
 - a poesia narrativa
 - a poesia poética

- como trabalhar poesia com as crianças

- Poesias de Cecília Meireles:

- Biografia
- Cronologia
- Contexto
- Crítica
- Obras

- Poesias de Sidonio Muralha:

- Biografia
- Cronologia
- Contexto
- Crítica
- Obras

2º SEMESTRE

1 - Monteiro Lobato: realidade e imaginário:

- Monteiro Lobato - o escritor da criança:

- Biografia
- Cronologia
- Contexto
- Crítica
- Obras

- Aspectos morfológicos da obra infanto-juvenil de Monteiro Lobato

- Tipos de obras em Monteiro Lobato:

- recreativa
- didática

2 - A formação do conceito de infância no educador: Lygia Bojunga Nunes; Ana Maria Machado e outros:

- A formação do conceito de infância no educador

- Conceito sobre infância: a criança na sua integralidade
- Infância e produção cultural
- A cultura da infância e a infância na cultura
- As diferentes linguagens: artes plásticas, música, literatura, teatro, cinema, corpo e movimento na educação da criança
- A literatura infantil para crianças de 0 a 6 anos: aspectos lúdicos e formativos
- A Literatura nas diversas faixas etárias

- Lygia Bojunga Nunes:

- Biografia
- Cronologia
- Contexto
- Crítica
- Obras

• Ana Maria Machado:

- Biografia
- Cronologia
- Contexto
- Crítica
- Obras

3 - Natureza: mito poética na infância da humanidade e na infância do homem

- A evolução do mito
- O mito e a literatura
- A narrativa mítica
- O mito na ficção contemporânea:
 - Mielietinsky e a poética da mitologização
 - Todorov e a literatura fantástica
- Ressonâncias do mito na literatura contemporânea: Clarice Lispector e a via crucis humana

4 - Os clássicos reinventados e o panorama atual na narrativa e na poesia:

- Clássicos Infantis, possibilidade de adaptações e criações.
- Construção da biblioteca e da gibiteca
- Adaptações, criações e apresentações de obras de literatura infantil com planejamento de atividades em sala de aula a partir de vídeos, livros e textos.

5 - Metodologia

A disciplina Literatura Infantil será trabalhada de forma dialética, através da interação com obras infantis em diversos gêneros literários.

Na práxis enfatizar-se-á a dramatização e a confecção de materiais alternativos para a exploração da literatura.

A fundamentação teórico-metodológica embasará todo o trabalho pedagógico da literatura infantil.

6 - Avaliação

A avaliação se dará através das relações teóricas-práticas estabelecidas através das quais o aluno vai demonstrando domínio do conteúdo trabalhado, devendo ser avaliado progressivamente através de exposições individuais, exposição de idéias coerentes, desembaraço e a consistência argumentativa.

O importante é não perder de vista a função diagnóstica da avaliação, ou seja, ela deve ser usada como subsídio para revisão do processo ensino aprendizagem, como instrumento de diagnóstico do próprio trabalho do professor. Serão utilizadas diversas estratégias como: elaboração de atividades, registros escritos, relatórios, mini-aulas, representação teatral e provas bimestrais .

7 – Referências Bibliográficas

- ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Ed. Scipione, 2004
- ASSMAN, J. (org) **Literatura e alfabetização: do plano do choro ao plano da ação**. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- ARROYO, L. **Literatura infantil brasileira**. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1968
- BELINE, A. H. C. **Trabalhando com a descrição**. São Paulo: Ática, 1994.
- BERALDO, A. **Trabalhando com a poesia** . São Paulo: Ática, 1990, v. 1 e 2.
- BORDINI, M. da G. **Poesia infantil**. São Paulo: Ática, 1991.
- CADEMORTONI, L. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- CARVALHO, M. **Guia prático do alfabetizador**. São Paulo: Ática, 1998.
- CASSIRER, E. **Linguagem e mito**. São Paulo: Perspectiva, 1985.
- CIRNE, M. **A explosão criativa dos quadrinhos**-. Petrópolis: Vozes, 1977.
- COELHO, N. N. **O conto de fadas**. São Paulo: Ática, 1991.
- DURAND, G. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- ELIADE, M. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- FARACO, C. A. **Trabalhando com a narrativa**. São Paulo: Ática, 1996.
- KEDE, S. S. **Personagens da literatura infanto-juvenil**. São Paulo: 1994.
- KLEIMAN, A. B. **Oficina de Leitura**. Campinas Ponte/Unicamp, **1993**.
- LAJOLO, M. e ZILBERMAN R.. **Literatura infantil brasileira: história & histórias**. São Paulo: Ática. 1984
- LISPECTOR, C. **O primeiro beijo e outros contos**. São Paulo: Ática, 1997.
- LÉVI-STRAUSS, C. **Antropologia estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- _____. **Antropologia estrutural dois**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993.

MACHADO, I. A . **Literatura e redução: os gêneros literários e a tradição oral.** São Paulo; Scipione, 1984

MIELIETINSKY, E. M. **A poética do mito.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

PINTO, J. B. **Contos de literatura infantil para os alunos do 3º ano Normal.** São Paulo: FTD, 1967.

ROCCO, M. T. **Literatura/ensino: uma problemática.** São Paulo: Ática, 1995.

SILVA, E. T. da . **A produção literária na escola: pesquisas e propostas.** São Paulo : Ática.

TODOROV, T. **Introdução à literatura fantástica.** São Paulo: Perspectiva, 1975.

YUNES, E. e PONDE, G. **Leitura e leitores da literatura infantil.** São Paulo: FTD, 1989.

PROPOSTA PEDAGÓGICA CURRICULAR
CURSO DE FORMAÇÃO DE DOCENTES APROVEITAMENTO DE ESTUDOS
METODOLOGIA DO ENSINO DE CIÊNCIAS

1- Ementa

Apesar da defasagem científica e tecnológica brasileira em relação aos países do primeiro mundo, a Ciência e a tecnologia do nosso país já conquistaram uma posição de grande importância não só para sua existência, como também para a solução de nossas inquietantes desigualdades social.

Muitos são os desafios ainda enfrentados para o desenvolvimento da Ciência no Brasil. No período colonial, não havia condições propícias para tal, pois o objetivo principal da Coroa Portuguesa era enriquecer a metrópole. Sendo assim, nessa época a Ciência brasileira ficou sob a responsabilidade de uns poucos naturalistas estrangeiros, como o médico holandês Wilhelm Piso, tido como fundador da medicina tropical. Outro holandês, George Marcgraf, o engenheiro militar português José Fernandes Pinto Alpoim.

O desafio maior é colocar o saber científico ao alcance de um público escolar sem precedentes, ou seja, um público representado por todos os segmentos sociais e com maioria expressiva oriunda das classes e culturas que até então não frequentaram a escola, salvo exceções, neste sentido, não pode ser enfrentado com as mesmas práticas docentes das décadas anteriores ou da escola de poucos e para poucos. A razão disso é que não só o contingente estudantil aumentou, mas também porque a socialização, as formas de expressão, as crenças, os valores, as expectativas e a contextualização sócio familiar dos alunos são outros.

Entretanto, o conhecimento disponível, advindo de pesquisas em educação e em ensino de Ciências, acena para a necessidade de mudanças, às vezes bruscas, na atuação do professor dessa área, nos diversos níveis de ensino.

Conjuntamente com a meta de proporcionar o conhecimento científico e tecnológico à imensa maioria da população escolarizada, deve-se ressaltar que o trabalho docente precisa ser direcionado para sua apropriação crítica pelos alunos, de modo que efetivamente se incorpore no universo das representações sociais e se constitua como cultura.

2 – Encaminhamentos Metodológicos

A disciplina de Metodologia do Ensino de Ciências contempla aspectos que auxiliam no desenvolvimento contribuindo para a formação científica e cultural dos

estudantes, de tal modo que a estrutura do conhecimento científico básico e aplicado como seu potencial explicativo e transformador possam ser apropriados e compreendidos.

Pressupõe-se que os conhecimentos da ciência e da tecnologia devem ser concebidos como parte da cultura a ser vivenciada por todos os educandos do Curso de Formação de Docentes.

A produção do conhecimento científico, a fim de caracterizar a ciência e a tecnologia como atividade humana sócio-historicamente determinadas, defende o uso e a interpretação de situações significativas para os alunos, as quais constituem temas relevantes para estudo como pontos de partida que, articulados à conceituação científica, devem estruturar a programação de ensino através do método investigativo.

Ao fundamentar esta perspectiva, correlacionando-a com pesquisas da área de ensino/aprendizagem de Ciências, a disciplina apresenta conteúdos tanto de programação quanto de atividades de sala de aula, subsidiando o trabalho docente pela seguinte ementa: O Ensino de Ciências e a construção de uma cultura científica que possibilite ao cidadão comparar as diferentes explicações sobre o mundo. A energia para a vida e a inserção do homem no contexto do universo. Aprendizagem integrada de Ciências como possibilidade para a compreensão das relações ciências, sociedade, tecnologia e cidadania. A construção dos conceitos científicos. O pensamento racional e o pensamento intuitivo na aprendizagem de Ciências O papel dos professores, das famílias e das comunidades na aprendizagem formal e informal de Ciências.

Sendo assim, a metodologia empregada será de cunho dialético e explorativo, de forma a desenvolver o potencial crítico do aluno, através de estratégias e experiências que priorizem a participação ativa em experimentos, elaboração e aplicação de projetos, seminários, fichamentos, discussões, debates, explosão de ideias e mini-aulas.

3 – Objetivos

- Compreender a importância das Ciências para o desenvolvimento do homem e da sociedade;
- Compreender e estudar a realidade, interagindo com ela de forma consciente, crítica e produtiva;
- Identificar a si próprio e o meio que o cerca como elementos de um processo de relações, interações e transformações;
- Perceber que o ambiente saudável e a qualidade de vida são consequências de atitudes e valorização da vida e de respeito à natureza.

4 – Conteúdos

3º Semestre:

1 - O Ensino de Ciências e a construção de uma cultura científica que possibilite ao cidadão comparar as diferentes explicações sobre o mundo.

- Breve histórico do ensino de Ciências: fases e tendências dominantes
- A Ciência e áreas de conhecimento
- Por que ensinar Ciências Naturais no Ensino Fundamental: Ciências Naturais e Cidadania. O ensino de Ciências
- As Ciências Naturais e Tecnologia

2 - A construção de conceitos científicos:

- Trabalhando com o método científico
- Etapas do método
- Como orientar a observação
- O que observar?
- Experimentação
- Características das experiências
- Desenvolver experimentos em sala de aula.

3 – Projeto

- Definição do tema
- Escolha do problema
- Conteúdos e atividades necessárias ao tratamento do problema
- Intenções educativas / objetivos
- Fechamento do problema
- Avaliação

4º Semestre

1º Bimestre

1 - Recursos didáticos utilizados no ensino de Ciências

- Objetivos
- Como utilizar esses recursos
- Os recursos didáticos: coleções, herbário, vivário, insetário, terrário, aquário, relatório, excursão, leituras, júri simulado.

2 - Aprendizagem integrada de Ciências como possibilidade para a compreensão das relações ciências, sociedade, tecnologia e cidadania

- Ciências Naturais e Cidadania:
 - A Ciência como um conhecimento que colabora para a compreensão e transformação do mundo
 - A superação da postura “cientificista”
 - Reconstrução da relação homem e natureza

2º Bimestre

- Ciências Naturais e Tecnologia:
 - Compreensão do saber científico e sua relação com o tecnológico
 - Texto: Ciência e tecnologia na vida atual (PCNs)
 - O ensino aprendizagem como investigação (ciclo investigativo)
- A energia para a vida e a inserção do homem no contexto do universo:
 - O pensamento racional e o pensamento intuitivo na aprendizagem de Ciências
 - O papel dos professores e das famílias
 - Pressupostos teóricos do ensino de Ciências
 - Currículo Básico do Estado do Paraná
 - Os conteúdos de Ciências Naturais no Ensino Fundamental, segundo os PCNs

5º Semestre

1º Bimestre

1 - Blocos Temáticos: ambiente; ser humano e saúde; recursos tecnológicos , a terra e o universo.

- O ambiente:
 - Ambiente: Preservação da natureza; poluição; água; lixo (reciclagem); coleta e tratamento do lixo; captação, armazenamento e tratamento da água; solo e saneamento básico; cadeia alimentar; a fotossíntese.
 - Pesquisa dos conteúdos de Ciências trabalhados na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental
 - Elaboração e aplicação de planos de aula com conteúdos específicos do 1º e 2º ciclos
- Ser humano e saúde:
 - Corpo: estudo do corpo humano seus órgãos e funções; as transformações do corpo do homem e da mulher nas diferentes fases da vida, a concepção,

gravidez e o parto; os métodos contraceptivos; a puberdade; respeito ao próprio corpo e aos dos outros; respeito aos que apresentam desenvolvimento físico/emocional diferentes.

- Saúde: orientação sexual; prevenção de doenças sexualmente transmissíveis/AIDS; vacinas.
- Alimentação alternativa; elaboração de cardápio.
- Higiene pessoal e ambiental
- Entrevistas nos postos de saúde
- Pesquisa dos conteúdos de Ciências trabalhados nos anos iniciais do Ensino Fundamental.
- Elaboração e aplicação de planos de aula com conteúdos específicos de 1ª ciclo e 2º ciclo.
- Textos:
 - Sexualidade na infância e na adolescência
 - A orientação sexual na escola
 - Manifestações da sexualidade na escola

2 - Recursos tecnológicos

- Elaborar questionários de pesquisas sobre os conteúdos que serão trabalhados nos blocos do meio ambiente e ser humano e saúde
- Organizar registros de informações por intermédio de desenhos, tabelas, esquemas, textos e recursos utilizados no ensino de Ciências.
- Experimentos utilizando laboratório de Ciências
- Visita à Sanepar

2º Bimestre

1 - Noções de espaço/tempo e casualidade no que diz respeito à matéria, energia e suas transformações no 1º e 2º ciclo

- Noções de astronomia
 - A terra e o universo
 - Pesquisa e análise dos conteúdos de Ciências trabalhados na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental
 - Elaboração e aplicação de planos de aula com conteúdos específicos de 1º e 2º ciclos

2 - Avaliação no ensino das Ciências no 1º e 2º ciclo.

- Momentos da avaliação
- Correção
- Avaliação diagnóstica final

5 – Avaliação

A avaliação é entendida como processo contínuo, global, cumulativo e de responsabilidade coletiva. Desenvolver-se-á de forma processual, considerando o desenvolvimento teórico-prático do aluno e os objetivos propostos pela disciplina. Serão utilizados os instrumentos: registros escritos, pesquisas, provas, mini-aulas e trabalhos em grupos, seguindo o que está explicitado no Regimento Escolar.

6 – Referências Bibliográficas

- ASTOLFI, J. P. **A didática das ciências**. Campinas: Papyrus, 1990.
- _____. **A Didática das ciências**. Campinas: Papyrus, 1990.
- _____, J. P. **A didática das ciências**. Campinas: Papyrus, 1990.
- BRASIL. **PARAMETROS CURRICULARES NACIONAIS**. Ciências Naturais. 4º vol Ministério da Educação. Brasília: 2001.
- CAMPOS, M. C. da C. **Didática de Ciências**. São Paulo. FTD,1999.
- _____. **Didática de Ciências**. São Paulo. FTD,1999.
- CANIATO, R. **O que é astronomia**. São Paulo. Brasiliense, 1989.
- DELIZOICOV, D. **Metodologia do ensino de ciências**. São Paulo: Cortez, 1990.
- DELIZOICOV, Demétrio. **Ensino de Ciências: Fundamentos e métodos/** Demétrio Delizoicov, José André Angotti, Marta Maria Pernambuco; colaboração Antonio Fernando Gouveia da Silva. 3ª edição. São Paulo: Cortez, 2009.
- FRACALANZA, H. et alli. **O Ensino de ciências no 1º grau**. Atual Editora.1986.
- GASPARIN, J. L. **Uma didática para a pedagogia histórico - crítica**. Campinas: Autores Associados, 2005.
- HARLAN, J. D.; RIVKIN, M. S. **Ciências na educação infantil: uma abordagem integrada**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- KRASILCHIK, M. **O professor e o currículo das ciências**. São Paulo: EPU, 1987.
- PARANÁ. **CURRÍCULO BÁSICO PARA A ESCOLA PÚBLICA DO ESTADO DO PARANÁ**. Curitiba. 1990.
- SOUZA, A. C. de. **Fundamentos Teóricos, Ciências Naturais e Sociais**. 1ª Ed., São Paulo: DCL,2006.-(Coleção novos caminhos: Formação Continuada na sala de aula.
- TRINDADE, D. F.; TRINDADE, L. dos S. P. **Educação e ciências**. São Paulo: Madras, 2004.
- TRINDADE, Lais dos Santos Pinto. **Os Caminhos da Ciência e os Caminhos da Educação: Ciência, História e Educação na sala de aula/Lais dos Santos Pinto Trindade e Diamantino Fernandes Trindade; colaboradores Ana Paula Pires Trindade... [et al]**. São Paulo: Madras, 2007.

PROPOSTA PEDAGÓGICA CURRICULAR
CURSO DE FORMAÇÃO DE DOCENTES APROVEITAMENTO DE ESTUDOS
METODOLOGIA DO ENSINO DA ARTE

1- Ementa

A Educação através da Arte é um movimento educativo e cultural que busca a constituição de um ser humano completo, total, dentro dos moldes do pensamento idealista e democrático. Valorizando no ser humano os aspectos intelectuais, morais e estéticos, procura despertar sua consciência individual, harmonizada ao grupo social ao qual pertence.

As práticas educativas hoje existentes nas escolas não são totalmente neutras e nem estão isentas de referenciais teóricos e ideológicos que informam as leis e políticas para o ensino de arte.

Desvendar a história dos modos de como a Arte foi inserida ao currículo escolar é condição para que se processem os avanços na teoria e na prática, tanto por incorporação como por superação.

Pensar os fundamentos da metodologia requer uma revisão crítica, em particular dos encaminhamentos metodológicos propostos pela Lei 5692/71, dada a primeira obrigatoriedade da Educação Artística por determinação legal. A concepção de Arte como atividade preparatória para o desenvolvimento integral da criança fundamentada na Psicologia Genética de Piaget² é o embasamento metodológico dos textos legais, as instruções deles decorrentes, incorporaram práticas e concepções teóricas readequando-as às demandas tecnicistas do momento político, propondo: ênfase no desenvolvimento da criatividade como fator de auto-organização, auto-expressão e liberação - daí a ênfase na subjetividade, na expressão individual e na espontaneidade com o aporte da “livre expressão”. Enfatizava-se maior relação entre arte e emoção/intuição do que entre arte e conhecimento.

Nos anos iniciais da Educação Básica quem atua são professores unidocentes, formados em nível médio modalidade normal ou em cursos de Pedagogia. Esses professores trabalham numa visão mais abrangente e menos fragmentada do conhecimento do que nos segmentos subsequentes, já que permanecem um tempo maior com a criança.

Assim, para trabalhar com Arte é necessário: acesso e aprofundamento de conhecimentos artísticos e estéticos através dos meios disponíveis: internet, programas de televisão, material de vídeo- escola, revistas educativas, além de outros recursos que a escola dispõe considerando a cultura historicamente constituída e a cultura emergente proveniente das diferentes mídias; planejamento

e organização do trabalho na sala de aula em dois momentos: nas situações cotidianas da relação interdisciplinar com outros campos de conhecimento e, num tempo/espço específico enfoque e articulem os conhecimentos de música, teatro, artes visuais e dança.

2 – Encaminhamento Metodológico

Vivemos em um mundo de imagens que estamos permanentemente produzindo, lendo e decodificando.

Podemos dizer que a história do ser humano tem seus alicerces, fincados na ousadia da busca e atribuição de sentido a tudo e a todos que os cercam. Desde significações mais amplas e complexas como a da própria vida “quem sou”, “para onde vou”, até as mais corriqueiras do dia a dia, significações essas que são reveladas por formas simbólicas que configuram a multiculturalidade humana.

Entre essas formas, são os signos artísticos que permitem ao homem construir na poética pessoal, seu modo singular de tomar visível seu olhar sobre o mundo. Os signos são os (tons, ruídos, silêncios, ritmos), visuais (cores, linhas, luzes, formas) e corporais (gestos, movimentos, flexões, tensões) que estamos constantemente produzindo/interpretando são a matéria-prima para a criação de formas artísticas: da música, teatro, cinema, dança, pintura, escultura, desenho, canto.

Na linguagem da Arte há criação, construção, invenção. O ser humano, através dela forma, transforma a matéria oferecida pelo mundo da natureza e da cultura em algo significativo.

A educação em Arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido a experiência humana: o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas, quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas.

O fundamental, portanto, é entender que a Arte se constitui de modos específicos de manifestações da atividade criativa dos seres humanos ao interagirem com o mundo em que vivem, ao se conhecerem e ao conhecê-lo.

Nessa perspectiva serão trabalhados os seguintes conteúdos: A Arte como área de conhecimento; a criança no ambiente natural e cultural; abordagens metodológicas para o ensino da música, das artes visuais, do teatro e da dança e seus eixos filosóficos e conceituais; sistematização de conteúdos.

Neste contexto, a aprendizagem em Arte só é significativa quando o objeto de conhecimento é a própria Arte.

As atividades estarão intimamente ligadas aos objetivos que se pretende atingir e estas, servirão de ferramentas para a sua concretização.

Serão utilizados os mais diferentes tipos de materiais para que as experiências sejam diversificadas.

Também serão feitas pesquisas e estudos de algumas obras, para que desenvolvam um senso crítico e estético necessário para a leitura de imagens.

Através das Artes Cênicas, pequenas apresentações serão feitas com os mais diversos recursos.

3 – Objetivos

- Exercitar a percepção de si mesmo, do outro e a leitura de imagens coletadas de fotos de revistas ou de reproduções de obra de arte;
- Reconhecer que a arte também está presente na sociedade e em profissões que são exercidas nos mais diferentes ramos de atividades;
- Compreender que a arte ensina que é possível transformar continuamente a existência, que é preciso mudar referência a cada momento e ser flexivo;
- Interagir com materiais, instrumentos e procedimentos variados em artes (artes visuais, dança, música, teatro), experimentando- os e conhecendo- os de modo a utiliza- los nos trabalhos pessoais;
- Saber comunicar- se através da arte, adequando- a ao material utilizado e expressando- se de maneira singular.

4 – Conteúdos

3º Semestre:

1 - O papel da arte na formação humana (como conhecimento, trabalho e expressão)

- Arte: seu significado e sua importância para a educação
- O papel da arte na formação humana
- Histórico do ensino de arte no Brasil e perspectivas
- A abordagem das principais correntes filosóficas que influenciaram o ensino das artes no Brasil
- Teoria e prática em Arte nas escolas brasileiras

2 – Estudos da diferentes concepções de arte

- Visões simplistas e de senso comum: o senso comum coloca como oposição emoção e razão, subjetividade e objetividade, afetividade e cognição e assim dicotomiza arte e ciência. A primeira apenas como forma de expressão, de lazer,

de contágio, de contemplação, como objeto de consumo e, no currículo escolar, como suporte às demais disciplinas, e, a segunda como única capaz de produzir conhecimento.

- Superação das visões do tipo:
 - Arte é o belo
 - Arte é contágio
 - Arte é livre expressão
 - Arte é interdisciplinaridade
 - Arte é objeto de consumo
- Arte como via de conhecimento, carregada de especificidades e conteúdos próprios e capazes de resgatar a totalidade do ser humano
- A arte é construir, conhecer e exprimir:
 - Arte como construção
 - Arte como conhecimento
 - Arte como expressão

3 - Conhecimento, trabalho e expressão e sua relação com o ensino:

- O conhecimento artístico como produção, fruição e reflexão
- A arte como área de conhecimento
- A criança conhecendo a arte:
 - A expressividade infantil, Percepção, imaginação e fantasia nas aulas de arte
 - A importância da percepção
 - A imaginação e fantasia da criança
- A representação artística:
 - O desenho infantil
- A criança e as imagens:
 - Crescimento e criação
- O jogo e a brincadeira nas aulas de arte:
 - O jogo simbólico
 - O lúdico nas aulas de arte

4 - A arte como objeto de conhecimento

- A inclusão da arte na escola
- A arte como ramo do conhecimento em igualdade com as outras disciplinas dos currículos escolares
- O ensino da arte em consonância com a contemporaneidade
- O ensino da arte rompe barreiras de exclusão
- Concepção de arte no espaço implica numa expansão do conceito de cultura

4º Semestre:

1 - Estudo das tendências pedagógicas - Escola Tradicional, Nova e Tecnicista - com ênfase nos marcos históricos e culturais do ensino da arte no Brasil - Determinantes sócio-culturais

- Histórico das tendências pedagógicas no ensino das artes:
 - Arte – Educação no Brasil
 - Legislação e prática no ensino de artes
- Elementos básicos das linguagens artísticas
- A Pedagogia tradicional e as aulas de arte:
 - Aprendizagem pela cópia e fixação pela repetição
 - Os modelos são propostos pelo professor
 - Influência dos referenciais da arte neo-clássica:
- Arte neo-clássica brasileira - século XIX (exemplos)
- A Pedagogia Nova e as aulas de arte:
 - Aprendizagem do aluno pela descoberta, com ênfase na expressão individual experimentação de materiais
 - Influência dos referenciais da arte moderna
 - Arte moderna brasileira – século XX (exemplos)
 - Estudos e valorização da representação gráfica da criança
- A Pedagogia tecnicista e as aulas de arte

2 - Conhecimento teórico e prático dos elementos formais e de composição das artes Visuais, da Música, da Dança e do Teatro e sua contribuição na formação dos sentidos humanos desde a Educação Infantil e anos iniciais.

- Conhecimento teórico e prático dos elementos formais e de composição das artes Visuais:
 - As artes visuais como objeto de apreciação significativa
 - As artes visuais como produto cultural e histórico
- Conhecimento teórico e prático dos elementos formais e de composição das artes: Visual da Música:
 - Apreciação significativa em música: escuta, envolvimento e compreensão da linguagem musical
 - A música como produto cultural histórico: música e sons no mundo
 - Comunicação e expressão em música; interpretação, improvisação e composição
- Conhecimento teórico e prático dos elementos formais e de composição das artes da Dança:
 - A dança na expressão e na comunicação humana

- A dança como manifestação coletiva
- A dança como produção cultural e apreciação e estética
- Conhecimento teórico e prático dos elementos formais e de composição do Teatro:
 - O teatro como expressão e comunicação
 - O teatro como produção coletiva
 - O teatro como produto cultural e apreciação estética

3 - Abordagens metodológicas para o ensino de artes na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental:

- A didática e a formação do professor de arte.
- O ensino de arte como processo
- O conhecimento artístico como produção e fruição.
- Diversidade das formas de arte e concepções estéticas da cultura regional, nacional e internacional.
- Análise da proposta de artes, nos PCNs

5º semestre

1 - A atividade artística na escola: fazer e apreciar a produção artística.

- A criança no ambiente natural e cultural
- Laboratório de vivências didáticas em danças folclóricas: vivencia dos ritmos brasileiros, dando ênfase as do estado do Paraná.
- Laboratório de vivências didáticas em teatro: vivencia e jogos teatrais na aprendizagem: o movimento, a integração, a improvisação, a montagem e a apresentação
- Laboratório de vivências didáticas em técnicas corporais: vivencia de conscientização e harmonização corporal. Compreensão das estruturas e funções do corpo
- Laboratório de vivências didáticas em música: vivencia e jogos teatrais nos aspectos históricos, idiomáticos, estilístico e técnico social, da música ocidental
- Laboratório de vivências didáticas em teatro: vivencia e jogos teatrais na aprendizagem: o movimento, a integração,, a improvisação, a montagem e a apresentação

2 - As atividades artísticas como instrumental para a Educação Infantil e anos iniciais.

- Conteúdos de Arte para se trabalhar nos anos iniciais do Ensino Fundamental:

- Artes visuais: expressão e comunicação, apreciação significativa, como produto cultural e histórico na prática dos alunos
- Conteúdos de dança para se trabalhar nos anos iniciais do Ensino Fundamental:
 - Dança: na expressão e comunicação humana; como manifestação coletiva; como produto cultural e apreciação estética
- Conteúdos de música para se trabalhar nos anos iniciais do Ensino Fundamental:
 - Música: interpretação, improvisação e composição, comunicação e expressão, escuta, envolvimento e compreensão da linguagem musical
- Conteúdos de teatro para se trabalhar nos anos iniciais do Ensino Fundamental:
 - O teatro como comunicação e expressão; como produção coletiva; como produto cultural e apreciação estética
- Elaboração de planos de aula de artes com os conteúdos dos anos iniciais do ensino fundamental e da educação infantil
- Critérios de avaliação em artes nos seguintes eixos:
 - Artes visuais
 - Dança
 - música
 - Teatro

5 – Avaliação

A avaliação deve ser processual e contínua levando em conta as etapas do desenvolvimento e aproveitamento dos alunos. Acontecerá durante todo o desenvolvimento do curso. Os alunos serão avaliados através de produções e trabalhos artísticos, aulas práticas ministradas, seguindo o exposto no regimento escolar.

6 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, A. B. de. **A educação estético-visual no ensino escolar**. [s.l.]: Livros Horizonte, 1980.
- APARICI, R.; MATILLA, A. G. **Lectura de imágenes**. Madrid: Ediciones de la Torre, 1998.
- ARNHEIN, R. **Arte e percepção visual**. São Paulo: Pioneira / USP, 1986.
- ARRUDA, J. **Projeto educação para o séc. XXI**. S. Paulo: Moderna, 2002.
- BARBOSA, A. M. T. **Arte - educação no Brasil: das origens ao modernismo**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

_____. **A imagem no ensino da arte.** São Paulo: Perspectiva, 1991.

BERGER, John. **Modos de ver.** Lisboa: Edições 70, 1972.

BLIKISTEIN, I. **Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade.** São Paulo: Cultrix, 1991.

BOSI, A. **Reflexões sobre a arte.** São Paulo: Ática, 1985.

BRASIL. Lei n° 9394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília n° 248, p.2783-27841, 23 dez. 1996.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros curriculares nacionais (1ª a 4ª Série): Arte.** Brasília, 1997. v. 6

CHEVALIER, J. **Dicionário de símbolos mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números.** 16. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

CORDI, C. et al. **Para filosofar.** São Paulo: Scipione, 1999.

COSTA, C. **Questões de arte: o belo, a percepção estética e o fazer artístico.** 2. ed. reform. São Paulo: Moderna, 2004.

COSTELLA, A. F. **Para apreciar a arte: roteiro didático.** São Paulo: SENAC/Mantiqueira, 1997.

CUMMING, R. **Para entender a arte.** São Paulo: Ática, 1996.

CURITIBA. Secretaria Municipal da Educação. **Currículo básico: uma contribuição para a escola pública brasileira.** Curitiba, 1998.

DERDYK, E. **Formas de pensar o desenho.** São Paulo: Scipione, 1989.

DONDIS, D. A. **La sintaxis de la imagen: introducción al alfabeto visual.** Barcelona: Gustavo Gili, 1976.

FEITOSA, C. **Explicando a filosofia com a arte.** Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

FUSARI, M. F. D. R.; FERRAZ, M. H. C. D. T. **Arte na educação escolar.** São Paulo: Cortez, 1992.

_____. **Metodologia do ensino de arte.** São Paulo: Cortez, 1993.

GARCEZ, L. **Explicando a arte brasileira.** Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

_____. GOVERNO DO PARANÁ SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO SUPERINTENDÊNCIA DE EDUCAÇÃO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO BÁSICA COORDENAÇÃO DE EDUCAÇÃO INFANTIL E ANOS INICIAIS

GOMBRICH, E. H. **A História da arte**. 16. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1999.

HERNÁNDEZ, F. **Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

KUENZER, A. Z. **Ensino de 2.º grau: o trabalho como princípio educativo**. São Paulo: Cortez, 1985.

_____. **Ensino médio e profissional: as políticas do estado neoliberal**. São Paulo: Cortez, 1997.

MICLETHWAIT, L. **Para a criança brincar com arte: o prazer de explorar belas pinturas**. São Paulo: Ática, 1997.

OSTROWER, F. **Universos da arte**. Rio de Janeiro: Campus, 1987.

OLIVEIRA, J. **Explicando a arte: uma iniciação para entender e apreciar as artes visuais**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

PARANÁ. Secretaria de Estado de Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Ensino de Primeiro Grau. **Currículo básico para a escola pública do Paraná**. Curitiba, 1990.

PARSONS, M. J. **Compreender a arte**. Lisboa: Editorial Presença, 1992.

PORCHER, L. (org.). **Educação artística: luxo ou necessidade?** São Paulo: Summus, 1982.

SCHLICHTA, C. A. B. D.; TAVARES, I. M.; TROJAN, R. M. **Educação artística**. Curitiba: Módulo, 1996.

_____. **Conteúdo, metodologia e avaliação do ensino de artes**. Curitiba: UFPR/NEAD, 2002.

STRICKLAND, C. **Arte comentada: da pré-história ao pós - moderno**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

TAILOR, J. C. **Aprender a mirar: una introducion a las artes visuales**. Buenos Aires: Ediciones La Isla, 1985.

VIGOSTKI, L. S. **La imaginación y el arte em la infancia**. México: Ediciones Hispánicas, 1987.

WOODFORD, S. **A arte de ver a arte: introdução a história da arte da universidade de Cambridge**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

Bibliografia - Música

ALFAYA, M.; PAREJO, E. **Musicalizar**: uma proposta para vivência dos elementos musicais. São Paulo: Musimed, 1987.

BENNET, R. **Uma breve história da música**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros curriculares nacionais**: 1ª a 4ª Série: Arte. Brasília, 1997. v. 6

CANDE, R. de. **História universal da música**. São Paulo: Martins Fontes, 1994. v.1 e 2

CUNHA, S. R. V. da. (org.). **Cor, som e movimento**: a expressão plástica, musical e dramática no cotidiano da criança. Porto Alegre: Mediação, 1999.

CURITIBA. Secretaria Municipal da Educação. **Currículo básico**: uma contribuição para a escola pública brasileira. Curitiba, 1988.

FUCKS, R. **O discurso do silêncio**. Rio de Janeiro: Enelivros, 1991.

GAINZA, V. H. **La iniciación de los niños**. Buenos Aires: Ricordi Americana, 1964.

_____. **Fundamentos, materiales y técnicas de la educación Musical**. Buenos Aires: Ricordi Americana, 1977.

HOWARD, W. **A música e a criança**. São Paulo: Summus, 1984.

JEANDOT, N. **Explorando o universo da música**. São Paulo: Scipione, 1990.

JELLEN, L. **O mundo maravilhoso da música**. São Paulo: Melhoramentos, 1997.

KATER, C.; LOBÃO, P. **Musicalização através da canção popular brasileira**: propostas de atividades criativas para o uso na escola. São Paulo: Atravez, 2001. v. 1.

MENUHINE, Y.; CURTIS, W. **A música do homem**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, Lisboa: Dinalivro, 1997.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Ensino de Primeiro Grau. **Currículo básico para a escola pública do Paraná**. Curitiba, 1990.

PINHAIS. Secretaria Municipal de Educação. **Proposta curricular**. Pinhais, 2000.

POGUE, D.; SPECK, S. **Música clássica**.. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

PORCHER, L. (org). **Educação artística**: luxo ou necessidade? São Paulo: Summus, 1977.

SADIE, S. **Dicionário Grove de música**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

SÃO JOSÉ DOS PINHAIS. Secretaria Municipal de Educação. **Currículo básico para a escola pública municipal de São José dos Pinhais**. São José dos Pinhais, 1995.

SOLTI, G. **O mundo maravilhoso da música**. São Paulo: Melhoramentos, 1997.

SCHLICHTA, C. A. B. D.; TAVARES, I. M.; TROJAN, R. M. **Educação artística**. Curitiba: Módulo, 1996.

_____. **Conteúdo, metodologia e avaliação do ensino de artes. Curso de Pedagogia**. Curitiba: UFPR/ NEAD, 2002.

SHAFER, M. **O ouvido pensante**. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1991.

SNYDERS, G. **A escola pode ensinar as alegrias da música?** São Paulo: Cortez, 1992.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

YEHUDI, M.; DAVIS, C. W. **A música do homem**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

Bibliografia - Teatro

AMARAL, A. M. **Teatro de formas animadas**. São Paulo: USP, 1993.

_____. **O ator e seus duplos, máscaras, bonecos, objetos**. São Paulo: Senac, 2002.

BERTHOL, M. **História mundial do teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

BIASOLI, C. L. A. **A formação do professor de arte: do ensaio à encenação**. Campinas: Papyrus, 1999.

BOAL, A. **200 exercícios e jogos para o ator e o não - ator com vontade de dizer algo através do teatro**. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

BORBA, E.; SAVASSE, N. **A arte secreta do ator: dicionário de antropologia teatral**. São Paulo: Unicamp, 1995.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros curriculares nacionais: (1ª a 4ª série)**; Arte. Brasília, 1997. v. 6.

BRANDÃO, J. **Teatro grego: origem e evolução**. São Paulo: Ars Poética, 1992.

CAMARGO, R. G. **A sonoplastia no teatro**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Artes Cênicas, 1986.

CARVALHO, Ê. J. C. **História e formação do ator**. São Paulo: Ática, 1989.

_____. **O que é ator**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.

COURTNEY, R. **Jogo, teatro & pensamento**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1980.

CUNHA, S. R. V. da. (org.). **Cor, som e movimento: a expressão plástica, musical e dramática no cotidiano da criança**. Porto Alegre: Mediação, 1999.

CURITIBA. Secretaria Municipal da Educação. **Currículo básico: uma contribuição para a escola pública brasileira**. Curitiba, 1988.

GASSNER, J. **Mestres do teatro**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva/ USP, 1974. v. 1.

JAPIASSU, R. **Metodologia do ensino de teatro**. São Paulo: Papyrus, 2001.

KOUDELA, I. D. **Jogos teatrais**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

MACHADO, M. C. **A aventura do teatro**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.

_____. **Teatro IV**. 6. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1998.

_____. **Ensaio transversais: cidadania e educação**. São Paulo: Escrituras, 1997.

MAGALDI, S. **Iniciação do teatro**. São Paulo: Buriti, 1965.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Ensino de Primeiro Grau. **Currículo básico para a escola pública do Paraná**. Curitiba, 1990.

PINHAISS. Secretaria Municipal de Educação. **Proposta curricular**. Pinhais, 2000.

PORCHER, L. (org.). **Educação artística: luxo ou necessidade?** São Paulo: Summus, 1977.

REVERBEL, O. **Um caminho do teatro na escola**. 2. ed. São Paulo: Scipione, 1997.

ROUBINE, J. J. **A linguagem da encenação teatral**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SANTOS, V. L. B. dos. **Brincadeira e conhecimento: do faz-de-conta à representação**. Porto Alegre: Mediação, 2002.

SÃO JOSÉ DOS PINHAIS. Secretaria Municipal de Educação. **Currículo básico para a escola pública municipal de São José dos Pinhais**. São José dos Pinhais, 1995.

SPOLIN, V. **Improvisação para o teatro**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Bibliografia - Dança

BOUCIER, P. **História da dança no ocidente**. São Paulo: Blume, 1981.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte**. Brasília, MEC/SEF, 1997,v.6.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, MEC/SEF, 1998, v. 1.

BUORO, A. B. **O olhar em construção**: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola. São Paulo. Cortez, 1996.

BRIKMAN, L. **Linguagem do movimento corporal**. São Paulo: Summus, 1989.

CAMINADA, E. **História da dança**: evolução cultural. Rio de Janeiro: Sprit, 1999.

CORTÊS, G. P. **Dança Brasil**: festas populares. Belo Horizonte: Leitura, 2000.

CUNHA, S. R. V. da. (org.). **Cor, som e movimento**: a expressão plástica, musical e dramática no cotidiano da criança. Porto Alegre: Mediação, 1999.

DUARTE JR, J. F. **Porque arte-educação?** São Paulo. Papyrus, 10ª ed. 2000.

_____. **O sentido dos sentidos**: a educação (do) sensível. Curitiba: Criar, 2001.

FERRAZ, M.; FUSARI, M, R. H. **Metodologia do ensino da arte**. São Paulo. Cortez, 1993.

FERRAZ, Maria Heloísa Corrêa de Toledo. **Arte na Educação Escolar**/Maria Heloísa Corrêa de Toledo e Maria Felisminda de Rezende e Fusari. 3 ed.. São Paulo: Cortez, 2009.

_____. **Arte na educação escolar**. São Paulo: Cortez, 1993.

FERREIRA, S. (org.). **O ensino das artes**: construindo caminhos. Campinas: Papyrus, 2001.

FORQUIN, J. C. **Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar.** Porto Alegre. Artes Médicas, 1993.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

FRIEDMANN, A. **Brincar: crescer e aprender - O resgate do jogo infantil.** São Paulo: Moderna, 1998.

FUX, M. **Dança, experiência de vida.** São Paulo: Summus, 1983.

GARAUDY, R. **Dançar a vida.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979.

GELB, M. **O aprendizado do corpo.** São Paulo: Martins Fontes, 1987.

HASELBACH, B. **Dança, improvisação e movimento: expressão corporal na educação física.** Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1989.

HENTSCHE, L. & DEL BEN, L. **Ensino de música: propostas para pensar e agir em sala de aula.** São Paulo: Moderna, 2003.

IABELBERG, R. **Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores.** Porto Alegre. Artmed, 2003.

LABAN, R. V. **Domínio do movimento.** São Paulo: Summus, 1978.

_____. **Dança educativa moderna.** São Paulo: Ícone, 1990. LAIRD, W. **As danças de salão.** Porto: Civilização, 1994.

LOWENFELD, V.; BRITAIN, W. L. **Desenvolvimento da capacidade criadora.** São Paulo: Mestre JEU, 1977.

MARQUES, I. **Dançando na Escola.** São Paulo: Cortez, 2003 .

_____. **Ensino de dança hoje: textos e contextos.** São Paulo, Cortez, 1999.

MARTINS, M. C. et al. **A linguagem do mundo: Poetizar, fruir e conhecer arte.** São Paulo: FTD, 1998.

MENDES, M. G. **A dança.** São Paulo: Ática, 1985.

OSSOMA, P. A. **A educação pela dança.** São Paulo: Summus, 1988.

OSTROWER, F. **Criatividade os processos de criação.** Petrópolis: Vozes, 1999. Porto Alegre: Niu&prorext-UFRGS. 1999.

PARANÁ. SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO. **Currículo básico para a escola pública do Paraná.** Curitiba, 1990.

RESENDE, L. M. G. **Relações de poder no cotidiano no escolar**. Campinas: Papyrus, 1995.

SÃO JOSÉ DOS PINHAIS. Secretaria Municipal de Educação. **Currículo básico para a escola pública municipal de São José dos Pinhais**. São José dos

SILVA Jr., A. **A escola pública como local de trabalho** São Paulo: Cortez, 2 ed.

SOUZA, J. B. A. **Música. Cotidiano e Educação**. Porto Alegre:

_____. **Projetos na Escola: registros de uma experiência continuada**.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

PROPOSTA PEDAGÓGICA CURRICULAR
CURSO DE FORMAÇÃO DE DOCENTES APROVEITAMENTO DE ESTUDOS
METODOLOGIA DO ENSINO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

1- Ementa

A área de Educação Física, em especial a Educação Física Escolar, teve grande desenvolvimento no Brasil, nos últimos vinte anos. Inicialmente, era considerada uma área de atuação essencialmente prática, sem fundamentação teórica. Os cursos de graduação limitavam-se a reproduzir técnicas de movimentos quase sempre esportivas. Posteriormente, passou a ter suporte teórico de referenciais originais e criativos provindos de várias áreas do conhecimento e de diferentes autores. Houve o importante aporte dos conhecimentos das Ciências Humanas, fato que possibilitou a discussão da Educação Física na Escola como uma área de conhecimento, ancorada na cultura produtora de cultura.

Sendo assim, compreende-se que a Educação Física é uma prática pedagógica que trata da cultura Corporal de Movimento, logo, a preocupação central é com a prática pedagógica que caracteriza a Educação Física na Educação Básica. Neste sentido, o objetivo principal da Educação Física escolar é integrar o aluno na Cultura Corporal de Movimento, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio, formando os cidadãos que irão usufruir, partilhar, produzir, reproduzir e transformar as manifestações que caracterizam essa área, como o jogo, o esporte, a dança, a ginástica e a luta.

O conjunto dessas manifestações consiste nos conteúdos propostos para a Educação Física escolar e que devem ser elaborados em todas as suas dimensões: conceitos, procedimentos e atitudes. Entende-se, desse modo, que, nas aulas de Educação Física, tais conteúdos devem ser vivenciados e contextualizados, a partir de elaborações e reflexões cada vez mais críticas e complexas. Os alunos devem saber conceitos sobre os conteúdos e também procedimentos e atitudes acerca de como fazer quaisquer atividades propostas, respeitando sua individualidade e o grupo.

Sendo assim, deve haver uma diversidade de vivências para que todos os alunos possam experimentar as amplas possibilidades da Cultura Corporal de Movimento, preocupando-se sempre com a inclusão de todos os educandos nas aulas e também a não-exclusão dos educandos nas diferentes vivências.

2- Encaminhamentos Metodológicos

Concebemos a Educação Física como sendo aquela que deve propiciar ao educando o conhecimento do corpo, usando-se como instrumento de expressão consciente na busca de sua liberdade e satisfação de suas necessidades. Deve permitir-lhe ainda a exploração motora, vivendo através das atividades propostas, momentos que lhes dêem, a partir de suas vivências, condições de criar novas formas de movimento.

A metodologia do Ensino de Educação Física está fundamentada na produção de conhecimentos, tem conteúdos concretos, indissociáveis da realidade social, tem consciência de seus condicionantes histórico-sociais e principalmente é um instrumento de apropriação do saber.

Esta proposta tem como base “o corpo em movimento”; agindo e interagindo numa situação de jogo e brinquedo. Pretendemos que esta prática seja humanista, mas centrada numa concepção histórico-crítica de educação, que tenha uma base científica, e principalmente que seja voltada para o aluno, respeitando seus interesses, sua maturação e sua experiência anteriormente adquirida”.

Assim, se faz necessário desenvolver uma concepção de Educação Física em que a atividade corporal, ao invés de se confrontarem, se harmonizarem de forma a melhor integrarem o ser humano no seu relacionamento consigo mesmo, com as coisas, o outro e o mundo. Neste sentido serão trabalhados os seguintes conteúdos que são: Aspectos históricos da disciplina de Educação Física. Elementos lúdicos da Cultura Corporal (jogos, dança, luta, esporte, ginástica) levando em consideração a “práxis” pedagógica. Reflexões Críticas da Educação Psicomotora.

Os conteúdos serão desenvolvidos através de uma prática que visa atender ao processo de crescimento e desenvolvimento da criança, procurando respeitar sua individualidade biológica, social e cultural.

As aulas terão momentos de fundamentação teórica e momentos de atividades práticas. A pesquisa-ação será utilizada no campo de estágio e em documentos bibliográficos.

3 – Objetivos

- Desenvolver a criatividade e espontaneidade através de jogos e brincadeiras.
- Compreender que a ludicidade é trabalho sério na Educação Infantil e Séries Iniciais.
- Refletir sobre o significado do movimento humano e suas aplicações.
- Perceber a importância das práticas envolvendo jogos, brinquedos, danças, ginástica e lazer.

4 - Conteúdos

3º Semestre:

1 - Aspectos históricos da disciplina de Educação Física

- Histórico
- Conceção e importância social
- A educação física como cultura corporal
- A Cultura corporal e cidadania
- Tendências da Educação Física:
 - Pressupostos teóricos:
 - Na Escola Tradicional;
 - Na Escola Nova;
 - Na Escola Tecnista ou Competivista;
 - Na Tendência histórico- crítica
- Aprendendo a ensinar Educação Física nos anos iniciais do Ensino Fundamental:
 - Automatismo e atenção
 - Afetividade e estilo pessoal
 - Os portadores de necessidades especiais

2 - O movimento humano e sua relação com o desenvolvimento dos domínios motor, cognitivo e afetivo - social do ser humano.

- Elementos lúdicos da Cultura Corporal (jogos, dança, luta, esporte, ginástica) levando em consideração a “práxis” pedagógica. Reflexões críticas da educação psicomotora
- Organização social das atividades e atenção à diversidade
 - Diferença entre meninos e meninas
 - Competição /competência
 - Problematização das regras
 - Uso do espaço
 - Conhecimentos prévios
 - Reflexão e apreciação crítica
 - A Educação Física e sua relação com o desenvolvimento integral do ser humano: o movimento humano - ação e reflexão
- Fundamentos psicomotores: o corpo, o sujeito
- Brincar e desenvolvimento psicomotor:
 - Equilíbrio
 - Coordenação dinâmica global
 - Respiração consciente

- Coordenação motora fina
- Esquema corporal
- Controle psicomotor
- Lateralidade
- Orientação corporal, espacial e temporal
- Aprendizagem motora: a criança e o movimento:
 - Introdução
 - Como agem os bebês
 - A força da movimentação reflexiva
 - As primeiras habilidades motoras
 - Os movimentos fundamentais no maternal
 - Início das habilidades fundamentais no maternal
 - Pré-escola: integração das habilidades motoras
 - O movimento construindo significados
- Desenvolvimento motor: a aquisição de habilidades motoras:
 - Condutas motoras de base
 - Condutas neuromotora
- A criança e o lúdico - trabalhando com a recreação:
 - Conceitos fundamentais
 - Características básicas da recreação
 - A recreação nas escolas
 - Diferença entre brincadeiras e jogos
 - Adequação das atividades lúdicas as diversas faixas etárias
 - Confeccionar recursos didáticos para jogos
 - Elaborar e aplicar planos de aula com atividades lúdicas nas diferentes faixas etárias
- A criatividade nas várias expressões:
 - Atividades rítmicas: danças brasileiras, urbanas, eruditas, folclóricas, brincadeiras de roda, cirandas e outras.

4º Semestre:

- 1 – Desenvolvimento motor e aprendizagem motora
 - Domínios (conceituações):
 - Cognitivo
 - Afetivo
 - Motor
 - Importância do movimento no desenvolvimento humano

- Aprendizagem motora
 - Desenvolvimento motor
 - Habilidade como ato ou tarefa
 - Habilidade como indicador de qualidade de desempenho
 - Capacidade
- Capacidade:
 - Motoras globais
 - Motoras finais
 - Padrão de movimento:
 - Padrão motor
 - Aquisição motora
 - Generalização motora: equilíbrio e controle postural, locomoção, recepção e propulsão (devolução)
- Capacidades motoras básicas:
 - Postura
 - Atitude
 - Lateralidade
 - Direcionalidade
 - Imagem corporal
- Idade pré-escolar: aprendizagem motora e desenvolvimento motor:
 - Habilidades motoras básicas:
 - Aperfeiçoamento: 04 a 07 anos
 - Progresso: aumento de normas sociais
 - Formação esportiva: 05 a 07 anos

2- A Educação Física como componente curricular:

- A organização curricular
- Critérios para seleção e organização de conteúdos
- Objetivos gerais de Educação Física nos anos iniciais do Ensino Fundamental
- Blocos de conteúdos de Educação Física: conhecimentos do corpo; atividades rítmicas e expressivas; esportes, jogos, lutas e ginásticas.
- Como avaliar o educando nas aulas de Educação Física
 - No 1º ciclo
 - No 2º ciclo
- Negociando a avaliação

5º Semestre

1 - A cultura corporal de movimentos: ação e reflexão

- Participação e afetividade:
- O jogo como atividade por excelência, que mobiliza afetos, emoções e sentimentos
- A inserção dos alunos nos diferentes âmbitos da aula
- A diversificação da organização das atividades
- A organização e avaliação – a construção da autonomia
- Recreação diversificada
- Ritmos e expressões regionais
- Conhecimento sobre o corpo

2 - A criança e a cultura corporal de movimentos: o resgate do lúdico e a expressão da criatividade

- O Lúdico na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental
- O papel do professor
- A Interdisciplinaridade
- A brincadeira como fonte de aprendizagem
- Resgate e vivência de brinquedos e brincadeiras populares

3 – Organização e aplicação de planos de aulas conforme as orientações metodológicas para o 1º e 2º ciclos, abordando a especificidade das atividades de cada tema

- Festa junina, olimpíadas, gincanas e outros
- Seleção de músicas apropriadas às festas infantis
- Como organizar as festas e a participação da criança
- Resgate do folclore do estado e do município

5 – Avaliação

A avaliação está em sintonia direta com os objetivos e conteúdos que expressam por sua vez, uma concepção de Educação Física numa perspectiva histórico- crítica. Serão considerados critérios de avaliação: a participação, trabalhos individuais e em grupo, apresentações artísticas, seminários, provas escritas, aulas práticas, etc..

6 – Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, P. N. de. **Educação Lúdica: técnicas e jogos pedagógicos**. São Paulo: Loyola, 1987.
- ARNAIZ, S. P.; COLS. A. **Psicomotricidade na escola: uma prática preventiva e educativa**. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- BETTI, M. **Educação Física e Sociedade**. São Paulo: Editora Movimento, 1991.
- BORGES, C. J. **Educação física para a pré-escola**. Rio de Janeiro: Sprint, 1987.
- BRACHT, V. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. Cadernos Cedes, v.19, n. 48, ago. 1999.**
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte..** Brasília, MEC/SEF, 1998.
- BRUHNS, H. T. O jogo nas diferentes perspectivas teóricas. **Revista Motrivivência**, Ijuí: Unijuí, v. 8. n. 9, dez. 1996.
- CASTELLANI FILHO, L. **Educação física no Brasil: a história que não se conta**. 2. ed. Campinas: Papirus, 1991.
- COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do ensino de educação física. São Paulo: Cortez, 1992.**
- COSTA, V. L. M. **Prática da Educação Física no Primeiro Grau: modelo de reprodução ou perspectiva de transformação?** São Paulo: IBRASA, 1987.
- CUNHA, M. S. **Educação Física, ou, Ciência da Motricidade Humana**. Campinas: Papirus, 1989.
- DAOLIO, J. Educação física e o conceito de cultura. Campinas: Autores Associados, 2004.**
- DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. **Educação física na escola: implicações para a prática pedagógica**. São Paulo: Guanabara Koogan, 2005.
- DIEM, L. **Brincadeiras e esportes no jardim de infância**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1981.
- ERICSON, E. **Infância e sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.
- ESCOBAR, M. O. Cultura corporal na escola: tarefas da educação física. **Revista Motrivivência**, Ijuí, n. 8, p. 91-100, 1995.
- _____. **Educação Física na Escola: implicações para a prática pedagógica/ coordenação** Suraya Cristina Darido, Irene conceição Andrade Rangel. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.
- FALCÃO, J. L. C. C. In: KUNZ, E. **Didática da educação física 1**. 3. ed. Ijuí: Unijuí, 2003.
- FREIRE, J. B. **Educação física de corpo inteiro**. São Paulo: Scipione, 1999.
- FREIRE, J. B.; SCAGLIA, A. J. **Educação como prática corporal**. São Paulo: Scipione, 2004.
- GALLAHUE, D. L.; OZMUN, J. C. **Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos**. São Paulo: Phorte, 2001.

- GUERRA, M. **Recreação e lazer**. Porto Alegre. Sagra, 1982.
- GUISELINI, M. A. **Educação física na pré-escola**. SEED/MEC, 1982.
- HUIZINGA, J. H. L. **O jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- KISHIMOTO, T. M. (org.) **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 2003.
- KUNZ, E . Transformação didático: pedagógica do esporte. Ijuí: Unijuí, 2003.**
_____. **Didática da educação física. Ijuí: Unijuí, 2003. v. 2.**
- LE BOULCH, J. **Educação pelo movimento: a psicocinética na idade escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.
- MAGILL, R. A. **Aprendizagem Motora: Conceitos e Aplicações**. São Paulo: Edgard Blucher Ltda, 1984.
- MARCO, A. de, et all. **Pensando a educação motora**. Campinas: Papyrus, 1995.
- MEDINA, J. P. S. **Educação Física cuida do corpo e “mente” - bases para a renovação e transformação da Educação Física**. Campinas: Papyrus, 1989.
- PARANÁ. SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO. **Currículo básico para a escola pública do Paraná**. Curitiba, 1990
- PIAGET, J. **A construção do real na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.
- SANTIN, S. **Educação Física: uma abordagem filosófica da corporeidade humana**. Ijuí, Unijuí Editora, 1987
- TANI, G.; MANOEL, E. de J.; KOKUBUN, E.; PROENÇA, J. E. de. **Educação física escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista**. São Paulo: USP, 1988.

PROPOSTA PEDAGÓGICA CURRICULAR
CURSO DE FORMAÇÃO DE DOCENTES APROVEITAMENTO DE ESTUDOS
METODOLOGIA DO ENSINO DE GEOGRAFIA

1- Ementa

As Ciências passam por mudanças ao longo do tempo, pois as sociedades estão em constante processo de transformação/(re) construção. Logo, o espaço e o tempo adquirem novas leituras e dimensões.

Entretanto, existem certos complicadores sociais, pois o tempo, por exemplo, na sua ordenação, é negado na categoria passado pela sociedade ocidental capitalista, que parece estar sempre buscando soluções no futuro e negligenciando a necessidade de compreensão do passado.

Assim sendo a construção da própria identidade é a base para a descentração da identidade é, na verdade, a representação das diferenças do sujeito; são as suas marcas/sinais e a valorização de tais singularidades. Logo, a construção da identidade é a tomada de consciência de que eu sou diferente, e por ser diferente é que existo e possuo valor social. O homogêneo não existe, são as diferenças que possibilitam os diálogos e as trocas, portanto o constante crescimento social do sujeito.

Então o tempo físico e as datas comemorativas, quando abordados, devem ser contextualizados, problematizados, textualizados e então “comemorados”, convém levar o aluno a reflexão dos acontecimentos.

Logo, assim como o tempo, o espaço visto apenas do ponto de vista da forma e da estrutura, bem como, do visível, não possui significações e tampouco desperta os alunos para possíveis “emoções”. Todo o trabalho espacial deve conter o sentimento da provocação dos *porquês*, para *quês* e *para quem*. O *quando* e o *como* são indispensáveis no entendimento do processo.

A Geografia escolar deve priorizar as representações da vida dos alunos, sendo necessário sobrepor o conhecimento do dia a dia aos conteúdos escolares, todavia sem distanciar-se, em demasia, do formalismo teórico da ciência.

Sendo assim, é fundamental proporcionar situações de aprendizagem que valorizem as referências dos alunos quanto ao espaço vivido, pois estas referências resultam das experiências e contextualizações cotidianas. Logo, deve-se procurar a todo custo evitar o comodismo intelectual e a burocratização das relações sociais e educacionais é uma das mais importantes tarefas para que o ensino não apenas produza as demandas para a ampliação da modernidade, mas, principalmente, contribua para a formação de cidadãos mais ativos e críticos e, assim, uma sociedade cada vez mais democrática e pluralista.

2 – Encaminhamentos Metodológicos

Geografia, assim como a demais ciência integrante do Currículo do Ensino Fundamental e Médio, deve desenvolver no aluno a capacidade de observar, interpretar, analisar e pensar criticamente a realidade tendo em vista a sua transformação.

Essa realidade é uma totalidade que envolve sociedade e natureza.

Cabe, pois a geografia levar a compreensão do espaço produzido pela sociedade atual, com seus conflitos, contradições e desigualdades, assim como as relações de produção e a apropriação da natureza.

Analisando as relações existentes na sociedade podemos entender a produção do espaço, pois da forma como os homens se articulam em relação à natureza resultará a organização do espaço.

Portanto a produção do espaço é realizada através do processo de trabalho, um ato social que traz na sua essência, contradições.

A Geografia explica esse processo em transformação contínua onde as sociedades constroem espaços desiguais de acordo com seus interesses em diferentes momentos históricos.

Para a compreensão da totalidade do espaço torna-se necessário compreender a territorialidade que implica em localização e representação dos dados sócio- econômicos e naturais.

A organização social também insere o grau de desenvolvimento tecnológico da sociedade apropriando-se dos mesmos recursos naturais com diferente intensidade.

O processo de formação e transformação da natureza é importante para a compreensão da produção do espaço, permitindo um posicionamento crítico frente aos processos de apropriação que tem gerado a degradação ambiental.

Diante do que foi colocado como preocupação com o estudo da geografia, é que a Metodologia do Ensino da Geografia adquire uma dimensão fundamental no currículo do curso de Formação de Docentes em nível médio, visto que poderá proporcionar um ensino que busque junto aos alunos uma postura crítica diante da realidade.

A metodologia no ensino de geografia deverá levar o aluno a questionar e buscar respostas para os problemas e oferecer soluções concretas viáveis, bem como confeccionar e utilizar recursos didáticos que facilitem a comunicação e o entendimento do conteúdo. As aulas serão desenvolvidas através de dinâmicas de grupos, mini- aulas, discussões e debates, leituras e produções de textos individual e coletivo.

É fundamental a análise de livros didáticos, mapeamento, maquetes, gráficas estatísticas.

3 – Objetivos

- Construir o conhecimento através da observação e análise crítica da realidade;
- Analisar as questões do espaço e valorizar a geografia;
- Observar as fases do espaço vivido, percebido e concebido;
- Compreender a perspectiva ecológica;
- Compreender a vida em sociedade;

3º semestre

1 - A Geografia como Ciência

- Concepção de Geografia
- A Geografia como ciência
- Concepções e pluralidade cultural nas abordagens da geografia cultural

2 - Compreensão do Espaço produzido pela sociedade (espaço relacional)

- Compreensão do espaço produzido pela sociedade: espaço relacional:
 - Noções de espaço e tempo: informação, comunicação e interação
 - Orientações no espaço: o papel da Geografia no currículo
 - A função social de linguagem cartográfica
 - A construção do conceito de espaço pelas crianças

3 - Aspectos teóricos - metodológicos de ensino da geografia

- Aspectos teóricos - metodológicos do ensino da Geografia:
 - Da Geografia tradicional à Geografia Crítica
 - Por que ensinar Geografia nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental?
 - Ensino e aprendizagem da Geografia nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental
 - Metodologia - Como trabalhar os conteúdos de Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental?
 - A geografia e o ensino - saber geográfico e sua relação com o saber geográfico escolar- saber geográfico escolar e os objetivos educacionais- saber escolar - uma construção coletiva

4º semestre

1 - Objetivos e finalidades do Ensino da Geografia na Proposta Curricular do Curso de Formação de Docentes da Educação Infantil e Anos Iniciais do ensino fundamental, atendendo as especificidades do estado do Paraná (quilombolas, indígenas, campo e ilhas)

- O professor da Educação Infantil e Anos Iniciais do ensino fundamental, atendendo as especificidades na educação escolar indígena
- Educação escolar indígena: formação de professores
- Formação de professores indígenas
- Escola e línguas indígenas
- A produção de material didático
- Escolas e comunidades indígenas

Obs. Salto para o futuro: A escola que queremos. Abril/2002

- O professor da Educação Infantil e Anos Iniciais do ensino fundamental, atendendo as especificidades na educação escolar dos quilombolas
- O professor da Educação Infantil e Anos Iniciais do ensino fundamental, atendendo as especificidades na educação escolar do campo
- O professor da Educação Infantil e Anos Iniciais do ensino fundamental, atendendo as especificidades na educação escolar das ilhas

2 - Relação entre conteúdos, método e avaliação:

- Conteúdos
- Métodos
- Avaliação

5º semestre

1 - Os conteúdos básicos de Geografia na Educação Infantil e Anos Iniciais; Diferentes Tendências da Geografia

- Conteúdos básicos e objetivos de Geografia para o 1.º ciclo dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental:
- Tema: A natureza
 - Dinâmica da natureza: equilíbrio e desenvolvimento ecológico
 - Trabalhando o tema natureza em sala de aula
 - O meio ambiente onde vivemos
 - A paisagem natural e modificada pelo homem

- Elementos naturais importantes para a existência da vida: o ar, o solo, a água, os vegetais, os animais, a luz e o calor do sol
- A paisagem do meio ambiente em que vivemos: meio urbano e rural
- O trabalho das pessoas no meio urbano e rural
- Terra a moradia dos seres vivos: A atmosfera, hidrosfera, litosfera
- O homem modifica seu habitat: O habitat do homem, animais e vegetais
- Elementos naturais do meio ambiente: O clima, o tempo, as estações do ano, o relevo, o solo, a vegetação e a hidrografia
- Conteúdos básicos e objetivos de Geografia para o 2.º ciclo dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental:
 - Tema: A cidade
 - O papel da cidade na organização do espaço brasileiro
 - Trabalhando geografia urbana em sala de aula
 - O espaço do município e suas relações com os outros espaços: localização, limites, relevo, rios, pontos turísticos;
 - Do espaço do município ao espaço mundial
 - Tema: O campo
 - Organização do espaço agrário brasileiro
 - Trabalhando geografia agrária em sala de aula
 - Atividades primárias e as transformações do espaço: a agricultura e a subsistência do extrativismo vegetal; a pecuária: criação de animais
 - Tema: A indústria
 - A indústria como o fator de organização do espaço
 - Trabalhando o tema indústria em sala de aula
 - Atividades industriais e as transformações do espaço: Indústrias do o extrativismo animal, vegetal e mineral
 - O espaço paranaense e sua integração com outros espaços: a produção do espaço paranaense – a modernização do estado urbanização, industrialização, modernização, qualidade de vida

2 - O ensino da geografia: temas especiais para análise

- Tema: A população
 - População brasileira: crescimento e estrutura
 - Trabalhando o tema população em sala de aula
- Tema: Migração
 - A importância das migrações na estrutura do espaço geográfico
 - Trabalhando o tema migrações em sala de aula
- Tema: A região

- Questões regionais e organização regional do Brasil
- Trabalhando o tema região em sala de aula
- Tema: A América latina
- A América Latina e suas relações com o mundo capitalista desenvolvido
- Trabalhando o tema América Latina em sala de aula

3 - Diferentes Tendências da Geografia

- A história do pensamento geográfico
- A geografia como ciência e tendências atuais
- Geografia brasileira como conhecimento escolar
- A geografia no ensino
- Metodologias de ensino de geografia, presentes na história da educação brasileira

4 - Critérios de avaliação de Geografia no 1.º e 2.º ciclo.

- Critérios de avaliação de Geografia no 1.º ciclo.
- Critérios de avaliação de Geografia no 2.º ciclo.

5 - Bibliografia e concepção de Geografia como ciência;

- Concepções de ensino de Geografia

6 - Análise crítica e elaboração de recursos didáticos para Educação Infantil e Anos Iniciais

- Análise crítica e elaboração dos recursos didáticos:
 - O trabalho com os mapas:
 - Como trabalhar com mapas na sala de aula
 - A utilização do mapa como instrumento básico para o ensino da geografia
 - A construção do mapa com significado
 - A leitura do mapa
 - Confecção de mapas: político, físico, rodoviário, econômico, hidrográfico
 - Elementos para análise do livro didático de geografia
 - A fidedignidade das afirmações
 - O estímulo e a criatividade
 - Uma correta representação cartográfica
 - Uma abordagem que valoriza a realidade
 - Que enfoque o espaço como uma totalidade
 - O livro didático e o desempenho pedagógico: anotações de apoio na escolha do livro texto
 - A evolução do livro didático e a presença no Brasil

- Da política e da ideologia presentes no livro didático
- A escolha do livro didático de geografia
- Do planejamento ao uso do livro paradidático em sala de aula
- Reflexão do uso do livro paradidático

5 – Avaliação

A avaliação será de caráter investigativo, diagnóstico. Ocorrerá de maneira formal e informal.

A avaliação formal será através de trabalhos, pesquisas, confecção de materiais, mini- aulas, trabalhos em grupos e avaliações convencionais.

A avaliação informal será através de observações diárias do desempenho na realização e responsabilidade das atividades propostas, considerando- se os aspectos formativos do ser humano.

Quanto ao aspecto formal e legal da avaliação, será respeitado o que determina o Regimento Escolar deste estabelecimento.

6 – Referências Bibliográficas

ALMEIDA, R. D. de. **Do desenho ao mapa**. São Paulo: Contexto, 2003.

ALMEIDA, R.; PASSINI, E. **O espaço geográfico, ensino e representação**. São Paulo: Contexto, 1991.

ANDRADE, M. C. de. **Geografia ciência da sociedade**. São Paulo: Atlas, 1987.

_____. **Uma geografia para o século XXI**. Campinas: Papyrus, 1994.

ARCHELA, R. S. e GOMES, M. E V. B. **Geografia para o ensino médio Manual de Aulas Práticas** Londrina Ed. UEL, 1999.

BRASIL. PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: **História e Geografia**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. 3ªed. vol.5 .Brasília. 2001

CARLOS, A. F. A. (org.). **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. **A geografia na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1999.

CARVALHO, M. I. **Fim de Século: a escola e a Geografia**. Ijuí : Ed. UNIJUÍ, 1998.

CASTRO, I. e outros (Orgs) **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

CASTROGIOVANNI, A. C. (org.). **Ensino de geografia práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2002.

_____. **Geografia em sala de aula, práticas e reflexões**. Porto Alegre: Ed. UFRS, 1999.

CAVALCANTI, L. de S. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.

_____. **Geografia, Escola e Construção do conhecimento**. Campinas: Papirus, 1998.

CHRISTOFOLETTI, A. (org.). **Perspectivas da geografia**. São Paulo: Difel, 1982. Contexto, 2002.

CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

CUNHA, M. I. da. **O bom professor e sua prática**. Campinas: Papirus, 1995.

EDWARDS, V. **Os sujeitos no universo da escola**. São Paulo: Ática, 1997.

FORQUIN, J. C. **Escola e cultura as bases e epistemológicas do conhecimento escolar**. Porto Alegre: Altas, 1993.

FOUREZ, G. **A construção das ciências: introdução à filosofia e à ética das ciências**. São Paulo: Unesco. 1995

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FRIGOTTO, G. Trabalho: educação e tecnologia: treinamento polivalente ou formação politécnica? **Educação e Realidade**, Porto Alegre, n. 14, p. 17-28, jan./jun. 1985.

GADOTTI, M. **Pedagogia da Terra**. São Paulo. Petrópolis, 2000.

GIANSANTI, R.; OLIVA, J. **Temas da geografia do Brasil**. São Paulo: Atual, 1999.

GOMES, P. C. da C. **Geografia e Modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

GONÇALVES, C. W. P. **Os (des) caminhos do Meio Ambiente**. São Paulo: Contexto, 1999.

GOODSON, Y. **Currículo: Teoria e História**. Petrópolis: Vozes, 1995.

GUIMARÃES, R. (et alli.) **Geografia Pesquisa e Ação**. São Paulo: Moderna, 2000.

HAESBAERT, R. **Territórios alternativos**. Niterói : EDUFF; São Paulo : Contexto, 2002.

KOZEL, S-, FILIZOLA, R **Didática da Geografia: memórias da terra o espaço vivido**. São Paulo: FTD, II-96

LACOSTE, Y. **A geografia: isso serve, em primeiro lugar para fazer a guerra**. Campinas: Papyrus, 1988.

MORAES, A. C. R. **Geografia Crítica. A valorização do Ensino**. São Paulo: Hucitec, 1984.

_____. **Ideologias Geográficas**. São Paulo. Hucitec, 1991

_____. **Geografia Pequena História Crítica**. São Paulo: Hucitec, 1987.

MOREIRA, A. F e SILVA, T. (org). **Currículo, Cultura e Sociedade**. São Paulo. Cortez, 1994.

MOREIRA, R. **O círculo e a espiral (a crise paradigmática do mundo moderno)**. Rio de Janeiro: Co-autor, 1993.

NIDELCOFF, M. T. **A escola e a compreensão da realidade: ensaios sobre a metodologia das ciências sociais**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

OLIVEIRA, A. U. **Para onde vai o ensino da geografia?** São Paulo: Contexto, 1989.

_____. **Reformas no Mundo da Educação: Parâmetros curriculares e geografia**. São Paulo. Contexto

PARANA. **CURRÍCULO BÁSICO PARA A ESCOLA PÚBLICA DO PARANÁ**. SEED/Departamento do Ensino do Primeiro Grau. Curitiba. 1990.

PASSINI, E. Y. **Alfabetização Cartográfica e o Livro Didático** Belo Horizonte: Lê, 1994.

PEREIRA, R. M. A. **Da Geografia que se Ensina a Gênese da Geografia moderna**. Florianópolis: UFSC. 1993

PONTUSCHKA, N. N.; OLIVEIRA, A. U. de (org.) **Geografia em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 2002.

QUAINI, M. **A construção da geografia humana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

RUA, J.; WASZKIAVICUS, F.A; TANNURI, M. R. P.; PÓVOA NETO, H. **Para ensinar geografia : contribuição para o trabalho com 1º e 2º graus**. Rio de Janeiro: Access, 1993.

SANTOS, M. **Por uma geografia nova**. São Paulo: Hucitec, 1986.

_____. **Técnica, espaço e tempo: o meio técnico científico informacional**. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. **A natureza do espaço técnica e tempo razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

_____. **A construção do espaço**. São Paulo: Nobel, 1986.

_____. **O espaço interdisciplinar**. São Paulo: Nobel, 1986.

_____. **Por uma outra globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

_____. **Espaço e Método**. São Paulo : Nobel

_____. **Técnica, Espaço e Tempo: o meio técnico-científico informacional**. São Paulo, Hucitec, 1996.

SAVIANI, D. **Escola e democracia**. São Paulo: Cortez, 1986.

SILVA, A. C. da. . **O espaço fora do lugar**. São Paulo: Hucitec, 1988.

_____. **De quem é o pedaço? Espaço e cultura**. São Paulo: Hucitec, 1986.

SOUZA, J. G. de; KATUTA, Â. M. **Geografia conhecimentos cartográficos**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

STRAFORINI, R. **Ensinar geografia: o desafio da totalidade- mundo nas séries iniciais**. São Paulo: Annablume, 2004.

VESENTINI, J. W. **Para uma geografia crítica na escola**. São Paulo: Ática, 1992.

VLACH, V. **Geografia em construção**. Belo Horizonte: Lê, 1991.

_____. **A Geografia na Sala de Aula/ organizadora Ana Fani A. Carlos**. 8ª edição, 5ª impressão – São Paulo: Contexto, 2010. (vários autores).

PROPOSTA PEDAGÓGICA CURRICULAR
CURSO DE FORMAÇÃO DE DOCENTES APROVEITAMENTO DE ESTUDOS
METODOLOGIA DO ENSINO DE HISTÓRIA

1– Ementa

O ensino de História pode possibilitar ao aluno “reconhecer a existência da história crítica e da história interiorizada” e “viver conscientemente as especificidades de cada uma delas”. O estudo de sociedades de outros tempos e lugares, pode possibilitar a constituição da própria identidade coletiva na qual o cidadão comum está inserido, à medida que introduz o conhecimento sobre a dimensão do “outro”, de uma “outra sociedade”, “outros valores e mitos”, de diferentes momentos históricos. Identidade e diferença se complementam para a compreensão do que é ser cidadão e suas reais possibilidades de ação política e de autonomia intelectual no mundo da globalização, em sua capacidade de manter e gerar diferenças econômicas, sociais e culturais como as do nosso país. E, nessa perspectiva é preciso considerar o papel do professor na configuração do *currículo real*, ou *interativo*, que acontece na sala de aula, lembrando que ele é sujeito fundamental na transformação ou na continuidade do Ensino de História.

As aulas de História para crianças dos anos iniciais de Ensino Fundamental têm por base essa concepção da vida como busca de transformação constante e possível. Nesse sentido, História é a disciplina do currículo que, indagando sobre as marcas do passado no tempo presente, levanta possibilidades de mudança a serem realizadas pelo homem com o objetivo de ampliar suas experiências coletivas.

Todavia não é só no presente que podemos encontrar e projetar alterações. Ao estudar o passado, o professor poderá demonstrar o movimento segundo o qual o homem, modifica suas relações sociais e de produção à medida que cria e supera conflitos cotidianamente. Assim, o passado será percebido não apenas como uma sequência de fatos estanques que se sucedem no tempo de forma linear e coerente, mas também como transformação constante que, ao mesmo tempo, deixa marca e continuidades do tempo passado.

A escola busca, dessa forma, reinterpretar o passado para que o aluno compreenda a origem sócio- histórica dos conflitos de seu país e do mundo em que vive. Tal reorganização parte da realidade social da criança e da realidade intelectual de sua faixa etária.

2 – Encaminhamentos Metodológicos

A História é uma disciplina fundamental em todo o tipo de cultura. Ela retira e preserva os tesouros do passado, interpreta os acontecimentos e aprofunda o conhecimento do presente. Um povo sem História é um povo sem memória. Assim, fazer a ligação com o cotidiano está tornando a História cada vez mais atraente para os alunos. É fundamental ao professor, despertar no educando a curiosidade de descobrir a origem das coisas. E, a seu modo, o ensino de História pode favorecer a formação do estudante como cidadão, para que assuma formas de participação social, política e atitudes críticas diante de sua realidade atual, aprendendo a discernir os limites e as possibilidades de sua atuação, na permanência ou na transformação da realidade histórica na qual se insere.

Essa intencionalidade não é, contudo, esclarecedora nela mesma. Há a necessidade de se articular os conhecimentos com a história da própria criança para que esta descubra a relevância desse conhecimento na construção de seu saber.

Será enfatizado pelos conteúdos como: História e memória social; as finalidades do ensino de História na sociedade brasileira contemporânea; a transposição didática da história e a construção da compreensão e explicação histórica; a relação entre a construção da noção de tempo e espaço e leitura do mundo pela criança; o trabalho com as fontes históricas; objetivos e conteúdos programáticos de história dos anos iniciais do Ensino Fundamental; o planejamento; seleção e avaliação em história.

A metodologia deverá desenvolver o senso crítico para que o aluno possa compreender o processo de produção onde se insere e nela interfere construindo a partir dos problemas colocados pelo cotidiano.

Para tanto será fundamental na relação ensino-aprendizagem de história analisar o tempo presente social.

As atividades ocorrerão através da recreação, visitas, pesquisas, vídeos, trabalhos coletivos e outros.

A transversalidade estará relacionada com temas identificados como emergenciais para a conquista da cidadania.

3 – Objetivos

- Compreender a história de forma contextualizada e interdisciplinar, considerando seus múltiplos enfoques econômicos, político e sociogeográfico;
- Analisar o livro didático e o ensino de história numa perspectiva dialética;
- Subsidiar reflexões sobre a metodologia de como ensinar história para a criança do Ensino Fundamental;

- Trabalhar os temas transversais de forma integrada nas diversas disciplinas do currículo escolar.

4 – Conteúdos

3º semestre

1 - História e memória social; as finalidades do ensino de História na sociedade brasileira contemporânea.

- História e memória social
 - Visão crítica da realidade enquanto totalidade símbolo do homem com seu desenvolvimento social:
 - Caracterização da área de história
 - História: visão tradicional ou renovada?
 - Entre a história sagrada e a história profana
 - Civilização e nacionalismo
 - Da História aos Estudos Sociais e seu retorno nos anos 80
 - O conhecimento histórico: características e importância social
- As finalidades do ensino de História na sociedade brasileira contemporânea
 - Finalidades do ensino de História
 - Por que ensinar e aprender História nos Anos Iniciais do ensino fundamental?
 - Metodologia: Como trabalhar os conteúdos de História nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental?

2 - A transposição didática da história e a construção da compreensão e explicação histórica

- Conceito de transposição didática
- Desafio do professor em transformar um conhecimento científico em um conteúdo didático
- O saber entendido como conteúdo escolar ou como programa escolar
- Desafios do processo de transposição (Chevallard)

3- Relação entre a construção da noção de tempo e espaço e leitura do mundo pela criança:

- O fato histórico vinculado aos aspectos geográficos, políticos sociais e econômicos da humanidade
- A construção de noções de tempo:
 - Espaço: o local e a paisagem

- O tempo no estudo da história
- Como trabalhar o tempo vivido e o tempo histórico
- O tempo cronológico
- O tempo da duração, ritmos do tempo
- Tempo: natural e cultural
- A origem do calendário: ano, meses, semanas, dias, horas, minutos e segundos

4º semestre

1 - O trabalho com as fontes históricas

- As fontes históricas e o ensino de História: O uso do documento histórico em sala de aula:
 - Possibilidades e limites do uso do documento histórico em sala de aula
 - Utilizando o documento escrito em sala de aula
 - As novas linguagens do ensino de História

2- Objetivos e conteúdos programáticos de História dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental; planejamento, seleção e avaliação em História

- Objetivos de História para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental:
 - Objetivos para o 1º ciclo
 - Objetivos para o 2º ciclo
- O conteúdo de acordo com os ciclos dos anos iniciais
- Coleta , elaboração e aplicação de planos de aulas
- A construção da identidade social e escolar do educando:
 - História do educando
 - A família
 - A escola
 - A religião
 - A profissão
 - Sociedade rural e urbana
- Extrativismo; pecuária, agricultura, serviços, comércio e indústria
- Colonizadores: índios, africanos, imigrantes; emigrantes e migrantes
- Organizações de trabalhos institucionais:
 - Espontâneas e políticas
- Relações de poder:
 - Dominação colonial
 - Governo imperial e republicano
- Os símbolos:

- Municipal: hino, bandeira, brasão e escudo
- Estadual: hino, bandeira, brasão e escudo
- Nacional: hino, bandeira, brasão e escudo.
- A colonização do município de Ponta Grossa e do Estado do Paraná:
 - O tropeirismo
- As formas de governo e sua organização
- Os poderes constitutivos da república:
 - executivo
 - legislativo
 - Judiciário
- Datas históricas do Município, Estado e do País:
 - A importância de se comemorar as datas cívicas
 - Como e o que comemorar?

5º semestre

1 - Avaliação em História

- Avaliação e ensino de História
- Planejamento e avaliação de História
- Experimentando novas formas de avaliação em História
- Critérios de avaliação de história no 1.º ciclo e 2.º ciclo

2 - Objetivos e conteúdos programáticos de história dos anos iniciais do Ensino Fundamental

3 - Planejamento de atividades e materiais de ensino, inter-relação com as demais áreas curriculares

- Análise do planejamento a partir dos PCNs

4 - Análise Crítica e elaboração de recursos didáticos para Educação Infantil e Anos Iniciais:

- História e linguagem;
- História e documentação:
 - Documentos históricos: cartas, certidões, relatórios, cartas, fotografias, filmes, pinturas, esculturas, utensílios domésticos, ferramentas de trabalho, vestimentas, músicas, lendas, mapas, maquetes
- As técnicas de ensino utilizadas no ensino de História:
 - Estudo do meio

- Saídas de campo
- Entrevista
- Mesa redonda
- Mapas
- O livro didático e o ensino de História:
 - O texto didático e o ensino de História
 - O uso do livro didático no ensino de História
 - Leitura de textos didáticos
 - O uso do livro didático de História

5 - Avaliação

A avaliação será diagnóstica, processual, considerando as potencialidades de cada aluno e procurando refazê-las durante o processo de aprendizagem sempre que necessário.

A disciplina deverá articular a teoria com a prática devendo ocorrer de forma individual e coletiva, seguindo o que está exposto no regimento escolar.

6 – Referências Bibliográficas

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, MEC/SEF, 1998.

BURKE, P. **A escola dos annales 1929-1989: a revolução francesa da historiografia**. São Paulo: UNESP, 1997.

CAMARGO, D. M. P. de & ZAMBORNI, E. **A criança, Novos Tempos, Novos Espaços: a história e a geografia na escola**. In Em Aberto, Brasília, 7(37); 25-30, jan/mar, 1988.

CANIATO, R. **A Terra em que vivemos**. Campinas: Papyrus, 1989.

CARDOSO, C. F. S. **Uma introdução à história**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

CARDOSO, M. H. F. & VEIGA, I. P. A. (org) **Escola Fundamental: currículo e ensino**. Campina: Papyrus, 1991.

CITRON, S. **Ensinar a história hoje: a memória perdida e encontrada**. Lisboa: Livros Horizonte, 1990.

FEIL, I. T. S. **Conteúdos Integrados: proposta metodológica para as séries iniciais do ensino de 1º grau**. Ijuí: Vozes/FIDENE, 1989.

FERRACINI, L. **O Professor como Agente de Mudança Social**. São Paulo: EPU, 1990.

GIOVANNI, M. L. R. **Área de Estudos Sociais: uma proposta de trabalho para o 1º grau**. In: Educação e Sociedade, São Paulo. (13): 132-143, dez 1982.

_____. **A outra história - algumas reflexões**. In: KRANTZ, F. **A outra história: ideologia e protesto popular nos séculos XVII a XIX**. Rio de Janeiro: Zahar, 1988. p. 18-33.

- HUNT, L. Apresentação: história, cultura e texto. In: HUNT, L. **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- KINCHELOE, J. L. **A Formação do Professor como Compromisso Político: mapeando o pós-moderno**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- LE GOFF, J. **História e memória**. São Paulo: Unicamp, 1992.
- LEME, D. M. P. e outros, **O ensino de Estudos Sociais**. São Paulo: Atual, 1986.
- McLAREN, P. **A vida nas escolas: uma introdução à pedagogia crítica nos fundamentos da educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- NADAI E. A escola pública contemporânea: os currículos oficiais de história e o ensino temático. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.6, n.11, p.99-116, set.1985/fev.1986.
- NEMI, A.L. L.. **Didática de História: o tempo vivido: uma outra história**. São Paulo;FTD,1996.
- NEMI, Ana Lúcia Lana. **Ensino de História e experiências: o tempo vivido**. Volume único São Paulo: FTD, 2009.
- NEVES, M. A. M. **Ensinando e Aprendendo História**. São Paulo: EPU/CNPq, 1985.
- NILDECOFF, M. T. **A Escola e a compreensão da realidade**. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- _____. **A escola e a Compreensão da Realidade**. São Paulo, 1982.
- OBSBAWN, E. A história de baixo para cima. In: HOSBAWN, E. **Sobre história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- _____. **O saber histórico na sala de aula/** Circe Bittencourt (org). 11º ed. 4ª impressão. São Paulo. Contexto, 2010. (Repensando o Ensino)
- PENTEADO H. D. **Metodologia de Ensino de História e Geografia**. São Paulo: Cortez, 1991.
- _____. **D. Metodologia de ensino de história e geografia**. São Paulo: Cortez, 1991.
- PORTELLA, R. & CHIANCA, R. M. F. **Didática de Estudos Sociais**. São Paulo: Ática, 1990.
- SCHMIDT, M. A. O uso escolar do documento histórico. **Caderno de História: Ensino e Metodologia**, Curitiba, n. 2. 1997.
- SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO. **Currículo básico para a escola pública do Paraná**. Curitiba, 1990.
- THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

PROPOSTA PEDAGÓGICA CURRICULAR

CURSO DE FORMAÇÃO DE DOCENTES APROVEITAMENTO DE ESTUDOS

METODOLOGIA DO ENSINO DE MATEMÁTICA

1 – Apresentação da Disciplina

A matemática carrega consigo o estereótipo de ser a vilã da história, apropriando-se desse conhecimento às mentes privilegiadas. É ainda considerada a responsável pelo alto índice de reprovações e a mais difícil das disciplinas. Portanto a ciências que deveria subsidiar a resolução dos problemas tornado-se “o grande problema” para os alunos.

Mas porque uma disciplina que está diretamente vinculada à realidade traz marcas tão negativas e contraditórias aqueles que delas não se apropriam?

Seriam superdotados os alunos que compreendem?

Não. Sabemos que o alto índice de retenção por muitos anos deu-se devido à mecanização dos conceitos fundamentais da matemática e a metodologia de trabalho desvinculada da realidade. Portanto é preciso que o ensino dessa disciplina esteja voltado a formação do cidadão que utiliza cada vez mais conceitos matemáticos na sua rotina.

Para que atinja o objetivo colocado anteriormente faz-se necessário trazer o trabalho escolar a realidade, marcada pela crescente presença dessa área do conhecimento nos diversos campos da atividade humana.

A função social do ensino da matemática é o de instrumentalizar o ser humano com o conhecimento que os possibilite resolver seus próprios problemas.

Sendo ela uma ferramenta cultural que deve ser dominada por todos, cabe então a escola fazer acontecer esse domínio, através de um fazer pedagógico que mostre esse conhecimento como historicamente construído, propiciando-se assim uma compreensão mais ampla da trajetória do desenvolvimento dos conteúdos e métodos dessa ciência.

A partir desse repensar da matemática é que se propõe para a formação de docentes das séries iniciais, um encaminhamento teórico-prático dando aos alunos a oportunidade de experienciar um trabalho prático e ao mesmo tempo um aprofundamento da matemática, baseando nos conteúdos: contextualização do desenvolvimento histórico da ciência matemática: concepções empíricas, dedutivas, racionais e simbólicas, concepções que nortearam o ensino da matemática no Brasil: perspectivas tradicional e moderna, abordagens metodológicas diferenciadas para o ensino da matemática: etnomatemática, modelagem matemática, resolução de problema, jogos matemáticos, tecnologias, especificidades inter-relações entre os eixos da matemática: números e medidas geométricas, especificidades inter-

relações entre os eixos da matemática: números e medidas geométricas, conteúdos específicos por série.

2 – Encaminhamentos Metodológicos

As técnicas em suas diferentes formas e usos constituem um dos principais agentes de transformação da sociedade, pelas implicações que exercem no cotidiano das pessoas.

Estudiosos do tema demonstram que escrita, leitura, visão, audição, criação e aprendizagem, são capturadas por uma informática cada vez mais avançada.

Neste cenário, incorporaremos essa tecnologia em nosso trabalho, apoiado na oralidade e diferentes formas de comunicar e conhecer, utilizando constantemente uma grande diversidade de materiais didáticos, como: o ábaco, os blocos lógicos, os materiais Cusenaire e de Montessori.

Buscando levar os docentes a avançar tecnologicamente, utilizaremos em sala de aula transparências, vídeos, computadores, assim como lançaremos mão de técnicas como trabalhos em grupos, exposição provocativa, leituras e debates de textos, confecção de materiais pedagógicos, oficinas, estudo e análise de livros didáticos das séries iniciais do Ensino Fundamental, e outros recursos que forem oportunos e estiverem disponíveis.

3 – Objetivos

- Confeccionar material didático mediante pesquisa, adequados às séries iniciais do Ensino Fundamental.
- Realizar atividades de docência na própria classe, aplicando os conceitos apropriados bem como realizar atividades de docência em classes de Educação Infantil e séries iniciais.
- Analisar criticamente livros didáticos de matemática das séries iniciais do Ensino Fundamental.
- Compreender a evolução das concepções do processo de ensino da matemática no Brasil.
- Compreender que nas séries iniciais, o ensino da matemática deve ser interdisciplinar e de caráter lúdico.

4 – Conteúdos

3º Semestre:

1º Bimestre

1 - Contextualização do desenvolvimento histórico da ciência matemática: concepções empíricas, dedutivas, racionais e simbólicas

- A história da matemática
- Inversão dos números
- Sistema de numeração Egípcio
- Sistema de numeração Mesopotâmia
- Sistema de numeração Romana
- Sistema de numeração das Américas: numeração Maia
- Sistema de numeração Chinesa: varetas
- Sistema de numeração Árábica
- Concepções que nortearam o ensino matemático:
 - O que é matemática?
 - Para que serve a matemática?
 - O que ensinar em matemática?
 - Como ensinar matemática?
 - O uso de materiais na construção dos conceitos matemáticos

2º bimestre

1 - Concepções de Ciência e de Conhecimento Matemático das Escolas Tradicional, Nova, Tecnicista, Construtivismo e Pedagogia Histórico- Crítica:

- Concepção de Ciência e de Conhecimento Matemático na:
 - escola tradicional
 - As origens na universidade portuguesa
 - As escolas jesuítas no Brasil e a reforma da universidade de Coimbra em 1772
 - A chegada de D. João ao Brasil: a fundação da academia real militar em 1810
 - As tentativas de fundação de universidades no Brasil
 - Uma caracterização do meio intelectual do Brasil - século XVIII
 - As teses sobre matemática apresentadas a partir da escola militar da corte
 - As descobertas matemáticas contribuíram para uma fase de grande progresso científico e econômico aplicado na construção, aperfeiçoamento e uso produtivo de máquinas e equipamentos, tais como, armas de fogo, imprensa, moinhos de vento, relógios e embarcações
 - O ensino da Matemática no preparo dos jovens ao exercício de atividades ligadas ao comércio, arquitetura, música, geografia, astronomia, artes da navegação, da medicina e da guerra
 - escola nova:

- O desenvolvimento da matemática no Brasil, na década de 1930
- Início dos anos de 1930: criação da primeira lei nacional de ensino (Reforma Francisco Campos) com um currículo para todo o Brasil
- Caracterização pela primeira vez no país, da disciplina única denominada Matemática, resultado da fusão dos ramos independentes aritmética (álgebra e geometria que constituíam, até então, disciplinas independentes)
- A caracterização da Matemática como disciplina escolar deu início à tarefa de transferir para a prática docente os ideais e exigências advindos das revoluções do século anterior.
- escola tecnicista
 - Início de um movimento de renovação do ensino da Matemática
 - Fundamentação não somente nas teorias matemáticas mas em estudos psicológicos, filosóficos e sociológicos
 - Ensino de matemática ligado ao desenvolvimento científico e tecnológico
 - Primeiras discussões sobre Educação Matemática
- escola construtivista
 - A tendência construtivista surgiu no Brasil a partir das décadas de 1960 e 1970, e se estabeleceu como meio favorável para discutir o ensino da Matemática na década de 1980
 - O conhecimento matemático resultava de ações interativas e reflexivas dos estudantes no ambiente ou nas atividades pedagógicas
 - A Matemática vista como uma construção constituída por estruturas e relações abstratas entre formas e grandezas. Por esse motivo, o construtivismo dava mais ênfase ao processo e menos ao produto do conhecimento
 - A interação entre os estudantes e o professor era valorizada e o espaço de produção individual se traduzia como um momento de interiorização das ações e reflexões realizadas coletivamente
 - A Psicologia era o núcleo central da orientação pedagógica
- escola histórico- crítica
 - Concepção da Matemática como um saber vivo, dinâmico, construído historicamente para atender às necessidades sociais e teóricas
 - A aprendizagem da Matemática não consiste apenas em desenvolver habilidades, como calcular e resolver problemas ou fixar conceitos pela memorização ou listas de exercícios
 - Criação de estratégias que possibilitem ao aluno atribuir sentido e construir significado às ideias matemáticas
 - Capacidade de estabelecer relações, justificar, analisar, discutir e criar

- A ação do professor é articular o processo pedagógico, a visão de mundo do aluno, suas opções diante da vida, da história e do cotidiano
- O auge das discussões da tendência histórico- crítica aconteceu num momento de abertura política no país, na década de 1980

4º semestre

3º Bimestre

1 - Pressupostos teórico-metodológicos do ensino e aprendizagem de Matemática e/ou Tendências em Educação Matemática: Conceitos Matemáticos, Linguagem Matemática e suas Representações, Cálculos e/ou Algoritmos, Resolução de Problemas, Etnomatemática, Modelagem Matemática, Alfabetização Tecnológica, História da Matemática, Jogos e Desafios (de acordo com as orientações curriculares de matemática- texto):

- Pressupostos teórico-metodológicos do ensino e aprendizagem de Matemática e/ou Tendências em Educação Matemática
- Conceitos Matemáticos
- Linguagem Matemática e suas Representações
- Cálculos e/ou Algoritmos
- Resolução de Problemas
- História dos problemas
- Etno matemática
- Modelagem Matemática
- Alfabetização Tecnológica
- História da Matemática
- Jogos e Desafios

4º Bimestre

1 - Especificidades inter-relações entre os eixos da matemática - números e medidas geométricas:

- No eixo temáticos números e operações são trabalhados:
 - O conceito de número, resgatando sua construção cultural, o desenvolvimento da construção dos algarismos e suas funcionalidades..
 - Sistema de numerações

- Sistema de numeração decimal: regras para formação do número; ordem, classe que compõem o número; leitura e escrita do número; comparação do número; ordenação dos números
- Nas operações com números naturais devem ser trabalhadas: estruturas aditivas; estruturas multiplicativas; propriedades da adição e multiplicação; múltiplos e divisores
- Números inteiros e relativos: noções; construções; módulo; comparação; operações com números inteiros (adição, subtração, divisão, multiplicação)

5º Semestre

1º Bimestre

1 - Especificidades inter-relações entre os eixos da matemática - números e medidas geométricas:

- Forma fracionária:
 - Noção e construção de fração
 - Elemento e leitura de fração Classe de equivalência de fração
 - Comparação de frações
 - Operações com números fracionários (adição, subtração, multiplicação e divisão)
- Forma decimal:
 - Noção e construção
 - Elemento e leitura
 - Comparações
 - Operações com números decimais (adição, subtração, multiplicação e divisão)
- No eixo temático medidas e grandeza são trabalhados:
 - Medidas do tempo
 - Medidas de massa
 - Medidas de comprimento
 - Medidas de superfície
 - Medidas de volume
 - Medidas de capacidade
 - Medidas de valor
- No eixo temático espaço e forma, são trabalhados:
 - Forma geométrica;
 - Classificação dos sólidos geométricos e das figuras plana
 - Semelhanças e diferenças entre os sólidos geométricos
 - Noções de ângulo, paralelismo e perpendicularismo.

- Construção dos sólidos geométricos

2 - Conteúdos específicos por série:

- Elaboração e aplicação de planos de aula com os conteúdos acima trabalhados
- Utilização dos recursos matemáticos tais como: ábaco, caixa valor lugar, tangram, blocos lógicos, material dourado, material Cuisenaire

2º Bimestre

1 – Avaliação da aprendizagem:

- Análise dos critérios de avaliação de Matemática para o 1º ciclo:
 - Resolução de situações– problemas que envolvam contagem e medida, significados das operações e seleção de procedimentos de cálculo;
 - Leitura e escrita de números, utilizando conhecimentos sobre a escrita posicional;
 - Comparação e ordenação de quantidades que expressem grandezas familiares aos alunos, interpretando e expressando os resultados da comparação e da ordenação;
 - Medição através da utilização de procedimentos pessoais, unidades de medida não- convencionais ou convencionais (dependendo da familiaridade) e instrumentos disponíveis e conhecidos;
 - Localização da posição de uma pessoa ou um objeto no espaço e identificação das características das formas dos objetos.
- Análise dos critérios de avaliação de Matemática para o 2º ciclo:
 - Resolução de situações- problemas que envolvam contagem, medidas, os significados das operações, utilizando estratégias pessoais de resolução e seleção de procedimentos de cálculo;
 - Leitura e escrita de números naturais e racionais, ordenando números naturais e racionais na forma decimal, pela interpretação do valor posicional de cada uma das ordens;
 - Realização de cálculos, mentalmente e por escrito, envolvendo números naturais e racionais (apenas na representação decimal), comprovando os resultados, por meio de estratégias de verificação;
 - Medição e elaboração de estimativas sobre medidas, utilizando unidades e instrumentos de medida mais usuais que melhor se ajustem à natureza da medição realizada;

- Interpretação e construção de representações espaciais (croquis, itinerários, maquetes), utilizando-se de elementos de referência e estabelecendo relações entre eles;
- Reconhecimento e descrição de formas geométricas tridimensionais e bidimensionais;
- Recolhimento de dados sobre fatos e fenômenos do cotidiano, utilizando procedimentos de organização, e expressar o resultado utilizando tabelas e gráficos.

5 – Avaliação

A avaliação será de caráter investigativo e diagnóstico, ocorrendo de maneira formal e informal.

A avaliação formal será através de trabalhos, pesquisas, confecção de materiais, mini- aulas, trabalho em grupos e avaliações convencionais.

A avaliação informal será através de observações diárias do desempenho na realização da demonstração de responsabilidade no cumprimentos das atividades propostas, considerando-se os aspectos formativos do ser humano.

Quanto ao aspecto formal e legal da avaliação, será respeitado o que determina o Regimento Escolar deste estabelecimento.

6 – Referencias Bibliográficas

ALTHUSSER, L. **Sobre a reprodução**. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

ALVES, G. A. **A produção da escola pública contemporânea**. Campinas, 1998. Tese (Doutorado).

ALVES, J. **Educação matemática & exclusão social**. Brasília: Plano, 2002.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2004.

BARRETO, E. S. de S. (org.) **Os currículos do ensino fundamental para as escolas brasileiras**. Campinas: Autores Associados/Fundação Getúlio Vargas, 1998.

BICUDO, M. A. V. (org.) **Educação matemática**. São Paulo: Moraes, s.d.

_____. **Pesquisa em educação matemática: concepções e perspectivas**, São Paulo: Unesp, 1999.

_____. **A história da matemática: questões historiográficas e políticas e reflexos na educação matemática**. São Paulo: UNESP, 1999.

BRANDÃO, C. R. **LDB: passo a passo: lei de diretrizes e bases da educação nacional** (Lei nº 9394/96), comentada e interpretada artigo por artigo. São Paulo: Avercamp, 2003.

_____. **O que é educação?** São Paulo: Brasiliense, 1986.

BRITO, M. R. F. de. (org.) **Psicologia da educação matemática: teoria e pesquisa**. Florianópolis: Insular, 2001.

CAMBI, F. **História da pedagogia**. São Paulo: UNESP, 1999.

CAMPOS, T. M. M.; NUNES, T. **Tendências atuais do ensino e aprendizagem da matemática**. Brasília: UnB, 1994.

CANDAU, V. M. (org.) **Didática, currículo e saberes escolares**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

_____. **A Didática em questão**. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

CARAÇA, B. J. **Conceitos fundamentais da matemática**. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1984.

CARRAHER, T. et alii. **Na vida dez, na escola zero**. São Paulo: Cortez, 1988.

CARVALHO, D. L. de. **Metodologia do ensino da matemática**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

CHEVALLARD, Y. **Estudar matemáticas: o elo perdido entre o ensino e a aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

COMENIUS. **Didática magna**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

CONDORCET, M. J. N. C. **Matemáticas y sociedad**. México: Fondo de Cultura Económica, 1990.

D'AMBROSIO, U. **A história da matemática: questões historiográficas e políticas e reflexos na educação matemática**. São Paulo: UNESP, 1999.

_____. **Educação matemática: da teoria à prática**. Campinas: Papirus, 1996.

_____. História da matemática e educação. **Caderno CEDES**, Campinas, n. 40, p. 7-17, 1996.

_____. **A era da consciência**. São Paulo: Peirópolis, 1997.

_____. **Da realidade à ação: reflexões sobre educação e matemática**. Campinas: Summus, 1986.

_____. **Educação para uma sociedade em transição**. Campinas: Papirus, 1999.

_____. **Etnomatemática: elo entre as tradições e a modernidade.** Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

D'AUGUSTINE, C. H. **Métodos Modernos para o ensino da matemática.** Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico S.A., 1970

DAVIS, P. J.; HERSH, R. **A experiência matemática.** Rio de Janeiro: Alves, 1989.

DUARTE, N. (org.). **Sobre o construtivismo, construtivismo piagetiano: considerações críticas à concepção de sujeito e objeto.** Campinas: Autores Associados, 2000.

_____. **A individualidade para - si: contribuições a uma teoria histórico - social da formação do indivíduo.** Campinas: Autores Associados, 1999.

_____. **Vigotski e o “aprender a aprender”:** crítica às apropriações neoliberais e pós - modernas da teoria vigotskiana. Campinas: Autores Associados, s.d.

FIORENTINI, D. **Rumos da pesquisa brasileira em educação matemática: o caso da produção científica em cursos de pós-graduação.** Campinas, 1994. Universidade Estadual de Campinas. Tese (Doutorado).

FIORENTINI, D.; MIORIN, M. A. **Por trás da porta, que matemática acontece?** Campinas: Unicamp, 2001.

FRANCHI, A. **Considerações sobre a teoria dos campos conceituais. Educação matemática: uma introdução.** São Paulo: EDUC, 1999.

GENTILI, P. (org.). **Pedagogia da exclusão: crítica ao neoliberalismo em educação.** 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

GIARDINETTO, J. R. B. **Matemática escolar e matemática da vida cotidiana.** Campinas: Autores Associados, 1999.

GOLDDDFARB, A. M. A. **História da ciência.** São Paulo: Brasiliense, 1994.

GUEVARA, A. J. de H.; HÖEFFEL, J. L.; VIANA, R.M.; D'AMBRÓSIO, U. **Conhecimento, cidadania e meio ambiente.** Petrópolis: Vozes, 1998. v. 2.

HALMENSCHLAGER, V. L. da S. **Etnomatemática: uma experiência educacional.** São Paulo: Summus, 2001.

HOGBEN, L. **Maravilhas da matemática: influência e função da matemática nos conhecimentos humanos.** 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1970.

KAMIL, C. **A criança e o número.** Campinas: Papyrus, 1987.

KLEIN, L. R. **Alfabetização: quem tem medo de ensinar?.** São Paulo: Cortez, 1997.

_____. **Uma leitura de Piaget sob a perspectiva histórica**, 1996. Tese (Doutorado) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

KLING, M. **O fracasso da matemática moderna**. São Paulo: Ibrasa, 1976.

KRULIK, S.; REYS, R. E. (org.) **A resolução de problemas na matemática escolar**. São Paulo: Atual, 1997.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 2000.

LIMA, E. L. et al. **A matemática do ensino médio**. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Matemática, 1998.

LINS, R. C. I.; GIMENEZ, J. **Perspectiva em aritmética e álgebra para o século XXI**. Campinas: Papirus/SBEM, 1997.

LOPES, E. M. T.(org.) **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LORENZATO, S.; FIORENTINI, D. **Iniciação à investigação em educação matemática**. Campinas: CEMPEM/COPEMA, 1999.

LUNGARZO, C. **O que é matemática?** São Paulo: Brasiliense, 1989.

LURIA, A. R. **Curso de psicologia geral**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1993 . v.1.

_____. **Pensamento e linguagem: as últimas conferências de Luria**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

MACHADO, N. J. **Matemática e realidade**. São Paulo: Cortez, 1987.

_____. **Matemática e Realidade**. São Paulo: Cortez, 1989

_____. **Epistemologia e didática: as concepções de conhecimento e inteligência e a prática docente**. São Paulo: Cortez, 1999.

_____. **Educação matemática: uma introdução**. São Paulo: EDUC, 1999.

MARX, K. Cartas: Marx a P. V. Annenkov. In: MARX, K.; ENGELS, F. **Obras escolhidas**. São Paulo: Alfa-Ômega, s. d. v. 3.

MARX, K. e ENGELS, F. **A ideologia alemã (Feuerbach)**. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

MICOTTI, M. C. de O. **O ensino e as propostas pedagógicas. Pesquisa em educação matemática: concepções & perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1999.

MIGUEL, A. **Três estudos sobre história e educação matemática**. Campinas, 1993. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas.

MIGUEL, A. & MIORIN, A. M. **O ensino da matemática no 1º grau**. Projeto Magistério. São Paulo: Atual, 1986.

MIORIN, M. A. **Introdução à história da educação matemática**. São Paulo: Atual, 1998.

MOYSÉS, L. **Aplicações de Vygotsky à educação matemática**. Campinas: Papyrus, 1997.

OTTE, M. **O formal, o social e o subjetivo: uma introdução à filosofia e à didática da matemática**. São Paulo: UNESP, 1999.

PAIS, L. C. **Didática da matemática: uma análise da influência francesa**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

PEREIRA, C. P. da. **A matemática no Brasil: uma história do seu desenvolvimento**. São Leopoldo: Unisinos, 1999.

_____. **O que é teoria**. 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PIAGET, J. **Epistemologia genética**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

PILETTI, N. **Psicologia educacional**. São Paulo: Ática, 1997.

PIRES, C. M. C. **Currículos de matemática: da organização linear à idéia de rede**. São Paulo: FTD, 2000.

POLYA, G. **A arte de resolver problemas**. Rio de Janeiro: Interciência, 1995

POZO, J. I. (org.) **A solução de problemas: aprender a resolver, resolver para aprender**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SAVIANI, D. **Escola e democracia**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 1983.

_____. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. Campinas: Autores Associados, 1997.

SCHAFF, A. **A sociedade informática**. São Paulo: UNESP /Brasiliense, 1990.

SCHEFFER, N. F. Modelagem matemática: uma abordagem para o ensino-aprendizagem da matemática. **Educação Matemática em Revista**. Porto Alegre, v. 1. p. 11-15, jun. 1999.

SCHLIEMANN, A.; CARRAHER, D. **A compreensão de conceitos aritméticos: ensino e pesquisa**. Campinas: Papyrus, 1998.

SILVA, C .P. da. **A matemática no Brasil: uma história de seu desenvolvimento.** 2. ed. São Leopoldo: UNISINOS, 1999.

SKOVSMOSE, O. **Educação matemática crítica: a questão da democracia.** Campinas: Papirus, 2001.

TAHAN, M. **Didática da matemática.** São Paulo: Saraiva, 1962. v. 2.

TOLEDO, M. & TOLEDO, M. **Didática de Matemática: como dois e dois: a construção matemática.** São Paulo: FTD,1997.

VALENTE, W. R. **Uma história da matemática no Brasil.** São Paulo: Annablume-FAPESP, 1999.

VASCONCELLOS, C. dos S. **Avaliação da aprendizagem: práticas de mudança: por uma práxis transformadora.** São Paulo: Libertad, 1998.

_____. **Construção do conhecimento em sala de aula.** São Paulo: Libertad, 2002.

_____. **Disciplina, escola e contemporaneidade.** São Paulo: Mackenzie, 2001.

VÁSQUEZ, A. S. **Filosofia da práxis.** 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

VERGANI, T. **Educação etnomatemática: o que é?.** Lisboa: Pandora, 2000.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **Pensamento e linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1993.

WACHOWICZ, L. A. **O método dialético na didática.** Campinas: Papirus, 1995.

PROPOSTA PEDAGÓGICA CURRICULAR
CURSO DE FORMAÇÃO DE DOCENTES APROVEITAMENTO DE ESTUDOS
ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO

1 – Ementa

Organização do Sistema Escolar Brasileiro; Aspectos Legais, níveis e modalidades de ensino; Elementos teóricos-metodológicos para análise de Políticas Públicas: nacional, estadual e municipal; Políticas para a Educação Básica; Análise da política educacional para a Educação Básica - Nacional, Estadual e Municipal ; Apresentação e análise das Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação; Apresentação e análise crítica dos Parâmetros Curriculares e Temas Transversais; Financiamento educacional no Brasil; Fundamentos teórico - metodológicos do Trabalho docente na Educação Básica; O trabalho pedagógico como princípio articulador da ação pedagógica; O trabalho pedagógico na Educação Infantil e Anos Iniciais; Os paradigmas educacionais e sua prática pedagógica; Planejamento da ação educativa: concepções de currículo e ensino, o currículo e a organização do trabalho escolar.

2 – Fundamentação teórica

Considerando as exigências atribuídas aos professores em relação à educação escolar no contexto da sociedade contemporânea, é de extrema importância subsidiar a formação dos docentes, de forma qualitativa em todos os níveis de escolaridade; educação básica,(incluindo a educação infantil, ensino fundamental e médio) e a educação superior, assim como, a educação de adultos e educação profissional. Cujo propósito é compreender a organização dos saberes pedagógicos que envolvem o sistema escolar.

Portanto é indispensável que o professor compreenda as novas diretrizes curriculares e as transformações introduzidas no sistema nacional de ensino, pela Lei 9.394/96, no sentido de perceber seus avanços e recuos com o compromisso de intervir na realidade educacional através do processo ensino-aprendizagem. Núcleo básico do trabalho docente social, no qual os professores exercem papel imprescindível no processo de mudança social.

Segundo Libâneo (et all p. 14), “o desafio é educar as crianças e os jovens, proporcionando-lhes um desenvolvimento humano, cultural, científico e tecnológico, de modo que adquiram condições de enfrentar as exigências do mundo contemporâneo”.

Nesta perspectiva o educador “deve enfrentar os desafios de situações de ensino. O profissional da educação precisa de competência do conhecimento, sensibilidade

ética e de consciência política”.(2003, p.17), cujo objetivo é a valorização do trabalho docente, o que implica oferecer aos professores condições de análise crítica do contexto de que se realiza a sua prática educativa.

Em síntese, cabe aos professores situarem o sistema escolar brasileiro no contexto das formações transcorridas na sociedade. Portanto, faz-se necessário conhecer e analisar as políticas educacionais, as reformas do ensino e os planos e diretrizes, tendo como foco a construção da escola pública, conhecimento da estrutura, organização do ensino brasileiro e da escola, desenvolvendo competências e compromissos para atuarem de forma eficiente e participativa nas práticas de organização e de gestão da escola e nas transformações, sempre a prática é intencionada pela teoria.

Assim a disciplina tratará da: Organização do Sistema Escolar Brasileiro; Aspectos Legais, níveis e modalidades de ensino; Elementos teóricos-metodológicos para análise de Políticas Públicas: nacional, estadual e municipal; Políticas para a Educação Básica; Análise da política educacional para a Educação Básica - Nacional, Estadual e Municipal ; Apresentação e análise das Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação; Apresentação e análise crítica dos Parâmetros Curriculares e Temas Transversais; Financiamento educacional no Brasil; Fundamentos teórico - metodológicos do Trabalho docente na Educação Básica; O trabalho pedagógico como princípio articulador da ação pedagógica; O trabalho pedagógico na Educação Infantil e Anos Iniciais; Os paradigmas educacionais e sua prática pedagógica; Planejamento da ação educativa: concepções de currículo e ensino, o currículo e a organização do trabalho escolar

3 - Objetivos

- Refletir criticamente sobre o trabalho pedagógico na educação básica.
- Refletir sobre o papel dos PCNs e temas transversais nas diversas áreas de conhecimento.
- Analisar as políticas educacionais, as reformas de ensino, os planos e diretrizes, tendo como foco a construção da escola pública brasileira.
- Conhecer a estrutura e a organização do ensino brasileiro.
- Analisar as políticas de organização e de gestão da escola numa abordagem teórico-prática.
- Analisar as relações entre a organização social do trabalho e a organização do trabalho pedagógico.
- Compreender as questões fundamentais da organização do trabalho pedagógico na escola e na sala de aula.

- Reconhecer a importância do planejamento da ação educativa, bem como os fatores que o constituem.
- Perceber o papel do Projeto Político Pedagógico na efetivação do trabalho coletivo da escola.

4 – Conteúdos

1º SEMESTRE

1 - Organização do Sistema Escolar Brasileiro

- Fundamentação jurídica e legal
- Situação do sistema escolar brasileiro no contexto das transformações em curso na sociedade contemporânea
- Os aspectos sóciopolíticos, históricos, legais, pedagógico-curriculares que subsidiam o sistema escolar brasileiro atual.
- As transformações técnico-científicas, econômicas e políticas do sistema escolar brasileiro

2 - Aspectos legais, níveis e modalidades de ensino

- Relações entre sistema de ensino e outros sistemas sociais
- Forma de organização dos sistemas de acordo com a LDBEN:
 - Sistema federal de ensino;
 - Sistema estadual de ensino;
 - Sistema municipal de ensino
- Níveis e modalidades de educação e ensino:
 - Educação básica;
 - Educação superior

3 - Elementos teórico-metodológicos para análise de Políticas Públicas: nacional, estadual e municipal

- Os resultados obtidos pela política, considerando o alcance ou não das metas propostas.
- A coerência entre os objetivos e metas propostos em relação aos programas, projetos e ações desenvolvidas.
- A perspectiva político-social que fundamenta as propostas da política (objetivos, metas, programas, projetos e ações)
- O processo de tomada de decisão
- A extensão da ação política
- O papel dos movimentos sociais e dos programas políticos do país

4 - Políticas para a Educação Básica

- Impactos e perspectivas da revolução tecnológicas, da globalização e do neoliberalismo no campo da educação
- As ações políticas e os processos de organização das demandas sociais
- O compromisso social e ético dos professores

5 - Análise da política educacional para a Educação Básica: nacional, estadual e municipal

- Centralização e descentralização na organização da educação brasileira
- O debate da qualidade e quantidade na educação brasileira
- O embate entre defensores da escola pública e privatista na educação brasileira
- Objetivos para uma educação pública de qualidade diante dos desafios da sociedade contemporânea

6 - Apresentação e análise das Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação

- O plano político-institucional e a questão curricular
- As Diretrizes Curriculares Nacionais para o ensino fundamental (DCNs)
 - A exposição de motivos das DCNs;
 - Função deliberativa da Câmara de Educação Básica sobre as DCNs;
 - As DCNs como linhas gerais de ação
 - A disputa de competências
 - Compromisso com a formação básica comum, a construção da cidadania e o respeito à diversidade cultural.

2º SEMESTRE

1- Apresentação e análise crítica dos Parâmetros Curriculares e Temas Transversais

- Mudança de focos educacionais:
 - Educação centrada em conteúdos disciplinares (conteudocêntrica) para o enfoque no desenvolvimento de competências e habilidades
 - Educação centrada no ensino (didatocêntrica) para o enfoque na aprendizagem
 - Educação centrada no professor (magistrocêntrica) para o enfoque principal no aluno
 - Educação como processo passivo para o aluno para a ser algo no qual ele participa ativamente
 - Introdução da metodologia de projetos de aprendizagem como condição "sine qua non" para uma educação competente e autônoma

2 - Financiamento educacional no Brasil

- Programas do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação:
 - Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE)
 - Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE)
 - Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE)
 - Programa Nacional do Livro Didático (PNLD)
 - Programa Nacional de Saúde Escolar (PNSE)
 - Programa Nacional de Transporte Escolar (PNTE)
- Os impostos e a educação
- Receita financeira e orçamento da União, Estados e Municípios: critérios para o orçamento, divisão dos recursos e gastos, controle dos recursos
- A Lei do Fundeb (Fundef)

3 - Fundamentos teóricos - metodológicos do trabalho docente na Educação Básica

- O papel dos profissionais do magistério e dos movimentos associativos na organização do sistema de ensino e na organização escolar
- Os profissionais do ensino, as competências profissionais e as características da carreira:
 - Formação dos profissionais do ensino;
 - Magistério e especialistas;
 - Organização da profissão;
 - Profissionalização;
 - Carreira
 - Educação à distância e formação docente
- As concepções pedagógicas na prática escolar da Educação Infantil e do Ensino Fundamental

4 - O trabalho pedagógico como princípio articulador da ação pedagógica

- A concretização das Políticas Educacionais na Unidade Escolar
- Os conceitos de organização, gestão, direção e cultura organizacional
- Conceito de gestão democrática e de gestão escolar
- A gestão participativa: autonomia e participação pedagógica
- A administração da escola face à legislação
- A direção como princípio e atributo da gestão democrática: a gestão participativa
- Princípios e características da gestão escolar participativa
- As áreas de atuação da organização e da gestão escolar para melhor aprendizagem dos alunos:
 - O planejamento e o projeto pedagógico-curricular

- A organização e o desenvolvimento do currículo
- A organização e o desenvolvimento do ensino
- O relacionamento da escola com a comunidade
- As práticas de gestão:
 - Ações de natureza técnico-administrativa;
 - Ações de natureza pedagógico-curricular

5 – O trabalho pedagógico na Educação Infantil e Anos Iniciais

- O trabalho pedagógico na educação básica: diferentes níveis e modalidades de ensino
- O papel do professor na sala de aula
- Fundamentos da prática educativa
- O processo de ensino-aprendizagem e suas implicações para a prática educativa
- Interdisciplinaridade, transversalidade e projetos
- Disciplina escolar:
 - Conceito de disciplina;
 - Visão geral das causas da indisciplina;
 - A questão da postura do educador;
 - Construção da disciplina consciente e ativa em sala de aula e na escola;
 - Superação da Pedagogia do “prêmio-castigo”;
 - Participação consciente, ativa e coletiva;
 - Formas de mediação na construção da disciplina por parte do professor, da escola, dos alunos, da família e da sociedade
- Problemas existentes na educação

6 - Os paradigmas educacionais e sua prática pedagógica

- Análise crítica da prática pedagógica no Projeto Pedagógico
- O projeto político pedagógico e o trabalho coletivo da escola;
- O projeto político pedagógico e o conselho escolar

7 - Planejamento da ação educativa: concepções de currículo e ensino, o currículo e a organização do trabalho escolar

- Planejamento da ação educativa:
 - A importância do planejamento;
 - Planejamento: instrumento de ação educativa;
 - Escola: espaço de inter-ações;
 - O processo ensino-aprendizagem;
 - A aula como forma de organização do ensino;

- A importância do conteúdo: critérios de seleção e organização
- Avaliação escolar:
 - Definição de avaliação;
 - Características da avaliação escolar;
 - A avaliação na prática escolar;
 - A avaliação como articulador do trabalho pedagógico;
 - A avaliação da aprendizagem: funções e parâmetros;
 - Alguns procedimentos essenciais na elaboração de um projeto de avaliação do rendimento escolar;
 - Avaliação do rendimento escolar e retenção;
 - A avaliação e os mecanismos intra-escolares de seleção e exclusão: recuperação, reprovação e evasão;
 - Processo de avaliação na educação infantil e no ensino fundamental;
 - Instrumentos de medida e avaliação usados na educação infantil e no ensino fundamental;
- O currículo e a organização do trabalho escolar:
 - Definição de currículo;
 - Dimensões do currículo;
 - Organização curricular da escola;
 - Paradigmas curriculares e modalidade de ensino;
 - O currículo na Educação no Estado do Paraná

5 - Metodologia

A disciplina Organização do Trabalho Pedagógico desenvolver-se-á com aulas teóricas e práticas, visando o estudo de pressupostos referente à estrutura e o funcionamento da Educação Básica.

As aulas serão desenvolvidas com diversos procedimentos didáticos, objetivando a interação professor, alunos e conhecimento: aulas expositivas dialogadas, seminários, filmes, debates coletivos, estudo de textos e artigos, pesquisa, palestras, entrevistas.

6 - Avaliação

A avaliação será num processo diagnóstico e contínuo, levando em consideração as discussões e reflexões sobre os temas trabalhados.

Para tanto serão utilizados instrumentos e técnicas diversificadas como: trabalhos em grupo e individual, pesquisa bibliográfica e de campo, apresentações, seminários, vídeos, dramatizações, portfólios, para análise crítica sobre as temáticas abordadas, participação social, provas bimestrais.

O processo de avaliação será através do feedback constante, para a retomada de conceitos e a realimentação do processo educativo, para uma práxis mais consciente com a qualidade na educação, tendo o professor como agente responsável pela transformação social.

“Segundo DEMO, 2002” seria ingênuo pensar que a avaliação é apenas um processo técnico. Ela é também uma questão política. Aliar pode constituir um exercício autoritário do poder de julgar ou, ao contrário, pode constituir um processo e um projeto em que o avaliador e o avaliado buscam e sofrem uma mudança qualitativa. “É nesta segunda prática da avaliação que podemos encontrar o que uns chamam de avaliação emancipadora e que, na falta de melhor expressão, eu chamaria de concepção dialética de avaliação.”

7 – Referências Bibliográficas

BAQUERO, R. **Vygotski e a aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

CARNOY, M. e CASTRO, C. M. **Como anda a reforma educativa na América Latina**. Rio de Janeiro. FGV, Ed., 1997.

CASTRO, C. M. **Educação Brasileira: consertos e remendos**. RJ: Rocco, 1994.

CAVALCANTI, L. de S. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas: Papyrus, 1998.

CORAZZA, S. M. **Tema gerador: concepção e práticas**. Ijuí: Unijuí, 1992.

_____. **Manifesto por uma dialética. Contexto e Educação**, Ijuí, v. 6, n. 22, p. 83-99, abr./jun. 1991.

CORTELLA, M. S. **A escola e o conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

DANIELS, H. **Vigotsky e a pedagogia**. São Paulo: Loyola, 2003.

DEMO, P. **Avaliação qualitativa**. Editora Autores Associados. São Paulo. 1995.

DEPRESBITERIS, L. **O desafio da Avaliação da Aprendizagem: Dos Fundamentos de uma proposta inovadora**, Ed. EPU, 1989.

DUARTE, N. **Educação escolar, teoria do cotidiano e a escola de Vigotski**. Campinas: Autores Associados, 1996.

ESTEBAN, M. T. (Org), **Avaliação: Uma Prática em Busca de Novos Sentidos**, DP&A, 1999.

EYNG, A. M. (org.). **Planejamento e gestão educacional numa perspectiva sistêmica**. Curitiba: Champagnat, 2002.

FERREIRA, N. S. C.; AGUIAR, M. Â. da S (org.). **Gestão da educação: impasses, perspectivas e compromissos**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FLESHNER, E. A. **Psicologia da aprendizagem e da aplicação de alguns conceitos de física**. In: LURIA, A. R.; LEONTIEV A.; VIGOTSKY L. S et al. **Psicologia e pedagogia II: investigações experimentais sobre problemas didáticos específicos**. Lisboa: Estampa 1977.

FONTANA, R. ; CRUZ, N. **Psicologia e trabalho pedagógico**. São Paulo: Atual, 1997.

FONTANA, R. A. **Ação: mediação pedagógica na sala de aula**. Campinas: Autores Associados, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 29. Ed. São Paulo. Paz e Terra, 2004.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 5.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

GAMA, Z. J. **Avaliação na escola de 2º grau**. Campinas, SP, 1993.

GASPARIN, J. L. **Uma didática para a pedagogia histórico - crítica**. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

GENTILI, P. e SILVA; T. T. **Neoliberalismo, qualidade total e educação: visões críticas**. Petrópolis Vozes, 1995.

GIROUX, H. A. **A Disneyzação da Cultura Infantil** In: SILVA, Tomaz Tadeu &

LEONTIEV, A. et al. **Psicologia e pedagogia: bases psicológicas da aprendizagem e do desenvolvimento**. São Paulo: Centauro, 2003.

LEONTIEV, A. **Inter-relação entre noções novas e noções adquiridas anteriormente**. In: LURIA, A. R.; LEONTIEV, A.; VIGOTSKY L. S. Et al. **Psicologia e pedagogia II: investigações experimentais sobre problemas didáticos específicos**. Lisboa: Ed. Estampa 1977.

LIBÂNEO, J. C. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. Goiânia: Alternativa, 2001.

LIBÂNEO, José Carlos; de Oliveira; FERREIRA, João; TOSCHI, Mirza Seabra. **Educação Escolar: políticas, estrutura e organização**-Cortez 3ª edição.

MASETTO, M. T. **Mediação pedagógica e o uso da tecnologia**. In: MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papyrus, 2000.

MELLO, G. N. de. **Parecer CEB nº 15/98**. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Brasília, 1998.

MENDA, L. e MEDIANO Z. (Coord.). **Avaliação na escola de 1º grau: uma análise sociológica**. 2ª ed. Campinas SP, Papirus 1994.

MINGUET, P. A. (org.). **A construção do conhecimento na educação**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

MOREIRA (Org.). **Territórios Contestados: o currículo os novos mapas políticos e culturais**. Petrópolis. RJ. Vozes. 1995

MOREIRA, A. F. B. & SILVA, T. T. (org.) **Currículo, cultura e sociedade**. São Paulo. Cortez. 1994.

MORIN, E. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 9. ed. São Paulo: Cortez, Brasília: UNESCO, 2004.

MOTTA, F. C. P. **Organização e poder: empresa, Estado e escola**. São Paulo: FEUSP, Tese de Livre-Docência, 1995.

_____. **Aplicações de Vygotsky à educação matemática**. Campinas: Papirus, 1997.

NATADZE, R. G. A aprendizagem dos conceitos científicos na escola. In: LURIA, A. R.; LEONTIEV A.; VIGOTSKY. L. S. et al . **Psicologia e pedagogia II: investigações experimentais sobre problemas didáticos específicos**. Lisboa: Ed. Estampa 1977.

NATADZE, R. G. A aprendizagem dos conceitos científicos na escola. In: LURIA, A. R.;

NOVOA, A. **As organizações escolares em análise**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

OLIVEIRA, D. O. (org). **Gestão democrática da educação**. Petrópolis: Vozes, 1997.

OLIVEIRA, R.P. & CATANI A M. **Constituições Estaduais Brasileiras e Educação**. São Paulo; Cortez Editora, 1993.

PALANGANA, I. C. **Desenvolvimento e aprendizagem em Piaget e Vygotsky: a relevância do social**. São Paulo: Plexus, 1994.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Ensino de Primeiro Grau. **Currículo básico para a escola pública do Paraná**. Curitiba: SEED/DEPG, 1992.

_____. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Ensino de Primeiro Grau. **Currículo básico para a escola pública do Paraná**. Curitiba: SEED/DEPG, 1992.

PARO, V. H. **Gestão Democrática da Escola Pública**. São Paulo: Ática, 1997.

REGO, T. C. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. Petrópolis: Vozes, 1995.

REIG, D.; GRADOLÍ, L. A construção humana através da zona de desenvolvimento potencial: L. S. Vygotsky. In: MINGUET, P. A. (org.) **A construção do conhecimento na educação**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

RIBEIRO, V. M. B. **A construção do conhecimento, o currículo e a escola básica**. In: Em Aberto. Brasília: ano 12. n°58, , abr/jun.1993.

SANTANA, I. M. **Por que avaliar? Como avaliar? - critérios e instrumentos**. Petrópolis; Vozes, 1995.

SARMENTO, D. C. (Org) **Discurso e a Prática da Avaliação na Escola**. Editora Pontes, 1997.

SAUL, A. M. **Avaliação emancipatória. Desafio à teoria e a prática de avaliação e reformulação curricular**. São Paulo: Cortez. Autores Associados. 1988.

SAVIANI, D. **Escola e democracia**. 32. Ed. São Paulo: Cortez/Autores Associados. 1999.

_____. **Saber escolar, currículo e didática: problemas da unidade conteúdo/método no processo pedagógico** Campinas/SP Autores Associados, 1994.

SEED. **Avaliação, sociedade e escola**. Fundamentos para reflexão. Curitiba, 1976.

SILVA, L. E. da. Análise do documento "Parâmetros curriculares nacionais" In: Reestruturação curricular: novos mapas culturais, novas perspectivas educacionais. **Porto Alegre. Sulina. 1996**.

SILVA, T. T. da. Os novos mapas culturais e o lugar do currículo numa paisagem pós-moderna. In: **Entidades Terminais** Vozes, Petrópolis: RJ, 1996.

SMOLKA, A. L.; GÓES, M. C. R. de. **A linguagem e o outro no espaço escolar: Vygotsky e a construção do conhecimento**. 5. ed. Campinas: Papyrus, 1996.

SNYDERS, G. **A alegria na escola**. São Paulo: Manole, 1988.

SOUZA, C. P. de & outros. **Avaliação do rendimento escolar**. Campinas: Papyrus, 1991.

TEIXEIRA, E. **Vigotski e o pensamento dialético**: uma introdução aos fundamentos filosóficos da psicologia histórico-cultural. Pato Branco: FADEP, 2005.

VASCONCELLOS, C. dos S. **Construção do conhecimento em sala de aula**. São Paulo: Libertad, 1993.

_____. **Planejamento**: projeto de ensino - aprendizagem e projeto político - pedagógico. São Paulo: Libertad, 2002.

VASCONCELLOS, C.; RAMOS, V. M. de; VALSINER, J. **Perspectiva co-construtivista na psicologia e na educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

VEIGA, I. P. A. **A construção da didática numa perspectiva histórica** - crítica de educação - estudo introdutório. In: OLIVERIA, M. R. N. S. (org.). **Didática**: ruptura, compromisso e pesquisa. Campinas: Papirus, 1993.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001a.

_____. **Psicologia pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001b.

_____. **Obras escogidas II**. Madrid: Centro de Publicaciones del MEC/Visor Distribuciones, 1993.

_____. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

WACHOWICZ, L. A. **O método dialético na didática**. Campinas: Papirus, 1989.

PROPOSTA PEDAGÓGICA CURRICULAR
CURSO DE FORMAÇÃO DE DOCENTES APROVEITAMENTO DE ESTUDOS
TRABALHO PEDAGÓGICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

1 – Ementa

Os processos de desenvolvimento, aprendizagem e desenvolvimento integral da criança de 0 a 6 anos - afetividade, corporeidade, sexualidade; Concepção de desenvolvimento humano como processo recíproco e conjunto: o papel das interações (adulto/criança e criança/criança); Articulação cuidado/educação; Concepções de tempo e espaço nas instituições de Educação Infantil; O jogo, o brinquedo e a brincadeira na Educação Infantil; Linguagem, interações e constituição da subjetividade da criança; Relações entre família e instituição de Educação Infantil; A educação inclusiva na Educação Infantil; Especificidades em relação à organização e gestão do processo educativo - o trabalho pedagógico na Educação Infantil: concepção de educação, planejamento, organização curricular, gestão, avaliação; Relações entre público e privado; Gestão democrática, autonomia, descentralização; Políticas Públicas e financiamento da Educação Infantil e suas implicações para organização do trabalho pedagógico; Propostas pedagógicas para a Educação Infantil; Legislação, demais documentos normativos e documentos de apoio, de âmbito federal (MEC e CNE), estadual (SEED e CEE) e local (sistemas municipais), para a organização do trabalho na Educação Infantil: contexto de elaboração, interpretações e implicações para as instituições.

2- Fundamentação teórica

Entendemos que o espaço pedagógico da educação infantil deve ser democrático, e para tanto, deve estar organizado para atender as necessidades fundamentais das crianças de 0 a 6 anos, enfocando sua dimensão política para que o desenvolvimento e a aprendizagem infantil possam experimentar um acelerado ritmo na construção do conhecimento. Trata-se de tentar intervir para a superação de concepções reducionistas do papel da educação infantil, buscando construir uma nova escola aberta aos olhares curiosos das crianças.

A presente proposta expressa uma concepção que entende a educação infantil como espaço de apropriação do conhecimento, oportunizando as discussões de “como”, “porque”, e “o que” fazer na construção de uma prática pedagógica transformadora, bens como uma análise das propostas políticas, empenhadas em democratizar o acesso aos bens culturais.

Assim será trabalhado nesta disciplina os seguintes conteúdos: Os processos de desenvolvimento, aprendizagem e desenvolvimento integral da criança de 0 a 6

anos - afetividade, corporeidade, sexualidade. Concepção de desenvolvimento humano como processo recíproco e conjunto: o papel das interações (adulto/criança e criança/criança). Articulação cuidado/educação. Concepções de tempo e espaço nas instituições de Educação Infantil. O jogo, o brinquedo e a brincadeira na Educação Infantil, Linguagem, interações e constituição da subjetividade da criança. Relações entre família e instituição de Educação Infantil. A educação inclusiva na Educação Infantil. Especificidades em relação à organização e gestão do processo educativo: o trabalho pedagógico na Educação Infantil: concepção de educação, planejamento, organização curricular, gestão, avaliação. Relações entre público e privado. Gestão democrática, autonomia, descentralização. Políticas públicas e financiamento da Educação Infantil e suas implicações para organização do trabalho pedagógico. Propostas pedagógicas para a Educação Infantil, Legislação, demais documentos normativos e documentos de apoio, de âmbito federal (MEC e CNE), estadual (SEED e CEE) e local (sistemas municipais), para a organização do trabalho na Educação Infantil: contexto de elaboração, interpretações e implicações para as instituições.

3 - Objetivos

- Compreender a necessidade do Trabalho Pedagógico na Educação Infantil como prioridade para a garantia do acesso aos conhecimentos à clientela deste nível de ensino, de forma qualitativa.
- Subsidiar a fundamentação teórico-metodológica propiciando recursos pedagógicos necessários à práxis.
- Reconhecer a importância do trabalho coletivo no ambiente escolar.
- Compreender o processo na educação infantil, detectando suas características próprias.

4 – Conteúdos

1.º E 2.º SEMESTRE

1 - Os processos de desenvolvimento, aprendizagem e desenvolvimento integral da criança de 0 a 6 anos - afetividade, corporeidade, sexualidade

- Afetividade
 - Conceito de afetividade
 - Importância da afetividade no desenvolvimento infantil: o toque, o carinho, a atenção, as relações de interação e mediação entre o professor e o aluno.

- As relações de mediação feitas pelo professor durante as atividades pedagógicas: sentimentos de acolhimento, simpatia, respeito e apreciação, além de compreensão, aceitação e valorização do outro
 - Sentimentos marcantes na relação do aluno que afetam a sua auto-imagem: a autonomia, a confiança em suas capacidades e decisões.
 - Condições afetivas que contribuem para o estabelecimento de vínculos positivos entre o aluno e o conteúdo escolar.
 - Atuação do professor em sala de aula: interligação com os momentos de afeto, educar e cuidar
 - Compreensão dos termos “cuidar” e educar” na Educação Infantil
 - Trabalhando com a afetividade infantil: ciúmes, birra, mordidas, limites.
 - Corporeidade
 - Conceito de corporeidade: identificação dos paradigmas científicos e filosóficos que influenciam as diversas concepções de corpo
 - Estudo das contribuições das teorias da Corporeidade aos desafios da educação e da produção do conhecimento
 - Vivências lúdicas visando a consciência corporal:
 - motricidade fina
 - motricidade global
 - equilíbrio
 - esquema corporal
 - organização espacial
 - organização temporal
 - lateralidade
 - Sexualidade
 - Conceito de sexualidade infantil ligado ao sentimento, comportamento e desenvolvimento sexual das crianças
 - Primeiro ano de vida: estágio de dependência, oralidade e primeiras relações objetais
 - Segundo e terceiro ano de vida: estágio do controle corporal, da analidade, do desenvolvimento da linguagem
 - Terceiro e quarto ano de vida: independência, idade da rebeldia, fase fálico-edípica
 - Quinto a sétimo ano de vida: idade pré-escolar, início do período de latência.
- 2 - Concepção de desenvolvimento humano como processo recíproco e conjunto: o papel das interações (adulto/criança e criança/criança)
- Como se desenvolvem e aprendem as crianças da etapa de educação infantil

- Como ocorrem o processo de desenvolvimento? E, que consiste?
 - Qual é o papel da herança no decorrer do desenvolvimento?
 - Que relações podemos estabelecer entre o desenvolvimento e a aprendizagem?
 - Como as crianças aprendem?
 - A experiência com os objetos
 - A experiência com as situações
 - Os prêmios e os castigos
 - A imitação
 - A aprendizagem por meio da criação de andaimes e a aprendizagem compartilhada
 - A brincadeira: espaço de aprendizagem, de imaginação e de reinvenção da realidade
 - O desenvolvimento cultural da criança: a transformação do biológico e social
 - Conceito científico de desenvolvimento infantil
 - A concepção histórico-cultural do desenvolvimento infantil
 - As características evolutivas:
 - As capacidades motoras: o primeiro ano de vida; do segundo ao sexto ano de vida
 - as capacidades cognitivas: do nascimento até um ano e meio ou dois anos; dos dois anos aos seis anos
 - as capacidades de relação com as outras pessoas e de equilíbrio pessoal: do nascimento até os dois anos; dos dois aos seis anos
 - A música
 - O movimento
 - As artes visuais
 - Educação e Comunidade
 - Família e escola: dois contextos diferentes, um objetivo comum
 - Compartilhar a ação educativa:
 - Conhecer a criança
 - Estabelecer critérios educativos comuns
 - Oferecer modelos de intervenção e de relação com as crianças
 - Ajudar a conhecer a função educativa da escola
 - A comunicação com as famílias
 - As entrevistas de ingresso
 - As entrevistas solicitadas: as entrevistas solicitadas pelos pais
 - A participação dos pais e das mães no centro educativo
- 3 - Articulação cuidado/educação nas instituições de Educação Infantil
- O processo de adaptação da criança

- Alimentação
- Higiene bucal e corporal
- Retirada das fraldas
- Birras, mordidas e limites
- Sono e repouso
- Primeiros socorros

4- Tempo e espaço nas instituições de Educação Infantil

- O tempo
- A jornada escolar
- A organização do espaço

5 - O jogo, o brinquedo e a brincadeira na Educação Infantil

- O jogo, o brinquedo e a brincadeira na Educação Infantil
 - A importância dos jogos e brincadeiras em situações pedagógicas articuladas de forma interdisciplinar
 - O valor e o papel do jogo
 - A evolução do jogo:
 - Jogos funcionais
 - Jogos simbólicos
 - Jogos de aquisição
 - Jogos de construção
 - Jogos de regras
 - Estabelecendo regras do jogo
 - O direito de brincar
 - A recreação na educação infantil
 - Confecção de jogos e brincadeiras a partir de materiais recicláveis
 - Espaços públicos para brincadeiras nas grandes cidades

6 - Linguagem, interações e constituição da subjetividade da criança

- Linguagem, interações e constituição da subjetividade da criança: a linguagem oral e escrita
- Relações entre família e instituição de Educação Infantil
 - Família e escola: dois contextos diferentes, um objetivo comum.
 - Compartilhar a ação educativa
 - A comunicação com as famílias
 - A participação de pais e mães nos centros de educação infantil
 - Algumas idéias que é preciso guardar

- A educação inclusiva na Educação Infantil
- A educação pré-escolar para crianças com necessidades especiais
- Diagnóstico e classificação
- Recursos educacionais especiais
- O que diz a Lei da nação quanto à Educação Especial
- Um novo olhar para o processo de ensino-aprendizagem destinado às pessoas com deficiências e à Educação Infantil
- Desenvolvimento e Aprendizagem Infantil:
 - Desenvolvimento físico e psicomotor; especificidades do desenvolvimento físico em crianças com deficiências
 - Desenvolvimento afetivo-emocional; especificidades do desenvolvimento afetivo-emocional em crianças com deficiências; importância das relações afetivas para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças, principalmente para as que têm deficiências
 - Como se constrói o conhecimento
 - Desenvolvimento cognitivo e aprendizagem; especificidades do desenvolvimento cognitivo e da aprendizagem de crianças com deficiências
 - O desenvolvimento da linguagem e do pensamento, do desenho, das funções simbólicas, das artes e outras formas de expressão e comunicação alternativa
 - Construção da linguagem escrita
 - Desenvolvimento social e das relações interpessoais; o desenvolvimento moral e a construção de regras; controle do comportamento; sanções
 - Importância do brincar no desenvolvimento físico e psicomotor, cognitivo, afetivo-emocional, social e moral
 - Classificações dos brinquedos e jogos. Adaptações dos brinquedos, jogos e demais atividades educativas para crianças com deficiências
 - As especificidades na aprendizagem de crianças com deficiências físicas, intelectuais, de áudio-comunicação, visual, múltiplas deficiências, com condutas típicas, desenvolvimento atípico e problemas de aprendizagem e altas habilidades
- A democratização da educação infantil e a inclusão social:
 - Pressupostos teóricos de alternativas curriculares de educação infantil
 - Papel da escola e o estímulo ao desenvolvimento infantil à socialização e à construção do conhecimento
 - Aprendendo a conviver e a trabalhar com a diversidade, valorizando a cooperação e a solidariedade
 - Trabalho conjunto com as famílias
- Educação Inclusiva: Educação- direito de todos: o respaldo legal

- A democratização da educação infantil e a inclusão social
- Documentos internacionais e as Leis brasileiras que garantem, ao aluno especial, o direito à educação
- Discriminação e preconceito
- Educação para a diversidade, interação social e aprendizagem, cooperação e solidariedade
- Diferenças entre os paradigmas da integração e da inclusão
- Desafios da inclusão no cotidiano escolar
- Formação do professor: um novo olhar do professor e as modernas perspectivas teóricas que fundamentam a educação inclusiva
- Dificuldades de aprendizagem e intervenção educacional: avaliação, tratamento e implicações educacionais
- Problemas de comunicação, fala e linguagem e a escola
- Estratégias de intervenção nos problemas de construção de linguagem escrita
- A escola e a inadaptação social do aluno
- Limites da escola
- Uma escola compreensiva que atenda à diversidade dos alunos
- A adequação do projeto pedagógico: revisão dos objetivos, mudanças nas atividades, no ambiente físico, nos métodos, nos conteúdos nos instrumentos específicos e na avaliação, adequando às necessidades e características dos alunos especiais
- Relatos de experiências de inclusão escolar
- Momento de transição

3.º E 4.º SEMESTRE

1 - Especificidades em relação à organização e gestão do processo educativo - o trabalho pedagógico na Educação Infantil: concepção de educação, planejamento, organização curricular, gestão e avaliação

- Gestão, organização e políticas para a Educação Infantil: concepção de gestão
- Gestão democrática autonomia e programas de descentralização
 - A gestão de creches e pré-escolas: possibilidades
 - Organização e gestão na educação infantil
- Projeto Pedagógico na educação infantil
 - O projeto educativo na educação infantil
 - Estratégias de elaboração
 - Como revisar e avaliar o projeto educativo
 - Os componentes do projeto educativo
 - A metodologia do trabalho na escola e na sala de aula

- Natureza e especificidade do trabalho pedagógico
 - A relação didático-pedagógica e a gestão da sala de aula
 - O cotidiano de atendimento em educação infantil
- Particularidades dos processos educativos na Educação Infantil:
 - A prática educativa: organização e planejamento
 - Aspectos fundamentais para uma prática de qualidade
 - Aspectos organizacionais:
 - Os diferentes centros de Educação Infantil e sua repercussão na prática
 - As profissionais que educam
 - A organização dos grupos e rotação dos professores
- Planejamento da ação educativa
 - Que utilidade tem planejar na educação infantil?
 - Quem planeja o que e quando planejar?
 - Que unidades de programação são necessárias na educação infantil
 - As atividades de cuidado das crianças e as atividades de acolhida e de reencontro
 - As atividades das crianças e a intervenção educativa
- O currículo da educação infantil
 - O Projeto Curricular de Centro
 - Os componentes do Projeto Curricular de Centro
 - Características do currículo
 - Características gerais da etapa
 - O currículo da etapa
 - As informações que o currículo proporciona: O que é preciso ensinar; os objetivos; como ensinar; a relação entre professor e aluno; a relação com a família e as áreas curriculares e os principais blocos de conteúdos (linguagem verbal, linguagem matemática, linguagem musical e expressão corporal, linguagem plástica)
 - As áreas curriculares e os principais blocos de conteúdos
 - Os ciclos na etapa da educação infantil
 - Articulação entre cuidar e educar: a transição da Ed. Infantil da assistência social para a Educação.
- A prática educativa: organização e planejamento
 - Os aspectos organizacionais
 - O planejamento da ação educativa
 - Chegando o momento de atuar: onde fica o que planejamos?
 - Critérios gerais de atuação educativa na escola infantil
 - As principais situações educativas

- Os materiais com finalidade educativa
- Coletar amostras de atividades que são trabalhadas no dia a dia da educação infantil, nas diferentes faixas etárias
- Avaliação e a observação
 - A avaliação é objetiva?
 - Por que avaliar?
 - Avaliar os alunos em diferentes momentos
 - Avaliação e atenção à diversidade
 - Como se avalia?
 - A comunicação da avaliação e os seus efeitos no futuro escolar do aluno
 - Avaliação das propostas educativas
 - Pautas de observação: proposta de instrumentos para os diferentes níveis da escola maternal e da pré-escola

2- Relações entre público e privado

3 – Gestão democrática:

- Conceito de gestão
- Autonomia
- Descentralização

4 - Políticas públicas e financiamento da Educação Infantil e suas implicações para organização do trabalho pedagógico

- Análise e discussão das políticas públicas de financiamento em educação infantil
- O Financiamento da Ed. Infantil: a responsabilidade das várias esferas de governo

5 - Propostas pedagógicas para a Educação Infantil

- Elaboração da proposta pedagógica para a Educação Infantil

6- Legislação, demais documentos normativos e documentos de apoio, de âmbito federal (MEC e CNE), estadual (SEED e CEE) e local (sistemas municipais), para a organização do trabalho na EI: contexto de elaboração, interpretações e implicações para as instituições

- Políticas públicas para a Educação Infantil e suas implicações, para a organização do trabalho pedagógico
- Estudo do papel do Estado e análise das diferentes políticas públicas em relação à criança (federal, estadual e municipal)

- A inclusão das crianças portadoras de necessidades especiais e a inclusão em creches e pré-escolas.
- Análise crítica do Referencial Curricular Nacional (MEC) e das Diretrizes Curriculares Nacionais (CNE) para a Educação Infantil.
- Legislação federal e estadual para a educação infantil: contexto de sua elaboração, interpretações possíveis dos textos legais e implicações para os Centros de Educação Infantil.
- Pesquisa e mapeamento dos Centros de Educação Infantil no Município de Irati de particular, municipal e conveniado).
 - Nº. de crianças atendidas
 - Faixa etária
 - Atende aos portadores de necessidades especiais (quais necessidades?)
 - Nº. de professores e nº. de atendentes por turma e estabelecimento, a elaboração de novas perguntas para investigação fica a critério do professor
 - Horário de atendimento
 - Trabalho com a família
 - Formação continuada com os professores
 - Parcerias e contribuições externas
- Elaboração de gráfico com os resultados obtidos através da pesquisa de campo.

5 – Metodologia

A metodologia empregada será com o objetivo de formar e desenvolver o potencial crítico dos alunos, através de estratégias que priorizem a participação ativa, tais como: seminários, fichamentos, resenhas, artigos, debates, entrevistas, estudo dirigido, dramatizações, leituras e outros.

6 – Avaliação

A avaliação acontecerá de forma contínua e processual, considerando o desenvolvimento teórico prático do aluno, levando em consideração os aspectos qualitativos.

7 –Referências Bibliograficas

ALMEIDA, A . M.; RUBIANO, M. R. B. Vínculo e compartilhamento na brincadeira de crianças. In: ROSSETTI, F. M. C. et al. **Rede de significações e o estudo do desenvolvimento humano**. Porto Alegre: ArtMed, p. 171-188, 2003.

ALVES, N.; GARCIA, R. (org.) **O sentido da escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

BADINTER, E. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BASSEDAS, E. **Aprender e ensinar na educação infantil**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Parecer CEB nº 22, de 17 de dezembro de 1998**. Brasília, 1998.

_____. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Parecer CEB nº 1, de 29 de janeiro de 1999**. Brasília, 1999.

_____. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução CEB nº 1, de 7 de abril de 1999**. Brasília, 1999.

_____. Conselho Nacional de Educação. Câmara de educação Básica. **Resolução CEB nº 2, de 19 de abril de 1999**. Brasília, 1999.

_____. Conselho Nacional de Educação. Câmara de educação Básica. **Parecer CEB nº 4, de 16 de fevereiro de 2000**. Brasília, 2000.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9394/96**, de 20 de dezembro. Brasília, 1996.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. **Educação infantil no Brasil: situação atual**. Brasília, MEC/SEF/DPE/COEDI, 1995.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Departamento de Políticas Educacionais. Coordenação Geral de Educação Infantil. **Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças**. Brasília: MEC/SEF/DPE/COEDI, 1995.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Departamento de Políticas Educacionais. Coordenação Geral de Educação Infantil. **Propostas pedagógicas e currículo em educação infantil: um diagnóstico e a construção de uma metodologia de análise**. Brasília: MEC/SEF/DPE/COEDI, 1996.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Departamento de Políticas Educacionais. Coordenação Geral de Educação Infantil. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília, MEC/SEF/DPE/COEDI, 1998. v. 1/3

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Departamento de Políticas Educacionais. Coordenação Geral de Educação Infantil. **Subsídios para credenciamento e funcionamento de instituições de educação infantil**. Brasília, MEC/SEF/DPE/COEDI, 1998. v. 1 e 2.

BENJAMIN, W. **A criança, o brinquedo, a educação**. São Paulo: Summus, 1984.

BOFF, L. **Saber cuidar: ética do humano-compaixão pela terra.** 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

BOMTEMPO, E. **Psicologia do brinquedo: aspectos teóricos e metodológicos.** São Paulo: EDUSP, 1986.

BONDIOLI, A.; MANTOVANI, S. **Manual de educação infantil: de 0 a 3 anos.** Uma abordagem reflexiva. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

BRASLAVSKY, C. **Aprender a viver juntos: educação para a integração na diversidade.** Brasília: UNESCO, IBE, SESI, UnB, 2002.

BROUGÈRE, G. **Brinquedo e cultura.** São Paulo: Cortez, 1995.

_____. **Jogo e educação.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

_____. **Brinquedos e companhia.** São Paulo: Cortez, 2004.

CARVALHO, A.; GUIMARÃES, M.; SALLES, F. **Desenvolvimento e aprendizagem.** Belo Horizonte: UFMG, 2002.

CASTRO, M. F. **Aprendendo a argumentar: um momento na construção da linguagem.** Campinas: UNICAMP, 1992.

CAVALCANTI, Z. (coord.). **Trabalhando com história e ciência na pré-escola.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1995

_____. **Alfabetizando.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

CIPOLLONE, L. Diferença sexual, dimensão interpessoal e afetividade nos contextos educacionais para a infância. **Revista Pro-Posições**, Campinas, v. 1, n. 3, p. 25-39, set./dez. 2003.

CIVILETTI, M. V. P. O Cuidado das crianças pequenas no Brasil escravista. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 76, p. 31-40, 1991.

CRAIDY, C.; KAERCHER, G. (org.). **Educação infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001.

CUNHA, J. A. **Filosofia na educação infantil.** Campinas: Alínea, 2002.

DAHLBERG, G.; MOSS, P.; PENCE, A. **Qualidade na educação da primeira infância: perspectivas pós-modernas.** Porto Alegre: Artmed, 2003.

DEHEINZELIN, M. **A fome com a vontade de comer. Uma proposta curricular de educação infantil.** Petrópolis: Vozes, 1994.

DANTAS, H. **A infância da razão.** São Paulo: Manole, 1990.

DIAS, J.; BHERING, E. A Interação adulto/crianças: foco central do planejamento na educação infantil. **Revista Contrapontos**. Itajaí: v. 4. n. 1, p. 91-104. jan./abr. 2004.

EDWARDS, C. **As cem linguagens da criança**. Porto Alegre: ArteMed, 1999.

ELKONIN, D. B. **Psicologia do jogo**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

FARIA, A. L. G. de; PALHARES, M. S. (org.) **Educação infantil pós-LDB: rumos e desafios**. Campinas: Autores Associados/FE/UNICAMP; Florianópolis: UFSC; São Carlos: UFSCar, 1999.

FARIA, A. L. G. de; DEMARTINI, Z. de B.; PRATO, P. D. (org.) **Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças**. Campinas: Autores Associados, 2002.

FARIA, A. L. G. **Educação pré-escolar e cultura: para uma pedagogia da educação infantil**. Campinas, São Paulo: Cortez, 1999.

FERNANDES, R. S. **Entre nós, o sol: relação entre infância, cultura, imaginário e lúdico na educação não formal**. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

FERREIRO, E. **Reflexões sobre a alfabetização**. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1985.

FIEL, L. **Educação infantil – formação pessoal e social**. Minas Gerais: Centro de Produções Técnicas. 2007.

FIEL, L. & MORAIS, J. **Educação infantil – conhecimento de mundo**. Minas Gerais: Centro de Produções Técnicas. 2002.

FINCO, D. Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil. **Revista Pro-Posições**, Campinas, v. 14, n. 3 p.89-101, set/dez.2003.

FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro**. São Paulo: Scipione, 1991.

FREIRE, M. et al. **Avaliação e planejamento: a prática educativa em questão**. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1997.

_____. **Observação registro e reflexão: instrumentos metodológicos**. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.

FREIRE, M. **A paixão de conhecer o mundo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREITAS, G. G. **A consciência corporal e a corporeidade**. Ijuí: Unijui, 1999.

FRIEDMANN, A. **Brincar, crescer e aprender. O resgate do jogo infantil**. São Paulo: Moderna, 1996.

FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO. **Professor da pré-escola**. 4. ed. Brasília: MEC/SEF/DPE/COEDI, 1995. v. 2

GALVÃO, I. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Petrópolis: Vozes, 1995.

GANDINI, L.; EDWARDS, C. (org.) **Bambini: a abordagem italiana à educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

GOES, M. C.; SMOLKA, A. L. (org.) **A significação nos espaços educacionais: interação social e subjetivação**. Campinas: Papirus, 1997.

HELD, J. **O imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica**. São Paulo: Summus, 1980.

HOFFMANN, J. **Avaliação na pré-escola: um olhar reflexivo sobre a criança**. Porto Alegre: Mediação, 1999.

HOFFMANN, J.; SILVA, M. B. da. **Ação educativa na creche**. Porto Alegre: Mediação, 1995

HORN, M. da G. S. **Sabores, cores, sons, aromas: a organização dos espaços na educação infantil**. Porto Alegre, ArtMed, 2003.

HUGUET, TERESA. SOLÉ, ISABEL BASSEDAS, EULÁLIA. **Aprender e ensinar na educação infantil**. Porto Alegre: ArtMed, 1999.

KAMII, C.; DEVRIES, R. **Jogos em grupo na educação infantil**. São Paulo: Trajetória Cultural, 1991.

KISHIMOTO, T. M. (org.) **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Pioneira, 1998.

_____. **Jogos tradicionais infantis: o jogo, a criança e a educação**. Petrópolis: Vozes, 1993.

KRAMER, S.; LEITE, M. I. **Infância: desafios da pesquisa**. Campinas: Papirus, 1996.

KRAMER, S. (coord.). **Com a pré-escola nas mãos. Uma alternativa curricular para a educação infantil**. São Paulo: Ática, 1989.

_____. Propostas pedagógicas e curriculares: subsídios para uma leitura crítica. **Educação e Sociedade**, Porto Alegre, v. 18, n. 60, dez.1997.

LARROYO, F. **História geral da pedagogia**. São Paulo: Mestre Jou, s.d.

LIMA, E. S. **Desenvolvimento e aprendizagem na escola: aspectos culturais, neurológicos e psicológicos**. São Paulo: GEDH, 1997.

LOURO, G. (org.) **O corpo educado. Pedagogias da sexualidade.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

MATURANA, H. **Emoções e linguagem na educação e na política.** Belo Horizonte: UFMG, 2002.

MERISSE, A. et al. **Lugares da infância:** reflexões sobre a história da criança na fábrica, creche e orfanato. São Paulo: Arte e Ciência, 1997.

MONTENEGRO, T. **O cuidado e a formação moral na educação infantil.** São Paulo: EDUC, 2001.

MORATO, E. M. **Linguagem e cognição:** as reflexões de L. S. Vygotsky sobre a ação reguladora da linguagem. São Paulo: Plexus, 1996.

MORENO, M. **Como se ensina a ser menina:** o sexismo na escola. São Paulo: Moderna, 1999.

MOURA, M. M. D. de et al. **Manual de saúde para a creche.** Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1996.

MOYLES, J. R. **Só brincar? O papel do brincar na educação infantil.** Porto Alegre: Artmed, 2001.

OLIVEIRA, P. S. **Brinquedos e indústria cultural.** Petrópolis: Vozes, 1986.

OLIVEIRA, Z. de M. R (org.). **Educação infantil:** muitos olhares. São Paulo: Cortez, 1994.

_____. **A criança e seu desenvolvimento.** São Paulo: Cortez, 1995.

_____. **Educação infantil:** fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2002.

OLIVEIRA, de M. R.; ROSSETTI, F. M. C. O valor da interação criança-criança em creches no desenvolvimento infantil. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 87, p.62-70, 1993.

OSTETTO, L. E. (org.) **Encontros e encantamentos na educação infantil.** Campinas: Papirus, 2000.

PARANÁ. Conselho Estadual de Educação. Câmara do Ensino Fundamental. **Deliberação CEE nº 03, de 03 de março de 1999.** Curitiba, 1999

_____. Conselho Estadual de Educação. Câmara do Ensino Fundamental. **Deliberação CEE nº 02, de 06 de junho de 2005.** Curitiba, 2005.

RABBITI, G. **A procura da dimensão perdida.** Porto Alegre: ArtMed, 1999.

REGO, L. B. Descobrimo a língua escrita antes de aprender a ler: algumas implicações pedagógicas. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 66, n.156, jan./abr. 1985.

ROCHA, E. C. A educação da criança: antigos dilemas, novas relações. **Revista Pátio**, Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

RODULFO, R. **O brincar e o significante**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

ROSSETTI-FERREIRA, M. C.; VITORIA, T. Processos de adaptação de bebês na creche. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, p. 55-64, 1986.

ROSSETTI-FERREIRA, M. C. et al. **Os fazeres na educação infantil**. São Paulo: Cortez, 1998.

SARMENTO, M. J.; BANDEIRA, A. A.; DORIS, R. Trabalho e lazer no cotidiano das crianças exploradas. IN. GARCIA, Regina Leite (org.) **Crianças, essas conhecidas tão desconhecidas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SILVA, I. de O. **Profissionais da educação infantil: formação e construção de identidades**. São Paulo: Cortez, 2001.

SILVA, D. N. H. **Como brincam as crianças surdas**. São Paulo: Plexus, 2002.

SILVA, M. A. A. S. S. et al. **Memória e brincadeiras na cidade de São Paulo nas primeiras décadas do século XX**. São Paulo: Cortez, 1989.

SILVIA, M. C. da S. **A constituição social do desenho da criança**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

SOARES, M. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. 9. ed. São Paulo: Ática, 1992.

SOUZA, G. de. Currículo para os pequenos: o espaço em discussão. **Educar**, Curitiba, n. 17, p.79-99, 2001.

SOUZA, R. C. de; BORGES, M. F. S. T. (org.) **A práxis na formação de educadores infantis**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SPODECK, B ; SARACHO, O. **Ensinando crianças de três a oito anos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

SURDI, B. M. M. **Corporeidade e aprendizagem: o olhar do professor**. Ijuí: Unijuí, 2001.

TEBEROSKY, A. **Aprendendo a escrever: perspectivas psicológicas e implicações educacionais**. [s.n.t].

TIRIBA, L. Pensando mais uma vez e reinventando a relação com entre creche e família. In: GARCIA, R. L.; LEITE FILHO, A. **Em defesa da educação infantil**. São Paulo: DP&A, 2000.

_____. Proposta curricular em educação infantil. **Infância na Ciranda da Educação**, Belo Horizonte, n. 4, p. 09-15, fev. 2000.

TONUCCI, F. **Com olhos de criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

ZABALZA, M. **Qualidade em educação infantil**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

ZAN, B.; DEVRIES, R. **A ética na educação infantil**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

PROPOSTA PEDAGÓGICA CURRICULAR
CURSO DE FORMAÇÃO DE DOCENTES INTEGRADO E APROVEITAMENTO DE
ESTUDOS
PRÁTICA DE FORMAÇÃO

1 – Título

Plano de Prática de Formação do Curso de Formação de Docentes da Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

2 - Dados de Identificação

2.1 - Nome da Escola: **COLÉGIO ESTADUAL ANTONIO XAVIER DA SILVEIRA, ENSINO FUNDAMENTAL, MEDIO E NORMAL**

2.2 - Endereço: RUA NOSSA SENHORA DE FATIMA

2.3 - Número: 815

2.4 - Bairro: CENTRO

2.4 - CEP: 84.500-000

2.5 - Fone: (0xx42) – 34232398

2.6 - Fax: (0xx42) - 34232421

3 - Fundamentação Teórica

3.1 - Definição de estágio

A Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008, define o estágio como o ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo do estudante. O estágio integra o itinerário formativo do educando e faz parte do projeto pedagógico do curso.

3.2 – Definição de estágio obrigatório

É o estágio definido como pré-requisito no Plano de Curso para aprovação e obtenção do diploma. (§1º do art. 2º da Lei nº 11.788/2008).

3.3 – Questionamentos que fundamentam o Plano de Estágio

- Como se realiza a prática profissional da educação na Educação Infantil, nas instituições públicas do Município de Irati?
- Que concepção norteia os educadores dessas instituições?
- Como articular a relação de teoria e prática ao longo da formação do educador?
- De que maneira efetivar a inserção de alunos na realidade educacional da Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental?

- De que forma assumir projetos específicos, encargos docentes e outras formas de atuação pedagógica nas instituições escolares?

4 – Atribuições do Professor Orientador

- Orientar e acompanhar o desenvolvimento dos trabalhos dos alunos durante a Prática de Formação (Estágio Supervisionado);
- Indicar bibliografia e outras fontes de consulta;
- Avaliar os Relatórios entregues pelos alunos, apresentando parecer à Coordenação do Estágio;
- Apresentar a frequência das orientações à Coordenadoria de Estágio;
- Acompanhar o cumprimento das etapas previstas pela Coordenadoria de Estágio;
- Avaliar periodicamente o estagiário;
- Estar atento à postura ética que o trabalho requer.

5 – Justificativa

A prática de formação, por ser uma disciplina integradora do currículo, possui um conteúdo interdisciplinar, cuja finalidade deve ser a inserção de alunos na realidade educacional. Assim a Prática de Formação constituir-se-á num projeto integrado, onde as disciplinas estarão articuladas entre si, na reflexão e análise das práticas pedagógicas coletadas no cotidiano escolar.

Sua importância está em ser o elo entre a observação e a análise da prática pedagógica, com a reflexão crítica sobre a realidade, a fim de poder compreendê-la e transformá-la numa proposta de inovação criativa, de interferência com vistas à mudança e à busca da qualidade de ensino.

Sendo assim, a finalidade da Prática de Formação é a de propiciar ao aluno uma aproximação à realidade na qual irá atuar, na medida em que será consequência da teoria estudada no curso, que por sua vez, deverá se constituir numa reflexão sobre e a partir da realidade da instituição de Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Pelas suas características especiais, o Estágio Supervisionado é um conteúdo integrador e interdisciplinar, que deve efetivar a inserção de alunos e professores na realidade educacional e o retorno dessas experiências para se tornarem o núcleo de reflexão teórica das outras disciplinas. A inserção da realidade far-se-á através de um processo de crescimento, que abrangerá desde a observação e análise de diferentes tipos e formas de educação escolar, até o assumir de projetos específicos, encargos docentes e outras formas de atuação pedagógica na instituição escolar.

A Prática de Formação é um dos componentes do currículo do Curso de Formação de Docentes. Currículo que é profissionalizante, o qual prepara para o exercício da profissão docente. Essa preparação é uma atividade teórico-prática, ou seja, formalmente tem um lado ideal, teórico, idealizando enquanto formula anseios onde está presente a subjetividade humana, e um lado real, material, propriamente prático, objetivo. Vasquez acrescenta que “só artificialmente por um processo de abstração, podemos separar, isolar um do outro”.

O lado teórico é representado por um conjunto de ideias constituído pelas teorias pedagógicas, sistematizado a partir da prática realizada dentro das condições concretas de vida e de trabalho. A finalidade da teoria pedagógica é elaborar ou transformar idealmente, e não realmente, a matéria-prima.

O lado objetivo da prática pedagógica é constituído pelo conjunto de meios, o modo pela qual as teorias pedagógicas são colocadas em ação pelo professor. O que a distingue da teoria é o caráter real, objetivo, da matéria-prima sobre a qual ela atua dos meios ou instrumentos com que se exerce a ação, e de resultado ou produto. Sua finalidade é a transformação real, objetiva, de modo natural ou social, satisfazer determinada necessidade humana.

A teoria e a prática não existem isoladas, uma não existe sem a outra, mas encontra-se em indissolúvel unidade. Uma depende da outra e exercem uma influência mútua, não uma depois da outra, mas uma e outra ao mesmo tempo.

Segundo Ilma Passos Alencastro Veiga “a prática pedagógica tem um caráter criador e tem, como ponto de partida e de chegada, a prática social, que define e orienta sua ação. Procura compreender a realidade sobre a qual vai atuar e não aplicar sobre ela uma lei ou um modelo previamente elaborado”. Há preocupação em criar e produzir uma mudança, fazendo surgir uma nova realidade material e humana qualitativamente diferente. É criativa, enquanto “capaz de produzir um novo homem, uma nova sociedade, uma nova realidade histórica, uma nova visão de mundo que, incorporada ao educando, o impulsiona a ser um cidadão”. (Rodrigues, 1985,21).

Desta forma, a prática pedagógica crítica se traduz por um trabalho a ser

realizado pelo professor e pelo aluno, atuando de acordo com um objetivo comum. Implica na presença do sujeito crítico capaz de desenvolver uma prática pedagógica que procura, de um lado, superar a relação pedagógica autoritária, paternalista e, de outro, busca uma ação recíproca entre professor e aluno.

Significa uma prática pedagógica que possibilita ao futuro professor conhecer a importância social de seu trabalho, bem como o significado social de sua marginalização. Daí a necessidade de se preparar o futuro professor consciente tanto de sua missão histórica, de suas finalidades, da estrutura de sociedade capitalista, da função da escola nessa sociedade, como das condições objetivas de trabalho e possibilidades objetivas de trabalho e possibilidades objetivas de transformação.

6 – Objetivos da Prática de Formação

- Permitir o desenvolvimento de habilidades técnico-científicas, visando à melhor qualificação do futuro profissional.
- Aprofundar as concepções das disciplinas pedagógicas, propostas metodológicas e técnicas vigentes voltadas para a aprendizagem da educação infantil e anos iniciais.
- Participar em projetos, mini- cursos, palestras, seminários e atividades relacionadas ao processo de ensino-aprendizagem.
- Confeccionar materiais didático- pedagógicos mediante pesquisas e adequação à Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental.
- Propiciar condições para aquisição de maiores conhecimentos e experiências no mundo do trabalho.
- Reconhecer a Prática de Formação como ferramenta para novas estratégias de aprendizagem, capaz de contribuir de forma significativa para o processo de construção do conhecimento, nas diversas áreas.
- Realizar atividades de docência aproveitando conhecimentos prévios e adequando- os à realidade vigente bem como a utilização de técnicas de ensino, procedimentos e recursos didáticos coerentes com os objetivos propostos.
- Detectar falhas de aprendizagem escolar elaborando projetos/planos para solucioná- las.
- Subsidiar as Coordenações de Curso/Estágio, com informações que permitam adaptações e/ou reformulações curriculares, quando necessárias, com finalidade de aprimoramento do Curso.
- Promover a integração do Colégio Estadual Antonio Xavier da Silveira com a comunidade que se envolve com o Curso de Formação de Docentes,

bem como com a Secretaria Municipal de Educação do Município.

7 – Locais de Realização da Prática de formação

- Escola Municipal Água Clara
- Escola Municipal Ana Amaral Gruber
- Escola Municipal Antonina Fillus Panka
- Escola Municipal Camacuã Eduardo Laars
- Escola Municipal Cerro da Ponte Alta
- Escola Municipal Colonizadores
- Escola Municipal Francisco Stroparo
- Escola Municipal Francisco Vieira de Araújo
- Escola Municipal Guamirim
- Escola Municipal Irmã Helena Olek
- Escola Municipal João Batista Anciutti
- Escola Municipal João Maria Pedroso
- Escola Municipal João Paulo II – CAIC
- Escola Municipal José Siqueira Rosas
- Escola Municipal Lagoa
- Escola Municipal Linha B
- Escola Municipal Linha Pinho
- Escola Municipal Mafalda S, Lopes
- Escola Municipal Mercedes Braga
- Escola Municipal Monjolo
- Escola Municipal Olaria Filipak
- Escola Municipal Olavo Anselmo Santini
- Escola Municipal Padre Wenceslau
- Escola Municipal Plínio A. Pessoa
- Escola Municipal Pequeno Duque
- Escola Municipal Pinho de Baixo
- Escola Municipal Pirapó
- Escola Municipal Rosalina Cordeiro de Araújo
- Escola Municipal São Miguel Itapará
- Escola Municipal São Valdomiro
- Escola Municipal Tancredo Martins
- Centro Municipal de Educação Infantil – CMEI – Alexandre Iarema
- Centro Municipal de Educação Infantil – CMEI – Anjo da Guarda
- Centro Municipal de Educação Infantil – CMEI – Dona Candinha
- Centro Municipal de Educação Infantil – CMEI – Irmã Ana

- Centro Municipal de Educação Infantil – CMEI – Jardim Orquídeas
- Centro Municipal de Educação Infantil – CMEI – CAIC
- Centro Municipal de Educação Infantil – CMEI – Vila São João
- Centro Municipal de Educação Infantil – CMEI – Madre Tereza
- Centro Municipal de Educação Infantil – CMEI – Santo Antonio
- Centro Municipal de Educação Infantil – CMEI – Padre Pedro
- Centro Municipal de Educação Infantil – CMEI – Planalto Futuro
- Centro Municipal de Educação Infantil – CMEI – Tempo Construir

8 - Período de Realização

A Prática de Formação ocorrerá durante o ano letivo e toda carga horária deverá ser cumprida, com 100% de frequência, no período de fevereiro a dezembro.

9 – Atividades de Prática de Formação

Atividades inerentes aos conteúdos teórico-práticos já previstas no Plano de Estágio do Curso.

11 – Atribuições da Instituição de Ensino

O estágio obrigatório ou não-obrigatório, concebido como procedimento didático-pedagógico e como ato educativo intencional, é atividade pedagógica de competência da instituição de ensino e será planejado, executado e avaliado em conformidade com os objetivos propostos para a formação profissional dos estudantes, com os previstos no Projeto Político Pedagógico e descritos no Plano de Estágio.

A instituição de ensino é responsável pelo desenvolvimento do estágio. Termo de Convênio para estágio com o ente público ou privado e concedente de estágio; nas Instituições de Ensino da Rede Pública Estadual, de acordo com o Decreto nº 12897/07 de 31/05/07, para a formalização do Termo de Convênio, será necessário a prévia e expressa autorização do Governador do Estado do Paraná. Termo de Compromisso firmado com o educando ou com seu representante ou assistente legal e com a parte concedente, indicando as condições adequadas do estágio à proposta pedagógica do curso, à etapa e modalidade da formação escolar do estudante e ao horário e calendário escolar;

Plano de Prática de Formação que deverá ser submetido à análise do NRE, juntamente com o Projeto Político Pedagógico, ou em separado, no caso de estágio não-obrigatório implantado posteriormente, visando assegurar a importância da relação teoria-prática no desenvolvimento curricular, deve ser incorporado ao Termo de Compromisso e adequado à medida da avaliação de desempenho do aluno, por meio de aditivos.

A Prática Formação deverá ser desenvolvido com a mediação de professor orientador especificamente designado para essa função, o qual será responsável pelo acompanhamento e avaliação das atividades.

O professor orientador, no caso de estágio não-obrigatório, deverá aferir mediante relatório, as condições para a realização do estágio firmadas no Plano de Estágio e no Termo de Convênio.

12 - Atribuições da parte concedente

a) indicar professor orientador como responsável pelo acompanhamento e avaliação das atividades do estágio;

b) na rede estadual:

- coordenador de estágio para os estágios obrigatórios;
- coordenador de curso para os estágios não-obrigatórios, quando o estudante estiver matriculado em Educação Profissional Técnica de Nível Médio;

13 – Atribuições do Estagiário

1. Comparecer aos estágios pontualmente, nos dias horas e locais estipulados;
2. Apresentar- se à direção e supervisão da escola, bem como à professora da classe;

3. Justificar- se junto à coordenadora do estágio e à escola em que estiver estagiando em caso de falta, desde que por motivos justos e aceitáveis;

4. Apresentar- se adequadamente trajada (o), usando diariamente o jaleco e o crachá;

5. Respeitar e aceitar as determinações da escola em que estiver estagiando;

6. Assumir atitude ética profissional em todas as atividades;

7. Participar de todas as atividades desenvolvidas na escola, dentro do seu horário e período de estágio;

8. Auxiliar a professora da classe:

8.1 Na entrada e saída dos alunos

8.2 Durante o recreio, orientando as atividades recreativas;

8.3 Em tarefas de rotina: oração, recolhimento de tarefas, distribuição de materiais aos alunos, etc.

8.4 Utilizando a lousa, em tarefas programadas pela professora da classe;

8.5 No atendimento individual aos alunos, durante as atividades;

8.6 Na confecção de material didático;

8.7 Na correção de atividades dos alunos;

9. Entregar as fichas de frequência ao professor e pedir a sua assinatura;

10. Levar o caderno para anotações (relatório);

11. Sempre estar em contato com a professora de prática de formação, para sanar as dúvidas que surgirem durante a pesquisa de campo;
 12. Procurar informações sempre que preciso;
 13. Não levar para a sala de aula guloseimas;
 14. Não levar nada para as crianças, sem ordem da professora da classe;
 15. Fazer relatório de todos os dias;
 17. Não escolher turmas, todas as atividades do item 8 deverão ser orientadas pela professora da classe.
- Não é permitido à(ao) estagiária(o):
 - Assumir a regência da classe sem planejamento e orientação prévia.
 - Ausentar-se da classe sem motivo justificável.



COLÉGIO ESTADUAL ANTONIO XAVIER DA SILVEIRA – ENSINO FUNDAMENTAL, MÉDIO E NORMAL CONTRATO DIDÁTICO

- Todo início da aula tem verificação de leitura dos textos selecionados, valendo até 1,0 ponto, sendo avaliado por meio da oralidade ou escrita.
- Nas apresentações de trabalhos, a nota será a somatória da explanação do conteúdo estudado e do trabalho escrito. Todos componentes devem apresentar, se algum aluno(a) faltar não terá nota de apresentação.
- Se houver necessidade de recuperação da prova será considerada a maior nota.
- Avaliação: verificações, trabalho, prova, apresentações.
- Celulares, deverão ficar no silencioso ou no vibra, **É VEDADA SUA UTILIZAÇÃO DENTRO DA SALA DE AULA;**
- Os textos serão disponibilizados para Xerox ou via e-mail;
- A ética, o respeito e a organização são questões que devem permear o trabalho em sala de aula;
- As aulas são presenciais e o ALUNO deverá ter uma frequência de 100%;
- As chamadas serão realizadas diariamente para controlar a frequência do aluno. É vedado o uso de equipamentos eletrônicos (celular, notebook, mp3) nas salas de aula durante o período de aula, exceto para realização de atividades práticas com a supervisão do professor.
- Sistema de Avaliação detalhado: - Trabalhos Individuais e grupais (síntese de aulas dialogadas; relatórios; debates, etc.) - Pesquisa de Campo e/ou Bibliográfica. - Avaliações bimestrais objetivas e/ou discursivas.
- Todos os trabalhos realizados pelos alunos serão avaliados.
- Problemas, dúvidas e sugestões referentes à disciplina, conteúdo e avaliações, deverão ser prioritariamente resolvidos com o docente responsável por ela e em sala de aula;
- É expressamente proibido trazer acompanhantes nas aulas de estágio.
- O aluno, no período de aula, deverá usar o uniforme da escola, bem como o uso do jaleco é imprescindível nas aulas de Prática de Formação, como também em eventos que acontecerem fora do ambiente escolar.
- **É VEDADO** o uso de qualquer material não pedagógico, em sala de aula.

**COLÉGIO ESTADUAL ANTONIO XAVIER DA SILVEIRA
ENSINO FUNDAMENTAL, MÉDIO E NORMAL**

**PLANO DE PRÁTICA DE FORMAÇÃO
FORMAÇÃO DE DOCENTES
INTEGRADO
APROVEITAMENTO DE ESTUDOS**

**IRATI – PR
2011**

A PRÁTICA DE FORMAÇÃO

INTRODUÇÃO:

As práticas pedagógicas se constituem no eixo articulador dos saberes fragmentados nas disciplinas. São os mecanismos que garantirão um espaço e um tempo para a realização da relação e contextualização entre saberes e os fenômenos comuns, objetos de estudo de cada ciência ou área de conhecimento específica. O objeto de estudo e de intervenção comum é a educação. Contudo, esse fenômeno geral será trazido em problemas de ensino e aprendizagem contemporâneos, a partir dos pressupostos que orientam o curso e dos objetivos da formação.

A prática de formação nesta proposta de currículo possui a carga horária de 800 horas, atendendo a legislação vigente (Del. 010/99). A carga horária da prática de formação integra a do curso como um todo, considerando que o mesmo configura-se como componente indispensável para a integralização do currículo.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA:

A finalidade da Prática de Formação é a de propiciar ao aluno uma aproximação à realidade na qual irá atuar, na medida em que será consequência da teoria estudada no curso, que por sua vez, deverá consistir numa reflexão sobre e a partir da realidade da escola de Educação infantil, Anos Iniciais, Escolas especiais, Classes Especiais.

Pelas suas características especiais, a Prática de Formação é um conteúdo integrador e interdisciplinar, que deve efetivar a inserção de alunos e professores na realidade educacional e o retorno dessas experiências para se tornarem o núcleo de reflexão teórica das outras disciplinas. A inserção da realidade far-se-á através de um processo de crescimento, que abrangerá desde a observação e análise de diferentes tipos e formas de educação escolar, até o assumir de projetos específicos, encargos docentes e outras formas de atuação pedagógica na instituição escolar.

A Prática Formação é um dos componentes do currículo do curso de Formação de Docentes. Currículo que é profissionalizante, o qual prepara para o mundo do trabalho. Essa preparação é uma atividade teórica- prática, ou seja, formalmente tem um lado ideal, teórico, idealizando enquanto fórmula, anseios onde está presente a subjetividade humana e um lado real, material, propriamente prático, objetivo. Vasquez, acrescenta que “só artificialmente por um processo de abstração, podemos separar, isolar o outro”.

Serão trabalhados nas diversas etapas/séries os seguintes conteúdos distribuídos por temáticas:

FORMAÇÃO DE DOCENTES - INTEGRADO

1ª SÉRIE

Na primeira série, as práticas pedagógicas se concentrarão nos **“SENTIDOS E SIGNIFICADOS DO TRABALHO DO PROFESSOR/EDUCADOR”**, em diferentes modalidades e dimensões. O eixo será possibilitar a observação do trabalho docente pelos alunos. Isso implicará visitas e observações em:

- Centros de Educação infantil
- Escolas de Ensino Fundamental

Ao final das observações, os alunos elaborarão relatórios de observação, onde identificarão as modificações e o que conseguiram compreender sobre a natureza do trabalho do professor/educador.

Periodicamente, enquanto os alunos realizam observações nas escolas, deverão acontecer reuniões para discutir os resultados das visitas, os relatórios elaborados pelos alunos e para realizar o mapeamento dos problemas/fenômenos educativos mais recorrentes na observação dos alunos.

2ª SÉRIE

Na segunda série, pretende-se colocar os alunos em contato com situações-problemas no âmbito de algumas modalidades específicas e de experiências educacionais extra escolares. **“A PLURALIDADE CULTURAL, AS DIVERSIDADES, AS DESIGUALDADES E A EDUCAÇÃO”**, será mote principal, em torno do qual os professores irão se organizar e encaminhar as atividades junto com os alunos. As práticas de observação, reflexão e análise ocorrerão em:

- Centros de Educação infantil que apresentem alunos portadores de necessidades especiais
- Escolas de Ensino Fundamental que apresentem alunos portadores de Necessidades Especiais
- Visita a APAE e Centro de Atendimento aos Portadores de Deficiência Visual e Auditiva

As disciplinas de Fundamentos da Educação e Gestão escolar, e demais conjunto das áreas da segunda série, possibilitarão suporte teórico para a elaboração de roteiros de observação e investigação nessas realidades. Com esta temática, espera-se a ampliação da visão dos alunos acerca da natureza do trabalho do professor, mas também a percepção das especificidades do ofício diante de diferentes demandas sociais e políticas.

3ª SÉRIE

Na terceira série, o problema central será **“CONDICIONANTES DA INFÂNCIA E DA FAMÍLIA NO BRASIL E OS FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL”**. Justifica -se esta problemática porque, para a formação do educador infantil, muito ainda há que se elaborar e refletir. O resultado esperado é a produção de pesquisas e observações em instituições levantando as concepções de infância, de família e de educação em confronto na sociedade, entre os educadores, nas famílias e até mesmo entre os docentes do curso que realizam. Outro elemento aglutinador será **“ARTES, BRINQUEDOS, CRIANÇAS E A EDUCAÇÃO NAS DIFERENTES INSTITUIÇÕES”**.

Inventariar o maior número possível de artes e brinquedos utilizados nos Centros de Educação infantil, com o intuito de pensar seus fundamentos sociais e psicológicos e suas funções no desenvolvimento infantil. Analisar e recuperar a história das brincadeiras, das artes, das músicas, das danças, do teatro e da literatura, dos contos e da arte de contar histórias.

O resultado deverá ser uma exposição de todo o material confeccionado e/ou encontrado pronto para exemplificar. Além disso, os alunos deverão desenvolver uma pesquisa referente a estudos na Educação Infantil e/ou Ensino Fundamental, o qual será acompanhado pelo professor de Prática de Formação, tendo como orientadores os professores do curso nas disciplinas específicas de formação: fundamentos da Educação, Gestão Escolar, Metodologias de Ensino.

4ª SÉRIE

Na quarta série os alunos iniciam suas experiências práticas pedagógicas. Para isso, contaremos com a parceria dos professores da Educação Infantil e Ensino Fundamental. O Estágio Supervisionado garantirá a possibilidade do aluno vivenciar as práticas pedagógicas nas escolas. É nesse espaço que o futuro professor desenvolve de fato a práxis profissional, ou seja, elabora uma prática educativa, a partir das teorias estudadas, transformando simultaneamente as práticas e as teorias e alcançando a ação política (práxis), entendida como a essência de toda a prática educativa.

Dessa forma, o estágio deverá possibilitar ao aluno a elaboração de materiais didáticos, a seleção adequada dos mesmos e o desenvolvimento de técnicas de ensino adequadas para as crianças.

A Prática de Formação será desenvolvido obrigatoriamente na Educação infantil e no Ensino Fundamental, completando assim todo o ciclo dessa fase de educação.

**COLÉGIO ESTADUAL ANTONIO XAVIER DA SILVEIRA
ENSINO FUNDAMENTAL, MÉDIO E NORMAL**

**CRONOGRAMA DE PRÁTICA DE FORMAÇÃO
INTEGRADO E APROVEITAMENTO DE ESTUDOS**

**IRATI – PR
2011**

CRONOGRAMA DE OBSERVAÇÃO, PARTICIPAÇÃO E ATUAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL E ENSINO FUNDAMENTAL

1º Ano

Carga Horária	Atividade Desenvolvida	Local
160 h/a	Fundamentação Teórica	Colégio Antonio Xavier da Silveira
10 h/a	Observação/Participação	Centro de Educação Infantil
10 h/a	Observação/Participação	Ensino Fundamental
10 h/a	Elaboração de Relatório	
10 h/a	Análise e apresentação de Relatórios	Colégio Antonio Xavier da Silveira

2º Ano

Carga Horária	Atividade Desenvolvida	Local
120 h	Fundamentação Teórica	Colégio Antonio Xavier da Silveira
25 h/a	Observação/Participação	Centros de Educação Infantil
25 h/a	Observação/Participação	Ensino Fundamental
05 h/a	Visita a APAE	APAE Irati
05 h/a	Visita ao CAEDV	Escola Municipal Pequeno Duque
10 h/a	Elaboração de relatório	
10 h/a	Análise e apresentação de relatórios	Colégio Antonio Xavier da Silveira

3º Ano

Carga Horária	Atividade Desenvolvida	Local
120 h/a	Fundamentação Teórica	Colégio Antonio Xavier da Silveira
25 h/a	Coleta de Materiais/Desenvolvimento da Pesquisa	Centros de Educação Infantil
25 h/a	Coleta de Materiais/Desenvolvimento da Pesquisa	Ensino Fundamental
10 h/a	Confecção de materiais didáticos para exposição	Colégio Antonio Xavier da Silveira
10 h/a	Elaboração da Pesquisa	
10 h/a	Apresentação e defesa da pesquisa	Colégio Antonio Xavier da Silveira

4º Ano

1º Semestre

Carga horária	Atividade Desenvolvida	Local
130 h/a	Fundamentação Teórica	Colégio Antonio Xavier da Silveira
30 h/a	Observação/Atuação	Centro de Educação Infantil
20 h/a	Atuação	Centro de Educação Infantil
10 h/a	Elaboração de Relatório	
10 h/a	Análise e apresentação de relatório	Colégio Antonio Xavier da Silveira

2º Semestre

Carga horária	Atividade Desenvolvida	Local
130 h/a	Fundamentação Teórica	Colégio Antonio Xavier da Silveira
30 h/a	Observação/Participação	Escolas de Ensino Fundamental
20 h/a	Atuação	Escolas de Ensino Fundamental
10 h/a	Elaboração de relatório	
10 h/a	Análise e apresentação de relatório	Colégio Antonio Xavier da Silveira

FORMAÇÃO DE DOCENTES - APROVEITAMENTO DE ESTUDOS

1º Semestre e 2º Semestre

No primeiro e segundo semestre, as práticas pedagógicas se concentrarão nos **“SENTIDOS E SIGNIFICADOS DO TRABALHO DO PROFESSOR/EDUCADOR”**, em diferentes modalidades e dimensões. O eixo será possibilitar a observação do trabalho docente pelos alunos. Isso implicar a visitas e observações em:

- Centros de Educação infantil
- Escolas de Ensino Fundamental

Durante o primeiro semestre os alunos realizarão somente aulas teóricas, sendo o segundo semestre reservado a atividades teóricas e de observação e participação nos Centros de educação infantil e Ensino Fundamental.

Ao final das observações, os alunos elaborarão relatórios de observação, onde identificarão as modificações e o que conseguiram compreender sobre a natureza do trabalho do professor/educador.

Periodicamente, enquanto os alunos realizam observações nas escolas, deverão acontecer reuniões para discutir os resultados das visitas, os relatórios elaborados pelos alunos e para realizar o mapeamento dos problemas/fenômenos

educativos mais recorrentes na observação dos alunos.

3º Semestre

No terceiro semestre, pretende-se colocar os alunos em contato com situações -problemas no âmbito de algumas modalidades específicas e de experiências educacionais extras escolares. **“A PLURALIDADE CULTURAL, AS DIVERSIDADES, AS DESIGUALDADES E A EDUCAÇÃO”**, será mote principal, em torno do qual os professores irão se organizar e encaminhar as atividades junto com os alunos. As práticas de observação e participação ocorrerão em:

- Centros de Educação Infantil que apresentem alunos portadores de necessidades especiais
- Escolas de Ensino Fundamental que apresentem alunos portadores de Necessidades Especiais
- Visita a APAE e Centro de Atendimento aos Portadores de Deficiência Visual e Auditiva e Educação de Jovens e Adultos
- Visita nas escolas particulares que possuem Educação Infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano)

As disciplinas de Fundamentos Sociológicos e Concepções Norteadoras da Educação Especial, e demais conjunto das áreas da segunda série, possibilitarão suporte teórico para a elaboração de roteiros de observação e investigação nessas realidades. Com esta temática, espera-se a ampliação da visão dos alunos acerca da natureza do trabalho do professor, mas também a percepção das especificidades do ofício diante de diferentes demandas sociais e políticas.

4º. Semestre

No quarto semestre, o problema central será **“CONDICIONANTES DA INFÂNCIA E DA FAMÍLIA NO BRASIL E OS FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL”**. Justifica -se esta problemática porque, para a formação do educador infantil, muito ainda há que se elaborar e refletir. O resultado esperado é a produção de pesquisas e observações em instituições levantando as concepções de infância, de família e de educação em confronto na sociedade, entre os educadores, nas famílias e até mesmo entre os docentes do curso que realizam. Outro elemento aglutinador será **“ARTES, BRINQUEDOS, CRIANÇAS E A EDUCAÇÃO NAS DIFERENTES INSTITUIÇÕES”**.

Inventariar o maior número possível de artes e brinquedos utilizados nos Centros de Educação infantil, com o intuito de pensar seus fundamentos sociais e psicológicos e suas funções no desenvolvimento infantil. Analisar e recuperar a história das brincadeiras, das artes, das músicas, das danças, do teatro e da literatura, dos contos e da arte de contar histórias.

O resultado deverá ser uma exposição de todo o material confeccionado e/ou encontrado pronto para exemplificar. Além disso, os alunos deverão desenvolver uma pesquisa referente a estudos na Educação Infantil e/ou Ensino Fundamental, o qual será acompanhado pelo professor do estágio, tendo como orientadores os professores do curso nas disciplinas específicas de formação. Ao término da pesquisa, a mesma será apresentada a uma banca composta por professores do curso de Formação de Docentes.

5º Semestre

No quinto semestre os alunos iniciam suas experiências práticas de ensinar. Para isso, contaremos com a parceria dos professores da Educação Infantil e Ensino Fundamental a Prática de Formação garantirá a possibilidade do aluno vivenciar as práticas pedagógicas nas escolas. É nesse espaço que o futuro professor desenvolve de fato a práxis profissional, ou seja, elabora uma prática educativa, a partir das teorias estudadas, transformando simultaneamente as práticas e as teorias e alcançando a ação política (práxis), entendida como a essência de toda a prática educativa.

Dessa forma, a Prática de Formação deverá possibilitar ao aluno a elaboração de materiais didáticos, a seleção adequada dos mesmos e o desenvolvimento de técnicas de ensino adequadas para as crianças.

A Prática de Formação será desenvolvido obrigatoriamente na Educação infantil e no Ensino Fundamental, completando assim todo o ciclo dessa fase de educação.

CRONOGRAMA DE OBSERVAÇÃO, PARTICIPAÇÃO E ATUAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL E ENSINO FUNDAMENTAL

1º Semestre

Carga Horária	Atividade Desenvolvida	Local
100 h/a	Fundamentação Teórica	Colégio Antonio Xavier da Silveira

2º Semestre

Carga Horária	Atividade Desenvolvida	Local
20 h/a	Fundamentação Teórica	Colégio Antonio Xavier da Silveira
20 h/a	Observação/participação	Centros de educação Infantil
20 h/a	Observação/Participação	Escolas de Ensino Fundamental
20 h/a	Elaboração de relatório	
10 h/a	Análise e apresentação de relatórios	Colégio Antonio Xavier da Silveira
10 h/a	Confecção de Material Pedagógico	Colégio Antonio Xavier da Silveira

3º Semestre

Carga Horária	Atividade Desenvolvida	Local
100 h/a	Fundamentação Teórica	Colégio Antonio Xavier da Silveira
25 h/a	Observação/Participação	Centros de Educação Infantil
25 h/a	Observação/Participação	Escolas de Ensino Fundamental
10 h/a	Visita a APAE	APAE Irati
10h/a	Visita ao CAEDV	Escola Municipal Pequeno Duque
10 h/a	Elaboração e análise de relatórios	Colégio Antonio Xavier da Silveira
10 h/a	Análise e apresentação de relatório	
10 h/a	Confecção de Material Pedagógico	Colégio Antonio Xavier da Silveira

4º Semestre

Carga Horária	Atividade Desenvolvida	Local
100 h/a	Fundamentação Teórica	Colégio Antonio Xavier da Silveira
15 h/a	Coleta de dados para desenvolvimento da pesquisa Observação	Centros de Educação Infantil
15 h/a	Coleta de dados para desenvolvimento da pesquisa Observação/participação	Centros de Educação Infantil
20 h/a	Confecção de material para exposição de acordo com o desenvolvimento da pesquisa elaborada	Colégio Antonio Xavier da Silveira
20 h/a	Atuação	Centros de Educação Infantil
30 h/a	Apresentação/defesa da pesquisa elaborada	Colégio Antonio Xavier da Silveira

5º Semestre

Carga Horária	Atividade desenvolvida	Local
100 h/a	Fundamentação Teórica	Colégio Antonio Xavier da Silveira
20 h/a	Coleta de dados para desenvolvimento da pesquisa Observação	Escolas de Ensino Fundamental
20 h/a	Observação e Participação	Escolas de Ensino Fundamental
20 h/a	Elaboração de atividades/materiais para atuação	Escolas de Ensino Fundamental
20 h/a	Atuação	Escolas de Ensino Fundamental
10 h/a	Elaboração de relatório	
10 h/a	Análise e apresentação de relatórios referentes a observação, participação e atuação nas Escolas de Ensino Fundamental	Colégio Antonio Xavier da Silveira

OBS: A Prática de Formação na Educação Infantil está contemplada no 4º semestre

**CONTEÚDOS A SEREM TRABALHADOS NO CUROS DE FORMAÇÃO DE
DOCENTES
INTEGRADO**

1º Ano

O professor e a sua formação:

- O perfil do professor e a ética profissional
- A importância do professor e as habilidades necessárias no exercício da profissão
- A reflexão do docente sobre seu próprio trabalho
- Perspectivas profissionais e a mudança no papel dos docentes

O professor e a prática educativa em sala de aula:

- O professor e a sala de aula
- A socialização do aluno
- A aprendizagem
- A disciplina escolar
- A linguagem didática
- Dinâmicas de aulas
- Atitudes físicas e posturais em sala de aula
- A importância da saúde física
- Leitura e fichamento de livros e textos relacionados a educação

Elaboração de relatórios de observação

Exposição de materiais confeccionados durante o ano.

Seminário de apresentação dos relatórios desenvolvidos a partir do estágio supervisionado

2º Ano

Recursos de atividades utilizadas pelo professor: conceitos, objetivos, importância e tipos de planejamento, projetos, planos de aula, plano anual, plano de curso.

Modelos de competências do professor:

- Concepções distintas
- Modelo técnico, o modelo reflexivo- criativo

A formação dos professores e a competência profissional:

- Os incentivos profissionais

- As condições de trabalho
- A cultura do professor
- A qualidade do trabalho
- A formação em nível médio, superior, à distância e continuada
- Análise do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (I,II e III)
- Análise da LDB 9394/96 – enfoque na Educação Infantil

Recursos de atividades utilizadas pelo professor: elaboração de projetos, planos de aula, plano anula, plano de curso, planejamento (conceito, objetivo, tipos e a importância), acompanhamento dos alunos (organização, acompanhamento, orientação, correção das atividades desenvolvidas pelos alunos)

Confecção e manuseio de recursos pedagógicos: quadro de giz, cartaz, maquete, retroprojektor e transparência, datashow, cartaz de pregas, flanelógrafo, fantoches, teatro de varas, alfabetário, mimeógrafo, computador.

Leitura e fichamento de livros e textos com abordagens educativas.

A prática de formação: observação e reflexão sobre diferentes processos educativos, desenvolvimento na educação Infantil e Ensino fundamental.

Visita às instituições de alunos portadores de necessidades especiais (APAE, Institutos de deficientes visuais e auditivos, entre outros)

Elaboração de relatórios de observação

Exposição de materiais confeccionados durante o ano.

Seminário de apresentação dos relatórios desenvolvidos a partir do estágio supervisionado

3º Ano

Ensino Fundamental:

- Análise de determinantes políticos, sociais, filosóficos, históricos e estruturais da organização escolar.
- Análise do Estatuto da Criança e do Adolescente
- Análise na LDB 9394/96, enfoque no Ensino Fundamental
- Pesquisa e estudo das Diretrizes Curriculares do Ensino Fundamental
- Análise dos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental por série
- Leitura e fichamento de livros e textos com abordagens educativas
- Atividades relacionadas ao conhecimento da escola e das funções dos profissionais que nela atuam

O professor enquanto profissional da educação:

- Sua formação, carreira, participação em órgãos de classe, auto-estima, liderança e manejo de classe

Avaliação:

Importância da formação do critério avaliativo, atribuição de valores, avaliação enquanto processo, auto -avaliação, evasão e reprovação, estudos de recuperação.

Jogos e atividades lúdicas:

- Fundamentação, pesquisa e montagem de material alternativo com fins pedagógicos

Análise dos determinantes políticos, sociais, filosóficos e de gestão escolar, estudo das questões biossociais e suas implicações na educação.

Analisar e recuperar a história das brincadeiras, das artes, das músicas, das danças, do teatro, da literatura, os contos e a arte de contar histórias.

Confecção e exposição de trabalhos confeccionados e/ou encontrados para exemplificar, utilizados para intervenção pedagógica em classes de Educação Infantil e Ensino fundamental.

Elaboração de planejamentos de aula para aplicação na sala de aula dentro da perspectiva Histórico- crítica.

4º Ano

Organização do projeto de Prática de Formação : ações a serem desenvolvidas no decorrer do estágio.

Análise da dimensão pedagógica do cotidiano da Escola de ensino Fundamental e de Educação infantil.

Análise da LDB 9394/96, somente no que se refere à Inclusão, Educação de Jovens e Adultos, Educação indígena, educação no Campo.

A prática pedagógica desde a educação infantil até o 5º ano do Ensino fundamental.

Leitura e fichamento de livros/textos com abordagens educativas.

Análise da dimensão pedagógica do cotidiano da escola de Educação infantil e Ensino fundamental, relacionando teoria/prática, através da ação docente, vivenciando o processo ação/reflexão.

Análise da proposta metodológica, dos procedimentos, dos recursos existentes em termos de fundamentação básica na educação de jovens e adultos.

Produção didática para o ensino de conteúdos curriculares para a educação infantil e Ensino fundamental.

Estágios nos estabelecimentos com observação participativa na série em que farão a docência.

Confecção e manuseio de recursos pedagógicos.

Elaboração e aplicação de planos de aula de acordo com a metodologia empregada no município.

Aplicação de planejamentos de aula em sala de aula e em campo de estágio.

Análise crítica das propostas curriculares, livros e apoio didático utilizados, além dos recursos didáticos compatíveis com a faixa etária do estágio.

Exposição de trabalhos confeccionados.

Trabalho de Conclusão de Curso: Elaboração de relatório final e apresentação em forma de seminário.

CONTEÚDOS A SEREM TRABALHADOS NO CURSOS DE FORMAÇÃO DE DOCENTES APROVEITAMENTO DE ESTUDOS

1º SEMESTRE

O professor e a sua formação:

- O perfil do professor e a ética profissional
- A importância do professor e as habilidades necessárias no exercício da profissão.
- A reflexão do docente sobre o seu próprio trabalho.
- Perspectivas profissionais e a mudança no papel dos docentes.
- Leitura e fichamento de livros e textos com abordagens educativas

2º SEMESTRE

O professor e a prática educativa em sala de aula:

- O professor e a sala de aula.
- A socialização do aluno.
- A aprendizagem.
- A disciplina escolar
- A linguagem didática.
- Dinâmicas de aulas
- Atitudes físicas e posturais em sala de aula.
- A importância da saúde física
- Atividades de observação e participação na Educação infantil e Ensino Fundamental
- Leitura e fichamento de livros e textos com abordagens educativas.

3º SEMESTRE

Recursos de atividades utilizadas pelo professor: conceitos, objetivos, importância e tipos de planejamento, projetos, planos de aula, plano anual, plano de curso.

Modelos de competências do professor:

- Concepções distintas
- Modelo técnico, o modelo reflexivo -criativo

A formação dos professores e a Ética profissional:

- Os incentivos profissionais
- As condições de trabalho
- A cultura do professor
- A qualidade do trabalho
- A formação em nível médio, superior, à distância e continuada
- Análise do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (I,II e III)
- Recursos de atividades utilizadas pelo professor: elaboração de projetos, planos de aula, plano anual, plano de curso, planejamento (conceito, objetivo, tipos e a importância), acompanhamento dos alunos (organização, orientação, correção das atividades desenvolvidas pelos alunos)
- Análise da LDB 9394/96 – enfoque na Educação Infantil

Confecção e manuseio de recursos pedagógicos: quadro de giz, cartaz, maquete, retroprojeter e transparência, datashow, cartaz de pregas, flanelógrafo, fantoches, teatro de varas, alfabetário, mimeógrafo, computador.

Leitura e fichamento de livros e textos com abordagens educativas.

A prática de formação: observação e reflexão sobre diferentes processos educativos, desenvolvimento na educação Infantil e Ensino fundamental.

Visita às instituições de alunos portadores de necessidades especiais (APAE, Institutos de deficientes visuais e auditivos, entre outros)

Elaboração de relatórios de observação

Exposição de materiais confeccionados durante o ano.

Seminário de apresentação dos relatórios desenvolvidos a partir do estágio supervisionado

4º SEMESTRE

Ensino Fundamental:

- Análise de determinantes políticos, sociais, filosóficos, históricos e estruturais da organização escolar.
- Análise do Estatuto da Criança e do Adolescente
- Análise na LDB 9394/96, enfoque no Ensino Fundamental

- Pesquisa e estudo das Diretrizes Curriculares do Ensino Fundamental
- Análise dos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental por série
- Leitura e fichamento de livros e textos com abordagens educativas
- Atividades relacionadas ao conhecimento da escola e das funções dos profissionais que nela atuam

O professor enquanto profissional da educação:

- Sua formação, carreira, participação em órgãos de classe, auto-estima, liderança e manejo de classe

Avaliação:

Importância da formação do critério avaliativo, atribuição de valores, avaliação enquanto processo, auto-avaliação, evasão e reprovação, estudos de recuperação, Jogos e atividades lúdicas:

- Fundamentação, pesquisa e montagem de material alternativo com fins pedagógicos

Análise dos determinantes políticos, sociais, filosóficos e de gestão escolar, estudo das questões biossociais e suas implicações na educação.

Analisar e recuperar a história das brincadeiras, das artes, das músicas, das danças, do teatro, da literatura, os contos e a arte de contar histórias.

Confecção e exposição de trabalhos confeccionados e/ou encontrados para exemplificar, utilizados para intervenção pedagógica em classes de Educação Infantil e Ensino fundamental.

Elaboração de planejamentos de aula para aplicação na sala de aula dentro da perspectiva Histórico- crítica.

5º SEMESTRE

Organização do projeto de Prática de Formação: ações a serem desenvolvidas.

Análise da dimensão pedagógica do cotidiano da Escola de ensino Fundamental e de Educação infantil.

Análise da LDB 9394/96, somente no que se refere à Inclusão, Educação de Jovens e Adultos, Educação indígena, educação no Campo.

A prática pedagógica desde a educação infantil até o 5º ano do Ensino Fundamental.

Leitura e fichamento de livros/textos com abordagens educativas.

Análise da dimensão pedagógica do cotidiano da escola de Educação infantil e Ensino fundamental, relacionando teoria/prática, através da ação docente, vivenciando o processo ação/reflexão.

Análise da proposta metodológica, dos procedimentos, dos recursos existentes em

termos de fundamentação básica na educação de jovens e adultos.

Produção didática para o ensino de conteúdos curriculares para a educação infantil e Ensino fundamental.

Atuação nos estabelecimentos com observação participativa na série em que farão a docência.

Confecção e manuseio de recursos pedagógicos.

Elaboração e aplicação de planos de aula de acordo com a metodologia empregada no município.

Aplicação de planejamentos de aula em sala de aula nas instituições de ensino.

Análise crítica das propostas curriculares, livros e apoio didático utilizados, além dos recursos didáticos compatíveis com a faixa etária do estágio.

Exposição de trabalhos confeccionados.

Trabalho de Conclusão de Curso: Elaboração de relatório final e apresentação em forma de seminário.

ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS

A Prática de Formação no Curso de Formação de Docentes da Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental deverão ser desenvolvidos através de:

PESQUISA: Realização de pesquisa sistemática que deve permitir pesquisa-ação, identificação de uma escola, estudo de caso, pesquisa comparativa e outros temas que sejam pertinentes à educação.

Os alunos e professores do Curso de Formação de Docentes discutem os problemas da prática pedagógica específica e participam ativamente tanto das discussões realizadas como das atividades propostas do grupo, re-elaborando conceitos e tomadas de decisões.

ATIVIDADES LIGADAS A VISITAS E OBSERVAÇÕES NAS INSTITUIÇÕES: Essas atividades visam colocar o grupo de alunos e professores em contato com a realidade escolar como também em contato com o processo de aprendizagem escolar tanto na Educação Infantil quanto nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Essa metodologia implica: diagnóstico da situação, análise das variáveis sociais e psicológicas e intervenção direta, através de elaboração de entrevistas, questionários, relatórios, coleta de material pedagógico das salas de aula e projetos de recuperação em pequenos grupos, e/ou outros projetos desenvolvidos nas instituições.

SEMINÁRIOS, DEBATES, REUNIÕES, CURSOS DE PEQUENA DURAÇÃO COMO RECURSOS METODOLÓGICOS:

Versando sobre diversos tópicos de interesse da escola ou grupo de

educadores de outras instituições, esses recursos metodológicos visam atender às demandas desses grupos e às necessidades demonstradas pela instituição. Os cursos de pequena duração buscando discutir com o grupo interessado, um tema solicitado.

OFICINA DE MATERIAL DIDÁTICO: Caracterizada como recurso metodológico de elaboração e preparo de material didático, para situações educacionais diversificadas, principalmente em se tratando do Curso de Formação de Docentes e específico da Prática de Formação.

AÇÃO DOCENTE: Experiências vivenciadas nas classes de Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, a área abrangendo a observação crítica, a participação e atuação em classes e a reflexão sobre essa prática observada e vivenciada.

Todas as experiências vivenciadas pelos alunos do Curso de Formação de Docentes através da Prática de Formação, retornarão ao curso, tornando -se momentos de reflexão teórica.

AVALIAÇÃO

A avaliação é entendida enquanto processo contínuo, global, cumulativo e de responsabilidade coletiva. Sendo assim, o processo será acompanhado de um professor coordenador em parceria com os demais professores das disciplinas pedagógicas.

Haverá um acompanhamento das atividades desenvolvidas nos Centros de Educação Infantil, Escolas de Ensino Fundamental. A partir do segundo ano do Curso de Formação de Docentes, pretende -se colocar os alunos nos Centros de Educação Infantil e Escolas de Ensino Fundamental que tenham um número significativo de alunos portadores de necessidades especiais, instituições especializadas em diferentes necessidades especiais, tais como as APAES, os institutos de deficientes visuais, auditivos, entre outros, projetos alternativos de educação popular voltados para crianças ou adolescentes, ou jovens e adultos, coordenados por organizações não-governamentais e/ou prefeituras, prevendo -se a realização de encontros periódicos, objetivando avaliar o conjunto de atividades desenvolvidas pelos alunos, no aspecto da qualidade do desempenho, propondo -se ainda, encaminhamentos para solucionar as dificuldades apontadas.

A necessária articulação teórico-prática será propiciada pela análise e discussão da realidade, estudos teóricos, realizados de forma individual e coletiva e outras atividades propostas pelos professores envolvidos no processo, sendo considerados instrumentos de avaliação:

- Utilização de aporte teórico consistente;

–As relações teórico-práticas estabelecidas;

–A utilização de técnicas de ensino, procedimentos metodológicos e recursos didáticos coerentes com objetivos propostos;

–Domínio, exatidão, segurança e atualidade dos conteúdos apresentados;

São considerados Instrumentos de Avaliação: os registros escritos, relatórios, textos e outros solicitados durante Prática de Formação, as fichas de avaliação e autoavaliação e a prática pedagógica.

A avaliação do rendimento escolar do aluno para fins de aprovação e reprovação compreende:

a) 100% de freqüência da carga horária de Prática de Formação Supervisionada;

b) Verificação da aprendizagem do aluno;

- A Prática de Formação: será constituído como disciplina integradora e obrigatória desde o início do curso. Cada disciplina de acordo com suas características fará articulação com a Prática de Formação, perfazendo um total de 800 horas/aula.

A disciplina de Prática de Formação deverá adotar procedimentos próprios visando o desenvolvimento formativo, cultural do aluno.

A Prática de Formação é disciplina do Curso de Formação de Docentes para a Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, destinada aos alunos devidamente matriculados no curso de Formação de Docentes da Educação infantil e Anos iniciais do Ensino Fundamental, com Aproveitamento de Estudos.

As atividades práticas serão desenvolvidas nos estabelecimentos de Ensino Regular da rede pública municipal e/ou particular e filantrópicas do município de Irati PR.

A todos os alunos que não atingiram os objetivos propostos no processo ensino-aprendizagem ao longo do período letivo e apresentam baixo rendimento escolar, será proporcionada recuperação de estudos de forma paralela.

Para obter o certificado de conclusão do curso de Formação de Docentes, o aluno deverá cumprir todas as etapas previstas na Prática de Formação e a carga horária de 800 horas/aula até a conclusão do curso.

Ao aluno que não concluir a carga horária mínima para a Prática de Formação não será expedida nenhuma documentação escolar que possibilite a continuidade em graus superiores.

A média geral obtida na Prática de Formação será registrada no Histórico escolar para a expedição e registro de diploma, bem como, arquivará os relatórios e documentos do Estágio para efeito e controle. Sendo assim, a média bimestral é 6,0 (seis) e o aproveitamento da Prática de Formação é de 100%.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTET, PAQUAY & PERRENOUD. **A profissionalização dos formadores de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a educação infantil**/Ministério da Educação e do desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

FIGUEIREDO, R.S. **Ensino sua técnica sua arte**. Rio de Janeiro: Lidador, 1967.

GONÇALVES, R. **Didática Geral**. Rio de Janeiro: Biblioteca Pedagógica Freitas Passos, 1983.

MARCHESI, à. **Qualidade do ensino em tempos de mudança**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

MARQUES, M. **A formação do profissional da educação**. Ijuí:UNIJUI, 1992.

MASETO, M. **Didática a aula como centro**. São Paulo: FTD, 1997.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Proposta Curricular da Habilitação Magistério**. 2a. Edição, Curitiba, 1993.

PIMENTA, S. G. **O estágio na formação de professores**. Unidade teórica e prática? São Paulo: Cortez, 2002.

VEIGA, I. P.A. **A prática pedagógica do professor de didática**. 8a. Edição. São Paulo: Papirus, 2004.

ZABALA. A. **Como trabalhar os conteúdos procedimentos em aula**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

ZÁBOLI, G. **Prática de Ensino**. Subsídios para atividade docente. São Paulo: Ática, 1990.



Colégio Estadual Antonio Xavier da Silveira
Ensino Fundamental, Médio e Normal

Rua Nossa Senhora de Fátima, 815 – Centro Irati - PR - CEP: 84500-000

Fone/Fax: (42) 3423 2398 -3422 9612

colegioxavier@yahoo.com.br- www.colegioxavier.rg3.net

Irati, ___ de _____ de _____.

Prezado(a) Senhor(a):

A Prática de Formação tem o caráter integrador e facilitador da articulação teoria – prática, indispensável ao futuro educador.

Na intenção de atingirmos tal objetivo, solicitamos a V. S.^a a colaboração no sentido de permitir a presença da (o) aluna (o) _____ série _____, do Curso de Formação de Docentes da Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, na Modalidade Normal, em Nível Médio, que deverá realizar _____ horas de Estágio Supervisionado, nas turmas de Educação Infantil e Ensino Fundamental (séries iniciais).

Estamos ao seu dispor para outros esclarecimentos.

Atenciosamente,



Professor(a) de Estágio
COLÉGIO ESTADUAL ANTONIO XAVIER DA SILVEIRA

Professor(a) Supervisor(a) de Estágio
COLÉGIO ESTADUAL ANTONIO XAVIER DA SILVEIRA

FICHA DE AVALIAÇÃO – PARTE CONCEDENTE
ESTÁGIO OBRIGATÓRIO

1. Identificação do Aluno			
ALUNO:			
CURSO:			SÉRIE:
EIXO TECNOLÓGICO:			
3. Identificação do Local de Estágio			
PARTE CONCEDENTE:			
ENDEREÇO:			
MUNICÍPIO:			UF:
CEP:	TELEFONE:	FAX:	
E-mail:			
4. Identificação do responsável pela supervisão no Local de Estágio			
NOME:			
FORMAÇÃO			
CARGO/FUNÇÃO:			
5. Período de execução			
Estágio realizado no período de ___/___/___ a ___/___/___			
Carga horária de estágio cumprida:			
6. Avaliação do aluno estagiário:			
Relatar desempenho, assiduidade, pontualidade, iniciativa, conhecimento, responsabilidade, cooperação e demais considerações que julgar pertinentes.			
Data/assinatura e carimbo do responsável pela supervisão no local do estágio			

**SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO**

TERMO DE COMPROMISSO DE ESTÁGIO Nº		
Aos ____ de _____, na cidade de ____/PR, em decorrência do Termo de Convênio no, firmado entre _____ e a _____, neste ato representadas pelas partes a seguir nominadas:		
INSTITUIÇÃO DE ENSINO		
NOME DA INSTITUIÇÃO DE ENSINO Colégio Estadual Antonio Xavier da Silveira CNPJ: NOME: CARGO/FUNÇÃO:	MUNICÍPIO: Irati ENDEREÇO: NOSSA SENHORA DE FÁTIMA NÚMERO: 815 COMPLEMENTO: BAIRRO/DISTRITO: centro CEP: 85500 - 000	TELEFONE/RAMAL: (42) 3422 - 9612 FAX/RAMAL: E-MAIL:

INSTITUIÇÃO CONCEDENTE		
NOME: CNPJ: NOME: CARGO/FUNÇÃO:	MUNICÍPIO: ENDEREÇO: NÚMERO: COMPLEMENTO: BAIRRO/DISTRITO: CEP:	TELEFONE/RAMAL: FAX/RAMAL: E-MAIL:

ESTAGIÁRIO		
NOME DO(A) ESTAGIÁRIO(A): RG: CPF: DATA DE NASCIMENTO CURSO: SÉRIE/PERÍODO: TURNO/TURMA: MATRÍCULA:	MUNICÍPIO: ENDEREÇO: NÚMERO: COMPLEMENTO: BAIRRO/DISTRITO: CEP:	TELEFONE/RAMAL: FAX/RAMAL: E-MAIL:

DECLARAÇÃO

Declaramos para os devidos fins que

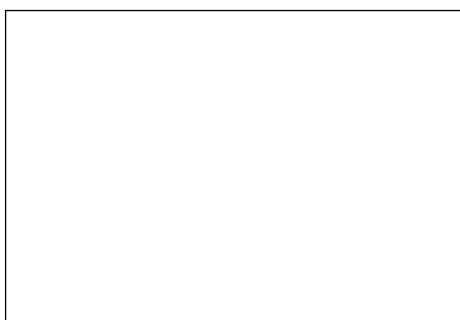
_____,
 RG. _____, aluno (a) da _____, turma _____, turno _____, do Curso de Formação de Docentes da Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, na Modalidade Normal, em Nível Médio, terá aulas de Prática de Formação, no (os) seguinte(s) dia(s) da semana:

()segunda-feira ()terça-feira ()quarta-feira ()quinta-feira ()sexta-feira, das _____ às _____ horas, no mês de _____.

Outrossim, afirmamos que esse estágio constitui parte integrante do Curso de Formação de Docentes da Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, na Modalidade Normal, em Nível Médio, na modalidade normal, em nível médio e o (a) referido (a) aluno (a) não havendo dispensa desse horário.

Por ser verdade firmamos o presente.

Irati, _____ de _____ de _____.



Professor(a) Supervisor(a) de Estágio
Instituto de Educação

FICHA DE AVALIAÇÃO DE DOCÊNCIA EM ESTÁGIO SUPERVISIONADO

ESTAGIÁRIA: _____ SÉRIE: _____ TURMA: _____

ESCOLA EM QUE ATUA: _____

SÉRIE: _____ TURMA: _____ PROFESSOR (A): _____

- ASPECTOS A SEREM OBSERVADOS

ASPECTOS	ÓTIMO	MUITO BOM	BOM	SATISFATÓRIO	REGULAR
1. Apresentação pessoal					
2. Pontualidade					
3. Espontaneidade					
4. Responsabilidade					
5. Iniciativa					
6. Interesse					
7. Dedicção					
8. Vocabulário empregado					

- **PLANEJAMENTO DE AULA/PROJETO**

- Como Professora Regente de Classe, tomou conhecimento prévio dos planejamentos?

- Os objetivos foram atingidos?

- **DOMÍNIO DE CONTEÚDO:** (apresentação sequencial – exatidão dos conteúdos – exposição clara e objetiva)

- **MOMENTOS DA AULA/PROJETO**

- Mobilização para a aprendizagem (atraente – remete ao conteúdo)

-
-
-
- Desenvolvimento (decorre da mobilização, tem domínio de conteúdo e o transmite com clareza).
-
-
-

- Síntese integradora (retoma o conteúdo e faz fechamento das ideias principais).
-
-
-

- **PROCEDIMENTO METODOLÓGICO** (corresponde com a Metodologia da Escola de atuação).
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-

- **ATITUDES** (iniciativa, criatividade, relacionamento professor-aluno, autocontrole, organização, letra didática, linguagem oral e escrita, atendimento, correção das atividades, recursos didáticos, aproveitamento do tempo, manejo de classe).
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-

OBSERVAÇÕES

Assinatura do(a) Professor(a) Regente de Classe _____

NOTA (de 0 a 10,0) ____ IRATI, ____ DE _____ DE _____

ESTADO DO PARANÁ

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO



TERMO DE CONVÊNIO PARA REALIZAÇÃO DE PRÁTICA PROFISSIONAL SUPERVISIONADA N.º01

TERMO DE CONVÊNIO PARA CONCESSÃO DE PRÁTICA PROFISSIONAL SUPERVISIONADA QUE ENTRE SI CELEBRAM O **ESTADO DO PARANÁ** POR INTERMÉDIO DA **SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO**, E A (O) **SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO**.

O **ESTADO DO PARANÁ** por intermédio da **SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO**, órgão público do Poder Executivo do Estado do Paraná, localizado na Avenida Água Verde, 2140, Curitiba/Paraná, inscrito no CNPJ sob o n.º 76.416.965/0001-21, neste ato representada por sua Secretária de Estado da Educação, YVELISE FREITAS DE SOUZA ARCO-VERDE, CPF/MF n.º 392.820.159-04, doravante denominada SEED e a(o) Secretaria Municipal da Educação, localizada na Rua Cel. Pires, 826, cidade de Irati, Estado do Paraná, inscrita no CNPJ sob o n.º 75.654.574/0001-82, neste ato representada por Zenilda Alice Stroparo, CPF n.º 015.406.509-95, doravante denominada **INSTITUIÇÃO CONCEDENTE**, resolvem celebrar o presente TERMO DE CONVÊNIO PARA CONCESSÃO DE PRÁTICA PROFISSIONAL SUPERVISIONADA, regido pela Lei n.º 8.666/93, pela LDB n.º 9394/96, pela Lei 15.608/07, pela Lei n.º 11.788/08 de 25.09.08, pela Lei n.º 8.069/90, pela Deliberação n.º 02/09 do CEE – PR, e (Lei do Exercício Profissional – quando for o caso), na forma das cláusulas e condições a seguir estabelecidas.

CLÁUSULA PRIMEIRA – DO OBJETO

O presente convênio tem por objetivo estabelecer as condições indispensáveis à concessão de prática profissional supervisionada pela **INSTITUIÇÃO CONCEDENTE** a estudantes regularmente matriculados e com efetiva frequência no Curso de(a) Formação de Docentes ofertado pelo(a) **C. E. Antonio Xavier da Silveira Ensino Fundamental, Médio e Normal**, a seguir denominado **SEED/INSTITUIÇÃO DE ENSINO**.

CLÁUSULA SEGUNDA – DE TERMO DE COMPROMISSO DE ESTÁGIO

A realização dos estágios dependerá de prévia formalização, em cada caso,

do competente TERMO DE COMPROMISSO DE PRÁTICA PROFISSIONAL SUPERVISIONADA entre o estudante, a Instituição **CONCEDENTE** e a **SEED/INSTITUIÇÃO DE ENSINO**, representada em cada termo pelo seu Diretor.

PARÁGRAFO ÚNICO – DO TERMO DE COMPROMISSO

Os termos de Compromisso de que trata esta Cláusula deverão fazer referência expressa ao presente Convênio, ao qual se vinculam para todos os efeitos legais.

CLÁUSULA TERCEIRA – DAS OBRIGAÇÕES

3.1 Caberá á SEED/INSTITUIÇÃO DE ENSINO:

3.1.1 Indicar coordenador ou supervisor responsável pelo acompanhamento e avaliação das atividades de estágio;

3.1.2 realizar avaliações que indiquem se as condições para a realização do estágio estão de acordo com as firmadas no Plano de Estágio, no Termo de Compromisso e no relatório sobre a avaliação dos riscos;

3.1.3 solicitar ao responsável pela supervisão de estágio na parte **CONCEDENTE**, sempre que necessário, subsídios que permitam o acompanhamento e a avaliação das atividades desenvolvidos pelo estagiário.;

3.1.4 solicitar à parte **CONCEDENTE** o relatório sobre avaliação dos riscos do local de estágio;

3.1.5 comunicar à parte **CONCEDENTE** quando o estudante interromper o curso.

3.2 Caberá a INSTITUIÇÃO CONCEDENTE

3.2.1 Indicar funcionário de seu quadro de pessoal com formação ou experiência profissional na área de conhecimento desenvolvida no curso do estagiário para orientar e supervisionar o estágio;

3.2.2 proporcionar as ESTAGIÁRIO atividades de aprendizagem social, profissional e cultural, compatíveis com o contexto básico do Curso a que se refere;

3.2.3 proporcionar à SEED/INSTITUIÇÃO DE ENSINO, sempre que necessário, subsídios que possibilitem o acompanhamento, a supervisão e a avaliação do Estágio;

3.2.4 entregar termo de realização do estágio com indicação resumida das atividades desenvolvidas e especificação dos períodos e da avaliação de desempenho;

3.2.5 fornecer equipamento de proteção, toda vez que as circunstâncias o exigirem;

3.2.6 encaminhar à Instituição de Ensino o relatório sobre a avaliação dos riscos do local de estágio.

3.3 Caberá à **SEED**

3.3.1 contratar em favor do estagiário, seguro contra acidentes pessoais, cuja apólice seja compatível com a executada pelos valores de mercado.

CLÁUSULA QUARTA – DO VÍNCULO EMPREGATÍCIO

O estágio objeto do presente convênio não cria vínculo empregatício de qualquer natureza entre o estagiário e a instituição **CONCEDENTE**.

CLÁUSULA QUINTA – DA RESPONSABILIDADE POR DANOS CAUSADOS

A **SEED/INSTITUIÇÃO DE ENSINO** não terá qualquer responsabilidade pelo ressarcimento de danos causados por ato doloso ou culposo do estagiário a qualquer equipamento instalado nas dependências da Instituição **CONCEDENTE** durante o cumprimento do estágio.

CLÁUSULA SEXTA – DA VIGÊNCIA E ALTERAÇÕES

O presente Termo de Convênio terá vigência de sessenta meses a partir da data de assinatura, podendo ser alterado e/ou prorrogado mediante acordo entre os partícipes, constituindo-se alterações ajustadas em objeto de Termos Aditivos, que daquele serão parte integrante para todos os efeitos e direitos.

CLÁUSULA SÉTIMA – DA DENÚNCIA OU RESCISÃO

O presente Termo de Convênio poderá ser denunciado a qualquer tempo, unilateralmente, mediante comunicação por escrito, com antecedência mínima de 30 (trinta) dias, ou rescindido por acordo entre os partícipes, ou ainda, por descumprimento das cláusulas e condições estabelecidas ou por superveniência de legislação que o tome inexecutável, respondendo os mesmos pelas obrigações assumidas até esse momento.

CLÁUSULA OITAVA – DO FORO

Os participantes elegem o foro da Comarca de Curitiba, para dirimir quaisquer dúvidas ou litígios oriundos, que porventura possam surgir da execução do presente Termo de Convênio, com expressa e bilateral renúncia de qualquer outro, por mais privilegiado que seja.

E, por assim estarem devidamente justos e acordados, os partícipes, inicialmente nomeados, firmam o presente Termo de Convênio, em 03 (três) vias, de igual teor e forma, na presença de 02 (duas) testemunhas abaixo assinadas.

Curitiba,

FLÁVIO ARNS
SECRETÁRIO DE ESTADO DA
EDUCAÇÃO

ZENILDA ALICE STROPARO
SECRETÁRIA MUNICIPAL DE
EDUCAÇÃO

Testemunhas:

Nome:

Nome:

CPF:.....

CPF:.....

Ass.:.....

Ass.:.....

CURSO TÉCNICO PROFUNSIONÁRIO

Política de formação inicial, que foi implementada pela Educação Profissional na oferta de cursos na área Técnica em Nível Médio, possibilitada pela instituição legal da 21ª Área Profissional de Serviços de Apoio Escolar - Resolução n.º 04/05 e Parecer n.º 16/05 - do Conselho Nacional de Educação.

Hoje esta área é denominado de **Eixo Tecnológico de Apoio Educacional**, conforme Catálogo Nacional de Cursos Técnicos, regulamentado pela Portaria n.º 870, de 16 de julho de 2008, e pela política de valorização desses profissionais, entendendo o seu importante papel no contexto da escola pública, na atualidade.

Os eixos que norteiam a Proposta Pedagógica são: o Trabalho, o Tempo, a Cultura, a Ciência e a Tecnologia. A base das práticas educacionais é o desenvolvimento de processos de formação humana integral, articulada com o contexto sócio-histórico, oportunizando aos educandos a preparação para o mundo do trabalho.

IDENTIFICAÇÃO DOS CURSOS DO EIXO TECNOLÓGICO DE APOIO EDUCACIONAL

– *Técnico em Nível Médio de:*

- ***Secretaria Escolar;***
- ***Multimeios Didáticos;***
- ***Biblioteconomia;***
- ***Alimentação Escolar;***
- ***Infra-estrutura Escolar.***

EIXO TECNOLÓGICO: Apoio Educacional.

CARGA HORÁRIA TOTAL : 1260 horas.

MODALIDADE DE OFERTA:

A distância (semi-presencial).

REGIME DE FUNCIONAMENTO : o curso é realizado em regime modular, na forma subsequente, sendo 30% da carga horária realizada presencialmente e 70% realizada a distância, como segue:

a) Os encontros presenciais acontecem aos sábados, no turno da manhã;

- b) A carga horária presencial tem um total de 288 horas, de caráter obrigatório por se constituir no momento de orientação para o desenvolvimento da carga horária realizada a distância.
- c) A Prática Profissional Supervisionada tem carga horária de 300 horas e é realizada paralelamente ao desenvolvimento do curso conforme matriz e orientação da SEED.
- d) Os estudos realizados a distância são cumpridos de forma individualizada, com os respectivos registros no MEMORIAL, que se constitui no registro da trajetória do cursista em sua profissionalização, totalizando 672 horas;
- e) A carga horária dos professores pedagogos tutores é de 20h e dos professores do eixo de formação específica de 10h.

CRITÉRIOS PARA ACESSO AOS CURSOS

Escolaridade: para matrícula o aluno deverá ter o Ensino Médio completo e atender ao Edital de Seleção.

Regime de matrícula: a matrícula acontecerá no início do curso(Bloco I) , para os estudos que compreendem o Eixo da Formação Pedagógica e, ao término deste, realizará nova matrícula (Bloco II), para realização dos estudos referentes ao Eixo da Formação Específica.

Período de integralização do curso: mínimo de 18 meses e máximo de 36 meses.

BLOCO I

EIXO DE FORMAÇÃO PEDAGÓGICA:

Comum às quatro habilitações. Constitui-se de 6 (seis) módulos de 60h cada, e 100h de aulas de práticas profissionais supervisionadas, num total de 460h.

Bloco II

Eixo de Formação Específica

Constitui-se de 10 (dez) módulos de 60h cada, sendo que 3 módulos são comuns às 4 habilitações, e 200h de aulas de Prática Profissional Supervisionada, num total de 800h.

**PERFIL PROFISSIONAL E MATRIZ CURRICULAR DOS CURSOS OFERTADOS
PELO PROFUNCIÓNÁRIO:**

TÉCNICO EM NÍVEL MÉDIO DE SECRETARIA ESCOLAR

O Técnico em Secretaria Escolar deverá auxiliar na administração da escola, atuando como educador e gestor dos espaços e ambientes de comunicação e tecnologia na escola, com capacidade para construir, propor, participar, interferir, conduzir, refletir, mediar e dialogar com a comunidade escolar na perspectiva de emancipação do exercício da cidadania e da responsabilidade social coletiva.

MATRIZ CURRICULAR

CURSO TÉCNICO EM NÍVEL MÉDIO DE SECRETARIA ESCOLAR			
BLOCOS	COMPONENTES CURRICULARES	CARGA HORÁRIA	
		TEORIA	PPS
Bloco I Eixo da Formação Pedagógica	1. Funcionários de Escolas: Cidadãos, Educadores, Profissionais e Gestores	60	16
	2. Educadores e Educandos: tempos históricos	60	16
	3. Homem, Pensamento e Cultura: abordagem Filosófica e Antropológica	60	16
	4. Relações Interpessoais: abordagem psicológica	60	16
	5. Educação, Sociedade e Trabalho: abordagem sociológica da Educação	60	16
	6. Gestão da Educação Escolar	60	20
	Sub total	360	-
	Prática Profissional Supervisionada - PPS	-	100
Bloco II Eixo da Formação Específica	7. Informática Básica	60	24
	8. Produção Textual na Educação Escolar	60	24
	9. Direito Administrativo e do Trabalho	60	08
	10. Trabalho Escolar e Teorias Administrativas	60	08
	11. Gestão Democrática nos Sistemas e na Escola	60	24
	12. Legislação Escolar	60	24
	13. Técnicas de Redação e Arquivo	60	32
	14. Contabilidade na Escola	60	16
	15. Administração de Materiais	60	16
	16. Estatística Aplicada à Educação	60	24
	Sub total	600	-
Prática Profissional Supervisionada - PPS	-	200	
Total	960	300	
CARGA HORÁRIA TOTAL		1260	

TÉCNICO EM NÍVEL MÉDIO DE MULTIMEIOS DIDÁTICOS

O Técnico em Multimeios Didáticos deverá se apropriar, decodificar e mediar o uso dos recursos pedagógicos e tecnológicos na prática escolar. Deverá agir como educador, buscando a ampliação do conhecimento do educando, sua emancipação e autonomia, facilitados pelo uso dos recursos disponíveis na escola.

MATRIZ CURRICULAR

TÉCNICO DE NÍVEL MÉDIO DE SECRETARIA ESCOLAR

CURSO TÉCNICO EM NÍVEL MÉDIO DE SECRETARIA ESCOLAR			
BLOCOS	COMPONENTES CURRICULARES	CARGA HORÁRIA	
		TEORIA	PPS
Bloco I Eixo da Formação Pedagógica	1. Funcionários de Escolas: Cidadãos, Educadores, Profissionais e Gestores	60	16
	2. Educadores e Educandos: tempos históricos	60	16
	3. Homem, Pensamento e Cultura: abordagem Filosófica e Antropológica	60	16
	4. Relações Interpessoais: abordagem psicológica	60	16
	5. Educação, Sociedade e Trabalho: abordagem sociológica da Educação	60	16
	6. Gestão da Educação Escolar	60	20
	Sub total	360	-
	Prática Profissional Supervisionada - PPS	-	100
Bloco II Eixo da Formação Específica	7. Informática Básica	60	20
	8. Produção Textual na Educação Escolar	60	20
	9. Direito Administrativo e do Trabalho	60	00
	10. Teorias de Comunicação	60	00
	11. Biblioteca Escolar	60	35
	12. Audiovisuais	60	30
	13. Laboratórios	60	35
	14. Oficinas Culturais	60	20
	15. Informática Aplicada à Educação	60	20
	16. Informática Aplicada às Artes	60	20
	Sub total	600	-
	Prática Profissional Supervisionada - PPS	-	200
	Total	960	300
CARGA HORÁRIA TOTAL		1260	

TÉCNICO EM BIBLIOTECONOMIA

O Técnico em Biblioteconomia deverá atuar no tratamento, recuperação e disseminação da informação em ambientes físicos ou virtuais, executando atividades auxiliares, especializadas e administrativas, relacionadas à rotina de bibliotecas ou dos centros de documentação e informação, quer no atendimento ao aluno, na administração do acervo ou na manutenção de banco de dados, além de colaborar no controle e na conservação de documentos e equipamentos.

MATRIZ CURRICULAR
TÉCNICO EM NÍVEL MÉDIO DE BIBLIOTECONOMIA ESCOLAR

CURSO TÉCNICO EM NÍVEL MÉDIO DE BIBLIOTECONOMIA			
BLOCOS	COMPONENTES CURRICULARES	CARGA HORÁRIA	
		TEORIA	PRÁTICA
Bloco I Eixo da Formação Pedagógica	1.Funcionários de Escolas: Cidadãos, Educadores, Profissionais e Gestores	60	16
	2.Educadores e Educandos: tempos históricos	60	16
	3.Homem, Pensamento e Cultura: Abordagem Filosófica e Antropológica	60	16
	4.Relações Interpessoais: Abordagem Psicológica	60	16
	5.Educação, Sociedade e Trabalho: Abordagem Sociológica da Educação	60	16
	6.Gestão da Educação Escolar	60	20
	Subtotal	360	-
	Prática Profissional Supervisionada - PPS	-	100
Bloco II Eixo da Formação Específica	7. Informática Básica	60	10
	8. Produção Textual na Educação Escolar	60	10
	9. Direito Administrativo e do Trabalho	60	0
	10. Noções de biblioteca e seu papel como espaço	60	0
	11.Organização do espaço físico	60	30
	12.Manutenção e conservação preventiva do acervo	60	10
	13.Aquisição, Registro e Inventário	60	25
	14.Catalogação, classificação de materiais bibliográficos e documentais	60	40
	15.Utilização da Internet nas pesquisas escolares	60	35
	16. Atendimento aos usuários da biblioteca escolar	60	40
Sub total	600	-	
Prática Profissional Supervisionada - PPS	-	200	
Total	960	300	
CARGA HORÁRIA TOTAL		1260	

TÉCNICO EM NÍVEL MÉDIO DE ALIMENTAÇÃO ESCOLAR

O Técnico Alimentação Escolar deverá preparar, selecionar, e preservar os alimentos, valorizando a cultura alimentar local, programando e diversificando a merenda escolar. Atuará como educador junto à comunidade escolar, mediando e dialogando sobre as questões de higiene, lixo e poluição, do uso da água como recurso natural esgotável, de forma a contribuir na construção de bons hábitos alimentares e ambientais.

MATRIZ CURRICULAR TÉCNICO EM NÍVEL MÉDIO DE ALIMENTAÇÃO ESCOLAR

CURSO TÉCNICO EM NÍVEL MÉDIO DE ALIMENTAÇÃO ESCOLAR			
BLOCOS	COMPONENTES CURRICULARES	CARGA HORÁRIA	
		TEORIA	PPS
Bloco I Eixo da Formação Pedagógica	1. Funcionários de Escolas: Cidadãos, Educadores, Profissionais e Gestores	60	16
	2. Educadores e Educandos: tempos históricos	60	16
	3. Homem, Pensamento e Cultura: abordagem Filosófica e Antropológica	60	16
	4. Relações Interpessoais: abordagem psicológica	60	16
	5. Educação, Sociedade e Trabalho: abordagem sociológica da Educação	60	16
	6. Gestão da Educação Escolar	60	20
	Sub total	360	-
	Prática Profissional Supervisionada - PPS	-	100
Bloco II Eixo da Formação Específica	7. Informática Básica	60	10
	8. Produção Textual na Educação Escolar	60	10
	9. Direito Administrativo e do Trabalho	60	0
	10. Alimentação e Nutrição no Brasil	60	0
	11. Alimentação Saudável e Sustentável	60	30
	12. Políticas de Alimentação Escolar	60	20
	13. Produção e Industrialização de Alimentos	60	30
	14. Organização e Operação de Cantinas ou Cozinhas Escolares	60	35
	15. Planejamento e Preparo de Alimentos	60	35
	16. Cardápios Saudáveis	60	30
	Sub total	600	-
	Prática Profissional Supervisionada - PPS	-	200
	Total	960	300
CARGA HORÁRIA TOTAL		1260	

TÉCNICO EM NÍVEL MÉDIO DE INFRA-ESTRUTURA ESCOLAR

O Técnico em Infra-estrutura escolar deverá preservar, refletir, valorizar e integrar o ambiente físico escolar, bem como o patrimônio como espaço educativo, agindo educador na construção de hábitos de preservação e manutenção do ambiente físico, do meio-ambiente e do patrimônio escolar.

MATRIZ CURRICULAR

TÉCNICO DE NÍVEL MÉDIO DE INFRAESTRUTURA ESCOLAR

CURSO TÉCNICO EM NÍVEL MÉDIO DE INFRAESTRUTURA ESCOLAR			
BLOCOS	COMPONENTES CURRICULARES	CARGA HORÁRIA	
		TEORIA	PPS
Bloco I Eixo da Formação Pedagógica	1. Funcionários de Escolas: Cidadãos, Educadores, Profissionais e Gestores	60	16
	2. Educadores e Educandos: tempos históricos	60	16
	3. Homem, Pensamento e Cultura: abordagem Filosófica e Antropológica	60	16
	4. Relações Interpessoais: abordagem psicológica	60	16
	5. Educação, Sociedade e Trabalho: abordagem sociológica da Educação	60	16
	6. Gestão da Educação Escolar	60	20
	Sub total	360	-
	Prática Profissional Supervisionada - PPS	-	100
Bloco II Eixo da Formação Específica	7. Informática Básica	60	20
	8. Produção Textual na Educação Escolar	60	10
	9. Direito Administrativo e do Trabalho	60	0
	10. Teorias do Espaço Educativo	60	0
	11. Meio Ambiente, Sociedade e Educação	60	30
	12. Higiene e Segurança das Escolas	60	30
	13. Equipamentos Hidráulicos e Sanitários	60	30
	14. Equipamentos Elétricos e Eletrônicos	60	30
	15. Equipamentos e Materiais Didáticos	60	30
	16. Técnicas de Construção	60	20
	Sub total	600	-
Prática Profissional Supervisionada - PPS	-	200	
Total	960	300	
CARGA HORÁRIA TOTAL		1260	

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

- Avaliação da Formação Pedagógica: Memorial (momentos presenciais e a distância).
- Avaliação da Prática Profissional Supervisionada: anotações da prática, Fichas de Frequência e Relatório Final.

RECUPERAÇÃO DE ESTUDOS

A recuperação de estudos é um dos aspectos da aprendizagem que leva em conta a necessidade de **retomada de saberes não apreendidos pelos cursistas**, com formas diferenciadas e individualizadas de orientação e de acompanhamento, concomitantes ao desenvolvimento dos módulos.

- Comissão Estadual do ProFuncionário:

Tem a função de coordenar a implantação, acompanhamento, organização, planejamento e avaliação do Programa no Estado do Paraná.

- Comissão de Casos Especiais do ProFuncionário:

Tem a função de avaliação e orientação dos procedimentos relacionados a alunos em situações específicas do Programa no Estado do Paraná.

ANEXOS

PROPOSTA PEDAGÓGICA CURRICULAR CURSO DE FORMAÇÃO DE DOCENTES INTEGRADO QUÍMICA

1 – APRESENTAÇÃO DA DISCIPLINA

A Química (do egípcio keme - chem, significando “terra”) está presente em todo processo de desenvolvimento das civilizações, a partir das primeiras necessidades humanas, tais como: a comunicação, o domínio do fogo e, posteriormente, o domínio do processo de cozimento necessário à sobrevivência, bem como a fermentação, o tingimento e a vitrificação. Na história do conhecimento químico, inicialmente, o ser humano conheceu a extração, produção e o tratamento de metais como o cobre, o bronze, o ferro e o ouro, facilitando a sua maneira de viver.

A Química como Ciência surge no século XVII, a partir dos estudos de alquimia, populares entre muitos dos cientistas da época; sendo que seus princípios básicos são divulgados inicialmente em 1661 na obra *The Sceptical Chymist* de Robert Boyle. A Química desenvolve-se ainda mais com os trabalhos do francês Antoine Lavoisier e suas descobertas em relação ao oxigênio, à lei da conservação da massa e à refutação da teoria do flogisto como teoria da combustão.

A disciplina de Química, muitas vezes, é vista como uma ciência a ser estudada a partir de um ritual: deve-se colocar um jaleco, realizar experiências com líquidos ou com pó (ambos de odor geralmente desagradável), manusear o maior número de vidrarias possível e obter um resultado conhecido ou esperado teoricamente. Nas conversas de sala de aula, o aluno/a quer saber como se faz uma bomba atômica ou está curioso para realizar experiências aventureiras, como, por exemplo, aquelas que trarão como consequência pequenas explosões. O aluno/a acredita que a Química, através de seus fenômenos, só ocorre em laboratório.

Criou-se, através dos tempos por meios de comunicação (quadrinhos, filmes, desenhos animados), a idéia de que o professor de Química em especial é o “baixinho, que usa avental, careca, com poucos cabelos e linguagem de difícil compreensão”. Em síntese, algo de “louco” e com estilo de vida anormal, se comparado às demais pessoas.

É importante afirmar que, para que o ensino de qualquer disciplina obtenha êxito, antes de tudo é necessário que os conteúdos nelas veiculados sirvam para que os seus alunos desenvolvam, compreendam e interpretem a realidade, questionem, discordem, proponham soluções e sejam leitores reflexivos do mundo que os rodeia. Daí a necessidade de um currículo mais discutido e refletido, que possibilite a socialização do aluno, desenvolvendo sua cidadania. Facilmente,

podemos perceber que a Química está presente no dia-a-dia de cada um de nós : no teste da qualidade do ar que respiramos e da água que bebemos; no monitoramento e na recuperação ambiental; nos combustíveis, nos lubrificantes, nos recipientes, nos perfumes, nos sabonetes, nas pesquisas, enfim, nas descobertas científicas constantes. Nós mesmos somos química pura.

Assim, enquanto disciplina de Ensino Médio, a Química é muito importante para o aluno, já que o leva a perceber que a ciência é uma das mais úteis ferramentas para interpretar e entender o mundo; o ajuda em sua formação, capacitando-o a entender fatos da vida cotidiana; tornando-o um pesquisador, na medida em que o insere num mundo de investigação de fatos cotidianos, dirigindo-o a um espaço constante de investigação, que o leve a uma contínua reflexão de cada descoberta feita e o quanto cada uma dessas descobertas modificou o mundo em que vivemos.

Portanto, o estudo da disciplina de Química como é proposto nas “DCES” (Diretrizes Curriculares Educacionais do Paraná) vem subsidiar reflexões sobre o ensino desta, bem como possibilitar novos direcionamentos e abordagens da prática docente no processo ensino-aprendizagem, para formar um aluno que se aproprie dos conhecimentos químicos e seja capaz de refletir criticamente sobre o meio em que está inserido. Destaca-se que o conhecimento químico, assim como todos os demais saberes, não é algo pronto, acabado e inquestionável, mas em constante transformação. A representatividade ou abordagem experimental deve estar no seu papel investigativo e na sua função pedagógica de auxiliar o aluno/a na explicação, problematizarão, discussão, enfim na significação dos conceitos químicos. O experimento deve ser parte do contexto de sala de aula e seu encaminhamento não pode separar a teoria da prática, em um processo pedagógico em que os alunos se relacionam com os fenômenos vinculados aos conceitos químicos a serem formados e significados na aula. Portanto o objeto de estudo da Disciplina de Química as *substâncias e os materiais* está fundamentado pela tríade Composição, Propriedades e Transformações, presente nos conteúdos estruturantes ***Matéria e sua Natureza, Biogeoquímica e Química Sintética*** .

2 - OBJETIVOS

Entender que a Química é uma ciência que estuda os materiais e os processos pelos quais eles são retirados da natureza e/ou são obtidos pelo homem.

- Propiciar a compreensão da evolução do pensamento científico com a ampliação de conceitos e modelos.
- Construir o ensino da Química centrado em conteúdos e metodologias capazes de levar os estudantes a refletir sobre o mundo das ciências.

- Contribuir para o desenvolvimento de sujeitos críticos, capaz de admirarem a beleza da produção científica.
- Estimular a análise crítica mediante o pensamento científico.
- Considerar a cultura dos povos do campo, na dimensão empírica e fortalecer a educação escolar como processo de apropriação e elaboração de novos conhecimentos.
- Valorizar e afirmar os direitos, no que diz respeito à educação da comunidade afro-brasileira.
- Fornecer embasamento científico para a tomada de decisões, utilizando a análise de dados.
- Desenvolver a cidadania por meio de uma mudança de hábito e/ou postura diante dos problemas ambientais, sociais e econômicos.

3 CONTEÚDOS ESTRUTURANTES

- Matéria e sua natureza;
- Biogeoquímica;
- Química sintética.

Os conteúdos básicos podem apresentar eventualmente uma relação de interdependência e, portanto em alguns momentos envolve referenciais teóricos de mais de um estruturante e também porque **não há a oferta da disciplina de Química na 1ª e 2ª séries do curso.**

4 CONTEÚDOS (3.º E 4.º ANO)

- CONTEÚDOS ESPECÍFICOS POTENCIAIS (APLICÁVEIS)
- Estrutura da matéria
- Introdução à Química
- Matéria e energia
- Estados físicos da matéria
- Substâncias simples e compostas
- Estudo do átomo- A constituição elementar da matéria
- Estudos Filosóficos
- Modelo atômico de Dalton
- Partículas constituintes do átomo (Thomson)
- Modelo atômico de Rutherford-Bohr
- Modelo atômico de Sommerfeld

- Modelo atômico atual
- Característica e propriedades dos elementos
- Número atômico e de massa
- Massa atômica
- Isótopos, isóbaros e isótonos
- Números quânticos e distribuição eletrônica
- Diagrama de energia
- Íons - cátions e ânions
- Classificação periódica dos elementos químicos
- Característica dos elementos na Tabela Periódica
- Períodos e famílias
- Elementos representativos e Elementos de transição
- Metais, ametais e semimetais
- Propriedades periódicas e aperiódicas
- Eletronegatividade e densidade
- Utilização da configuração eletrônica para localizar a família e o período dos elementos representativos
- Ligações químicas
- Ligação iônica
- Ligação covalente
- Ligação metálica
- Características principais dos compostos iônicos ; covalentes e metálicos
- Funções químicas inorgânicas
- Nomenclatura de cátions e ânions
- Conceitos ácido-base – pH e meios reacionais
- Classificação e nomenclatura para : Ácidos / Bases/ Sais/Óxidos
- Reações químicas inorgânicas
- Balanceamento de equações por tentativa e por oxi-redução
- Equações químicas de Análise, síntese, deslocamento e dupla-troca
- Cálculos químicos (estequiometria) envolvendo as Leis Ponderais e “mol”
- CONTEÚDOS ESPECÍFICOS POTENCIAIS (APLICÁVEIS)
- Misturas e dispersões
- Soluções e classificação
- Unidades de concentração
- Diluições e concentrações de misturas

Termoquímica

- Reações endotérmicas e exotérmicas

- Entalpia e calores de reações (dissolução; neutralização; combustão)

Eletroquímica

- - Potenciais de oxi-redução de um eletrodo
- Processos de desgaste e proteção de metais e/ou ligas
- Esquemas de pilhas / baterias
- Eletrólise aquosa e ígnea

Equilíbrio químico

- Equilíbrios químicos em meios aquosos - pH ácido, neutro e alcalino

Cinética química

- Reatividade química de compostos - puros e/combinações
- Fatores interferentes – pureza e rendimento das reações consideradas ; energia de ativação; catalisadores ; superfície de contato ; quantidade e/ou volumes dos reagentes empregados.

CONTEÚDOS ESPECÍFICOS POTENCIAIS (APLICÁVEIS)

- Funções Químicas Orgânicas
- Revisão das ligações covalentes entre os elementos químicos NHOCSPIFBrCl
- Formas de representação dos compostos orgânicos (molecular, estruturais, de linhas)
- Reconhecimento dos principais grupos orgânicos (aplicações usuais)
- Nomenclaturas dos compostos orgânicos - oficial, comercial, industrial, usual
- Caracterização dos compostos orgânicos pelas suas propriedades físicas (densidade, cor, PF, PE, toxidez, solubilidade, questão organoléptica dos compostos isoméricos,
- Reações químicas envolvendo a produção , a modificação e a análise estequiométrica de compostos orgânicos naturais e sintéticos via interação com compostos inorgânicos (ácidos, bases, sais e óxidos).

5 ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS

O processo de ensino-aprendizagem em Química deve partir do prévio trazidos pelos estudantes como fruto de suas experiências de vida em seu contexto social e que na escola se fazem presentes no momento em que se inicia aquele processo.

Interessa particularmente, as concepções apresentadas pelos estudantes a respeito de alguns conceitos, os quais acabam por influenciar a aprendizagem desses conceitos do ponto de vista científico.

A experimentação no ensino de Química é importante, pois contribui para fazer a ligação entre teoria e prática, por proporcionar uma melhor interação entre professor e alunos e, entre grupos de alunos, contribuindo para o desenvolvimento cognitivo e social dos estudantes.

Outro fator importante a ser considerado é que alunos se apropriem do conhecimento científico, por isso a ênfase aos aspectos conceituais através de leituras relacionadas à Química sem, no entanto, descartar o formalismo matemático, afinal a Química não se separa das outras disciplinas e as fórmulas matemáticas representam modelos, os quais são válidos para alguns contextos.

Em relação aos instrumentos didáticos considera-se que o livro didático é uma importante ferramenta pedagógica assim como o computador, a televisão, a tabela periódica, a rede web e o laboratório de Ciências. Tais ferramentas deverão ser usadas com intuito de relacionar teoria (conceitos e modelos), prática (experimentos, simulações e animações no computador) e pesquisa (leituras científicas referente à história da Química e divulgação científica).

A disciplina também contemplara no desenvolvimento das aulas atividades aos temas: Gravidez na escola, prevenção contra drogas, dengue, violência na escola, violência contra a mulher, inclusão social, cultura afro-brasileira, africana e indígena, educação no campo, inclusão digital, educação ambiental cidadania e direitos humanos entre outros assuntos que se fizerem necessário trabalhar em relação ao cotidiano dos educandos.

6 AVALIAÇÃO

A avaliação está em conformidade com a Deliberação 007/99 do CEE/PR que dispõe em seu artigo 1.º que “a avaliação deve ser entendida como um dos aspectos do ensino pelo qual o professor estuda e interpreta os dados de aprendizagem e de seu próprio trabalho , com as finalidades de acompanhar e aperfeiçoar o processo de aprendizagem dos alunos, bem como diagnosticar seus resultados e atribuir-lhes valor”.

Sendo diagnóstica, a avaliação será realizada durante todo o processo pedagógico, detectando se os alunos apresentam ou não os pré-requisitos necessários para as novas aprendizagens e sendo formativa, terá a função de acompanhar o processo de ensino e aprendizagem, onde os alunos/as conhecem seus erros e acertos.

A verificação do rendimento escolar observará a avaliação contínua e cumulativa de desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre eventuais provas finais de acordo com o disposto no artigo 23 da Lei 9394/96, inciso V.

Na disciplina de Química o principal critério de avaliação é a consolidação de conceitos químicos teóricos e experimentais. Valoriza-se, assim, uma ação pedagógica que considere conhecimentos prévios e o contexto social do aluno, para se reconstruir os conhecimentos químicos por meio de abordagens histórica, sociológica, ambiental, representacional e experimental. Buscar-se-á que os conteúdos químicos pertinentes a cada série / período letivo sejam, paralelamente, abordados e avaliados na perspectiva do conteúdo estruturante:

a) Matéria e sua Natureza: pelas relações entre modelos que representam a estrutura microscópica da matéria com seu comportamento macroscópico através de representações, como as fórmulas químicas e modelos;

b) Biogeoquímica: pelas relações físicas, biológicas e químicas entre a atmosfera, a hidrosfera e a litosfera ;

c) Química Sintética: pelas relações industriais, comerciais e laboratoriais entre a transformação e a produção de novos materiais (compostos artificiais).

Portanto a avaliação é realizada em função dos conteúdos, utilizando métodos e instrumentos diversificados como: provas orais e escritas, objetiva e/ou subjetivas, questionários, tarefas específicas (relatórios, pareceres, exposição oral, trabalhos individuais ou em grupo, observação espontânea ou dirigida, desenhos, maquetes, exercícios, pesquisas, produções de textos, seminários, debates), coerentes com as concepções e finalidades educativas expressas neste momento, sendo vedado submeter os alunos a uma única oportunidade e a um único instrumento de avaliação.

Desta forma, durante o período letivo na Disciplina de Química serão aplicadas avaliações formais bimestrais, com peso de 70% na média final; sendo que os 30% restantes serão obtidos por meio de atividades avaliativas diversificadas - relatórios, leituras, trabalhos, participação em projetos , dentre outras.

Nas situações (a serem analisadas) em que os alunos/as não atingirem os objetivos esperados realizarão recuperação, sendo que prevalecerá a maior nota em sua média bimestral.

Na recuperação de estudos (paralela), o professor deverá considerar a aprendizagem do aluno no decorrer do processo ensino e aprendizagem e após verificação de conteúdos, proporcionar novas situações de aprendizagem para as alunas de baixo rendimento.

Todos os indivíduos portadores de necessidades educacionais especiais devem ter garantido o seu direito de acesso e permanência no ensino regular, possibilitando, assim, uma vida independente e uma postura crítica perante os fatos ocorridos no cotidiano.

Desta forma, as instituições escolares devem acolher *todos os alunos/as*, independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, lingüísticas ou outras”; através de currículos, métodos, técnicas, recursos educacionais e organizações específicas para atender às suas necessidades.

Recursos confeccionados em alto relevo; diminuição do ritmo de aula; aumento da letra na lousa e em textos; transcrição para a escrita Braille dos materiais utilizados.

O ensino de química para os surdos é dificultado principalmente no que se referem a certos conceitos químicos, fórmulas e nome de elementos visto que na linguagem de sinais (LIBRAS) não consta simbologia específica para tais conceitos.

Quanto aos deficientes visuais, existem várias ferramentas não visuais para computadores e demais equipamentos eletrônicos, sendo as mais importantes: o software texto-voz, o software texto-voz-ampliação, a linguagem Braille presente em teclados especiais, ou mesmo softwares especiais (“*NavMol*”) para que os deficientes visuais possam ler a estrutura química átomo por átomo de uma molécula.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CUNHA, Lázaro. Contribuição dos povos africanos para o conhecimento científico e tecnológico universal, disponível em: <http://pedagogia-2010.blogspot.com/2010/06/contribuicao-dos-povos-africanos-para-o.html>

MOL, Gerson de Souza. *Química e sociedade*, Nova Geração, São Paulo, 2005.

PARANÁ –SEED. Secretaria de Estado da Educação. Diretrizes Curriculares Estaduais da Educação Básica, 2010.

PERUZZO, Francisco. *Química na abordagem do cotidiano – vol. 1,2 e 3*, Moderna, São Paulo, 2003.

REIS, Martha. *Química Integral – vol. único*, FTD, São Paulo, 1993.

SARDELLA, Antonio. *Dicionário Escolar de Química*, Ática, São Paulo, 1990.

SBQ, Divisão de Ensino de Química. *Cadernos Temáticos de Química Nova na Escola*, disponível em <http://qnesc.sbq.org.br/online/cadernos>.

USBERCO, João. *Química – vol. único*, SARAIVA, São Paulo, 2002.

VÁRIOS AUTORES. A Educação Científica de Alunos com Necessidades Educativas Especiais – Resumos do III Encontro de Educação em Ciências, disponível em:

VÁRIOS AUTORES. *Química – Ensino Médio*, SEED-PR, Curitiba, 2006.

Web Site <http://www.quimica.seed.pr.gov.br/> : *Série Cadernos Temáticos dos Desafios Educacionais Contemporâneos*.

Web Site <http://www.quimica.seed.pr.gov.br/> : *TV Multimídia – textos, imagens , trechos de filmes e vídeos;*

PROPOSTA PEDAGÓGICA CURRICULAR
CURSO DE FORMAÇÃO DE DOCENTES INTEGRADO
FÍSICA

1 APRESENTAÇÃO DA DISCIPLINA

A Física tem como objeto de estudo o Universo em toda sua complexidade e, por isso, como disciplina escolar, propõe aos estudantes o estudo da natureza, entendida, como realidade material sensível. Ressalte-se que os conhecimentos de Física apresentados aos estudantes do Ensino Médio não são coisas da natureza, ou a própria natureza, mas modelos elaborados pelo Homem no intuito de explicar e entender essa natureza.

Entende-se, que a física, tanto quanto as outras disciplinas, deve educar para cidadania e isso se faz considerando a dimensão crítica do conhecimento científico sobre o Universo de fenômenos e a não-neutralidade da produção desse conhecimento, mas seu comprometimento e envolvimento com aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais.

O ponto de partida da prática pedagógica são os conteúdos estruturantes, propostos nas Diretrizes Curriculares com base na evolução histórica das ideias e dos conceitos da Física. Para isso, os professores devem superar a visão do livro didático como ditador do trabalho pedagógico, bem como a redução do ensino de Física à memorização de modelos, conceitos e definições excessivamente matematizados e tomados como verdades absolutas, como coisas reais.

Ressalta-se a importância de um enfoque conceitual para além de uma equação matemática, sob o pressuposto teórico de que o conhecimento científico é uma construção humana com significado histórico e social.

A física tem como objeto de estudo a natureza do universo, embora seja complexo e amplo o campo de abrangência dessa ciência, para sua aplicação no Ensino Médio podemos dividi-la em três conteúdos estruturantes: o estudo dos movimentos, que permitem a compreensão de fenômenos cotidianos desde o simples caminhar ao movimento dos planetas. O estudo da termodinâmica que baseia-se nas relações entre calor, pressão, temperatura e seus efeitos sobre os sólidos, líquidos e gases e o estudo do eletromagnetismo que unifica o magnetismo, a eletricidade e a ótica (luz). O desdobramento destes conteúdos possibilitam um estudo de forma abrangente e permitem uma compreensão da ciência como um todo, seu desenvolvimento através da história e a interpretação de fenômenos comuns a nossa realidade .

Os conteúdos estruturantes são interdependentes e podem ser retomados em todas as séries do curso.

O processo de ensino-aprendizagem, em Física, deve considerar o conhecimento trazido pelos estudantes, fruto de suas experiências de vida em suas relações sociais. Interessam, em especial, as concepções alternativas apresentadas pelos estudantes e que influenciam a aprendizagem de conceitos do ponto de vista científico.

A experimentação, no ensino de Física, é importante metodologia de ensino que contribui para formular e estabelecer relações entre conceitos, proporcionando melhor interação entre professor e estudantes, e isso propicia o desenvolvimento cognitivo e social no ambiente escolar.

Ainda que a linguagem matemática seja, por excelência, uma ferramenta para essa disciplina, saber Matemática não pode ser considerado um pré-requisito para aprender Física. É preciso que os estudantes se apropriem do conhecimento físico, daí a ênfase aos aspectos conceituais sem, no entanto, descartar o formalismo matemático.

2 OBJETIVOS

A Física sendo uma ciência que tem por fim a compreensão dos fenômenos naturais e tecnológicos deve preconizar os seguintes objetivos:

- Trabalhar a Física além da matemática aplicada, pois esta é uma linguagem e não um fim, construindo os conceitos físicos através da compreensão do universo, sua evolução, suas transformações e as interações que nele se apresentam.
- Partir do conhecimento prévio trazido pelos estudantes, como fruto de suas experiências de vida em seu contexto social e que no colégio, se fazem presentes no momento em que se inicia o processo.
- Entender que o ensino de Física deve ser voltado para fenômenos naturais, enfatizando-os qualitativamente, porém, sem a perda da consciência teórica.
- Fazer a ligação entre a teoria e a prática, através da experimentação, demonstração, observação, confronto, dúvida, interpretação e construção conceitual dos fenômenos físicos e ainda deve apresentar-se em forma culturalmente significativa e contextualizada procurando formar pessoas autônomas, para proporcionar uma melhor interação entre professor e alunos e, entre grupos, contribuindo para o desenvolvimento cognitivo e social dos estudantes.
- Repassar os conhecimentos historicamente acumulados de forma que privilegie a desenvolver um cidadão crítico, possibilitando a interdisciplinaridade e a visão não fragmentada da ciência, desde a abordagem de conteúdos específicos até suas implicações históricas.

- Contribuir para a formação de uma cultura científica efetiva, que permita aos alunos a interpretação dos fatos, fenômenos e processos naturais, situando e dimensionando a interação do ser humano com a natureza, como parte da própria natureza em transformação.

3 CONTEÚDOS ESTRUTURANTES

Movimento, Termodinâmica e Eletromagnetismo.

4 CONTEÚDOS (3.º E 4.º ANO)

MECÂNICA

1 Cinemática

- Conceitos gerais
- Unidades de medida
- Sistema internacional de medida
- Movimento uniforme
- Velocidade média
- Equação horária
- Movimento uniformemente variado
- Aceleração
- Equação da Velocidade
- Equação horária
- Equação de Torricelli
- **Gravitação**
- Movimentos verticais
- Movimentos circulares
- Período e frequência
- Deslocamento angular
- Velocidade tangencial e angular
- Acelerações centrípeta e tangencial
- Transmissões de movimentos

2- Dinâmica (Energia e o princípio da conservação da energia)

- Leis de Newton
- Força resultante
- Princípio da Inércia

- Princípio da Ação e Reação
- Segunda Lei de Newton
- Princípio fundamental da dinâmica
- Massa e peso
- Forças de tração e compressão
- Forças de atrito
- Trabalho e energia
- Potência
- Energia cinética, energia potencial gravitacional
- Conservação da energia
- Forças conservativas e dissipativas
- Energia mecânica
- Sistemas não conservativos
- Dinâmica impulsiva
- Momento linear
- Impulso de uma força
- Choques mecânico

3 - Estática

- Momento estático
- Binário
- Condições de equilíbrio

4 - Hidrostática

- Densidade e massa específica
- Pressão
- Teorema de Stevin
- Vasos comunicantes
- Teorema de Pascal
- Pressão hidráulica
- Teorema de Arquimedes

5-TERMODINÂMICA

- Termometria
- Temperatura e calor
- Escalas termométricas (Fahrenheit, Celsius e Kelvin)
- Conversão de escalas
- Calorimetria

- Capacidade térmica
- Calor específico
- Equação geral da calorimetria
- Mudança de estado físico da matéria
- Calor latente e calor sensível
- Princípio das trocas de calor
- Propagação de calor
- Condução
- Convecção
- Irradiação
- Dilatação Térmica
- Dilatação dos sólidos
- Dilatação dos líquidos

6 OTICA (Natureza da Luz e suas propriedades)

- Princípios da ótica geométrica
- Câmara Escura
- Reflexão da luz
- Espelhos planos
- Espelhos esféricos
- Lentes esféricas

7 ONDULATÓRIA

- Classificação e elementos de uma onda
- Frequência, período e velocidade de uma onda
- Fenômenos ondulatórios
- Acústica
- Qualidades fisiológicas do som
- Fenômenos sonoros

8- ELETROFÍSICA (Carga, corrente elétrica, campo e ondas eletromagnéticas)

- Eletrostática
- Princípios da eletrostática
- Processos da eletrização
- Campo elétrico
- Linhas de força
- Diferença de potencial
- Eletrodinâmica

- Intensidade de corrente elétrica
- Lei de Ohm
- Resistividade
- Potência elétrica
- Associação de resistores
- Resistência equivalente
- Geradores
- Força eletromotriz
- Lei de Ohm generalizada
- Receptores
- **Força eletromagnética**
- Magnetismo
- Ímãs elementares
- Campo magnético
- Fluxo magnético
- Força magnética
- Corrente contínua e alternada

Farão parte também dos conteúdos, os temas contemporâneos e datas pontuais,

5 ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS

O processo pedagógico na disciplina de Física deve partir do conhecimento prévio do estudante, com o objetivo principal de chegar ao conceito científico contextualizado através do compartilhamento do saber já existente e a busca da aprendizagem que ocorre na interação com o conhecimento prévio do sujeito e, simultaneamente, adicionam, diferenciam, interam, modificam e enriquecem o cotidiano do educando.

O trabalho do professor é o de mediador, ou seja, responsável por apresentar problemas ao aluno que o desafiem a buscar a solução. O professor pode adotar procedimentos simples, mas que exijam a participação efetiva do aluno.

O papel da Física, classicamente, é o de elaborar uma descrição quantitativa e qualitativa dos fenômenos físicos observados na natureza. Porém, entendemos que o “quantitativo” não pode ser entendido simplesmente como repasse ao aluno de fórmulas prontas, com o devido treino para a resolução de questões numéricas e do ponto de vista “qualitativo” também não podemos nos fechar somente nos

conceitos, leis, teorias e modelos gerais da física, mas abranger as atuais concepções metodológicas previstas nas Diretrizes Curriculares Estaduais e no Projeto Político Pedagógico (PPP) do colégio, que leva em consideração os conteúdos obrigatórios.

A abordagem histórica dos conteúdos se apresenta útil e pertinente, pois auxilia o aluno a reconhecer a ciência como um objeto humano e em constante transformação, tornando o conteúdo científico mais interessante e compreensível, além de ajudar os professores na busca da estrutura das concepções espontâneas de seus estudantes.

Permite ao professor estabelecer um paralelismo entre história e ciência. O conhecimento do passado, das idéias e suas relações econômicas, sociais e ambientais podem ajudar a entender a ciência como parte da realidade, transformando a física em algo compreensível, iniciando uma ruptura, com uma metodologia própria do senso comum, fazendo a ponte entre as idéias espontâneas e o conhecimento científico.

Para melhor contextualização dos conteúdos serão proporcionados aos alunos, estudos através de exposição oral e dialogada, exercícios, questionamentos, demonstrações, seminários, resenhas, palestras, textos interdisciplinares, estudo dirigido e aulas práticas, utilizando-se, dos recursos tecnológicos disponíveis.

6 AVALIAÇÃO

Avaliação deve levar em conta os pressupostos teóricos adotado nas Diretrizes Curriculares, ou seja, a apropriação dos conceitos, leis e teorias que compõem o quadro teórico da Física pelos estudantes. Isso pressupõe o acompanhamento constante do progresso do estudante quanto à compreensão dos aspectos históricos, filosóficos e culturais, da evolução das ideias em Física e da não-neutralidade da ciência.

Considerando sua dimensão diagnóstica, a avaliação é um instrumento tanto para que o professor conheça o seu aluno, antes que se inicie o trabalho com os conteúdos escolares, quanto para o desenvolvimento das outras etapas do processo educativo. Inicialmente, é preciso identificar os conhecimentos dos estudantes, sejam eles espontâneos ou científicos, pois ambos interferem na aprendizagem, no desenvolvimento dos trabalhos e nas possibilidades de revisão do planejamento pedagógico.

É importante ressaltar que a avaliação se concretiza de acordo com o que se estabelece nos documentos escolares como o Projeto Político Pedagógico e, mais especificamente, a Proposta Pedagógica Curricular e o Plano de Trabalho Docente, documentos necessariamente fundamentados nas Diretrizes Curriculares. Esse projeto e sua realização explicitam, assim, a concepção de escola e de sociedade com que se trabalha e indicam que sujeitos se quer formar para a sociedade que se quer construir.

A avaliação deve ter um caráter diversificado, levando em consideração os aspectos; compreensão dos conceitos físicos; capacidade de análise de um texto, seja ele literário ou científico; capacidade de elaborar um relatório sobre um experimento ou outro evento que envolva a disciplina (Ex. uma visita a alguma instituição). As avaliações devem ser a interpretação de um conjunto de medidas obtidas a partir de diversos instrumentos. Ela deve ocorrer durante o processo ensino/aprendizagem, sendo assim um processo abrangente, periódico e sistemático. A recuperação dar-se-á em todas as aulas, pois nas salas de aula, o professor é quem compreende a avaliação e a executa como um projeto intencional e planejado, que deve contemplar a expressão de conhecimento do aluno como referência uma aprendizagem continuada. No cotidiano das aulas, isso significa que:

- é importante a compreensão de que uma atividade de avaliação situa-se entre a intenção e o resultado e que não se diferencia da atividade de ensino, porque ambas têm o intuito de ensinar;

- no Plano de Trabalho Docente, ao definir os conteúdos específicos trabalhados naquele período de tempo, já se definem os critérios, estratégias e instrumentos de avaliação, para que professor e alunos conheçam os avanços e as dificuldades, tendo em vista a reorganização do trabalho docente;

- os critérios de avaliação devem ser definidos pela intenção que orienta o ensino e explicitar os propósitos e a dimensão do que se avalia. Assim, os critérios são um elemento de grande importância no processo avaliativo, pois articulam todas as etapas da ação pedagógica;

- os enunciados de atividades avaliativas devem ser claros e objetivos. Uma resposta insatisfatória, em muitos casos, não revela, em princípio, que o estudante não aprendeu o conteúdo, mas simplesmente que ele não entendeu o que lhe foi perguntado. Nesta circunstância, o difícil não é desempenhar a tarefa solicitada, mas sim compreender o que se pede;

- os instrumentos de avaliação devem ser pensados e definidos de acordo com as possibilidades teórico-metodológicas que oferecem para avaliar os critérios estabelecidos. Por exemplo, para avaliar a capacidade e a qualidade argumentativa,

a realização de um debate ou a produção de um texto serão mais adequados do que uma prova objetiva;

- a utilização repetida e exclusiva de um mesmo tipo de instrumento de avaliação reduz a possibilidade de observar os diversos processos cognitivos dos alunos, tais como: memorização, observação, percepção, descrição, argumentação, análise crítica, interpretação, criatividade, formulação de hipóteses, entre outros;

- uma atividade avaliativa representa, tão somente, um determinado momento e não todo processo de ensino-aprendizagem;

- a recuperação de estudos deve acontecer a partir de uma lógica simples: os conteúdos selecionados para o ensino são importantes para a formação do

Física aluno, então, é preciso investir em todas as estratégias e recursos possíveis para que ele aprenda. A recuperação é justamente isso: o esforço de retomar, de voltar ao conteúdo, de modificar os encaminhamentos metodológicos, para assegurar a possibilidade de aprendizagem. Nesse sentido, a recuperação da nota é simples decorrência da recuperação de conteúdo.

Em relação ao educando contempla-se aspectos como:

- Participação;
- Experiências vivenciais;
- Construção de conhecimento;
- Relações interpessoais;
- Satisfação e interesse;

Quanto aos critérios de avaliação em Física, deve-se verificar:

- A compreensão dos conceitos físicos essenciais a cada unidade de ensino e aprendizagem planejada;
- A compreensão do conteúdo físico expressado em textos científicos;
- A compreensão de conceitos físicos presentes em textos não científicos;
- A capacidade de elaborar relatórios tendo como referência os conceitos, as leis e as teorias físicas sobre um experimento ou qualquer outro evento que envolva os conhecimentos da Física.

Como a avaliação deve ocorrer no decorrer do processo ensino/aprendizagem, para efeito de registro, será o resultado da somatória dos vários instrumentos utilizados, no mínimo duas avaliações com 70% da nota e 30% em outras atividades, onde o aluno deverá obter no mínimo 6,0 (seis) pontos, sempre havendo a oportunidade da recuperação paralela para os alunos que apresentarem rendimento inferior ao mínimo exigido.

Serão feitas avaliações diagnósticas escritas, com práticas de experimentos, trabalhos sobre os conteúdos abordados, com suas respectivas recuperações.

Assim, a avaliação oferece subsídios para que tanto o aluno quanto o professor acompanhem o processo de ensino-aprendizagem.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BONJORNO, R. A. ; – **Física Completa- Ensino Médio**, 2ª ed., FDT,
CARRON, W. e GUIMARÃES, O. – **Física - Volume Único**, Editora Moderna, 2003.
Diretrizes curriculares da Educação Básica – Física – Paraná, 2008
LUZ, A. M. R. – **De Olho no Mundo do Trabalho**, 1ª ed., 4ª impressão, Scipione, 2005.
PAGLIARI, E. – **Aprendendo Física 2º Grau**, São Paulo, Scipione,1996.
São Paulo, 2001.